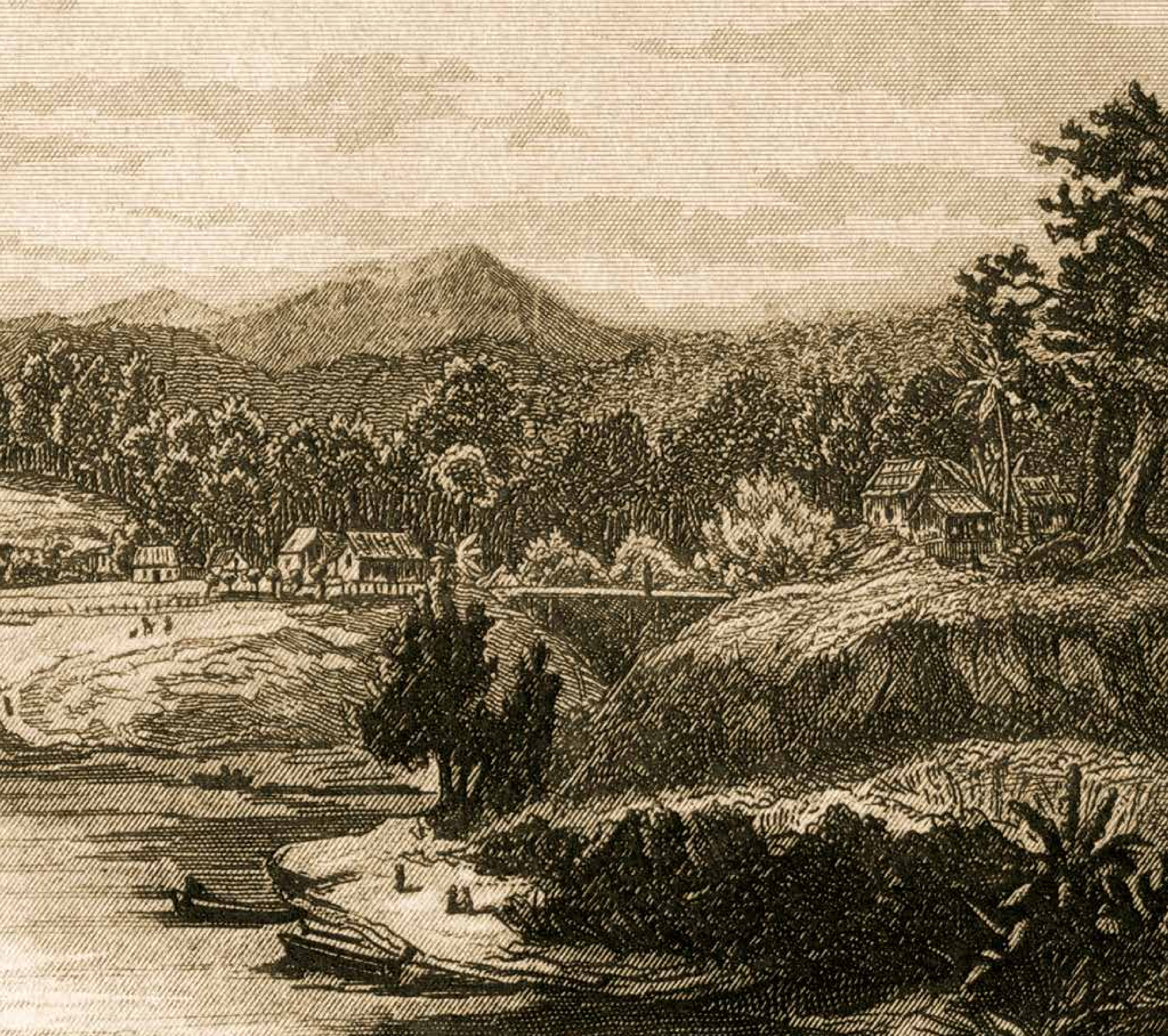
Colônia Blumenau

NO SUL DO BRASIL



Ao mergulhar na leitura dos tomos I e II da publicação *Colônia Blumenau no Sul do Brasil*, foi possível averiguar a amplitude da pesquisa e os resultados obtidos ao longo do projeto idealizado pelos seus organizadores: Gilberto Schmidt-Gerlach, Bruno Kilian Kadletz e Marcondes Marchetti.

Os autores, para dar conta desta produção de tamanha envergadura, se serviram de uma diversidade de textos, artigos, traduções, reportagens, enfim, de uma elevada quantidade de material abstraído de fontes documentais, bibliográficas e iconográficas que referendam a História Regional.

Selecioná-los e transportá-los para o papel não deve ter sido uma tarefa fácil! Os diversos enfoques reunidos nestes dois tomos contemplam aspectos históricos, sociais, culturais e biográficos que transpassam a história desde os tempos da Blumenau Colônia, para adentrar no universo das manifestações sócio-econômicas, culturais e políticas, permeando o processo civilizatório iniciado no Século XIX, avançando nas primeiras décadas do Século XX.

Estes tomos se apresentam como um verdadeiro mosaico iconográfico. O entrelaçamento de informações textuais, imagens e ilustrações revelam uma verdadeira arqueologia histórico-social que extravasam as expectativas do leitor.

Neste conjunto são reveladas figuras que além de primarem pelo ineditismo, singularidade e simbologia casam com o contexto temático de cada capítulo desta obra.

A edição de *Colônia Blumenau no Sul do Brasil* é, sem dúvida, um referencial de leitura, não se trata de uma edição escrita de maneira enciclopédica ou acadêmica.

Finalizando, os autores, ao compartilharem com os leitores esta obra, pretendem levar os interessados a imergirem nesta tessitura de dados, estimulando-os a criar novas possibilidades de discussão e conhecimentos, possibilitando a compreensão do momento histórico para traçar novos olhares nos estudos voltados à história da região do grande Vale do Itajaí.

Sueli Maria Vanzuita Petry
Diretora do Patrimônio Histórico Museológico
Fundação Cultural de Blumenau



Através da Lei 19, de 21.6.1948, o Prefeito Frederico Guilherme Busch Jr. oficializou o uso do Brasão do Município de Blumenau, criado em 1936 pelo historiador Affonso d'Escragnolle Taunay.

As figuras dos dois homens indicam a origem do primeiro grupo de colonizadores de Blumenau; o leopardo heráldico recorda Braunschweig, ducado de onde veio Dr. Blumenau; a águia agarrando o cetro e o gládio representam a Prússia e o Tirol; o trancelim, a Saxônia. No escudete central sob as estrelas douradas, simulando a constelação do Cruzeiro do Sul, um campo florido, junto a um rio de prata, lembra o significado do nome do Município: "várzea florida".

Colônia Blumenau

N O S U L D O B R A S I L

TOMO I



COPYRIGHT 2019 E COORDENAÇÃO GERAL Clube de Cinema Nossa Senhora do Desterro

TEXTO, PESQUISA, REVISÃO E ORGANIZAÇÃO Gilberto Schmidt-Gerlach

PESQUISA Bruno Kilian Kadletz - Marcondes Marchetti

PRODUÇÃO EXECUTIVA Rede Marketing Cultural

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Dra. Carmen Lucia Fóes Cruz Lima Gerlach, Ariane Bisetto *(in memoriam)*,
Gunnar da Cruz Lima Gerlach e Dra. Alice da Cruz Lima Gerlach

DESIGN, TRATAMENTO DE IMAGENS, COORDENAÇÃO E EDITORAÇÃO GRÁFICA Renato Rizzaro

TRADUÇÃO Pedro Jungmann

IMPRESSÃO E ACABAMENTO Koncor

CAPA Joseph Brüggemann, c. 1865 - Porto de Blumenau / *Hafen von Blumenau*
Acervo / *Sammlung* Bruno Kilian Kadletz

S349c Schmidt-Gerlach, Gilberto
Colônia Blumenau no sul do Brasil / Gilberto Schmidt-Gerlach, Bruno Kilian Kadletz, Marcondes Marchetti, pesquisa; Gilberto Schmidt-Gerlach, organização; tradução Pedro Jungmann. – São José : Clube de Cinema Nossa Senhora do Desterro, 2019.
2 t. (400 p.) : il., retrs.

Edição bilíngue
Inclui bibliografia
ISBN: 978-85-61906-03-0

1. Blumenau (SC) – História – Obras ilustradas. 2. Alemães – Blumenau (SC) – Colonização. 3. Colonizadores – Blumenau (SC) – Biografia. I. Kadletz, Bruno Kilian. II. Marchetti, Marcondes. III. Jungmann, Pedro. IV. Título.

CDU: 981.640.303

CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO Onélia Silva Guimarães CRB-14/071

P A T R O C Í N I O

A P O I O

Colônia Blumenau

N O S U L D O B R A S I L

GILBERTO SCHMIDT-GERLACH
BRUNO KILIAN KADLETZ
MARCONDES MARCHETTI
PESQUISA E ORGANIZAÇÃO

O passado reaparece. Desfaz-se a neblina. Personagens ressaltam das trevas, vozes atingem meus ouvidos... “Deixai qualquer esperança, vós que entrais...”

Die Vergangenheit taucht auf. Die Nebeln lichten sich. Personen entsteigen aus den Schatten, Stimmen dringen an mein Ohr... “Ihr die eintretet, lasst jegliche Hoffnung zurück...”

FREDERICO KILIAN

1ª EDIÇÃO
CLUBE DE CINEMA NOSSA SENHORA DO DESTERRO
ILHA DE SANTA CATARINA
2 0 1 9

Parabéns Blumenau!

Jutta Blumenau-Niesel *



Nenhum cidadão alemão no Brasil teve tanta fama como o Dr. Hermann Blumenau, iniciador de uma obra no ano de 1850, que até hoje colhe admiração, respeito e grande reconhecimento.

O que havia motivado aquelas pessoas a confiar suas vidas às inseguras pranchas de um navio veleiro, após três longos meses pisando no solo de um país, de cujos habitantes, costumes e tradições somente se tinham as mais contraditórias, extravagantes e assustadoras notícias? Um país, onde se avistava o sol do meio dia ao Norte, onde os berros dos animais selvagens aterrorizavam o forasteiro, jacarés habitavam as margens dos rios e a floresta de uma densidade ameaçadora amendrontava o visitante como uma parede?

Houve uma confluência de muitos motivos. O maior de todos eles foi a pobreza. Nas terras alemãs – (na época anterior a 1871 a Alemanha ainda não existia como país unificado) – a miséria avassaladora havia se tornado o elemento predominante.

Se por um lado a invenção da máquina a vapor despontava como grande revolução, certamente ninguém naqueles tempos teria imaginado as suas reais consequências. Somente após o reconhecimento e a experiência de suas possibilidades revolucionárias, primeiro na Inglaterra e depois na Alemanha, deu-se início àquelas mudanças radicais que hoje conhecemos como Revolução Industrial: máquinas passaram a substituir a força humana.

Pequenas empresas e indústrias rurais gradativamente foram perdendo clientes e serviços, uma vez que a produção industrial levava muito menos tempo em comparação à confecção artesanal. Sucessivamente, agricultores e seus filhos abandonavam as suas propriedades à busca de um emprego mal remunerado nas cidades, como peões industriais sem qualquer qualificação, condenados a sacrificar suas vidas em habitações minúsculas e sombrias. Dessa forma passavam a abandonar não somente os seus lares e suas famílias, mas, sobretudo a sua própria identidade cultural, degradando a um proletariado urbano, cujos representantes só bem mais tarde conquistaram melhorias de vida em movimentos revolucionários.

Muitos desses pobres e oprimidos haviam ouvido falar da emigração e ansiavam por um novo começo num mundo novo e melhor, pela construção de uma nova existência. Muitos entre eles chegaram a concretizar estes planos.

Nos tempos antigos, nos quais avó, mãe e filhos sentavam juntos nas longas noites de inverno fiando, tecendo, bordando e costurando, novidades eram compartilhadas, histórias contadas entre risos, orações e cantorias: Roda, roda, rodi-i-inha, fia a minha li-i-inha, muitas centenas de lé-é-guas.... A roda do desenvolvimento ia girando mais rápido do que se imaginava. Transformações tornavam-se inevitáveis.

Na sequência desta grande transformação, uma miséria até então desconhecida abateu-se sobre a sociedade. As crianças eram enviadas às cidades para mendigar. A menina dos palitos de fósforos – quem seria capaz de reter as lágrimas com uma triste história dessas!

A partir daí, morreram os risos, substituídos por fome, miséria e orações.

– Do mais profundo sofrimento eu clamo a ti, ó Senhor Deus, escuta o meu grito! – Em vão. Deus permanecia mudo. Muitas famílias, no entanto, não desistiram e emigraram nestes tempos difíceis.

A "febre da emigração" do século XIX não se apoderou somente dos miseráveis, mas também dos pesquisadores, cientistas e aventureiros. A "saudade pela distância desconhecida" sem dúvida também havia tomado conta de Hermann Blumenau. Nem aventureiro, nem emigrante, Blumenau foi simplesmente um viajante pesquisador à procura de terras colonizáveis apropriadas. Na construção de sua Colônia teve amplo apoio de companheiros altamente qualificados, cujos nomes são conhecidos até hoje. Emil Odebrecht, Hermann Wendeburg foram alguns deles, assim como o naturalista darwiniano Dr. *Fritz* Müller, cuja obra alcançou grande importância além das fronteiras locais.

Blumenau! Passado e presente, exemplo e modelo simultaneamente! Mistura bem sucedida de tradição alemã e particularidade brasileira.

Parabéns! Parabéns Blumenau!

* Bisneta do Dr. Blumenau – Berlin, abril 2011



Herzlichen Glückwunsch, Blumenau!

Jutta Blumenau-Niesel *

Kein Deutscher in Brasilien hat höheres Ansehen errungen als Dr. Hermann Blumenau, der im Jahr 1850 ein Werk begann, dem bis heute Bewunderung, Respekt und hohe Anerkennung entgegengebracht werden.

Was trieb jene Menschen an, die beschlossen hatten, ihr Leben den unsicheren Planken eines Segelschiffes anzuvertrauen, um nach drei langen Monaten ein Land zu betreten, wo über Bewohner, Sitten und Gebräuche höchst widersprüchliche, abenteuerliche, auch beängstigende Nachrichten im Umlauf waren? Wo die Sonne mittags im Norden steht, der schrei wilder Tiere den Fremdling erschreckt, Kaimane an den Ufern der Flüsse lauern, der Urwald drohend, dicht wie eine Mauer, dem Eingewanderten Furcht einflößt?

Vieles kam zusammen. Der entscheidende Grund zur Auswanderung aber war: Armut. In den Deutschen Landen – Deutschland als Ganzes gab es vor 1871 noch nicht – war sie zum alles beherrschenden Notstand geworden.

Zwar war die Erfindung der Dampfmaschine bahnbrechend, doch ahnte anfangs niemand, welche Konsequenzen daraus erwachsen sollten. Erst nachdem die umwälzenden Möglichkeiten dieser Neuerung erkannt und erprobt waren, setzte, nach England auch in Deutschland, jener rasante Umschwung ein, den wir heute die Industrielle Revolution nennen: Maschinen begannen Menschenkraft zu ersetzen.

Ländlichen Kleinbetrieben gingen Aufträge verloren, weil handwerkliche Arbeit, Reparatur und Neuanfertigung viel mehr Zeit beanspruchten, als industrielle Fertigung. Mehr und mehr Bauern und deren Söhne verließen Haus und Hof, um in der Stadt als schlecht entlohnte, ungelernte Arbeitskräfte an Maschinen zu arbeiten, auf engem Raum in dunklen Quartieren ihr Leben zu fristen. Sie verloren nicht nur Heimat und Familie, sondern auch ihre kulturelle Identität, verkamen zu städtischem Proletariat, dessen Vertreter später in revolutionären Aufständen für bessere Lebensbedingungen kämpfen sollten.

Nicht wenige dieser Armen und Unterdrückten hatten von Auswanderung gehört, wünschten sich, in einer besseren, neuen Welt, eine Existenz aufzubauen. Viele unter ihnen haben diesen Plan verwirklicht.

In alter Zeit, als Großmutter, Mutter und Kinder an langen Winterabenden beieinander saßen, spannen, webten, stickten und nähten, wurden Neuigkeiten ausgetauscht, Geschichten erzählt, wurde gelacht, gebetet und gesungen: "Dreh dich, dreh dich Rä-ä-dchen, spinne mir ein Fä-ä-dchen, viele, vie-ie-le hundert El-len lang…"

Das Rad des Fortschritts aber drehte sich schneller als gedacht. Veränderung wurde unausweichlich.

Nachdem der große Umbruch nun geschehen war, brach bis dahin nicht gekanntes Elend über die Menschen herein. Auch Kinder wurden in die Stadt geschickt – zum Betteln. Das kleine Mädchen mit den Schwefelhölzchen – wer könnte die Tränen zurückhalten bei dieser traurigen Geschichte!

Jetzt wurde nicht mehr gelacht, sondern gehungert, geklagt und gebetet. – "Aus tiefer Not schrei ich zu dir, Herr Gott, erhör mein Rufen!" - Vergebens. Gott schwieg. Viele Menschen jedoch verzagten nicht, wanderten aus in dieser schweren Zeit.

"Auswanderungsfieber" im 19. Jahrhundert hatte nicht nur die Armen gepackt, sondern auch Forscher, Wissenschaftler und Abenteurer. Sie nannten es "die Sehnsucht nach der unbekannten Ferne", die, zweifellos, auch Hermann Blumenau ergriffen hatte.

Blumenau jedoch war weder Auswanderer, noch Abenteurer. Lediglich ein Forschungsreisender auf der Suche nach nenem Siedlungsland.

Beim Aufbau der Kolonie standen ihm qualifizierte Mitarbeiter zur Seite, deren Namen noch heute bekannt sind. Ihre Unterstützung hat wesentlich zur Entwicklung beigetragen. Zu ihnen gehörten Emil Odebrecht, Hermann Wendeburg, der Naturwissenschaftler und Darwinist Dr. *Fritz* Müller, dessen Werk weit über die Landesgrenzen hinaus Bedeutung erlangt hat.

Blumenau! Geschichte und Gegenwart! Beispiel und Vorbild zugleich! Gelungene "mistura" aus deutscher Tradition und brasilianischer Eigenart.

Glückwunsch! Glückwunsch, Blumenau!

* Dr. Blumenaus Urenkelin – Berlin, April 2011

Página ao lado / *Seite gegenüber*
Dr. F. Hofmeister, 1873
Colheita de Bananas
Bananenernte
Acervo / *Sammlung* B. K. Kadletz

200 - Jahresfeier der Geburt Dr. Blumenaus 1819 - 2019



Com apenas 17 pessoas, o empreendimento teve início em setembro de 1850. Em 1851, apenas oito pessoas dirigiram-se para a Colônia. No ano seguinte, houve um aumento e, na listagem, constava o número de 110 recém chegados, ocasião em que a Colônia festejava sua real fundação com a posse de 12 lotes pelo mesmo número de famílias. Até o final de 1854, totalizavam 309 imigrantes; destes, 246 resolveram ficar na Colônia. Havia então 40 lares estabelecidos, seis em construção, dois engenhos de açúcar, dois alambiques e duas atafonas de mandioca.

Das Unternehmen begann im September 1850 mit nur 17 Teilnehmern. Noch im selben Jahr zogen 8 von ihnen in die Kolonie. Ein Jahr später erweiterte sich diese Zahl auf 110 Neuankömmlinge, als die Kolonie ihre Gründung feierte, mit insgesamt 12 Höfen und der gleichen Anzahl an Familien. Bis Ende 1854 zählte man 309 Einwanderer, von denen sich 246 entschlossen hatten, in der Kolonie Fuß zu fassen. Zu diesem Zeitpunkt gab es 40 etablierte Haushalte, weitere 6 waren im Aufbau, außerdem 2 Zuckermühlen, 2 Schnapsbrennereien und 2 Maniokwerke.







Dr. Hermann Blumenau

KARL FOUQUET



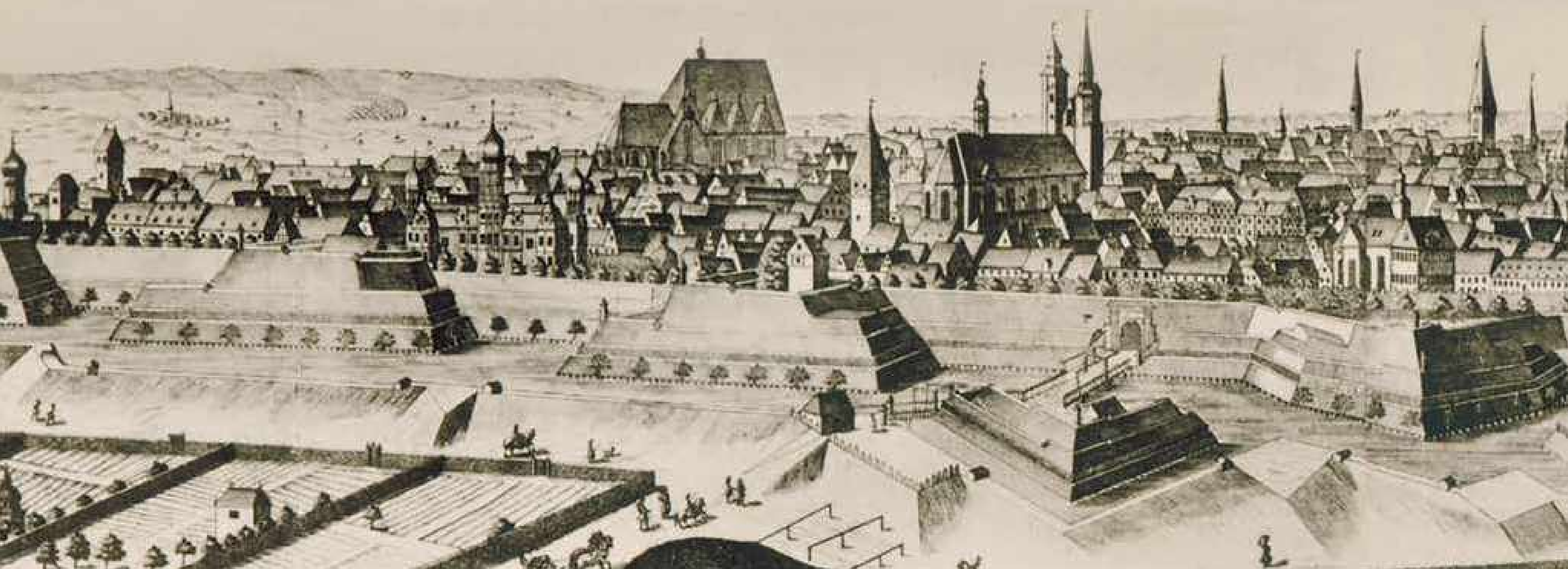
Karl Fouquet
1897-1980

Karl Fouquet é, ainda hoje, o autor da mais conscienciosa biografia feita sobre o Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau. Escrita em 1950, por ocasião do Centenário da Cidade de Blumenau, escolhemos este texto para dar abertura ao livro Colônia Blumenau no Sul do Brasil. *Nascido em Blumenau em 9 de setembro de 1897, Dr. Fouquet era filho de Eugen August Fouquet e de Anna Beims Fouquet, importante casal que teve uma participação cultural muito efetiva na cidade. Eugen August Fouquet nascera no morgado de Zerrlin, província prussiana de Pommern, na Alemanha. Seus ancestrais haviam emigrado, em 1685, da França para a Alemanha. Os Fouquet descendem de uma família de huguenotes da província francesa Picardie que emigraram para a Prússia após a revogação do Édito de Nantes.*

Após estudar Direito nas Universidades de Tübingue e Berlin, impregnado de idéias socialistas na busca de um mundo mais humanitário, Eugen Fouquet resolvera emigrar para o Novo Mundo no final do século XIX e sua escolha recaiu em Blumenau. Em 1893 chegou a trabalhar no comércio como musserreiter *– caixeiro-viajante. Em 1898 era redator-chefe do jornal* Der Urwaldsbote*, ficando na direção por três décadas. Ao entrar nesta nova atividade que enriqueceu em muito a acanhada Imprensa blumenauense, seu filho Karl contava com um ano de idade. Fouquet pai permaneceria na cidade até seu último dia de vida – 9 de janeiro de 1937.*

Karl Fouquet ficou em Blumenau até a idade de 17 anos, quando foi enviado para Braunschweig, onde terminou seus estudos no Herzogliches Realgymnasium*, em 1919. Em seguida, estudou nas Universidades de München e de Marburg, onde se graduou em Alemão (Germanistik), Inglês (Anglistik), História e Filosofia. Passou também 3 semestres na* Burse *e no* Institut für Grenz – und Auslanddeutschtum*, em Marburg. Em janeiro de 1925 foi aprovado no exame (Wissenschaftliche Staatsprüfung), e depois passou por um período de treinamento prático (Studienreferendar) nas escolas* Lichtwarkschule, Oberrealschule Eppendorf *e* Oberrealschule Ulenhorst*, em Hamburg. Em 1926 foi aprovado no exame de Pedagogia em Hamburg e, pouco depois, obteve o doutorado em Filologia, em Marburg. Em 7 de maio de 1926, Karl Fouquet casou-se com Meta Kahnert, natural de Duisburg, a quem havia conhecido ainda na* Burse *em Marburg. Em junho do mesmo ano o casal mudou-se para São Paulo.*

Braunschweig



Em 1º de julho deste ano tornou-se professor de nível secundário (Oberlehrer) na já então amplamente conhecida Deutsche Schule São Paulo*, antecessora do* Colégio Visconde de Porto Seguro. *Ele lecionava principalmente Alemão, História, Inglês e temporariamente também Francês. Em 1932, Karl Fouquet tornou-se Diretor substituto da citada escola. Durante toda a sua permanência nessa posição tomou parte e eventualmente coordenou as festas anuais, as* Schulfest. *Entre 1929 e 1936 organizou e dirigiu cursos de língua alemã em São Paulo. Voltados também para um público adulto, esses cursos foram assumidos, muitos anos mais tarde, pelo* Goethe Institut. *Exerceu ainda funções honoríficas e visitou escolas e entidades relacionadas, entre outras cidades da região, no Rio de Janeiro, Curitiba, Blumenau e Porto Alegre.*

Assim, desde 1926 integrou a diretoria da Associação dos Professores Alemães Deutscher Lehrerverein*, em São Paulo, a qual presidiu entre 1932-37. Intensas atividades neste período de 1927-31: administrador do* Landesverband Deutsch-Brasilianischer Lehrer*, supervisionando em torno de 1.300 escolas; especial carinho pelo* Arquivo da Imigração Alemã no Brasil / Archiv der Deutschen Einwanderung*, cujo acervo tornou-se base do Arquivo hoje pertencente ao Instituto* Martius-Staden.

Em 31 de março de 1938, Karl Fouquet decide desligar-se da Escola e dedicar-se integralmente à Sociedade Hans Staden*, que assumiu a denominação Instituto* Hans Staden*, algum tempo depois. Exerceu este trabalho até aposentar-se, em 1967. Com a criação da Fundação* Martius*, em 1951, transformou-se em realidade a idéia de Fouquet: uma organização destinada a assegurar suporte financeiro ao Instituto* Hans Staden. *Em 1997, a Fundação* Visconde de Porto Seguro*, que é a mantenedora do Colégio* Visconde de Porto Seguro *(o antigo* Colégio Alemão*), assumiu o Instituto* Hans Staden*, extinguindo-se a Fundação* Martius*, cujo patrono, no entanto, continua preservado no nome atual – Instituto* Martius-Staden *de Ciências, Letras e Intercâmbio Cultural Brasileiro-Alemão.*

Dentre suas várias obras publicadas entre 1929 a 1948, ressaltam-se as 5 edições da Wahrhaftige Historia / História Verídica*, da autoria de Hans Staden, o primeiro livro escrito por um alemão, descrevendo suas aventuras no Brasil do Século XVI.*

Também o livro O Imigrante Alemão *e seus descendentes no Brasil, publicado em 1974, edições em idioma Português e Alemão. Karl Fouquet também é autor de considerável número de poesias. Ao longo de sua vida foi agraciado e condecorado em várias ocasiões: Medalha Imperatriz Leopoldina (pelo IHGSP); Medalha José Bonifácio de Andrada e Silva (pelo IHGS); em Hessen, terra natal de Hans Staden, foi condecorado com medalha pelo 1º. Ministro; e, em 1978, foi-lhe outorgado pela* República *Federal da Alemanha o* Bundesverdienstkreuz 1. Klasse.

Karl Fouquet faleceu em 19 de janeiro de 1980. Teve 3 filhos: Harro Fouquet, Helmut Fouquet e Dietmar Fouquet.

Agradecemos a gentileza da família Fouquet, em especial ao seu filho Harro e filha deste, Birgit, além da Sra. Annemarie Fouquet Schünke, pelas informações cedidas e permissão de re-publicação desta biografia sobre o Dr. Blumenau.



Terra natal, casa paterna e escola – 1819/1836

Hermann Bruno Otto Blumenau nasceu a 26 de dezembro de 1819 em Hasselfelde, pequena cidade do Harz, a mais setentrional das serras alemãs, e situada na altitude de 450 metros e cerca de 20 quilômetros a sudeste do Brocken, de cujo lendário cume se descortina vasto panorama. A localidade se aninha entre plantações de batatas, campos de cereais e lindos prados, e dela se aproximam de todas as direções, maravilhosas florestas de faias e abetos. O clima é frio e inclemente.

A região começou a ser povoada no século IX, na era dos Carlovíngios. Instalaram-se, então, pelas matarias numerosos paços de caça, e entre eles, ou simultaneamente, formaram-se três povoados – Hasselfelde Ocidental, Central e Oriental, - que logo se fundiram, constituindo uma só cidade. Graças a sua situação próxima a uma estrada real de intenso trânsito e à mineração de prata, cobre e ferro, ela progrediu rapidamente. Todavia, no século XIV foi destruída no decorrer de uma luta interna. Mais tarde viu-se retardada em seu desenvolvimento por cinco vezes, em consequência de enormes incêndios. O penúltimo sinistro dessa natureza ocorreu no ano de 1834, já na mocidade de Hermann Blumenau. Hasselfelde pertencia ao antigo ducado de Braunschweig. (...)

Foi nessa bela e severa região montanhosa que Hermann Blumenau passou a infância. Dos sete aos dez anos frequentou a escola comunal local. Pouco se sabe sobre essa época de sua vida e, mesmo, sobre a casa paterna. Seu pai, Karl Friedrich Blumenau, nascido no ano de 1771 em Mariental, no distrito de Helmstedt, era engenheiro-mor das florestas ducais. Em 1840 foi nomeado conselheiro florestal. Faleceu, já aposentado, em Hasselfelde, a 3 de abril de 1850, em idade avançada. (...) Moravam numa casa espaçosa, confortavelmente instalada nas proximidades das usinas siderúrgicas de Hasselfelde. Sua esposa, Christiane Sophie Kegel, era seis anos mais nova que ele e sobreviveu-o até 19 de maio de 1851. (...)

Os filhos foram educados com severidade e exemplos de probidade. Emilie Blumenau, a filha mais velha, casou-se com o magistrado distrital Johann Friedrich Ernst Gärtner e veio a ser a mãe de Reinhold e Victor Gärtner, que representaram mais tarde papel preponderante nos primórdios da Colônia e são conhecidos como os "sobrinhos do Dr. Blumenau". Reinhold regressou mais tarde à terra natal, onde faleceu solteiro. Victor, porém, ficou no Brasil, onde se acham domiciliados seus descendentes. Nada se sabe de preciso acerca do segundo filho, Karl Blumenau. O terceiro, a menina Auguste, casou-se aos 17 anos com um senhor Kegel, magistrado-mor, provável parente de sua mãe. O quarto filho, Julius, foi mais tarde proprietário rural em Biesenrode, e posteriormente, magistrado-mor de Nippern. Segue-lhe Agnes, que contraiu núpcias com um Sr. Götter, arquiteto distrital em Braunschweig. Hermann foi o sexto e último filho.

A melhor informação sobre a linhagem dos Blumenau é fornecida por Ehrenbrook, em seu estudo sobre famílias de funcionários públicos da Baixa Saxônia, publicado em 1928.

Segundo sua explanação, o nome surge, pela primeira vez, na Alsácia. Vivia ali uma estirpe nobre de von Blumenau, que se tornou notável em Strasburg, vindo a extinguir-se, porém, no século XVI. Identificam-se na Prússia Oriental, entre 1500 e 1800, alguns portadores do nome, igualmente nobres. Pelo ano de 1700, uma linhagem burguesa aparece em Altenburg, ao sul de Leipzig. É de se supor que essa linhagem seja afim de Hermann Blumenau.

Os registros citam, como ascendente mais remoto do colonizador, a Hans Blumenau, que nasceu antes de 1635 e faleceu antes de 1716. Vivia ele, na qualidade de Burgomestre (Prefeito), na cidadezinha de Egeln, a sudoeste de Magdeburg. De seus descendentes, ao todo onze filhos, partem dois ramos. O primeiro distendeu-se em direção à Áustria e outras regiões, ao passo que os membros do segundo permaneceram em Egeln, ou então se domiciliaram em várias localidades na região entre Magdeburg, Braunschweig e o Harz. O tronco do segundo ramo, Mathias Paulus Blumenau, 1670 – 1721, foi burgomestre de Egeln, como fora seu pai, de nome Hans. Seu filho Andreas Henrich, nascido em 1702, vivia como cidadão, em Egeln, onde era cervejeiro, sendo nomeado, posteriormente, magistrado-mor sob um tal príncipe Heinrich, em Wegeleben. O filho de Andreas Heinrich, de nome August, era comissário florestal, em Mariental, distrito de Helmstedt, e pai do já referido conselheiro florestal Karl Friedrich, sendo, por conseguinte, avô de Hermann Blumenau.

Hermann Bruno Otto Blumenau recebeu as primeiras luzes da instrução em Hasselfelde. No ano de 1829 seu pai o confiou à guarda do Pastor J. L. Götting, de Klein-Winnigstedt, ao sul de Schöppenstedt, a fim de se preparar para o ginásio. Na casa do cura de almas Hermann encontrou seu segundo lar, tanto assim que, decorridos vários decênios, ele gostava de recordar-se do carinho e do cuidado com que ali fora tratado. A citada aldeia repousa em uma fértil planície ligeiramente acidentada, porém distante de montanhas e de florestas, sendo possível, portanto, que o rapaz frequentemente sentisse saudades do Harz, ao ter de penetrar no mundo das regras da gramática latina e grega. Aos doze anos, Hermann foi atacado de grave enfermidade em Klein-Winnigstedt. Adveio-lhe daí uma afecção auditiva para a qual não conseguiu encontrar cura, não obstante todos os esforços empregados nesse sentido. Esse defeito físico, mais a miopia, causaram-lhe sérias dificuldades pelo resto da vida. Algumas semanas depois de sua "confirmação" na Páscoa de 1834, foi ele matriculado no Ginásio Martino-Katharineum, em Braunschweig, capital do ducado do mesmo nome.

A vetusta e bela sede dos guelfos, cujas suntuosas residências burguesas, igrejas e demais riquíssimos monumentos culturais da Idade Média e dos primórdios da Renascença foram reduzidos a um monte de escombros pelas bombas aéreas inglesas e americanas na segunda conflagração mundial, era, naqueles tempos, uma cidade de cerca de 40.000 habitantes. Pulsava ali intensa vida econômica, intelectual e artística. O ginásio, que surgiu em 1828 pela fusão das duas escolas de curso secundário ("Lateinschule"), Martineum e Katharineum, ambas fundadas em 1420, era o instituto de ensino mais conhecido do ducado – um centro de cultura do espírito humanístico. Sem dúvida alguma essa escola transmitiu ao aluno aplicado, - que Hermann sempre fora, graças à base da instrução preliminar recebida do Pastor Götting, - conhecimentos suficientes, de modo a poder ser admitido, mais tarde, ao curso universitário, embora houvesse deixado o ginásio prematuramente, antes, portanto, de receber o atestado de madureza.

Não se sabe ao certo o que o induzira a interromper o curso secundário já em 1836, nos dias consagrados a São Miguel. Consta que o fez por determinação do pai, que tinha de cuidar da educação de seis filhos.

Temendo, por conseguinte, as despesas acarretadas pelo prolongado estudo do mais jovem deles, sendo evidente, também, que nenhum dos dois filhos mais velhos recebeu instrução superior. Deve-se, entretanto, duvidar dessa afirmação, em vista da apreciável fortuna que coube a Hermann Blumenau pela morte de seus pais. Pelo que sabe, ele alimentava vivo desejo de estudar Química, Ciências Naturais e Medicina; submeteu-se, contudo, filho obediente que era à vontade do pai, que o havia destinado à profissão de Farmacêutico. Todavia, somos de parecer que seu pai, habituado a raciocinar sobriamente, se deixara orientar por outra reflexão. A prática farmacêutica era, então, geralmente considerada como o melhor preparo para o estudo da Química. Pode-se deduzir daí que o pai de Hermann tratou de colocá-lo como aprendiz numa farmácia, por haver notado as pronunciadas tendências do filho por essa ciência.

Aprendizado e estudos 1836/1846

O aprendizado iniciou-se em outubro de 1836, sob a orientação do mui respeitável farmacêutico, botânico e musicólogo Hampe, de Blankenburg, no Harz. No ano seguinte prosseguiu em Erfurt, na "Löwenapotheke", de propriedade do farmacêutico Koch, o "bravo mestre", como a ele se referia Blumenau, e cujo amigo se tornou mais tarde. Nessa mesma farmácia concluiu o aprendizado, com o habitual exame de oficial, na Páscoa de 1840. O atestado conferido pela banca examinadora contém uma observação suplementar, sem dúvida insólita, em que se fazem votos que "esse notável jovem prossiga na operosidade e na conduta altamente moral até aqui reveladas, e que sempre encontre oportunidades propícias à sua habilidade e ao seu valor moral".

Pouco antes de falecer, Dr. Blumenau registrou o seguinte sobre os três e meio anos passados em Blankenburg e Erfurt: "Naquela época a aprendizagem da arte farmacêutica era, mui frequentemente, árdua e pouco agradável. E mesmo que os aprendizes não mais fossem obrigados, como se dava, a seu tempo, com o barão Justus von Liebig, nascido em 1803, e com Friedrich Wöhler, nascido em 1800, a limpar os sapatos dos patrões e a prestar outros serviços domésticos, só uma vez ou outra se lhes concedia um domingo de folga, e somente no verão, e ao colherem ervas, é que podiam espairecer um pouco. Às vezes também eram explorados, como jornaleiros, além de suas forças. Na casa de Hampe, que mantinha um considerável comércio de ervas medicinais secas, extratos, etc., tínhamos que trabalhar, ao iniciar-se a estação primaveril, não raramente desde às 4 horas da madrugada até às 11 da noite, e no inverno tínhamos que selecionar, em dias alternados, durante o período diurno, musgo islandês. Porém, não obstante, tudo se converteu em real benefício para mim e outros que se achassem animados de alguma resolução e boa vontade. Aprendemos a trabalhar eficientemente e a empenhar-nos com decisão, calejando e sujando as mãos, etc. Também não se desleixava a parte científica, que, naquela época, abrangia, como aliás hoje, múltiplos domínios que ofereciam um campo vastíssimo aos esforçados e sequiosos de saber, segundo suas energias, inclinações e aptidões."

Imediatamente após sua aprovação no exame de oficial de Farmácia, Hermann Blumenau empreendeu, de mochila às costas, uma caminhada a pé através da Boêmia, Alta Áustria e Salzburg, até Gastein, cuidando, ao mesmo tempo, debalde, porém, de encontrar, nos balneários, um remédio contra sua mouquice. Vagou pelos Alpes, chegando até Heiligenblut, aos pés do Großglockner. Desistiu, entretanto, de escalar a montanha, de vez que seus parcos recursos monetários não lho permitiam. Prosseguindo em sua peregrinação – "colhendo alguns vegetais e muitos minerais bonitos" – passou por Saalfelden e Passau onde cruzou o Danúbio, atravessando as florestas bávaras e a Serra de Fichtel, em demanda de Erfurt, de onde rumou para Hasselfelde. Por essa época seu pai fora nomeado conselheiro florestal.

Pouco se sabe o que ocorreu nos anos seguintes. Blumenau trabalhou, a princípio, de abril de 1840 até março de 1841, como praticante na Farmácia *Gerhard*, em sua cidade natal, e, em seguida, na mesma qualidade, até fins de 1841, na estação balneária de Salzuflen, próxima à floresta de Teutoburg, a serviço do proprietário de farmácia Brandes. Todavia, só a fase seguinte de sua vida, novamente sob o signo da cidade luterana de Erfurt, foi decisiva para ele, ou seja, para a fixação de suas idéias voltadas para objetivos definidos, e, em consequência, para todo o seu futuro.

Em sua marcha evolutiva, Erfurt havia-se tornado, na geração precedente, o centro farmacêutico da Alemanha. Ali exerceu sua atividade, até março de 1837, quando faleceu o Dr. Johann Bartholomäus Trommsdorff, avô materno do Dr. *Fritz* Müller. Dr. Trommsdorff era dono da "Schwanen-Apotheke", professor da Universidade local, Diretor da Real Academia de Ciências de Utilidade Pública e fundador do *Journal der Pharmazie* que, a partir de 1832, continuou sob a direção de Liebig. Foi ainda fundador de um instituto de ensino para a formação de farmacêuticos. Desenvolveu, além disso, intensa atividade como autor de numerosas obras científicas. Talvez Blumenau não tenha chegado a conhecer o "velho Trommsdorff". Mas, quando ainda aprendiz de farmácia, travara relações com o seu filho Hermann, que o atraiu, em fins de 1841, presumivelmente já como sócio, para sua fábrica de produtos químicos, que estava sendo instalada. As relações de interesse comercial com o jovem Trommsdorff converteram-se logo em íntima amizade, que perdurou até a morte deste.

Blumenau iniciou sua atividade na fábrica no limiar do ano de 1842. Os dois homens tiveram de enfrentar, no começo, tempos difíceis. É provável que Trommsdorff não tivesse calculado rigorosamente o montante dos recursos financeiros exigidos. Acrescia que não dispunha da experiência necessária. Quanto a Blumenau, que até então não havia trabalhado em empresas de vulto, não lhe era nada fácil adestrar e controlar o grande número de operários. Ambos se dedicaram, porém, de corpo e alma, à indústria, nela aplicando todas as suas energias. Não obstante, Blumenau encontrava ainda algum lazer para cuidar do seu aperfeiçoamento intelectual e para frequentar círculos sociais. Porém o excesso de esforço o prostrou por algumas semanas no leito.

Entre 1843 e 1846, vários acontecimentos viriam a influir na vida futura de Blumenau. Viagens a França e Londres iriam abrir seus horizontes. O encontro com Alexander von Humboldt deve ter-lhe aberto a mente com respeito a América. Em Londres, Blumenau travou conhecimento com Johann Jakob Sturz, personagem importante, ainda mais, para fazer com que Blumenau viesse a montar seu projeto de imigração. Anos mais tarde uma ferrenha inimizade se estabeleceu entre ambos, com Blumenau vendo em Sturz um "embusteiro da humanidade", um "hipócrita sem honra".

Em setembro de 1844, Blumenau matricula-se no curso de Química da Faculdade de Filosofia da Universidade de Erlangen. Concluiu seus estudos em prazo curtíssimo e em março de 1846 era graduado também doutor em Filosofia.

Em fins de dezembro de 1845 ele visitou na capital bávara o botânico Karl Friedrich Philipp von Martius, professor na Universidade de München. Este cientista, celebridade universal, chegou ao Brasil em 1817, em missão do Governo da Baviera e no séquito da grã-duquesa Leopoldina da Áustria, esposa de D. Pedro I e primeira Imperatriz brasileira. O conhecimento de von Martius abriu ainda mais o idealismo de Blumenau, ambos tendo em comum o pendor pelas Ciências Naturais, a verdadeira idolatria pela natureza e isso, em relação ao Brasil.

Data de 1846 um tratado que Dr. Blumenau escreveu sobre o estabelecimento de colônias na América: *Deutsche Auswanderung und Kolonisation / Emigração e Colonização Alemã*. Ali ele dizia, por exemplo, que anualmente deixavam a pátria cerca de 60.000 alemães e que, só na América do Norte, segundo o recenseamento de 1844, viviam 4,8 milhões. Isto significava mais que o dobro dos reinos da Saxônia, de Württemberg ou de Hannover, e bem mais que a população da Dinamarca e tanto quanto a de Portugal.

Dizia Dr. Blumenau que não havia meio de se obstar tal movimento emigratório. Mesmo com as medidas mais drásticas não se conseguiria reprimí-lo. Recomendava, entretanto, que se cerceasse a atividade dos aliciadores e mercadores de almas estrangeiros que incitavam à emigração desorientada; que se evitasse, de toda forma, estimular a vontade de viajar, e que os que absolutamente quisessem partir fossem orientados de maneira tal que conservassem no estrangeiro, sua nacionalidade, seus costumes e sua língua. Seria de deplorar – prossegue Dr. Blumenau – que, até aqui, a opinião pública tivesse mantido uma atitude de tanta indiferença e, mais ainda, que nenhum Estado alemão tenha tentado concentrar os imigrantes em uma Colônia livre onde houvesse as condições mencionadas. A questão da emigração representaria segundo Dr. Blumenau, uma questão vital para o futuro da Alemanha. Só quando isso fosse bem compreendido é que se poderia contar com a melhoria da desoladora situação existente.

Dr. Blumenau examina, em continuação, as bases em que deveriam assentar a emigração e o estabelecimento de colônias. Contém o escrito, além de várias recomendações, violentas investidas contra a maneira pela qual os aliciadores de emigrantes agiam em sua caça a homens, e severas críticas em torno dos planos de colonização ventilados e às empresas de imigração então existentes. Ele qualificava-os, em parte, de aventureiros, o que ficaria provado mais tarde, revelando dotes divinatórios de Dr. Blumenau neste aspecto.

Entre todas as grandes nações européias, seu povo foi, ao lado do italiano, o único que não participou da conquista do mundo, a qual teve início no século XV.

Naqueles tempos a intolerância religiosa dos primórdios da era moderna fora vencida quase que em toda parte. Por outro lado, o sentimento nacional dos povos ainda não se havia intensificado a ponto de ver um perigo na existência de concidadãos que falassem outros idiomas, e de aplicar a violência. O que Dr. Blumenau não pode prever foi a circunstância de que, exatamente 100 anos após o aparecimento de seu tratado, 15 a 20 milhões de seres humanos, só porque falavam outra língua, seriam privados de suas posses e enxotados do torrão natal em que se achavam radicados desde priscas eras, extirpando-se milhões de indivíduos, sem excetuar mulheres, velhos e crianças.

O tratado sobre *Imigração e Colonização Alemã* foi, pois, publicado em Leipzig no ano de 1846. No mesmo ano apareceu em Berlin um escrito que possui a mesma importância para as nossas considerações e constitui como o do Dr. Blumenau, uma espécie de parelha. Ocupa-se dos mesmos problemas investigados por Blumenau, como alemão. São, entretanto, focalizados do ponto de vista do patriota brasileiro, de vez que seu autor é o eminente diplomata Miguel Calmon Du Pin e Almeida (1794-1865), Marquês de Abrantes a partir de 1854. Era ele um homem de ilustração enciclopédica e de profundo conhecimento do mundo, orador, escritor e inteligente fomentador da lavoura e da imigração. O encontro dele com Dr. Blumenau deve ter acontecido por volta de 1846, quando era embaixador em Berlin. Muitas coisas em comum havia entre este dois homens, inclusive uma natural repugnância à escravidão.

Investigações no Brasil 1846/1848

Por intermédio de Alexander von Humboldt, entrou Dr. Blumenau, em 1844, em contato com a Sociedade de Proteção aos Imigrantes Alemães no Sul do Brasil, que havia sido fundada dois anos antes. Essa sociedade confiou-lhe a missão de estudar *in loco* as condições brasileiras, e preparar o terreno para uma colonização em ampla escala, concedendo-lhe, além de ajuda de custo para a viagem, um ordenado mensal de 200 mil réis.

Em 30 de março de 1846, apenas 7 dias após sua colação de grau, Dr. Blumenau deixou o porto de Hamburg a bordo do veleiro *Johannes*. Depois de uma viagem de cerca de 3 meses, chegou ao Rio Grande, em 19 de junho. Em carta dirigida em 3 de agosto a sua mãe, que, como o pai, não aprovara seus planos, revela-nos seus pensamentos e sentimentos:

"Não parti levianamente. Mesmo que a despedida quase me tivesse despedaçado o coração, e embora, às vezes, eu estivesse a ponto de sentir nostalgia – era preciso que assim fosse, pois dentro de mim clamava uma voz íntima tão forte que eu não conseguia opor-lhe resistência. Ora, tenho a mais honesta das intenções. Não deixei a cara pátria apenas para ganhar dinheiro. Assim sendo, posso estar tranquilo, porquanto o céu não me abandonará. Agora me encontro aqui bem satisfeito e, se Deus quiser que a coisa prossiga favoravelmente e se algo for realizado e eu conservar a saúde, então, segundo penso, ainda darei alguma coisa boa, e tu, minha encantadora mãezinha, hás de ficar contente com teu velho homenzinho e hás de citar, honrada, o seu nome".

Depois de curta estadia na Província do Rio Grande do Sul, Dr. Blumenau seguiu para o Rio de Janeiro, via Desterro, atual Florianópolis. Ali chegou em 4 de agosto e permaneceu durante 8 meses. Esse período viria trazer-lhe abundante experiência e valiosas relações pessoais. Os caminhos lhe foram aplanados por excelentes recomendações, tais como as de Humboldt, de Martius e do Marquês de Abrantes.

Logo no início de sua estadia no Rio de Janeiro começaram a surgir várias decepções, muitas delas tendo como causa o nome do hipócrita Johann Jakob Sturz.



De mochila às costas, o jovem Hermann de 17 anos empreendeu uma caminhada a pé através da Boêmia, Alta Austria e Salzburg, até Gastein... Vagou pelos Alpes, chegando até Heiligenblut, aos pés do Großglockner... Passou por Saalfelden e Passau onde cruzou o Danúbio, atravessando as florestas bávaras e a Serra de Fichtel, em demanda de Erfurt, de onde rumou para Hasselfelde.

Mit seinem Rucksack unternahm der 17-jährige Hermann einen Fußmarsch durch Böhmen, Altösterreich und Salzburg, bis Gastein... Er durchstreifte die Alpen und erreichte Heiligenblut, am Fuße des Großglockners, zog weiter durch Saalfelden, überquerte die Donau bei Passau, durchquerte den Bayerischen Wald und das Fichtelgebirge bis nach Erfurt, von wo aus er nach Hasselfelde weiterzog.

Karl Fouquet

Hermann Bruno Otto Blumenau, c. 1836

Paisagem campesina / *Ländliches Szenarium*

Pintura a óleo / *Ölbild*

Acervo / Sammlung J. Blumenau-Niesel, Berlin

No limiar do ano de 1847, teve uma experiência que o tornou cético em relação aos cônsules e diplomatas alemães no estrangeiro. "Seduzidos pelas maquinações vergonhosas e informações falsas da Casa *Delrue & Co.*, de Dunkerk, e de seus parceiros", chegaram ao Rio de Janeiro várias centenas de renanos, quase mortos de fome, e, muitos deles enfermos, devido ao mau passadio a bordo. Cerca de 300 destes imigrantes viriam a ser transportados para Santa Catarina a expensas do Governo brasileiro. Ali constituíram o tronco dos colonos de *Armação* e de *Santa Isabel*, ao longo da estrada que conduz de Desterro a Lages. Quando da visita, mais tarde, do Dr. Blumenau a esta Colônia de *Santa Isabel*, muitos destes colonos expressaram sua gratidão pela sua ajuda.

Segundo informações fidedignas, Dr. Blumenau elaborou, naquela ocasião, projetos para uma colonização em grande estilo e os encaminhou ao Governo Imperial. Tais projetos foram bem recebidos e considerados úteis e vantajosos. Os ministros competentes receberam-no amavelmente e deram-lhe esperanças. A Assembléia Legislativa, entretanto, rejeitou os projetos.



Marquês de Abrantes (1796-1865)
Estadista / *Staatsmann*

Em tais circunstâncias Dr. Blumenau resolveu empreender uma viagem ao Sul, a fim de estudar cuidadosamente as condições ali dominantes. Em 4 de abril de 1847 partiu da Capital. O resultado da audiência que lhe fora concedida pelo Presidente da Província de Santa Catarina, Marechal Antero J. Ferreira de Brito, em Desterro, deixou-o satisfeito. Uma semana depois Dr. Blumenau, acompanhado de certo Conde von der Goltz, visitava a primeira Colônia Alemã em Santa Catarina, *São Pedro de Alcântara*, na vizinha São José da Terra Firme, em 1829.

Contava então cerca de 600 habitantes e muitos deles haviam se estabelecido no curso inferior do Rio Itajaí-açu. Os remanescentes consideravam o vale desse rio, que é o maior caudal costeiro da Província, uma região particularmente favorável à colonização. É provável que as notícias divulgadas por essa gente tenham despertado em Dr. Blumenau, pela primeira vez, vivo desejo de conhecer essa região. Em Desterro, o Coronel Neves, vice-presidente de Santa Catarina, chamou, logo depois, novamente sua atenção para o Itajaí e, simultaneamente, para os vales do Tijucas e do Itapocu.

Partiu então Dr. Blumenau para essa região a pé, saindo do Estreito para o Norte. Teve a oportunidade de ver vários povoados antigos portugueses ao longo do litoral. Mas a viagem foi dificultada pelas intempéries e ele chegou a *Santíssimo Sacramento*, hoje Itajaí, que dista 100 quilômetros do Estreito, bastante enfermo e sem encontrar nem Médico nem farmacêutico. Teve que interromper a viagem e retornar por mar, num pequeno veleiro, para Desterro.

Dalí viajou novamente para o Rio Grande do Sul, onde permaneceu por mais tempo, visitando as Colônias de *São Leopoldo*, *Três Forquilhas* e *Torres*. A primeira delas, célula mater da colonização alemã no Brasil, contava com cerca de 8.500 almas e ofereceu-lhe ensejo para observações importantes. Elogiou esta Colônia, mas ficou horrorizado com a existência de 154 escravos, dos quais 90 mantidos por alemães! Foi-lhe oferecido administrar uma Colônia com cerca de 2.000 imigrantes que acabavam de chegar, mas recusou por haver já se comprometido com a sociedade hamburguesa. Quase 10 anos mais tarde, quando às margens do Itajaí, já não sabia como safar-se das dificuldades e apertoras, lembrou-se do "grande tolo e bestunto" que fora em não aceitar a proposta do Sul.

Ao deixar o Rio Grande do Sul, Dr. Blumenau estava convencido da necessidade de explorar, em primeiro lugar, mais de perto, Santa Catarina, ou seja, a bacia hidrográfica do Itajaí-açu. Tornou ao Rio de Janeiro, via Desterro, ali chegado em 17 de julho.

Já em seu tratado de 1846 e baseado no testemunho de outros, Dr. Blumenau mencionara o Rio Grande do Sul e o planalto de São Paulo e Paraná como as regiões mais indicadas para lavradores alemães. Também a Província de Santa Catarina seria recomendável, de vez que merecia particular atenção por seus magníficos portos e sua uberdade. A única desvantagem seria o clima mais quente; todavia a região prestar-se-ia tão bem, ou melhor, que a do Texas, visto não estar assolada pela Febre Amarela e pelos *Comanches*, tribo guerreira entre os índios do Texas. (Parece que desconhecia a existência no Alto Vale do Itajaí dos ferozes índios *Botocudo* - NR). O Texas era uma região que, naqueles dias, tinha papel importante nos planos imigratórios alemães.

Dr. Blumenau encontrou em Ferdinand Hackradt, com quem travara relações no Rio de Janeiro, o homem disposto a participar da empresa e que, de resto, já havia estado em Santa Catarina.

De acordo com um plano elaborado em comum, Hackradt antecipou-se, seguindo em 26 de outubro de 1847, para Desterro, a fim de tomar ali as necessárias preliminares. Dr. Blumenau seguiu-lhe em 21 de dezembro, e nas vésperas do seu 28º aniversário encontrou-se com o companheiro na capital catarinense. Logo em seguida, ou seja, em princípios de janeiro, ambos rumaram, via Tijucas, em direção a Itajaí, de onde partiria a expedição, que tinha por guia Ângelo Dias, que já estava afeito aos perigos da floresta virgem e familiarizado com seus rios, tanto assim que provou ser hábil canoeiro, além de se revelar conselheiro digno de toda confiança.



Ferdinand Hackradt (1817-1887)
Sócio do Dr. Blumenau entre 1847-50

Em seu curso inferior as águas do Itajaí deslizam espraiadas e tranquilas. Tripulando duas canoas, a pequena expedição avançou sem incidentes. Passou pela foz do afluente *Luís Alves*, à margem esquerda, o qual deságua a região do *Morro do Baú*, antigo ponto de referência geográfica dos navegantes lusos e castelhanos, desde a era das descobertas, e por *Ilhota*, então conhecida por Colônia Belga, dada a origem dos primeiros colonos ali chegados poucos anos antes, e, mais adiante, pela Colônia de *Pocinho*, hoje denominada *Arraial*, atingindo *Gaspar*. Em muitos pontos a expedição encontrou clareiras e colonos esparsos, alguns deles originários de *São Pedro de Alcântara*, tais como Peter Wagner e Peter Lucas. Das margens do rio aproximavam-se, gradativamente, as colinas e os morros, chegando a expedição, finalmente, às embocaduras do ribe*irão Garcia* e do ribeirão da *Velha*. Em todas as direções estendia-se densa floresta virgem.



Peter Wagner (1818-1901)
Pioneiro anterior ao Dr. Blumenau

Armou-se o acampamento junto ao ribeirão da *Velha*. O esperto caboclo Ângelo Dias saía em busca de caça de pelo, peixes e aves. Dr. Blumenau e Hackradt entregaram-se à pesquisa nos cursos fluviais inferiores da *Velha*, do *Bom Retiro*, do *Garcia* e do próprio Itajaí, até ao *Salto*. Partindo da *Velha*, os expedicionários rumaram, todos, sempre nas duas canoas, em direção ao *Salto*, que foi vencido com alguma dificuldade. Nas proximidades do *Passo Manso* separaram-se. Hackradt explorou o rio do *Testo*, as regiões de *Itoupava* e da *Fortaleza*, bem como as cercanias mais próximas do acampamento. Por seu turno, Dr. Blumenau seguiu o curso do grande rio em sentido ascendente. No local em que hoje se encontra a linda cidadezinha de *Indaial*, resolveu, num gesto compreensível, como se se encontrasse numa encruzilhada, conhecer, primeiro, o pacífico rio *Benedito*, impressionante pela sua serena majestade. Aliviou-se ali de parte da bagagem e da munição de boca. Todavia, na desembocadura do rio dos *Cedros* teve de retroceder. Ângelo Dias recusara-se a prosseguir a viagem, receando os indígenas, e talvez com razão, embora Dr. Blumenau, como forasteiro inexperiente, o considerasse, por isso, um poltrão. Outro motivo da recusa residia no fato de se haver esgotado a provisão da tão apreciada cachaça, de que, entretanto, Ângelo se reabasteceu junto à foz do rio *Benedito*. Dali, o pequeno grupo de homens subiu o Rio Itajaí, até a desembocadura do ribeirão da *Subida*, sem topar com obstáculos sérios. Diante das montanhas alcantiladas e imponentes da Serra do Mar, que não prometiam terras cultiváveis, os expedicionários resolveram regressar, chegando a *Velha* em fins de janeiro.

Dr. Blumenau estava satisfeitíssimo com os resultados obtidos. Havia encontrado uma região riquíssima em solo fértil, em florestas aproveitáveis e em caça, abundantemente regadas por cursos d'água e facilmente explorável para o intercâmbio comercial. Amigo da natureza deslumbrou-no, além disso, a vegetação e a beleza da paisagem alternada de serranias, planícies, águas tranquilas e rumorosas corredeiras. Tempos depois registrou, referindo-se particularmente ao rio *Benedito*:

"Sobre tudo pairava a expressão de uma serenidade e majestade indescritíveis, um ar tépido e embalsamado e um maravilhoso firmamento azul. Foram dois dias magníficos que passei lá em cima, em longínqua solidão, até onde, antes de mim, ainda não chegara homem civilizado algum. Continuo, já decorridos três meses, encantado com o solene ermo da floresta, com esse que inexplicável que nos empolga, quando sabemos que nos encontramos distantes dos homens, num sítio que permaneceu, durante milênios, no estado em que ainda se encontra".

No acampamento às margens do ribeirão da *Velha*, soube Dr. Blumenau de Hackradt haver este chegado a conclusões análogas às dele. Concordaram em iniciar a planejada



Peter Lucas (1809-1900)
Pioneiro anterior ao Dr. Blumenau

grande obra de colonização ali, às margens do Itajaí, começando por desbravar a selva junto à foz da *Velha* e do *Garcia*, a fim de aproveitar o curso inferior navegável do Itajaí, e obter uma boa comunicação com o litoral. Hackradt encarregou-se dos trabalhos preliminares na floresta, necessários para o acolhimento dos primeiros imigrantes, ao passo que Dr. Blumenau se incumbiu das negociações com as autoridades em Desterro e no Rio de Janeiro, bem como da propaganda e engajamento na Alemanha.

Encerrou-se assim a memorável e bem sucedida viagem de exploração. Dr. Blumenau apressou-se em seguir para Desterro, onde imediatamente meteu mãos à obra. Em 16 de março de 1848 encaminhou um requerimento à Assembléia Provincial, na qualidade de representante da Sociedade de Proteção aos Imigrantes Alemães no Sul do Brasil. Trata-se de um documento digno de toda atenção, que em seus traços principais reflete o curso das idéias assentadas no tratado de 1846, além de revelar a influência dos dois anos de experiência colhida no país, destacando-se, por conseguinte, vantajosamente, de projetos contemporâneos idênticos.

Inicialmente, Dr. Blumenau explica que a sociedade hamburguesa dispunha de um capital de 1 milhão de *marcos*, equivalentes a 365 ou 645 contos de réis, e que dela faziam parte 20 dos capitalistas mais respeitáveis da Alemanha, entre os quais alguns que gozavam de bom conceito no próprio Brasil.

O objeto da sociedade era o de desenvolver as pacíficas relações comerciais há muito já existentes entre a cidade hanseática e o Brasil, mediante a introdução e fixação de imigrantes alemães e o estabelecimento de colônias agrícolas e industriais, pois o Brasil e a Alemanha eram aliados naturais por determinação do destino. O Brasil encontraria na Alemanha, que não possuía colônias próprias, um mercado franco e assaz rendoso para seus produtos, recebendo dela, por seu turno, mão de obra e manufaturas de que carecia. A sociedade não trabalharia unicamente por sentimentos filantrópicos, embora esperasse aliviar a triste sorte de muitas famílias honradas; repudiaria, porém, a imputação de visar exclusivamente interesses financeiros para enriquecer-se à custa do Império e dos imigrantes. A "proposta" apensa ao requerimento continha 24 artigos do programa da sociedade para o estabelecimento de colônias na Província de Santa Catarina. (...)

A Província de Santa Catarina contava, em 1846, segundo dados oficiais, com 80 mil habitantes – talvez mais do que menos – dos quais ao todo 60 mil brancos, 4 mil libertos de cor e 14 mil escravos. Sua superfície era de 75 mil km2. A Ilha de Santa Catarina era habitada por cerca de 20 mil almas, das quais 5 mil eram escravos, sendo que Desterro, que, há 25 anos já, vinha gozando das prerrogativas de Cidade, contava mais ou menos 8 mil habitantes. Em terra firme viviam ao todo 60 mil indivíduos, que povoavam uma faixa estreita do litoral e alguns trechos do planalto. As férteis terras cobertas de florestas, entre a costa e o planalto, estavam, praticamente, despovoadas. Os alemães eram estimados em cerca de 2 mil almas, preponderantemente Católicos da região renana, que a si próprios se cognominavam em tom de gracejo de *Moselschwaben* (suábios do Mosela).

A Província ainda se ressentia profundamente das consequências da revolução de 1835-45, conhecida por Guerra dos *Farrapos*. Era seu presidente, desde 1840, o Marechal Antero José Ferreira de Brito, homem prudente e enérgico. Um ano antes de sua morte, que ocorreu em 1855, foi concedido o título nobiliárquico de Barão de Tramandaí. Esforçava-se ele vivamente por promover o progresso da Província, e vendo na colonização um meio de alcançar tal objetivo, e tendo dado, espontaneamente, passos no sentido de restringir a escravatura, não podia deixar de aprovar os objetivos do Dr. Blumenau. Eis porque encaminhou à Assembléia Legislativa Provincial, acompanhado de um ofício em termos favoráveis, o requerimento da "empresa tão útil ao País". A Comissão de Colonização deu parecer favorável em data de 3 de abril. Firmaram o parecer os deputados Alvim, Ayres Serra Carneiro e Mendes.

Entretanto, quando tudo parecia ser favorável à implantação do projeto, vários revezes provinciais e a dissolução da *Companhia Hamburguesa* na Alemanha, viriam a entravar a ação. A única solução encontrada foi fundar imediatamente a firma *Blumenau & Hackradt*, que ia operar como empresa particular agrícola e industrial. Contando com o beneplácito do Presidente Ferreira de Brito, a firma – de que também fez parte, mais tarde, passageiramente, o comerciante suíço Ulrich Häberle, estabelecido em Desterro – conseguiu adquirir, já em junho, à margem direita do Itajaí, um lote de terra. Novas aquisições feitas de particulares vieram aumentar a propriedade, até 1850, para 155 mil *jeiras*. De conformidade com o que havia sido combinado quando terminou a viagem de exploração, Hackradt permaneceu em Santa Catarina, a fim de desbravar a mata, cuidar de plantações e pastagens, construir uma serraria, comprar mais terras e tomar as medidas preliminares para o acolhimento dos trabalhadores e empregados da firma aguardados da Alemanha. A incumbência do Dr. Blumenau era a de seguir para o Rio de Janeiro e dalí para a Alemanha, a fim de providenciar quanto aos preparativos necessários, angariar imigrantes e preparar o terreno para o seu vasto plano de colonização. Seguiu em julho para o Rio de Janeiro e dirigiu, imediatamente, um requerimento ao Governo. Dr. Blumenau e seu sócio agora não se apresentam mais como uma companhia de sólidos capitais estrangeiros, mas sim, ambos, com uma empresa agrícola e industrial às margens do Itajaí, buscando apoio entre a multidão que costuma apelar para o Governo.

Trabalhos preliminares na Alemanha e às margens do Itajaí - 1848/1852

Depois de uma viagem de dois meses, Dr. Blumenau chegou em novembro a Hamburg, via Amsterdan.

Visitou seus pais em Blankenburg no Harz, e entrou em entendimentos com as autoridades competentes em Berlin, em princípios do ano de 1849. Não encontrou, porém, nenhuma boa vontade e compreensão, nem mesmo no reino de Hannover, em relação ao qual havia alimentado alguma esperança, porque era, em extensão, o segundo Estado do norte da Alemanha.



Peter Lucas (1809-1900)



Dorothea Lucas (1821-1905)

Além disso, sua propaganda verbal e escrita, ativamente promovida, produziu resultados insignificantes. Verdade é que o movimento nacional de 1848 se havia ocupado vivamente também da questão da emigração. Assim, realizou-se em Frankfurt, no outono daquele tempestuoso ano, um congresso com a participação de todas as sociedades alemães de emigração.

Por seu turno, o Parlamento de Frankfurt incluiu no projeto da Constituição do Reich um artigo no teor de que "os assuntos pertinentes à emigração estariam sob o amparo e o cuidado do Reich". Todavia, em virtude da dissolução do Parlamento, cujos remanescentes foram dispersados em Stuttgart, em junho de 1849, pelo poder das armas, tiveram que ser abandonadas todas as aspirações quanto a uma regulação bem planejada e razoável.

Enquanto ascendia o número dos indivíduos desejosos de emigrar, em consequência dos distúrbios, renovava-se e recrudescia a luta entre armadores e agentes de navios estrangeiros e nacionais em torno da presa, que lhes proporcionava enormes lucros. A "exportação" de gente alemã constituía um excelente negócio. Um procurava ganhar a dianteira do outro e todos os recursos eram considerados lícitos. A única transformação que se processou na pátria do Dr. Blumenau, justamente durante sua permanência ali, consistiu em que também as companhias de navegação alemãs entraram a competir, em ampla escala, ao lado dos armadores do Havre, de Dunkerk, Rotterdam, Anvers, Liverpool e London. Era, a princípio, companhias bremenses que, já antes de 1860, levaram de vencida seus concorrentes do Havre; vinham em seguida as hamburguesas que, por sua vez, não tardaram em relegar os bremenses a um segundo plano. Graças a esse tráfico prosperaram, desde 1847, a HAPAG (*Hamburgiscg-Amerikanische Paketfahrt-Aktiengesellschaft*) e o *Norddeutacher Lloyd*, fundado em 1857. O exemplo dado pelo americano Finlay, o mais bem sucedido agente de navegação, demonstra o surto que tomou então essa modalidade de transporte. Fundou ele sua empresa em 1845, com 66 subagências. Segundo revelam fontes americanas, sua organização chegou a transportar, ao todo, 2 milhões de emigrantes, dos quais a maioria deve ter sido alemães. (...)

Tal era o ambiente, em que Dr. Blumenau pretendia manter-se. Compreendemos, pois, as razões de seu insucesso como idealista e adversário de tudo quanto se assemelha ao tráfico de homens e à escravidão. Seus velhos amigos conservaram-lhe a lealdade. Entre os novos que conquistava, eram raros os que pertenciam aos círculos do alto comércio e às esferas governamentais. Faltava-lhe aquilo que lhe cabia apresentar-lhes, isto é, a prova de que os governos no Rio de Janeiro e em Desterro o apoiavam. Pelo contrário, só lhes podia relatar insucessos. Assim, a planejada empresa de colonização não chegou a constituir-se, e de parte alguma se lhe fornecia dinheiro. Para cúmulo de tudo teve de assistir à constituição da sociedade anônima *Kolonisationsverein von 1849*, em Hamburg, sob a direção do Senador Christian Mathias Schroeder, Ad. Schramm e G. W. Schroeder. Contava a sociedade com o amparo do Governo Imperial, concretizado na doação de 12.800 hectares de terras, por parte do Príncipe Francisco de Joinville, cunhado de D. Pedro II. Na respectiva região surgiram a Colônia Dona Francisca e a Cidade de Joinville. Já em fins de 1850 a referida sociedade enviava para lá 124 imigrantes.

A atividade da "sociedade de 1849" correspondia ao que Dr. Blumenau havia ideado ao menos no que diz respeito à orientação de sua propaganda em favor do Brasil em sentido geral. Tal atividade contribuiu, porém, simultaneamente, para prejudicar sua própria empresa, de vez que desviava o elemento humano de que ele necessitava. A concorrência do Chile era mais patente ainda. Dois representantes do citado país andino, Kindermann e Philippi, lograram atrair 250 emigrantes, em sua maioria lavradora e artesãos, que já se haviam comprometido com Dr. Blumenau de embarcar para a Colônia às margens do Itajaí. Restavam-lhe, assim, apenas 17 pessoas – 11 homens e 6 mulheres (2 esposas e 4 filhas). Combinou-se, então, que esse pequeno grupo partisse em junho de 1850, tendo por guia seu sobrinho Reinhold Gärtner.

A viagem foi feita a bordo do veleiro *Emma & Louise*. Em Desterro permaneceram na Alfândega por alguns dias, seguindo, depois, num iate, para Itajaí. Um destes passageiros – Paul Kellner - assim narrou, mais tarde, esta chegada: "A 21 de agosto de 1850, chegávamos a Santos após uma viagem de 72 dias. Alí desembarcaram apenas alguns passageiros, que se dirigiam a São Paulo. De Santos viajamos para Santa Catarina, onde permanecemos alguns dias na Alfândega e, depois, seguimos num iate para Itajaí e, finalmente, pelo rio até *Belchior*, aonde chegamos a 2 de setembro. (NR: segundo Riemer e Hoffmann, dois dos 17 pioneiros, nesta data, um domingo à tarde, eles chegaram foi em Desterro).

Aí veio Hackradt buscar-nos e as nossas malas numa balsa, com dois brasileiros, levando-nos até a *Velha*, pois no *Garcia*, onde hoje assenta a cidade, era tudo mato bruto". Eram estes os 17 primeiros:



Christian Mathias Schroeder (1778-1860)
Senador em Hamburg

- Reinhold Gärtner, 26 anos, lavrador, natural de Braunschweig. Esteve ao lado do tio, Dr. Blumenau, por vários anos, estabeleceu-se depois na povoação de Itajaí, regressou à Alemanha, onde faleceu.
- Paul Kellner, 23 anos, lavrador, natural de Braunschweig. Pouco tempo depois de sua chegada, passou-se para a Barra do Rio, próximo a Itajaí, onde montou um engenho de serra. Quando construía os fundamentos deste engenho, em 1855, foi ferido gravemente por uma flecha dos índios *Botocudo*. Os cuidados Médicos do Dr. *Fritz* Müller salvaram-lhe a vida. Viveu longo tempo e morreu no Rio de Janeiro, para onde se mudara nos últimos anos de sua vida.
- Franz Sallentien, 24 anos, lavrador, também natural de Braunschweig. Poucos anos após sua chegada, mudou-se para a Barra do Rio (Itajaí), estabelecendo-se com um negócio.
- Julius Ritscher, 22 anos, agrimensor, de Hannover. Ficou pouco tempo fazendo o trabalho de agrimensura para Dr. Blumenau; em 1854 já exercia sua profissão no Rio de Janeiro.
- Karl Wilhelm Friedenreich, 26 anos, veterinário, natural da Prússia. Foi o principal colaborador do Dr. Blumenau. Grande amigo de *Fritz* Müller, a quem auxiliou nas suas explorações botânicas nos arredores da Colônia. Reuniu valiosa coleção de borboletas e insetos, mais tarde instalada no Museu Paulista, para onde foi trabalhar.

Faleceu com idade avançada. Na chegada à Colônia do Dr. Blumenau, veio com sua esposa Minna, 24 anos, e suas duas filhas, Clara, de 2 anos e Alma, de 3 meses.

- Daniel Pfaffendorf, 26 anos, carpinteiro, natural da Saxônia. Morreu afogado no Rio Itajaí em 22 de fevereiro de 1852, um ano e meio após sua chegada.

- Friedrich Geier, 27 anos, marceneiro, natural de Holstein. Ficou pouco tempo na Colônia, saindo em fevereiro de 1851. Consta ter havido desentendimento entre Dr. Blumenau e os dois profissionais da madeira, Pfaffendorf e Geier, no tocante a salário.

- Friedrich Riemer, 46 anos, charuteiro, natural da Prússia. Permaneceu com Dr. Blumenau até sua morte.

- Erich Hoffmann, 22 anos, funileiro, também da Prússia. Ficou pouco tempo na Colônia, mudando-se para o Rio de Janeiro, onde se estabeleceu.

- Andreas Kohlmann, 52 anos, ferreiro, idem. Com a esposa Joanna, 44 anos, e suas duas filhas – Maria, 20 anos, e Christina, 17 – poucos meses após a chegada mudou-se para o arraial de *Pocinho*, próximo ao local da fundação da Colônia, e que, por aquela época, já contava com algumas famílias e uma pequena capela.

- Andreas Boettcher, 22 anos, ferreiro, natural da Prússia.

Reinhold Gärtner e os 16 outros imigrantes vieram como operários, empregados e colaboradores do Dr. Blumenau. Já estava quatro anos neste projeto e agora ele se via como um latifundiário para quem a colonização geral representava um problema a ser resolvido mais tarde.

Antes da viagem dos 17 pioneiros, Dr. Blumenau havia redigido, na Alemanha, um extenso relatório que viria a ser publicado ainda em 1850: "O Brasil Meridional em suas relações com a emigração e colonização alemã; fragmentos de notícias, observações e recomendações, principalmente para emigrantes." Trata-se de um livro de mais de 100 páginas densamente impressas, um veículo de propaganda, "deficientíssimo" em sua forma, como ele próprio afirmava pesaroso, em virtude dos embaraços que dificultavam sua redação, porém, quanto ao conteúdo, assaz elucidativo. É o reflexo de experiências de dois anos e de observações criteriosamente feitas no Brasil, bem como uma viva e sincera recomendação em favor das províncias sulinas.

Também antes da viagem dos 17 pioneiros, em 20 de março de 1850, Dr. Blumenau partia de Hamburg em sua segunda viagem ao Brasil. Viagem penosa que durou 84 dias. Na zona de calmaria, ao norte do Equador, o navio ficou detido durante quatro semanas. Esgotara-se a provisão de água potável, que tinha de ser racionada rigorosamente. Sobrevieram tempestades acompanhadas de chuvas torrenciais. Morreram 18 mudas de árvores frutíferas que Dr. Blumenau conduzia consigo. Secaram, além disso, duas terças partes de 250 mudas de roseiras. Ao aportar o veleiro, com um dos mastros quebrados, em 1850, ao Rio de Janeiro, onde então grassava a Febre Amarela, declinara novamente o ânimo do Dr. Blumenau. Via-se ele assaltado por pressentimentos sombrios, que não tardaram a revelar-se como fundados. No escritório da firma *Schroeder & Cia.*, que era de seus amigos, encontrou notícias funestas, das quais algumas se lhe haviam antecipado na travessia do Atlântico. Uma das cartas informou-o da morte do pai, ocorrida duas semanas depois de sua partida. Outra carta vinha de uma jovem que ele conhecera, filha de militar, com a qual pensava em casar-se.



Paul Kellner (1826-1907)
Pioneiro entre os 17

Seu conteúdo dissipou nele a derradeira esperança em desposá-la. Temia ela o país exótico com suas selvas e seus perigos. Essa recusa abalou-o profundamente, tanto assim que só 16 anos mais tarde pensou de novo em contrair núpcias. A terceira carta era de Hackradt, que participava sua intenção de se retirar da firma. Dizia que a serraria estava correndo risco de ser destruída pela enchente, que as tábuas alcançavam apenas preços ínfimos e que seria necessário mais capital para evitar o fracasso total.

A situação do Dr. Blumenau era desesperadora. Dirigiu-se novamente ao Governo Imperial, pedindo assistência. Porém conseguiu apenas a promessa de um empréstimo. Socorreu-o nessa emergência um amigo que lhe emprestou a soma urgentemente necessária, e ele pode, imediatamente, tomar as providências para o prosseguimento da viagem. Conduziu para bordo de um veleiro a bagagem e as plantas que conseguira salvar. Mas a partida do navio foi protelada, em consequência de um temporal, e o Capitão da embarcação recomendou ao Dr. Blumenau que aguardasse em terra a partida, afirmando que o mandaria chamar no tempo devido. Todavia, ao cessar a tempestade, nenhum aviso foi dado ao Dr. Blumenau, que voltou espontaneamente ao embarcadouro, de onde pode ver o navio velejando à distância. Tentou em vão alcançar o veleiro num bote. Somente duas semanas mais tarde conseguiu embarcar num vapor, para passar por uma nova decepção ao chegar em Desterro. Veio encontrar a bagagem jogada num terreiro exposto ao sol e à chuva. As plantas estavam irremediavelmente perdidas e tudo mais em parte seriamente danificado. Ao contemplar esse quadro, Dr. Blumenau chorou de indignação!

Estava-lhe reservado, entretanto, um desapontamento ainda maior às margens do ribeirão da *Velha*, aonde chegou em fins de agosto. Verificou que a serraria estava mal localizada e prestes a ruir. A menor enchente a paralisava. De nove trabalhadores de cor, sete tinham fugido ou se haviam deixado levar pela lábia de vizinhos. Encontrou apenas um preto aleijado e uma preta velha. As plantações eram insignificantes e as pastagens, disponíveis para oito bois de canga extenuados e uma vaca, tinham sido invadidas por ervas daninhas. Antes de partir, em 1848, Dr. Blumenau havia deixado 4.000 *thaleres* com seu sócio, ao qual remeteu mais 1.500 do Rio de Janeiro. Fora gasto todo esse dinheiro. Hackradt manteve-se firme na resolução de se desligar da firma e pediu a restituição de sua quota de capital e uma indenização pelo seu trabalho. Alegou, como desculpa pelo estado das instalações e plantações, a falta de braços aptos, as intempéries e outros contratempos imprevistos.



Cap. Viktor von Gilsa (1821-74)
Militar e Professor

Estes fatos constam, principalmente, de uma carta do Dr. Blumenau, datada de 11 de janeiro de 1854. Não se conhece, infelizmente, nenhuma manifestação da parte contrária. Deve-se ter em mente, entretanto, numa apreciação justa da situação, que a carta foi escrita em estado de profunda depressão moral. Nessa carta se referia, além disso, a desleixo culposo por parte de seu sócio, o que só mais tarde perceberia. Censurava-o, ao mesmo tempo, de ter feito, habilmente, negócios particulares e comprado terras com dinheiro dele, Blumenau, que as teve de adquirir por 1.100 *thaleres*, e observa, na mesma carta, que em 1850 teria dividido com Hackradt os prejuízos, sem discutir, como se ambos fossem irmãos, e que continuaria a estimá-lo e respeitá-lo. Segundo parece, essa atitude não se modificou muito nos anos subsequentes, isto é, depois de 1854, pois os dois homens continuaram a manter mutuamente relações comerciais. Pode-se afirmar, resumindo, que Hackradt havia, efetivamente, lutado com enormes e incalculáveis dificuldades, conforme se pode deduzir da respectiva escrituração. Passara ele por tremendas provações, que o próprio Dr. Blumenau veio a conhecer, na mesma proporção, depois de 1850. Ora, Hackradt não era colonizador, mas comerciante. Assim, notou logo que a empresa não oferecia nenhuma perspectiva de êxito econômico, donde a impossibilidade de levá-la adiante. Por isto tratou, imediatamente, da rescisão do contrato, sem consideração alguma quanto à sorte futura do sócio. Foi para Desterro, onde explorou, no início em sociedade com Andreas Karl Ebel, natural de Meckelemburg, uma máquina de beneficiar arroz e uma pequena charutaria. Em 1857 adquiriu o estabelecimento comercial de Ulrich Häberle. A seu convite, passou a trabalhar com ele, no ano de 1866, seu sobrinho Carl Hoepcke, vindo de além mar como imigrante e que se tornou seu sócio. Em 1871, Hackradt se retirou de todas as atividades, depois de haver exercido, durante longos anos, o cargo de Cônsul eletivo da Prússia. Faleceu em 1887, deixando grande fortuna. Já em 1880 a firma era a mais importante de Santa Catarina, sob a denominação de *Carl Hoepcke S.A.*

A empresa *Blumenau & Hackradt* foi dissolvida em 15 de outubro de 1850, e em dezembro o Dr. Blumenau pagou ao seu ex-sócio o capital inicial de 2.800 *thaleres* a título de compensação pela direção dos trabalhos preliminares.

Poucos dias depois do Dr. Blumenau chegavam às margens do ribeirão da *Velha*, em 2 de setembro de 1850 (sic), Reinhold Gärtner e seus 16 imigrantes. Os recém chegados foram alojados em dependências precariamente preparadas. Começou então uma época de trabalho o mais árduo. O estado de alma em que se encontrava o colonizador, que então contava 30 anos de idade, ele próprio o descreve:

"Desmoronaram todas as minhas esperanças. Ruiu por terra o que construí. E aquilo, pelo que tanto arrisquei, sacrifiquei e padeci, meus planos de colonização, encontra-se a uma distância quase que inatingível. Foi um período lastimável. Disso poupe a Providência qualquer outra pessoa honesta".

A impressão de ser um falido representava para ele um fardo pesadíssimo. Todavia, nada lhe restava fazer senão perseverar e cuidar antes de tudo, das 17 pessoas que haviam atendido ao seu chamado e dependiam de sua direção. Passaram, assim, quatro meses, em que foram tomadas as providências mais urgentes. Pelo fim do ano Dr. Blumenau apressou-se em ir ao Rio de Janeiro. Era a única parte donde podia vir a salvação. Entregou a direção da empresa a Reinhold Gärtner, que cumpriu fiel e cabalmente suas difíceis obrigações e registrou em um diário as ocorrências mais importantes e as observações meteorológicas.

Dr. Blumenau teve que vencer inúmeras resistências no Rio de Janeiro, pois a Capital era o campo de ação preferido pelos aventureiros, entre os quais não eram poucos os indivíduos que "colonizavam", ou pretendiam "colonizar", e que molestavam as autoridades com suas propostas e seus pedidos.

Teve de lutar durante quase meio ano, mas venceu afinal. Um compatriota seu acudiu-o de novo com dinheiro, e outros, que igualmente se convenceram de sua probidade e perseverança, aplanaram-lhe os caminhos que conduziam a altos funcionários e mesmo ao Imperador. D. Pedro II deu-lhe provas de compreensão e benevolência, resultando daí, finalmente, um empréstimo do Governo no montante de 10 contos de réis. Foi o primeiro sucesso que o encheu de justificado regozijo. Verdade é que o empréstimo vinha aumentar consideravelmente o fardo de suas dívidas; salvava-o, entretanto, do descalabro inevitável.

Tratou então de adquirir tudo de que necessitava urgentemente: colméias, 75 mudas de árvores frutíferas do sul da França e aparelhos e utensílios para um engenho de produção de açúcar de cana, aguardente, álcool e alguns outros produtos, tudo no valor de mais de 3 contos de réis. Queria com isso dar uma nova base econômica à sua empresa. Carregou tudo num veleiro, que ele seguiu, algo adoentado, a bordo de um vapor, com destino a Santa Catarina, como eram designados, naquela época, principalmente a Ilha e Desterro. Para Dr. Blumenau, Desterro sempre significou, e continuou a significar no futuro, um lugar de fracasso e desventuras. Pouco antes da entrada no porto, o brigue, que havia carregado mercadoria no valor de 20 contos de réis também para um comerciante alemão, foi detido por um cruzador inglês. Estribados no já citado "Bill Aberdeen", de 1845, os ingleses vindicavam-se o direito de sequestrar qualquer navio suspeito de servir de tráfico de escravos, não só em alto mar, como também em águas territoriais, portos e rios brasileiros, prendendo os traficantes, bem como os escravos já embarcados, e levando-os perante um tribunal britânico. Consideravam pirataria o tráfico de escravos. Afirmou o comandante do cruzador que os papéis de bordo não estavam em ordem, declarando ser o brigue um navio de piratas e determinando que a embarcação fosse conduzida à base naval de *Santa Helena*. Nada se sabe do que aconteceu posteriormente. Ficou confirmado apenas que o brigue afundou.

Ou foi posto a pique e que do carregamento que lhe pertencia, Dr. Blumenau nada mais salvou que uma caixa com plantas e duas colméias. Foram baldados os esforços no sentido de obter uma indenização dos ingleses. Não foi a única vez, como veremos mais adiante, que Dr. Blumenau sofreu seriamente, como indivíduo alheio, em consequência de desinteligências internacionais.

Como se não bastasse tanto infortúnio, a enchente destruíra, em março, a serraria e causara outros danos. Perdeu-se também parte do gado. Em julho, Dr. Blumenau retornou às margens do ribeirão da *Velha*. Alcançou-o, nessa ocasião, a notícia da morte de sua mãe. Essa perda foi-lhe particularmente dolorosa em sua solidão. Causavam-lhe apreensão as notícias da guerra da Tríplice Aliança do Brasil, Uruguai e Entre Rios contra a Argentina do ditador Rosas. A contenda, que se iniciou em maio de 1851 e durou até 1852, tinha de desviar os imigrantes do Brasil. Em compensação, favorecia-o a circunstância de poder dispor da parte que lhe tocara dos bens deixados pelos pais. Estava ele, assim, em condições de empregar em seu empreendimento, ao todo, 16.000 *thaleres*, ou seja, 48.000 *marcos*, incluídos os investimentos anteriores, soma apreciável, se considerarmos o valor da moeda naquela época.

Essa melhoria de sua situação financeira e a certeza de que contava com a confiança do Governo Imperial induziram-no a começar, finalmente, a colonização. Fora divulgado na Alemanha, já em 1851, seu segundo folheto de propaganda intitulado “Leitende Anweisungen für Auswanderer nach der Provinz Santa Catharina” / “Instruções orientadoras para emigrantes com destino à Província de Santa Catharina”. Todavia, esse ano rendeu-lhe apenas 8 ádvenas. Em 21 de agosto de 1852, porém, chegou o primeiro grupo mais numeroso de imigrantes, o que deu motivo a que Dr. Blumenau tratasse, imediatamente, de repartir os primeiros lotes de terras, todos ao longo do ribe*irão Garcia*.

Em 24 de agosto, Dr. *Fritz* Müller e seu irmão August tomaram posse de duas “colônias”, pelas quais pagaram um preço módico, e em 28 de agosto realizou-se o “leilão” das “terras de distribuição gratuita”, isto é, a venda de mais 10 lotes de terras, que abrangiam, em média, 181 *jeiras*. A fim de facilitar aos compradores a atividade inicial, Dr. Blumenau lhes exigia apenas uma espécie de taxa de reconhecimento, além de estabelecer condições de pagamento suaves. Cada lote era avaliado em 10 mil réis. O lance não podia ser inferior a 500 réis. As despesas cobradas para medição, desmatamento e estampilhas importavam em 7.660 réis por lote. Apresentaram-se como compradores exclusivamente “colonos” que haviam chegado em 21 de agosto com os irmãos Müller. Nenhum dos que haviam imigrado anteriormente participou deste leilão.

Dr. Blumenau considerava o dia 28 de agosto como o da fundação da Colônia, aliás, do seu ponto de vista, com razão, pois aquela maior parte que chegara dois anos antes já havia se retirado. Tanto assim que, em 1877, ele comemorou com seus colonos o 25º aniversário da Colônia. (Em 1899, uma comissão nomeada pela Câmara Municipal resolveu preparar as solenidades comemorativas do cinquentenário da fundação da Colônia e resolveu fixar a data de 2 de setembro como a da fundação).

As terras marginais do ribe*irão Garcia* eram vulgarmente conhecidas por *Die Kolonie* / *A Colônia*, para distinguí-las do *Velhapast* / *Pasto da Velha*, como se designavam as lavouras e construções às margens do ribeirão da *Velha*, pertencentes ao *Kolonieunternehmer* / *Empresário da Colônia*, como o próprio Dr. Blumenau se intitulava, e de *Stadplatz* / *Zona da Cidade*, que compreendia uma larga faixa de terra junto ao Grande Rio, entre a foz do ribeirão da *Velha* e o *Morro do Aipim*, e que, conforme revela o nome, reservou-se para a construção da futura cidade. Essas distinções se faziam ainda durante longos anos, até que, com a exploração de novas terras, a designação de Colônia ou, para uso externo, Colônia Blumenau, passou a valer para toda a região colonizada pelo Dr. Blumenau. O termo *Stadtplatz* era ainda usado geralmente pela geração precedente, tornando-se raro ouví-lo cem anos depois. Por conseguinte, se o ribeirão da *Velha* pode reclamar para si a glória de ter sido o ponto de partida dos trabalhos do colonizador na floresta virgem, cabe reconhecer que o ribe*irão Garcia* constitui a célula da Colônia.

O título honorífico de primeiro colono pertence a Dr. Blumenau. O segundo, a Dr. *Fritz* Müller, no lote 1; o terceiro, August Müller, no lote 2; seguindo-se, sucessivamente, os 10 colonos frequentemente citados: Hesse, Hahn, Josiger, Klinger, Hahnemann, Seiffert, Gebien, Erhardt, Spless e Leuthäuser. Constituem eles o verdadeiro tronco dos colonos blumenauenses.

Segundo o plano de 16 de março de 1848, Dr. Blumenau previra que o número de habitantes em 4 anos chegasse, no mínimo, a 1.500 pessoas. O resultado foi que final de 1852 este número estava em apenas 104. Mas ele se mostrava satisfeito, assim mesmo; a Colônia era pequena, porém “sua”: “Minha Colônia poderá e deverá tornar-se um refúgio para imigrantes de língua alemã e de origem germânica que, com o suor do seu rosto, procurem o seu ganha-pão e um futuro garantido e sem preocupações para si e seus filhos. A privilegiada situação natural da Colônia promete ali a formação de uma comunidade florescente e próspera!”

Luta árdua pela Colônia particular – 1852/1859

Nada caracteriza melhor a índole do Dr. Blumenau do que a luta que travou durante os 7 penosos anos que, como particular, dirigiu e manteve a Colônia. Tinha de defender-se contra a inclemência da natureza, contra os índios, contra insuficiências humanas reveladas pelos colonos, contra a inveja de elementos há mais tempo aqui domiciliados, contra a pouca compreensão do Governo provincial e a reserva discreta dos governos de Estados alemães, contra a hostilidade dos próprios patrícios e, incessantemente, contra a opressora e perigosa falta de capital. Era uma luta pertinaz, que punha à mais dura prova a perseverança, a perspicácia, a bravura e o senso de responsabilidade do Diretor da Colônia.

Ele sabia de antemão que não seria fácil dominar a natureza bravia das selvas. Tinha-se predisposto para as dificuldades. Havia apenas um fator com que não podia contar de antemão. Eram as enchentes devastadoras a que se achavam expostas principalmente a sede e suas cercanias. Uma das mais penosas provações dessa natureza Dr. Blumenau a experimentou em 1855. Um de seus ex-colonos, Paul Kellner, fora atacado pelos bugres no dia 9 de novembro, junto ao Itajaí-mirim. Dr. Blumenau visitou o homem gravemente ferido e pretendia regressar em 17 de novembro, quando se armou, do lado do mar, um violento temporal acompanhado de chuvas torrenciais, que só cessaram depois de três dias. No decurso de 36 horas as águas do Itajaí subiram 63 *palmos*, ou seja, perto de 14 metros, desbarrancando as margens e devastando as plantações e as instalações.

[4] In allen Buchhandlungen ist zu haben

Süd-Brasilien

in seinen Beziehungen zu deutscher Auswanderung und Kolonisation.

Abgerissene Nachrichten und Bemerkungen besonders für Auswanderer

von

Dr. Hermann Blumenau,

ehemals praktischem Chemiker, jetzt Kolonisten am Rio Itajahy in der brasilianischen Provinz Sta. Catharina.

Nebst einem Anhange.

Preis ½ Rℓ.

Ferner: Desselben Verfassers

Leitende Anweisungen für Auswanderer

nach der Provinz

Sta. Catharina in Süd-Brasilien.

Preis 5 Gr.

Die deutsche Kolonie

BLUMENAU

in der südbrasilianischen Provinz

Sta. Catharina,

am schiffbaren, großen Itajahy-Flusse in 8 Meilen Entfernung von der See, über 155,000 preuß. Morgen groß.

Eine genaue Beschreibung für Auswanderungslustige.

Preis 2½ Sgr.

Da der Unternehmer selbst und seine nächsten Nachbarn, sowie die Auswanderer, welche sich zum Theil schon eingefunden und für die nächste Zeit angemeldet haben, sämmtlich Deutsche und Protestanten, und für Kirchen und Schulen in der Kolonie beträchtliche Ländereien ausgesetzt sind, welche deren Errichtung und Unterhaltung sicher stellen, so finden protestantische Einwanderer ihre Interessen in Bezug auf religiösen und Schulunterricht auf das Beste gewahrt. Ein Auszug aus dem Koloniestatute, welches dem Kolonistenverband freie Selbstverwaltung ihrer inneren Angelegenheiten garantirt, ist dem Programm beigefügt. Nähere Auskunft wegen Ueberfahrts-Gelegenheit ertheilen die HH. Chr. Matth. Schröder & Co. in Hamburg, und G. Froebel in Rudolstadt.

---

(4) A ser adquirido em todas as livrarias - O BRASIL DO SUL e suas relações com a emigração e colonização alemã. Breves notícias e observações para emigrantes, de Dr. HERMANN BLUMENAU, ex-químico praticante, atualmente colono no Rio Itajaí, na Província Brasileira de Santa Catarina, incluindo um Anexo. Preço: ½ RT (*Reichsthaler*).

Do mesmo Autor: Guia de Recomendações para Emigrantes rumo à Província de Santa Catarina no Sul do Brasil. Preço: 5 *Groschen*.

A Colônia Alemã de BLUMENAU na Província Sulbrasileira de Santa Catarina, situada às margens do grande e navegável Rio Itajaí, a 8 milhas de distância do Oceano, com mais de 155 mil *jeiras* prussianas. Uma descrição detalhada para interessados em emigrar. Preço: 2 ½ *Groschen*.

Acervo / *Sammlung* B. K. Kadletz

Os danos causados em toda a extensão do rio foram avaliados em 60 a 80 contos de réis. Dos milharais, feijoais e batatais mal restaram 4%, e dos mandiocais e canaviais mal 25%. As sementes necessárias para as novas semeaduras Dr. Blumenau fê-las vir da Ilha de Santa Catarina e do Rio de Janeiro. Os preços dos gêneros de primeira necessidade subiram extraordinariamente. Dr. Blumenau teve novamente de acudir a seus colonos, fazendo-lhes consideráveis adiantamentos, a fim de evitar que perdessem totalmente o fruto do seu labor de longos anos. Todos os seus cálculos redundaram em nada. Ele, pessoalmente, sofreu sensíveis prejuízos, como se deduz de sua própria narrativa:

"Uma casa minha, construída numa bela ponta de terra, em que moravam meu guarda-livros e jardineiro, carregou-a o furor do elemento desencadeado, com todo o seu conteúdo de livros, instrumentos, mercadorias e outras coisas de valor pecuniário, e muitos objetos de lembrança e recordação, que me foram muito caros, e não na restituíram. Não se salvou coisa alguma da casa, senão algumas pesadas ferramentas, e por sorte verdadeiramente especial, um tubo de ferro, que continha algum dinheiro; todos os meus títulos de terras se perderam, o meu guarda-livros valeu-se do domingo para passear rio abaixo e ir ver a sua namorada, e o jardineiro, para divertir-se. Ambos, por causa da tempestade e chuva contínua, só voltaram depois da catástrofe, em que comigo perderam quase todas as suas roupas, etc. A casa estava rodeada pelo meu jardim e este desapareceu quase completamente, e com ele se foi o único recreio a que podia entregar-me e que me permitia, porque meu modo de vida era o mais econômico possível e às vezes até avarento, para não me privar, por despesas inúteis, dos meios de continuar minha empresa. Não sou, ordinariamente, muito mole, todavia não pude deixar de chorar como uma criança, ao ver as cenas de destruição, em toda a parte, no momento da minha volta. Desde o meu regresso da Alemanha havia gasto bastante dinheiro e trabalhava com imensa paciência e aflição para trazer a este sertão tudo o que podia alcançar de útil, interessante e belo no reino vegetal, tanto da Europa como do Rio e de Santa Catarina, e depois de muitas experiências inúteis tinha chegado, enfim, a aclimatizar aqui muitas plantas exóticas, árvores frutíferas, as mais belas plantas ornamentais, e só do Rio trouxe em julho mais de 400 espécies novas. Possuía um grande viveiro de árvores frutíferas para distribuição aos colonos, com milhares de exemplares; o jardim era lindo e floresciam as mais belas rosas, etc., na minha partida; refugiava-me nele, quando me sentia cansado, triste e oprimido – e quando voltei, tinha desaparecido tudo e não havia senão um barraco desabado e uma praia de areia! Em todo o comprimento do rio e em partes muito mais expostas não foi demolida nem uma só casa, mas a minha devia ir-se embora por inteira e o meu único recreio e divertimento que me podia permitir, foi-me levado como por ironia pela mão maldosa dum mau gênio, ensinado *ad hoc*. – Além dessas perdas maiores sofri ainda diversas outras de menor alcance pela morte do gado, destruição de ranchos e casas de abrigo para os colonos recém chegados e de mantimentos, e, indiretamente, pela necessidade de perdoar quase a todos os meus colonos os juros de suas dívidas, etc., somando-se assim os meus prejuízos em 3,5 a 4 contos de réis, antes mais do que menos. Não posso avaliá-los com exatidão, pois com os demais objetos perderam-se todos os meus livros de contas, de pequenos créditos, etc., que estavam aos cuidados do meu guarda-livros. Enfim, fui sujeito ainda a tantos abalos espirituais e morais e duras fadigas corporais, que fiquei doente por algumas semanas, pois de 18 meses para cá minha saúde esteve combalida e meu corpo negava-se muitas vezes a sujeitar-se a minha vontade."

Como ocorrera em relação às asperezas da região inculta, Dr. Blumenau havia subestimado também o perigo representado pelos aborígenes. Não eram *Comanches* guerreiros, não eram índios do Texas, porém legítimos filhos da floresta virgem, que, a sua maneira, defendiam dos adventícios intrusos a terra ancestral, por meio de incursões e assaltos aos colonos que habitavam em lugares isolados. A primeira incursão deu-se a 28 de dezembro de 1852, no ribeirão da *Velha*. Dr. Blumenau encontrava-se em Desterro e recebeu a notícia por carta enviada pelo Prof. Ferdinand Ostermann:

Velha, 29 de dezembro de 1852.

Mui prezado senhor Doutor.

"Um importante acontecimento obrigou-me a escrever-lhe esta carta. Ontem à tarde, depois da hora de descanso e de haver tomado café, fui ao jardim para plantar feijão enquanto os meus companheiros Schramm e Toepsel se ocupavam em limpar as suas espingardas e carregá-las de novo.

Enquanto estavam nesse mister, ainda gracejavam, dizendo: "Agora estamos preparados para receber os bugres caso eles venham nos atacar".

De repente, ouviram gritos saídos da roça de mandioca. Schramm foi ao dormitório, que ficava em cima, para ver o que se passava e viu três bugres no alto, ao lado do rancho de secar tijolos e telhas. Tomou rapidamente da espingarda carregada e correu em direção aos bugres. Estes recuaram um pouco. Neste momento, aos chamados de Schramm, deixei o jardim e entrei em casa. Schramm procurou, então, falar aos bugres, por mímica, largando a espingarda no chão e mostrando-lhes um ramo verde como sinal de paz. Os três bugres conferenciaram entre si. O cacique, que se achava dentro da plantação e dali dirigia o assalto, ordenou-lhes e mais a outros bugres que se achavam escondidos, que atacassem a casa e os moradores. Os bugres avançaram e Schramm levantou a arma do chão. Nesse ínterim, Toepsel havia carregado as restantes espingardas. Eu e a criada Lisette, que estava muito assustada, apressamo-nos em ir de canoa até a embocadura do *Garcia* para chamar os homens ali ocupados nas roças. Na *Velha* achavam-se no momento do assalto só quatro homens. Embarcamos na canoa sete homens, entre os quais *Fritz* Deschamps e Friedenreich. Os restantes seguiram por terra até a *Velha*. Quando chegamos perto do lugar do assalto, ouvimos alguns tiros. Schramm e Toepsel tinham recuado de propósito até ao sótão da casa nova para animar os bugres a se aproximarem. Existia pouca pólvora e chumbo; era preciso ganhar tempo até que chegassem os homens do *Garcia*. Cinco bugres aproximaram-se apressadamente da casa e entraram na sua sala, examinaram a mobília e começaram a carregar, com grande alegria, tudo quanto achavam bom. Ressoou, nesse momento, um tiro, partido do sótão da casa e um dos bugres foi ferido no ombro. O ferido e os demais assaltantes, com gritos e lamentos, abandonaram precipitadamente a casa, entrando na roça de mandioca. Enquanto fugiam, atiravam muitas flechas, visando os atacantes das janelas da casa, felizmente sem ferir ninguém. Schramm e Toepsel atiraram também contra os fugitivos, ferindo dois deles. Um caiu, mas auxiliado por seus companheiros pode entrar na roça de mandioca, e dali, no mato. Como já fosse noite fechada, deixamos de perseguir os bugres.

Os homens que comigo tinham vindo do *Garcia*, chegaram pouco depois da fuga dos bugres e pernoitaram conosco na *Velha*. Perto da casa e nas imediações da roça, encontramos quatro arcos e oito flechas. Ao romper do dia 29 principiamos, com a assistência de Schramm a perseguir os bugres. Entrando no mato, logo atrás da plantação de mandioca, achamos um bugre ferido, sem sentidos e em estado gravíssimo. Mandei, sem demora, chamar o Sr. Friedenreich para ver o moribundo. Antes, porém dele chegar, o bugre morreu. Era uma figura alta, robusta. Tinha aproximadamente 20 anos e, no lábio inferior um pedaço de madeira, característico da tribo dos *Botocudo*. Transportamos o cadáver e demos-lhe sepultura. Avisei o comandante do destacamento dos soldados de *Belchior* para mandar percorrer os vales da *Velha* e do *Garcia*. Comunicando esses fatos, observo que aqui continuamos sempre com coragem e trabalhando para adiantar a Colônia."

Seguiram-se, até 1883, no tempo do Dr. Blumenau, no mínimo ainda 11 incursões e, posteriormente, até a pacificação do último bugre por Eduardo de Lima e Silva Hoerhann, no ano de 1914, pelo menos mais 48 ataques em toda a região do município, sem mencionar os desassossegos que se estendiam, às vezes, por semanas e meses. Foram mortos, ao todo, 41 brancos e feridos 22, dos quais muitos vieram a falecer posteriormente, em consequência dos ferimentos recebidos. Perderam-se rebanhos inteiros de gado vacum e equino. Reproduzimos aqui, em seu original, a descrição de um desses assaltos, o de janeiro de 1856, feita pelo próprio Dr. Blumenau:

"Dois colonos recém chegados, ambos pais de família, foram surpreendidos e assassinados pelos bugres em pleno dia e numa distância de apenas 20 *braças* da próxima casa. Quando cheguei ao lugar do desastre, foi terrível a cena que se me deparava, talvez a mais dolorosa de toda a minha vida passada. Os cadáveres dos pobres assassinados estavam horrivelmente mutilados a golpes de machado, e sobre eles prostravam-se as pobres viúvas, erguendo-se apenas para cobrir-me de vitupérios, que teria eu a culpa da morte dos seus maridos, mandando-os persuadir a virem a um país tão inóspito e inseguro, e reclamar de mim, para si e seus quatro órfãos, o pão de cada dia que os seus maridos lhes teriam ganho pelo trabalho. Deus, na sua bondade, queria preservar-me de ver mais uma vez tal cena!"

Foi esse o golpe que mais profundamente atingiu Dr. Blumenau, pois ele cuidava dos colonos como um pai zela pelos seus, e a muitos chamava de amigos. Assim consta do relatório de 1855:

"Considero minha Colônia como se fosse meu próprio filho. Como tal velarei por ela e cuidarei dela, enquanto meu espírito e meu corpo constituírem uma só unidade. Serei um amigo leal e simpatizante de todos aqueles que confiarem em mim e que aderirem a mim."

Muitos o desapontavam, como já sabemos, retirando-se da Colônia. Dos 309 imigrantes tinham-se mudado, até fins de 1854, ao todo, 67. Portanto, aproximadamente 22%. O que isso significa pode-se avaliar das asseverações de antigos colonos, segundo as quais, "todos eles se teriam retirado, se dispusessem então de dinheiro e se tivesse sido possível."

Relaciona-se talvez com isso a pouca compreensão e interesse que ainda muito tempo depois de sua partida os habitantes da Colônia e do Município votavam aos desígnios do Dr. Blumenau, interpretando mesmo erroneamente seu caráter e seu modo de agir. Viam nele, frequentemente, um homem mesquinho e amargurado – o profeta que nada valia em sua própria terra.

Como profeta de um futuro maior e mais belo para a Província de Santa Catarina, de uma era sem escravidão, em que colonos, artífices, industriais e comerciantes teutos encontrassem, no gozo da tolerância espiritual e religiosa, a felicidade, pelo trabalho e pela disciplina, fraternalmente unidos aos descendentes de açorianos e portugueses, como cidadãos de um país livre, com paridade de direitos e deveres, o colonizador era também antipatizado por muitos elementos há mais tempo aqui radicados que, além disso, o tinham por suspeito. Desde o início registraram-se atritos com proprietários de terras, possuidores de títulos de concessão mais antigos, porém duvidosos, na região da Colônia. Tais terras não eram exploradas e embaraçavam assim o progresso. Esses proprietários exigiam, em parte, preços exagerados pelas terras, e Dr. Blumenau, comprando-as, podia contar que, por sua vez, também o Governo exigiria o respectivo pagamento. Tratou, então, de evitar demandas em torno da legitimidade da posse. Tais ações seriam fastidiosas e redundariam em intrigas e inimizades, pois os prejudicados tê-lo-iam acusado de estar "espoliando os filhos do país do que era deles, em benefício de estrangeiros".

No contornar paulatinamente tais dificuldades temos a prova de sua paciência e da compreensão dos proprietários de terras.

De outra natureza e talvez mais sérias fossem as "vozes de alguns nativistas míopes", que pintavam "o espantalho da hipertrofia dos alemães e do perigo daí decorrente para a integridade do Império". Dr. Blumenau julgava-os politicamente "por demais impotentes para exercerem influência sobre as decisões e os esforços do Governo". Cônscio de sua probidade pessoal, e conhecendo suficientemente seus patrícios para saber que, em sua grande maioria, jamais se tornariam culpados de infidelidade ou mesmo de traição para com sua pátria adotiva, ele por certo se excedia ao generalizar, designando tais opiniões como sendo de "nativistas míopes". O país ainda se ressentia das várias tentativas de ocupação por parte de estrangeiros. Era, portanto, absolutamente compreensível que mesmo homens sérios e de vistas largas se manifestassem contra a imigração. Não queriam expor nem mesmo ao menor risco a segurança adquirida. Tal possibilidade, porém, tinha de existir para aqueles que desconheciam as intenções tanto do Dr. Blumenau como dos imigrantes teutos em sua totalidade, e, ainda, o conceito alemão que distingue entre origem étnica (*Volkstum*) e cidadania (*Staatsangehörigkeit*), distinção essa que se não conhece entre outros povos que sempre tiveram a felicidade de viver reunido, dentro de um Estado nacional único, como Portugal e Espanha. Só a experiência colhida nas décadas subsequentes teve o condão de convencer disso os habitantes mais antigos.

Para grande desvantagem do Dr. Blumenau, figurava entre os céticos Dr. João José Coutinho que, como Presidente, guiou os destinos da Província entre 1850 e 1859. Manteve-se ele, excepcionalmente, por longos anos no seu posto, pois a Província se via prejudicada, em geral, na época do Dr. Blumenau, com a contínua substituição dos seus altos funcionários. Contou ela, nesses 38 anos, nada menos que 57 presidentes, dos quais, na realidade, alguns ocuparam o cargo repetidas vezes. Dr. Coutinho conquistou mérito duradouro. Era um homem escrupuloso e cônscio de seus deveres. Pôs e manteve em ordem o Tesouro da Província. Executou numerosas obras públicas, tendo em mira, sempre, o bem estar da coletividade.

Também a vida cultural se viu beneficiada por esse espírito progressista. São suas criações a *Biblioteca Pública* em Desterro, a *Escola de Aprendizes Marinheiros*, o *Liceu Provincial* (onde lecionou Dr. *Fritz* Müller), e o *Colégio das Irmãs de Caridade*. Todavia, Dr. Blumenau não logrou obter seu apoio, ou então apenas uma assistência bem fraca, nem provocar seu interesse por uma colonização em bases amplas. Em inúmeras conferências havidas um não chegou a convencer o outro. Na opinião do Dr. Blumenau, Dr. Coutinho teria admitido se possível fosse, unicamente portugueses e ilhéus ou, quando muito, outros estrangeiros e, no tocante a elementos alemães, apenas Católicos, sob a condição, porém, de abandonarem seus filhos, imediatamente, a língua alemã. A imigração de Protestantes (credo a que pertenciam quase todos os primeiros colonos blumenauenses) era por ele considerada francamente perniciosa e nociva ao país, de vez que constituiria o germe de futuras discórdias.

A atitude do Presidente influiu nas autoridades subalternas, que negavam justiça ao Dr. Blumenau, mesmo nos casos mais flagrantes, indo a ponto de pouco se importarem com as advertências do Juizo de Direito, desmoralizando-o perante o povo, que se habituava a transgredir as leis. Diante disso, parte dos colonos se julgou autorizada a chicanar com Dr. Blumenau e, mesmo, a lesá-lo em seus direitos. Em março de 1857, fazendo, sem comunicação prévia, uma visita à Colônia, Dr. Coutinho deixou ali a impressão de um profundo desapontamento. Apesar de insistentes rogos, ele se demorou apenas hora e meia, sem demonstrar algum interesse. Dr. Blumenau foi surpreendido, quando jantava carne seca e feijão à brasileira, trajando à moda da roça. Os colonos estavam entregues ao seu labor, de maneira que se oferecia ocasião propícia para conhecer a Colônia em sua faina quotidiana e investigar *in loco* a improcedência de boatos detratores. O colonizador registrou pesaroso uma decisão injusta e uma observação pouco amável, bem como o fato de que, na mesma ocasião, o Presidente permanecera mais de dois dias em visita à Colônia de Dona Francisca.

Em tais circunstâncias, o Governo provincial de 1850 a 1859 tinha de ser, sem dúvida alguma, o mais sério empecilho para a prosperidade do empreendimento. Na reserva das autoridades alemãs, Dr. Blumenau via um obstáculo análogo.

Da proposta Harkort, aprovada em 3 de junho de 1861 pela Câmara dos Deputados da Dieta Geral da Prússia, ressalta a objeção que, por princípio, se fazia na Alemanha contra a imigração para o Brasil. (...)

Dr. Blumenau combateu esta portaria ministerial, apaixonadamente, até os últimos dias de sua vida, considerando-a a "prova mais característica de miopia e ignorância, de inércia mental e de arrogância, para não dizer, de malevolência dos estadistas e da burocracia prussiana em relação a tudo que dizia respeito às questões de imigração e colonização". (...)

Para Blumenau, vieram da Alemanha, desde 1850 a 1859, ao todo 929 pessoas; de 1860 a 1881, um total de 7.258; e, de 1889 a 1895, 1.628. (Os dados referentes ao período de 1882 a 1888 foram extraviados). Verifica-se, pois, após a promulgação da portaria impedindo a imigração, esta foi 3,5 vezes mais elevada que a do decênio anterior! (...)

A animosidade a que Dr. Blumenau se achava exposto na Alemanha partia, pelos fins da primeira metade do século XIX, segundo seu próprio relato, principalmente do Cônsul geral Sturz. Tal animosidade cessou, porém, em consequência do primeiro reconhecimento público de sua atividade. No ano de 1859, o *Freies deutsches Hochstift / Instituto Livre Alemão de Alta Cultura*, da Casa de Goethe em Frankfurt, conferiu ao Dr. Blumenau o título de membro honorário e mestre. Consta do respectivo diploma, em que são realçados os seus méritos, que seu nome foi registrado no livro de honra do povo alemão, "cujo maior orgulho e cuja maior glória consistem em realizações do espírito, no enobrecimento da humanidade mediante a divulgação das ciências, das artes e da ilustração em geral."

O *Hochstift* pediu, sobretudo, sua colaboração "em assuntos pertinentes aos setores da Economia Política e da Geografia, a que se devotava com grande sucesso."

Quase que simultaneamente, ainda em 1859, processou-se, em Desterro, uma transformação em seu favor, pelo termo do mandato de Coutinho. O novo Presidente da Província considerou sua Colônia "a mais bem administrada, cujo proprietário cuidava, de maneira tão patente, a par do próprio interesse, do da coletividade."

Entretanto, na Colônia, as coisas continuavam a apresentar um aspecto desolador. As dificuldades econômicas aumentavam incessantemente. Deixavam de serem atendidos os relatórios minuciosos e requerimentos dirigidos às autoridades competentes, em que Dr. Blumenau solicitava assistência, uma "esmola" de um a 10 contos. Foram debalde inúmeras viagens. De quando em quando surgia nele a idéia – que ele comunicava também ao Governo – de abandonar para sempre o país, ao qual devotava grande afeição e pelo qual havia derramado seu suor, a fim de transferir-se para uma das colônias portuguesas na África, para as Filipinas ou para as Índias, onde encontraria campo mais grato para a sua atividade. Todavia, o Marquês de Abrantes dissuadiu-o desse plano. Por fim – nos seus momentos de desespero, quando pensava em "encerrar essa conta de miséria e infortúnio com o puxar do gatilho" – ele se recordava de sua mãe, do seu dever e de sua honra.

O mencionado auxílio do Governo Imperial consistia além do empréstimo de 10 contos de réis concedido no ano de 1851, num contrato celebrado com Dr. Blumenau no mês de abril de 1855, em que o Governo se obrigava a conceder novo empréstimo, porém de 85 contos de réis, a juros de 5%, a ser entregue em 7 prestações, sendo a primeira de 25 contos de réis, pagável após um ano, e as demais de 10 contos de réis, pagáveis nos anos sucessivos. Em compensação, Dr. Blumenau assumiu o compromisso de atrair, no transcurso de 10 anos, 4.000 imigrantes, domiciliando-os aqui e fornecendo-lhes, nos primeiros meses, gêneros de primeira necessidade e utensílios; abrir estradas para Itajaí, Lages e Curitibanos; construir pontes; trazer para a Colônia um Pastor Evangélico e um Médico e de tomar várias outras providências. O contrato era desvantajoso e oneroso para Dr. Blumenau; era um acordo "a todo preço". Além disso, a sanção de alguns dispositivos foi procrastinada até, no mínimo, 1856. Dr. Blumenau teve, porém, de concordar com as cláusulas, de vez que não via outra saída. E assim lançou-se com ardor às novas tarefas. Já em 1855 ele enviava Reinhold Gärtner à Alemanha, a fim de angariar mais gente. Tratou, além disso, de divulgar ali novos impressos de propaganda.

Nos anos subsequentes Dr. Blumenau chegou à convicção de que a Colônia não podia ser mantida como empreendimento particular. Ante as necessidades crescentes seu capital era exíguo demais, o auxílio do Governo incerto e o fardo das dívidas e dos juros opressor. Diante disso resolveu, em 1859, transferir a Colônia para o Governo.

Após demoradas negociações, que se estenderam por mais de 7 meses, ele atingiu seu objetivo. Em 10 de dezembro de 1859, o Governo Imperial baixou a respectiva ordenança e em 11 de janeiro de 1860 deu o Governo provincial de Santa Catarina conhecimento do convênio firmado. Assim, a Repartição das Terras Públicas tomou conta de todos os bens de raiz do colonizador, isto é, terras numa extensão de 23,75 *léguas* quadradas (exceto alguns terrenos às margens do ribeirão da *Velha* e junto ao *Salto*, o pontal defronte do porto – *Schärfeneck* / *Ponta Aguda* e *Morro do Aipim*, compreendendo ao todo cerca de 8.500 *jeiras*), bem como todas as edificações, estradas, pontes, cemitérios, áreas para igrejas e escolas, plantações, e os débitos dos colonos para com Dr. Blumenau, num montante de 40 contos de réis. Tudo foi ajustado na base de 120 contos de réis, embora os bens todos tivessem sido avaliados em 146 contos. Descontou o Governo, entretanto, 85 contos de réis de empréstimos, de modo que para Dr. Blumenau sobrou o saldo de 35 contos de réis.

Vê-se que Dr. Blumenau não fez bom negócio, porquanto mal recuperou o capital investido. Sob a impressão das condições do contrato, escreveu algo resignado, ao seu secretário, informando-o que ficaria apenas com as propriedades do *Salto* e do ribeirão da *Velha* e que teria, com certeza, de comprar de novo o terreno de sua própria casa.



Johann Jakob Sturz (1800-77)
O agente inimigo / *Der Feindliche Agent*

Afinal de contas esse ajuste não prejudicou o que já havia sido realizado. Sua aventura arrojada se tornara realidade, a continuidade da Colônia estava, finalmente, garantida e as preocupações de ordem financeira ja não mais o atormentavam. O Governo votou verbas para uma colonização em escala ampla e reconheceu as realizações do Dr. Blumenau, nomeando-o Diretor, enquanto prosseguisse a obra colonizadora, tornando-o, assim, independente da facção político-partidária então dominante, e concedendo-lhe vencimentos razoáveis.

Atendendo desejo expresso do Imperador, a novel Colônia governamental conservou a denominação de Colônia Blumenau, em homenagem ao seu fundador.

Diretor da Colônia. Adeus ao Brasil – 1860/1884

Os quatro anos de empresa particular – 1848/1852 – e os sete anos subsequentes de Colônia particular ofereceram ao Dr. Hermann Blumenau múltiplas oportunidades de revelar, "no vendaval do tempo", seu caráter e, notadamente, sua capacidade de sacrificar por uma idéia, com inabalável força de vontade, seu dinheiro, seus bens, a vida e mesmo a honra. Tornou-se tranquila a era que então se iniciou e que durou 24 anos. Amainaram, pouco a pouco, as tormentas. Parecia que havia cessado o poder mágico da posição desfavorável das estrelas na hora do seu nascimento ou de sua chegada ao Brasil, a que ele aludia frequentemente, em tom de gracejo. Desafiavam-no então problemas de outra natureza. O burgomestre, o magistrado e o conselheiro florestal inatos nele tiveram missões a cumprir. Era ele funcionário ao qual cabia administrar e ampliar, por ordem do Governo, uma comuna que estava ainda em sua primeira fase evolutiva.

Não nos compete tratar aqui pormenorizadamente da maneira pela qual essa atividade foi exercida e dos princípios e processos nela evidenciados. Todavia, o leitor apreciará, sem dúvida, algumas rápidas indicações relativas aos respectivos resultados.

Ao acampar o Governo a Colônia, em 1860, o número de seus habitantes era de 947, quase todos alemães natos ou de origem teuta, e Evangélicos. Em abril de 1880, ao ser instalada a administração municipal, o número de habitantes subira a 14.981, e, em 1884, ao retornar o fundador da Colônia, definitivamente, à sua terra natal, estimava-se a população entre 17 e 18.000 almas. Ao elemento de origem alemã juntaram-se, pela primeira vez, durante a Guerra do Paraguai, brasileiros de ascendência lusa. Eram simples habitantes da costa, que afluíram em grande número, subtraindo-se, assim, ao recrutamento e estabelecendo-se ao longo do rio *Morto*. A partir de 1875 apareceram grupos de italianos e, principalmente, tiroleses do Sul que falavam italiano. Segundo várias estimativas feitas, 70% dos habitantes falavam alemão, 18% italiano, 10% português e 2% outros idiomas. Cerca de 61% professavam o credo Evangélico e 39% eram Católicos romanos. Ao surto econômico correspondia, assim, uma modificação notável na composição da população, segundo origem e confissões.

Outros fatores do progresso da Colônia são encontrados na respectiva direção criteriosa entregue ao seu experimentadíssimo fundador, na capacidade e operosidade dos colonos, que constituíram aquém mar um novo lar e que exploravam a terra úbere, sem exaurí-la por meio de devastações, bem como na alta compreensão do Governo Imperial, circunstância esta que, às vezes, deixa de ser mencionada, embora, a partir de 1860, o Governo se tivesse revelado extraordinariamente liberal. Despendeu a Colônia, até abril de 1880, um total de 2.338 contos de réis, dos quais apenas 618 contos constituíam adiantamentos a colonos e créditos agrícolas a serem restituídos. Se considerarmos que Dr. Blumenau administrou a empresa particular e a Colônia, nos 12 anos de privações que se estenderam de 1848 a 1859, com seus 18.000 *thaleres* e 85 contos de réis recebidos de empréstimo, infere-se que, como Diretor, lhe era dado fazer obra administrativa em bases consideravelmente mais amplas e mais salutares e com vistas voltadas para objetivos grandiosos. Para ele constituía, sobretudo um dever valer-se das possibilidades assim oferecidas. Conhecendo bem os homens, foi feliz na escolha dos seus colaboradores. Relativamente a Reinhold e Victor Gärtner já estamos informados. Hermann Wendeburg era guarda-livros e Diretor interino; Hans Breithaupt e Emil Odebrecht eram agrimensores; Heinrich Krohberger era hábil construtor; Theodor Kleine, secretário; Karl Wilhelm Friedenreich, primeiro Juiz de Paz; Louis Sachtleben, subdelegado; e Theodor Schroeder, fiscal.

Dr. Bernhard Knoblauch desempenhava o nobre mister de Médico da Colônia e Pastor Rudolf Oswald Hesse o de primeiro Pastor Evangélico. A paróquia católica fora confiada ao Padre Anton Zielynski e, em 1876, ao ilustrado Padre Josef Maria Jacobs. As primeiras escolas era dirigidas por Ferdinand Ostermann, segundo o que pode ser verificado até hoje, e mais tarde por Viktor von Gilsa e Apollonia von Büttner. Finalmente não devemos nos esquecer de mencionar nessa relação os irmãos Dr. *Fritz* e August Müller que, sem que ocupassem cargos especiais, prestaram notáveis serviços ao colonizador, sempre dispostos a ajudá-lo em seus esforços pela elevação do nível cultural e econômico de sua gente. A maioria desses homens tem sua memória perpetuada, graças aos seus descendentes, no Vale do Itajaí e em outros pontos do país.

É difícil verificar se, e a que ponto, Dr. Blumenau ofereceu aos seus colaboradores ensejo para influírem em suas decisões. Em caso afirmativo, tudo indica, porém, que o fez dentro de limites restritos. Estava ele, em todo o caso, formalmente adstrito apenas a instruções oficiais, também na qualidade de Diretor, até 1865. Somente durante sua ausência, que foi de vários anos, o Ministério competente baixou, em 9 de janeiro de 1867, talvez atendendo a sugestões suas, um regulamento para a Colônia, de acordo com o qual foi criado um Conselho Colonial composto de 7 membros, o qual passou a funcionar a partir de 5 de novembro de 1867 e constituiu, com a participação do Diretor ou seu substituto, a primeira autoridade administrativa. Segundo informa Gernhard, Dr. Blumenau punha e dispunha até aí, como ditador, sendo que nesse particular sua Colônia se distinguia fundamentalmente da de Dona Francisca. A partir de 1870 manifestou ele o desejo de preparar, gradativamente, o terreno para a autonomia administrativa e, a seguir, para a emancipação da Colônia.

Não obstante Dr. Blumenau haver agido algo autoritariamente, isso não impediu que fossem aproveitadas, cuidadosamente, todas as possibilidades que se ofereciam para o fomento da comunidade, frequentemente em melhores condições que em outras colônias, onde as resoluções eram precedidas de prolongadas discussões, sem que sempre fossem concretizadas. A energia e a boa vontade desse homem na direção da Colônia muito contribuíram para que esta fosse considerada modelar e se conferisse, tempos depois, ao Município o título honroso de Município padrão.

Esse surto evolutivo foi assinalado por alguns marcos, tais como a fundação da *Kulturverein / Sociedade Cultural* em 1863, segundo o exemplo de Joinville, mais acertadamente denominada de *Associação Agrícola*, que estimulou a lavoura e o artesanato, graças à introdução de gado reprodutor e de plantas, e por meio de conferências e duma biblioteca selecionada; a exposição realizada no ano de 1875 na sede da *Sociedade de Tiro ao alvo / Schützenhaus*; a constituição, em 1878 – como consequência da crescente independência das empresas privadas – da *Companhia Fluvial a Vapor Blumenau – Itajaí*, que pôs em serviço um vapor que ostentava o significativo nome de *Progresso*; e, em 1880, a inauguração da malharia dos irmãos Hermann e Bruno Hering, com o que se deu início a hoje florescente indústria do Vale do Itajaí.

As atividades de ordem cultural e social não ficaram, entretanto, em plano secundário. Surgiram, segundo as necessidades, em número crescente, escolas primárias e igrejas. Nesse particular, Dr. Blumenau não se furtava a sacrifícios pessoais, estimulava os colonos no sentido de prestarem contribuições individuais e obtinha, com habilidade, consideráveis recursos dos poderes competentes. Embora, em sua maioria, as escolas satisfizessem apenas às necessidades mais imediatas e a vinda de mestres para o ensino da língua do país estivesse ligada a dificuldades quase insuperáveis, rarissimamente eram encontrados analfabetos entre os colonos, nem mesmo entre seus descendentes aqui nascidos. Era natural que o nível de instrução das crianças fosse inferior ao de seus pais vindos do além-mar. Mantinham, no entanto, um nível cultural que lhes facultaria, aos da nova geração, melhorá-lo, à medida que seu padrão de vida o favorecesse. Ora, exatamente isto é preponderante nas regiões de colonização, onde as bases materiais da civilização têm de ser criadas, por assim dizer, do nada.

As necessidades de ordem social eram satisfeitas por agremiações que surgiam aos poucos, precedidas pela *SchützenGesellschaft / Sociedade de Tiro ao Alvo*, fundada em 2 de dezembro de 1859, aniversário do Imperador. Causa estranheza o fato de se publicar na Colônia um jornal só depois de decorridas três décadas da fundação da mesma. A lacuna era preenchida pelo *Kolonie Zeitung*, que se publicava, desde 1863, em Joinville e que era, simultaneamente, o órgão de Blumenau. No ano de 1871, Bernhard Scheidemantel se estabeleceu com uma litografia e a partir de 1881, Hermann Baumgarten fez circular o *Blumenauer Zeitung*. Dois anos mais tarde surgiu o *Immigrant*, de propriedade de Scheidemantel. Presumimos que Dr. Blumenau não tenha dado importância à Imprensa, procurando, assim, evitar a formação de partidos. A política, "essa obsessão maldita", na expressão de Lucas Alexandre Boiteux, só penetrou nessa comunidade com a circulação de jornais e em consequência da instalação do Município.

A obra administrativa foi interrompida por vários anos, a começar de 1865. A emigração alemã com destino ao Brasil declinou, entre 1863-64, repentinamente, para 1/10 do contingente dos anos precedentes, em parte devido à guerra entre a Prússia e a Dinamarca, em 1864. E desde fins de 1864 o próprio Brasil se encontrava envolvido num conflito armado com o Paraguai, outra circunstância que tinha de criar uma situação desvantajosa. Acrescia a isso que Dr. Blumenau havia deixado de cumprir uma cláusula importante do contrato firmado em abril de 1855. Em vez dos 4.000 imigrantes estipulados haviam aportado aqui apenas 2.179, ao expirar o contrato em fins de 1864. Deu-se, assim, que seus desejos se harmonizassem com os do Governo Imperial, que lhe conferiu poderes especiais para promover na Alemanha publicidade em prol da imigração para o Brasil e remover obstáculos existentes. Para tal fim foram-lhe concedidos os recursos financeiros necessários. Assumiu ele, assim, o exercício de um cargo idêntico ao ocupado em 1843-59 pelo Cônsul geral Sturz, seu adversário. Wendeburg substituiu-o na direção da Colônia.

Dr. Blumenau iniciou a viagem à Alemanha em 18 de março de 1865, partindo do Rio de Janeiro. Chegou à terra natal, após 15 anos de ausência, viajando pela Espanha, onde tinha de cumprir uma missão especial, e pela França. Sem perda de tempo meteu mãos à obra, comunicando-se, verbalmente e por escrito, com autoridades e particulares, entabulando negociações. Fez publicar artigos de propaganda do Brasil e de sua Colônia.



Hermann Wendeburg (1826-1881) e família
Fiel assistente do Dr. Blumenau

Contestou afirmações errôneas e malévolas de agentes de outros países, ao lado dos quais ele se apresentava, formalmente, como agente brasileiro. Reuniu num memorial as idéias que então lhe povoavam o cérebro. Trata-se de um opúsculo datado de 1867, impresso em Hamburg e destinado aos ministérios daqueles Estados alemães em que a emigração para o Brasil era dificultada por regulamentos de exceção e dispositivos especiais. Nesse memorial expôs o problema em todos os seus aspectos, conforme o entendia.

Fala Dr. Blumenau como fundador e Diretor de sua Colônia, refere-se às opiniões encomiásticas sobre sua atividade manifestadas pelo Imperial Ministério da Agricultura do Brasil e por diplomatas e cônsules alemães, bem como ao prêmio extraordinário recebido, pouco antes, na Exposição Internacional de Paris, frisando que o não inspirava nenhum móvel egoísta. Salienta, em seguida, as "intenções realmente benevolentes do magnífico soberano brasileiro e do grupo de estadistas clarividentes do Império, que desejavam, com vivo interesse, precisamente a imigração alemã, para a qual tendiam sua simpatia e seus favores especiais", por verem nela "um elemento portador de cultura e que a disseminaria no país", estadistas esses, que nem sequer desejavam que o imigrante renegasse sua língua. Múltiplas falhas na continuidade da execução e desacertos na escolha dos meios e das personalidades, bem como inegáveis insucessos de alguns empreendimentos colonizadores levados a efeito sob a proteção do Governo ou com sua aprovação apenas demonstram que nem sempre existiam os recursos apropriados e as pessoas indicadas para tal fim e que, em muitos casos, eram trazidos para cá os piores imigrantes. Certos usos e legislações brasileiras, sobretudo referentes à vida religiosa e outras pertinentes ao casamento, apontadas, não sem razão, pelas autoridades alemãs, seriam alteradas de acordo com as próprias necessidades do país. Por outro lado, Dr. Blumenau não quer, de maneira alguma, reconhecer "o bem intencionado desígnio" que orientou os governantes alemães, quando da aprovação de dispositivos que restringiam a emigração. Tais dispositivos equivalem, "em seus efeitos reais, a uma proibição decisiva e sem exceção", além de serem unilaterais, porquanto milhares e milhares de alemães padeceram igualmente em outros países e mais ainda que no Brasil, sem que tais países, por exemplo, os Estados Unidos da América do Norte, a Austrália, a Rússia ou a Argélia, tivessem sido atingidas por disposições análogas. Retificam-se, rigorosamente, inverdades com relação ao Brasil divulgadas na Alemanha. Expõem-se, igualmente, as possibilidades oferecidas aos colonos no Brasil, principalmente nas províncias sulinas de clima ameno. As consequências prejudiciais das disposições alemãs são realçadas claramente. O memorial termina com a seguinte solicitação: "Condescenda Vossa Excelência em providenciar para que sejam anuladas as determinações excepcionais vigentes contra a emigração para o Brasil e para que seja removida a barreira que atualmente se opõe, entre as demais, como a mais embaraçosa e a mais danosa ao incremento da colonização no sul do Brasil."

Nada sabemos de preciso sobre o efeito produzido pelo referido memorial e relativamente aos demais esforços expendidos pelo Dr. Blumenau; podemos concluir, entretanto, de esparsas manifestações posteriores, que ele pouco conseguiu. A portaria ministerial de von der Heydt continuou em vigor e o número de novos colonos chegados ultrapassou, passageiramente, só nos anos de 1868-69, sensivelmente à média, acusando, respectivamente, 1.370 e 980. Os dados estatísticos gerais revelam-se extraordinariamente deficientes justamente com relação a essa época. Por exemplo, a estatística oficial dá, segundo o "Boletim Comemorativo 1908", como chegados no ano de 1869, em todo o Brasil, 375 alemães; Augusto de Carvalho registrou 376, apenas como desembarcados no Rio de Janeiro; e do Registro de Blumenau, que merece fé, constam 980, só para Blumenau.

Vê-se que a única missão diplomática confiada ao Dr. Blumenau não satisfaz no tocante aos respectivos resultados. Não perdeu ele, por isso, a confiança do Governo Imperial, de vez que ela se depositava em sua aptidão de homem prático, e como tal lhe foram conferidas a comenda da Ordem da Rosa e a da Ordem de Cristo, respectivamente em 1867 e 1875, duas altas distinções honoríficas com que foram galardoados os assinalados serviços por ele prestados à sua segunda pátria. O ano de 1867, cheio de fatos notáveis, trouxe-lhe ainda outra prova de reconhecimento. O júri da já referida Exposição Internacional de Paris concedeu-lhe, pelo seu sistema de colonização, um dos 10 grandes prêmios em forma de uma medalha de ouro e da importância de 10.000 francos. No respectivo diploma foi posto em destaque que sua Colônia se distinguira pela imigração voluntária, pela agricultura e pela laboriosidade de seus habitantes. Dr. Blumenau considerava isso como um raio de luz em sua existência. Doou a medalha de ouro ao *Museu Nacional* do Rio de Janeiro e aplicou o prêmio em dinheiro na construção de escolas.

Durante sua permanência em Hamburg resolveu, pela segunda vez, contrair núpcias. Sua escolha recaiu em Bertha Louise Repsold, filha de Georg Repsold, Diretor de uma fábrica de instrumentos astronômicos. O casamento realizou-se na referida cidade, em 21 de março de 1867. Dessa união nasceram quatro filhos, um dos quais veio a falecer em tenra idade. O primogênito, de nome Pedro Hermann, cujo primeiro nome prova a dedicação a Dom Pedro II, nasceu em Hamburg, no ano de 1868. As duas filhas, Christine Amalie e Gertrud Klara Auguste, vieram à luz em 1870 e 1871, na Colônia do pai. A licença do Dr. Blumenau terminou em 1869. Acompanhado de sua esposa e do filhinho, cheio de saudades do Itajaí, de sua selva e da simplicidade dos sítios coloniais, empreendeu sua terceira viagem ao Brasil, que viria a ser a última. Em 23 de novembro chegaram à sede da Colônia, onde passaram a residir em uma velha e modesta casa de dois aposentos.



H. Blumenau (1819-99) e Bertha (1833-1917), no casamento em Hamburg - 21.3.1867.

A Colônia pouco havia mudado de aspecto durante a ausência do Dr. Blumenau. Aumentara, porém, de 3.000 almas, contando cerca do dobro de habitantes que por ocasião de sua partida. Alguns dos colonos haviam atingido a embocadura do rio *Benedito* e do rio dos *Cedros*, regiões que tanto o haviam empolgado. Estava-se na fase do fim da Guerra do Paraguai. Encheu-o de satisfação a partida de considerável número de colonos como Voluntários da Pátria para o campo de luta, sob o comando do Capitão von Gilsa, pondo à prova, como oficiais e simples soldados, seu amor pela nova pátria. E muitos deles não voltaram.

Seguiram-se anos de trabalho intenso e contínuo. À medida que a Colônia se desenvolvia, Dr. Blumenau concentrava sua atenção no objetivo seguinte que era o de obter a autonomia da Colônia e sua transformação administrativa em Município. Sua criação havia atingido a maioridade, cabia, por conseguinte, reconhecer sua emancipação e criar-lhe uma situação em que continuasse a evoluir, pelo próprio esforço. Novas resistências tinham de ser vencidas, mas, finalmente, o Governo provincial cedeu às instâncias do Dr. Blumenau, criando, pela lei de 4 de fevereiro de 1880, o Município de Blumenau, nele incluindo *Gaspar*, e determinando que a sede da administração se instalasse na sede da Colônia. Antes, porém, que a emancipação se tornasse realidade, graças a múltiplos trabalhos burocráticos, o Itajaí revelou novamente sua impetuosidade primitiva. Em setembro de 1880 a água atingiu quase 17 metros acima do nível normal, provocando danos incalculáveis. A residência do Dr. Blumenau foi inundada, chegando a água até a cumeeira. Perdeu-se parte considerável de seus livros e impressos, entre os quais se encontrava a coleção de documentos e apontamentos referentes à imigração e colonização, que ele vinha reunindo desde 1843 e cuja perda parcial significou para ele um golpe duro e penoso. Como sua casa ficasse por longo tempo inabitável, a família se mudou para o prédio da Direção, onde mais tarde se instalou a Câmara Municipal. Ali morou até 14 de agosto de 1882, quando a Sra. Blumenau partiu com destino à Alemanha, acompanhada das duas filhas. Pedro Hermann precedera-as já em 1878, a fim de se preparar para cursar na Alemanha uma escola superior.

Por essa época "Pai Blumenau" andava assoberbado, pois a soma de trabalho era superior à prevista antes da enchente. Realizou ainda três viagens ao Rio de Janeiro, a fim de envidar, até ao extremo, seus esforços e fazer valer seu conselho em prol do Município em formação. Soou para ele, finalmente, em meados de agosto de 1884, a hora de se separar da obra em que empenhara sua vida. Na noite de 14 de agosto visitaram-no uns vinte amigos seus no Hotel *Schreep*, onde se achava hospedado nos últimos tempos. Padre Josef Maria Jacobs pronunciou um discurso, apresentando ao Dr. Blumenau, do fundo da alma, sinceros agradecimentos pela sua ação infatigável e cheia de sacrifícios como fundador e Diretor da Colônia, sua abnegação e seu espírito de justiça, concluindo por dizer, que o futuro haveria de reconhecer melhor seus méritos incontestáveis. Dr. Blumenau ficou visivelmente comovido com essa simples solenidade improvisada. Em sua resposta vibrou a esperança de tornar a ver a todos. Estendeu a mão a um por um e abraçou alguns dos presentes. Despedia-se assim um homem encanecido, algo curvado, menos sob o peso dos anos do que sob o fardo das longas fadigas e das preocupações. No dia seguinte partiu para Itajaí, a bordo do vapor *Progresso*, descendo pela mesma via fluvial em que navegara tantas vezes desde 1848 e cujas margens traziam os vestígios indeléveis de sua obra admirável.

Nada se sabe como decorreu essa viagem. É provável que sua rota o tenha levado a Hamburg, via Rio de Janeiro.

Antes, porém, de reencontrarmos o colonizador em sua terra natal, voltemos a um capítulo de que nos ocupamos atrás apenas passageiramente, isto é, suas relações com o Rio de Janeiro.

Para ele a Capital do Império representava, fora de sua Colônia, o lugar mais importante do Brasil. Ali se encontrava as autoridades a que se achava subordinado, bem como pessoas – brasileiros, alemães e outros estrangeiros – que, mais de uma vez, interferiram decisivamente em seu favor e a quem devia grande parte de seus sucessos. Sem a compreensão, a boa vontade e a confiança dessas personalidades no Rio de Janeiro jamais teria surgido a Colônia de Blumenau, nem o Vale do Itajaí viria a ser o atual centro demográfico de vida intensa e palpitante.

Entre os mais antigos conhecidos do Dr. Blumenau junto à Baía da Guanabara constavam-se os sócios da firma *Schroeder & Cia.*, na qual se destacava o Cônsul hamburguês Hermann Schroeder. Esses homens, que o Dr. Blumenau chamava de amigos desde 1850, prestaram-lhe muitos serviços. É provável que deles tenha obtido, entre 1850-51, ao se encontrar em seríssimas dificuldades por ter-se retirado da empresa Ferdinand Hackradt, os empréstimos referidos atrás.

No ano de 1846, Dr. Blumenau travou conhecimento com Leo von Theremin, Cônsul geral prussiano desde 1844 e homem de notável talento e vasta ilustração que, nas horas vagas, ainda se salientava como desenhista e pintor. Theremin desempenhava papel destacado no seio da Colônia teuta e gozava de grande prestígio na Corte. A princípio ele se conservou arredado do jovem Dr. Blumenau e chegou a provocar a indignação deste, ao recusar seu amparo aos infelizes imigrantes que haviam sido abandonados à própria sorte pela Casa *Delrue & Co.*, de Dunkerk. Não tardou, porém, que se modificasse sua atitude. Podemos concluir, de múltiplas circunstâncias, que Leo von Theremin apresentou Dr. Blumenau ao Imperador D. Pedro II. Os quatro irmãos Avé-Lallemant, naturais de Luebeck, constituíam um grupo à parte. Sobressaíram, em várias oportunidades, nos anos que mediaram entre 1840 e 1870. Louis, que foi comerciante respeitável e que faleceu em 1869, no Rio de Janeiro, era casado com uma brasileira. Friedrich foi, de 1843 até 1848, Pastor da comunidade evangélica. Robert era Médico e membro do Supremo Conselho de Saúde do Brasil.

Era, ainda, viajante e fértil escritor, que publicou, em 1859-60, uma obra notabilíssima em 4 volumes, em que descreveu suas viagens pelo Brasil. Ocupava-se, também, intensamente de assuntos pertinentes à imigração e colonização. Em julho de 1858 visitou Dr. Blumenau às margens do Itajaí e redigiu, nessa ocasião, um relatório pormenorizado e algo pessimista. O mais jovem dos irmãos, Alexander, era Cônsul da cidade hanseática de Luebeck e, como Louis, comerciante e casado com uma brasileira. Um de seus sobrinhos, Heinrich, sepultado em Blumenau em 1888, exercia na Colônia as funções de primeiro Coletor e de Procurador do Dr. Blumenau.

Em seus pendores pelas Ciências Naturais, o colonizador encontrou um colega na pessoa do botânico Dr. Ludwig Riedel, falecido no Rio de Janeiro em 1861, o qual foi Diretor do *Jardim Botânico* e do *Passeio Público*, chefe da secção botânica do *Museu Nacional* e membro do *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Riedel, que, nos últimos anos, parecia "velho e abatido" ao Dr. Blumenau, abastecia a este de sementes e mudas.

Dr. Blumenau manteve estreitas relações, principalmente nos derradeiros anos de sua permanência no Brasil, com Repsold, Gruber, Schmid-Dranmor, Tschudi e Koseritz.

Georg Repsold, seu cunhado, brasileiro naturalizado, era representante da firma Krupp e, lá pelo ano de 1883, presidente da *Sociedade Alemã de Socorro Mútuo / Deutscher Hilfsverein*. Era, na opinião de Koseritz, um desses homens domiciliados no Rio de Janeiro que "pensavam melhor e mais adiantadamente" que a média dos homens.



Bertha Louise e filho Pedro (1869-1917)

O suíço Hugo A. Gruber distinguiu-se como professor de línguas e autor de um compêndio da língua alemã, ao qual estava reservado um extraordinário sucesso, pois as edições atingiram, dentro de 13 anos, um total de 76.000 exemplares. Como redator da *Allgemeine Deutsche Zeitung* e como particular, ele se empenhou vivamente pela imigração e por ela sacrificou dinheiro e saúde. Assim é que em 1875 se desvelou por 500 poloneses, quando do regresso dos mesmos à sua pátria, tratando, pessoalmente, dos enfermos e dos moribundos. Tinha ele em mira iniciar, com a assistência do Governo Imperial, uma imigração européia de grande escala destinada ao Paraná e às províncias centrais. Frustraram-se, entretanto, seus planos de trazer para cá, como primeiras levas, 40.000 teutos das regiões russas do Volga e 30.000 trabalhadores procedentes da Hungria. A "colonização russa" passou para os anais, sem culpa sua, porém, como empreendimento malogrado.

Era compatriota de Gruber e seu sucessor indireto na redação da *Allgemeine Deutsche Zeitung* Ferdinand Schmid, igualmente propugnador da idéia de uma colonização em bases amplas nesta terra. Na vida civil, Schmid era ainda comerciante e jornalista e, além disso, homem viajadíssimo, pensador religioso e panteísta e, talvez, o mais notável poeta da língua alemã que viveu e agiu em solo brasileiro. Usava o pseudônimo Dranmor. Entre os admiradores de sua lírica figurava D. Pedro II. Ao falecer, em 1888, Berna, sua cidade natal, prestou-lhe derradeiras homenagens em funerais solenes.

Fora desse círculo, porém espiritualmente ligado a ele, temos o terceiro suíço, Johann Jakob von Tschudi, 1818-1889. Era um sábio conhecedor das Ciências Naturais e Geógrafo que veio para o Brasil em 1860, realizando então sua terceira viagem à América do Sul, como embaixador extraordinário da Suíça junto à Corte de Dom Pedro II. Reuniu suas observações e experiências, em narrações imparciais, na obra de 5 tomos intitulada *Reisen durch Südamerika / Viagens através da América Meridional*. Nessa obra o autor tratou principalmente das colônias aqui constituídas e muito contribuiu para uma apreciação justa da colonização brasileira. Visitou nossa Colônia em 1861 e manteve amistosa correspondência com Dr. Blumenau.



Bertha Louise e filhos

O último do grupo a ser citado, Karl von Koseritz, permaneceu no Rio de Janeiro, como Tschudi, apenas como hóspede. Esse combativo e liberal rebento da mais antiga nobreza germânica, cuja carreira no Brasil começou como mercenário da legião estrangeira arregimentada contra o ditador argentino Rosas, e que, como jornalista, deputado à Câmara Provincial do Rio Grande do Sul e reconhecido condutor dos sul-rio-grandenses de ascendência teuta, conseguiu exercer uma influência política e cultural jamais atingida, nem anterior nem posteriormente, por nenhum de seus compatriotas, inclusive nos meios brasileiros do Partido Liberal como companheiro de Gaspar Silveira Martins, - sentia-se ligado ao Dr. Blumenau por laços de sincera amizade. Exigia dos imigrantes alemães que se tornassem cidadãos brasileiros; deles e de seus descendentes esperava que cumprissem fielmente seus deveres civis. Combatia, como fazia o Dr. Blumenau, a emigração alemã para a América do Norte.

O rápido esboço que acabamos de oferecer dos amigos do Dr. Blumenau na bela capital do Império, porém tão temida naquela época por causa da Febre Amarela, seria, entretanto, incompleto e unilateral, se não nos referíssemos aqui também às eminentes personalidades no cenário público que obsequiaram o Dr. Blumenau com sua atenção. Desempenharam elas, quase que sem nenhuma exceção, papel destacado na História, tanto assim que ainda hoje são geralmente lembradas e veneradas.

Temos, em primeiro lugar, Miguel Calmon du Pin e Almeida, de quem já falamos atrás. Dele tornou-se tradicional um episódio significativo ocorrido em 1859, em que o Marquês, conversando com Dr. Blumenau, fez, gracejando, alusão a uma condecoração, no intuito, talvez inspirado pelo soberano, de tatear o terreno, ao que Dr. Blumenau, preocupado com outros problemas, replicou, sem querer, de maneira pouco cortês, que preferia receber 10 a 15 contos de réis para sua útil instituição filantrópica. O crachá ficou então à margem por oito anos; todavia, a questão financeira foi resolvida já em 1860.

Cabe investigar mais de perto ainda as relações do Dr. Blumenau com um dos Pais Leme, talvez Pedro Dias Pais Leme, Marquês de São João Marcos (1772-1868), e com o Barão do Rio Branco, por ele chamados, mais tarde, de "velhos amigos"; com Manuel Felizardo de Souza e Mello e o Dr. João Luis Vieira Cansanção de Sinimbu, Visconde de Sinimbu, um dos mais proeminentes políticos favoráveis à substituição do escravo pelo imigrante.

"Velhos amigos", o Dr. Blumenau considerava também ao conhecido diplomata e inteligente patrocinador da atividade cultural alemã, Dr. Egas Moniz Barreto de Aragão e Menezes, desde 1877, Barão Moniz d'Aragão, e Luís Pedreira do Couto Ferraz, Visconde do Bom Retiro, que, como deputado, senador, ministro do Estado e presidente das Províncias do Rio de Janeiro e do Espírito Santo, exerceu grande influência.

Dr. Blumenau gostava de recordar-se, até o fim da vida, do ilustrado engenheiro Guilherme Schuech, Barão de Capanema (1824-1908), de quem ele conservava cartas redigidas em alemão.

Seu superior hierárquico era, até fins de 1875, o conselheiro Ignácio da Cunha Galvão, que ocupava o cargo de agente oficial da colonização. Existia grande simpatia recíproca entre o Conselheiro Galvão e Dr. Blumenau. Este elogiava àquele como sendo "um funcionário e patriota excelente e diligente".

Merecem atenção especial Dr. Alfredo d'Escragnolle Taunay e D. Pedro II.

Visconde de Taunay, autor de *A Retirada da Laguna* e de *Inocência*, intercedeu, frequente e francamente, em favor do Dr. Blumenau e de sua obra. Pelas viagens por ele realizadas e como Presidente da Província de Santa Catarina, 1876-77, "teve ensejo de verificar a importância da imigração e os defeitos que entravavam sua solução." Lutou, desde 1876, por uma solução fundamental do problema e "reclamou largas reformas, para que o imigrante encontrasse no país condições favoráveis a uma vida estável e livre", tais como a grande naturalização, o casamento religioso misto e a liberdade de culto. Onde notava situações inconvenientes, ele as criticava com frequência, sempre empenhado em prestar assim um serviço à Pátria. Em discurso pronunciado perante o Senado, em 1889, referiu-se a 80 pessoas que se haviam retirado de Blumenau com destino à Argentina, "constituindo famílias de gente laboriosa e conceituada, quase toda de Pommern e estabelecida aqui desde 1864-65, isto é, há uns 24 e 25 anos." (...)

Repetidas vezes Taunay se manifestou francamente a favor da colonização alemã. Em 10 de fevereiro de 1882 declarou perante a Assembléia Geral: "Estude-se minuciosamente a influência que o elemento germânico possui nos pontos em que mais se acha representado e não se poderá deixar de admirar os resultados dessa colonização. Basta dizer que cada uma das colônias alemãs representa uma escola prática de amor ao trabalho. A Província de Santa Catarina encontrar-se-ia na maior decadência, se não abrangesse essas colônias maravilhosas de população européia, tais como Blumenau, Joinville e muitas outras." Em 1884 escreveu ele no *Blumenauer Zeitung*: "Sob vários pontos de vista considero a colonização alemã a melhor. Com ela eu desejaria constituir a base da nacionalidade brasileira."

O cavalheiresco descendente de antiga estirpe de fidalgos provençais, que, como patriota brasileiro, escreveu *A Retirada da Laguna*, a epopéia do soldado brasileiro, na língua dos seus avoengos franceses, mantinha íntimas relações com D. Pedro II. É de admitir que, com suas idéias sobre a imigração, ele tenha influenciado o Imperador. Todavia, D. Pedro II era bastante independente para formar juízo próprio sobre o assunto. Assim, ao menos desde 1850, Sua Majestade vinha dedicando ao problema da imigração a atenção que ele merecia. Em audiência concedida, em novembro de 1883, a Karl von Koseritz, D. Pedro deu a entender a este, claramente, sua atitude em relação aos alemães: "Em dois de seus artigos publicados na *Koseritz' Deutsche Zeitung* vossa senhoria foi injusto para



Barão do Rio Branco (1845-1912), velho amigo.
Der alte Freund Barão do Rio Branco.

comigo ao afirmar que sou um adversário da imigração teuta e que essa malquerença já teria atingido a medula dos meus ossos. Ora, isso é uma injustiça, pois vossa senhoria sabe que sempre fui amigo dos alemães." Ao deputado sul-rio-grandense nada mais restou, no ulterior decurso da palestra, senão reconhecer e confessar seu equívoco e pedir desculpas ao seu monarca.

Existem inúmeros testemunhos da benevolência de que D. Pedro II deu provas ao nosso colonizador. Compreenderemos a atitude de D. Pedro e a gratidão do Dr. Blumenau, que levantava os olhos para aquele, qual vassalo em presença do seu soberano, ao considerarmos que existia grande afinidade entre os dois, comprovada em múltiplos traços. Ambos eram sinceros, leais, simplicíssimos em seu modo de viver; repudiavam todo fausto, viviam quase que pobremente, a fim de poderem socorrer o próximo; desprezavam as aparências e palavras ocas e trabalhavam ativa e conscienciosamente, às vezes mesmo com tendências para pedanteria. Também em suas inclinações eles se aproximavam, como, por exemplo, no terreno das Ciências Naturais. Sempre ouvimos Dr. Blumenau falar com alta veneração do seu Imperador e sem a menor nota dissonante que revelasse adulação, o que, aliás, não era do seu feitio. Frequentemente Dr. Blumenau tinha de fazer relatos ao soberano e responder a perguntas deste sobre detalhes. (...)



Ludwig Riedel (1790-1861), Botânico.
L. Riedel, Botaniker.

Foi, portanto, no circulo dessas personagens que, cerca de 1883, vivendo no Rio de Janeiro, se desenrolou o último e mais significativo capítulo da vida laboriosa do Dr. Blumenau nesta sua segunda pátria. Referimo-nos à fundação da *Sociedade Central de Imigração*, portanto a segunda entidade com este título. Em seus *Bilder aus Brasilien / Painéis do Brasil*, Koseritz fala, pormenorizadamente, sobre a origem e os objetivos da sociedade. (...)

Koseritz esperava que o Imperador se manifestasse, nessa ocasião, "franca e lealmente", em favor da imigração européia e contra a asiática. Cabia a ele decidir, pois conseguiria tudo quanto quisesse, uma vez que era, realmente, onipotente. Salientou Koseritz que o julgamento da História dependeria da atitude a ser tomada por D. Pedro II.

Dr. Blumenau introduzira-se, como colonizador, no Brasil, mediante seu audacioso memorial de 16 de março de 1848 e despediu-se, em 1883, com a fundação da *Sociedade Central de Imigração*, que constituiu o testamento colonizador conjunto dos seus três fundadores.

Os 35 anos intermediários foram preenchidos pelos cuidados quotidianos em prol da Colônia. Podia Dr. Blumenau deixar o país plenamente convencido de haver feito, sob as condições mais adversas, o que estava em seu poder.

Epílogo em Braunschweig - 1884/99

Havia Dr. Blumenau atingido 65 anos de idade e sentia a obrigação e a necessidade de cuidar de sua família, e isso tanto mais quanto não havia acumulado bens de fortuna e por não haver sido contemplado com uma pensão, ao se exonerar do cargo de Diretor da Colônia, ocupado durante 22 anos.

Uma vez que os parentes de sua esposa viviam em Hamburg, nada teria sido mais natural senão tratar de se domiciliar igualmente ali. Esses parentes eram, entretanto, abastados, de modo que, a fim de poupar à sua esposa e aos filhos, que haviam sido educados em ambiente modesto, constrangimentos inevitáveis, ele preferiu morar na cidade de Braunschweig. Ali a vida era mais barata que no rico centro comercial de Hamburg. Acrescia a isso que assim ele se encontrava mais próximo de sua irmã enviuvada, Agnes Götter, à qual o prendiam liames particularmente afetuosos. Ela residia perto de Braunschweig, em Wolfebüttel, e mais tarde mudou-se para aquela cidade.

A família Blumenau ocupou a principio, um andar de uma casa sita à *Schleinitzstraße,* de onde se transferiu, tempos depois, para a *Gliesmaroderstraße.* Não chegou a possuir casa própria. A parcimônia ia a tal ponto que ele se dava, de quando em quando, ao único luxo de adquirir um bom livro. Só aos domingos é que fumava um charuto; em dias comuns limitava-se ao cachimbo. Constituía para ele uma alegria especial, quando recebia fumo e palha para cigarros enviados de Blumenau. A surdez cada vez maior e achaques que começaram a manifestar-se no decorrer dos anos prendiam-no em casa, forçando-o a renunciar a todo convívio social. Viajava pouco. Há notícia apenas de uma viagem a Berlin e de uma excursão, em companhia da família, a Wieda, perto de Walkenried. Não chegou a rever Hasselfelde, sua cidade natal, e jamais conheceu a cidadezinha de Egeln, de onde era originária sua família. O que continuava a fasciná-lo em intensidade inalterada era a flora. Travou relações de amizade com o inspetor do jardim botânico da *Escola Politécnica* de Braunschweig.

Foi felicíssimo na vida conjugal. A Sra. Bertha Blumenau, que era 14 anos mais nova que seu marido, sobreviveu-lhe e



Karl von Koseritz (1830-1890).
Liberal da antiga nobreza germânica.

veio a falecer só em 1917, como matrona veneradíssima. Os filhos foram educados com carinho e rigoroso esmero. Pedro Hermann Blumenau, com 10 anos em 1878, fora de Blumenau para Hamburg a fim de ser educado ali. Estudou mineralogia. Entre 1895 e 1904, foi Diretor de uma mina em Pachuca, no México. Casou-se, nessa época, em New York, com a filha de um promotor de Mecklemburg. Em 1909, Pedro Hermann voltou a Blumenau onde na ocasião fez a doação à cidade do *Morro do Aipim*, última propriedade existente e havida por herança. Viria a falecer em 1917, aos 48 anos de idade, vítima de uma pneumonia.

Christine, a filha mais velha do Dr. Blumenau, ficou solteira. Viveu em Braunschweig, onde cuidava da mãe e zelava pelo espólio manuscrito do seu pai. Escreveu uma encantadora biografia de seu pai. Visitou a cidade de Blumenau por duas vezes: em 1909, na companhia do irmão, e em 1937, acompanhada de sua irmã Gertrud.

Gertrud, a mais jovem das filhas, casou-se em 1898, com o comerciante hamburguês Hugo Sierich e sempre viveu em Hamburg, onde enviuvou em 1917. Durante a 2ª. guerra mundial sua casa foi destruída por bombas aéreas e grande parte das recordações de seu pai foram ali perdidas.

Dr. Blumenau teve quatro netos, filhos de Pedro Hermann e da senhora Sierich, e três bisnetos. Faleceu em 30 de outubro de 1899.



Visconde de Taunay (1843-1899)



Visconde de Sinimbu (1810-1907)





Dom Pedro II (1825-1891)

Diploma conferindo o título de Cavalheiro da Ordem de N. S. Jesus Cristo, por Dom Pedro II a Dr. Blumenau, em 23 de junho de 1875.

Diplom des N. S. Jesus Cristus Ritterordens, an Dr. Blumenau von Kaiser D. Pedro II am 23.Juni 1875 verliehen.

ACERVO / *SAMMLUNG* A. H. BLUMENAU

Allgemeine Auswanderungs-Zeitung.

Ein Bote zwischen der alten und neuen Welt.

Unter Mitwirkung
der Herren
Dr. Büttner und Tr. Bromme
redigirt von
G. M. v. Roß.

Mit Karten, Plänen und Illustrationen.

Vierter Jahrgang. — Erstes Semester.



Zu beziehen durch
alle Postämter und Buchhandlungen
namentlich durch:
Schünemanns Buchhandlung in Bremen.
Max Kornicker's Buchhandlung in Antwerpen.
A. Bädeker in Rotterdam.
Rudolph Garrigue in New-York.
Roland & Detharding in St. Louis.
Eggers & Co. in Cincinnati.
Dieselben Handlungen übernehmen auch Insertions-Aufträge

Preis vierteljährlich ¾ Rth. = 1 fl. 20 Xr.

☞ Alle Einsendungen unter der Adresse des Verlegers: „G. Froebel in Rudolstadt." — Original-Beiträge werden auf Verlangen anständig honorirt.

№ 15. Rudolstadt, den 2. Februar. 1850.



[4] Nach **Rio Grande do Sul** und
anderen brasilianischen Häfen
expediren die Herren C. M. SCHRÖDER & CO. in Hamburg
allmonatlich wenigstens ein Passagierschiff, zunächst
am 16. April
das schöne, in dieser Fahrt rühmlichst bekannte, dreimastige Schiff
EMMA & LOUISE, Capt. Haeslop,
und werden die nachfolgenden Schiffe rechtzeitig bekannt gemacht. — Näheres bei genanntem Hause und beim
Allgem. Ausw.-Bureau in Rudolstadt.

Jornal Geral da Emigração - Um mensageiro entre o Velho e o Novo Mundo. A comprar em todas as agências postais e livrarias.

(4) Pelo menos um navio de passageiros mensal para o Rio Grande do Sul e outros portos brasileiros é enviado pela empresa C. M. Schröder & Co., partindo de Hamburg. Próxima saída em 16 de abril, no belo e famoso navio de 3 mastros EMMA & LOUISE, Capitão Haeslop. Outros navios serão anunciados em breve. Maiores informações nesta empresa, assim como no Escritório Geral de Emigração de Rudolstadt.

Acervo / *Sammlung* B. K. Kadletz





Braunschweig, 1892

Bodas de Prata do Dr. Blumenau.
Sentados, no centro, Bertha (1) e Dr. Blumenau (2).
Por trás, esq./dir., Gertrud (3, filha), Pedro Hermann (4, filho) e Christine (5, filha)

Silberhochzeit, Dr. Blumenau.
Sitzend, in der Mitte, Bertha (1) und Dr. Blumenau (2). Hinten stehend, v.l.n.r.,Gertrud (3, Tochter), Pedro H. (4, Sohn) und Christine (5, Tochter).

Ao lado, última imagem do Dr. Blumenau, c. 1899.

Letztes Bild Dr. Blumenaus, ca. 1899.

Photo Joseph Raab, Braunschweig Acervo / *Sammlung* A. H. Blumenau



Alemanha, c. 1910

Bertha Louise Repsold (22.10.1833 - 31.10.1917) em companhia de seus filhos e netos. Esq/dir: Hugo Sierich (genro), Gertrud (filha), Hermann (neto), Gerda (neta), Bertha (esposa Dr. Blumenau), Pedro Hermann (filho), Gertrudes (nora), Werner (neto) e Christine (filha).

Deutschland, ca. 1910

B. L. Repsold in Begleitung ihrer Kinder und Enkel. Von l.n.r.: Hugo Sierich (Schwiegersohn), Gertrud (Tochter), Hermann (Enkel), Gerda (Enkelin), Bertha (Ehefrau von Dr. Blumenau), Pedro Hermann (Sohn), Gertrudes (Schwiegertochter), Werner (Enkel) und Christine (Tochter).

Photo Jos. Raab - Braunschweig Acervo / *Sammlung* A. H. Blumenau



Escondida entre latadas de roseiras e de buganvilias, à sombra de palmeiras exóticas, trazidas de várias partes do mundo, ressumando felicidade, a doce felicidade de um lar acalentado pelo amor, a casa em que Dr. Blumenau residiu entre 1869 e 1880 era uma das mais modestas da Colônia. A enchente de 1880 submergiu-a, danificando grandemente além dos móveis, os livros e papeis do fundador.

Verborgen zwischen Rosenhecken und Bouganvilleas, im Schatten der aus aller Welt eingeführten exotischen Palmen, war zwischen 1869 und 1880 das Haus der Familie Blumenau eines der bescheidensten der Kolonie, das wahre Sinnbild eines von Glückseligkeit und Liebe umwobenen Heimes. Die große Flut von 1880 setzte das Haus unter Wasser und zerstörte, außer Mobiliar, sämtliche Bücher und Papiere des Gründers.

José Ferreira da Silva

Blumenau, c. 1880

Rua das *Palmeiras* / Palmenallee

Acervo / *Sammlung* A. H. Blumenau

Christine Amalie Blumenau

Christiane (Christine) Amalie Blumenau, a filha mais velha (Blumenau, 10.2.1870 – Braunschweig, 14.10.1938), permaneceu solteira por toda a vida. Viveu em Blumenau até aos 12 anos, quando dois anos após a enchente de 1880 foi para a Alemanha com a mãe e irmã Gertrud. Antes de falecer deixou uma biografia sobre seu pai, publicada em livro de Hermann von Freeden e Georg Smolka – Auswanderer / Emigrante.

O jornal Blumenauer Zeitung *publicou em 1929 um depoimento de Christine onde ela falava de seu lar em Blumenau.*

Pequeno era o nosso lar, pequeno e muito modesto, em que nosso pai levou a nossa mãe em novembro do ano de 1869. Ele tinha muito pezar, por não poder oferecer a ela uma casa melhor, porque na casa grande que seu pai possuía em Hamburg, ela fora muito mimada. Por mais de 4 anos nosso pai esteve ausente de Blumenau e neste tempo a casa ficara abandonada, dando muito trabalho para refazê-la depois. Nosso pai tinha a intenção de construir uma linda casa no *Morro do Aipim*, que pertencia a ele. Plantas desta casa ainda existem e se ela fosse realizada certamente teríamos lá uma casa grande e bonita. Mas o tempo passou, a construção nova não se realizou e os meios financeiros foram utilizados em outros fins. Nossa mãe sabia tornar agradável o ambiente em redor dela e alí ela se sentiu muito bem, apesar da solidão. Que vida feliz nós levávamos neste lar, que era um paraíso para nós crianças, não só a casa como tudo ao redor dela.

A casa era de um andar e sem porão, mas tinha um fastígio em cima dos quartos. Como era comum, devido ao calor nos países tropicais, e também em Blumenau, as salas eram separadas da cozinha por um corredor, aberto nos dois lados. Havia dois aposentos na frente da casa, que serviam de sala de estar e quarto para dormir; um terceiro quarto fora construído quando a família aumentou, era mais ao alto e tinha degraus, formando assim um pequeno porão. A casa era forrada com largas ripas de madeira deixando o ambiente aconchegante. As vidraças eram protegidas do sol por janelas pintadas de verde. A construção atrás da casa se compunha de uma grande cozinha e uma grande e bonita sala de refeição, na qual as crianças tinham os brinquedos e onde nós mais parávamos. Nos fundos tinha mais dois quartos e isto era tudo. Muito interessadas e um pouco com medo observávamos os lagartos de mais de um metro de comprimento que saíam e entravam na parte de baixo da casa.

Meu irmão, Pedro, com apenas 10 anos tinha ido para a Alemanha para educar-se. Mas eu e minha irmã crescemos em liberdade, tanto quanto naturalmente nos era permitido. Meu pai era muito rigoroso no que tocava à obediência e ao cumprimento dos deveres. Brincávamos nos pastos e acontecia vermos macaquinhos saindo da mata. Também passavam pelas estradas tropas de gado. Admirávamos, do jardim, como os tropeiros, nos seus trajes pitorescos atiravam seus laços em derredor das tropas.

Tão modesta como os aposentos era também a pouca e escassa mobília, tudo muito aconchegante. Lembro-me ainda do bonito sofá de couro onde, sentado, meu pai, de noite, costumava ler seu jornal, tendo ao lado minha mãe em uma poltrona, sempre ocupada com alguma coisa na luz de uma lâmpada. Acompanhada do harmônio ela nos alegrava com lindos cantos. Nas paredes estavam as fotografias dos parentes mais próximos de nós.



Christine Blumenau



Gertrud Blumenau

Além de uma mesinha para costurar, um armarinho e cadeiras, não havia mais nada na sala. A casa achava-se longe da estrada no meio de um jardim e aí nosso pai procurava descanso do trabalho e da fadiga do dia. Muitas vezes nós íamos chamá-lo para as refeições na *Casa da Direção* e ele só saía quando tinha acabado o serviço. Este jardim era o *hobby* do nosso pai e lhe despertava o maior interesse. Ainda me lembro com que alegria todo domingo de manhã ele apanhava as flores que depois minha mãe arranjava em lindos ramalhetes em cestas de arame dentro de vasos com água. Deleitava-se com os perfumes das Rosas, sua flor predileta, principalmente as vermelhas escuras e as amarelas claras. Nosso jardim era mesmo uma jóia da qual se podia encantar.

Grande amizade unia papai ao sábio suíço Johann Jakob von Tschudi. Há muitas cartas trocadas entre os dois. E como ele, de 1859 a 1861, foi encarregado dos negócios da Suíça no Rio, visitou, por esse tempo, papai em Blumenau. Ele reputou o jardim de papai de Jardim Botânico, e assim ele entrou na enciclopédia. A enchente de 23 de setembro de 1880 destruíu-o completamente.

Nosso terreno era baixo, de sorte que ali as águas se juntaram por mais tempo e por muito mais tempo permaneceu a vaza que, amontoada com uma espessura de um pé, matou quase todas as plantas. As que não morreram logo foram apodrecendo. Foram tempos horríveis para papai e não menos para minha mãe que, muitos meses depois sentia ainda as consequências dos sustos e dos trabalhos por que passara. Nós, irmãs, felizmente, não compreendíamos toda a extensão do perigo. Era antes, para nós, uma agradável surpresa sairmos de canoa pela janela para chegarmos ao vapor *Progresso*, que navegava pelas ruas da Vila e que, por ordem de papai, nos devia levar para o escritório da Direção. Só nos preocupávamos que o vapor não abalroasse algumas das palmeiras plantadas por papai na alameda. Nossa casinha estava mergulhada até o telhado, avistando-se apenas a cumieira. Ficou, por muito tempo, imprestável para ser habitada, de sorte que nos últimos dois anos, até nosso regresso à Alemanha, em 14 de agosto de 1882, moramos na *Casa da Direção*. Dois anos mais tarde, a 15 de agosto de 1884, papai deixou definitivamente Blumenau, e, a 20 de setembro, partindo do Rio, o seu querido Brasil.

Retorno ao jardim de nossa casinha. De todos os países estrangeiros foram buscadas estas preciosas plantas e cultivadas. Não só aqui no seu jardim meu pai plantou suas plantas favoritas como também no jardim do seu sobrinho Victor Gärtner.

O amor para com a natureza veio dele para nós e se eu soubesse pintar faria um belo quadro deste jardim. Uma cerca coberta de lindas trepadeiras o rodeava. Rosas vermelhas subiam para o lado da estrada. Jasmim com bonitas flores brancas como estrelas tirando os talos deixavam cair uma seiva leitosa. Dracenas e arbustos em flor por trás e por cima entravam pelo portão formando um arco do triunfo. Ainda sobre as cercas estavam *Fucsias* (Brinco-de-princesa), Heliotrópios, Azaléias e Camélias vermelhas. Todos os canteiros estavam cercados por uma espécie de Érica (Urze) que era de lá mesmo. Magníficas Palmeiras davam sombras para um assento e ao fundo, num monte de pedras, estavam Gloxínias, *Caladius* e o mais bonito de tudo, um grande *Cactus* com flores brancas que atraíam os beija-flores, que enfiavam seus bicos para provar da seiva de mel. Muitas vezes observávamos estes pequenos e rápidos passarinhos nestas flores que depois se tornariam bonitas frutas. Também nas flores dos Metrosideros eles festavam. Um maravilhoso Junco existia no jardim; existe uma foto de meu pai ao lado dele. Os singulares *Pandanus utilis*, as Violetas de perfume doce e delicado, as cheias azul-claro e brancas, as quais minha mãe tanto gostava.



Hermann Bruno Otto Blumenau, 1836
Retrato a óleo de sua mãe, Christiane Sophie Kegel (24.10.1777 / 9.6.1851).
Ölbild seiner Mutter, C. S. Kegel.
ACERVO / *SAMMLUNG* J. BLUMENAU-NIESEL, BERLIN



Camélias das mais finas variedades foram plantadas e protegidas do tempo ruim. O ar estava saturado de fragrância delicada, a mais forte vinha de uma Rosa (*Polyantis*), muito apreciada no Brasil. Curioso é que as flores com o cheiro mais forte geralmente são de cor branca. Tínhamos Magnólias com flores como pequenos repolhos, a maravilhosa Gardênia dobrada, os lindos Lírios com flores como funis. De uma florzinha pequenina e branca saía um cheiro doce; estavam cobertas de folhas brilhantes e verdes. Eram as *Olea flagran*, no Brasil conhecida como Flor d'Imperador, porque era a flor preferida do falecido último imperador Dom Pedro II. Havia um canteiro de pés de Oleanda de todas as cores – do branco ao vermelho, simples e dobradas. Um canteiro com rosas maravilhosas, transportadas para cá com grande sacrifício; havia uma relação com o nome de todas estas rosas. Admirávamos sempre uma Rosa de musgo, a *Moosrose*, de folhas finas e pé alto. Ainda me vejo com minha irmã ao lado delas. Murtinhos com folhas finas e grossas davam uma florzinha branca com fino perfume e bagas gostosas. A *Tretona* mostrava sua florescência amarelo-vermelho; a *Amarylis* e outras lindas plantas bulbosas encantavam os olhos, também os *Hibiscus* com flores resplandecentes. Um caramanchão ao canto era formado por algumas árvores silvestres, uma delas com flores brancas como estrelas. A *Heseacentris*, uma trepadeira com cachos lindos em vermelho-amarelo, todas sem cheiro. Uma *Bouganvillea* cobria as árvores, mergulhando-as num mar de flores lilases. Os *Cactus odeantus*, as *Daturas* de bonitas flores brancas e o gracioso e precioso Abutilon. A linda e decorativa *Pornsenteia* com flores vermelhas e cheirosas também estava lá.

Em baixo dos arbustos e outros lugares livres rastejavam ainda muitas plantas lindas, como em frente da casa e ao lado da varanda, a bonita *Tarenia*. Lembro-me também do belo *Partulack*, que nós admirávamos porque as flores abriam com a luz e se fechavam de noite para dormir. O mais bonito de todos trepara na varanda e na casa. Ao lado, a *Gloire* de Dijon cheia de flores e a Rosa *bouquet*, violeta com cachos de um amarelo claro. Em frente da casa subira até ao telhado a Rainha da Noite (*Clerus grandifloras*), cheia de botões na florescência, que meu pai apanhou e colocou na mesa para observá-la, ela que se abre à noite, exalando um perfume de baunilha. Na varanda trepava uma planta com folhagem avermelhada, ao lado do *Clerodentron*, com cachos de flores com cálix e florzinha vermelha. Bem ao alto estava a *Haja carnosa*, Flor de Cera, nome significativo porque suas flores aveludadas pareciam ser de cera. O cheiro era forte e doce; as gotas de mel que se formavam nós gostávamos de tirá-las.

Observávamos da varanda os beija-flores ligeiros que voavam do *Cactus* para a *Mosideros* e de cá para lá. Muito aconchegante era quando chovia e se podiam ouvir as gotas caírem sobre os arbustos. Então, saíam grandes sapos e rãs dos recantos e pulavam em frente da varanda. Alí ficávamos nos extasiando, sabendo estarmos seguros, longe destes pequenos monstrinhos.

Este jardim estava separado do pomar por uma cerca que ia até a baixada do ribeirão *Garcia*, afluente do Itajaí. Nesta baixada, perto do ribeirão, havia um bambuzal (taquaras) que balançava graciosamente ao vento; também outros bambus mais grossos (Rei da India). No pomar tinha muitos pés de laranja de diferentes qualidades, pés altos com galhos baixos, o que nos permitia apanhar as frutas com facilidade. As preferidas de meu pai eram umas bem vermelhas.

Dr. Blumenau em seu jardim, 1861.
Dr. Blumenau in seinem Garten, 1861.
ACERVO / *SAMMLUNG* J. BLUMENAU-NIESEL, BERLIN

Na área de criação das aves havia um pé que dava uma laranja em forma de ovo, que amadurecia perto do Natal, tangerina de casca fina. Maravilhosas mandarinas, variedades de pêssegos, maracujás, pitangas, carambolas amarelas e suculentas que cortadas formavam uma estrela bonita. Grumixamas, ameixas do Pará, araçás, gabirobas com frutas pequenas e amarelas, pés de maçãs. Também havia a singular papaia (mamão), bananas de várias espécies, deliciosos abacaxis. Se me estendi muito é porque nosso lar e seu jardim era um Paraíso, do qual sinto saudades. O tempo que passei, de 1870 a 1880 lá, foi o melhor e mais bonito, do amor paternal oferecido para nós crianças. Pude reavivar as minhas recordações, em 1909, quando revi a minha querida pátria e o meu torrão natal. Compreendi, então, melhor o entusiamo de meu pai por aquela natureza que também me deixou maravilhada, pelas flores que tanto amei.

Causou-me grande alegria a informação que muitos me deram da existência, em vários jardins, de plantas que provinham das que papai plantara. Como ele tratava com cuidado e carinho as plantas, serve de exemplo o fato que me foi narrado por uma conhecida, que dele ganhara uma roseira de qualidade. Quando apareceu o primeiro botão, este teve de ser protegido delicadamente e, em tempo de chuva ou sol forte, sobre ele era aberto um guarda chuva. Foi um verdadeiro milagre como meu pai suportou, em toda a sua vida, tantas penas apesar de sua fraqueza física e das suas doenças. Papai era de altura média e muito magro. Usava óculos porque tinha as vistas fracas. Mas, dolorosa para ele, era a surdez de que vinha sofrendo desde que, aos 12 anos de idade, caíra gravemente doente. Esse mal foi se agravando com a velhice. Todas as curas e estações de águas não deram resultado e ele dizia sempre que os Médicos tanto lhe mexeram nas orelhas que mais do que bem lhe haviam piorado o mal.

Fora um rapaz vivo, esperto, com acentuada veia humorística e sabia ser alegre, de sorte que era muito estimado no circulo de seus amigos. Adorava o Belo, amava a música e possuía muito talento para a pintura, como comprova um retrato de sua mãe, feito por ele aos 17 anos. Tinha uns admiráveis olhos azuis escuros que nunca pude esquecer. Acostumado, desde os mais tenros anos, a uma vida simples, assim sempre viveu.



Ribeirão *Garcia*, próximo à ponte e foz. À esquerda, fundo das casas do Dr. Blumenau e Victor Gärtner. À direita, vestígios da Igreja Evangélica.

Garcia-*Bach, in Nähe der Brücke und seiner Quelle. Links, Rückansicht der Häuser Dr. Blumenaus und Victor Gärtners. Rechts, Teilansicht der Evangelischen Kirche.*

Photo B. Scheidemantel
Acervo / *Sammlung* José Alberto Junges, RS

Projeto de Colonização H. Blumenau **1848**

Cidade do Desterro, 16 de Março de 1848.

Senr's Deputados da Assembleia Provincial. O abaixo assignado, agente da Companhia Protectora de Emigrados Alemães no Sul do Brasil, estabelecida na Cidade Livre Hanseatica de Hamburg, tem a subida honra de vir perante Vós, Senhores, apresentar-lhes um projecto de Colonização no qual se lisongea trazer a esta bella Provincia algumas vantagens. Desejando a sobredita Companhia, formada em Hamburg com o Capital fundamental de hum Milhão de *Marcos* de Banco por vinte dos mais respeitaveis Capitalistas e casas commerciaes, que todos na Allemanha e parte d'elles tambem no Brasil são bem conhecidos e gozão da mais firme e honesta reputação, como consta dos autos e Documentos, confirmados pelo Encarregado dos Negócios do Império em Hamburg e entregados á S.E. o Snr. Ministro do Império no mez d'agosto de 1846 – á remediar huma das mais urgentes necessidades d'este vasto Império e amplifiar as relações amigaveis e commerciaes, que unem para mutua utilidade tantos anos aquella Cidade á Elle, pelo meio da introducção de emigrados Allemães e do estabelecimento de colonias agricolas e industriaes, ella se dirige pelo orgão do abaixo assignado á Vós, Snr's Deputados da Assemblea Provincial, para submetter á Vosso juizo devido as propostas, contidas no projecto incluso, e recommendal – as a hum exame e acolhimento benevolo. A Companhia não pretende chamar a sua obra em questão puramente philanthropica, comtudo espera alliviar as tristes circunstancias de muitas familias honestas mas indigentes da Allemanha, porém repudia ao mesmo tempo energicamente a imputação de prosseguir huma mera expeculação pecuniária para enriquecer-se a custa do Império e dos emigrados e tem a consciencia de ter estabelecido as suas propostas nos princípios da mais estrita e pura retidão e equidade. Não estando no caso de poder inteiramente renunciar a hum beneficio proporcionado aos seus trabalhos e as grandes despesas com a colonisação, a Companhia toda via não se ocupa com esta empresa para fazer lucro no tempo mais breve possível, mas para encaminhar huma nova época das relações industriais e comerciais entre a Allemanha e o Brasil, paizes estes, que devem inteirar-se mutuamente e são alliados naturaes pelo destino, achando o Brasil para os seus productos, o mercado mais desembaraçado e lucrativo na Allemanha, que não possui colônias próprias, e recebendo d'ella os braços laboriosos e os manufactos de que carece.

Parece desnecessário, Snr.s, Deputados da Assemblea Provincial, extender-se com mais amplitude sobre a proposta da Companhia, bastará simples leitura e exame superficial para convencer-se, quanto a Companhia se esforçou de respeitar os direitos e vantagens de todas as partes e d'unil-os n'huma totalidade harmônica, da qual há de resultar o complemento e a riqueza dos dois paizes e a prosperidade de muitas familias honestas e laboriosas na sua bella pátria nova. Ainda mais desnecessário parece de discutir sobre as vantagens da Colonisação n'hum paiz menos povoado estando todos os homens intelligentes entendidos d'accordo sobre isso e tendo provado a Illustre Assembléa mesmo a que o abaixo assignado tem a subida honra de dirigir-se, por leis e resoluções benevolentes quanto se sabe apreciar aquellas vantagens.

Limita-se pois o abaixo assignado, de suplicar-Vos, se dignem acceitar com benevolência a proposta inclusa, tomal'a em consideração merecida e ajudar por Vossos votos o estabelecimento de huma obra philanthropica e importante, que servirá para a igual prosperidade de dois grandes paizes e nações.

Dr. Hermann Blumenau



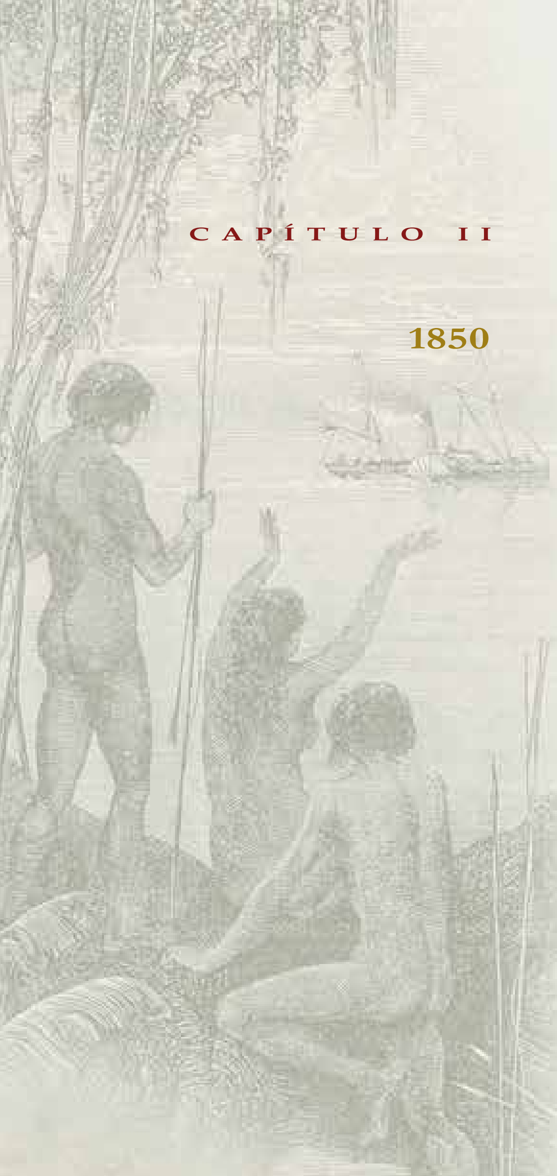
Dr. Blumenau, no jardim, fumando seu charuto.

Dr. Blumenau im Garten, Zigarre rauchend.

Acervo / *Sammlung* J. Blumenau-Niesel, Berlin

1850

E. Hoffmann & F. Riemer

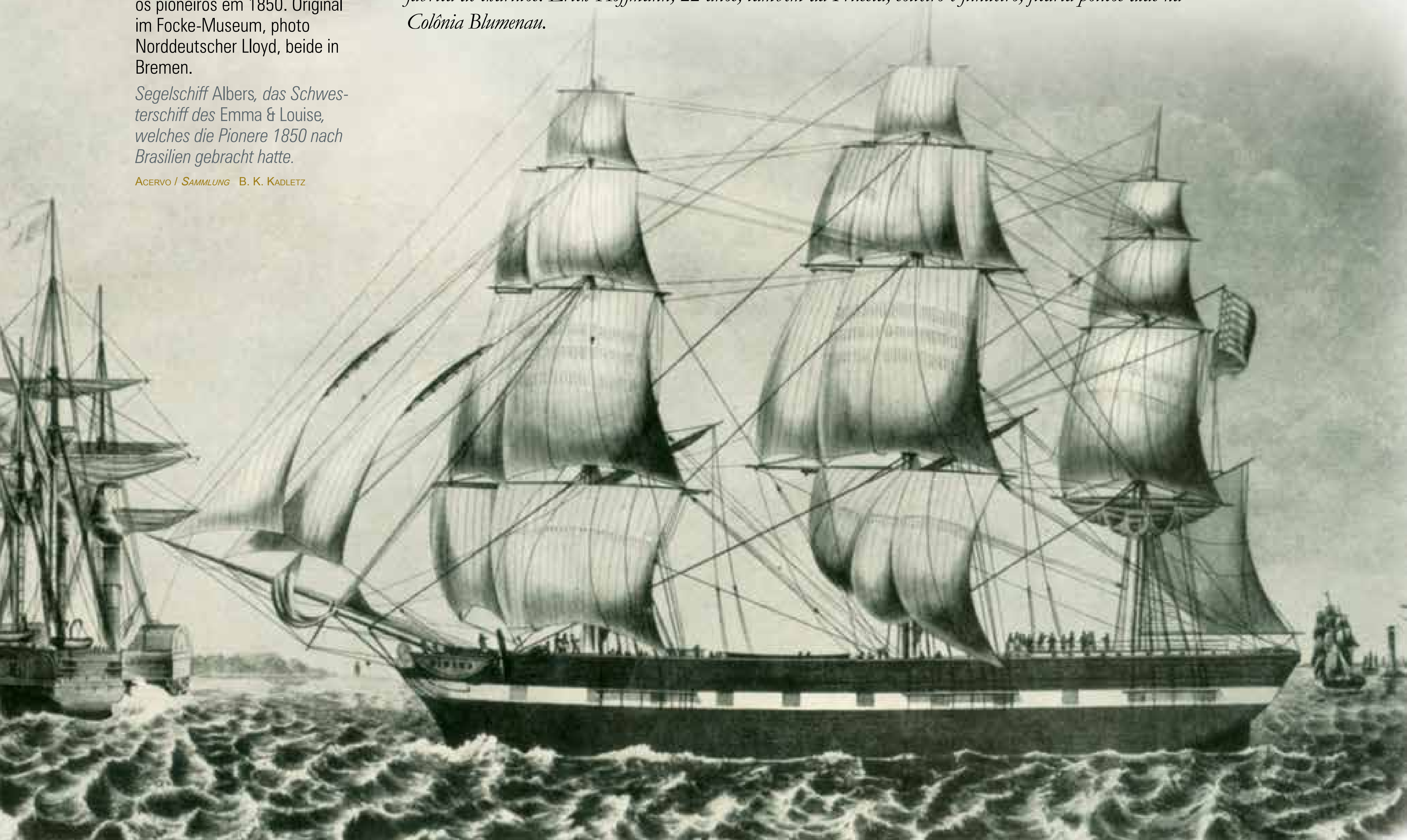


A carta do pioneiro Erich Hoffmann enviada para a Alemanha dando notícias de sua viagem deste país para Santa Catarina (Desterro, Itajaí e Blumenau), em maio de 1850, revela-nos alguns dados que conflitam com a história até então narrada sobre a data de chegada em Blumenau.

Resgatada na Alemanha pelo Sr. Niels Deeke (publicada no Allgemeine Auswanderungs Zeitung, *de Rudolstadt, nº 46 de 20.4.1852; nº 47 de 22.4.1852 pg e nº 186), com sua autorização a publicamos.*

Em artigo de Carl Wahle, no livro comemorativo do Centenário de Blumenau, em 1950, ele transcreve um trecho do relato do pioneiro Paul Kellner, companheiro de Riemer e Hoffmann na relação aos 17 pioneiros. Ali, Kellner, já em idade avançada, dissera que "no dia 2 de setembro de 1850, de tarde, desembarcamos com toda nossa bagagem no ribeirão da Velha, *pois as terras no ribeirão do* Garcia *estavam ainda cobertas de mata virgem". Confrontando com a data de 2 de setembro, a carta de Hoffmann, afirma que nesta data eles chegaram foi em Desterro, tendo sido recebidos pelo Presidente da Província (João José Coutinho) e alojados no quartel, com boa alimentação. Era um domingo pelas 18h.*

Levamos a supor que a chegada destes 17 pioneiros a Blumenau, chefiados por Reinhold Gärtner, *não teria sido em bloco, todos juntos, pois, a julgar pelo texto de Hoffmann, ele e Riemer chegaram algumas semanas após em Blumenau, talvez mais de um mês. Em Desterro, os dois passaram várias semanas e seguiram para Blumenau por terra, a pé. Karl Wilhelm Friedenreich, 26 anos, casado e veterinário, outro dos 17, acompanhado da esposa e duas filhinhas, consta ter chegado a Blumenau em 9 de setembro de 1850. A história é nebulosa, poucos registros existem, as enchentes e o incêndio de 1958 destruíram muitos documentos pertinentes à Cidade. Friedrich Riemer, 46 anos, natural da Prússia, era casado e carpinteiro; três anos depois já tinha uma próspera fábrica de charutos. Erich Hoffmann, 22 anos, também da Prússia, solteiro e funileiro, ficaria poucos dias na Colônia Blumenau.*



Veleiro *Albers*, semelhante ao *Emma & Louise*, que trouxera os pioneiros em 1850. Original im Focke-Museum, photo Norddeutscher Lloyd, beide in Bremen.

Segelschiff Albers, *das Schwesterschiff des* Emma & Louise, *welches die Pionere 1850 nach Brasilien gebracht hatte.*

ACERVO / *SAMMLUNG* B. K. KADLETZ

Do Sul do Brasil

A vocês, queridos amigos e demais conhecidos, dedicamos estas linhas; vossa querida carta de 4 de abril de 1851 chegou sã e salva às nossas mãos no dia 24 de agosto. Vocês pedem por notícias da nossa viagem e de outros acontecimentos; portanto, aqui vai a verdade. No dia 12 de maio de 1850, Riemer iniciou a sua viagem com contratempos na estação ferroviária, por causa de um atraso no seu embarque; o seu primeiro pernoite foi em Braunschweig, onde passou uma alegre noitada em conjunto com outros emigrantes, entre eles moradores de Thüringen e da Polônia, assim como judeus e tiroleses – todos eles emigrantes para a América do Norte, sem conhecimento do Brasil. De lá, a sua viagem continuou até Harburg, atravessando o rio Elba em Hamburg, onde chegou feliz no dia 13 de maio. De imediato foram chegando pessoas já conhecidas de Riemer que lhe ofereceram alojamento, o que fez com que ele procurasse abrigo por conta própria para um dia e uma noite, num lugar decente, após o que foi até o escritório de Schroeder, recebendo orientações no departamento de emigração, sendo que o Sr. Schroeder lhe arranjou trabalho e alimentação barata; ele passou bem. Eu mesmo, Erich Hoffmann, havia partido no dia 2 de junho de Halle, onde tinha visitado irmão, irmã e cunhada, chegando ainda na mesma noite em Hamburg. Custei muito em achar uma pousada decente, assim tão tarde. No dia 3 de junho encontrei o amigo Riemer perto da casa do Sr. Schroeder, sendo que ambos ficamos muito contentes. Logo em seguida fomos nos encontrar com o Sr. Schroeder, onde recebi as minhas orientações, permanecendo durante 4 dias em Hamburg, onde Riemer e eu ficamos conhecendo as esquisitices e particularidades desta cidade.

A todos os emigrantes chegados em Hamburg, com destino ao sul do Brasil, aconselhamos a procurar diretamente o escritório *C. M. Schroeder & Co.*, onde receberiam qualquer tipo de conselho e auxílio. No dia 7 de junho fomos levados, sob tempo nublado, a bordo de um navio chamado *Emma & Louise*, sendo que, no dia 8 de junho, como soprava vento Oeste, às 10h 45' um vapor nos rebocou para fora do porto de Hamburg, até Neumühlen, uma aldeia ao lado esquerdo do rio Elba, onde ficamos esperando por vento favorável.

Em 10 de junho o vento virou favorável, vindo do Leste; as velas foram içadas e as âncoras recolhidas, e passando por Cuxhaven, entramos calmos e alegres no mar. Estava muito frio e encontramos muitos navios cruzando em todas as direções ou ancorados. No dia 11 de junho, às 11 horas da manhã, avistamos a ilha de Helgoland. No dia 12, vento contrário; navegamos cruzados, nós mesmos bem de saúde, mas algumas mulheres ficando de cama. Às 3 horas da tarde tivemos uma tempestade, sendo que muitos passaram mal, e um companheiro se divertia do outro. Se parássemos no convés da proa, tínhamos de nos segurar muito bem. Até mesmo marinheiros, que haviam passado um tempo em terra, tiveram que vomitar; nós mesmos passamos bem de saúde. Nos dias 13 e 14 ainda tempestade, no dia 15, tempestade violenta; muitos passageiros estavam mareados, e ondas gigantescas batiam contra o navio, fazendo-o ranger. Na noite do dia 15, a tempestade se tornou tão forte, que as ondas passavam por cima do navio e chegavam até nós no interior da embarcação; todas as escotilhas foram fechadas. O melhor que podemos aconselhar a vocês nesta situação é manter a calma de espírito. Vocês podem levar um pouco de licor e frutas secas e ácidas, mas não comam muito. No dia 16, o tempo ficou bom, a maioria dos colegas de viagem subira ao convés; estávamos no Canal (da Mancha, N.T.), à direita avistamos a costa da Inglaterra, à esquerda a costa da França. No dia 17 de junho, calmaria; avistamos a ilha inglesa de Wight; em 19 de junho, a ilha inglesa de Portland. No dia 22 de junho saímos do Canal. No dia 24, cruzamos com um navio holandês na altura de Lisboa, procedente da América; ainda no mesmo dia, chegou até nós outro navio vindo de uma longa viagem, carente de mantimentos, os quais recebeu do nosso Capitão. No dia 24, pousaram no nosso navio cerca de 50 peixes chamados "voadores", que atacamos com arpões, sem que nenhum deles fosse capturado. No dia 3 de julho, antes do amanhecer, passamos a ilha da Madeira. No dia 7 de julho, tivemos um banquete, e caça aos pássaros. Avistamos 3 tubarões e cardumes inteiros de peixes voadores.

No dia 11 de julho, navegávamos perto da África quando avistamos à nossa direita as ilhas Canárias. No dia 12 de julho: estamos aproximadamente a 10 graus de distância da Linha (do Equador, N.T.); no sol, temos uma temperatura de 26 graus, na sombra 24,5. Em 20 de julho, estamos a 7 graus da Linha do Sol (Equador, N.T.). Cruzamos o vento até 23 de julho, sem termos avançado. Neste dia aproximou-se um navio francês, o que foi para nós um encontro de muita alegria; o Capitão informou-nos latitude e longitude. Na noite de 1º. a 2 de agosto, passamos pela Linha do Equador. Cada um dos passageiros, sem exceção, foi batizado (Batismo de Netuno, N.T.); o tempo estava frio. Alguns dos passageiros procuravam se agasalhar, o sol neste momento se posicionando no Trópico de Câncer. Na altura da linha do Trópico, fazia mais calor do que na Linha do Equador; quando na pátria antiga chega o inverno, o sol retorna ao Capricórnio, e na nova pátria chega o verão. No dia 14 de agosto, estávamos a 24 graus de latitude, tendo ainda 9 a 10 graus de longitude pela frente. Hoje fizemos caça aos peixes voadores. No dia 15 de agosto alcançamos a costa brasileira, em frente ao Cabo Frio; o navio foi rodeado por muitas aves do Cabo. No dia 17 de agosto, as correntes das âncoras, que se encontravam no interior do navio, foram levantadas ao convés. No dia 18 de agosto passamos a ilha brasileira de São Sebastião.

Nos dias 19 e 20 (agosto, N.T.) navegamos em frente a Santos, procurando a entrada em meio às ilhas e aos arrecifes. No dia 21 de agosto, encontramos a passagem, mas em razão dos maus ventos, nosso navio teve que ser rebocado; antes disso, alguns brasileiros vieram até nós com peixes e frutas. Em frente ao forte nosso navio atracou; um oficial veio a bordo, revistou nossos documentos e avisou a comandatura da nossa chegada. Logo após, muitos alemães foram se aproximando montados em mulas, na esperança de encontrar conhecidos, alguns outros na expectativa de lucros. No dia 22, recebemos a permissão de descer à terra.

(NR: *O Philantropo*, do Rio de Janeiro, noticiava em sua edição de 23.8.1850: "Chegou à barra de Santos a barca hamburguesa *Emma & Louise* com 68 dias de viagem, tendo a bordo 41 passageiros alemães, dos quais 6 desembarcaram neste porto. Este navio continuou no dia 28 a sua viagem para Santa Catarina, onde desembarcaram 35 dos passageiros, destinados a uma nova colonização nas margens do Rio Itajaí, empresa particular do Sr. Dr. Blumenau").

Imaginem esta visão da costa brasileira, altas montanhas, florestas sempre verdes! Nenhuma pena (caneta, N.T.) é capaz de descrever tanta beleza; dávamos saltos como crianças pequenas para alcançar alguma fruta ou flor, tudo era novo e desconhecido, nos sentíamos como recém-nascidos. Após descobrir tudo isso com grande admiração, prosseguimos nossa viagem rumo a Santos. A cidade fica numa ilha, separada do continente e do porto fluvial. Caminhamos durante uma meia hora, passando por muitas casas e jardins, repletos de laranjeiras.

Os negros e brasileiros que encontramos eram muito gentís e atenciosos. A cidade foi construída de maneira regular, mas as construções são completamente diferentes das que conhecemos na Alemanha; a população consiste em sua maioria de negros. Para refrescar-nos, compramos algumas laranjas e bananas, e, tendo visto tudo com muita atenção, voltamos ao navio, para prosseguir com nossa viagem para Santa Catarina. No dia 26, deixamos o porto de Santos com vento favorável; no dia 27, avistamos duas tartarugas marinhas gigantes; no dia 29, entramos no porto de Santa Catarina.

Dia 2 de setembro de 1850 deixamos o navio para chegar à Cidade (do Desterro, N.T.) com um navio menor, onde fomos recebidos pelo Presidente da Província, alojando-nos no quartel, com boa alimentação.

(NR: O jornal desterrense *O Novo Iris*, em sua edição de 6.9.1850 dava esta nota de rodapé: "A bordo do brigue hamburguês *Emma & Louise* chegaram 26 colonos alemães, parte para o Sr. Dr. Blumenau e parte para o Sr. Schutel".)

A Cidade está belamente situada, tem 4 lindas igrejas, um belo porto, diversas fortalezas e muitos habitantes alemães; ali passamos várias semanas, após as quais saímos à procura de um lugar para morar, atravessando para o continente até o rio *Tescehe* (*Tijucas?*), onde fica uma aldeia habitada por muitos profissionais alemães.

Permanecemos alí durante várias semanas, visitando vários colonos alemães à beira do rio, e como não encontramos abrigo adequado, levamos espingarda e mochilas nas costas, caminhando até o Rio Itajaí; daqui são 3 dias de viagem até Sta. Catarina (Desterro). Pernoitamos na propriedade de um comerciante alemão e fomos acolhidos como trabalhadores pelo Sr. von Reichenbach, onde permanecemos por algum tempo. Depois disso, passamos a trabalhar juntos (Riemer e Hoffmann, N.T.) por conta própria, plantando quase somente tabaco para a produção de charutos, o que certamente será um bom negócio.

A região aqui é um planalto, e no litoral existem pontos, dos quais até aqui calculamos 1.500 *pés* de altitude; uma vez escalada esta elevação, não se vê mais montanhas altas, somente colinas, e indo mais para o interior, enormes pastagens de superfície plana, onde muitos são donos de centenas de vacas, bois e mulas. Nas regiões costeiras ainda existe muita mata nativa, sendo o solo muito fértil. Ali se planta cana de açúcar em grande quantidade, que cresce de maneira tão abundante que de uma só vara de 11 *pés* de comprimento e mais de 2 polegadas de espessura, retira-se umas tantas garrafas de suco; café e algodão também crescem muito bem, e o próprio Riemer plantou muito tabaco, com o qual pretende produzir charutos; ele afirma ser este de melhor qualidade do que o tabaco da Europa ou das Indias Ocidentais, somente perdendo para os charutos de Havana, sendo até mesmo melhor que as folhas de Louisiana ou de Santo Domingo. Aqui também se encontra muita mandioca – uma espécie de pão brasileiro - , e o milho cresce de maneira tão abundante, que não é raro encontrar uma espiga com 500 grãos; o feijão preto é a alimentação cotidiana do brasileiro e cresce muito bem, ao passo que cereais alemães ainda não são encontrados nesta província. Repolho, beterrabas e todas as leguminosas européias dão excelentes resultados, sendo a sua reprodução muito mais fácil do que na nossa velha pátria mãe.

A vegetação aqui é tão abundante que é possível afirmar: é possível vê-la crescer. Nós mesmos vimos uma planta de tabaco crescer 8 polegadas em 48 horas; um rabanete, do qual enterramos a cabeça cortada e as folhas, atingiu em 4 semanas um tamanho maior do que o primeiro. Quando se corta a cabeça de um repolho branco, da mesma haste nascem inúmeros brotos, que podem ser replantados. Aqui, as plantas de repolho se reproduzem em poucas sementes. O arroz cresce muito bem, e o agricultor produz o seu próprio óleo. Há bananas em abundância; quem não tem as suas próprias, vai buscá-las em qualquer lugar. A banana é uma fruta saborosa e substitui a nossa pêra. Também é possível criar uma grande quantidade de galinhas e porcos com muita facilidade, em pouco espaço de tempo. O colono aqui não gasta qualquer dinheiro, a não ser para comprar carne seca bovina e sal; a caça e pesca são livres. Os animais quase sempre são capturados em armadilhas; para muitos agricultores a caça é tão abundante que dá para comer o ano todo. Os primeiros colonos chegaram aqui em 1824 (1828-29, N.R.) e fundaram a Colônia *São Pedro* (*de Alcântara*, N.T.); eles estão bem de vida; da mesma forma, as colônias do rio *Tescehe* e Itajaí são habitadas por alemães, que vendem os seus produtos para Santa Catarina (Ilha de Santa Catarina, N.T.). Às margens do Itajaí, as terras são muito mais bonitas do que nas outras colônias. Há grandes navios subindo o rio, comprando a produção dos colonos; o mar também fica muito próximo. O clima aqui também é muito bom; muitos dos que chegam aqui doentes e enfraquecidos são curados pela natureza; só se conhece poucas doenças, as pessoas ficam idosas facilmente. O maior frio que passamos aqui no mês de agosto foi quando houve suspeita de geada; os meses mais quentes são janeiro e fevereiro. Existem dias de calor, sempre refrescados por temporais ou pela brisa marinha. As tempestades muitas vezes são violentas. Como tivemos a oportunidade de conhecer a floresta nativa, posso lhes assegurar que não há meio de atravessar a vegetação, onde milhares de cipós crescem pendurados das árvores. Para conseguir terra para plantar, o colono é obrigado a derrubar a floresta, queimando-a depois de seca, para simplesmente semear entre os troncos e galhos cortados; dessa forma, em apenas 5 a 8 meses, ele adquire um roçado e a sua primeira colheita. Cada um constrói a sua habitação de braço próprio, o que não custa nada. A cada ano têm-se duas colheitas de feijão, batatas, sendo que bananas, repolho, beterraba e todas as leguminosas alemãs crescem o ano inteiro; laranjas são colhidas de abril a setembro. Melões, pepinos, abóboras também crescem muito bem, assim como pêssegos e muitas variedades de frutas, limão e lindas palmeiras com pequenas nozes. Aqui se planta o milho durante 5 meses seguidos; o que mais pode se querer? Em muitos sentidos preferimos o Brasil à América do Norte, onde o pobre ser humano percorre muitas centenas de horas até encontrar sua terra, e onde o trabalhador, ao invés de dinheiro, recebe o seu salário quase inteiro em forma de manteiga, queijo, toicinho e cereais, para receber estes produtos e tentar vendê-los novamente, assim que precisa de dinheiro, sempre perdendo muito ou sendo logrado.

Muitos alemães provenientes da Califórnia na América do Norte chegaram até Santa Catarina de navio, contando que lá nada era tão maravilhoso como muitas vezes se conta.

Aqui nós temos o mais maravilhoso de todos os rios frente à nossa porta. Tudo é pago com moeda viva, sem impostos ou taxações. O país é muito bonito e nós mesmos estamos muito satisfeitos com tudo e com todos. Alguns companheiros que vieram conosco agora estão mais pobres do que quando chegaram; pois quem aqui não trabalha arduamente, anda para trás. Neste país não sofremos nem de calor, nem de frio exagerados.

A única coisa a reclamar são os pernilongos e os bichos do pé (pulgas de areia, textualmente, N.T.), que incomodam sobretudo nos três meses de verão. O solo é constituído principalmente de argila ou de areia. A lua aqui está deitada de costas, na Alemanha ela fica em pé, além de tantas outras particularidades mais. Aqui se vê lindos pássaros e borboletas, e cobras como a jararaca e a cobra coral, que são as mais venenosas. A onça e o jaguar, os animais predadores, não chegam a ser perigosos para o ser humano. O brasileiro nato é de estatura média, magro, tem cabelo preto e é muito ágil; o que ele mais gosta é de pescar e de caçar; camisa e calça são os ternos do homem comum, uma esteira de palha e uma coberta de algodão o seu lugar de descanso. As mulheres só trabalham em casa e são muito hospitaleiras.

Aqui o estrangeiro modesto e gentil pode viajar pelo país inteiro sem gastar qualquer dinheiro. Os brasileiros são de confissão Católico-romana e conhecem os seus santos melhor do que a sua própria religião; os padres muitas vezes são menosprezados. A gentileza é a característica do país; o comércio de escravos foi declarado como crime de pirataria. O imigrante no início costuma ter problemas com o inchaço de membros e eczemas cutâneos, o que passa rapidamente, ao se tratar com laxantes apropriados. Nós dois não tivemos qualquer problema de saúde, pois sempre tivemos cuidado com a nossa higiene, vivendo moderadamente. Quem quiser vir para este país, deve estar disposto a pegar firme na enxada e no machado; quem não estiver disposto a isto e acreditar que aqui as pombas fritas voam direto para a boca, faria melhor ficar onde está.



Muitos profissionais, como ferreiros, marceneiros, sapateiros, alfaiates, serralheiros podem evoluir às margens deste rio, mas também terão que plantar alguma coisa, pois nem sempre terão trabalho em seus próprios ofícios. Escrivães e homens letrados não servem para cá, se não estiverem dispostos a trabalhar pesado, tampouco soldados.

Aqueles que pretendem se mudar para cá com suas famílias, devem tratar de trazer recursos suficientes até as suas próprias primeiras colheitas; quem se adaptar, consegue viver com 70 RC, mas é melhor trazer um pouco a mais do que de menos. Um solteiro que vem sem dinheiro, leva uma vida mais fácil, pois pode procurar trabalho.

A terra é muito barata, o Sr. Dr. Blumenau a distribui gratuitamente às primeiras famílias. Este é o melhor lugar de todas as colônias que conhecemos, principalmente por causa da facilidade de venda da produção; a Colônia Dona Francisca não fica muito longe, mas ainda não estivemos lá. Quem vier para cá que não traga muitos tecidos, mas peças de algodão e todas as ferramentas que puder, para trabalhar na agricultura ou em sua profissão, trazendo principalmente machados, boas enxadas e ferragens. Quem quiser emigrar para cá, que pense muito bem no que está fazendo, para não arrepender-se mais tarde.

Franz Sallentien



Franz Sallentien
1827-1907



Pastor Georg Hölzel

Franz Sallentien, um dos 17 pioneiros chegados à Colônia Blumenau em 1850, nasceu em 12 de agosto de 1827, em Braunschweig (Alemanha). Seu pai era Pastor Protestante na Igreja de San Martin daquela cidade. Jovem, Franz estudou agronomia, fazendo aprendizado prático em Niegrip. Ocupou em seguida o cargo de Inspetor no domínio de Heinrichsberg. Decepcionado com a situação político-econômica da Alemanha interessou-se pelos planos do Dr. Blumenau e inscreveu-se nesta primeira leva dos 17, chefiada por Reinhold Gärtner, sobrindo do Dr. Blumenau. Tinha, pois, 23 anos de idade.

A saída de Hamburg para o Brasil, no veleiro Emma & Louise*, data de 7 de julho de 1850, tendo chegado no Desterro, em Santa Catarina, no domingo dia 2 de setembro de 1850 (segundo a narrativa de Erich Hoffmann, outro dos 17 pioneiros).*

Franz Sallentien adquiriu um lote na Colônia Blumenau; vendeu-o depois a Paul Kellner que por sua vez passou-o a Karl Julius Baumgarten. Sallentien precisava de lotes com maiores áreas, pois seus projetos eram mais pretenciosos. Assim, em 1852 adquiriu terras em Águas Claras*, próximo da atual Brusque. Viria a construir ali um engenho para serrar madeira, tendo logo em seguida construído outros dois, um deles às margens do Itajaí-mirim e associado a Reinhold Gärtner. Ambos foram sócios, agenciando a chegada dos imigrantes antes da subida do Itajaí a caminho de Blumenau. "Aqueles que pretendem dirigir-se à minha Colônia, via porto de Itajaí, serão ajudados pelo Sr. Franz Sallentien". (Hermann Bruno Otto Blumenau)*

Numa destas levas, constante de 110 imigrantes, estava Johanne Osterland, que viria a se casar com Franz, em 13 de março de 1855. Deste casamento nasceram 9 filhos – 5 homens e 4 mulheres, sendo que dois dos meninos tiveram pouco tempo de vida.

O projeto de Sallentien prosperou e seus descendentes, então, espallharam-se pelo Brasil (Desterro e São Paulo) e Alemanha.

Voltamos a 1855, ano do casamento de Franz com Johanne. Passaram a viver numa casa pertencente a Ferdinand Hackradt, na Barra do Itajaí, estabelecendo uma venda e cuidando, além das serrarias, da agricultura e da pecuária.

Em 1861, Sallentien viajou para a Alemanha com a esposa e 4 filhos, embarcando no veleiro Raleigh*, em cujo bordo viria a nascer Minna (falecida em 1920 em Braunschweig).*

Uma outra atividade que Sallentien cultivava: o Canto. Assim como Max Humpl nos anos de 1920, Franz Sallentien foi um incentivador desta atividade cultural que estes imigrantes muito apreciavam – as Sociedades de Canto.

Em 1866, os Sallentien passaram a residir na Capital da Província, Desterro, estabelecendo-se com forte comércio onde Ferdinand Hackradt já estava há anos, após deixar Blumenau. Em Desterro, Franz Sallentien fundou a Sociedade de Cantores Euterpe *(depois Club* Germania*).*

Em 12 de setembro de 1868 ele saiu de Desterro em viagem para Hamburg, no veleiro Elisabeth. *Com ele estavam além da esposa Johanne, seus três filhos mais velhos: Luiza, Franz e Reinhold. No início de 1869 ele retornava ao Brasil para logo em seguida regressar, com toda a família, para Braunschweig. Seu segundo filho, Franz, voltaria ao Brasil, estabelecendo-se como comerciante em São Paulo, onde faleceu em 24 de agosto de 1940. Este seu filho também deixou um ensaio sobre seu pai, contendo 3 cartas, aqui transcritas, graças ao* Instituto Martius Staden*, SP, com tradução de Günther Drewes.*

Franz Sallentien, um dos 17 pioneiros, faleceu em Braunschweig em 23 de março de 1907, com 80 anos incompletos.

Carta de 26.8.1854

Minhas queridas irmãs!

Suas cartas datadas de abril recebí-as certamente, e lhes agradeço muito por elas. Assim como me alegrei com elas, no entanto, a negativa de Jettchen vir para cá me deprimiu. Sei exatamente quão justas são as causas, cara irmãzinha, e seria injusto de minha parte querer insistir nisso. Mas este pensamento me era tão caro, pois há anos pensava nisso e via como seria lindo tê-la aqui. Destinei-lhe o meu quarto melhor e às escondidas pensei como poderia enfeitá-lo da melhor maneira: tinha reservado a melhor madeira preta de jacarandá para secar e surpreendê-la, na sua chegada, com um quarto lindamente mobiliado. Outras amabilidades havia imaginado fazer para você. Suas pretensões são, para mim, muito modestas. Rapidamente procurei algo para substituir esta decepção e espero que cause admiração em vocês a notícia do meu noivado. Como gostaria de estar aí e escondido observar o momento em que vocês estivessem lendo esta carta!

Assim que Gärtner me arranjar as alianças na sua volta da cidade, festejarei meu noivado com Johanne Osterland, a filha de um pobre trabalhador que vive nas proximidades de Neu-Strelitz. Tanto aspirei casar com uma moça afortunada, de índole rica e de virtude cristã, que estou muito feliz pela minha escolha. (...)

Na sua chegada aqui em Itajai eu fui o primeiro a ajudá-la, encoranjando-a. Mais tarde ela viria a me dizer que ficara irritada com minha insistência sobre ela. Acompanhei-os até sua Colônia em Blumenau, onde havia somente uma casa, melhor dizendo, uma cabana. Ela começou a chorar amargamente, pois pensava que esta cidade fosse maior. Depois passei a observá-la melhor e vi que ela tinha um caráter ordeiro e aplicado. Seu cunhado logo percebeu que não dava para este trabalho na mata virgem e tratou de vender sua Colônia e vir cá para baixo (Itajaí) exercer sua profissão de marceneiro.

Eu, na época, assumi o negócio de *Meurer & Gärtner* e deixei uma das casas de habitação para o marceneiro Hahn. (...)

Resolvemos então, eu e Hannchen, vivermos um para o outro, não imaginem como nos amamos! Ela é uma boa moça, modesta, amável, uma alma magnificamente educada; ela é Hannchen, cara Hannchen, minha Hannchen, exclusiva.

Façam uma imagem do seu caráter e índole, apesar de eu nunca desenhar ou pintar, imaginem esta figura de Hercules feminino. Sua idade é de 27 anos e ela exerce um poder sobre mim, em seus olhos castanhos vivos há um encanto mágico que me domina. Vou deixar o retrato inacabado e assim que houver uma oportunidade vou lhes mandar um retrato dela.

No mais estou muito bem, bastante contente como podem imaginar e não poderia ser diferente ao lado de uma noiva tão amável. Com meus negócios também estou contente, há uma vida animada aqui, diriamente passam diante de minha casa carregamentos de madeira, que no momento têm um preço bem elevado. Mais detalhes sobre isso vocês saberão de minha carta para Heinrich. Por hoje me despeço e aceitem as mais cordiais saudações, minhas e de minha noiva. Gostaria de anexar algumas linhas para a avó, porem, por falta de tempo, fica para o próximo vapor. No amor de seu irmão, Franz Sallentien.

Carta de 24.3.1855

Meus queridos irmãos! Faz 14 dias que não saímos do alvoroço. No sábado, dia 10 de março, veio o Pastor Hölzel, da Colônia Dona Francisca, a quem eu havia convidado anteriormente, para celebrar meu casamento. Nos dias 11 e 12 tivemos a festa da matança. A 13, nós comungamos, minha esposa e eu, a irmã dela e seu marido, Gärtner, e os dois Kellner. Inicialmente foi entoada uma canção; depois o Pastor nos proporcionou uma primorosa prédica. Foi um dia emocionante que me sensibilizou muito. Há quase 5 anos, foi a primeira vez que recebi a Santa Ceia sem vocês. Tive a sensação de que estavam aqui; muito me lembrei dos nossos pais, achando que o espírito deles olharia bondosamente por mim, dando a bênção para minha vida futura. Oh, como me senti divinamente feliz enquanto rezava fervorosamente pela memória de meus pais, prometendo guardar e seguir sempre o exemplo deles.

Dia 14 de março foi o dia do casamento, que passou tranquilo e alegre. Nos dias seguintes viajamos com o Pastor Hölzel para a Colônia Blumenau, escutamos uma forte prédica sobre o destino do homem e festejamos no outro dia o casamento dos Baumgarten. (NR: Julius Baumgarten, aproveitando a presença do Pastor Hölzel, casara-se com Margarethe Wagner).

Assim passou o tempo em *dulci jubilo* e, quando eu queria entrar em mais detalhes, Gärtner chegou com a notícia de que o navio, cuja partida estava prevista para alguns dias mais, iria zarpar ainda naquela noite. Vocês precisam me desculpar pelas notícias curtas que agora envio; preciso acertar assuntos de negócio com Gärtner, de forma que hoje não posso mais pensar em escrever. Permitam que Gärtner lhes contem intensa e detalhadamente tudo. Por intermédio dele envio algumas lembranças que peço aceitarem carinhosamente e repartirem entre vocês. Coroazinhas de flores e um pequeno e engraçadinho papagaio, que estava destinado a Jettchen. Infelizmente não posso mandar tudo agora; assim, seguem algumas pequenas lembranças doces do Brasil, etc. que vocês devem degustar, pensando em mim.

Sinto muitíssimo que a viagem de Gärtner tenha se dado tão rapidamente. Gostaria de mandar muitas coisas pequenas que nos cercam e possam interessar a vocês; o pequeno papagaio vou mandar, mesmo assim eu ficaria contente se ele chegasse vivo; ele me deu muita alegria, é tão manso que me visitou muitas vezes na minha escrivaninha e sentou-se na minha cabeça; tenho ele já há muito tempo e por isto vocês vão gostar dele. Da mesma forma vocês recebem pelo Gärtner meu álbum, que – peço-lhes para completar; em muitas horas tirei grande consolo neste livro; peço encarecidamente de me devolverem prontamente. Gostaria de ter enviado também uma foto de minha esposa, mas foi impossível neste curto espaço de tempo. Anexo ainda, como pequena curiosidade, o cordão de um bugre que foi morto nas proximidades de Blumenau. Eles usam estes cordões no tornozelo, provavelmente para não torcerem os pés quando pulam. Vocês vão admirar também o firme, mas lindo trançado do arco e flecha que perderam na perseguição.

Já são altas horas da noite e por isto preciso dar-lhes um cordial adeus. Da minha satisfação e felicidade, Gärtner vai lhes contar. Também, não podia ser diferente ao lado de uma jovem e amável mulher. Para finalizar, quero fazer ainda algumas encomendas que vocês, por favor, arranjem para mim. O dinheiro, se faltar, peço-vos que me emprestem. Devolverei por intermédio de Ch. M. Schroeder, de Hamburg. Sem dúvida será muita coisa pedida, mas não posso deixar de perder esta oportunidade.

Meu pedido mais urgente é um *Fortepiano* com algumas partituras.

Na compra, procurem a ajuda do Sr. Böhme, que é um entendido, a quem envio minhas cordiais saudações. Vejam que o instrumento irá atravessar o Atlântico. É mesmo a música que me faz mais falta e isto irá me distrair muito. Se fizer a conta de quanto dinheiro eu teria gasto em concerto, etc. nestes 5 anos, teria gasto muito mais do que aqui economizei. Não acharão injusto e luxuoso este pedido, ainda mais que os negócios aqui agora vão muito bem. Já que meu quartinho tem boa aparência, uma banqueta bordada pela minha senhorita sobrinha seria bem vinda e iria conservá-la com muita honra.

Uma peça de algodão fino e branco para 2 dúzias de camisas para mim, junto com uma peça de linho para peitilho e gola para estas camisas. Um ferro bem grande de passar roupa e 1 meio-quilo de linha de algodão para minhas meias. Para 6 janelas de divisória, chita brilhante, mas de cor firme para não desbotar com o sol forte daqui. E chita brilhante para forrar um sofá.

Dois pares de lustres de porcelana, junto com as tesouras de pavio. Colheres, facas e garfos que aqui são caros e difíceis de comprar. Um tacho grande de cobre para a cozinha, cabendo de 4 a 6 litros.

Alguns cortes de chitas para vestidos de casa para minha esposa. Um pedaço de pano de linho. Retrós, linha de seda, lã safira em várias cores (Kannova). *Sutach* para enfeite de vestidos na barra e grega. Alguns lenços brancos de linho para mim e minha esposa. Agulhas de costura e agulhas de tricô. Fazenda listrada para aventais de trabalho, e mais fina para usar em casa.

Com isto, termino. Olhem até onde vai chegar o dinheiro e me comprem tudo. Minha esposa gostaria de ter escrito uma linhas também, mas ela está ocupada em passar a roupa do Gärtner. Passem bem e aceitem saudações de minha esposa e de seu querido irmão, Franz.

Carta de 28.3.1856

Minha querida irmã Luise!

Enquanto estou escrevendo estas linhas minha pequena filha está deitada ao lado no quarto de minha esposa no berço e está tão divertida que às vezes, às gargalhadas e com sons incompreensíveis conta algo para a mãe, que está sentada no sofá ao seu lado e descasca batatas para o almoço. A criança está sempre tão bem e tão alegre, o que nos dá um prazer extraordinário. Se você visse a imagem deste circulo familiar você poderia compreender como estou feliz. A criança agora já tem 3 meses e se o Pastor Hölzel chegar de Dona Francisca iremos batizá-la. Pensamos em você, cara irmã, como madrinha de nossa filha e assim você seria minha comadre. Como você não vai poder estar no batizado, minha esposa irá subtituí-la. Já demos o nome de Luise para ela. No dia do batismo nos lembraremos muito de você.

O céu dê sua benção e deixe ficar esta criança boa e sadia, permanecendo assim, esse é o nosso desejo mais íntimo!

Se estivermos todos com saúde e os negócios andarem bem, espero ir aí daqui a alguns anos, e talvez lhe deixar nossa pequena Luise para fazer seus estudos e educação, isto se você se submeter a esta tarefa. São somente idéias que só o tempo poderá confirmar.

Certamente você deve estar zangada comigo por não lhe haver escrito antes. Mas realmente não foi possível. Se você soubesse o que aconteceu aqui nos últimos três meses, você me daria razão. Tive muito trabalho com a enchente, tornando-se muito difícil cuidar sozinho das coisas. Por dois meses inteiros estive na selva para colocar em ordem os negócios com os engenhos de serraria. Minha esposa, nesse tempo, teve que gerir os negócios em Itajaí. Um dia antes da Páscoa coloquei tudo em ordem nos engenhos e passei com muita alegria a Páscoa em casa. Foi uma grande festa após ter me ausentado dois meses de casa. Mas tenho muita coisa para colocar em seu lugar e desta forma o trabalho nunca chega ao fim. Estamos sós, pois não queremos nenhuma pessoa estranha em casa; em parte para poupar dinheiro, por outra para podermos estar mais a vontade, agradavelmente. Daí você pode imaginar que minha esposa tem bastante coisa para fazer. Cozinhar, manter a casa limpa e ainda uma criança pequena que deve ser cuidada nos ocupa o dia todo, daí não sobrar tempo. Também faço o papel de babá, o que faço com muito prazer e, como disse, evitar empregar uma pessoa estranha. Meu negro é muito ativo; ao anoitecer tem que arrumar lenha e água na cozinha e até pode olhar pela casa.

Nossos negócios agora vão bem novamente, se bem que a enchente nos colocou bem para trás. (Tivemos um prejuízo de no mínimo 30.000 réis.) Assim, espero que se tudo correr bem até o fim do ano que vem teremos recuperado mais ou menos o prejuízo. Também não devemos ter rancor pelo prejuízo sofrido porque 1.000 réis a mais ou a menos não é motivo para tal. Tinha que acontecer e o melhor é se acalmar. No mais tudo vai bem. Kellner está outra vez bem de saúde e já trabalhando. Deveremos ter nos próximos meses uma guerra formal contra os "bugres"; para isso teremos que nos armar. Gärtner lamentará não estar aqui agora para tomar parte nesta aventura.

Além disso, fundamos uma empresa de mineração de ouro e cavaremos em nossas terras. Já achamos alguma coisa, mas os trabalhos preliminares são bastante difíceis. O Diretor da empresa é um californiano que afirma haver ouro em maior quantidade que lá na Califórnia. Veremos no que vai dar. Se acontecer haverá grande atração pelo lugar, vindo muita gente para a região.

Agradecemos às encomendas solicitadas, minha esposa está muito contente com o pano, a fazenda e manterá em honras a memória de nossa mãe bondosa. Minha esposa acha tudo muito bom, mas está receosa quanto ao pagamento das coisas que saem do ordenado que passo para ela. A relação das despesas peço entregar ao Gärtner para que eu possa providenciar a remessa do dinheiro para Hamburg. Com as cordiais saudações de minha esposa para você bem como a todos que se lembram de mim com alegria. Seu irmão, Franz.



Franz Sallentien, Johanne e filhos em viagem para Europa, 1861. Esq/dir: Reinhold (no colo de Johanne), Luise, Franz e Franz Filho.

F. Sallentien, Johanne und Kinder auf Europareise, 1861. Von l.n.r.: Reinhold (auf dem Schoß von Johanne), Luise, Franz und Sohn Franz.

ACERVO / *SAMMLUNG* A. H. BLUMENAU



Franz Sallentien, Johanne e família, c. 1900.
F. Sallentien, Johanne und Familie, c. 1900.
ACERVO / *SAMMLUNG* B. K. KADLETZ

Franz Sallentien em seus últimos dias em Braunschweig com a família. Foi um dos primeiros 17 a chegarem em Blumenau em setembro de 1850. Prosperou com serrarias, agricultura e pecuária na *Barra do Rio* Itajaí-açu e arredores. Músico, viveu também em Desterro, Capital da Província, onde criou a *Sociedade de Cantores Euterpe* (depois *Club Germania*).

Franz Sallentien mit seiner Familie in seinen letzten Tagen in Braunschweig. Er war einer der ersten 17 Pioniere die im September 1850 nach Blumenau kamen und hatte Erfolg mit dem Betrieb von Sägewerken, Landwirtschaft und Viehzucht in Barra do Rio *Itajaí und Umgebung. Ebenso betätigte er sich als Musiker in Desterro, Hauptstadt der Provinz, wo er zeitweise lebte und den Sängerverein Euterpe (später* Club Germania*) gründete.*



Robert von Trompowsky

1852



Robert von Trompowsky era Cônsul do Império da Russia e comerciante na Cidade do Desterro nos meados do Século XIX. Esse nobre personagem consta ter sido o primeiro polonês a ter entrado na Ilha de Santa Catarina. Em 3 de setembro de 1852, dois anos após a chegada dos primeiros imigrantes a Blumenau, ele redigia uma carta endereçada a Louis Avé-Lallemant, do Rio de Janeiro, onde este senhor pedira-lhe informações a respeito de uma pessoa que teria vindo para a Colônia Dona Francisca, de nome Hahn, no navio SWEA*, de Hamburg. (Este personagem Hahn, marceneiro, viria a se radicar na foz do Itajaí, prosperou, sendo citado por Franz Sallentien em carta de 26.8.1854 e por von Tschudi, em 1861).*

Através de trechos desta carta podemos imaginar e construir em nossas mentes aspectos concernentes a estes primeiros anos de Blumenau. Abaixo, trechos deste documento que foi oferecido à direção do Blumenau em Cadernos *pelo Dr. Carlos Ficker, de Joinville, vindo a ser publicado neste prestimoso* Caderno *em agosto de 1970, n. 8, com tradução de José Ferreira da Silva.*

A 3 do mês passado (agosto de 1852), chegou aqui (Cidade do Desterro) o *SWEA*, do Capitão Stroemberg, de Hamburg, lotado, em grande parte, com colonos destinados à Colônia do Dr. Blumenau, depois de uma travessia de 57 dias. E como esse navio me veio consignado pela firma *C. M. Schroeder & Cia.*, de Hamburg, tive não só a oportunidade de conversar com muitos dos passageiros, como também de despachar todos os colonos para a Colônia Blumenau a 6 do mesmo mês e onde, segundo ouvi, todos chegaram bem depois de dois dias de viagem. Lembro-me que o Capitão Stroemberg apresentou-me o marceneiro Hahn como um homem muito direito e que, ao mesmo tempo, não vinha de todo desprovido de meios e, como tal, eu o recomendei ao Dr. Blumenau. (...)

No que concerne à colonização dirigida pelo Dr. Blumenau, posso dar-lhe as seguintes informações, baseadas no conhecimento de vários anos que tenho com o Dr. Blumenau, em observações do seu comportamento em geral e pelo exame pessoal do local em que a Colônia foi fundada. Em vista disso eu acredito, com muita razão, estar expressando uma opinião muito acertada sobre a situação atual e o provável sucesso desse empreendimento.

Sempre conheci Dr. Blumenau como um homem muito correto, ativo e que, antes de escolher local para instalar uma Colônia, percorreu as províncias do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina e só então se decidiu pelo local atual, onde o governador daqui lhe concedeu várias *léguas* de terras. Além disso, ele comprou, nas proximidades, outras terras melhor situadas, que já haviam sido concedidas anteriormente a terceiros e já há muitos anos a sua única preocupação tem sido abrir caminho para uma colonização bem organizada. Para esse fim, ele escolheu, mais ou menos no centro das suas terras, uma fazenda onde eu vi, durante a minha estada ali, um engenho muito bem montado para fabricação de açúcar com dois alambiques europeus completos para cachaça, um engenho de serrar, uma olaria e, além de uma plantação nada insignificante, um grande pasto com bastante gado gordo e uma razoável criação de suínos. Próximo a esse lugar, cerca de 500 *braças* distantes de um ribeirão navegável, situam-se os primeiros lotes por ele demarcados e destinados a colonos alemães e onde eu encontrei uma grande casa para a recepção dos imigrantes.

Alí Dr. Blumenau dá às primeiras 50 famílias chegadas, a cada uma, 100 *morgos* de belas e férteis terras, cobertas de matas e que, como o senhor sabe, são as melhores do Brasil. Como as famílias já chegadas não alcançaram o número de 50, o seu parente, o marceneiro Hahn pode pleitear o direito a um desses lotes ainda desocupados. Dado o fato do Dr. Blumenau, além do tempo gasto na organização da sua empresa de colonização, ter empregado a maior parte da sua fortuna (16 contos de réis, cerca de 12 mil *thaleres*) é de se esperar que ele faça todos os esforços possíveis, no próprio interesse, para agradar, moral e materialmente, os colonos recém chegados, o quanto estiver nas suas posses. Como já estou há mais de 20 anos na Província de Santa Catarina estabelecido como comerciante e, ao mesmo tempo servindo como Cônsul russo, tenho tido oportunidade de viajar por grande parte do seu território e, assim, conhecê-lo bem, acredito poder testemunhar com segurança que as terras escolhidas pelo Dr. Blumenau estão situadas entre as mais próprias desta Província para tais empreendimentos. Às margens do Itajaí – onde se situa a Colônia do Dr. Blumenau e que, além de ser o maior rio da Província por ele navegam embarcações cobertas, diretamente até Desterro – residem, já há 12 para 15 anos, de 20 a 30 famílias de colonos alemães que, em sua grande parte, foram para ali da Colônia *São Pedro de Alcântara*, fundada há mais de 20 anos pelo Governo brasileiro, e de onde saíram para ocupar diversos lotes a pouca distância da Colônia Blumenau.

Na minha última estada em Itajaí, tive o prazer de verificar que todas essas operosas famílias estão prósperas e quase todas elas possuem o seu engenho próprio de farinha de mandioca, muitas plantações de gêneros de lavoura e pastos abundantes com gado bem gordo. Esses colonos alemães há pouco construíram uma pequena e bela igreja onde celebram o seu serviço divino aos domingos. (...) Como eu acredito que possa interessar não só ao seu parente, mas a muitos outros também, um relato exato da situação atual e do provável desenvolvimento da Colônia Blumenau, autorizo-o a mandar-lhe esta carta, assim como até teria prazer em que ele a fizesse publicar no *Allgemeinen Auswanderungszeitung* de Rudolstadt, pois assim, talvez eu contribua não só para mostrar a real situação daquele estabelecimento, como até para por um dique à ação dos inimigos gratuitos do Dr. Blumenau, os quais, segundo ouço, com a propalação de muitos boatos falsos tem prejudicado bastante o seu estabelecimento. Entretanto, sou seu velho conhecido e amigo.



Fritz Müller

O "Príncipe dos Observadores", como definiu Charles Darwin, teve uma vida bastante agitada e foi incompreendido por muitos. Seu livro – Für Darwin*, de 1864, cinco anos após Darwin ter lançado* A Origem das Espécies*, fez* Fritz *Müller sair do anonimato e se tornar nome internacional. Com a derrubada da Monarquia Liberal de Dom Pedro II em 1889,* Fritz *se recusou a atender as novas instruções advindas do Governo republicano e foi demitido. Retornou, então, para Blumenau, onde viveu, com muitas dificuldades, até sua morte, em 21 de maio de 1897, aos 75 anos de idade. Foi casado com Karoline Töllner Müller e tiveram 9 filhas: Luise, Johanne, Rosa, Agnes, Emma, Thusnelda, Selma, Martha e Linda. Em carta ao conhecido viajante do Brasil, Prof. Dr. Peter Vogel, de München, o teuto-brasileiro Johann Friedrich Theodor Müller, conhecido pelos seus méritos alcançados como pesquisador, transmite os seus destinos de vida. Este texto pareceu tão interessante à redação do* Das Ausland / O Estrangeiro*, que a mesma procurou o destinatário desta carta para pedir autorização de reproduzi-la na revista citada. Em* Das Ausland*, revista semanal de Geografia e Antropologia, editada por Sigmund Günther, Stuttgart 1892, S. 631-634, n. 40. Cedida pelo* Instituto Martius-Staden*, São Paulo.*



Fritz Müller
1822-1897

Nasci em 31 de março de 1822, como filho mais velho do Pastor Johann Friedrich Müller, na pequena aldeia de Windischholzhausen, distante uma hora de Erfurt. Ali é que foi despertado, desde bem jovem, o meu entusiasmo pela Natureza viva, através de meu pai que foi um apaixonado observador da rica flora deste lugar.

As minhas lembranças mais remotas me levam aos passeios que fazia lá com meu pai e minha mãe, pelos campos e florestas. As *Fliegenblümchen*, as *Frauenschuh* dos bosques mais abertos, a *Iris sibinia*, o *Trollius* dos campos úmidos, as *Iris pumila* nos muros baixos do nosso pequeno jardim, as *Sempre-vivas* no telhado ainda estão vivas diante dos meus olhos, apesar de ter deixado meu lugar de nascimento já aos 6 anos de idade e em Mühlberg, na grande aldeia próxima à floresta de Thüringen, para onde meu pai foi transferido em 1828, não florescesse nenhuma destas plantas. Não obstante, eu tornei a ver ao menos parte delas em anos mais tarde em Windischholzhausen.

Entrei no ginásio de Erfurt em 1835, já bem preparado pelo meu pai e o deixei ao receber o diploma de formatura, na Páscoa de 1840. Nesta cidade, morei na casa de meu avô Johann Bartholomäus Trommsdorff, naquela época um honrado químico. Em meio aos aprendizes, estudantes e outros farmacêuticos de Erfurt, onde pela influência de meu avô, havia um clima científico onde eu encontrei vivos incentivos e estímulos para as minhas tendências às Ciências Naturais. Isto tudo "preencheu" mais meus pensamentos e interesses do que a escola propriamente dita. Tomei, então, a decisão de me tornar farmacêutico, mas logo desisti, após ter estudado como aprendiz de farmacêutico em Naumburg por um ano (1840-41). Inclinei-me mais para a Matemática e Ciências Naturais: 1841-42, Berlin; 1842-43, Greifswald; 1843-44, Berlin. Em 14 de dezembro, em Berlin, fui promovido a Dr. em Filosofia. Também no início de 1845 prestei concurso para professor ginasial e iniciei neste mesmo ano o meu estágio no ginásio de Erfurt, como candidato a professor.

Nesta época começou em Preußen, mais precisamente na província de Sachsen, a perseguição aos religiosos de pensamentos liberais. Cheguei à conclusão de que, se eu não quisesse ser um hipócrita eu teria que encerrar minha carreira de professor.



Karoline Töllner Müller (1826-1894),
esposa de *Fritz* Müller.
K. T. Müller, Ehefrau Fritz *Müllers.*
ACERVO / *SAMMLUNG* A. H. BLUMENAU

Fui, então, no outono de 1845, para Greifswald, estudar medicina. Assim, me veio a esperança de um dia, como Médico, poder conhecer outros países e assim poder pesquisar suas naturezas. Em Preußen (Prússia), entretanto, também me foi impedida a carreira de Médico. Como sócio de uma comunidade liberal em Halle, à qual me filiei assim que foi criada, eu não podia, e nem queria concordar com os dizeres finais do juramento da formatura. Pedi, então, que me fosse permitido fazer o juramento sem estes dizeres, como os judeus. Mas isto foi negado pelo Ministério, em 1849. Na expectativa de que a corrente reacionária de Preußen não demorasse tanto, me empreguei como professor particular em Neu Pommern, na casa de um arrendatário que logo se tornou meu querido amigo, onde permaneci até a Páscoa de 1852.

Nesta intolerância religiosa vigente no país de Friedrich "O Grande", não se poderia esperar, por enquanto, alguma mudança. Com isto, decidi emigrar. Escolhi o Brasil, primeiramente por sua rica flora e fauna; em segundo lugar, porque eu acreditava que aqui a índole alemã poderia se conservar mais facilmente do que entre os ianques; e, em terceiro lugar, porque o fundador da Colônia Blumenau já me era conhecido de muitos anos. A partida de Hamburg foi a 19 de maio de 1852. Aportamos em São Francisco em 9 de julho. Chegada em Blumenau em 22 de agosto. Junto emigrou meu irmão August. Ele tinha começado a estudar Teologia, em Halle, mas quando foi proibida qualquer idéia liberal aos religiosos da Prússia, ele aprendeu a arte da jardinagem e se filiou à Sociedade Liberal de Quedlinburg. Também para ele a intolerância religiosa desta nossa "Capital da Inteligência" impelia a deixar a Pátria. Naturalmente cada um de nós trouxe consigo uma esposa jovem, porque seria impossível um solteirão sozinho estabelecer uma Colônia na floresta virgem. Já em 24 de agosto tomamos posse das terras que havíamos comprado no vale do *Garcia*. Fomos os primeiros a abrir ali as clareiras e a construir uma cabana. Algumas semanas mais tarde, nos seguiram dez outras famílias alemãs. No decorrer dos anos aumentou devagar, porém constantemente, o número de colonizadores. Blumenau naqueles tempos era, naturalmente, bem diferente do que aquele que o Sr. conheceu. O único caminho era o rio. Pela mata, nas redondezas próximas ao centro da cidade, havia apenas picadas toscas, que nem sequer estavam limpas das raízes que as atravessavam. As cabanas eram construídas todas sem ferro, mas sim de troncos de palmeiras, com paredes também de ripas de palmeiras, amarradas com cipó e um telhado de folhas de palmeiras, sem janelas de vidro, rodeadas por uma pequena clareira, separadas uma das outras por longos trechos de mata virgem.

Nossa alimentação era a de costume no país, consistindo de feijão preto, farinha de mandioca e carne seca (ou em certas épocas do ano de peixe seco). Tínhamos às vezes carne fresca quando apanhávamos animais selvagens em armadilhas. Três vezes por ano (Páscoa, Pentecostes e Natal), Blumenau mandava matar uma vaca velha. Pão, manteiga, leite, ovos, etc., não se conseguiam nem com dinheiro. Nosso óleo para queimar era óleo de fígado de peixe e mesmo este, durante algum tempo, escasseava. Por sorte achei no mato um velho tronco de *Araribá* que queimando, fornecia uma luz clara e suficiente para minha mulher poder fazer tricô e costuras, enquanto eu lia para ela.

Todos os colonos, nos primeiros anos, vieram por conta própria, não esperavam e nem recebiam qualquer auxílio. Blumenau somente se preocupava em providenciar os mantimentos essenciais que ele, sem lucro, mandava vender e pagava também um alemão que morava em *Gaspar* para nos ajudar no corte das árvores e na construção de nossas cabanas, na plantação, na construção de armadilhas, etc. Eles todos, que desde o começo tinham que se acostumar à simplicidade da mata virgem, progrediam, e apesar dos esforços e privações dos primeiros tempos, sempre mantiveram a coragem e o otimismo.

Por outro lado, não havia ninguém a quem recorrer quando do surgimento de eventuais problemas. Ao contrário dos muitos colonos que vieram mais tarde, atraídos por agentes inescrupulosos, apesar de toda a ajuda do Governo e apesar de um começo muito mais fácil, estes tinham mais dificuldade para acostumar, e se queixavam mais também.

Já após a primeira colheita de milho foram adquiridas as primeiras galinhas e logo que os inhames cresceram, também os porcos, que como os muitos outros tubérculos saborosos (aipim, cará, batata-doce, etc.) e também as verduras européias que aqui crescem muito bem, trouxeram-nos maior variedade na nossa alimentação. Nosso óleo de queimar extraímos fervendo a semente de rícino. E assim, por quatro anos eu vivi com o machado e a enxada, na mata virgem, onde me senti explendidamente bem. É uma excitação especial depender do seu próprio esforço, construir sua casa, galinheiros e chiqueiros trazendo a madeira do mato, tudo com as próprias mãos, limpar o mato para formar a roça, tecer o balaio, precisar matar os porcos, etc.



Johanne Friederike Karoline Müller
(1852-1940), segunda filha de *Fritz* Müller.
Zweite Tochter Fritz *Müllers.*
ACERVO / *SAMMLUNG* A. H. BLUMENAU



Rosa Müller, terceira filha de *Fritz* Müller (suicidou-se na Alemanha em 1879, aos 25 anos).
R. Müller, dritte Tochter Fritz *Müllers (die sich 1879 in Deutschland im Alter von 25 Jahren das Leben nahm).*
ACERVO / *SAMMLUNG* A. H. BLUMENAU

Desterro, 1856-67. No começo dos anos 50, existia em Desterro um colégio Jesuíta, do qual eu só ouvia boas referências. Quando em 1852 a Febre Amarela atacou pela primeira vez Santa Catarina, morreram sete dos padres e em consequência disso a instituição foi fechada. Em 1856, a Assembléia Provincial resolveu fundar uma nova escola "superior", um *Liceu Provincial*.

Por proposta do Dr. Blumenau, o Presidente da Província "ofereceu-me" o cargo de professor de Matemática. Quando Blumenau, em Pentecostes de 1856, me comunicou isto, eu tive pouca vontade de aceitar, mas deixei-me convencer a olhar a coisa mais de perto. Fui então para Desterro. O caminho seguia, por longos trechos, pela praia marítima. Os ricos tesouros faunísticos que eu achei disseminados por aqui e mesmo em Desterro deixaram meu velho prazer pela pesquisa da fauna marítima inflamar-se novamente em chamas ardentes, à qual eu dediquei com afinco no Mar Báltico, perto de Greifswald com meu amigo Max Schultze – este notável anatomista, falecido infelizmente tão cedo. Poder explorar um mar quase tropical e transbordante de vida, ao invés do pequeno Mar Báltico, isto constituiu para mim uma enorme perspectiva. O que o Presidente da Província me comunicou sobre a escola a ser fundada e a minha colocação na mesma, foi do meu agrado. Acima de tudo me agradou a pessoa do Presidente, cujo caráter simples e despretencioso constrastava agradavelmente, por um lado, com a burocracia Prussiana, e por outro lado, com a cordialidade vazia dos Brasileiros. Eu aceitei o cargo oferecido e fui mais uma vez a Blumenau para organizar minhas coisas, voltando em seguida para Desterro em companhia do Jurista Becker, recém-instalado em Blumenau, a quem na nova escola fora oferecido o cargo de professor de Latim.

No começo do ano de 1857 o *Liceu* foi inaugurado, inicialmente com quatro cadeiras: Latim, Francês, Inglês e Matemática (Aritmética, Álgebra até equações do 2º grau e Geometria). Becker se tornou o Diretor já que eu havia recusado o cargo para poder morar na praia e me dedicar aos estudos dos animais marítimos. Mais tarde foram introduzidas ainda no *Liceu*, as matérias de Geografia, História e Filosofia, assim como por pouco tempo História Natural, a qual eu me ofereci para lecionar.

O Presidente da Província, João José Coutinho, foi o último Presidente de Santa Catarina que ocupou o cargo por um espaço de tempo superior a dez anos. Ele se sentiu "integrado" com a Província, se achava como se fosse o pai dela e como tal a tratou com afinco e honestidade bem educada. Ele encontrou a caixa provincial em situação precária, mas em pouco tempo conseguiu colocá-la em ordem, de maneira que para os serviços públicos como caminhos, pontes, etc., não foram gastas, verbas, só da Assembléia Provincial, como também o que não havia acontecido nem antes e nem mais tarde, ele empregou o dinheiro convenientemente. Ele conseguiu fiscalizar os trabalhos de uma maneira não ostensiva (sendo que perto de Desterro o fez pessoalmente), mas de uma maneira eficiente, coisa necessária aqui mais que em qualquer outro lugar. Sua atenção especial ele dedicou à sua obra preferida, o *Liceu*.

Ele assistia às aulas com afinco, especialmente nos primeiros tempos, notadamente as aulas dos Professores alemães. No início a maneira diferente de lecionar destes parecia não lhe agradar, mas em pouco tempo conseguimos a confiança dele e conseguimos para nossos pontos de vista, toda a compreensão e apoio nos nossos desejos. Não só ele me cedeu um pedaço da chácara que rodeava a escola, para formação de um pequeno Jardim Botânico, como também me arranjava para este jardim, sementes e plantas da única palmeira buriti da Província, esta bela planta que em geral não aparece próximo a costa. Quando certa vez falamos sobre Lulas, logo no dia seguinte ele me mandou um belo Argonauta que ele pessoalmente anos atrás havia colecionado no Rio de Janeiro. E quando eu falei ao Presidente que eu gostaria muito de lecionar Física e Química aos alunos mais adiantados, ele logo providenciou verba em dobro do que eu havia pedido.

Para quem estava acostumado aos costumes escolares alemães, esta escola foi uma coisa meio esquisita. Isto porque as classes que cada aluno tinha que passar, não existiam, como também não havia qualquer plano de Ensino definido. Também os pais podiam matricular os filhos na disciplina que mais lhe agradasse, como em nossas Universidades Alemãs. Um começava com Latim, outro com Francês e um terceiro com Matemática. Um podia começar com uma matéria, o outro com duas e um terceiro simultaneamente com todas as quatro matérias existentes no início da escola. Alguns assistiam uma matéria do 3º ano, outra do 2º ano e uma terceira do 1º ano.



Agnes Müller (1856-1933), quarta filha de *Fritz* Müller.
A. Müller, vierte Tochter Fritz *Müllers.*
ACERVO / *SAMMLUNG* A. H. BLUMENAU



Thusnelda Müller (1861-1937),
sexta filha de *Fritz* Müller.
T. Müller, sechste Tochter Fritz *Müllers.*
acervo / *Sammlung* A. H. Blumenau

Desta forma era extremamente trabalhoso fazer um horário que desse oportunidade, a cada aluno, de poder assistir as disciplinas desejadas. Para o futuro e com o número de alunos crescendo, sabíamos que seria impossível continuar nesta situação e pouco a pouco, fizemos algumas mudanças de acordo com as possibilidades.

Quatro anos mais ou menos após a inauguração do *Liceu*, quando o Partido Liberal chegou mais uma vez ao "poder" (*Staatskrippe*), Coutinho foi infelizmente despedido; a ele seguiram em rápida mudança outros presidentes. Cada um procurava remodelar o sistema do *Liceu* mais ou menos conforme suas idéias e assim a escola, que até a estas alturas vinha se desenvolvendo com ótimas perspectivas, começou a andar de mal a pior.

O sucessor de Coutinho foi Brusque, que fundou a Colônia alemã com o mesmo nome. Ele começou a despedir "por razões mínimas" dois professores estrangeiros: o professor de Inglês, um norte-americano, e um alemão muito eficiente, que a pouco tempo tinha sido chamado de Dona Francisca para lecionar a cadeira de Geografia e História. O estrangeiro Becker foi demitido da diretoria, a qual foi entregue ao professor de Inglês, Amphilóquio Nunes Pires, um brasileiro educado nos Estados Unidos, que se saiu tão bem como Diretor como o foi como professor. Desde o início eu não me simpatizava com Brusque. Solicitei minha demissão como professor de Ciências Naturais (nesta condição de naturalista eu lecionei Zoologia apenas um ano, tendo encontrado atentos alunos). A pequena aparelhagem para a Física e Química que há pouco tempo tinha chegado da Alemanha, fora vendida por uma bagatela. O meu incipiente Jardim Botânico logo desaparecia novamente debaixo do mato.

Nos anos seguintes a escola perdeu vários professores que procuraram outros empregos; Becker morreu e ficaram somente os professores de Inglês, Francês e eu. Mas as vagas não foram novamente preenchidas, pois nossos "liberais" planejavam transformar novamente o *Liceu* em Colégio Jesuíta. E foi isto que aconteceu.

O *Liceu* foi extinto e as nossas instalações foram ocupadas pelos devotos padres. Mas nossos cargos eram vitalícios, portanto, não podíamos ser despedidos contra nossa vontade enquanto demonstrássemos capacidade de trabalho. Por isto, nossos empregos foram registrados como "cátedras avulsas" (independentes da Direção do Colégio), mas pelo menos nos cederam algumas salas de aula no mesmo prédio. No primeiro ano quase a totalidade da juventude estudiosa se transferiu para o Colégio dos Jesuítas, ficando apenas uns poucos fiéis a nós. Mas, já no ano seguinte, vários alunos voltaram a nós, além de outros novos.

Toda esta situação foi-nos muito desagradável e por isto, em 1867, dirigi uma carta à Assembléia Provincial pedindo que se pusesse um ponto final a esta situação e que nós professores fôssemos aproveitados em algo mais agradável. De minha parte eu me ofereci para fazer novas experiências no cultivo de plantas, para o que nosso clima seria propício e com excursões pelas redondezas da Província estudar a Natureza existente.

Como nós fazíamos uma concorrência incômoda aos patrocinadores dos devotos padres, a Assembléia com prazer concordou com esta proposta. Nossas "cátedras avulsas" foram extintas. Meu colega Rosas foi nomeado bibliotecário da Biblioteca Provincial, tendo exercido este cargo durante anos, sem qualquer remuneração. Para Amphilóquio foi criado o novo cargo de "Secretário do Gabinete do Presidente", e eu voltei para o Itajaí, para recomeçar minha velha vida livre junto a mata virgem. Apesar de livre de concorrência, o Colégio dos Jesuítas em Desterro não durou muito; porque e quando ele se dissolveu, eu não sei. Um Presidente conservador, João Thomé ..... (cujo sobrenome esquecí), fundou uma nova escola que ainda hoje se chama "Atheneu Provincial". Fui convocado para lecionar ali como "Professor de Matemáticas". Pela lei que dissolveu nossas antigas cátedras, eu não era mais obrigado a aceitar qualquer cargo que não me agradasse.

Sentía-me tão bem no Itajaí, onde por 6 ou 7 anos trabalhei com afinco e satisfação na tarefa a que eu mesmo me impus, que eu desejava não aceitar esta cátedra. Mas o meu antigo Diretor Amphilóquio me escreveu dizendo que, caso nós não aceitássemos o cargo de professor, João Thomé suspenderia nosso ordenado. E quem poderia lutar pelo seu direito mesmo com a lei ao seu lado, indo contra os diferentes estados de espírito de um ministro ou Presidente?

Fui para Desterro contra a minha vontade enquanto minha família permaneceu no Itajaí. Uma pequena inflamação que eu possuía no ouvido esquerdo agravou-se com a mudança de clima em Desterro. Estava de péssimo humor e não escondia isto, quando o Diretor do *Museu Nacional* do Rio de Janeiro, ao voltar de uma viagem ao Rio Grande do Sul, lá me procurou.



Selma Müller (1863-1948),
sétima filha de *Fritz* Müller.
S. Müller, siebte Tochter Fritz *Müllers.*
acervo / *Sammlung* A. H. Blumenau

Ele prometeu conseguir para mim um cargo de Naturalista Viajante do *Museu Nacional*. "O Sr. pode viver no seio de sua família e se dedicar exclusivamente aos seus trabalhos científicos, mandando-me os relatórios para serem publicados nos Arquivos do *Museu Nacional*. Da mesma forma, o Sr. envia ao Museu o que por acaso encontrar de interessante nas suas excursões. O Sr. não tem mais nada a ver com os estados de espírito de nenhum presidente, apenas comigo..., etc." Não preciso nem afirmar que aceitei isto com a maior alegria e gratidão. Todavia, como no Brasil todas as coisas levam algum tempo, demorou quase dois anos até que Ladislau Netto pudesse me comunicar, com data de 2 de outubro de 1876, minha nomeação como Naturalista Viajante. No início de 1884, recebi inesperadamente a comunicação de Ladislau Netto de que eu havia sido demitido do cargo, sem maiores explicações.

Apesar de eu ter tido dúvidas sobre a pessoa a quem eu pudesse "agradecer" isto, estou até hoje na dúvida sobre a maneira como aconteceu esta decisão e qual o papel de Ladislau Netto em toda esta história. Antes, porém, de ter chegado esta comunicação em minhas mãos, pessoas de confiança já me afirmavam que a demissão estava já revogada por intervenção do Imperador, e que os jornais oficiais procuravam também desmentir tal fato.

Os jornais alemães, franceses e ingleses se manifestaram unanimamente contra esta demissão. Também alguns jornais brasileiros, como, por exemplo, a *Gazeta de Notícias*, e especialmente um jovem e talentoso naturalista francês, Couty, infelizmente falecido muito prematuramente. Daí em diante, fiquei até o ano passado, 1891, sem ter sido molestado. Ocorreu então ao Ministro do Ensino Público, determinar que os Naturalistas Viajantes do Museu, não mais residissem fora do Rio de Janeiro. Isto tocou ao Dr. von Ihering, do Rio Grande do Sul e a mim. Mas nós dois recusamos a mudarmo-nos para o Rio de Janeiro e consequentemente fomos demitidos.

Conforme uma situação bem característica dos brasileiros, eu já fui despedido em fins de junho, enquanto que Ihering, até setembro nem recebia a comunicação oficial do Ministério e ainda em dezembro recebia seu ordenado. O telegrama contando a notícia da sua despedida ele recebeu enquanto enfeitava sua árvore de Natal...



Linda Müller, nona e última filha de *Fritz* Müller.
L. Müller, neunte und letzte Tochter Fritz *Müllers.*
(Blumenau, 20.6.1869 / 13.7.1950)
ACERVO / *SAMMLUNG* A. H. BLUMENAU

Prova de Título de *Fritz* Müller - 1845



Após sua formatura no ginásio de Erfurt na Páscoa de 1840, o candidato ao magistério Sr. Johann Friedrich Theodor Müller, nascido no ano de 1822 em Windischholzhausen, na Província de Sachsen, filho de um Pastor Evangélico, aprimorou seus conhecimentos de Filosofia na Universidade de Berlin e Greifswald, recebendo o seu título de Doutor desta Faculdade de Filosofia, julgado e aprovado pela Comissão abaixo assinada *pro facultate docenti* na isenção de outra prova, é lhe conferido o seguinte atestado (texto ilegível).

Consagrou-se com êxito em sua formação Filosófica, demonstrando ser capaz de aprofundar-se com raciocínio profundo e claro em questões de lógica, metafísica e assuntos gerais. Adquiriu conhecimento em sistemas da história da Filosofia e Pedagogia, não pretendendo dedicar-se ao ensino do idioma alemão.

No campo da propedêutica filosófica ainda requer estudos mais aprofundados. Na área da Ciência Natural, descortina o candidato ter inclinação especialmente para a área da Mineralogia. Também demonstrou conhecimento aprofundado em específicos assuntos de Mineralogia, através de descrição de sistemas de cristalização mineralógica enumerando vários exemplos específicos. Da mesma forma prova conhecer a inte-relação entre as composições de diferentes formas mineralógicas assim como a teoria da Isomorfia, Fimorfia e teoria da proporcionalidade química.

Nas suas duas matérias principais, Biologia e Botânica, adquiriu mérito especial através de sua dissertação inaugural – *De hirudimibus circ berolinu Chucurque observatio*, apresentado através de sua aula experimental sobre a forma e preparo geográfico, prova suficiente (ilegível), assim que é considerado apto para o ensino de todas as disciplinas descritivas das Ciências Naturais.Com relação aos assuntos da Química não relacionados à Mineralogia, o candidato demonstrou ter conhecimento, sendo que na área da Química ainda necessita de experiência prática, assim que para o ensino de Química ainda não obteve autorização. Quanto às provas de Matemática e Física, o examinado apresentou no terceiro ano do ginásio (2º grau) uma lição experimental sobre a determinação do calor específico.

A palestra foi clara, faltando-lhe vivacidade, deixando de cativar por completo seus ouvintes. A prova oral tratou de questões de Matemática avançada. Nas áreas da Estática e Mecânica dos corpos rígidos, o candidato demonstrou bons conhecimentos. A Hidrostática e Hidrodinâmica lhe são áreas desconhecidas.

Na Matemática avançada tem conhecimento das sequências comuns e simplificadas de Cálculo diferencial e integral, mas em Geometria avançada, com integrais específicas e teorias mais complexas só possui conhecimentos limitados.

Aprofundou-se em alguns aspectos da Física, faltando-lhe o conhecimento de algumas disciplinas, como por exemplo, da Acústica. Após a conclusão desta prova, o candidato é considerado apto ao ensino da Matemática até o 1º ano do 2º grau ginasial. O ensino da Física poderá ser estendido aos dois últimos anos do ginásio, uma vez que demonstrou bons conhecimentos, sobretudo na área da Mecânica. Uma vez que o candidato não pretende lecionar Teologia, a prova limitou-se a conhecimentos gerais, exigidos pelo regulamento aplicado a todos os candidatos de magistério estatal. O candidato mostrou ter-se dedicado a verdades genéricas da Religião e a relação entre a mesma e as Ciências Naturais. A sua familiaridade com os ensinamentos positivos e as instituições do Cristianismo, assim como com a Bíblia foi menos satisfatória, ressaltando-se a necessidade de aprofundamento de conhecimentos religiosos para a profissão pedagógica em sua futura formação profissional. Após a conclusão do Ginásio, o candidato só teve pouco contato com as línguas antigas, por isso detém conhecimentos muito fragmentários, sem lastro científico. Especificamente ao Grego, não possui conhecimento da gramática, assim como lhe falta compreensão dos poetas. Bem mais positivos foram os resultados da prova em Latim, língua em que apresentou conhecimentos mais nítidos, principalmente através da compreensão e tradução de passagens mais difíceis do Tacitus. No entanto, o candidato não tem intenções de ensinar estes idiomas.

A leitura de partes de Montesquieu provou bons conhecimentos do idioma francês, no entanto, a constituição de seu órgão verbal evidenciou a sua dificuldade em pronunciar certas consoantes. Apresenta compreensão mais simples do idioma, no entanto, não possui conhecimento aprofundado de sua gramática, o que o qualifica para o ensino somente em níveis mais primários.

Em Geografia e História, o candidato apresentou conhecimentos fundamentais, sendo apto ao ensino nos primeiros anos escolares.

De acordo com todos os resultados da prova de habilitação, o candidato Dr. Müller obteve a *Facultas Docenti* (Faculdade de Ensino).

Berlin, 17 de Março de 1845.

Comissão Científica Real
Trendelenburg, Schellbach, G. Droy



Carta enviada por *Fritz* Müller para sua irmã predileta, Christiane Dorothea Rosine Müller (1827-1903), que faleceu solteira.

Colônia Blumenau, Província
de Santa Catharina, Brasil, 6.1.1853.

Minha querida Rosine!

Tu, certamente, ficarás alegre em saber que eu estou inteiramente satisfeito com a escolha que fiz do país que me servirá de segunda pátria e que me sinto feliz e alegre com a vida que escolhi.

O começo foi difícil. Sentimos, na própria carne, tudo quanto de mal há por aqui; houve momentos em que sentimos vontade de amaldiçoar o Brasil. Desde a nossa chegada no mato, em fins de agosto, até meados de novembro, só tivemos aborrecimentos e tempo chuvoso; por semanas inteiras não podíamos sair do nosso ranchinho; o mofo e a ferrugem estragavam as roupas e as ferramentas; o que fora semeado apodrecia; o mato derrubado não secava e o tempo das plantações começava a passar sem que pudéssemos preparar o terreno. Teremos que deixar para fevereiro a maior parte das grandes plantações.

Alemães, que estão aqui no país há mais de 20 anos, não tinham idéia de terem passado uma temporada tão má. Nos últimos dias de outubro acresceu, a esse tempo chuvoso, uma enchente tão grande, como há muitos anos não acontecia.

O nosso *Garcia* subiu além de 20 *pés* acima do nível normal. Na minha Colônia, que começa a se elevar já da margem do ribeirão, não houve danos maiores. No lote do August, uma grande parte do mato derrubado, que aqui se chama roça, ficou debaixo d'água. Esta, ao baixar, deixou tudo coberto de lama, de sorte que as folhas e galhos não podiam mais ser requeimados e, consequentemente, foi preciso limpar todo o trecho com dispêndio de tempo e trabalho. Muito pior, porém, sucedeu a outros colonos, que moram para diante dos nossos lotes e que haviam construído os seus ranchos em lugares baixos. Alguns desses ranchos ficaram completamente debaixo d'água, muitos objetos se perderam e, além disso, os caminhos inundados não deram mais passagem e nem se podia descer o ribeirão de canoa, devido à forte correnteza, o que obrigou muita gente a passar fome.

Depois desse tempo chuvoso veio um calor medonho; pelos fins de novembro, muitas vezes o termômetro alcançou 29 graus R à sombra. E, em dias tão quentes, nós tínhamos que derrubar mato. Suamos como nunca na vida havíamos suado. Quando, certo dia, eu e S. derrubávamos uma grossa magnólia, o suor corria-nos, como rio pelo corpo abaixo. Esse calor desanimava-nos mais que o tempo chuvoso, e temíamos nem poder mais trabalhar quando chegassem os meses de janeiro e fevereiro, que são muito mais quentes. Felizmente, isso não aconteceu. O tempo refrescou. Nessa época de calor, tivemos também algumas tempestades que, para muitos de nós, europeus, eram de medonha violência. Relâmpagos sobre relâmpagos, raios sobre raios e um verdadeiro dilúvio de chuva; as palmeiras próximas dobravam-se ao vendaval, como caniços e os galhos quebrados estalavam na mataria. Além das chuvas e do grande calor, tivemos ainda outra praga que, também no dizer dos antigos moradores, foi coisa que nunca se vira antes, a dos insetos. Quando, após o tempo chuvoso, veio o calor, surgiram verdadeiros enxames de pernilongos, parecidos com os da Alemanha. É só entrar-se no mato e cai sobre a gente uma nuvem negra de insetos. Se se ficar por um momento quieto o rosto, braços, mãos e pernas ficam cobertas de picadas. Mais de uma vez, eles correram conosco do trabalho para casa. A coitadinha da nossa Anna estava tão cheia de pintas vermelhas, que parecia estar com sarampo. Agora, esses pernilongos começaram a desaparecer.

Em virtude disso tudo houve também uma grande alta no custo dos gêneros de primeira qualidade, como na farinha, que aqui substitui o pão, e na carne seca. Esta última havia muito que estava em falta e afinal tivemos que nos contentar com uma mercadoria ordinária, mal cheirosa, mais pele e nervos do que carne, por 6 vinténs o quilo. Um saco de batatas – que nem sempre se encontrava – custava 2 mil réis (1 *thaler* e 20 *silbergroschen*). O saco de farinha custa agora 11 *patacas* (2 *thaleres* e 28 *silbergroschen*), o saco de feijão 8 a 10 mil réis.

Os perigos que aqui nos ameaçam, de quando em quando, nos fornecem exemplos que nos tornam mais prudentes e cuidadosos.

Um dos nossos colonos, um amável rapaz de 20 anos, geralmente muito estimado, afogou-se a 29 de dezembro, no Itajaí. Com o sogro e dois outros alemães, ele foi de canoa até o morador próximo e, dali, seguiu sozinho para ir buscar uma carta que chegara da Alemanha. Depois de longa e inútil espera pela volta, viram os seus companheiros a canoa que boiava vazia: ele tinha caído e se afogara. Entretanto, fora um dos melhores canoeiros entre os alemães. Uma embarcação, tão leve como as nossas canoas de pouco mais de 2 *palmos* de boca, vira facilmente e ainda mais facilmente pode-se perder o equilíbrio quando se rema de pé. Por isso, aqui, o nadar é uma arte necessária. Minha mulher terá ainda que aprendê-la.

Pouco depois fomos surpreendidos por outro acontecimento. Os bugres (como aqui os indígenas são chamados) assaltaram o acampamento do Dr. Blumenau, na *Velha*, distante de nós nem meia hora. Eles, naturalmente, notaram que, por duas vezes pela manhã, uma canoa, com homens, havia saído (rio abaixo, navegava-se no meio do rio para aproveitar a correnteza), mas não os viram quando regressaram, bem junto à margem. Ao meio dia, também não viram ninguém, estando, justamente, os dois arrendatários do terreno limpando e pondo em ordem as suas espingardas. Pensaram, assim, que a casa estivesse vazia. Quando, por volta das 3 horas o arrendatário Schramm saiu de casa, viu 5 vultos bronzeados, nus, armados de arcos e flechas, que vinham em direção à casa, saindo de uma roça de mandioca dum morro próximo. Um sexto permaneceu mais atrás, neste morro. O arrendatário deu alguns passos em direção a eles e depois depositou a arma no chão e acenou-lhes com um ramo verde, para que eles pudessem chegar pacificamente e sem armas. Pareceu que eles conferenciavam entre si, mas, a uma ordem do cacique, soltaram um medonho brado de guerra e partiram em direção ao arrendatário, batendo com as mãos nas coxas. O outro arrendatário, Toepsel, atraído pelo barulho e pelos chamados de Schramm, deu um tiro para o ar para assustá-los; eles hesitaram um momento, para em seguida continuarem em direção a casa. Schramm e Toepsel entraram em casa e mandaram a mulher do primeiro, com um acompanhante, ao *Garcia*, não só para deixar a mulher em segurança, como para buscar socorro. Os dois arrendatários esconderam-se em outro rancho próximo. Os bugres aproximaram-se com gritos ameaçadores.

Atiraram flechas, entraram nos quartos e começaram a pilhagem. Juntaram no pátio uns sacos que por ali havia e alguns bugres entraram no quarto do Dr. Blumenau (que estava em viagem, no Desterro) e Schramm ouviu quando eles estavam arrombando o armário. Um bugre, que também se dispunha a entrar no quarto, notou a presença de Schramm na janela do sótão do rancho próximo, mas nesse exato momento recebeu um tiro no lado. Soltando um grande grito, ele jogou fora a sua arma e fugiu; os outros, também abandonando as armas, foram-lhe atrás. E ao correrem, davam pulos da esquerda para a direita, e desta para aquela, com medo dos tiros, mas, apesar disso, parece que um foi, ainda, gravemente atingido nas costas. Ainda ouviam-se os seus gritos, vindos de dentro da mata. No outro dia foi encontrado o que recebera o primeiro tiro. Vi a cabeça. Não era feio; ainda que o nariz e os lábios fossem bem grossos, era mais bonito do que muitos caboclos e muito mais ainda do que os negros. Os cabelos pretos e lisos eram rapados no alto da cabeça e aparados ao redor desta. Os olhos eram castanhos e quase não tinha barba. No lábio ele trazia um bodoque, isto é, uma cavilha de pinho. As flechas eram meio mal feitas, de taquara, com ponta de madeira, com 6 ou 10 reentrâncias, em forma de dentes e com algumas penas de jacu na outra extremidade. Entre as 8 flechas encontradas, uma tinha ponta de ferro.

Naturalmente, após o assalto dos bugres, as armas passaram por uma revisão e foram postas à mão, devidamente carregadas e, nos primeiros dias não caía, nem mesmo uma folha de palmeira no mato sem que se ficasse na expectativa de ver surgir um bugre de trás de alguma moita. (Naturalmente, uma folha de palmeira, de 10 *pés* de comprimento, faz mais barulho ao cair do que uma folha de tília alemã). De noite, os bugres não fazem os seus assaltos e, durante o dia, um homem só com uma arma de fogo não precisava temer número maior de bugres.

Assim, se muitos de nós tivemos que passar por duras provas, nos primeiros tempos e ver nisso o motivo para amaldiçoar esta bela terra, basta uma visita aos alemães estabelecidos rio abaixo, para se ganhar novo ânimo. Se uma família, há 4 anos começou com nada, uma família, naturalmente, bastante disposta ao trabalho, e se essa família, agora, em um só ano, fez açúcar para mais ou menos 1.000 *thaleres* e, além disso, tem fartura em gado e verduras e quando a gente vê como crescem ligeiro os cafeeiros e as árvores frutíferas, e se admira as maravilhosas plantações de bananas e laranjas, então a gente tem que se render à evidência e convencer-se de que, com saúde e constante atividade, chega-se a uma vida satisfeita e alegre e a transformar o caos e troncos e galhos, meio queimados, que agora rodeiam o nosso rancho, num pequeno paraíso.

Tu, naturalmente, te perguntarás a ti mesma como é que se pode, numa casa tão miserável e num trabalho tão desagradável e pesado, sentir-se feliz. Mas, conhecesses tu este pedacinho de terra que agora se pode alcançar com a vista, no seu atual estado, comparado com o que era, a poucos meses atrás, onde eu, em meio ao mato fechado, escolhi um local para construir o rancho e através cerrada capoeira, por caminhos quase intransitáveis ia buscar a água, pudesse tu fazer uma idéia disso aqui, como era e agora é, e ainda dizer-te a ti mesma: "Agradece tudo isso ao teu próprio trabalho! Com as tuas próprias mãos limpastes o chão da casa das árvores que nele cresciam; preparastes os caibros e sarrafos, colhestes as folhas para a cobertura e as ligastes em esteiras; construístes a rampa para chegar à água; derramastes suor ao derrubar esta ou aquela árvore; pudesses tu, minha irmã, à tardinha, contemplar de cima de um tronco caído, as roças, o terreno limpo, um pouco distante da confusão de troncos e ramos; naturalmente tu criarias, também, amor a esta choupana e a este terreno e, com igual disposição tu te porias ao trabalho, como eu o faço.

Eu me sinto tão bem aqui, que até mesmo nos domingos, só mesmo por motivos poderosos o abandono. Esses motivos são, por exemplo, comprar nossas provisões, que teremos que carregar às costas por uma meia hora, pois, infelizmente, o nosso *Garcia*, em seu nível normal, não é navegável por canoa. Uma vez eu fiz juntamente com Schramm uma viagem, por água, rio abaixo, para comprar um leitão; adquirimos um pequeno, meio gordo, com mais ou menos 60 *libras*, por 6 mil réis. Tivemos, naturalmente, que carregá-lo aos ombros, por mais de meia hora, pelo mato. Várias vezes vieram me buscar para visitar doentes, rio abaixo, pois em todo o Itajaí não há um Médico. No ano novo, nós, assim como o August e sua mulher, estivemos no acampamento do Dr. Blumenau, na *Velha*, onde fomos tomar uma chícara de chocolate.

Devo contar-te, ainda, que eu, uma vez ao fazer derrubada, quase que perdi a vida.



Foi a 26 de novembro; nós tínhamos derrubado um pedaço de mato, na propriedade do August, e estávamos ocupados em cortar e juntar os galhos das árvores caídas para que estas, depois de secas, queimassem melhor. Assim estava eu com o machado entre os galhos de uma laranjeira, quando ouvi os gritos de: "*Fritz, Fritz*!". Olhei e vi que uma palmiteira que August estava derrubando, na beira do mato, ia caindo mesmo em cima de mim; ela tinha sido desviada, na sua queda, do rumo que August lhe imprimira, por uma planta trepadeira; eu não podia saltar do ponto movediço em que me encontrava e antes que eu me desse conta, o tronco de palmito veio direto à minha cabeça e eu fui atirado ao chão, sangrando. Muita gente já havia sido acidentada por palmitos ao serem derrubados, pois os compridos caules, sem galhos, adquirem na queda medonho impulso. Saí-me bem do acontecido; em pouco voltei ao sentido e depois de ter, à tarde e à noite, colocado compressas frias sobre os ferimentos, a dor quase cessou completamente. Ainda por alguns dias minha cabeça ficou ressentida e, mesmo por bastante tempo depois, ficou sensível ao sol. Nunca se é precavido demais ao derrubar mato, pois, é muito comum o desvio de direção dos troncos na sua queda.

In *Blumenau em Cadernos*, Tomo XXXVIII nº 5, maio 1997.



O inverno de 1866 foi extraordinariamente frio e as jacutingas (*Penelope pipile*) desceram das serras em número tão grande que, em poucas semanas, foram mortas cerca de 50 mil no Vale do Itajaí.

*Der Winter im Jahr 1866 war so kalt, dass eine große Anzahl von Wildhühnern (*Penelope pipile*) von den Gebirgswäldern ins Itajaí-Tal zogen, wo in wenigen Wochen ca. 50 Tausend erlegt wurden.*

Fritz Müller, in seinem Brief an Charles Darwin, 9.9.1868.

Foi no ano de 1887, durante a minha estadia no Brasil, que estive visitando a Colônia Blumenau, à beira do Rio Itajaí-açu, na Província de Santa Catarina. Meu primeiro contato foi com o naturalista alemão, D. *Fritz* Müller, amplamente conhecido por suas pesquisas darwinianas. A caminho de sua residência me veio de encontro um senhor idoso, de barba branca, largo chapéu de feltro, calça arregaçada, com um poderoso bastão de bambu na mão, de passos leves e elásticos.

Pelas descrições que me haviam sido dadas, não houve a menor dúvida de quem eu havia encontrado: era o próprio Dr. *Fritz* Müller, que estava a caminho para buscar as suas encomendas no correio. Recebeu-me de maneira extremamente acolhedora, conduzindo-me até sua modesta morada à beira do rio, uma bela casinha em meio a um jardim bem cuidado, onde habitava com sua encantadora esposa e sua filha mais nova, em toda a comodidade de estilo alemão. Durante a minha estadia em Blumenau, Müller e um jovem comerciante me convidaram a percorrer a Colônia. Os três dias em que cruzamos juntos a bela criação do Dr. Blumenau, num carro de caça puxado por duas duplas de cavalos, permanecerão para sempre vivos em minha memória, pelas inúmeras e interessantes lições recebidas do anfitrião e pela magia de sua personalidade encantadora. De maneira semelhante ao seu amigo Darwin, a índole deste pesquisador, livre de qualquer medo das consequências por suas posições tão radicais, se destaca por uma grandiosa amenidade de juízo e de todo o seu ser. A sua maior alegria é a observação da vida animal, e todas as suas peculiaridades; jamais ele disparou uma arma de fogo para matar um animal, e todas as suas caminhadas este homem realiza completamente desarmado.

Dr. Vogel, in *Die Gartenlaube* / *O Carramanchão*, nº 16 - 1892.
Illustriertes Familienblatt / *Folha Familiar Ilustrada*, fundada por Ernst Keil, Berlin, 1853.

Página ao lado / *Seite gegenüber*
Blumenau, c. 1880
Residência Dr. *Fritz* Müller
Wohnhaus Dr. Fritz *Müllers*
Acervo Livro 50 Anos de Blumenau
Sammlung des Buches 50 Jahre Blumenau



Meu caro Senhor!
Desde que lhe escrevi há alguns dias e lhe enviei 3 exemplares do seu livro *Für Darwin*, li a tradução inglesa e não posso negar a mim mesmo o prazer de mais uma vez expressar-lhe ainda calorosa admiração. Eu poderia, mas não o farei, repetir meus agradecimentos pela maneira magnânima com que o senhor frequentemente menciona meu nome; mas posso dizer-lhe sinceramente que considero a publicação do seu ensaio como uma das maiores honrarias jamais conferidas a mim. Nada pode ser mais profundo e surpreendente do que as suas observações sobre o desenvolvimento e classificação. (...)

Mein sehr geehrter Herr!
Seitdem ich Ihnen vor einigen Tagen schrieb und drei Exemplare Ihres Buches Für Darwin *schickte, las ich die englische Übersetzung und möchte mir selbst die Freude nicht vorenthalten, Ihnen nochmals meine außerordentliche Bewunderung zum Ausdruck zu bringen. Ich könnte - möchte es aber nicht tun – zum wiederholten Male meinen Dank äußern für die großartige Weise, wie Sie häufig meinen Namen nennen; ich darf Ihnen jedoch aufrichtigst mitteilen, dass ich die Veröffentlichung Ihres Essays als eine der größten Ehrungen meiner Person betrachte. Nichts kann tiefgründiger und überraschender sein als Ihre Anmerkungen zur Entwicklung und Klassifizierung. (. . .)*

Charles Darwin / Kent, 18.3.1869.



Das sementes que me foram gentilmente cedidas pelo Dr. *Fritz* Müller de Blumenau, Brasil, foi possível desenvolver no bromeliário do Jardim Botânico Imperial em Breslau (Bratislava) a espécie retratada nesta ilustração, sendo que vários exemplares já se encontram florescidos. O desenvolvimento a partir das sementes durou um pouco mais de três anos. Uma vez que todas as mudas primárias originaram várias plantas secundárias fortes, de agora em diante esta espécie certamente enfeitará anualmente, durante algumas semanas, os viveiros com suas lindas cores.

A *Aechmea cylindrata* foi descoberta por Mosén nas imediações de Santos (Província de São Paulo) e enviada à Europa em conservas de álcool; mais tarde eu mesmo pude me certificar de que os exemplares de Santa Catarina pertencem à mesma espécie (santista). A planta florescida atinge uma altura de 30 centímetros. As suas elegantes folhas (de 15 a 20) curvas em formas de arcos descendentes apresentam uma coloração verde escura, raramente encontrada em bromeliáceas. As folhas da planta adolescente apresentam finas linhas longitudinais avermelhadas, que se transformam em linhas únicas bastante aparentes ao longo das veias centrais. A haste central da flor se esconde no interior de um rígido manto tubular ascendente de pétalas arredondadas; o carpelo surge timidamente por entre a roseta de pétalas. As sementes da planta blumenauense são visivelmente grandes, mesmo que menores do que sugere a ilustração de Lindman, na qual as sementes da ponta superam em altura a própria flor – sendo que nos nossos exemplares estudados as hastes que se sobrepõem à flor são as inferiores. O caule central da flor, o módulo do fruto e o cálice são de cor rosa clara, sendo este último mais escuro nas bordas, passando a marrom avermelhado em suas pontas espinhentas. As pétalas são brancas na parte inferior externa, azul violeta no lado oposto interior, transformando-se em azul claro no centro da pétala e novamente azul escuro na extremidade superior. Os filamentos são de cor azul claro, anteras e nervuras de azul escuro. O parentesco desta bonita espécie com a *Aechmea nudicaulis* e *A. aureorosa* é extremamente grande, sendo que pode ser constatada uma significativa importância as espécies por mim estudadas. Notável parece ser a semelhança entre todas as diferentes espécies, uma vez que a coloração azul das pétalas da *A. cylindrata*, assim como as amarelas da *A. nudicaulis*, *A. lindeni*, *A. calyculata*, etc., e as violetas da *A. aureorosa* – todas se transformam rapidamente em marrom. O início da inflorescência (envelhecimento) parte do centro das pétalas e se expande igualmente para cima e para baixo.

Assim como todas as plantas procedentes das províncias sul-brasileiras, a *A. cylindrata* é muito fácil de cultivar e suporta temperaturas baixas de maneira exemplar. Sem dúvida, pode ser aconselhada a seus conhecedores e amantes.

Breslau, 1898. Prof. Dr. Carl Mez.



Bernhard Wiegandt, c. 1865

Imagem da primeira aglomeração de casas de J. Georg Repsold e sua família no Brasil, construída em 1864, na Província de Santa Catarina, Colônia de Blumenau. Vendida para o famoso botânico e darwinista Dr. Friedrich Müller (*Fritz* Müller), durante a migração para o Rio de Janeiro em 1865. Segundo Frederico Kilian, em 3.7.1991, "isto é o *Belchior* geográfico".

*Abbildung der ersten Ansiedlung der Familie J. Georg Repsold in Brasilien, errichtet im Jahr 1864 in der Kolonie Blumenau, Provinz Santa Catarina. Später weiterverkauft an den berühmten Bothaniker und Darwinisten Sr. Friedrich Müller (*Fritz *Müller), während des Umzuges der Familie im Jahr 1865 nach Rio de Janeiro. Frederico Kilian beschreibt den Ort am 3.7.1991 als den "geographischen* Belchior*".*

ACERVO / *SAMMLUNG* J. BLUMENAU-NIESEL, BERLIN

A árvore em segundo plano é uma figueira brava, já derrubada, apesar de sua beleza monumental. A parte inferior do tronco, com suas raízes ascendentes em forma de paredes, apresentavam uma circunferência de 10 a 12 *pés*. O imenso galho inferior cobria um pequeno vale (cânion) que por sua vez representava o início e a divisa da Colônia de Blumenau, apontando para a mesma. "De lindo feitio natural, este galho, próprio para se aplicar uma placa com o brasão de Blumenau, ou uma mensagem para a Colônia, ou para algo semelhante, foi o que certa vez eu falei ao Dr. Blumenau, que naquela época ainda não era o meu cunhado". "Boa idéia, replicou o mesmo, mas o que o senhor acha que deveria estar escrito nesta placa?". "Lasciate ogni speranza voi che entrate". (Deixai qualquer esperança, vós que entrais).

Der im Hintergrund befindliche Baum ist eine Figueira Brava *(wilder Feigenbaum), trotz seiner monumentalen Schönheit längst gefällt. Das untere Stammende des Baumes, mit seinen aufwärtsstrebenden, wandförmigen Wurzelfortsätzen, hatte einen Durchmesser von 10 bis 12 Fuß. Der niedrigste, riesengroße Ast des Baumes erstreckte sich über eine kleine Schlucht, welche die Grenze und den Anfang der Kolonie Blumenau bildete, auf diese hinweisend. "Wunderbar von der Natur hergerichtet, dieser Ast, um ein Schild anzubringen mit einem Wahrzeichen, einer Devise für die Kolonie, oder desgleichen", schlug ich einst Dr. Blumenau vor, damals noch nicht mein Schwager. "Guter Gedanke, antwortete dieser, aber was meinen Sie wohl, würde man am Besten auf dieses Schild schreiben?". "Lasciate ogni speranza voi che entrate".*

J.GEORG REPSOLD, HAMBURG, 1897.

1853 Karl Julius Baumgarten



K. J. Baumgarten
1832-1893

Karl Friedrich Julius Baumgarten nasceu a 23 de fevereiro de 1832 em Lehre, no ducado de Braunschweig (Alemanha) e faleceu a 21 de junho de 1893 em Blumenau. Era filho de Karl Julius Baumgarten (23.4.1799 – 8.9.1855), Pastor Evangélico graduado na Alemanha, com quem Dr. Blumenau se correspondia para dizer como ia o filho em sua nova vida. Baumgarten chegou a Blumenau em junho de 1853 no brigue sueco Witens*, e, ao chegar a Itajaí encontrou ali Dr. Blumenau que vinha da Alemanha e Rio de Janeiro, onde obtivera um empréstimo do Governo Imperial para sua Colônia. Apesar de a população ter diminuído neste ano, as safras iam bem: açúcar, farinha, feijão e batata, além do consumo interno, eram vendidos para as colônias vizinhas. Graças à ação constante da revista* Blumenau em Cadernos*, criada pelo Prof. José Ferreira da Silva em 1957, que resgata nestes mais de 60 anos subsídios para a compreensão melhor do que fora este arriscado empreendimento, é que podemos hoje reunir aqui neste livro as matérias consideradas mais interessantes que nos permitem criar uma imagem daquele período.*

E a correspondência de Baumgarten com seus familiares na Alemanha é uma destas importantes narrativas que não podemos deixar de reprisar. Em torno de 12 cartas escritas à sua família foram publicadas entre os anos de 1960-80 em Blumenau em Cadernos *(tradução Edith Sophia Eimer). Sua primeira carta data de 28.7.1853, onde narra que sua viagem levara 58 dias e que chegara ao porto de São Francisco. Já havia comprado seu lote de terra em Blumenau, por 1.000 réis, que era de Paul Kellner que por sua vez comprara de Franz Sallentien. Batizara sua "Colônia" com o nome de Lichtenburg (cidade da região da Alemanha de onde viera). Com uma metragem de 400* morgen *de Magdebur (ou 600 pela metragem de Braunschweig), estava localizada cerca de uma hora acima do Rio Itajaí, margem esquerda, próximo do* Stadtplatz*. Dizia ele que, por estar cerca de 10m acima do rio dificilmente a enchente o alcançaria. A frente do terreno tinha cerca de 400* braças *e, o que era muito importante, já havia uma "confortável casa com um bom telhado de folhas de bananeiras".*

Casou em 19 de março de 1855, quase dois anos após sua chegada, pois a vida na Colônia sem uma dona de casa era insuportável – conforme afirmam todos estes pioneiros de Blumenau. A escolhida foi Margarethe Wagner, de 15 anos, filha de Peter Wagner, um daqueles alemães que chegaram antes de Dr. Blumenau, oriundos da Colônia São Pedro de Alcântara *(1829). Adquiriu outro terreno, agora no* Stadplatz *(Rua das* Palmeiras*) e, com August Pauls, abriu um espaço para servir cerveja, cachaça e outros aperitivos. Era vizinho da Casa* Meyer & Spierling*, onde depois seria construído o Teatro* Frohsinn.

Deste casamento tiveram três filhos: Hermann (que viria a ser o pioneiro da Imprensa de Blumenau com o jornal Blumenauer Zeitung*, em 1881), Inês e Julius (quando Margarethe, a mãe, faleceu no parto). Posteriormente, K. Julius viria a se casar com Augusta Rischbieter, resultando daí outros seis filhos. Baumgarten acabou por se tornar num auxiliar dedicado ao projeto do Dr. Blumenau. Exerceu as funções de Delegado de Polícia por muitos anos e de Juiz de Paz, cuidando assim da ordem e disciplina sempre reinantes na Colônia.*



Primeira carta de 28.7.1853

Querido Pai. Depois de 58 dias de uma viagem relativamente agradável, chegamos ao porto de São Francisco, felizes e com saúde. Um dos passos mais importantes de minha vida foi comprar as terras de Paul Kellner, que as comprou de Sallentien. Agora são minhas, e se situam na margem esquerda do grande Rio Itajaí-açu. Meu vizinho mais próximo é Gustav Pauls e sua família, gente muito boa que está me apoiando aqui na Colônia. Minha propriedade está situada num dos melhores pontos da Colônia, pois fica uns 30 *pés* acima do nível do rio, o que me protege das frequentes enchentes e enxurradas do rio, e garante boa colheita de cana de açúcar, café e banana, que já estou plantando.

A propriedade já possuía uma grande moradia, construída com troncos de palmito e lama, protegida contra o vento e a chuva com um bom telhado de folhas de palmito. As portas e janelas são de madeira e têm boa fechadura. Ao lado construí um rancho bem espaçoso, que servirá para moer cana e fabricar o açúcar. Paul me ajudou nesta empreitada, emprestando-me a soma de 1 mil réis. Ele e o irmão, Adolph, ficaram comigo por quatro semanas para me ajudar a limpar os terrenos e plantar milho, batata, feijão e cana. Para o próximo ano já espero ter um bom lucro.

Portanto, o senhor pode concluir que fiz um bom negócio, num lugar maravilhoso, graças aos bons conselhos de *Herr* Blumenau. Ele é uma pessoa verdadeiramente extraordinária, está sempre perto de nós, seus colonos, incentivando-nos com palavras de carinho e orientando-nos com bons conselhos, é um verdadeiro pai para todos! Eu nem consigo descrever a garra e a vontade de vencer deste homem, que vive num pequeno casebre como os nossos, de uma janela só. Ele não busca influências partidárias e nem protege os ricos, ajuda a todos indistintamente com um senso de justiça admirável. Imagine só, ele procura melhorar a nossa vida fazendo ele mesmo compras dos artigos que necessitamos, para conseguir melhores descontos, e nos repassa por preços mínimos. Chega a ter perdas enormes, tudo para ajudar os colonos, pois ele quer ver a Colônia prosperar a qualquer custo.

Dá gosto vê-lo no meio dos colonos, servindo-se na mesma tijela do seu feijão mal cozido, tomando da mesma moringa... Em compensação, todos nós o adoramos e rezamos pelo seu sucesso, saúde e felicidade!

Estou contente em saber que as terras daqui são realmente muito férteis; meus vizinhos já estão na quinta colheita de cana de açúcar e a terra continua produzindo bem; eu só estou na primeira colheita, que vai acontecer em breve, mas já estou me preparando: no mês de dezembro derrubarei mais 6 ou 8 mil metros de mata e ampliarei as plantações de feijão, cana, batata e milho. Assim que estiver com maior sobra de caixa, iniciarei o cultivo de café, tabaco, cravo e canela, pois existe muito mercado para estas especiarias. No momento minha maior preocupação é construir um celeiro para abrigar a minha colheita. Estou economizando para juntar 400 mil réis e poder fazer isto tudo, bem como contratar um empregado para me ajudar por aqui. Já estou procurando, mas quero um homem de meia-idade e de origem germânica, que fique morando aqui comigo, assim também terei um pouco de companhia.

Pretendo pagar 10 mil réis mensais e arcar com sua alimentação. Estou preocupado com todos estes gastos, e o mais importante é que preciso comprar um tacho de cobre para cozinhar a cana, acho que custará em torno de 120 mil réis.

Pai, comente com as pessoas de nossa região que serão muito bem vindas por aqui se quiserem tentar a sorte, há uma falta muito grande de profissionais específicos como sapateiros, ferramenteiros, marceneiros e mestres de obras, entre outros. E falem para Nahrwold que eu continuo esperando por ele; quando ele quiser vir, não precisa se preocupar com o dinheiro para a compra de terras; eu reparto as minhas com ele e depois compraremos mais!

Como podem ver, está tudo indo muito bem com este seu filho, só o que incomoda um pouco é a solidão e principalmente a falta de uma companheira. Infelizmente já percebi que as mulheres aqui são preguiçosas e relaxadas, apesar de serem bonitas. Para casar terei que buscar uma boa mulher aí na terra natal, espero que procurem uma boa candidata para mim!!

Não se preocupe comigo, pois tenho no Dr. Blumenau um verdadeiro pai que zela por mim como se fosse você, papai!! Que Deus nos abençoe e proteja em sua misericórdia. Por favor, me escrevam logo, estou esperando ansiosamente!! Mil beijos de vosso filho, Julius Baumgarten.

Carta de 10.9.1853

Querida Marie e fiel Emilie! Bom dia minhas caras irmãs! Certamente um cumprimento distante, mesmo que com passos largos atravesse o oceano, passam semanas antes que seus olhos vissem as palavras. Sabem, são 1.800 milhas alemãs entre nós, uma grande distância para um corpo atravessar, mas curto para um pensamento. Meus pensamentos quase que a cada hora estão com vocês, meus queridos. Passam todos os domingos à tarde na sua aconchegante salinha? Enquanto vocês deliciam-se com uma xícara de café eu descanso debaixo de uma macieira, relembrando os dias e horas agradáveis que passei na Alemanha. Lembro os alegres bailes de inverno, oh! que tempo maravilhoso.

É verdade, como em um ano tudo mudou, cada dia traz novas lembranças. Hoje os dias são um como o outro, só raramente ocorre uma mudança e só o domingo pode interromper a monotonia da vida diária. Por aqui poucas vezes se perde uma pessoa, nenhuma mocinha, além dos irmãos Kellner dificilmente outro jovem. Vivo aqui bem sozinho com dois empregados no meu belo Lichtenburg. Mas como eu ficaria contente se fosse surpreendido por uma das belezas da Alemanha, tão minhas conhecidas. Antigamente as via frequentemente, mas hoje já não vejo uma dama. (...)

Mesmo que a vida, às vezes, apresente-se monótona, fica a boa perspectiva e com o tempo tudo vai melhorar. A comida que no fundo é péssima, também está melhorando, porque se hoje me posso servir de algumas batatas ou uma sopa delas, já tenho um prato delicioso e apetitoso. Por este motivo alegrem-se com as batatas que podem comer diariamente ou um pedaço de pão seco que aqui muitos não têm nem para comer.

E se vocês tivessem que comer um dia um pedaço de carne seca, com o pavoroso pirão de mandioca, que parece ter o gosto de serragem misturado a água, então vocês reconheceriam o que tem de bom. Nós aqui temos que comer isto duas vezes por dia e ao meio dia, feijão preto.

Mas logo que sobrar dinheiro para adquirir uma vaca, um porco e algumas galinhas e ainda tiver uma esposa, tudo vai melhorar.

Como isto, porém, pode demorar ainda mais um pouco, já me conformei em levar esta vida ainda por alguns anos.

Agora chegou o momento pelo qual tanto ansiei, sou um homem livre, mas com esta liberdade vieram também as preocupações. Sim, preocupações terríveis às vezes perturbam a minha mente e afugentam a alegria juvenil, os sentimentos alegres. A seriedade do homem que precisa cuidar de tudo, pela comida, bebida, conseguir dinheiro, esta austeridade agora se apossou de mim e com ela a modificação fundamental do meu caráter, uma força inquebrantável. Mesmo que ele não afugente de todo a alegria e o divertimento do mundo, ele deverá existir, é o que exige a minha atual posição. O que exige de mim é a solução do enigma a mim apresentado, terá que ser uma firme e austera seriedade. Não pensem, no entanto, que por esta razão me tornarei melancólico ou pessoa que foge da convivência do homem. Não, isto vocês não têm a recear, pois a cada 14 dias chego a ver pessoas e isto por enquanto basta. Para a elegante elite da Alemanha em pouco tempo estarei perdido. Apresentar o elegante cavalheiro alemão nos bailes, como antigamente, desaprenderá um pouco. Preparem-se, portanto, em reconhecer em mim dentro de 3 ou 4 anos, quando for à Alemanha um verdadeiro demônio da floresta. Mas agora mudemos de assunto.

Como certamente querem saber alguma coisa sobre minha vida de solteirão doméstico aqui, farei agora uma rápida descrição sobre a mesma. Minha casa de frente e fundos tem 34 *pés* de comprimento (10 m) por 26 de largura (8 m) e 14 *pés* de altura (4 m) até o telhado, que é bastante alto, foi construido por carpinteiros alemães e é bem sólida. À direita da porta fica a quatro *palmos* o fogão, onde a princípio as panelas eram penduradas só por correntes. Agora o melhorei e com grelhas construí um fogão bem melhor. Atrás deste estão penduradas na parede as ferramentas e as espingardas que são 4 e mais 3 pistolas sempre carregadas. Bem próximo encontra-se uma prateleira na qual estão nossas ferramentas, estas, bem como as armas, precisam ficar perto do calor do forno para preservá-las da umidade, para não enferrujarem. Ao lado desta prateleira tem outra, onde se vê os meus utensílios de cozinha, panelas, pratos, lâmpadas, canecas, xícaras e garrafas. Mais embaixo, os baldes, outras caixas e caixinhas com velas, sabão, açúcar, café e mais alimentos. Atrás se encontram dois grandes tachos que atualmente ainda são usados como depósitos de papeis. Mais adiante, num pequeno balaio, batatas. Nos fundos algumas tábuas pregadas sobre as quais estão meus livros, papel de carta, tinteiro, artisticamente arranjado. Abaixo destas tábuas, meu eterno calendário, depois suas queridas fotografias e meu relógio de bolso, que funciona às mil maravilhas, também não podemos esquecer meus cachimbos. Mais abaixo encontramos dois bancos em estado rústico. Esta é a casa de morada e anexo fica o dormitório sem tabique que tem assoalho e constitui o recanto mais agradável da casa. Considerando o estado de saúde, fiz deste lugar o dormitório, onde nossas camas estão espalhadas no chão e o resto de meus pertences em caixotes. Assim apresenta-se no momento a nossa casa que, comparada com um simples casebre na Alemanha parece um palácio. Mas ao estilo daqui até que é confortável e elegante.

No que se refere ao estilo de vida propriamente dito, temos: de manhã levantamos às 5:30', tomamos uma cachaça e em seguida os trabalhadores saem para o trabalho. Eu permaneço em casa, ocupado com a arrumação da mesma e com a cozinha. Às 8 horas fazemos a merenda, que é carne seca frita num espeto com pirão (farinha de mandioca), café preto com açúcar. Em seguida almoçamos. Os operários descansam por uma hora enquanto eu lavo a louça e faço café. Às 13 horas todos voltam ao trabalho até às 18 horas, quando escurece. À noite, às 19 horas comemos outra vez carne seca com feijão, café preto, às vezes também batatas e carne silvestre. Depois passamos a ler um bom livro ou fazemos música, para às 21 horas cairmos em nossas camas. Acontece também que, às vezes, caçamos um papagaio, um tucano ou uma galinha silvestre.

A carne é muito gostosa e para nós é uma festa no prato diário. Às vezes também colocamos armadilhas nas quais pegamos quatis, pacas, veados, etc. Onças, ainda não pegamos, mas dizem que a carne é deliciosa. Como podem ver, carne temos em abundância, também peixes chegam à mesa, mas para mim prevalece o ditado: "Pesca e armadilhas muitas vezes são fatais ao solteirão".

Agora, uma palavra a respeito das belezas locais. As brasileiras em sua maioria são bem bonitas, tem lindos olhos castanhos e traços fisionômicos delicados e finos. Se estivessem vestidas com seus trajes e fossem um pouco mais vaidosas, poderiam ser consideradas belas mulheres, mas, sem exceção, são desleixadas, pouco se importam com a aparência pessoal e se vestem muito mal. Nunca me apaixonaria por uma brasileira, pois, como donas-de-casa são péssimas. Se não tivessem sempre a seu lado o serviço dos escravos e escravas, estariam totalmente perdidas.

As mais ricas passam o tempo todo bordando e tecendo, sendo exímias bordadeiras e tecelãs, mas também dependem dos escravos.

Os homens brasileiros em sua maioria são de porte vistoso e eu já vi senhores de beleza tal, como nunca encontrara ou vira na Alemanha. Também estes dão maior valor à sua aparência e sempre quando não estão trabalhando, seja senhor ou operário, estão vestidos com uma bonita camisa branca. Os alemães são muito considerados junto às brasileiras e é fácil por este motivo a um alemão, seja bonito ou feio, cair nas boas graças de uma rica brasileira. Se ele for trabalhador há excelentes partidos e junto com a moça ainda se recebe de 20 a 30 escravos a 600 ou 1.000 réis e ainda como dote, de 1.000 a 12.000 réis. No entanto, só tomarei uma posição para este assunto quando achar uma boa moça alemã.

Como com o escrever das cartas a minha intenção é ao mesmo tempo esclarecer vocês sobre assuntos que não conhecem ou que lêem bastante deturpados, me vejo na obrigação de perder algumas palavras sobre a escravatura.

Vim a esta terra com uma opinião pré-concebida a este respeito, com uma grande aversão à escravatura. Naturalmente influenciado pelo livro "A Cabana do Pai Tomás", aqui conhecido como "Tia Beerbohm". Agora, no entanto, quando vi com meus próprios olhos a situação dos escravos aqui, cheguei à conclusão que estes livros estão baseados em mera fantasia. A respeito da escravidão no Brasil muito se escreve na Alemanha. Se, no entanto, os pobres alemães se lembrassem que muito serviçal existe lá que leva vida bem pior do que aqui os escravos, calariam a boca por certo, e não escreveriam sobre coisas que não sabem e não entendem. (...)

Aos escravos daqui só falta a liberdade e esta eles não consideram. Têm o que comer e beber, não precisam cuidar do vestuário e dormem sob o mesmo teto com seu dono. Em tudo são tratados como gente. (...)

Bem, minhas queridas meninas, passem bem, eu ainda queria lhes escrever bem mais, mas tenho muito trabalho. Somente à noite ou domingos tenho tempo para escrever. Vocês, no entanto, vão alegrar-me com longas cartas. Divirtam-se nos bailes das noites de inverno, dêem lembranças a todos os amigos, não esqueçam a senhorita Eugenie. Abraços do fiel irmão, Julius.

Carta de 24.9.1853

Querido e respeitado pai! Minhas cartas anteriores já devem ter recebido e tranquilizado a meu respeito. Já estou no Brasil há três meses, mas ainda não posso opinar em geral sobre as condições daqui. A situação é boa, principalmente para aqueles administradores que trabalham duro na Alemanha sem grande futuro e aqui podem conseguir algo na vida com pouco dinheiro. Aqui, quando se é trabalhador e não se envergonha do serviço que faz, tem sempre o que fazer e se ganha dinheiro (...).

Meu trabalho atualmente é muito grande e exige tudo de mim. Em princípio de novembro já preciso novamente derrubar mais um pedaço de floresta para em fevereiro plantar cana de açúcar. Apesar de que isto me custe tempo e dinheiro é preciso fazê-lo, do contrário perderei tempo e vai demorar demais até conseguir um bom pasto para o gado. Fiz meu plano para o próximo ano da seguinte maneira: em fevereiro vou limpar terra suficiente (5 *morgen*) para obter 50 barris de açúcar, cada um com 6, 7 arrobas e cerca de 8 mil réis, que poderei colher, exatamente, 18 meses depois. No próximo ano farei de 40 a 50 barris ...

Se eu preparar este pedaço de terra dentro de um ano terei uma linda pastagem, onde tranquilamente poderão pastar 4 bois e igual número de vacas.

Neste ano ainda plantarei 250 pés de café e cada ano mais até alcançar o número de 1.000 pés. Cada pé, atualmente, me dará 80 *libras* de frutos.

Com esta descrição você pode compor um quadro sobre o que estou fazendo aqui. E quando na próxima primavera vocês colherem a aveia e o trigo, eu estarei junto ao tacho no preparo do açúcar e isto por 8 semanas. Diariamente é preparado um barril de açúcar.

A cultura da cana de açúcar é realmente a mais rendosa nesta região. Pense o seguinte: entre os pés da cana é plantado, simultaneamente, feijão e batata e estes produtos cobrem todas as despesas da limpeza da terra. Ainda traz lucro, a cachaça feita das sobras da cana. Posso, portanto, calcular que um terreno de 5 *morgen* em um ano e meio trará um lucro de 50 barris a 8 mil réis. Isto se as condições de tempo forem favoráveis e não acontecerem desastres climáticos. Podem ver que numa colheita da mesma cana por 5 ou 6 e mesmo 7 meses, que o clima daqui é favorável. (...)

Para mim precisam mandar nada mais que duas calças de tecido leve, bem como dois paletós. Se vier um sapateiro não precisam enviar sapatos; mas caso não venha, mandem fazer com o sapateiro Meyer dois pares, mais um par de botas. Em caso da vinda de Carl Meyer, ele que traga uma boa esposa e todo o dinheiro que tiver. Também toda a ferramenta de trabalho com uma boa reserva de couro. Se então lhe sobrar algum dinheiro, pode comprar um terreno no centro da cidade, construir uma casa e logo ganhará o suficiente com sua sapataria. Eu aqui o auxiliarei em tudo que puder.

O que falta aqui são, em especial, sapateiros e marceneiros. Armas não precisam trazer a não ser um facão de Schulz, mas não muito grande. Espingardas podem ser compradas aqui por pouco dinheiro. Compra-se uma arma por 5 mil réis. Caso alguém queira trazer uma, então que traga uma de cano duplo, que aqui não tem e se tem são caras. Outros objetos que poderão trazer são: machados, rastelos, pregos de toda qualidade e quantidade, brocas, serras e serrotes, lamparinas e utensílios de cozinha. Mandem uma quantidade de linho, para o fabrico de cerca de 20 sacos.

Com relação à roupa de cama e mesa, de boa qualidade, nem pensem; dá muito trabalho e tem pouca utilidade. Preciso, no entanto, de pó de tinta boa, que o daqui é péssimo; bom papel de cartas e penas para escrever. Preciso também de lacre para as cartas. Que ninguém traga muitos livros. Aqui não há muito tempo para a leitura. Durante o dia trabalha-se muito e à noite cai-se na cama exausto. (...)

Alguns dias atrás Paul Kellner se mudou com todos os seus pertences e agora mora e trabalha em seu próprio terreno, distante meia hora do meu. É o vizinho e amigo mais próximo. Adolph Kellner está alegre e disposto. Dr. Blumenau em breve escreverá. Ele nunca tem tempo, sempre ocupado com o bem estar de seus colonos e com sua Colônia. (...) Seu filho, Julius.

Carta de 26.10.1853

Querido e amado pai! Não se zangue se agora já escrevo outra vez. Se não fosse esta excelente oportunidade eu também não o faria. Caso estas remessas por navio lhe saiam muito caro, me faça saber; assim, as outras enviarei por veleiro. Minhas últimas cartas de setembro já devem ter recebido. Fico feliz em lhe comunicar que já tenho uma família comigo. O homem tem 28 anos, é forte e trabalhador, com o qual estou muito satisfeito. Sua esposa é 6 anos mais velha, porém, também trabalhadora.

Chegaram no dia 9 de outubro. Como não têm filhos, com maior cuidado e dedicação cuida dos afazeres da casa. Esta família já morou por 2 anos e meio em Dona Francisca, mas lá não conseguiram o que os fez realmente emigrar. Chegaram aqui com algumas dívidas e a mulher, devido ao clima insalubre de lá, estava quase sempre doente. Contratei o casal pelo período de 9 meses e pago ao homem, no primeiro mês 6, no segundo 7 e a partir do terceiro mês 8 mil réis, se continuar tão trabalhador como agora. A esposa recebe no primeiro mês 4 e a partir do segundo 5 mil réis, se continuar a cuidar bem da casa. Para aqui, este é um contrato bem vantajoso, pois um operário recebe mensalmente 10 e às vezes 12 mil réis. Dois que vieram no mesmo navio que nós, Schramm e Tappel, trabalham agora para o Dr. Blumenau e recebem por mês 8 mil réis, mais comida. (...)

Tenho um operário, o Sr. von Sechausen, que é uma pessoa preguiçosa e inútil ao qual prometi 4 mil réis ao mês, mas devo ficar com ele só mais 14 dias. Com mais dois homens que vêm de Dona Francisca, minha despesa ficará em 177 mil réis em 9 meses. (...)

Estou satisfeito por ter uma mulher à frente dos afazeres domésticos, pois já há 14 dias não pude mais trabalhar na roça. Sofro com a aclimatização e todas estas semanas não calcei nem meias e muito menos sapatos. Meus pés estão enrolados em panos e com dificuldade posso ir até ao jardim. O corpo está coberto por abcessos e sinto dores de cabeça e fraqueza. (...)

No que se refere aos outros cidadãos de Braunschweig tenho o seguinte a dizer. Paul e Adolph Kellner trabalham muito em sua propriedade e estão plantando agora batatas e milho. Creio que Paul pretende instalar ali um moinho, pelo menos foi o que eu entendi.

Acho que será um bom negócio.

Von Seckendorff de Schoeningen, von Peine de Säckte e Wenderburg de Wolfenbüttel, arrendaram terras do Dr. Blumenau. O que colherem nos próximos 5 anos será deles; depois terão que devolver a terra. Não precisam pagar nada de aluguel e Dr. Blumenau tem a vantagem de ver sua terra limpa e trabalhada. Eles moram bem em frente ao centro da cidade, na margem esquerda do rio. No que diz respeito a von Seckendorff, este agora reconheceu que para sobreviver é preciso trabalhar, e acabou sendo reconhecido por todos, inclusive Dr. Blumenau, que está bem satisfeito com ele. Von Peine também trabalha muito dedicado e cada dia está mais gordo.

Espero que você já tenha conseguido uma família para mim, pois trabalhar um ano e meio pela viagem é barato para ambas as partes. Gärtner, de Blankenburg e Sallentien moram cerca de 1 dia e meio de viagem, não muito distante da barra do Itajaí e fazem ótimos negócios. (...)

Infelizmente só hoje, dia 8 de novembro, posso continuar a minha carta, pois devido ao meu estado de saúde tão precário, não foi possível fazê-lo. Até o presente momento a aclimatização me deu muito trabalho e me colocou na impossibilidade de fazer qualquer trabalho. (...)

Fiquei muito contente ao saber que Dr. Blumenau presenteou um fundidor de cobre com um terreno vizinho ao meu. Este terreno tem exatamente 100 *morgen*. É um jovem de 25 anos, humilde, bastante culto que já conhecera no navio. Ele ficará hospedado em minha casa até que possa construir sua cabana na outra margem do rio.

Minha propriedade agora se valorizou por pelo menos 100 mil réis. Principalmente porque o vizinho mais próximo não está duas horas distantes e sim bem perto. Ao mesmo tempo, tenho a vantagem de que ele, como soldador de cobre possa fazer reparos possíveis para mim. (...)

Julius Baumgartem termina esta carta fazendo novamente elogios à pessoa do Dr. Blumenau. Refere-se às atitudes argilosas e de intriga promulgadas pelos agenciadores dos imigrantes com relação à Colônia Dona Francisca. Que os imigrantes deveriam chegar no inverno para não sentirem de imediato o forte calor do verão. Também pede auxílio financeiro ao pai para que não tenha que vender parte de suas terras. Fala da assinatura de um pequeno jornal editado em Hamburg, onde Dr. Blumenau publicara artigos contra a "infeliz emigração de alemães para a América do Norte", esclarecendo as vantagens de uma emigração para o sul do Brasil.

Um abraço carinhoso deste seu filho, Julius.

Carta de Novembro 1853

Muito agradeço a sua carta, querida Emilie. Escreva sempre e frequentemente, adoçando desta forma a minha vida na rude floresta. Se você, em seu quartinho, olhar a minha fotografia, imagine agora minhas feições totalmente mudadas, desfigurado por uma longa barba que há muito não vê navalha. A testa juvenil, marcada por rugas produzidas pelas preocupações, o trabalho pesado e os problemas da aclimatização. Tudo que aqui já passei, os problemas que caíram sobre meus ombros, são bem visíveis.

Creio, no entanto, que com o tempo desaparecerão. Veja bem, até agora levei uma vida horrível, pior do que poderia levar na Alemanha, mas mesmo assim estou satisfeito. Não posso reclamar de nada, pois, sou recompensado pelo sentimento de liberdade que me dá a terra que chamo de minha. Quando olho para minhas plantações, meu coração se enche de alegria e me sinto livre, pois tudo aqui adquirí por trabalho e economia. É também admirável como, apesar dos altos preços de agora, todos estejam contentes e alegres.

Talvez seja porque Dr. Blumenau vai como bom exemplo à frente, ou talvez seja pela simpatia dos alemães que chegaram há um ou três anos. Existe entre todos nós uma grande harmonia e eu fui logo aceito entre eles. De todos os círculos de amizade sobressai o nosso querido Doutor. Ele consola os indecisos e apóia os empreendedores. Cuida de todos e não deixa de dar o seu apoio paterno seja lá para quem for. Que Deus o proteja e permita que sua obra seja coroada de êxito.

Que sua Colônia ainda receba o apoio de centenas de pessoas de posse e que a mesma prospere logo e sempre. Estou do seu lado e daria minha vida por ele. Tenho-lhe uma grande amizade, como um filho não poderia ter para o pai. Muitas vezes se refere a mim como o "nosso prefeito", ou o "cavalheiro de Lichtenburg".

Alguns dias atrás recebemos a visita de dois senhores amigos de Dona Francisca e vieram aqui fazer uma visita com Sallentien e Dr. Blumenau. Preparei então um bom almoço.

Das minhas 4 galinhas sacrifiquei duas, já que não tinha carne ou mesmo toucinho em casa. Aromatizei o ensopado com alguns temperos. Pescamos alguns peixes no rio que também foram servidos. Foi um almoço delicioso, onde regamos o mesmo com um cálice de aguardente cujo sabor é melhor que o péssimo vinho português.

Como tema do encontro foi escolhido o tão querido e sempre novo capítulo do casamento. Discutimos um pouco, calorosos discursos foram proferidos. Sallentien foi o mais fervoroso de todos. Com o retrato de vocês na mão ele procurou definí-las, colocando Marie no mais alto lugar.

Disse que via em você uma pessoa autoritária, bem como deveria ser uma dona-de-casa aqui. A você, querida Emilie, considerou-a meiga e delicada. Todos entoaram entusiásticos vivas erguendo seus retratos com os cálices sendo esvaziados. Foi então que me pediram para enviar-lhes uma carta, convidando-as para virem logo para cá.

Sallentien parece muito entusiamado com Marie enquanto o Sr. Brüggemann fala muito de você, Emilie. Falando sério, não sejam tolas, venham depressa, ambos estão bem situados. Vocês não irão encontrar as belas casas daí, mas sim simples cabanas de barro. Com a moda brasileira não precisam se preocupar, pois nós também não a apreciamos. (...)

Há dias ocorreu-me um fato desagradável. Foi com um espinhel, que é uma linha de pesca de 30 a 50 anzóis, que se estende através do rio para pegar peixes. Esta linha desapareceu misteriosamente e desconfio que fosse um brasileiro que vem sempre pescar aqui. Com meus 4 empregados pegamos muitos peixes e durante duas semanas só comemos peixe.

Tenho comigo em casa o novo vizinho que está bem doente. Há três dias está com febre e tivemos que chamar até Dr. *Fritz* Müller, da Colônia, um Médico muito experiente. Ele afirmou que o doente irá melhorar. No entanto, é uma nova responsabilidade para mim. (...)

Um abraço a você, querida irmã, com todo amor, de seu irmão, Julius.

Carta de 12.12.1853

Amado pai! A sua primeira carta, tão esperada por mim, finalmente chegou no dia 11 deste mês após 76 dias de viagem. Era um dia chuvoso e resolvi ir até os Kellner. A monotonia do dia me levou a isto ou talvez um pressentimento. Não encontrei nenhum dos Kellner em casa e resolvi ir até a casa do Dr. Blumenau. Este, na porta já me recebeu com um largo sorriso. Desconfiado fui até sua escrivaninha onde encontrei a remessa postal. Minha alegria foi indescritível, porque há oito meses não recebera mais nenhuma correspondência. (...)

Ainda tenho sérios problemas com a aclimatização, mas continuo tranquilo e satisfeito. Continuo preocupado apenas com o constante aumento de preços e quase é impossível para mim, daqui por diante, comer carne fresca. A carne é tão cara e aqui, infelizmente, calcula-se 1 *libra* por pessoa diariamente. Também os outros alimentos aumentaram muito.

Seria bem melhor se eu pudesse trabalhar regularmente e desta forma dispensar um operário. Mas ainda preciso cuidar de mim. Poucos dias passados já estava quase bom; comecei a trabalhar e sofri uma recaída. Além de tudo sofri nas ultimas semanas alguns prejuízos pesados. Perdi uma canoa muito boa que foi destroçada por uma árvore, como também um bonito cão de caça que me custou 5 mil réis. Ainda poderia citar uma série de outros pequenos prejuízos, mas isto não melhoraria minha situação.

Agora, todos estes contratempos não fizeram com que eu desanimasse; continuo como antes, forte e decidido a prosseguir. Estou ligado intimamente a este pedaço de terra e a solidão da floresta continua a me fascinar. Passam semanas em que não vejo ninguém e a terra fértil aqui continua sendo o ponto mais seguro para mim.

Com relação à minha perseverança não se preocupe. Também em questão de economia esteja tranquilo. O excesso de bondade logo dá lugar a certa avareza. Se perder esta bondade ao ver como precisamos ter cuidado com os brasileiros e velhos alemães que chegaram aqui há mais de 25 anos, será triste. Eles gostam muito de enganar novatos. O excesso de gastos se perde igualmente, pois não há onde gastar. Também porque a idéia de um rápido e certo progresso arrasta todos de imediato. Muitas vezes fiquei contente ao ouvir um amigo dizer: "- Baumgarten, você é um avarento!" Mesmo sem os avisos e recomendações, querido pai, não se preocupe, eu sei que gastar dinheiro é meu ponto fraco, mas eu tenho todo o cuidado.

A minha plantação de cana de açúcar primeiro me encheu de preocupação, mas agora o tempo está excelente e nada mais pode acontecer do que diariamente uma trovoada que molha a terra. O milho se desenvolve maravilhosamente. As batatas estão murchando agora; creio que plantei as mesmas um pouco tarde. Em fevereiro devo plantar na nova roça; cana, batatas e feijão; espero colher em junho de 30 a 40 sacos de batatas e de 15 a 20 sacos de feijão. Em julho começo a colher a cana de açúcar...

Não estimulem demais as pessoas para virem para cá, evitando assim aborrecimentos futuros. Em especial só mandem gente boa para cá, pessoas que possamos aproveitar. Gente dada à bebida não nos serve. Para tecelões aqui não há trabalho e o trabalho na terra não é fácil, mas sim, bem mais difícil que o preparo da linha.

Você escreve sobre um artigo do Dr. Blumenau publicado no jornal *Reichszeitung* e que o mesmo não agradou a maioria. Se assim foi é porque são pessoas de idéias mesquinhas e para aqui não servem. Você pode depositar inteira e total confiança no trabalho deste homem. Ele tem uma opinião formada sobre o que publica, pois não quer escrever e ver publicado artigos enganosos como os sobre Dona Francisca que aparecem nos jornais.

Dr. Blumenau não é nenhum mentiroso e quer somente pessoas que trabalhem, como tem agora. Também não quer descontentes. Por este motivo todos os seus artigos são um pouco rudes.

Para a Colônia Blumenau este ano não foi muito bom. Vieram poucos imigrantes. A não ser nós 13, mais ninguém. Esperamos, porém, para nos próximos dias mais 20 pessoas chegarem de Thüringen. Tenho, no entanto, certeza que nos próximos anos esta situação vai mudar. Espero sinceramente que isto aconteça, pois o homem o merece. (...) Que na terra de Gärtner foi encontrado ouro é verdade, mas este metal é encontrado em todos os lugares. Acima da minha propriedade tem um riacho, onde dizem também haver ouro, mas aqui ninguém dá atenção a ele. Os brasileiros são preguiçosos demais para lavá-lo e os alemães, com o exemplo e consequência da febre do ouro na Califórnia, ficaram assustados. (...) Por hoje, *Adieu*, que Deus o proteja de toda e qualquer desgraça.

Seu fiel filho, Julius.

Carta de 1.4.1854

Nós chegamos, em junho de 1853, com o brigue sueco *Witens*, depois de uma agradável viagem de 58 dias, ao porto de São Francisco, vindos de Hamburg.

A travessia, embora não tenha grandes atrativos para o simples emigrante, pois, para este, não representa mais que o caminho para um futuro melhor e muita coisa interessante, principalmente para aqueles que amam as belezas naturais.

De noite, o mar com milhões de estrelinhas faiscando em torrentes de fosforescências; o nascer e o por do sol, que pincela as nuvens com os mais puros e brilhantes coloridos do arco iris; o céu noturno sem nuvens, com o seu manto pontilhado de astros cruscantes, deslumbram e enfeitiçam o alemão, que nunca viu coisas semelhantes na sua pátria e até mesmo encantam os seres menos sensíveis.

Isso são deleites comuns numa viagem oceânica para o Sul e são, no fundo, causa, também para alguns dissabores. Além disso, os que emigram transportados pelos navios dos senhores *Christian & Mathias Schroeder*, de Hamburg, dispõem de excelente tratamento e os seus comandantes são gente muito amável.

No nosso navio, as duas coisas se reuniram e como não houvesse muitos passageiros, tinha bastante lugar no convés, de forma que, além dos enjôos naturais, não tivemos nenhuma doença de importância.

Nossa alegria foi grande quando pudemos distinguir, na penumbra distante, emergirem as montanhas da nossa nova pátria e o ranger, depois de demorado sono, das correntes das âncoras da embarcação chegar aos nossos ouvidos, como uma medida acariciante.

Já de longe, das praias, saudavam-nos os brasileiros ali residentes e, antes mesmo que disso nos acordássemos, o navio lançava ferros, às 7 horas, diante do porto de São Francisco. (...)

Daqui prossegue a viagem por mais algumas horas, pelo braço de mar acima, pelo qual nós seguimos embarcados em botes, para a Colônia alemã Dona Francisca, situada à margem de um pequeno riacho. (...)

Uma parte do nosso grupo tomou outro navio e continuou a viagem para a Colônia alemã de Blumenau. Depois de uma pouco agradável viagem de três dias, chegamos à pequena vila de Itajaí, situada na embocadura do grande Rio Itajaí no oceano, e ali tivemos a satisfação de encontrar patrícios nossos, entre os quais se achava Dr. Blumenau. A cordialidade da maioria dos alemães, ali residentes, a efusiva e calorosa recepção que nos foi feita, levantaram-nos o ânimo abatido pela longa viagem através do oceano.

Dali para a Colônia Blumenau, a viagem é altamente interessante. Em pequenos navios costeiros, botes e canoas, segue-se pelo Itajaí acima, largo de 200 a 300 passos, de águas calmas e profundas, por umas 8 milhas alemãs.

Este rio, verdadeiramente lindo, o mais importante da província de Santa Catarina, forma um vale romântico que se estende por vastas planícies limitadas por morros longínquos; surgem, de quando em quando, ilhas rochosas, cobertas de vegetação baixa, de musgos e fetos, entremeados de algumas árvores mais altas.

Suas margens, na maior parte já desmatada, são habitadas por brasileiros e alemães, que aí construíram os seus ranchos, morando uns próximos aos outros, em harmonia, formando assim um verdadeiro paraíso e que com mãos incansáveis aproveitam a maravilhosa uberdade do solo, a brandura do clima para construir, para si e para os filhos, um futuro despreocupado.

Os ranchos, sombreados por laranjais e limoeiros carregados de frutos doirados, traduziam a simplicidade e o contentamento dos seus habitantes; as grandes pastagens em derredor fornecem alimento farto a cavalos, bois e vacas; as roças estão cobertas de cana de açúcar e de milho. Pouco a pouco, o solo torna-se mais luxuriante e as moradas dos alemães mais juntas desde que os brasileiros, pouco afeitos aos trabalhos agrícolas, preferem deixar o lugar em que seus pais moraram, para subir sempre mais o rio, para formarem novas posses em terras virgens.

No que concerne à Colônia Blumenau, ela foi fundada há dois anos e já apresenta um desenvolvimento tal, que dá alegria de se ver o que os colonos, em tão pouco tempo, já realizaram. Um que outro até já vende batatas, feijão e milho que, neste chão, produzem admiravelmente.

Ainda que o número desses colonos seja pequeno, se a colonização prosseguir, mesmo devagar, a Colônia certamente terá um futuro bom e firme, pois uma Colônia que se desenvolva sem muita pressa tem em si mesma, uma base sólida, pois deve-se cuidar melhor de cada um e ajudar melhor com conselhos ditados pela prática, e prevenir os estranhos de erros e falhas, sem o que, certamente, neles incidiriam com facilidade.

Isso foi feito aqui, na nossa Colônia; por meio de velhos alemães práticos, Dr. Blumenau fez com que todos os recém chegados aprendessem bem os métodos aqui usados, de trabalho e de cultivo do solo, de forma que a primeira colheita já fosse produtiva. Felizmente, esse método não foi adotado na nossa vizinha Colônia Dona Francisca, de forma que, ainda hoje, muitos colonos não sabem como e quando plantar, donde provêm insucessos nas colheitas, sendo essa a causa principal a que se deva atribuir que tantos colonos deixem aquela Colônia e que outros a deixariam se conseguissem vender os seus lotes. (...)

As principais culturas são as da cana de açúcar e de mandioca. O tempo mais próprio para o plantio da cana é em fevereiro, nas roças derrubadas de outubro a dezembro. O espaçamento entre as filas, que deve ser grande porque, crescendo, a cana ocupa muito lugar, onde deve ser plantado também o feijão e batatas, gêneros que deverão compensar as despesas da derrubada, da queima e da limpeza das roças. Esta limpeza não é, afinal, coisa tão dificultosa como se pensa na Alemanha. Os caules e ramos menores, que o fogo não consumiu, são transportados para casa, para lenha, e os troncos maiores ficam no chão até que apodreçam ou que o colono os rache para alimentar o fogo sob as caldeiras de açúcar e os alambiques de cachaça.

Após 18 meses a cana está madura. Corta-se-a bem junto ao solo, espreme-se o caldo que será transformado em açúcar e cachaça. Depois da colheita, as folhas secas que ficaram no chão, serão queimadas e as touceiras voltarão a brotar e, depois de um ano, fornecerão outra colheita.

Assim, de uma só plantação, pode-se fazer de 3 até 5 colheitas compensadoras, se se tiver o cuidado de trazer a terra sempre limpa das ervas daninhas. A maior parte dos agricultores contenta-se, em geral, com duas colheitas, substituindo a plantação por pastos, pois à proporção que cresce, anualmente, a abastança, aumenta o número de cabeças de gado. Planta-se também muita mandioca, visto que sua farinha é nosso substituto para o pão e o alimento principal dos brasileiros, e, por isso, comumente tem bom preço, sendo rendosa a sua cultura. Ela cresce bem nos morros, o que torna conveniente que cada Colônia seja um pouco montanhosa.

Feijão e batatas são plantados em agosto e setembro, fevereiro e março. Depois de 3 e meio a 4 meses estão maduros e dão duas colheitas por ano. A batata até pode ser produzida 3 veses por ano, no mesmo terreno.

Uma raiz muito saborosa e grandemente cultivada é o aipim, uma planta semelhante à mandioca que, depois de um ano produz tal quantidade de tubérculos gostosos e farinhentos que uma única planta pode fornecer prato para 6 pessoas.

O milho dá abundantemente. É plantado de julho a janeiro e serve de alimento para os cavalos, bois, porcos e aves domésticas. Está se intensificando a sua cultura, de dia para dia, pois se tem a certeza de que, no máximo em 6 meses, teremos um moinho movido à água.

A cultura do tabaco, com o tempo, promete ser lucrativa para os colonos mais pobres, pois as experiências que já foram e ainda estão sendo feitas, deram magníficos resultados. Produz, o tabaco, folhas largas e compridas que, convenientemente tratadas e depois do tempo previsto, oferecem agradável sabor. Os colonos plantam, eles mesmos, todo o tabaco que fumam.

O café também é muito cultivado; após 3 anos, já produz grãos bem graúdos e saborosos. Poderia, assim, citar muitas outras culturas que virão a fazer o progresso da colonização, como a plantação do arroz e da mamona, que certamente floresceräo quando tiver engenhos para beneficiá-los. A última, principalmente, uma vez plantada, torna-se nativa, crescendo como mato. Fornece um bom óleo para iluminação.

Quanto aos artesãos, os construtores de moinhos, os carpinteiros, os ferreiros, sapateiros e alfaiates poderão contar com bom ganho, pois são os mais procurados.

Isto em virtude de aqui existir apenas pequeno número deles e o seu trabalho é o que é mais bem pago. Marcineiros farão também bom negócio, porém destes há aqui numero suficiente para o trabalho que existe. Com o tempo, quando a Colônia crescer e vierem mais alemães e os colonos tiverem mais algumas posses, eles poderão também montar as suas oficinas na certeza de sucesso.

A mesma coisa pode se dizer a respeito dos açougueiros, dos torneiros e dos segeiros. Se esses profissionais forem hábeis no serviço, poderão, naturalmente, ganhar melhor do que simples agricultores. Deve-se, porém, aconselhá-los a que se munam de todas as ferramentas em boa quantidade porque estas, aqui, além de caras, são de má qualidade. O ferreiro que não esqueça a sua bigorna; o sapateiro traga couro alemão; o alfaiate que traga agulhas, linhas, sedas e botões em grande quantidade.

O trabalhador braçal que ainda seja robusto e forte, mas que não tenha dinheiro bastante para adquirir, logo de chegada, o seu lote, poderá trabalhar um ou dois anos com outros colonos e, então, com o dinheiro economizado, comprará um pequeno lote. Ele ganhará nos primeiros meses, se for ativo e dedicado, de 4 a 6 mil réis por mês, com comida e cama. Depois, quando estiver enfronhado na maneira local de trabalhar, receberá 8 mil réis por mês, livres. Conheço até o caso de um rapaz, trabalhador e esperto que, já no terceiro mês de sua chegada ao Brasil, recebia 8 mil réis por mês.

Quem for casado e não puder, nem quizer, trabalhar de alugado, por mês, ganhará por dia 8 a 10 *groschen* de prata, livres; no verão, quando o trabalho é mais árduo e os dias são maiores, 12,5 *groschen* de prata. Os preguiçosos, os inahabilitados e os de má vontade têem que trabalhar pela comida e podem ainda dar-se por felizes quando encontram patrão. (...)

Julius Baumgarten continua com entusiamo a chamar novos alemães para a Colônia Blumenau que recém começava. Constitui-se num dos mais prolíficos parceiros da empreitada do Dr. Blumenau, antevendo um futuro promissor para a Colônia, o que de fato aconteceria após alguns anos. Fazia questão de enfatizar que ali não era lugar para malandros e beberrões. Se pudessem ter uma companheira ao seu lado, o sucesso viria mais cedo.

Que os animais das florestas não atacavam os homens, ali no sul do Brasil era melhor que na América do Norte, o clima era ameno, não havia preconceito nem toleravam a escravidão vil – em suma, era o lugar perfeito para se construir uma nova vida, num momento em que a Alemanha passava por dificuldades.

O que ele não fez menção foi a questão das enchentes e os ataques dos índios. Mesmo porque, até então, somente um ataque dos índios havia acontecido (28.12.1852) e a primeira grande enchente só aconteceria em 1855.

Termino com a esperança de que, muito logo, poderei saudar e abraçar muitos dos nossos queridos irmãos alemães na Colônia Blumenau, e com eles, trabalhar pelo bem de todos.

Julius Baumgarten, no Itajaí Grande.

Carta de 2.4.1854

Minha querida mãe!

Fiquei muito feliz ao receber uma carta também da senhora. Por seu interesse na minha obra agradeço muito. A senhora nem pode imaginar a satisfação com que é recebida uma carta por este solteirão tão distante. Todas as suas palavras reconfortam neste início tão difícil. Por isto, escreva sempre e com muitas novidades. É incalculável a minha alegria ao receber suas cartas, meus queridos distantes. Também de Sophie e Adolph espero receber cartas em breve.

A minha vida doméstica está praticamente normalizada. A senhora Schack é muito ordeira, trabalhadora e econômica. Com o pouco de trabalho que se apresenta em sua casa, ainda sobra bastante tempo para trabalhar na horta e no jardim. Ainda conseguiria fazer mais, mas seu estado de saúde é precário, debilitado pela febre que contraiu na Colônia Dona Francisca. Ela cuida da roupa do Kellner e da minha muito bem. Não é uma grande cozinheira, mas isto também não é tão importante, a panela com a comida colocada no fogo cozinha sozinha. Ela é alta e forte, mas terrivelmente feia e tem somente 36 anos, mas aparenta ter 50. Tem o péssimo costume de falar muito alto e é tagarela, razão porque às vezes preciso dizer algumas palavras rígidas de repreensão. Apesar de que eu me dê bem com ela, gostaria de conseguir uma outra doméstica em breve, e que fosse um pouco mais educada. Gostaria de encontrar uma pessoa, da qual não precisasse envergonhar-me quando a mando para algum lugar, pois todos a acham tola e riem dela.

Mesmo com todos os defeitos ela é útil para mim e nos últimos 14 dias economizou-me um operário, porque diariamente teve que ajudar na plantação da cana de açúcar e feijão, o que com o atual calor é um verdadeiro castigo. Espero que vocês consigam para mim uma boa doméstica, da qual não precise me envergonhar e não brigar com ela.

Meu jardim no momento está um pouco vazio; não tenho plantado hortaliças, flores não há, tudo está ocupado com feijão, que é mais lucrativo, fresco e delicioso. Pretendo dentro em breve plantar pepinos e outros canteiros com cenouras. Um pouco de centeio, que, ao esvaziar as caixas, caiu na terra e cresceu bem, porém, sem grãos, devido ao calor. Já estamos acostumados ao pirão com fubá, assim, o pão de centeio não faz falta. Todos os meus objetos pessoais, inclusive roupas e utensílios domésticos estão em bom estado. As roupas conservam-se quando colocadas ao ar livre de 4 a 8 semanas e de traças não posso reclamar. Caso apareçam pessoas interessadas em vir para cá e procurarem vocês para conselhos, digam para trazer o tipo de roupa que eu trouxe. Os sapatos devem ser bem largos, porque os pés incham muito e parecem mais patas de elefante.

Agora, querida mãe, preciso terminar. Receba um carinhoso abraço, passando-o também a vovó e Ludwig. Lembranças a Sophie e Adolph. Um carinhoso beijo envia seu filho, Julius.

Carta de 25.1.1855

Querido pai! As cartas que vocês escreveram em fins de outubro recebemos infelizmente em princípio de janeiro. Todos ficamos muito contentes e agradecemos de coração. Muito contente fiquei ao saber que eu vos alegro com minhas cartas e que vocês gostam de ler as mesmas, repetidas vezes. Oh! Meu querido pai, se eu pudesse lhe escrever sempre cartas repetidas de boas notícias, mas não, nosso Pai do céu o quer diferente. Ele me impôs duas provas, que infelizmente preciso comunicar-lhe. Ah! Que pecado será que cometi para que Deus me castigue assim.

Muito tenho que sofrer nesta terra estranha, longe de vocês, meus queridos. Como é difícil escrever estas palavras, que lhes trarão a terrível desgraça que nos aconteceu na sexta feira passada, dia 19 de janeiro: a implacável morte mais uma vez ceifou uma vida; foi o dia da morte de nosso querido Nahrwold *(seu amigo da Alemanha que Julius tanto insistira para que ele viesse para Blumenau, o que aconteceria um ano antes, em 1854. NR).* Faleceu às 6 horas da manhã, uma suave e rápida morte, durante o trabalho na serraria, a qual ele dedicava-se de corpo e alma. Na manhã do infeliz dia, saiu de casa alegre e contente, pois tinha um grande trabalho a fazer.

O lugar onde seria colocada a roda de água teria que ficar pronto naquele dia e assim terminaria uma grande parte do trabalho. Todos os cuidados foram tomados e ninguém imaginava a desgraça que se aproximava. Foi então que desmoronou uma parede e soterrou o nosso infeliz Nahrwold. Outro operário também ficou soterrado até o peito, mas não ferido. Cerca de 100 carretas de terra tivemos que retirar, e quando o alcançamos ele infelizmente já estava morto. Morreu sufocado pela grande massa de terra. Mesmo um Médico que imediatamente foi chamado nada mais pôde fazer.

Domingo, ao meio dia, foi o enterro, e muitos amigos compareceram. Foi enterrado na terra que também lhe pertencia, no jardim entre a nossa casa e a serraria. Chorem comigo, deixem que as lágrimas corram livremente pela face. Voces sabem o quanto o estimava, não sei como vou suportar esta perda. Oh! Eu deixaria tudo, preferia mendigar, trabalhar para estranhos mas que me fosse permitido caminhar pela vida ao lado deste anjo. Oh! Deus, como são estranhos seus desígnios, impossível de entender. O trevo de três folhas está desfeito, mas junto à sua sepultura mais nos unimos e queremos continuar nosso trabalho para que ele lá do alto veja que seu sacrifício não foi em vão e pedimos as bênçãos do Pai.

A vida de um jovem colono em terras estranhas não é fácil como muitos imaginam e que nós mesmos imaginávamos. Às vezes parecem quase instransponíveis. Nesta curta permanência de um ano aqui muitas coisas já aconteceram. Contam primeiro quatro meses de aclimatização, acidentes que reduziram as economias, seguido pela morte de um amigo no trabalho e quase outros dois saíram vítimas. Mas não posso desanimar, não quero que digam que eu me deixei abater por estes golpes do destino. A construção ...

(NR: carta inacabada).

Carta de 24.3.1855

Meu querido pai! A notícia do meu noivado você já deve ter recebido; desta vez posso comunicar-lhe o meu casamento. Fiquei noivo somente por 6 semanas. Queria ficar noivo pelo menos por um ano, mas certas circunstâncias me forçaram a casar logo. O principal motivo foi que o Pastor Evangélico Hölzel, de Dona Francisca, encontrava-se em Blumenau; era o primeiro religioso da nossa crença que vinha ao Vale do Itajaí. Como as viagens aqui são demoradas e difíceis, não sabíamos quando viria um pastor novamente até aqui e não queria ser casado por um padre Católico.

Em segundo lugar, eu perdia muito tempo com as visitas que fazia a ela; e, em terceiro, os pais dela tinham muito trabalho em sua propriedade – com chuvas ou sem elas tinham que trabalhar muito. Como ela sofre muito com dor de dente, aqui ela tem pelo menos a oportunidade de cuidar-se um pouco. Também queria que ela se aperfeiçoasse na costura, tricô e crochê e em casa ela não teria oportunidade para isto.

Segunda feira, dia 19 de março, foi o casamento e, dia 22 fomos para nossa casa, onde fomos festivamente recebidos. Desde então vivo com minha Gretchen aqui e estou feliz e tranquilo. O casamento foi uma cerimônia triste para mim, pois estava longe do querido pai, da minha mãe e irmãos.

É realmente um dia significativo para a vida toda. É um dia no qual nos desligamos da mocidade e passamos a pensar mais seriamente no dia de amanhã e também por uma pessoa a mais. Assim, querido pai, alegre-se comigo, porque uma vida melhor começou para mim.

O nosso moinho estará pronto até a chegada dos utensílios de ferro, que esperamos para dentro em breve. Muitos pequenos acidentes atrasaram sua construção e encareceram o mesmo. As frequentes chuvas causaram inundações e quase todo o trabalho de terras. A floresta estava tão cheia de mosquitos e outros insetos, devido a umidade, que foi impossível trabalharem fora durante este tempo.

Que os Starkes conseguiram bem próximo ao moinho 50 *morgen* de terra eu já lhes escrevi. Igualmente Schmitter conseguiu um bom emprego onde ganha diariamente 1$500 réis. Ele, por algum tempo, estava bem mal, mas agora está melhor. Assim também Ricke sofreu muito com a aclimatização, mas foi culpa tanto dela como do marido. Você sabe que Ricke sofre facilmente de inflamação dos olhos e qualquer resfriado a coloca doente de cama. (...)

Dr. Blumenau ainda continua no Rio de Janeiro e bombardeia o Governo por auxílio à colonização alemã e outras benfeitorias. Mas estes seus pedidos ainda estão bem distantes de serem atendidos. Ele também quer a igualdade dos Protestantes com os Católicos para que possamos construir igrejas tão bonitas quanto eles, com torres, sinos, etc., o que até agora não foi permitido. Também pediu Dr. Blumenau o pagamento de um Pastor Evangélico em sua Colônia. Seu pedido de dinheiro ao Governo elevou-se a 140.000 mil réis. Com este dinheiro pretende construir pontes e estradas na Colônia, bem como uma estrada até Lages.

Se ele conseguir esta estrada para que possamos receber o belo gado direto de lá, estará colocada a base para uma prosperidade sólida, dificilmente encontrada em outro local no sul do Brasil.

O Imperador está muito a favor do Dr. Blumenau, mas tem pouca influência entre os seus, que vêem em Blumenau apenas um explorador e aproveitador, pois o Governo anteriormente já foi enganado por alemães. Agora, porém, Dr. Blumenau está mais esperançoso, pois o Imperador está mais ativo, dá grandes almoços para os quais convida ministros e o próprio Dr. Blumenau. Assim, esperamos que ele traga boas notícias. (...)

Se os Starkes não estão escrevendo a culpa não é minha, pois muito eu falei. É difícil fazê-los entender alguma coisa à qual não estão acostumados, como escrever. Mandam lembranças a todos os parentes e amigos. Estas cartas vocês provavelmente receberão através de Gärtner que em breve vai partir para a Alemanha.

Ele prometeu visitar vocês, o que também fará, tenho certeza. Aqui tudo vai bem, dia a dia minha amizade com Rodatz se consolida. Os irmãos Kellner enviam abraços. A cuia que Gärtner leva para vocês é de um tatu, cuja carne é deliciosa. O animal pesou 5 quilos. Agora, lembranças e abraços a todos de seu filho, Julius.

Carta de 10.6.1855

Prezado irmão Hermann!

O motivo porque não lhe escrevi ultimamente foi porque negócios urgentes impediram. (...)

Hoje tentarei fazer um quadro e relatar como os selvagens, os *Botocudo* (aqui, bugres) apareceram este ano. No entanto, lhe peço como a todos que lerem esta carta, comentar pouco ou nada sobre o assunto, senão o caso chegará a passar ao sensacionalismo e que na verdade é insignificante para o imigrante.

O caso deve ser analisado com cuidado para não chegar a ser muito falado, como já aconteceu com o irmão de Sallentien.

Em meados de março, quando aqui já foram vistos, os bugres apareciam na região da *Velha*, terra pertencente ao Dr. Blumenau. Apareceram ao meio dia, quando todos os moradores estavam em casa almoçando. Os mesmos atacaram um rancho que ficava no meio da roça, roubando diversos objetos, entre os quais, uma espingarda de cano duplo, mais outros objetos de ferro, e depois fugiram para a floresta. O susto e a raiva das pessoas ao voltarem foram muito grandes. Você pode imaginar a situação, mas depois de alguns minutos de reflexão, resolveram ir até o posto policial encarregado da segurança dos colonos e que fica distante cerca de duas horas. Estes soldados são entendidos em seguir o rastro dos selvagens pela floresta, o que os alemães desconheciam. Os bugres, geralmente se locomovem sobre pés e mãos para despistar seus perseguidores, de seu acampamento. Quatro soldados brasileiros iniciaram a perseguição, mas depois de dois dias voltaram, quando foram impedidos por uma chuva intensa. Chegaram a seguir a pista certa, porque encontraram as espingardas quebradas como também os cabos das enxadas e dos machados. Isto mostra claramente que os bugres não sabem usar estes instrumentos e somente roubam o ferro para preparar as pontas de suas flechas.

Nem 14 dias mais tarde o meu sócio Rodatz, com alguns trabalhadores, tiveram sua atenção chamada para um estranho assobio (o que às vezes os bugres fazem). Ao meio dia então levaram todos os objetos de ferro consigo, deixando apenas 4 enxadas, um machado e uma pá que ficaram aos cuidados do colono Helling.

Quando Rodatz e os trabalhadores regressaram do almoço, viram pelas pistas frescas que os bugres tinham estado lá. Algum tempo mais tarde, dia de Ascenção de Nossa Senhora, fui caçar para me distrair e não tinha dado 200 passos quando, numa distância de 30 passos à minha frente estavam dois bugres, encarando-me assustados.

Sou franco em dizer que eu também fiquei assustado, mas logo recuperei minha presença de espírito, peguei a espingarda para me defender, porém, quando olhei novamente para o lugar onde eu os avistei, tinham desaparecido. Ainda fui em perseguição, mas nada mais vi, a não ser os arbustos se movendo.

Voltei logo para casa e chamei Starke, que mora do outro lado do rio, também um colono alemão e junto saímos em perseguição dos selvagens. Encontramos seus rastros, mas nada mais. Já tinham desaparecido e desde então não mais voltaram.

Estes casos mostram que não devemos receiar tanto os bugres, mas apenas guardar bem todos os utensílios para que não caiam em suas mãos.

Esta carta você deve julgar como preguiça, meu prezado Hermann. Meu tempo é muito curto, agora que estou preparando o açúcar. Escreva-me em breve e lembre-se que nada mais pode alegrar-me tanto, como receber notícias de todos vocês lá de casa.

Seu irmão, Julius.



Kolonie Blumenau in Süd-Brasilien.

Unterzeichneter macht hiermit die Anzeige, daß die von den Herren Wilh. Hühn u. Co. in Hamburg innegehabte Vollmacht, Auswanderer nach der deutschen Kolonie Blumenau in Süd-Brasilien mit direct gehenden Schiffen zu befördern, aufgehoben und an die Herren **Knöhr & Burchard, J. D. Schirmer's Nachfolger,** in Hamburg übertragen worden ist.

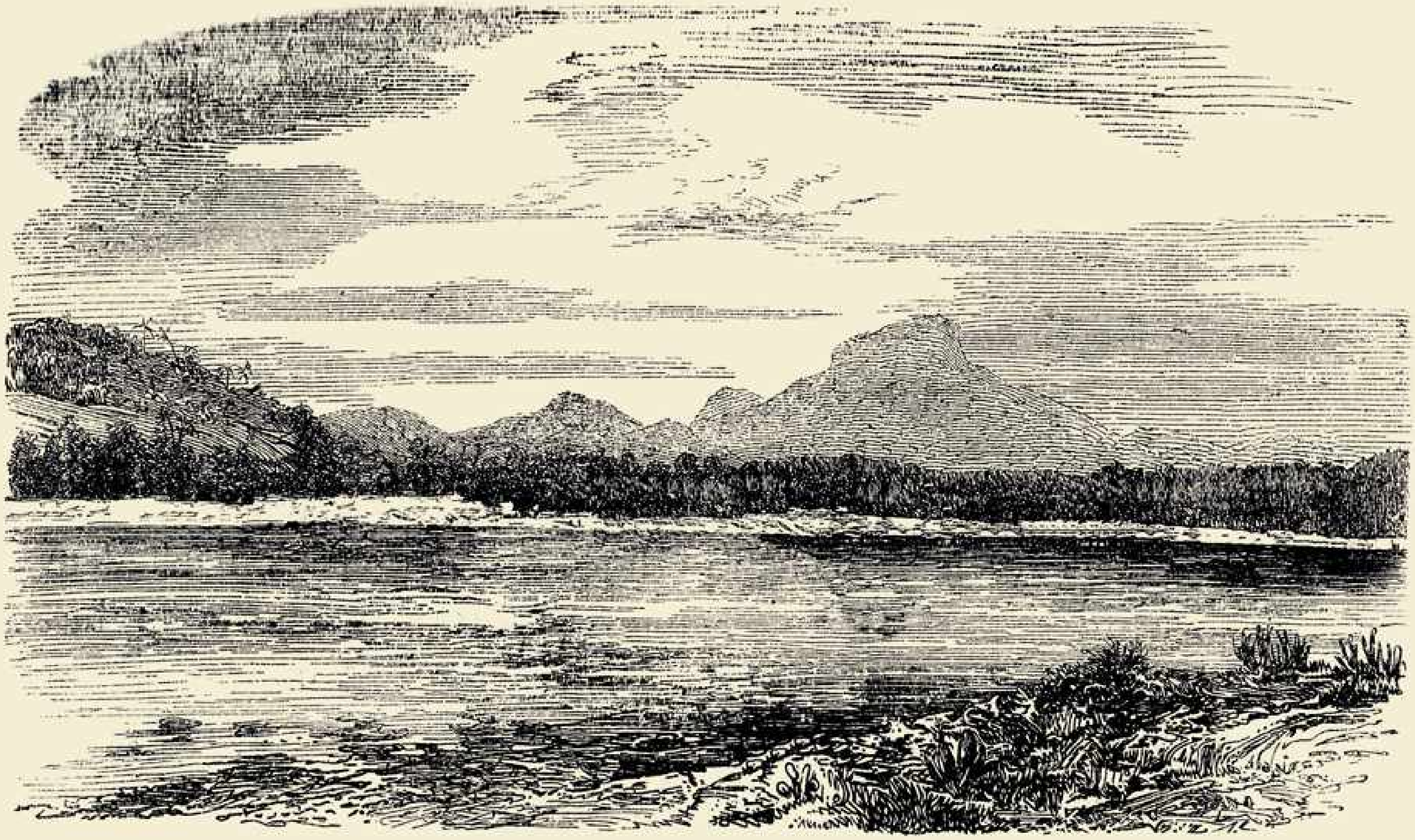
Es sind daher von jetzt ab **einzig und allein** letztgenannte Herren ermächtigt, **direct** nach obiger Kolonie zu expediren, und belieben sich Alle, welche sich derselben anschließen wollen, dieser Vermittelung zu bedienen.

Die erste Expedition wird am 1. Juli unter meiner Begleitung stattfinden, und dürfte Passagieren ganz besonders zu empfehlen sein.

Blankenburg a. H., den 1. Mai 1858.

Victor Gärtner,
General-Bevollmächtigter des Hrn. Dr. Herm. Blumenau.

Colônia Blumenau no Sul do Brasil.
O abaixo assinado declara através desta, que a procuração concedida ao Sr. Wilhelm Hühn e Co. na Cidade de Hamburg, para o transporte marítimo e fluvial de imigrantes à Colônia Alemã de Blumenau será cancelada e transferida aos senhores Knöhr & Burchard, sucessores de J. D. Schirmer. Doravante estes mesmos serão os únicos e exclusivos encarregados para o translado de todos os emigrantes. A primeira expedição partirá com meu acompanhamento pessoal no dia 1º de julho de 1858, e é especialmente recomendada para passageiros. Blankenburg, 1º de maio de 1858. Victor Gärtner, Procurador Geral do Sr. Dr. Hermann Blumenau.
Acervo / *Sammlung* B. K. Kadletz



A Vila de Itajaí contava, por volta de 1830, com quase 3.500 habitantes que ergueram neste sítio virgem suas casas sem chaminés, em sua maioria de madeira... O *Morro do Baú*, com 840m de altitude, era antigo ponto de referência geográfica dos navegantes lusos e castelhanos.

Gegen 1830 zählte an Vila de Itajaí *annähernd 3.500 Einwohner, welche an diesem unberührten Ort ihre kaminlosen Häuser meist aus Holz errichteten... Der* Morro do Baú (Sargberg) *mit insgesamt 840 Höhenmeter diente ehemals portugiesischen und kastellanischen Seefahrern als Orientierungspunkt.*

Barra do Rio Itajaí, c. 1800. Ao fundo, *Morro do Baú*.
Itajaí-Fluss, c. 1800. Im Hg., Sargberg.
ACERVO / *SAMMLUNG* B. K. KADLETZ

Karl Kleine

1856

Karl Kleine nasceu em Wittkowski (Província de Posen, atual Poznan, Polônia)) em 2 de fevereiro de 1849 e faleceu em Blumenau no ano de 1922. Seus pais, Theodor Kleine e Ida Dietrich Kleine imigraram em dezembro de 1856 com 2 filhos: Karl, 7 anos, e Theodor Jr., 6 anos. Subiram a ribanceira do Rio Itajaí-açu para ocupar com outros imigrantes um lugar no galpão especialmente construído para tal. Mais tarde, o filho Karl passou a escrever suas memórias, o que resultou em 35 cadernos com 1.111 páginas, que seriam transcritas do alemão gótico, em 1996, pelo sobrinho neto, Theodor Fritz *Kleine.*

O livro chamou-se Blumenau Einst: Erlebnisse und Erinnerungen eines Eingewanderten / Blumenau de Ontem: Experiências e Recordações de um Imigrante. *Os originais encontram-se no acervo do Arquivo Histórico Prof. José Ferreira da Silva, Fundação Cultural de Blumenau, no Fundo Memória da Cidade – Coleção "Família Kleine". Entre 2000 e 2005, a valorosa revista* Blumenau em Cadernos *publicou várias passagens destas memórias de Kleine. Em novembro de 2011 foi lançado o livro* Vivências e Narrativas de um Blumenauense *(Ed.* Cultura em Movimento*, Blumenau), pela Fundação Cultural de Blumenau. Nesse precioso livro estão condensadas as principais narrativas de Karl Kleine, resultando no total de 342 páginas. Transcrevemos somente os primeiros momentos da família Kleine em Blumenau. A saga desta família, narrada na extensão de vários anos, é certamente um dos episódios mais reveladores das dificuldades passadas nos primeiros anos da Colônia.*



Karl Kleine
1849-1922

Chegada em Blumenau

Finalmente aportamos pela última vez! Nossos barcos atracaram próximo à foz do ribe*irão Garcia* e o patrão disse: "Não iremos adiante! Aqui é Blumenau". A nossa chegada foi muito triste: ninguém nos recepcionou; ninguém apareceu; ninguém se preocupou conosco; ninguém veio nos cumprimentar. Mas devem ter-nos ouvido e, em todos os casos, nossa vinda deveria ser importante para eles. Certamente um procedimento estranho e incompreensível que abateu nossos ânimos.

Não havia nada à nossa frente, além de um pedaço de terra desmatado, coberto por capoeira. Subimos pela margem do rio à procura da cidade de Blumenau. Bom Deus! Onde estaria exatamente a cidade? Não esperávamos encontrar uma cidade grande, mas, pelo menos uma cidadezinha ou uma aldeia. Porém, nada disso! Ali se encontrava uma casa grande e larga de um andar e meio, com uma sacada na parte frontal e paredes enxaimel, preenchidas com barro. A casa, aliás, estava inacabada.

Em toda a construção via-se apenas uma janela de vidro, e por trás da mesma encontrava-se o gabinete do Diretor. As demais janelas eram de madeira. Essa única casa seria Blumenau? Oh não! Ali havia mais uma casa, lá outra e, mais adiante, via-se uma fileira de casebres, contudo, nenhuma destas construções fazia jus à denominação de "casa", pois eram apenas casebres, ou melhor, barracas construídas ao modo brasileiro, e em parte, inacabadas. – Esse era o *Stadtplatz* (Centro) de Blumenau, como ainda hoje é denominado pelos colonos, embora tenha sido elevado à categoria de Vila.

Assim, os recém-chegados avistaram Blumenau pela primeira vez. Um olhava para o outro e ninguém ousava perguntar: Por acaso isso é Blumenau?

Finalmente vieram ao nosso encontro o Cônsul Gärtner e seu tio, o Diretor, Dr. Blumenau, que trajava apenas camisa e calça, tendo na cabeça um chapéu de palha bem simples, denominado "chapéu de negro". Calçava tamancos e trazia pendurado no cinto um facão. Neste "traje regional", que no inverno era complementado por um jaquetão e um par de sapatos ou botas, vimos Dr. Blumenau andando por aí durante muitos anos. Ele era alto e magro e, por trás de seus óculos cintilavam olhos inteligentes. Cumprimentou os imigrantes de forma rápida, porém, cordial, deixando-os aos cuidados do Cônsul e de um companheiro de viagem, que havia chegado a Blumenau antes, em companhia do Cônsul, visto que sua irmã casada já vivia aqui há mais tempo. "Se precisarem de alguma coisa, dirijam-se ao meu sobrinho ou ao Schroeder, eles já estão a par de tudo. Hoje estou sem tempo, voltarei amanhã", disse o Diretor com seu modo pausado de falar, afastando-se a seguir com um amável aceno.

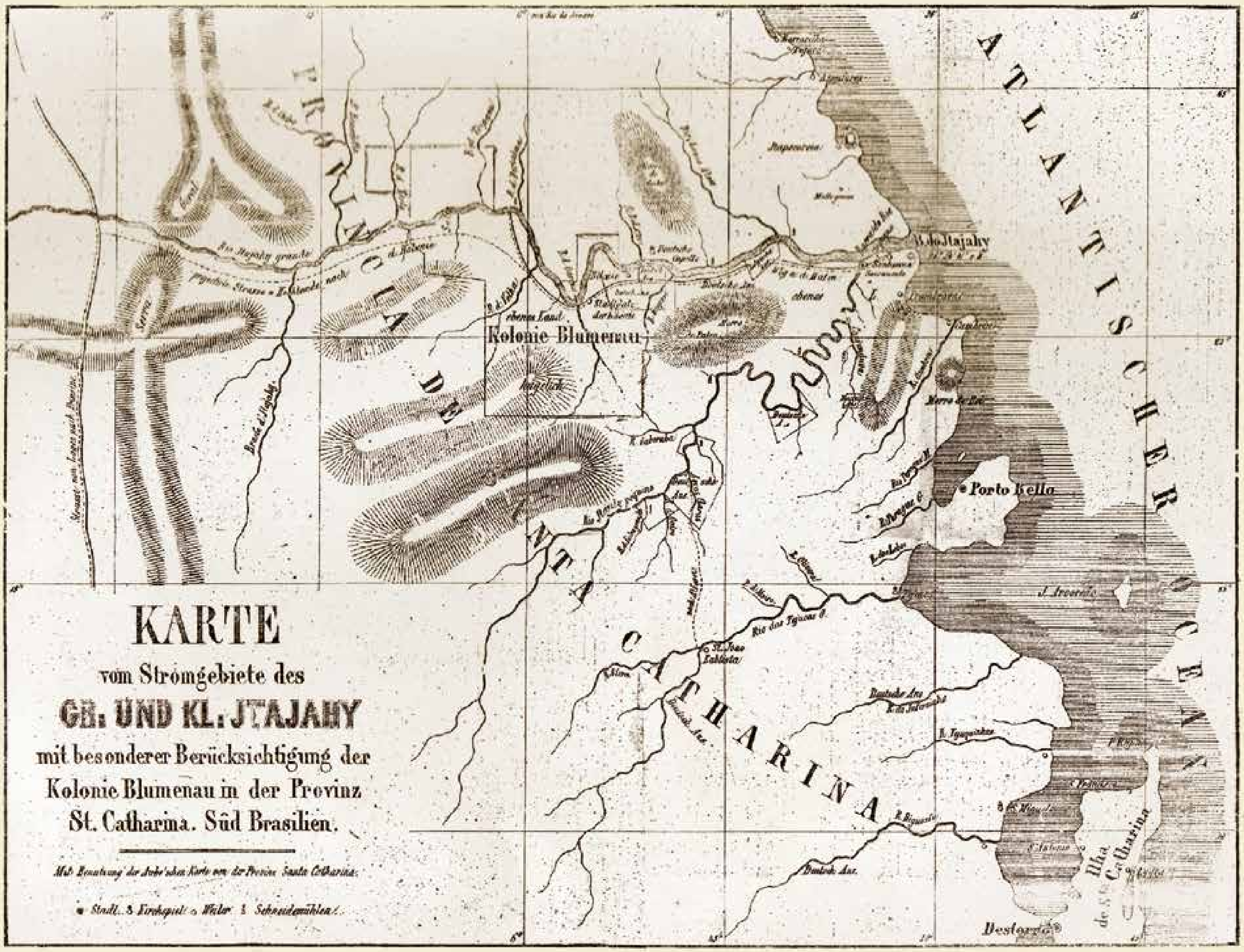
Então Schroeder comunicou-nos: "Venham, eu quero lhes mostrar os quartos". Bem, então havia quartos, algo bastante promissor. Ele nos levou em direção ao *Garcia*. Lá realmente se encontrava o "Hotel" com os nossos "quartos"! Que aspecto maravilhoso e promissor! Uma edificação longa e estreita, com muitas repartições, cujas paredes externas estavam tão lavadas pela chuva e danificadas pelas enchentes, que apenas o enxaimel permanecia em pé, e todo o barro do reboco se encontrava no solo, formando uma papa em terreno chuvoso. As paredes internas dessas repartições eram apenas ripas rachadas de um tipo especial de palmeira, aqui denominada "palmito", amarradas com cipó (raiz de um parasito) em travessões. As ripas estavam jogadas desordenadamente e em parte faltavam completamente. Provavelmente foram utilizadas como lenha e ao que tudo indica, as camas do alojamento tiveram o mesmo fim, pois eram feitas do mesmo material.

O chão não era assoalhado, nem aplainado. Podia-se contemplar o céu através do telhado, o que todos achavam muito prático, especialmente na época de chuva. Juntando-se a tudo isso o estrume de alguns bois que circulavam livremente por ali, podia-se obter uma imagem do rancho de imigrantes, ou como dizia Schroeder: "a casa de recepção". Finalmente Schroeder nos comunicou: "Pois bem, aqui vocês terão que se acomodar da melhor maneira possível". E após ter apresentado essa maravilha toda aos recém-chegados, despediu-se e seguiu seu caminho.

Os pobres imigrantes realmente não sabiam se deviam rir ou chorar. Porém, logo se concluiu que não restava outra alternativa que por mãos à obra e, vejam, foi mais fácil do que se imaginava! Alguns moradores dos arredores propuseram-se a nos ajudar e antes de anoitecer tudo estava acomodado. Naturalmente faltava muito para que pudéssemos nos instalar confortavelmente, contudo, precisaríamos nos conformar com isso durante os próximos dias.

À noite, depois do jantar, todos estavam sentados ao ar livre e um sentimento estranho invadiu cada um de nós – era a primeira noite na nova pátria, era noite de Natal! Todos recordavam os natais na antiga pátria e, de repente, fez-se um silêncio estranho. De vez em quando se ouvia um som que parecia um soluço. "Oh, pátria! Oh, terra natal! Quão distante estás, e ao mesmo tempo, tão próxima".

A princípio baixinho e timidamente, a seguir, cada vez mais alto e forte, ouvia-se a canção "Noite feliz", que se misturava com o canto estridente das cigarras. Ninguém sabia quem havia iniciado, mas todos acompanhavam a pequena canção, mas de conteúdo rico, cujos acordes ecoavam pelo céu estrelado. Era como se um anjo tivesse descido para acalentar todos os corações. Nessa noite, mais do que durante a viagem inteira, todos se sentiram muito próximos uns dos outros. Ninguém percebeu que já era meia-noite! Passaram-se mais algumas horas entre conversas ora sérias, ora descontraídas, quando meu pai falou: "Logo deve ser 10 horas". Aproximando o relógio à claridade da fogueira, Goldener respondeu sorrindo: "Passaram-se 4 horas das 10 e já são 2 horas da madrugada"! Todos se levantaram admirados, apressando-se para chegar aos seus leitos. Será que todos adormeceram imediatamente? É difícil responder! O pequeno coração humano é algo estranho, em determinadas ocasiões é difícil consolá-lo. (...)



Mapa da região fluvial do Grande e Pequeno Rio Itajaí ressaltando a Colônia Blumenau na Província de Santa Catarina, Sul do Brasil.
ACERVO / *SAMMLUNG* B. K. KADLETZ

Para Blumenau, costeando o Oceano Atlântico e subindo o Rio Itajaí-açu, chegaram entre 1850-59, 929 pessoas; de 1860 a 1881, um total de 7.258. Em abril de 1880, ao ser instalada a administração municipal, o número de habitantes era de 14.981, e, em 1884, ao retornar o fundador da Colônia, definitivamente, à sua terra natal, estimava-se a população entre 17 e 18.000 almas.

Im Zeitraum von 1850 bis 1859 kamen 929 Immigranten über den Atlantik und Itajaí-açu nach Blumenau. Später, von 1860 bis 1881, weitere 7.258 Einwanderer. Bei Gründung der Stadtverwaltung im April 1880 zählte man bereits 14.981 Einwohner, und zur Zeit der endgültigen Rückkehr des Koloniegründers im Jahr 1884 nach Deutschland schätzte man zwischen 17 und 18 Tausend Koloniebewohner.

KARL FOUQUET

Carta ao Imperador D. Pedro II

Desde o início da colonização, Dr. Blumenau sentiu as grandes dificuldades que lhe apareciam pelo caminho, pondo a risco sua empreitada. Em 1848 enviara uma carta aos deputados da Assembléia Provincial que sequer lhe responderam. Em 1851 recorreu, então, ao Governo Imperial buscando um empréstimo de 10 contos de réis. Em 1855, novo empréstimo de 85 contos de réis, com juros de 5% a serem pagos em 7 prestações. Além disso, a obrigação de atrair para a Colônia, no transcurso de 10 anos, 4.000 imigrantes e vários melhoramentos na Colônia. Não conseguiu alcançar este número de imigrantes e várias catástofres climáticas levaram então, Dr. Blumenau, a se dirigir ao Imperador Dom Pedro II através de carta. A resposta de S.M. foi positiva e desta forma Dr. Blumenau conseguiu suplantar as dificuldades primeiras e levar seu projeto particular até o ano de 1860, quando em 11 de janeiro seria firmado o convênio, passando a Colônia para a esfera federal, ficando Dr. Blumenau somente como seu Diretor. Por 24 anos ficaria neste posto; em 1884 retornaria definitivamente para a Alemanha.

A carta transcrita abaixo foi publicada na Revista do Instituto Histórico de Petrópolis *(Vol. 1, Ano 1950) e na* Blumenau em Cadernos *(Tomo XL – nº 3, Março 1999).*

Colônia Blumenau, 30 de abril de 1856.

Ilmo. e Exmo. Sr.,

No mês de julho próximo passado tive a honra de despedir-me de V. Excia e da sua amável família na Corte. V. Excia me permitiu repassar-lhe parte das circunstâncias, progressos da minha Colônia e dos meus esforços para este fim. Aproveitando-me desta graciosa licença, inicio estas linhas com a expressão de esperança e do cordial desejo, de que tanto V. Excia., como toda a sua família estejam gozando da mais perfeita saúde e assim continuarão, livres dos grandes e pequenos sofrimentos, que se encontram na vida humana.

Estou ciente da bondade e da contínua simpatia de V. Excia., com que em tempos passados se dignou honrar a minha pessoa e aos meus trabalhos e desígnios. Não fosse isso, desde há muito tempo teria rompido esta agradável obrigação. Mas não me foi dado, depois da minha partida da Corte, um momento de descanso ou ócio tranquilo. Desde a minha volta da Alemanha em 1850, parece que a constelação dos astros na hora do meu nascimento ou do meu desembarque nestas praias não foi benigna. O meu destino ou malicioso gênio me perseguem incessantemente, malogrando qualquer sucesso e amargurando-me a qualquer hora de tranquilidade e de gozo.

No ano passado reinava nestas paragens um tempo tão ruim, que apenas se tem lembrança de outro ano tão desventuroso, desde que vieram para cá os homens brancos. A colheita do feijão em maio e das batatas inglesas em junho perdeu-se inteiramente, ficando apenas a semente para a próxima plantação. Cheguei em julho no Desterro e em vez de uma viagem de seis dias, em tempos regulares, gastei um mês inteiro para chegar a esta Colônia, sempre retido em caminho por chuvas e águas do monte. Este mau tempo continuou até meados de dezembro, havendo uma vez onze dias consecutivos, que não apareceu nem um só raio de sol. Ao lavrador apenas permitiu plantar a semente ao solo. O prejuízo foi grande, tanto aos colonos como à minha pessoa, que me obrigou a coadjuvá-los com adiantamentos muito maiores do que podia calcular. Mas ainda tive que conservar o ânimo e a coragem perante os colonos, que às vezes queriam se desesperar e muito me acabrunhavam com as suas lamentações. Neste estado de coisas houve uma interrupção muito desagradável, em princípio de novembro, quando o engenho de serrar de um antigo colono e amigo, localizado de 6 a 8 *léguas* daqui no Itajaí-mirim, foi atacado pelos bugres, que mataram dois trabalhadores e saquearam inteiramente o estoque e dependências, escapando somente meu amigo pela sua extraordinária coragem e força, mas com duas flechas no corpo, que por sorte não o haviam ferido mortalmente, e o retiveram na cama durante bastante tempo.

Tendo visitado este meu amigo e querendo voltar para cá, na véspera do dia fixado da minha partida, 17 de novembro, trouxe-me lembranças funestas, pois um temporal furioso iniciou de S.S.E., acompanhado de chuva diluvial, que somente cessou no dia 20. Menos de 36 horas foram suficientes para encher o rio até a altura de mais de 63 *palmos* do nível normal antes do início do temporal. O rio alagou quase todos os seus barrancos e casas, causando inúmeros males e prejuízos diretos, tanto na Colônia com em todo o seu território habitado. Não se podem avaliar os prejuízos em menos de 60 até 80 contos de réis, antes do mais do que menos. Das plantações de milho, feijão e batatas em todo o rio não ficou senão apenas 30% e fui obrigado a mandar buscar semente destas últimas duas em Santa Catarina (Desterro) e do Rio de Janeiro; mandioca e cana de açúcar ficaram afogadas e apodreceram pelo menos ¾ das plantações novas e velhas. A situação foi tristíssima em toda a parte, os mantimentos subiram a um preço enorme e para não ver os colonos perecerem de fome e perderem inteiramente o fruto de anos de trabalho pela sua dispersão, não houve remédio, senão sustentá-los de novo com fortes adiantamentos, que abateram todos os meus cálculos anteriores. Pessoalmente tive a lastimar ainda muitas outras perdas diretas; minha casa, em que moravam o meu guarda- livros e o jardineiro, construída numa bela ponta de terra, foi carregada pelo furor das águas, levando todo o seu conteúdo de livros, instrumentos, mercadorias e outras coisas de valor pecuniário.

Muitos objetos de lembrança e recordação, que me foram muito caros e não serão restituídos. Não se salvou coisa alguma da casa senão algumas pesadas ferramentas, e por verdadeira sorte, uma burra de ferro, que continha pouco dinheiro. Mas todos os meus títulos de terras se foram. O meu guarda-livros por causa do domingo fora passear rio abaixo, para ver a sua prometida "Brant", e o jardineiro fora se divertir, e ambos não voltaram por causa da chuva e tempestade incessante, senão depois da catástrofe, e também perderam quase todas as suas roupas e pertences. O jardim que cingia minha casa desapareceu quase completamente e com ele meu único recreio, ao qual me havia permitido. Aliás, minha maneira de viver é a mais econômica possível e às vezes até espartânica, para não me privar das despesas indispensáveis e permitir a continuação da minha empresa. Embora não sendo característica de meu temperamento, não pude deixar de chorar como uma criança, vendo a cena da destruição em toda a parte, no momento de minha chegada. Desde o meu retorno da Alemanha havia gastado bastante dinheiro e trabalhado com imensa paciência e pena, para trazer a este sertão tudo o que podia alcançar de útil, interessante belo do reino vegetal, tanto da Europa como do Rio e de Santa Catarina. E, depois de muitas experiências perdidas, tinha conseguido enfim aclimatar aqui muitas plantas exóticas, árvores frutíferas e os mais belos arbustos de ornamento. Somente no mês de julho trouxe do Rio de Janeiro mais de 400 novas qualidades. Havia um grande viveiro de árvores frutíferas, para distribuição aos colonos com milhares de exemplares. O jardim foi belo e florescente com as mais belas rosas, etc. Refugiava-me nele, quando me sentia cansado, triste e oprimido – e quando voltei, tudo estava desaparecido, havia apenas barrancos dilacerados e uma praia de areia. Em todo o comprimento do rio e em partes muito mais expostas, não foi demolida nem uma só casa, mas a minha foi-se embora por inteira e com ela o único divertimento a que podia me permitir, foi levado como por ironia pela mão maliciosa de um mau gênio, instruído *ad hoc*. Além destas perdas maiores, sofri ainda diversas outras de alcance menor. A morte de gado, destruição de ranchos e casas de abrigo para os colonos recém chegados, mantimentos e indiretamente a necessidade de perdoar a quase todos os meus colonos os juros das suas dívidas, etc., somando-se assim os meus prejuízos em 3,5 a 4 contos de réis, antes mais do que menos. Não posso avaliá-los com exatidão. Com os demais objetos, também desapareceram todos os meus livros de contas, pequenos créditos, etc.; que farão falta na mão do meu guarda-livros. Enfim, sucumbi ainda ante os abalos espirituais e morais, e diante das duras fadigas corporais, fiquei doente por algumas semanas. Em geral a minha saúde desde 18 meses está muito enfraquecida, negando-se muitas vezes o meu corpo à minha vontade.

O golpe mais duro ainda estava reservado, quando em princípios de janeiro, dois colonos recém-chegados, ambos pais de família, foram surpreendidos e assassinados pelos bugres em pleno dia e numa distância de apenas vinte *braças* da próxima casa. A cena, quando eu cheguei ao lugar do desastre, foi terrível e talvez a mais dolorosa de toda a minha vida. Os cadáveres dos pobres assassinados estavam horrivelmente mutilados a golpes de machado e sobre eles ainda se deitavam as pobres viúvas, erguendo-se somente para cobrir-me de vitupérios, dizendo que eu tinha a culpa da morte dos seus maridos, mandando-os persuadir a virem a um país tão cruel e com falta de segurança, pedindo-me o pão para si e seus quatro órfãos. Deus queira preservar-me na sua bondade, de ver novamente tal cena!

A imediata consequência deste sinistro foi a paralisação de todos os trabalhos, que há muito haviam sido demorados e impedidos pelo mau tempo e as consequências da enchente; nenhum colono se queria mais ausentar da sua família por uma só noite, e devendo trabalhar no mato ou perto dele, um devia fazer sempre a sentinela dos outros com a espingarda na mão. Vi-me constrangido de parar com quase todos os meus trabalhos de pontes, caminhos, construções, etc., para grande prejuízo da Colônia. O estado foi e ainda é insuportável, insustentável. Apresentei logo ao Exmo. Sr. Presidente Coutinho, depois do ataque havido no Itajaí-mirim, a necessidade urgente de postar na Colônia e debaixo da minha imediata fiscalização, um destacamento de pedestres (guardas), que a uma légua daqui vivia há cinco anos em pleno desleixo e sem prestar serviço algum, em número de onze praças. Porém, recebi a resposta de que a guarda não podia ser posta debaixo das minhas ordens, por causa da minha nacionalidade. Para remover este obastáculo, vou naturalizar-me nestas semanas como cidadão brasileiro e esperar o que se há de seguir. Mandaram-me, entretanto, seis praças para cá, que vieram com mulheres e crianças. Como, porém, não posso dar-lhes ordens, nem posso puní-los pelo seu desleixo e inatividade, não fazem outra coisa senão incomodar a vizinhança. O estabelecimento de uma forte guarda na Colônia e debaixo das minhas próprias ordens ou de um comandante ativo e enérgico é uma questão vital para o seu futuro. Caso contrário ela há de cair nas ruínas e os colonos pouco a pouco vão dispersar-se, se em breve tal guarda não for estabelecida aqui. Tenho, pois, de importunar ainda ao Exmo. Sr. Presidente com este assunto.

Tenho muito receio, de que a novidade dos quatro assassinatos, cometidos no Itajaí-mirim e nesta Colônia pelos bugres, produza a mais desfavorável e perniciosa impressão, para a minha empresa e para a colonização brasileira – na Alemanha em geral, que em companhia dos especiais invejosos meus que ali existem em bastante número, hão de fazer o possível para espalhar a notícia em toda a parte e desacreditar a Itajaí. Tenho em Hamburg diversos inimigos e invejosos entre os agentes e amigos da colonização, que provavelmente não deixarão escapar esta bela ocasião e expor aos imigrantes, que em São Paulo e no Rio de Janeiro não haverão de temer tais sinistros. Contra estas manobras e para eliminar esta impressão desfavorável, não há senão um remédio, o estabelecimento de uma forte guarda, que prestará serviços e conservará em atividade uma severa fiscalização. Por este motivo, vou instar de novo o Exmo. Sr. Presidente, até que este meu pedido seja favoravelmente despachado.

Quanto à possibilidade destes sinistros se espalharem prematuramente na Alemanha, tenho razão para recear de que afugentará grande número de imigrantes e irá diminuir consideravelmente o número daqueles que o meu sobrinho e agente já alistou para as duas expedições deste ano. Então as grandes despesas com sua viagem e missão terão sido inutilmente feitas e hei de sofrer de novo grandes prejuízos pecuniários. E, com efeito, qual será o imigrante que não ficará amedrontado, participando-se-lhe, e talvez ainda exageradamente as tristes notícias de duas colheitas perdidas, enchente terrível e enfim a presença dos índios selvagens nas imediatas vizinhanças da sua futura habitação, contra os quais ainda não se tomaram medidas enérgicas e satisfatórias?

Tenho que preparar-me para uma nova e forte crise e fervorosamente hei de dar graças a Deus, quando ela passar benignamente e não arruinar profundamente a minha empresa e a mim mesmo.

V. Excia. há de reconhecer, que não repouso num leito de rosas e que a minha alegria depois da conclusão de meu contrato, foi um tanto prematura e de pouca duração. Se principio a fazer cálculos, a cabeça me dói e passo muitas horas noturnas, perguntando-me como afinal hei de fazer a mim e ao futuro da minha Colônia sob constelações tão desfavoráveis. O meu ajuste com o Gov. Imperial é muito menos favorável do que aquele da Colônia, difícil de sustentar a concorrência, no engajamento dos imigrantes, não podendo pagar tão altas comissões de alistamento. Em Dona Francisca, por exemplo, o Gov. Imp. será obrigado a pagar as custas de um templo Protestante, enquanto eu devo gastar para este fim R$ 1:200$000, quantia esta com os preços e salários havidos há um ano e meio atrás fosse talvez suficiente. Nas atuais circunstancias, porém, não chega para construir terça parte de um edifício decente. Tenho a intenção de dirigir-me ao Gov. Imp. para obter um subsídio semelhante, como foi concedida à Dona Francisca, desde que ali se principiou com a edificação do templo, ou pelo menos alguma coisa, e ouso suplicar a benévola intervenção de V. Excia. para com o Sr. Ministro do Império neste caso, se V. Excia. puder concordar comigo sobre a equidade desta medida. Além disto, devo arcar com o salário de dois mestres de escola, a edificação de casas para as escolas e a abertura e conservação de um caminho, cujas despesas montam a 5,5 contos (o caminho). Enquanto isto a Companhia D. Francisca fica desonerada. Antes de concluir o meu ajuste, havia refletido e minuciosamente calculado todas as minhas despesas, que deveria fazer, para realizar os meus planos, mas foi impossível prever que em menos de dois anos ou mesmo 18 meses, todas as circunstâncias haveriam de elevar meu prejuízo, que os preços dos mantimentos e salários haveriam de ser triplicados e ainda, haveria de sofrer tantas e tão enormes perdas diretas, que aumentaram por mais alguns contos de réis pela construção de pontes e caminhos, levados e arruinados pela enchente, a que me vejo constrangido. E mesmo com tão exagerados salários não acho operários e trabalhadores, os trabalhos não avançam e não posso antever um próximo fim com tão nocivas circunstâncias.

Ao lado destas dificuldades, tenho de lutar com obstáculos e efetivos impedimentos de toda a casta acerca dos meus terrenos, que me dificultam qualquer boa distribuição das sortes para os colonos, e tanto mais se me acabrunham, quando os impedimentos consistem em pequenos triângulos de terrenos devolutos de muito pequeno valor que interceptam aqui e acolá a contigüidade dos meus terrenos, ou em datas e concessões, que desde muito tempo deviam ser declarados como caídos em comisso, achando-se ainda inteiramente incultos na mão dos primeiros concessionários. Apesar disto, estes pedem altos preços e mesmo, pagando-os, não sei, se à vista dos regulamentos não terei de novo que comprar e pagá-los ao Governo, por serem legalmente válidos em comisso. E se de outro lado queria promover o respectivo processo, devo evitar intrigas e inimizades, gritando naturalmente os prejudicados, dizendo que estou espoliando aos filhos do seu país para o bem dos estrangeiros. Escrevi sobre estas circunstâncias ao Exmo. Sr. Manoel Felizardo e estou aguardando a sua resposta com tanto maior desejo quanto aquelas me estorvam em todas as minhas disposições.

Mesmo sobre as minhas próprias terras acho-me ainda na mais penosa incerteza. Foram-me concedidas em 1848 e 1850 duas datas de terras para a colonização, em que naturalmente baseei toda a minha colonização em maior escala. Como, porém, não foram medidas, instei na ocasião do meu ultimo ajuste, que estas datas logo fossem revalidadas e eu assim tivesse a livre disposição delas, a fim de colonizá-las pouco a pouco e em conformidade com meu contrato. O Sr. Manoel Felizardo não havia nada a lembrar contra este pedido, concordando no princípio dele, mas queria que o negócio fosse terminado pela presidência desta província. Conhecendo eu, porém, por antecedência as disposições e máximas do Exmo. Sr. Coutinho acerca da colonização, pouco favoráveis aos alemães e sobretudo aos Protestantes, instei de novo, cedendo todavia enfim às mais positivas asserções, de que o negócio não haveria de achar obstáculo algum, e confiando nas especiais recomendações, do Exmo. Sr. Pedreira. Quando fui de volta a Santa Catarina (Desterro), o Exmo. Sr. Coutinho me recebeu porem com notável frieza, e não tomando em consideração nem a situação da coisa, nem a recomendação especial acerca deste negócio, me deu uma resposta bastante áspera e quase absolutamente negativa, que me pôs naturalmente na maior consternação, por me subtrair toda e qualquer base segura dos meus planos de colonização. Não podendo eu mais dispor de uma considerável superfície de terras ou devendo comprá-las de novo, caíram todos os meus cálculos e ficava realmente e plenamente impossível de cumprir nem sequer a décima parte das obrigações, a que me havia sujeitado. Nestas angústias, o Sr. Dr. Juiz de Direito, Andrade Pinto me assistia da maneira mais benévola e amigável, do que lhe estou muito obrigado. Vou agora fazer um requerimento ao Gov. Imp. e espero que o negócio ainda se há de arranjar.

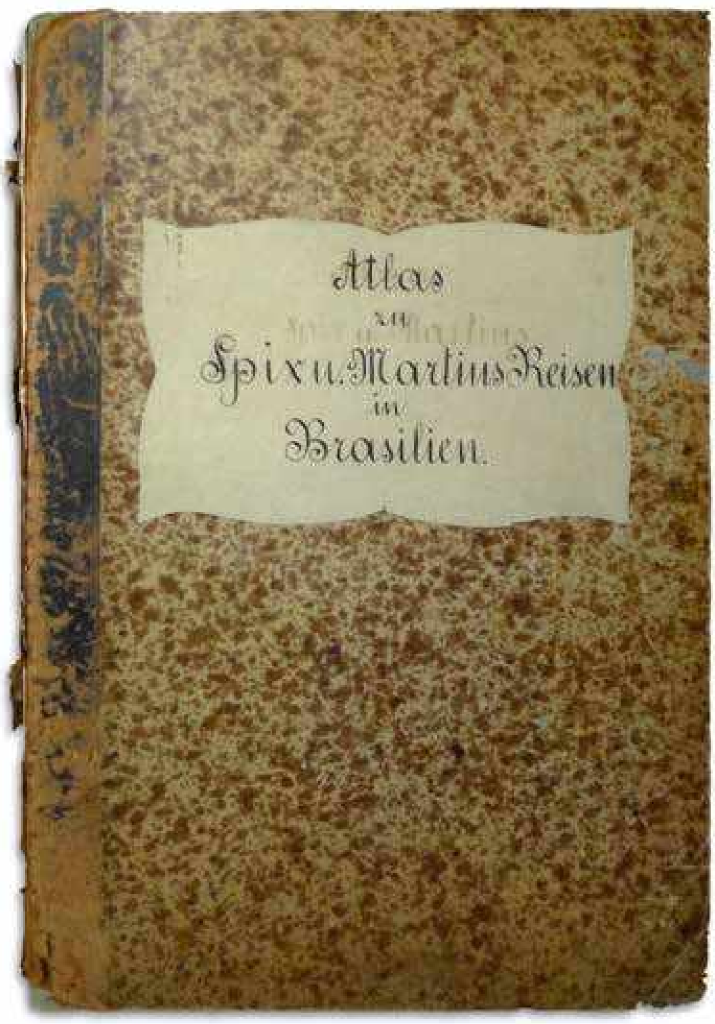
Não posso deixar de muitas vezes suspirar, refletindo, que grande tolo fui, não aceitando em 1847 as propostas honrosas e vantajosas do finado Sr. Galvão, que me fez em Porto Alegre, para dirigir as novas colônias e os 2000 colonos, então recém-chegados. Mas julguei, que devia ficar com os hamburgueses, que eu tinha por honrados negociantes, mas que efetivamente não foram senão mesquinhos mercenários, e como tais deixavam cair os seus planos, pondo-me na área ou rua como a qualquer jornaleiro. Na viva prova do Rio Grande e debaixo de uma administração tão ilustrada como foi a de V. Excia., que resultados não teria obtido, que belas e duráveis obras não teria podido criar! E também V. Excia., na perseguição das suas idéias benfazejas e tendentes a promover a prosperidade daquele belo país e das colônias nele estabelecidas e ainda a estabelecer, não teria tido em mim um mercenário, mas um fiel servidor e auxiliar entusiasmado. Agora estou enterrado nesta província, bela, é verdade, ricamente dotada pela natureza, mas negligenciada, e empobrecida e tendo vencido uma dificuldade, logo me vejo a bater com três outras, avançando com tal lentidão, que poderia desesperar a mais tenaz paciência. No Exmo. Sr. Coutinho não acho apoio, senão muito froxo e pouca disposição para entrar em planos e idéias elaboradas de colonização de maior alcance; a este respeito ele se move num estreito círculo, que é impossível fazê-lo sair fora. Tive com ele muitas discussões sobre este assunto. O único resultado foi que S. E. não podia me persuadir, nem eu a ele.

Quando for possível S.E. não haverá de deixar entrar no país senão portugueses e ilhéus, e quando muito, outros estrangeiros e também alemães de religião católica, porém com a condição de que os seus filhos esqueçam desde já a língua alemã. Mas a imigração Protestante aparece a S.E. como diretamente perniciosa e prejudicial ao país, como gérmen de futuras discórdias, etc., etc., porquanto quebra por sua índole todas as tradições portuguesas, em que S.E. parece ver a única salvação do Império, não excluindo os seus defeitos. Em consequência de tais princípios não é de admirar, que S.E. pouco se inclina para favorecer uma Colônia até agora quase exclusivamente Protestante. V. Excia. há de concordar comigo, que tais opiniões, enunciadas pela primeira autoridade da província, não são muito próprias para animar e, em caso de infortúnios, confortar a um pobre colonizador na minha posição.

Apesar de todas estas grandes e pequenas dificuldades, não perco o ânimo nem a perseverança. A minha maior mágoa é que minha saúde debilitada já não me ajuda tanto quanto desejo e é preciso. Enquanto tenho ainda um sopro e a gastar um real, hei de permanecer no meu posto, e ou vencer ou nele perecer, evidenciando aos meus amigos e protetores, como ao Gov. Imp., que não se enganaram confiando na minha retidão, no meu zelo, e que não fui inteiramente indigno da sua proteção e confiança, mesmo quando talvez uma má estrela me impedir de conduzir ao seu fim tudo o que me havia proposto.

Com grande inquietude estou à espera da abertura das câmaras, pois provavelmente nelas haverá várias medidas de importância, concernentes à colonização, sobretudo às dos casamentos mistos e heranças. Sobretudo um regulamento sobre a introdução do casamento civil, que as partes possam entrar perante qualquer escrivão de juízo de paz. As vilas são muito distantes e isto se torna de necessidade indeclinável, quando os poderes do Estado não quiserem introduzir com força o concubinato nas novas colônias. Também em respeito aos meus negócios, almejo muito a abertura das câmaras, pois preciso da aprovação de um dos artigos do meu contrato e ainda da sua sanção, concedendo-me este artigo que favorece a isenções acerca do desembarque dos colonos e das suas bagagens, como foi concedida à Colônia Dona Francisca. A incerteza, em que me acho, se não posso cair em multas ou deverei pagar ao respectivo navio indenizações por demoras, é muito penosa, e antes de não haver esta sanção, fico impossibilitado a trabalhar estes negócios com aquela segurança e certeza, que são indispensáveis para um pleno sucesso. No ano pr. P. na véspera da minha partida, V. Excia. se dignou, aceitar de mim o respectivo artigo e algumas reflexões sobre ele em escrito e houve a bondade de prometer-me, que iria lembrar-se disso na Câmara. Tendo, porém, as discussões meramente políticas do ano passado impedido a apresentação do projeto, posso eu ousar, entregar-me à esperança e pedir a V. Excia., que tenha a bondade de lembrar-se do assunto no ano presente e apresentá-la na Câmara. Peço desculpas por importunar V. Excia., pedindo sua benévola proteção, mas confio totalmente na V. Excia., pois estou isolado nestes sertões e não conheço deputado algum, que me preste algumas simpatias ou me conheça. Tenho muito importunado a V. Excia. com esta longa epístola, vou concluir. Permitindo o tempo precioso e muito ocupado de V. Excia., haveria de me fazer muito feliz, se pudesse honrar com algumas linhas de resposta, dando-me ao mesmo tempo as melhores notícias da perfeita saúde de toda a amável família de V. Excia., a que rogo o especial obséquio. V. Excia. queira fazer as minhas recomendações tão respeitosas como cordiais.

Pedindo a V. Excia. pela continuação da benévola proteção e das simpatias, com que sempre se dignou honrar-me, fico com invariável dedicação e respeitoso acabamento. Ilmo. e Exmo. Sr. de V. Excia. o muito obrigado do Dr. Hermann Blumenau.



Atlas de Spix e Martius, pertencente ao Dr. Blumenau e salvo da enchente de 1880, bastante danificado.

Spix & Martius-Weltatlas, im Besitz Dr. Blumenaus, sehr beschädigt aus den Fluten von 1880 gerettet.

Acervo / *Sammlung* J. Blumenau-Niesel, Berlin



Allgem. Auswanderungs-Zeitung

Unter Verantwortlichkeit des Verlegers
redigirt von
Dr. Büttner.

Nebst
einem belletristischen Beiblatte.

Zwölfter Jahrgang.

Rudolstadt, den 9. April

Halbjährlicher Abonnementspreis:
a) im Postvereinsgebiete 1 1/3 Thlr. oder 2 Fl. 24 Kr.
b) in frankirten Wochenlieferungen, unter Adresse, 2 Thlr. od. 3 Fl. 36 Kr.
c) dito überseeisch $ 2.

1858. № 15.

Jornal do Emigrante

Karte der Kolonie Blumenau

1ª Zona – *Das Stadtgebiet* **/ Área Urbana: entre a foz do ribe***irão Garcia* **e a** *Vorstadt* **/ Subúrbio e pelas margens do** *Garcia* **até a altura do atual Hospital** *Santa Catarina***.**

01. Ludwig Scheeffer – de Pommern
02. August Wolff – de Schlesien
03. Heinrich Koch – de Oldenburg
04. Johann Hönnicke – de Thüringen
05. Johann Bloch – de Schlesien
06. Karl Sasse – de Mannsfeldischen
07. Emil Odebrecht – de Pommern
08. Johann Witt – de Lübeck
09. Ludwig Pragst – de Hamburg
10. Friedrich von Lesecke – de Hannover
11. Heinrich Michel – de Schlesien
12. Wilhelm Küchendahl – de Braunschweig
13. Ernst Schellenberg – de Thüringen
14. Franz Keiner – idem
15. Theodor Kleine – de Posen
16. Hermann Siebert – de Magdeburg
17. Wilhelm Schifter – de Berlin
18. Gottlieb Riediger – de Schlesien
19. Friedrich Lang – idem
20. Johann Behnke – de Holstein
21. Ludwig Sachtleben e Franz Meyer – de Halberstädtischen
22. Karl Meyer e August Spierling – de Mecklenburg
23. Julius Baumgarten – de Braunschweig
24. Wilhelm Friedenreich – de Mannsfeldischen
25. Heinrich Zwingmann – de Eichsfelde
26. Hermann Wendeburg – de Braunschweig
27. Reinhold Gärtner – idem
28. Minna Görner – de Lausitz
29. Marie Rosemann, viúva – de Schlesien
30. Pastor e Escola
31. Johann Padaratz – de Mecklenburg
32. Friedrich Tiedt – de Pommern
33. Eduard Böttcher – de Lübeck
34. Christian Imroth – de Braunschweig
35. Johann Gieseler – de Mecklenburg
36. Johann Preilipper – da Thüringen
37. Hans Kreutzfeld – de Lübeck
38. Sophie Bähr, viúva – de Braunschweig
39. Johann Schack – de Thüringen
40. Johann Magenknecht – idem
41. Johann Schreep – de Mecklenburg
42. Johann Hübers – idem
43a. Friedrich Lüders – idem
43b. Traugott Koehler – de Sachsen
44. Ludwig Wehmuth – de Thüringen
45. Friedrich Jerga – de Holstein
46. Johann Richter – de Schlesien
47. Karl Külps – de Mecklenburg
48. Christian Möller – idem
49. Friedrich Gieseler – idem
50. Joachim Maatz – idem
51. Heinrich Schmidt – idem
52. Friedrich Schmidt – idem
53. Hans Esemann – idem
54. Theodor W – de Berlin
55. idem
56. Wilhelm Schumann – de Anhalt
57. Karl Kegel – de Thüringen
58. Karl Schneider – de Schlesien

2ª Zona – Margem direita do *Garcia* (pouco acima do atual Hospital *Santa Catarina*) até uma distânia aproximada de 4 km.

01. Ernst Weise – de Thüringen
02. Johann Knoch – idem
03. Heinrich Koehler – idem
04. Karl Hadlich – idem
05. Christian Heumann – de Bayreuth
06. Johann Knoch – de Thüringen
07. Johann Bewiahn – de Mecklenburg
08. David Seiler – de Sachsen
09. Wilhelm Schreiber – de Pommern
10. Heinrich Ehrhardt – de Thüringen
11. Karl Rechenberg – de Udermart
12. Karoline Spies – de Thüringen
13. Bernhard Beck – de Sachsen
14. Heinrich Läuthäuser – de Thüringen
15. Johann Gebien – de Mecklenburg
16. Wilhelm Holetz – de Lausitz
17. Christian Passig – de Holstein
18. Emma Ostermann – de Eichsfeld
19. Richard Becker – de Pommern
20. Franz Matthias – idem
21. Johann Busch – idem
22. Alexander Bürger – de Lausitz
23. Heinrich Seide – de Hannover
24. Wilhelm Schmidt – de Rhein

3ª Zona – Margem esquerda do *Garcia* (atual Alameda *Barão do Rio Branco*) para os fundos.

01. Hans Baade – de Mecklenburg
02. Moritz Holetz – de Lausitz
03. Andreas Graßmann – de Rhein
04. Heinrich Koth – de Mecklenburg
05. Joachim Gramkow – idem
06. Catharine Berlien, viúva – idem
07. Johann Koth – idem
08. Dettlef Krambeck – idem
09. Karl Lehmann – idem
10. Georg Kühl – de Holstein
11. Gottlieb Hadlich – de Thüringen
12. Heinrich Hadlich – idem
13. Wilhelm Schreber e Heinrich Ehrhardt – idem
14. Johann Gebien e August Jarchow – de Mecklenburg
15. Christoph Müller – de Eichsfeld
16. Heinrich Bichels – de Hamburg
17. Hugo Schultze – de Berlin
18. Ernst Lehmann – de Schlesien
19. Adolph Schurt – de Pommern

4ª Zona – Margem direita do Rio Itajaí-açu (atual bairro de *Itoupava Seca*), aproximadamente do atual local do *Senai* para cima.

01. August Preslien – de Lübeck
02. Ferdinand Ebert – de Halle
03. Hans Breithaupt – de Braunschweig
04. Hermann Wendeburg – idem
05. Karl Penneder – de Spreewald
06. Eduard Romer – idem
07. August Persuhn – de Braunschweig
08. Christian Beek – idem
09. Christian Spernau – de Sachsen
10. Theodor Thomsen – de Holstein
11. Viúva Heffter – de Schlesien
12. Heinrich Kühne – de Halberstädtischen
13. Wilhelm Friedenreich – de Mannsfeldischen

14a. Wilhelm Seeliger – de Braunschweig

15b. Johann Hinsching – de Magdeburg

16. Karl Engicht – de Lausitz
17. Wilhelm Schönau – de Gotha
18. Peter Müller – do Brasil
19. Rudolph Rödel – de Thüringen
20. Ludwig Helmbrecht – de Braunschweig
21. Heinrich Matthes – de Brandenburg
22. Karl Matthes – idem
23. Ludwig Sachtleben – de Quedlinburg

5ª Zona – Margem esquerda do Rio Itajaí-açu (atual bairro *Itoupava Norte* e parte da *Fortaleza*).

01. Ludwig Thieme e Johann Faust – de Sachsen e Hessen
02. Heinrich Rodatz – de Hamburg
03. Heinrich Lüders – de Mecklenburg
04. Guido von Seckendorf – de Braunschweig
05. Ferdinand Starke – idem
06. Ludwig Spengler – de Sachsen
07. Ferdinand Starke – de Braunschweig

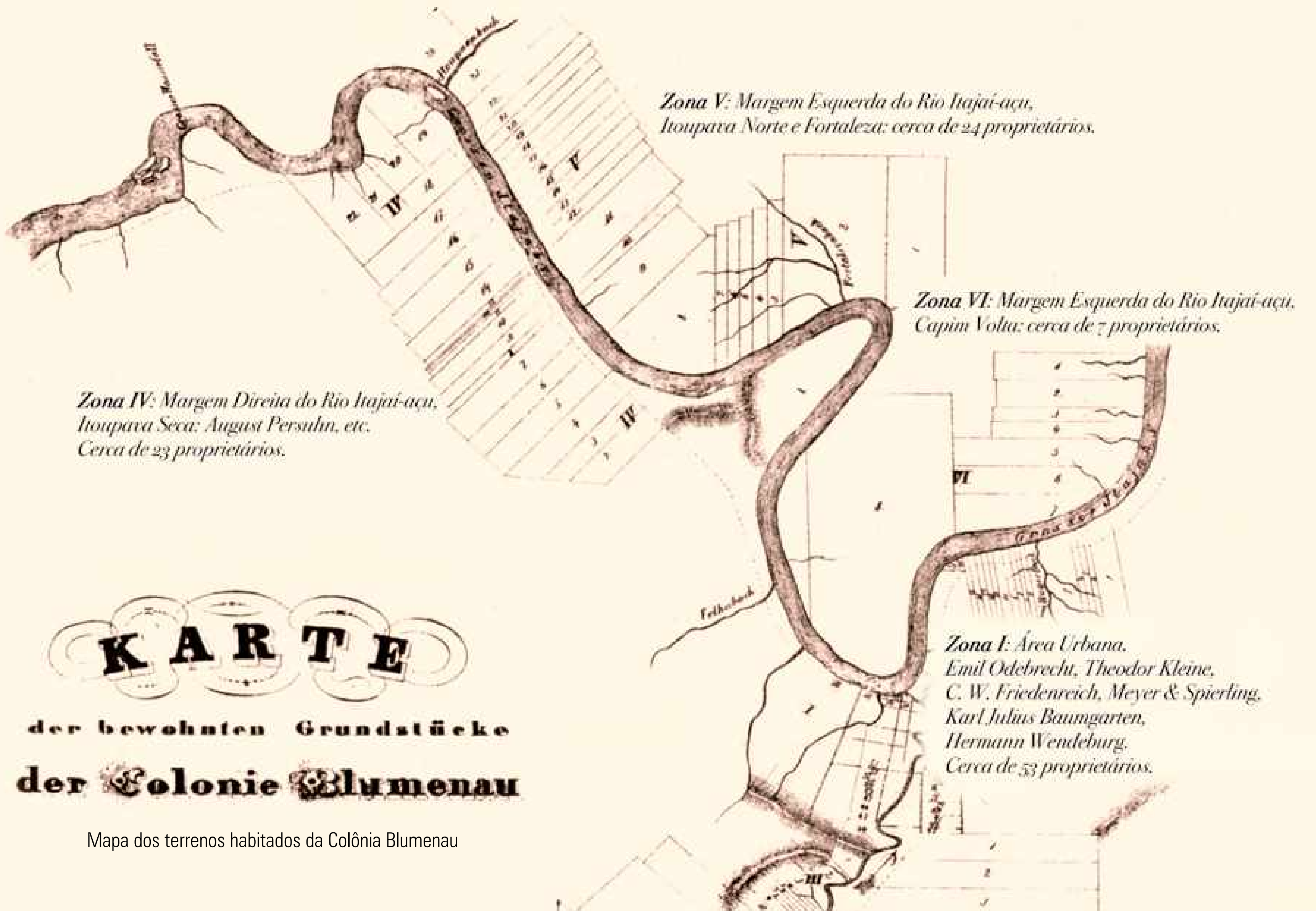
08a. Heinrich Meyer – de Thüringen

08b. Friedrich Kegler – idem

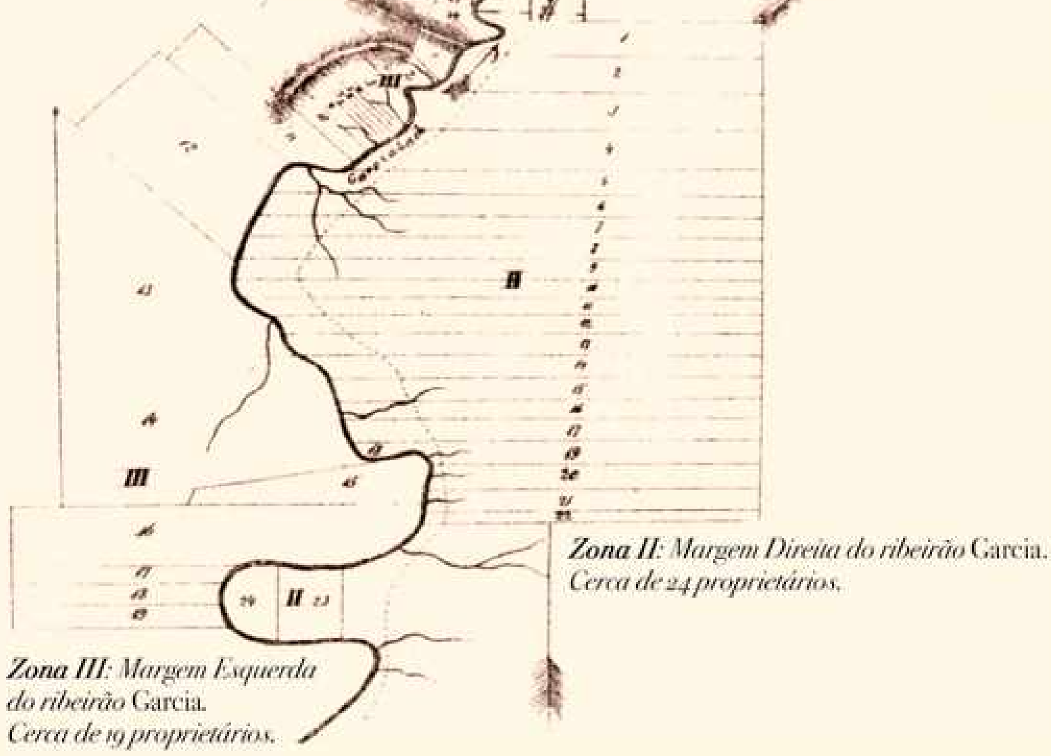
09. Anton Härtel – de Sachsen
10. Eduard Stein – de Pommern
11. Disponível (pequeno lote)
12. Karl Müller – do Harz
13. Christoph Liesenberg – idem
14. August Reif – de Meiningen
15. Gustav Mencke – de Thüringen
16. Friedrich Hinkeldey – de Preußen
17. Ludwig Wegener – de Halberstädtischen
18. Joseph Kuonz – de Schweiz
19. Wilhelm Meier – de Hannover
20. Paul Paraski – de Preußen
21. Karl Eggebrecht – de Pommern
22. Irmãos Bickelmann – de Sachsen
23. Disponível
24. Christian Rau – de Thüringen

6ª Zona – Margem esquerda do Rio Itajaí-açu, no *Capim Volta*.

01. Johann der Eich –Província de Rhein
02. Julius Paupitz – de Sachsen
03. Wilhelm Schönau – de Gotha
04. Carl Hering – de Weimar
05. Christian Böhme – de Sachsen
06. Daniel Schneider – Província de Rhein
07. Reservado

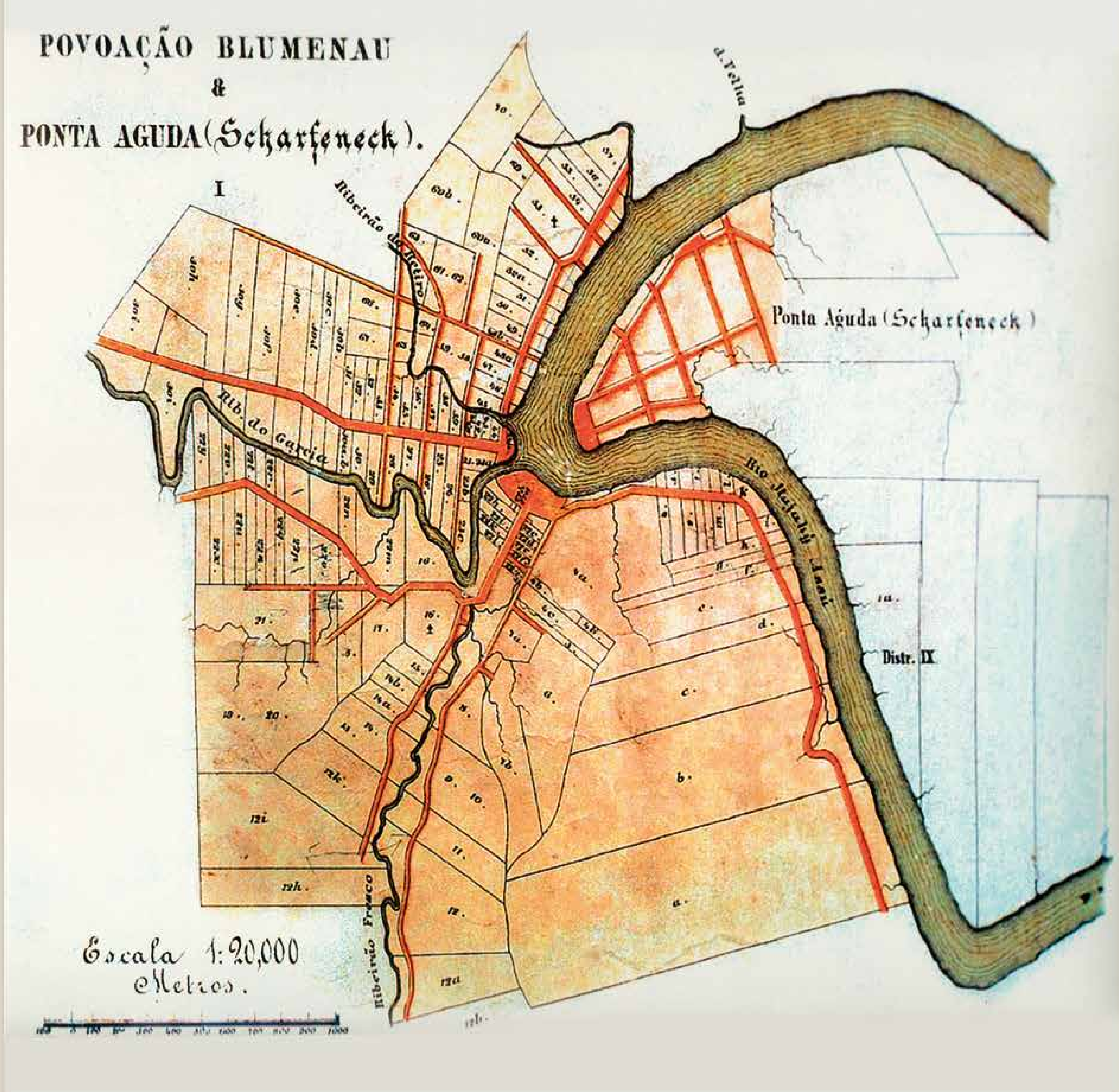


Mapa dos terrenos habitados da Colônia Blumenau



A Cidade de Blumenau está situada na margem direita do Rio Itajaí-açu, na latitude de 26 graus 55′ 26″ sul e na longitude de 49 graus 03′ 22″ de Greenwich. Fundada em 2 de setembro de 1850 pelo Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau, tornou-se Distrito de Paz em 1858, elevada à Vila em 4 de fevereiro de 1880 e Cidade em 28 de julho de 1894.

Die Stadt Blumenau befindet sich am rechten Ufer des Itajaí-açu-Flusses, am 26g 55′ 26″ Längengrad und 49g 03′ 22″ Breitengrad. Gegründet am 2. September 1850 von Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau, wurde die Stadt im Jahr 1858 zum Friedensdistrikt, sowie zur Ortschaft am 4. Februar 1880, und zur Stadt am 28. Juli 1894 ernannt.


POVOAÇÃO BLUMENAU
&
PONTA AGUDA (Scharfeneck).
I
Ribeirão do Retiro
Rib. do Garcia
Ponta Aguda (Scharfeneck)
Rio Itajahy Assú
Distr. IX
Ribeirão Fresco
Escala 1:20,000
Metros.

1858

Robert Avé-Lallemant



Robert Avé-Lallemant
1812-1884

Robert Christian Berthold Avé-Lallemant nasceu em Lübeck em 25 de julho de 1812 e faleceu na mesma cidade em 10 de outubro de 1884. Após haver estudado medicina em Berlin, Heidelberg, Paris e Kiel, formando-se nesta última Universidade em 1837, veio para o Rio de Janeiro onde já se encontravam dois de seus irmãos, um como Pastor luterano e outro como comerciante. Em 1841 casou-se com Meta Lowe, que faleceu em 1855 deixando-lhe 3 filhos. Diretor do Hospital de Febre Amarela durante vários anos regressou em 1855 à sua cidade natal por motivos de saúde. Em 1856 casou-se com a irmã de Meta, Ida Louise, com quem teve outros 2 filhos. Com a morte de Ida Louise em 1871, ele se casaria pela terceira vez com Adamine Ulrike von Rosen.

Humboldt o tomou, como muitos outros estudiosos, sob sua proteção e fê-lo nomear Médico da expedição da fragata Novara, *viagem científica de tão grandes resultados. No Rio de Janeiro ele desembarcou e em 1857 foi nomeado Médico do* Hospital dos Estrangeiros. *Nos dois anos seguintes empreendeu suas viagens ao Sul e ao Norte do país, de que resultaram os magníficos volumes que logo a seguir publicou. Chegou a Santa Catarina, no Desterro, em fevereiro de 1858 e, entre idas e vindas pelo interior da Província, partiria para o Sul em 1º de junho do mesmo ano.*

No 2º volume de Reise Durch Süd-Brasilien / Viagem pelo Sul do Brasil, *editado em Leipzig 1859 com tradução (pelo INL, Rio de Janeiro 1953) de Teodoro Cabral, no 3º Capítulo, após passar pelo Desterro ele descreve a viagem ao Itajaí e à Colônia Blumenau.*

Estávamos na barra do Itajaí. Numa região da Província, conhecida ultimamente por causa da imigração alemã que se dirige para lá. Apenas podemos avistar o animado centro de comunicação da barra do rio e o próprio rio. Viajamos ainda uma pequena meia légua terra adentro até a uma pequena Colônia que me surpreendeu muito agradavelmente.

Formam-na duas casas de residência. Na primeira mora o laborioso e honrado mestre carpinteiro Hahn, de Mecklemburg, e na segunda seu cunhado Sallentien, homem de negócios, cada um dos quais com uma família abençoada por Deus. Se há bênção de Deus, é decerto uma honesta dona de casa alemã e filhos amáveis, como se encontram naquela Colônia, uma casa bem instalada, ordem e asseio e mobiliário do lar, tão bonito e tão limpo como até então eu ainda não encontrara entre imigrantes alemães no país.

Mas o que, então, me regozijou especialmente foi a circunstância de encontrar, em casa do senhor Sallentien, meu velho amigo Dr. Blumenau, o fundador da Colônia do mesmo nome no Itajaí. Acabava de regressar do Rio de Janeiro, onde tentara despertar novo interesse do Governo nacional pela sua Colônia e queria subir o rio na manhã seguinte. Mas o dia seguinte era domingo, não se conseguia canoa e tínhamos de ter paciência por um dia. Mas o domingo não foi perdido para mim. Logo ao alvorecer estava eu diante da casa, à margem do Itajaí. Magnífico rio! Quase tão largo quanto o Uruguai em São Borja, passa tranquilamente, abundantíssimo de água e leva com segurança os navios mercantes que entram do mar até longe, subindo; os pequenos navios podem alcançar a própria Colônia, vantagem de inestimável utilidade para os colonos. Bem perto do terreno de propriedade de Sallentien recebe ele seu considerável afluente, o Itajaí pequeno, a cujas margens se encontram excelentes tratos de terra até agora pouco explorados e muito promissores.

Um relance de olhos é bastante para um feliz prognóstico de todas as atividades dos colonos nas margens do magnífico rio. Sem embargo, desta vez o meu velho amigo Dr. Blumenau não estava tão entusiasmado com seu empreendimento colonial como eu o vira anteriormente no Rio de Janeiro. Falou-me de muitas dificuldades, cuja remoção não depende apenas de suas próprias forças e energias e vão muito além dos domínios de sua boa vontade, decerto a melhor possível.

Não posso dar aos meus leitores, aqui, nenhuma história da fundação e desenvolvimento da Colônia alemã do Itajaí. Já o fez suficientemente o Dr. Blumenau em seu livrinho *Deutsche Colonie Blumenau* u.s.w. (Rudolfstadt, 1856, impressão e edição de G. Fröbel). Tenho de limitar-me à minha visita àquela Colônia e a dar singelamente o meu parecer sobre o empreendimento, tal qual o posso ver.

Em 19 de julho (1858) estava pronta a canoa para conduzir rio acima a erudita tríade alemã, os doutores Blumenau, Burkart e Avé-Lallemant. Foi muito engraçado. Embora fosse também destinada ao Diretor da Colônia, a canoa não era, de modo algum, um Herrenschiff von Uri. Ao contrário, era velha, suja e remendada.

Alguns furos tapados com trapos me despertaram a viva convicção de que um Diretor de Colônia em Santa Catarina nem sempre se senta no enxuto. Sentamo-nos os três no fundo da canoa, porque essa embarcação vira, se todo o peso não se apoiar no fundo. A princípio me aborreci com o embarque. Sentei-me *dos à dos* com o Dr. Blumenau e em frente dele, Burkart; a conversação era impossível, pois a gente não devia mexer-se na canoa. Demais, o Dr. Blumenau sofre de uma lamentável surdez. Para entender-nos, pois, precisávamos gritar com força em todas as direções, o que, com o eco entre as matas da margem, causava um estranho efeito, afugentando dali toda a vida animal. O rio brasileiro contrastava magnificamente com os três gritantes letrados alemães. Larga, profunda e potente, corria, em longa marcha, a bela massa de água, geralmente silenciosa. Encantadora floresta virgem refletia-se nas correntes e esbeltas palmeiras inclinavam-se sobre as ondas escuras, balançando-se ligeiramente. Mas, ao lado do quadro da mais profunda paz, o da mais furiosa destruição. Em muitos lugares desabaram os barrancos do rio com os matos que os cobriam. As mesmas frondes pujantes que se elevavam para o céu subitamente se precipitaram na torrente e ali ficavam apoiadas no fundo, rodeadas pelas águas espumantes, até que se decomponham ou que as areias as enterrem completamente. As próprias árvores mortas apresentam quadro de destruição ainda mais furioso. Quem não conhece, através das descrições da floresta virgem de Burmeister, o cruel "cipó matador", a vigorosa trepadeira que sobe colada aos grandes troncos de árvores, finca neles os seus nervosos ganchos e assim os sufoca? Eu as vi, a assassina e a vítima, firmemente agarradas, precipitadas do barranco, deitadas na água, como cadáveres. Quanto mais se sobe o rio, mais aparece a cultura em ambas as margens. Há dois decênios o talentoso engenheiro belga van Lède concebeu o plano de instalar uma Colônia no Itajaí. Como Colônia, em conjunto, a instalação malogrou-se. Prosperaram, porém, individualmente os colonos belgas, que ainda ali vivem, muito bem, em seus pequenos sítios; e o nome do fundador deve sempre ser citado com respeito. Homens contentes, bem alimentados, graças à sua laboriosidade, vivem em suas pequenas casas cinzentas na margem alta do rio; e, a quem passa, parecem muito alegres as criancinhas flamengas que chafurdam na lama entre bananeiras e canas de açúcar.

Há também alguns moradores alemães nas proximidades da chamada Colônia Belga, sobretudo lá onde tem a sua residência o belga Nicolau Deschamps. Aqui se tornou muito conhecida a família Schramm, que habita a região do Itajaí, onde desemboca o afluente rio *Gaspar* e onde paramos ao entardecer, pois não se alcança Blumenau num só dia e eu não desejava passar a noite na canoa, gritando, numa verdadeira situação de grilheta.

Os Schramms do Itajaí formam um grupo de família de que sempre me recordarei com alegria e prazer. É o ramo dominante um velho casal de piedosos Católicos, há anos emigrados para o Brasil com o enorme capital do *Ora et labora* e que até a velhice ajunta os juros ao capital. Em torno dos velhos cresce uma série de dignos filhos e filhas e sabe Deus quantos netos de cabeça loura andam pela casa. Sorri o coração quando a gente se aproxima da honrada gente e, sob o teto doméstico, é recebido como um dos seus, sem que admitam a mínima cerimônia. Tudo segue o seu curso normal: o trabalho é feito até o fim, o estranho senta-se à mesa da família ao lado dos pais, dos filhos e dos netos e desenvolve-se a palestra entre pessoas que nunca se viram antes como se sempre tivessem vivido juntas. Uma velha lenda oriental de hospitalidade não é mais comovente e edificante do que a realidade aqui. Ou não é comovente e edificante ver movimentando-se as graciosas gravuras de Richter (NT: Ludwig Richter, pintor alemão, famoso pelas suas gravuras em madeira de cenas domésticas – 1803/1884), uma amável mãe velha, que trabalha servindo o estranho recém-chegado e a quem as donairosas filhas e noras não persuadem a que repouse, mas afinal cede, com um suspiro, atendendo ao amor filial? E cada uma delas não é precisamente uma estampa de Richter? Não é a filha de 17 anos aquela deliciosa moça do quarto de fiar que penteia os cabelos diante do pequeno espelho de sua mansarda?

A noite adiantou-se. Foram feitas, no quarto, as camas para os hóspedes. Três hóspedes improvisados não causam embaraço onde, frequentemente, são de oito a dez. Fiquei muito satisfeito com os alvos lençóis de minha cama, que poderiam ser enviados a uma exposição industrial.

Na manhã seguinte despertou-me estranha gralhada. Como acontece geralmente no país, as paredes divisórias da casa não vão até em cima, de modo que se ouve facilmente qualquer ruído da casa. No aposento vizinho, uma jovem mãe, com todos os expedientes do amor materno, em vão tentava aquietar o filhinho que gritava a valer. Por meio minuto se calou o pequeno traquinas para logo tornar a berrar, pois tomava os esforços para aquietá-lo como uma brincadeira da mãe com ele e gritava mais ainda. Em pouco toda a casa despertava ruidosamente e quando acabei de vestir-me já estava cada um entregue ao seu trabalho. Os ativos homens já tinham posto o engenho de açúcar em movimento e o aparelho de destilação estava em pleno funcionamento. Junto do cálido fogão, sentados, quatro netinhos do velho Schramm regozijavam-se com a proximidade do fogo, do avô e do pai; no fundo aguardavam o caldo de cana que corria do engenho, pois, logo que obtêm a permissão oficial de prová-lo, metem nele o dedinho indicador e o provam com prazer. Depois os lambedores de açúcar saem correndo e vão fazer das suas com as galinhas e patos.

Tomamos café e despedimo-nos da digna família que dificilmente encontra quem com ela se emparelhe, em qualquer parte.

O Itajaí corria mais depressa e sussurrava violentamente em muitos lugares, de modo que os nossos dois barqueiros tinham de trabalhar muito cuidadosamente. Todavia, por um barco a vapor, a sua correnteza é vencida em toda parte. Terrível deve ser o rio, como acontece desta vez, numa cheia violenta. Na casa de Schramm vi a marca da enchente de 1855, a maior de todas. O rio deve ter subido uns 40 *pés* (12m). É quase incrível que as águas se tenham estendido até o ponto marcado. Os moradores mal tiveram tempo de sair das casas e refugiar-se nas matas próximas para assim salvarem suas vidas.

Na mesma medida em que a corrente do rio se torna mais rápida, a mata se inclina sobre as margens. Em lugares isolados, bem perto da corrente, surgem esplêndidas copas de admiráveis vistas. Antes do que esperávamos encostou a canoa, subimos o barranco e estava diante de nós a Colônia Blumenau.

Antes de tudo, para não enganar os leitores, devo fazer uma observação. Com muitas coisas e nomes acontece o mesmo que se passa com o leão do "Sonho de uma noite de verão": não há leão de verdade e o público não deve atemorizar-se dele. Assim também muita parede não é parede de verdade e centenas de vezes, no palco da vida, uma lanterna substitui o luar.

Afinal, tudo depende da disposição de ânimo e da boa vontade. Quase não é preciso lembrar o Brockenjüngling de Heine, que apostrofa calças de couro amarelo num armário envidraçado como sendo a lua enevoada e irrompe num hino ossiânico.

Colônia Blumenau! Amigo leitor! Como eu tivesse passado algumas horas da manhã e todo o dia anterior apertado no leito de uma canoa do Itajaí, com muito amor e indulgência darías, de coração, ao estabelecimento diante de ti a qualidade de Cidade e à Cidade o nome de Blumenau.

A Cidade de Blumenau tem muito boa vontade de tornar-se Cidade. Por ora, falta-lhe tudo o que constitui uma Cidade. De Igreja, Casa da Câmara e outros edifícios públicos não se vêem sequer vestígios e são tão poucas as casas no caminho, que involuntariamente se pergunta: mas onde fica a cidade?

Logo à esquerda está construída a metade de um galpão de recepção; a outra metade é um telhado suportado por pilares. Na metade há espaço para uma escola e uma capela provisória além de algumas divisões para eventuais recém-chegados, que decerto não ficarão bem impressionados.

Por outro lado, é muito bonita a estalagem do senhor Friedenreich, onde mora o Dr. Blumenau e onde por nossa vez nos aboletamos. O senhor Friedenreich é homem armado de bons conhecimentos e um veterinário perfeitamente educado, cuja jovem senhora, amável e bondosa, governa a casa. Falarei depois sobre os imigrantes de Blumenau.

De ambos os lados do caminho mal conservado, bonitas casinhas, subindo até a uma elevação onde se edifica uma casa Pastoral muito boa e está projetada a construção de uma igreja; ainda não se nota vestígio dela. O conjunto, todavia, causa impressão muito agradável, sobretudo quando o recém-chegado se acostuma com o eufemismo "Cidade" de Blumenau.

Mas, esta impressão amável e pacífica é também melancólica. Aonde quer que se olhe, vá ou esteja, vê-se, em toda parte, absoluta falta de dinheiro para levar a comunidade e a Colônia, em conjunto, à florescência. Apenas se observa, aqui e ali, um trecho de caminho, uma pinguela, mas em parte alguma a expressão de coisa completa ou ao menos um progresso para completá-la. O que havia de bom em caminho e pinguelas foi aniquilado pela inundação. E desde então faltam recursos. Conforme já disse, acaba Dr. Blumenau de chegar do Rio de Janeiro sem lá ter encontrado, novo auxílio. Não pode cumprir seu contrato com o Governo e não posso convencer-me da possibilidade de maior desenvolvimento de sua empresa.

Não se funda essa convicção negativa somente na falta de recursos. Se quisesse externar aqui meu ponto de vista, dizendo por que não posso nem devo apresentar um bom prognóstico para a Colônia de Blumenau, tal qual se acha, teria de dizer muita coisa que, por causa de seu caráter especial, não tem interesse para o público. A minha boa e amável Colônia Blumenau e eu, durante o tempo de minha estada no Itajaí, discutimos muito, sem podermos conciliar várias diferenças de opinião. Se não me engano muito, o empreendimento colonial de Blumenau é prova frisante de que não se deve considerar isenta de várias objeções a iniciativa individual em assuntos de colonização, objeções que aqui e ali se elevam a justificadas censuras.

Lançando um olhar sobre os que se estabeleceram como imigrantes no Itajaí, vemos, com alegria, que também aqui a Providência abençoou abundantemente a laboriosidade alemã. A terra do Itajaí é excelente, nela tudo medra profusamente; a cana de açúcar notadamente tem um belo começo e promete um brilhante futuro, na mesma proporção em que diminui, por falta de braços escravos, nas províncias do Norte.

Logo no dia seguinte após minha chegada, demos um bonito passeio através do grande vale da Colônia, ao longo do ribeirão *Garcia*. Acompanhavam-nos os senhores Friedenreich e von Gilsa, ex-oficial de artilharia, agora professor na Colônia, desempenhando a sua função digna e conscienciosamente.

Aqui também, no Itajaí e no *Garcia*, salteou-me o sentimento de espanto, respeito e admiração ao contemplar o trabalho gigantesco realizado pelo braço alemão. Tal qual como no Rio Grande e em suas colônias, aqui se enfileiram, lado a lado, os campos de batalha; o machado cortou fundo na floresta e o fogo comeu e consumiu largamente tudo o que não era à prova de fogo; mas os genuínos gigantes da selva são à prova de fogo: queimam-se os ramos e galhos, mas os troncos não se carbonizam apenas se tostam e jazem no chão por decênios antes de ficarem carcomidos. E no meio dessa confusão ondeia a cana de açúcar e muitas pastagens foram conquistadas à mata virgem.

Não se esqueça que estive em Itajaí no chamado inverno, em julho, e por isso falo menos do vivo colorido da selva.

Indo-se de casa em casa na Colônia, encontra-se gente mais ou menos satisfeita.

Os mais felizes são os que, na Europa, dependiam somente de seus vigorosos braços. Antigos jornaleiros, camaradas, hortelãos, etc., prosperam agora brilhantemente, sobretudo quando se casaram com mulher sadia e têm um filho por ano. Recordam-me vivamente grupos inteiros de *São Leopoldo* e *Santa Cruz*, no Rio Grande. Encontram-se aqui e ali, admiráveis famílias. Muitas pessoas que começaram sem nada, venceram as dificuldades trabalhando e ficaram felizes; muitos puderam pagar, com o seu trabalho, vultosas dívidas.

Foram pouco favorecidos, aliás, em parte, realmente desfavorecidos aqueles que, na Europa, formavam a transição entre o campo e a cidade e não tinham, talvez, necessidade premente de emigrar. São para lamentar notadamente as senhoras e filhas dessas famílias. Os homens acham consolo e até alegria nos árduos trabalhos na mata e nos bons resultados obtidos. As senhoras, porém, que moram numa cabana ordinária ou numa pequena casa de colono recordam com viva saudade o lar pátrio, pequeno, naturalmente pobre, mas limpo, onde lhes era concedido um ou outro gozo da vida, algumas alegrias e sempre a esperança em melhores dias. Não assim nas remotas picadas do ribeirão *Garcia*! No centro de uma Colônia que começava a desenvolver-se encontrei uma família de Hamburg. O homem estava sofrivelmente satisfeito e animado. A senhora, porém, desalentada! A casa ainda aberta de todos os lados; entre os esbeltos troncos de palmeiras, que ainda formam a maior parte das paredes, o vento sopra com força; e o tapume onde vivem a senhora e as três filhas por muito tempo não será uma sala. Junto das pseudoparedes, alguns móveis europeus, restos de um dote. Isso a quem menos convém é aos filhos pelo que ainda agora aparentam. Uma moça de muito boa aparência mostra, dos pés à cabeça, que não nasceu para a enxada e o machado. Uma segunda filha, de uns 12 anos, que sofreu de tifo em consequência da viagem marítima, já de novo robusta, irradia lindas cores e uma encantadora pudicícia infantil que fica muito bem na menina crescida. E ainda há uma terceira menina, travessinha,

de bonita aparência. Que será delas na selva? Vivem todas numa espécie de degredo! Se fossem moças aldeãs e soubessem brandir o machado! Então conseguiriam, cada uma a seu tempo, um homem rústico e o casal cheio de vida estaria em condições de arrancar uma árvore, com as raízes. Mas, assim como são feitas, sofrem profundamente com a emigração para Blumenau, da qual tantas coisas bonitas têm dito os jornais alemães. E, afinal, pode-se censurar a mãe que, sem pensar em si própria, cai em profunda nostalgia ao contemplar as filhas e a realidade da floresta?

A doença também aflige a vida dos colonos. A vida é somente para os sadios, e não para os doentes. Na casa do colono não há leito de enfermo e também falta verdadeiro Médico. E como na vida colonial cada um tem sua importância e interessa mesmo o trabalho das crianças de 10 anos, cada doença é um atraso, uma demora na tarefa com que se conta. Vi crianças de 10 anos que se alugavam para pequenos trabalhos e que ganhavam diariamente, fora da comida e bebida, 4 *groschen* de prata. Se adoecerem, fica faltando aos velhos um auxílio, o que, na Europa, não se pode dizer de modo tão geral.

E se o doente mora a grande distância! No fundo da mata encontramos uma roça recém-aberta. Entre as árvores derrubadas, uma casinha muito pobre, verdadeira cabana de palmito. Nela, uma mulher que acabava de levantar-se do tifo e depenava, para comer, uma ave da mata; junto dela brincava uma criancinha. O marido estava ausente. O conjunto causou-me sombria impressão. Quem somente sonha com o romantismo da floresta virgem e da vida de colono, que imagine essa cena. Devem figurá-la especialmente os que levianamente pensam em emigrar. Pesquisando, pois, a vida do colono entre o rio e a mata, encontra-se muita coisa que alegra e muita que perturba. Penso como certo que, no Itajaí, tudo se arranjará e tudo passará para melhor; creio, aliás, que isso já acontecerá dentro de poucos anos, quando uma administração sensata, dotada de abundantes recursos realizarem perfeitamente todas as exigências da equidade e da humanidade, se na vida humana alguma coisa pode chamar-se perfeita. Assim, pois, em minha primeira visita a casas de colonos em Blumenau minha impressão foi, em geral, favorável. Mas, a quem quiser conhecer pontos brilhantes na vida dos colonos do Itajaí, aconselho a viajar um pouco mais rio acima e hospedar-se em casa do lavrador *mecklemburguês* Prestien. Ali se encontra um excelente, honrado e bem educado agricultor que de sua grande Colônia fez bonita e asseada estância como melhor não vi nas colônias alemãs em território brasileiro. Prestien, porém, é homem que trabalha bem com a cabeça, o coração e o braço e todos os que em Santa Catarina desejarem estabelecer-se devem procurá-lo e pedir-lhe conselho. É lamentável que não tenha âmbito mais largo e seu campo de ação não vá além do próprio canavial. Ouvi dizer que Prestien mandou imprimir na Alemanha um trabalho sobre a lavoura no Itajaí. Se assim for, devo chamar a atenção sobre isso de todas as maneiras: melhor não se pode esperar, com certeza, nos próximos anos e, quem quer que deseje emigrar para o Itajaí, deve adquirir aquele trabalho. Demais, Prestien continuará recebendo da Europa subsídios não insignificantes. Além de Prestien, deve-se visitar também o senhor Herbst, conhecido usualmente por "velho" Herbst, que nomeio especialmente aqui para distinguí-lo do seu digno filho e meu amigo, o botânico Herbst, do Rio de Janeiro, que há pouco tempo desempenhou gloriosamente uma missão do Governo imperial, de botânica e floricultura, à Ilha *Maurício* e que vai instalar no Rio um jardim floral.


Reise durch Süd-Brasilien

im Jahre 1858.

Von

Dr. Robert Avé-Lallemant.

Erster Theil.

Leipzig:

F. A. Brockhaus.

1859.

Mas o "velho" Herbst não é absolutamente velho; tem antes indestrutível frescor juvenil. Como ele, que, quando funcionário prussiano reunia educação muito boa à capacidade de trabalho, assim a sua propriedade alia o gracioso romantismo da jardinagem com uma magnífica cultura do campo. Sua casa, num ressalto bastante elevado acima do rio, fica junto à água. A casa é encantadora; o ressalto forma um pequeno jardim suspenso, de bom gosto, com lindas plantas. Lá está suspenso no alto, sobre o rio, um banco natural de pedra realmente lindo. Quem chegar ao Itajaí tão macambúzio que não se desanuvie com o frescor vital do "velho" Herbst logo ao primeiro encontro, então se sente por um momento no banco de Lorelei, um penhasco sobre o rio, e confesse que há no mundo muita coisa maravilhosa; ou então se precipite no rio, pois nada mais vale para a vida e é incorrigível. De resto, não vive o senhor Herbst propriamente no domínio da Colônia de Blumenau, mas fora dela, como muitos outros e, aliás, os colonos mais capazes do Itajaí. Tem isso a sua razão profunda em algumas desinteligências que, segundo a opinião particular do Dr. Blumenau e que absolutamente não posso aceitar, procedem da venda de terras de sua Colônia.

De regresso da casa do senhor Herbst, visitamos uma grande olaria, onde vive uma família muito amável, que me parece não nascida nem educada para fazer tijolos no Itajaí. No entanto, Schäffer, da Pommern, o pai da família, trabalha infatigavelmente com os filhos adolescentes; e sua vivaz e bem educada senhora, com todas as privações e os muitos trabalhos, conserva o valor juvenil com rara elasticidade.

Passa-se com prazer uma hora em casa de tão amável família e ao retirar-se com ligeiro pesar não se pode evitar o pensamento de que tinha profunda visão da alma humana quem propôs, como sério castigo, a trasladação por mar para terra longínqua. Mesmo quando a trasladação é livre, quando a emigração se faz com juventude e coragem, às vezes abatem-se por momentos, dias e anos, o espírito dos mais animosos e mais de um têm de plantar num túmulo, ao lado da mata, a esperança de rever a velha pátria. Conheço os chamados espíritos fortes, que só têm censuras para as almas fracas agarradas a um torrão europeu, pátrio, e não querem cooperar com o "grande torrão", com a verdadeira "grande pátria, o mundo". Entre esses espíritos fortes estão especialmente os agentes de emigração, que recebem de 30 a 40 *thaleres* de cada cabeça e são a chaga do mundo. Não se envergonhem de suas vivas recordações da pátria as almas fracas que emigraram, mas construam a nova pátria em terra estranha segundo o modelo da velha pátria querida! Isso desejo especialmente aos emigrantes de melhor caráter e de melhores sentimentos.

Às vezes é o viajante cosmopolita arrancado por insignificâncias de suas cogitações filosóficas. Muita vez é uma pedra que levanta frequentemente uma euforbiácea o atrai ou uma borboleta que passa esvoaçando e a alegria do viajante em todo o mundo se concentra num pequeno quadro. Na casa de Schäffer o que mais me entusiasmou foi uma criancinha de 7 anos. Nada mais delicioso que um desses rostos infantis, que não se pode cantar, dizer, nem descrever, especialmente para aqueles que querem uma descrição do Itajaí, não preocupados com as lindas cabeças louras das crianças da margem do rio.

Num dos dias seguintes fizemos esplêndida viagem rio acima para continuar pelo mato até o salto e chegar à cachoeira do Itajaí. Quanto mais se sobe o rio, tanto mais ele brame com violência e tenha cuidado consigo quem não levar canoeiros capazes. Entre as culturas marginais desdobram-se íngremes elevações cobertas de mato e formações rochosas, em volta das quais, apesar de ser de repouso a estação do ano, parece florescer toda uma primavera. Como deve ser soberbo o Itajaí ao tempo do Carnaval, quando a mata ostenta toda a sua riqueza floral e milhares de variegadas borboletas adejam em volta dos aromáticos cálices das flores e neles sorvem o orvalho do céu.

Paramos nossa canoa em frente de uma das últimas colônias, pois navegar para cima pode levar a um banho involuntário. Aqui Burkart e eu encontramos os nossos dois fiéis amigos Friedenreich e von Gilsa.

Reside aqui um interessante casal, imigrantes, como são quase todos; ambos muito jovens, sãos como uma pera e, decerto, infinitamente enamorados um do outro. Construíram uma engraçada casinha de troncos de palmeiras; a divisão da sala é bem ornada com quadrinhos, variegadas penas de tucano e outros artigos coloridos da mata. Diante da mesa fixa, um banco de pequenos troncos de palmeiras e um escabelo feito da mesma maneira: não se pode ver recanto mais agradável para duas pessoas. Um jardinzinho em frente da casa não só com bonitas flores, mas até lindos ornatos de caracol e orlas de conchas. É o brinquedo provisório da jovem senhora, *faute de mieux*, pois ainda não faz muito se casou. Além disso, o campo atrás da casa, muito bem lavrado e a cana de açúcar crescem viçosamente. É uma pura alegria contemplar casal tão jovem na idade, na casa e no campo! Tudo contentamento, felicidade, alegria de viver; aí se encontra o verdadeiro imigrante, a verdadeira classe de gente apropriada para colonizar. E, devo confessar francamente, dessa casta é a maioria da gente da Colônia, mesmo quando uma precedente educação européia não lhes facilita o trabalho de campo que lhes era vedado sob a pressão da etiqueta na velha pátria. Que acontece, afinal, com a maioria dos jovens casais numa Colônia nova? Emigram porque desejam casar-se e não devem casar-se pela força das circunstâncias. Ou enamoram-se no caminho; num estreito navio não se podem evitar uns aos outros. Se há um Pastor a bordo, ocorrem vários casamentos durante a viagem. Quando não há, tem de representar o papel de Huon e Rezia. Por isso não vai o navio a pique, felizmente: do contrário, quantos navios de colonos chegariam ao destino? Chegados, recebe o jovem casal um pedaço de terra; ambos fazem uma cabana provisória, ambos arranjam sua roça; o homem vai trabalhar alugado a dias para que tenham o que comer e não demora muito que construam sua casinha de palmeira e ponham sua Colônia em ordem, exatamente como a casa do jovem casal onde paramos. E como todos eles querem se casar, todos os que emigram para o Itajaí e para outras partes, os jovens, especialmente, as moças ganham logo a partida. Agarram o cabo do machado e casam-se; não se pode ver mais delicioso comunismo.

Penetramos na mata e, ao longo do rio, vencemos todos os obstáculos que a mata virgem oferece ao viandante. Troncos de árvores caídos formam as mais estranhas barricadas, trepadeiras trancam o caminho; é preciso contornar blocos de pedra ou empregar pés e mãos para voltear uma viçosa palmeira que pende sobre um riacho. Esse passeio é uma excursão de ginastas. Entra em ação a espingarda de caça e do alto de esbelto araçazeiro cai magnífico tucano, que fornece excelente sopa e apetitoso assado.

Então começa o rio a bramir com mais violência. Saímos da mata para o leito do rio, entremeado de pedras negras, por entre as quais passa o Itajaí sussurrando numa multidão de cachoeiras. Magnífico cenário silvestre da mata virgem que, estando nas sombreadas pedras da margem tranquila, a gente não se cansa de contemplar!

Entretanto os canoeiros subiram o rio com a sua leve embarcação, não sem ficarem encharcados nas muitas ocasiões em que tiveram de vencer ruidosas cachoeiras. Mas, para ver convenientemente o salto, é preciso navegar para a outra margem.

Entramos na canoa. A travessia pareceu-me arriscada. Bem perto da pequena queda d'água, por entre penedos e através das águas espumosas e turbilhonantes, foi a embarcação empurrada contra a bramante correnteza, quase invencível. Os canoeiros avançaram com dificuldade, lentamente, e chegaram à outra margem, de água mais tranquila. Desembarcamos e começamos uma subida não isenta de perigos.

Estendem-se em massas ciclópicas, rio acima, paredes de pedra inteiramente escalvadas. Tivemos que subir a íngreme muralha bloco por bloco; às vezes ficamos pendurados, no sentido literal da palavra, sobre a água, arrastando-nos para cima com o auxílio das mãos. Assim se chega ao salto propriamente dito.

Aqui a força da água rasgou larga brecha através da massa rochosa que se lhe opõe. Com furiosa impetuosidade a corrente se precipita contra o portão negro e cai, rugindo, no abismo. Faz o seu caminho em loucos torvelinhos através das paredes despedaçadas do canal e sai, afinal, do fantástico despenhadeiro.

Burkart comparou o salto à cascata do Reno em Schaffhausen.

Bastante violento é ele e certamente magnífico e grandioso, embora não equivalha, em massa, ao salto do *Caveiras*, em Lages.

Almoçamos sobre as rochas nuas do salto. Sobre nós pendiam, no alto, silenciosas copas de árvores; ao nosso lado trovejava o rio, descendo; nenhum vestígio humano, nenhuma tentativa de civilização ofendera, aqui, a natureza selvagem.

Nossos canoeiros, com suas facas de mato, abriram uma picada na floresta a fim de poupar-nos o trabalho de subir nas pedras para alcançarmos a canoa. Voltamos, pois, lentamente, mas sem nenhum perigo, e embarcamos. O tronco de árvore escavado desceu como uma flecha nas águas agitadas, mas apenas por algum tempo. Aconselharam-nos a seguirmos a pé pela mata e a esperamos a canoa adiante na pequena estância do jovem casal, onde de manhã nos tínhamos encontrado.

Lá a jovem senhora se vestira muito bem e fizera-nos um almoço tão bom quanto o permitia uma Colônia incipiente.

Com cordiais agradecimentos nos despedimos da boa gente e navegamos rio abaixo. Em muitos povoados da margem do rio, por onde passamos, os homens estavam à espera para dispararem suas espingardas em salva em nossa honra. Alegre tiroteio, a que respondemos com a artilharia de nossa fragata, espingardas e pistolas até chegarmos sob a "Praça da Cidade".

Na recordação de Blumenau, não posso abordar a Praça da Cidade, não posso despedir-me dela sem pensar com cordial agradecimento e verdadeira emoção num grupo de boas e estimadas pessoas que ali moram e que com ininterrupta bondade me abriram o amável asilo de suas casas.

Em torno do solitário Dr. Blumenau reuniu-se certo número de homens amáveis, em parte parentes seus, na maioria descendente de pastores de Braunschweig. Mal chegava a Blumenau e todos acolhiam o viajante inteiramente estranho e decerto muito indiferente; acolhiam-no entre si sem constrangimento e, todavia, de maneira perfeitamente acorde com os costumes europeus, a mais confortante para um viajante europeu. Quando terminava a peregrinação do dia através de selvagens cenas naturais, a visita de roças semicultivadas e as apaixonadas discussões sobre colonização, então tinha eu o raro conforto de ser conduzido pelos amigos recém-adquiridos a suas casas onde, amáveis mãos e costumes femininos arranjaram a sala e, afinal, ainda uma canção alemã, elevando-nos acima de todas as cenas e de quaisquer discussões.

Creio que não devo citar nomes aqui. Conheci no Itajaí um estimado casal, o Pastor Hesse e sua amável e nobre esposa. Moravam, então, nos altos da casa do senhor Friedenreich enquanto construíam sua aprazível residência.

Quanto mais estimava e venerava a ambos, tanto mais aumentava a minha indignação contra a maneira como trataram o honrado e ingênuo homem ao contratá-lo na Europa. Determinaram-lhe que viesse para Hamburg, para embarcar, em 18 de novembro e renunciou ao seu cargo de Pastor em 14 do mesmo mês. Com a mulher e os filhos chegou a Hamburg. Apesar de *Hühn & Comp.* o terem intimado a vir, não havia navio algum prestes a partir. Só em 6 de maio pôde embarcar. Durante esse tempo pagaram-lhe 9 *groschen* de prata por dia, com o que o ludibriado não podia passar. Para um empréstimo, exigiram-lhe juros onzeneiros. Quanto a sua passagem livre para Blumenau também houve incorreções para com o ingênuo homem; fixaram-lhe o ordenado, não a contar do dia do seu embarque, mas somente do dia de sua chegada a Blumenau. Enfim, levaram o homem a tais apuros que trouxe o seu salário sobrecarregado de dívidas para cujo reembolso, conforme está estipulado, precisa trabalhar 5 a 7 anos – triste princípio de atividade no estrangeiro, mormente quando se renunciou a uma pátria querida e a uma posição!

A adjudicação de um terreno na mata virgem pareceu-me também história vesga. Não pode um Pastor cultivar pessoalmente sua roça e tão pouco deve fazê-lo a senhora Hesse. O trabalho dos jornaleiros é muito caro. Que faz, pois, o Pastor com seu terreno? Propus aos paroquianos que cultivem voluntariamente a terra de seu Pastor e espero que o façam.

Mas o meu querido amigo sacerdote do Itajaí por nenhum momento abandona a confiança em Deus, que o ajuda de todas as maneiras. Suas preocupações, por mais conscienciosamente que as aceite, nunca o perturbaram nas horas de nossa convivência e desejo de coração que sejam para ele como foram para mim; para mim não foram perdidas e jamais o serão.

O último dia de minha estada em Blumenau, 25 de julho (1858), foi dia de serviço religioso. Uma parte do galpão de recepção foi preparada para a cerimônia; o pequeno espaço tinha maior frequência do que costuma ter a igreja. Grave e vigoroso o sermão do Pastor. O canto da comunidade não foi acompanhado de órgão, mas decorreu perfeitamente bem. Como era, porém, mesquinho o local, mormente comparado com o hotel! O 25 de julho no Itajaí! É o dia de meu aniversário natalício, o dia do aniversário de minha querida filhinha mais jovem! E era um domingo! Terminou, exatamente como se em Itajaí se festejasse o meu aniversário, com uma festa que para todos nós preparou um amável casal, o senhor Gärtner, sobrinho e representante do Dr. Blumenau e sua gentil esposa, filha única de um predicador de Braunschweig. Uma casa ao lado da bonita e asseada residência foi transformada, por mãos de fada, num salão festivo, cujas paredes foram forradas e ficaram escondidas pelas mais belas espécies de vegetais que a floresta virgem pode oferecer. Mesmo para um viajante endurecido como eu, a vista era encantadora. Que diria da magnificência desse salão um europeu que jamais tenha percorrido a zona tropical?

Calo aqui toda a bondade e afeição de que participei naquela noite; jamais as esquecerei. A alegria geral conservou-nos reunidos até alta noite; quase que a aurora do dia 26 nos apanhava ainda em nossa festa do dia 25.

Poucas horas depois eu e Dr. Burkart estávamos na canoa. Em cima, na beira do rio, os meus estimados blumenauenses, acenando-nos, pela última vez; os homens dispararam as espingardas, a embarcação deslizava no próximo cotovelo da mata e a Colônia desaparecia de minha vista.

Embora muitas vezes, em minha longa viagem, me tenha separado com pesar dos compatriotas alemães, encheu-me de melancolia a separação da boa gente da floresta. Que pode vir a ser o Itajaí! Que prosperidade pode desenvolver-se em suas margens para felicidade do Império do Brasil e dos imigrantes! Como o belo, largo e geralmente profundo rio faz valentemente o curso através das espessas matas! Como é preciosa a terra de suas margens, como é abençoado o trabalho alemão nos campos!

E como acontece que, depois de ter Dr. Blumenau estimulado vivamente, dentro de certos limites, a cultura das magníficas margens do rio e iniciado e levado a certo desenvolvimento uma cultura efetiva, subitamente começa certa estagnação, uma vacilação e estiolamento da nova empresa?

E como acontece que, depois de dar-se toda a atenção ao plano de colonização de Blumenau, com auxílio espontâneo e recursos em dinheiro sem juro algum, agora se queira primeiro ver se o empreiteiro pode cumprir suas obrigações contratuais para com o Governo e – o que é muito mais importante – para com todos aqueles que, plenamente confiantes, vieram por mar, sós ou com mulher e filhos e os últimos restos de seus haveres?

Creio não fazer juízo temerário afirmando que o Governo terá muito menos, quase nada a fazer, se satisfizer as obrigações para consigo próprio, se o imigrante for colocado satisfatoriamente para o pleno desenvolvimento de todas as suas forças e atividades a fim de conseguir uma colonização estável. Só tem o Governo um interesse: o florescimento da imigração e a prosperidade da jovem Colônia. E, para isso, deveria arrostar todos os sacrifícios possíveis. Mas, nas empresas privadas, esse interesse torna-se triplo. O Governo quer sustentar o seu interesse contra o fundador de Colônia, não deixando perder-se o seu dinheiro inutilmente. O empresário, seja quem for, quer tirar lucro do estímulo à imigração, que se torna, para ele, uma especulação comercial, um negócio, e assim se afasta enormemente de uma empresa humanitária e não pode ser levada a cabo sem desacato à equidade e ao decoro, mesmo observada certa base jurídica, um contrato legal antecipadamente estipulado.

Se não tem êxito semelhante trasladação de homens baseada em especulação comercial – e as melhores especulações comerciais às vezes falham – deve o Governo, no seu interesse, abandonar a base jurídica e ser indulgente. E assim o fará decerto, se chegar à plena convicção de que o terceiro interessado, o imigrante recebeu, além de pleno direito também plena equidade, tolerância e indulgência de parte do empresário medianeiro. Pode ser que, na empresa de Blumenau, não tenha chegado a essa plena convicção, para não lembrar uma multidão de outras circunstâncias, que saltarão aos olhos de um observador medianamente atento que visite a Colônia.

Não cabe aqui discussão sobre o assunto. Mas se coloco ante minha consciência a grave pergunta de saber se a Colônia de Blumenau, sob a direção de Blumenau, pode continuar a desenvolver-se de maneira justa e conveniente e sem dissimular que, segundo a minha resposta, um ou outro possa emigrar para o Itajaí, não posso responder a pergunta que eu próprio fiz com um "sim", não posso pensar que a Colônia, tal qual se acha, possa ir adiante.

Foi essa plena, clara e viva convicção que, ao partir da Colônia, me encheu de melancolia. Todos os homens honrados e dignos com os quais entrei em contato e que tão bondosamente me abriram suas casas estão em boas relações com o Dr. Blumenau e agradecem-lhe a fundação do triste asilo que instalaram no Itajaí. Seria dura intervenção nas amáveis condições de vida da Praça da Cidade de Blumenau, se o lugar do Dr. Blumenau fosse passado a outrem.

Quando, porém, cair o fundamento pelo qual agora é restringida a fonte de recursos para a vivificação da Colônia; quando um dia, talvez breve, assim queira Deus, o Governo, com plena liberalidade, oferecer meios e facilidade para o vigoroso desenvolvimento da instalação do Itajaí – então a Colônia de Blumenau chegará a uma prosperidade, a um desenvolvimento de energias, que dificilmente poderá ser atingido por qualquer outra Colônia. Homens e dinheiro postos em movimento por uma personalidade capaz podem operar e operarão alí maravilhas e provocarão vivíssimo impulso nas forças produtoras. Por isso se deve agir com todo o zelo, com todo o esforço, com toda a perseverança e considero que esperar isso é um dever de todos os que visitaram o rio! Dinheiro e homens, homens e dinheiro! Que ambas as coisas em breve fluam abundantemente para o Itajaí! Homens, não aliciados pela tagarelice de agentes nem pelas informações mentirosas dos jornais, mas guiados pela segura convicção de suas próprias forças e do seu livre e desimpedido desenvolvimento; dinheiro, não em aplicação econômica, tímida e com o pensamento reservado de que cada indivíduo ganha com ele, mas com abundância para o pleno custeio do necessário e do útil para que os imigrantes prosperem e cresçam vigorosamente, sem sofrer sob a ansiedade de um empresário privado!

E que não haja mais especuladores particulares! Quantas vezes, sim, quão ininterruptamente gostaria eu de assim exclamar quando se fala de colonização. Mas especuladores são todos eles, mesmo os melhores, se é que de qualquer modo podem ser bons; nunca posso poupar-lhes a expressão de especuladores de colorido suspeito e de caráter obscuro. Se ainda se acharem empreiteiros de colonização, que não sejam admitidos. Quando sua causa repousa em princípios razoavelmente bons, os negócios malogram-se e ficam na metade do caminho, do que já existem dois exemplos no Itajaí. E em vez de ajudarem na questão da imigração, causaram-lhe grandes danos. Por causa de sua incapacidade desacreditaram o país e não encontram a culpa em si mesma, mas no Governo do país e defendem-se com uma bem escrita publicação na Europa.

Passamos por um momento na casa dos Schramms para despedir-nos da digna gente. Fomos também às casas de outros moradores das margens do rio, que moram fora da Colônia de Blumenau, para colher todas as informações possíveis sobre a vida no Itajaí e tive então ensejo de convencer-me cada vez mais de quanto o belo rio é apropriado para o desenvolvimento de uma vigorosa vida colonial sob a direção especial e direta do Governo.

Ficamos mais demoradamente em casa do Capitão Flores, um dos mais importantes moradores do Itajaí, que me deu algumas informações interessantes sobre caminhos e pontes, construídos desde a barra do rio até a Colônia. Parece que tudo se desmoronou e desapareceu, sendo preciso reconstruir com pessoal perito e com o emprego de bastante dinheiro. Até agora tudo foi mesquinho; muita coisa talvez seja apenas trabalho simulado.

Sofremos no Itajaí uma terrível tempestade. Na pequena canoa a nossa situação não era nada cômoda. Os raios fuzilavam sobre as grandes árvores das margens e toda a floresta estalava. A chuva caía a cântaros. Só quando a noite se adiantava chegamos à casa de Sallentien e a confortável residência do amável morador nos pareceu duplamente cômoda. Logo na manhã seguinte conseguimos cavalos e já ao meio dia passávamos com eles o rio. Os cavalos nadaram com algum esforço. Em princípio, não existem na Província balsas largas que facilitem a passagem de homens e animais e o viajante deve contentar-se em chamar, publicamente, a atenção para o escândalo. Antes da passagem do rio tive lazer para examinar um pouco a freguesia, o lugarejo da *Barra*.



Blumenau, c. 1860

Rua das *Palmeiras*. 1ª casa de negócios de *Meyer & Spierling*. Karl Meyer e Gustav Spierling chegaram a Blumenau em 1857 e estabeleceram a primeira grande casa de comércio da povoação. Em 18.8.1863 inauguraram uma nova casa, ainda maior, também em enxaimel. Funcionaram ali com comércio por 20 anos, quando a casa queimou e entraram em falência. No local, em abril de 1896, seria inaugurado o Teatro *Frohsinn*, em frente ao atual *Arquivo Histórico* na Alameda *Duque de Caxias* (Rua das *Palmeiras*). Karl Meyer casara-se em 1866 com a viúva do húngaro Dr. Michael Klempa, Clothilde Taller Klempa. (Dr. Klempa fora assassinado no Alto Vale do Itajaí e a culpa recaíra em Szendrói, um dos companheiros, que, levado à juri - o 1º em Blumenau, foi absolvido). Meyer, em 1879, foi o 1º gerente da *Companhia de Navegação Fluvial.* Após a liquidação da Sociedade *Meyer & Spierling*, em 1883, mudou-se para a Argentina.

PHOTO B. SCHEIDEMANTEL ACERVO / *SAMMLUNG* ADEMAR GOELDNER

Palmenallee. *Geschäftshaus von* Meyer & Spierling. *K. Meyer und G. Spierling kamen 1857 nach Blumenau und gründeten das erste große Geschäftshaus der Ortschaft. Am 18.8.1863 öffneten sie ein neues größeres Haus, wo sie 20 Jahre lang wirkten, bis ein Brand das Geschäft zerstörte und sie Konkurs meldeten. Am gleichen Platz entstand 1896 das Theater* Frohsinn *(gegenüber des* Historischen Archivs *in der* Palmenallee). *Karl Meyer ehelichte im Jahr 1866 die Witwe des verstorbenen Dr. Michael Klempa aus Ungarn - Clothilde Taller Klempa. (Dr. Klempa war im Hohen Itajaí-Tal ermordet worden, angeblich durch seinen Freund Szendrói, welcher jedoch vor Gericht - das erste in Blumenau - freigesprochen wurde). 1879 übernahm Meyer erstmalig die* Geschäftsführung der Flusschiffahrts-Gesellschaft. *Nach Insolvenz der Firma* Meyer & Spierling *im Jahr 1883, wechselte er seinen Wohnsitz nach Argentinien.*



Karl Meyer



Victor Gärtner, 1859

Centro da Colônia Blumenau. Tomada do Morro da Casa do Pastor. Ao fundo, à esquerda, Rio Itajaí-açu e morro onde seria construída a Igreja Católica (1). Ao fundo, à direita, *Ponta Aguda (2)* e *Morro do Aipim (3)*. Ao centro, *Stadtplatz der Colonie Blumenau (4),* onde ficava a Escola de Primeiras Letras. No 1º plano, à esquerda, um canoeiro desce o ribeirão *Garcia*. Casa do Pastor (5), vista por trás.

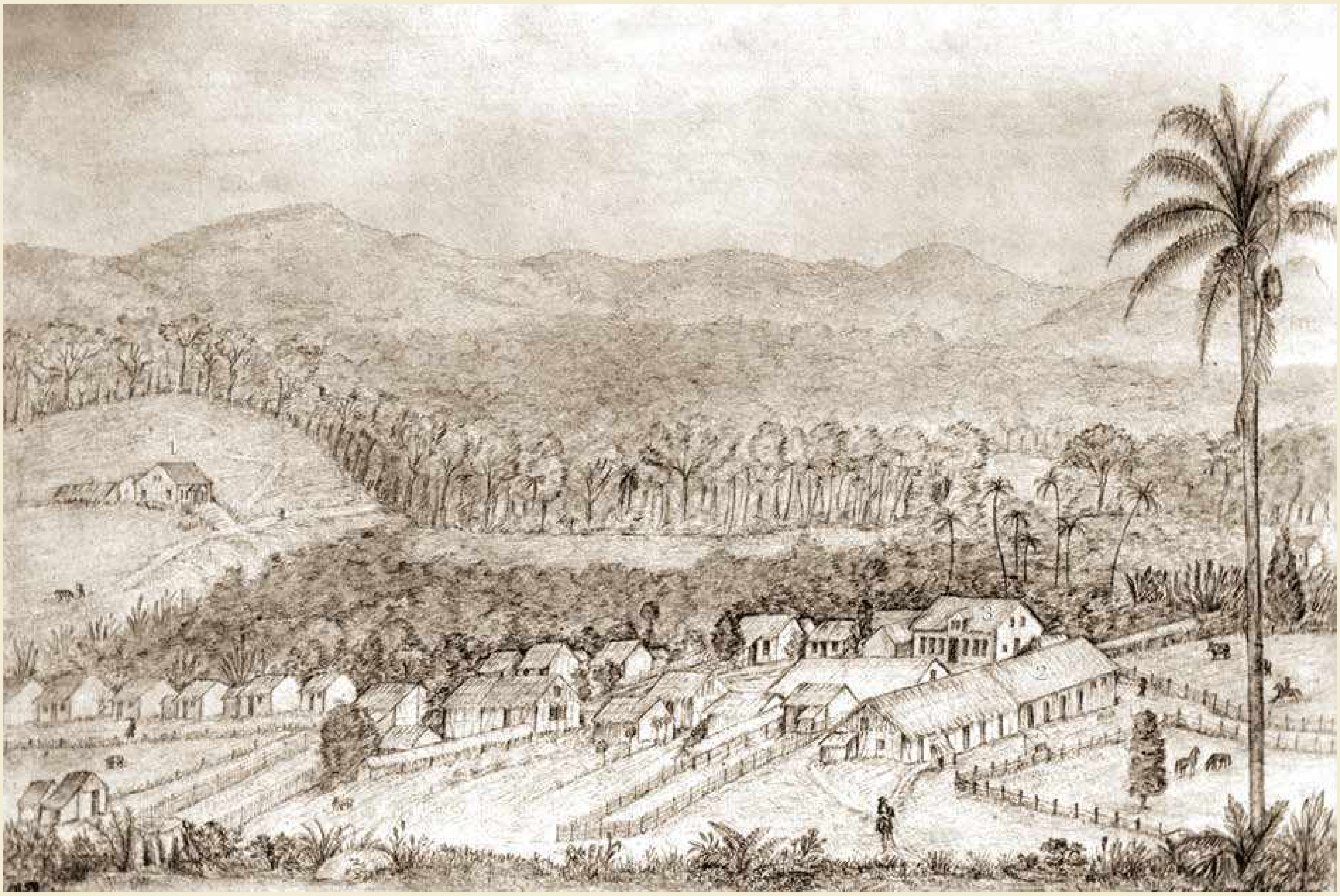
Zentrum der Kolonie Blumenau, aus der Sicht des Pfarrhaus - Hügels. Im Hintergrund, links, der Fluss Itajaí-açu, sowie der Hügel, auf dem die Katholische Kirche (1) erbaut werden sollte. Im Hintergrund, rechts, Schärfeneck (2) *und* Aipim-Hügel (3). *In der Bildmitte, Stadtplatz der Kolonie Blumenau (4), wo sich die Grundschule befand. Im Vordergrund, links, treibt ein Bootsmann den* Garcia-*Bach flussabwärts. Pfarrhaus (5), hintere Ansicht.*

Acervo / *Sammlung* A. H. Blumenau

A frequência da Escola de Primeiras Letras, cujo professor (Ferdinand Ostermann, 26 anos, NT), colono naturalizado e pago pela Província, ensina em ambas as línguas simultaneamente, como é necessário, teve regular andamento e progride. O professor é ativo e dá, além das aulas cotidianas no centro da Colônia, em cada semana, em duas tardes, lições no lugar da povoação na beira do rio.

Die Grundschule wird regelmäßig besucht und macht unter Leitung Ferdinand Ostermanns – einem eingebürgerten und vom Land bezahlten 26-jährigen Kolonisten – gute Fotschritte. Unterrichtet wird, wie erforderlich, simultan in Deutsch und Portugiesisch. Der sehr aktive Lehrer hält seinen täglichen Unterricht im Zentrum der Kolonie, sowie zweimal wöchtentlich an den Stadtufern des Flusses.

H. Blumenau, 1856



Victor Gärtner, 1859

Centro da Colônia Blumenau. Tomada do *Morro do Aipim*. Ao fundo, à esquerda, Casa do Pastor (1), onde seria construída a Igreja Evangélica. No centro, *Stadtplatz der Colonie Blumenau*, com Barracão dos Imigrantes (2), Casa da Direção (3), cercas e uma palmeira.

Zentrum der Kolonie Blumenau, aus der Sicht des Aipim-*Hügels. Im Hintergrund links, Pfarrhaus (1), wo später die Evangelische Kirche erbaut wurde. In der Bildmitte, der Stadtplatz der Kolonie Blumenau, mit* Immigranten-Halle *(2), Haus der Kolonie-Direktion (3), Zäunen und einer Palme.*

Acervo / *Sammlung* A. H. Blumenau



Röse Gärtner - 1842-1900



Victor Gärtner - 1833-88

Sociedade de Atiradores

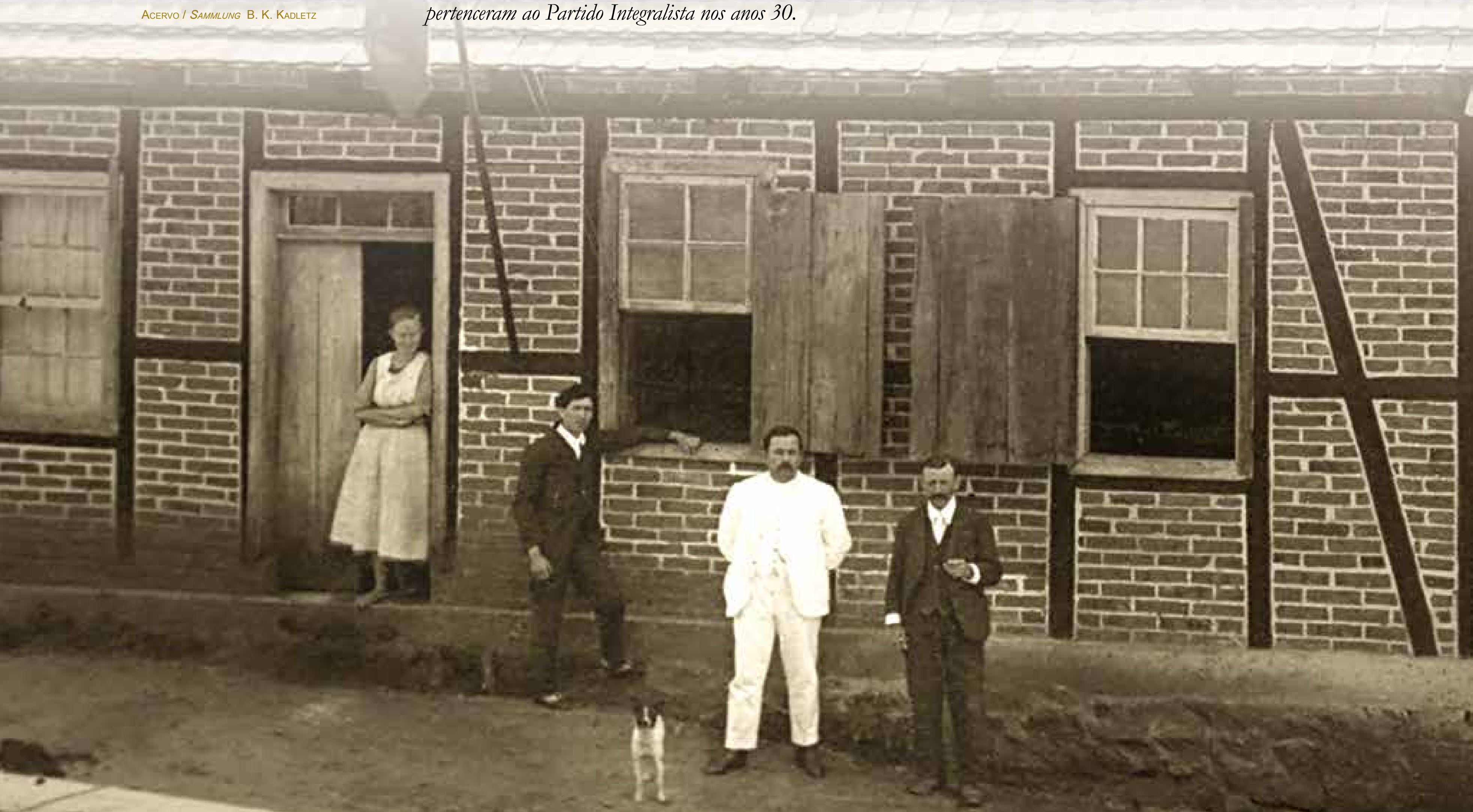
Frederico Kilian



Frederico Kilian
1898-1995

Frederico Kilian nasceu em 8.7.1898, em Palhoça (SC). Filho de Eduard e Helena, imigrantes alemães que chegaram ao Brasil com dois filhos, em 1884. Estabeleceram-se na Colônia Grão-Pará, *em busca da localidade de* Rio Fortuna, *onde estava sendo instalada uma nova Colônia. Com o nascimento de mais duas crianças, Guilherme e Ernesto, a família resolveu vir para um centro mais próximo e o local escolhido foi Palhoça, a 15 km da Capital, onde nasceram mais 4 filhos: Carlos, Otto, Arthur e Frederico. Permaneceram ali até 1920 quando se mudaram para Florianópolis. Ao todo, 7 meninos e uma menina – Maria. É Frederico quem narra: "No dia 2 de agosto de 1911 deixei meus pais na Palhoça e cheguei a Blumenau, portanto, com a idade de 13 anos. Vim com o objetivo de continuar meus estudos. Havia feito o primário em Palhoça, o complementar na Capital, cursando uma escola alemã. Concluídos estes estudos e a confirmação religiosa na Igreja Evangélica de Confissão* Luterana, *em Blumenau cursei a* Escola Nova, *que era a* Escola Alemã, *da Rua das* Palmeiras. *Ali cheguei a concluir o curso denominado de "seleta", que me dava condições para ingressar na universidade alemã para formar-me professor". Com a 1ª Guerra Mundial, a situação política fez com que Frederico optasse por lecionar na região, ao invés de seguir para a Alemanha. Foi então para* Indaial *ensinar Português, Educação Física e Canto Orfeônico. Recebe a proposta de trabalhar em* Indaial, *no cartório de Frederico Müller Sobrinho, onde permanece até o ano de 1922. Foi então que recebeu um convite de Victor Konder para ocupar o cargo de escrivão no distrito de* Massaranduba. *Nesta época, casa-se com a filha de seu ex-patrão, Gertrud Müller, em 5.4.1922. Permaneceu ali por 5 anos e, quando abriu um concurso para ocupar a vaga de escrivão em Blumenau, ele se candidata, é aprovado e fica no cargo até 1953, trabalhando nesta cidade por 26 anos, quando se aposenta. Desde seu período em* Massaranduba, *Frederico dedicava-se à história do Vale do Itajaí, colaborando como correspondente do* Der Urwaldsbote. *Desde a criação do* Blumenau em Cadernos, *em 1957, por parte de José Ferreira da Silva, Frederico foi ativo colaborador até sua morte em 5 de janeiro de 1995. Ambos, Ferreira da Silva e Frederico, pertenceram ao Partido Integralista nos anos 30.*

Massaranduba, 1923
Esq/dir.: Gertrud Müller Kilian e seu esposo Frederico.
Von l.n.r.: G. M. Kilian und ihr Ehemann Frederico.
Acervo / *Sammlung* B. K. Kadletz



A mais antiga sociedade recreativa fundada em Blumenau foi a *Sociedade de Atiradores*, cuja ata de fundação data de 2 de dezembro de 1859. Ao tempo em que o vale do *Garcia* e do ribeirão da *Velha*, a festa mais popular e importante, na velha Europa, era a *Festa dos Atiradores*, que em muitos lugares durava uma semana inteira. Era, na sua longínqua pátria, a única oportunidade que o homem simples, o camponês, o artífice, o pequeno funcionário tinha, para empunhar uma arma de fogo e mostrar a habilidade e firmeza de pontaria. Assim, não é de se estranhar que aqui, onde diariamente o colono fazia uso de sua arma de fogo na mata virgem, quer para defender-se de um animal silvestre, quer para abater uma caça, sua primeira festa popular tivesse a característica da *Festa dos Atiradores* da sua terra natal. Para compreendermos porque justamente a primeira sociedade recreativa fundada em Blumenau foi a *Sociedade de Atiradores*, devemos lembrar-nos dos primeiros tempos da colonização.

Como todos nós sabemos, Dr. Blumenau, ao fundar sua Colônia, reservou, para a futura Cidade, uma área em torno da pequena sede existente, área esta que dividira em pequenos lotes urbanos, enquanto que, para fins de colonização propriamente dita, os lotes coloniais eram constituídos de uma área que mediava de 25 a 40 hectares, situados fora deste "perímetro urbano". Os primeiros lotes coloniais vendidos estavam localizados no vale do ribeirão *Garcia*, porém também no do ribeirão da *Velha* rio acima, até nas imediações do *Salto*, iam-se medindo e povoando os lotes coloniais. Como na pequena sede eram poucas as casas que formavam a "freguesia", existia entre esta e a "zona colonial" um largo conto de espessa mata virgem. Assim, os colonos que vinham à "freguesia", o que a princípio acontecia em geral e mais frequentemente aos domingos ou dias santos, tinham que atravessar esta larga faixa de mata virgem, o que nunca faziam sem levar a sua espingarda e regular carga de munição, não só para a sua defesa contra um eventual ataque de bugres ou de um animal silvestre, como também para poder abater uma boa caça, que deparassem ao atravessar a mata pela estreita picada que levava à freguesia. Era muito natural que, reunindo-se os colonos na sede, onde iam fazer as suas compras, receber correspondência, etc., um ou outro aparecia com uma caça e contava as suas façanhas, as quais nem sempre eram acreditadas pelos demais, ou eram rebatidas pelo relato de outros que, por sua vez, se proseavam com feitos muito mais perigosos e hábeis. Cada qual julgava sua arma mais eficiente e sua pontaria mais certeira. Aos debates sucediam-se os desafios e o primeiro pássaro que aparecia nas proximidades dos que se diziam bons "atiradores", estava condenado a servir-lhes de alvo. Um ou outro queria dar prova de sua habilidade, o que tinha por consequência que os tucanos, papagaios, etc., com o tempo, foram ficando mais espertos e não apareciam mais aos domingos na freguesia. Na falta de alvos vivos as disputas e concursos de tiro eram feitos sobre alvos improvisados na hora e encostados em qualquer árvore ou tronco. Tudo isto era realizado na rua e em frente de uma venda, pois era ali que se reuniam velhos e moços. Após a instalação da primeira delegacia policial, foi proibida a realização destas brincadeiras em plena rua, resultando daí que os fãs desta modalidade de esporte se dirigiram ao Dr. Blumenau, pedindo-lhe que lhes fosse concedido um local apropriado, onde pudessem praticar o tiro ao alvo, recebendo do chefe da Colônia o terreno onde construíram o primeiro *stand* e onde se reuniam os "atiradores" e demais espectadores. Como nestas reuniões imperava a maior cordialidade, as mesmas se tornaram verdadeiros dias festivos, e não tardou que, talvez para comemorar o primeiro aniversário do início dos concursos de tiro, também se realizou aí a primeira festa dos atiradores.

Assim, sendo certo que a *Sociedade de Atiradores* foi fundada a 2 de dezembro de 1859, certo é também que já anos se festejava em Blumenau a festa do atiradores, pois uma fotografia anterior a esta data nos mostra uma festa na primeira casa dos atiradores, recém construída.

Do primeiro livro de atas consta que a 2 de dezembro de 1859, os senhores Friedenreich, von Gilsa, Victor Gärtner, Dittmar, Petermann, Zimmermann e Pastor Oswald Hesse fundaram a *Sociedade*, que no mesmo ano ainda teve um aumento de mais 47 sócios, número este que no ano de 1863 já se elevara a 107. A jóia, nos primeiros anos da *Sociedade*, era de 2 réis e a mensalidade importava em uma pataca (0,32 = 16 vinténs), porém, para muitos esta mensalidade era um encargo muito elevado, acabando eles desistindo de serem sócios. Em 1862 foram elaborados e traduzidos os Estatutos que foram submetidos à aprovação do Governo Provincial, que, por ato de 13 de julho de 1863, aprovou os Estatutos, recomendando ao Dr. Blumenau a observação de algumas determinações referentes à localização do *stand* e segurança dos transeuntes e participantes. Foi o Pastor Oswald Hesse quem fundou e dirigiu a primeira *Sociedade de Cantores*, a *Germania*, em maio de 1863. Só participavam homens, ensaiavam uma vez por semana, estavam sujeitos a austeras recomendações e tinham que pagar uma taxa mensal, sujeitos a uma multa por falta não justificada. Em 19 de julho de 1863 foi fundada a *Sociedade de Cultura* da Colônia de Blumenau, pelos senhores Wilhelm Friedenreich, Rohlacher, Faust, Sametzki, Bauke, Schrader, Fred. Schmidt, Bugmann, Dr. Eberhardt, L. Scheeffer, Külps, W. Scheeffer, L. Sachtleben, Benz, Lobedan, Wehmuth, Ernst e Heinrich Weise, Wendeburg, Breithaupt, Löschke e Johann Jarchow. Esta importantíssima *Sociedade* não tratava somente dos assuntos espirituais mas também da cultura agrícola. Em 1864, quando o ditador do Paraguai declarou guerra ao Brasil, Blumenau também formou a sua "força expedicionária", e entre esta figuravam muitos sócios da *Sociedade de Atiradores*, entre os quais o Capitão Viktor von Gilsa, o Tenente Odebrecht, E. Kurz, G. Bosse e O. Lobedan, voltando apenas os dois primeiros, enquanto que os três outros acima mencionados, deixaram sua vida pela sua nova pátria, dando, desta forma, o primeiro testemunho que o blumenauense, mesmo não tendo nascido em solo brasileiro, não hesitava em oferecer a sua vida... Sendo a *Festa dos Atiradores* uma verdadeira festa popular, não se limitava a mesma ao tiro ao alvo e ao "pássaro", mas proporcionava aos seus sócios e membros de suas famílias, múltiplas diversões, havendo barraquinhas com doces, bebidas, café; sorteio de prendas, carrossel para crianças pequenas e grandes, museus humorísticos, jogo de bolão, etc. Logo depois de construído o salão dos atiradores, foi o mesmo ampliado com um palco para representações teatrais e cantos. Com o desenvolvimento da Colônia e a formação de pequenas vilas e localidades para o interior, seguiram-se, como consequência natural, a fundação de tantas outras sociedades de atiradores. Em 5 de outubro de 1873 foi criada a *Sociedade de Ginástica Blumenau*, cuja finalidade era o preparo físico da mocidade por meio de exercícios de ginástica, atletismo e jogos esportivos.



Autor desconhecido
Unbekannter Künstler, c. 1859

Vista lateral da *Sociedade dos Atiradores*

Seitenansicht des Schützenvereines

Acervo / *Sammlung* Tabajara Tênis Clube

Página ao lado / *Seite gegenüber*
Bernhard Scheidemantel

Litografia. Cartaz da programação da *Sociedade dos Atiradores*, 17.5.1875. Colorizado por B. K. Kadletz.

Lithographie. Programm-Anzeige des Schützenvereins, *17.5.1875. Kolloriert von B. K. Kadletz.*

Acervo / *Sammlung* A. H. Blumenau

Como secção da sociedade de ginástica, em novembro de 1905 foi realizado um jogo de futebol, o primeiro, contra uma equipe formada por marinheiros de um navio de guerra alemão que visitava Blumenau (o *Panther*). Em 1875 foi fundada a *Sociedade Urania*, de coro misto, sob a regência de Hermann Rüdiger.

Em 1879 foi fundada a *Sociedade de Cantores Teutonia*, sob a regência de Julius Scheidemantel, que ocupou este cargo por 35 anos consecutivos. Entre 1870-80, um grêmio literário foi fundado sob o nome de *Sociedade Cassino*, que tinha por finalidade proporcionar aos seus sócios a oportunidade de leitura de jornais e revistas ilustradas e científicas, mantendo para isso assinaturas de vários jornais do país, como a *Gazeta de Notícias*, *Post* (São Leopoldo), o *Jornal de Koseritz* (Porto Alegre), *Revista Ilustrada* (Leipzig), etc. A 1ª Guerra Mundial, paralisou por completo toda a atividade das sociedades recreativas e especialmente das sociedades de atiradores. Em 14 de novembro de 1920 foi fundada a *Federação das Sociedades de Tiro do Itajaí*, que funcionou até o início da 2ª Guerra Mundial. As sociedades desportivas mais importantes foram os *Clubes de Regatas* – *América* e *Ipiranga*; de Futebol – Gremio Esportivo *Olímpico* e Sociedade Esportiva *Palmeiras* – ambos fundados em 1919. Clubes de Xadrez, *Skat*, Tênis e Gremios de *Bordados* também tiveram seus adeptos. Uma Sociedade de *Auxílio aos Doentes* e a *Sociedade de Divulgação das Leis e Proteção Judicial* também funcionaram na Colônia Blumenau. A segunda tinha por finalidade principal, divulgar as leis do país e amparar os seus associados contra quaisquer arbitrariedades ou injustiças de autoridades, bem como orientar seus associados nos casos em que os mesmos tivessem uma questão entre si ou com terceiros. Para poder divulgar entre os colonos as nossas leis, a sociedade mandava traduzí-las para o alemão, distribuindo-as por meio de folhetos entre os colonos. Os que mais se salientaram na direção desta sociedade foram os irmãos Müller – Dr. *Fritz* e August.



Stiftungsjahr 1857.
Schützengesellschaft
der Colonie Blumenau.
Königs und Vogelschießen 1875.
Programm:
Am 2. Pfingstfeiertage, den 17. Mai Morgens 6 Uhr
Am 3. Feiertage, Dienstag den 18. Mai
Theater und Ball.
Zur Aufführung kommt:
Der Heirathsantrag auf Helgoland
Lebendes Bild in 2 Aufzügen von L. Schneider.
Anfang 7 Uhr Abends.
Der Vorstand.



Colonie Blumenau
Theater-Verein
im Shützenhause.

Humoristische Studien
Schwank in 2 Acten von C. Lebrün.

Personen:
Gottlob Müller, ein reicher Privatmann aus der Provinz
Gretchen, seine Tochter
Fritz Müller, sein Neffe } Studenten
Brauser
Krebs } Wucherer
Sauger
Kalinsky, Aufwärter und Factotum der Studenten
Ein Kellner

Scene: eine Residenz.

Kleine Leiden des menschlichen Lebens
Posse in 1. Act von Adami.

Personen:
Wulfrich Murr, Rentier
Truckler, dessen Freund
Madame Klang, Wittwe
Barbara, Murr's Köchin
Zwei Gendarmen
Ein Mädchen
Eine Stimme

Ort der Handlung: Berlin.

BALL.

Conversa com um Velho Colono

AUTOR ANÔNIMO, PUBLICADO NO *DER VOLKSBOTE*, 1903 (ED. C.W. BOEHM, JOINVILLE) E REPUBLICADO NO *BLUMENAU EM CADERNOS* (MAR/ABR 2007), TRAD. A. FOUQUET SCHÜNKE.

A primeira *Casa dos Atiradores* era muito modesta, mas satisfazia seus objetivos. Tudo ao redor era floresta e, por isso, as festas se realizavam à sombra refrescante das frondosas árvores. Nos dias festivos, eram montadas barracas uma ao lado da outra, protegidas pela espesa folhagem das árvores, gigantescas, que filtravam os raios de sol. As paredes das barracas eram de ripa, provenientes dos palmitais, e o teto coberto com folhas das palmeiras. Ao local acorria toda Blumenau, tornando-se um verdadeiro acontecimento popular.

Entramos numa das maiores barracas. Ela representava uma sala de raridades que um alegre grupo de jovens solteiros reunira, revelando que ainda não haviam perdido seu humor. Primeiro surgiu, à nossa vista, um grande número de quadros, bem dispostos na parede verde de palmitos, todos alusivos a uma brochura que Dr. Blumenau publicara na Europa, fazendo propaganda de seu empreendimento. Um dos alegres jovens fazia o papel de guia e esclarecia tudo com tanta ênfase e seriedade, que seria até pecado duvidar de suas palavras.

O 1º quadro tinha a legenda: "É preciso saber como sair de dificuldades" – referia-se ao trecho da citada brochura em que se lia: "Em Blumenau o céu é sempre azul", etc., representando o próprio Dr. Blumenau numa longa escada articulada, com um pincel na mão, pintando o céu de azul. No degrau mais alto da escada estava pendurado um pote de tinta azul. O 2º quadro se referia ao trecho: "Três ou quatro bananeiras são o suficiente para sustentar uma família", e a frase era representada, no quadro, por 4 bananeiras formando um círculo, tendo no centro um homem deitado em trajes de Adão, sobre folhas de bananeiras secas. Sua Eva, ajoelhada ao seu lado, colocava em sua boca bananas maduras. Mais ao fundo, um bando de crianças nuas brincava, disputando com alguns porcos a posse das bananas. O texto expressava: "Agora estamos bem!". O 3º. quadro apresentava uma cena um pouco forte: "Tudo aqui se reproduz às centenas", continha a brochura. No quadro estava representada uma mulher de estatura mediana, com o ventre avantajado, onde se lia o número 100 com um grande ponto de interrogação, enquanto mais abaixo estava escrito: "Pátria querida, não se preocupe". Com motivos semelhantes, havia também cerca de 20 outros quadros. Quando o Diretor viu o que fizeram, repetiu, risonho, as palavras de Frederico, o Grande: "Pendure-os um pouco mais nos fundos".

Verdadeiras raridades encontravam-se neste ambiente da *Casa dos Atiradores*. Víamos além, uma grande caixa com uma tampa de vidro. Os dizeres eram: "Um pedaço de escuridão do Egito". Apresentado pelo próprio rei Faraó, e que para ser visto era necessário fechar-se os olhos, conforme a recomendação. Mas, realmente, o que via era só escuridão e que por certo também não era a do Egito. Mais ainda: numa bandeja, ricamente decorada com flores, estavam expostos dois rabos ruivos de gatões, inertes, lado a lado: era o resultado de uma furtiva incursão noturna que fizeram dois bichanos perder seus troféus. Mas, a legenda do quadro era bem outra: "Dois terríveis leões encontraram-se no deserto do Saara e, por ciúmes de uma leoa, devoraram-se mutuamente até nos rabos.

O famoso viajante francês, Major Soundso, assistiu a esse espetáculo trágico e, como lembrança, recolheu os dois rabos para mais tarde, em seu leito de morte, doá-los à galeria de raridades de Blumenau".

PÁGINA AO LADO / *SEITE GEGENÜBER*
Bernhard Scheidemantel
Litografia. Cartaz da programação da peça teatral em 2 atos do Clube de Teatro. Local: Casa dos *Atiradores*.
Lithographie. Programm-Anzeige eines Theaterstücks in 2 Akten des Theatervereins, Schützenhaus.
ACERVO / *SAMMLUNG* A. H. BLUMENAU



Blumenau, 1859

Festa na 1ª Casa dos *Atiradores,* inaugurada em 2.12.1859. Da 1ª Ata de fundação consta os nomes de Friedenreich, von Gilsa, Victor Gärtner, Dittmar, Pettermann, Zimmermann e Pastor Oswald Hesse.

Fest im ersten Schützenhaus, *gegründet am 2.12.1859. In der Gründungsurkunde werden als erste Mitglieder Friedenreich, von Gilsa, V. Gärtner, Dittmar, Petermann, Zimmermann und Pastor O. Hesse erwähnt.*

Acervo / *Sammlung* A. H. Blumenau

Mais adiante, vejam só, meus senhores! Surgia um terrível monstro, meio tigre, meio pássaro de pântano. Este monstro era o resultado do amor de um pássaro gigante denominado "Rocko", com o monstro marinho "Kayklako" e assim por diante. Entre outras coisas estranhas, que só podiam ser concebidas pela fantasia mais ousada, se via um pedaço do Polo Norte, representado por uma pedra, de alguns quilos, pintada de branco. Ninguém poderia tocá-la porque era magneticamente carregada, e se o fizessem, ficariam presos nela, mesmo que a tocassem com o dedo mínimo. Felizmente essa pedra estava encerrada numa caixa de vidro e só através dela podia ser observada.

A atração principal da galeria era um índio vivo que estava num reservado todo especial. Logicamente não se tratava de um legítimo índio, mas de um colega do grupo que aceitou representar este papel, do que soube se desincubir com tanta autenticidade, que só as pessoas do seu relacionamento o identificavam. Ele se prestava maravilhosamente bem para o papel. Era alto, forte, com voz profunda e cavernosa, sabia imitar perfeitamente os gestos e expressões fisionômicas de um selvagem. Sua vestimenta era uma pele de tigre envolta na cintura, e ainda enfeitada com penas. Na cabeça, um cocar. O restante do corpo estava nu e pintado com figuras coloridas. Na mão, um arco verdadeiro usado pelos bugres, bem como uma flecha. De tempo em tempo, ele executava uma dança selvagem, cujo espetáculo desenvolvia com trejeitos



Blumenau, c. 1870

Festa na *Sociedade dos Atiradores*. A *Festa dos Atiradores* já era realizada antes de 1859. Em 1863, o número de sócios era de 107.

Fest im Schützenverein. *Das* Schützenfest *wurde bereits vor 1859 gefeiert. Im Jahr 1863 zählte der Verein 107 Mitglieder.*

Photo B. Scheidemantel Acervo / *Sammlung* A. H. Blumenau

terríveis e retorcendo o rosto. Quando se sentia cansado, comia um pedaço de carne crua e bebia uma caneca de sangue (a carne fora preparada anteriormente com pimenta, sal e cebolas picadas e o sangue era vinho tinto). Como este "bugre" era muito ávido por "sangue", aconteceu-lhe um pequeno acidente: ficou nervoso e dançou tão freneticamente que perdeu suas belas penas. Uma senhora que assistia ao espetáculo, originária de Berlin, ao ver a cena, gritou: "Vejam só! Este bicho está trocando de penas!". Ante a manifestação daquela senhora, o público caiu na gargalhada. Mas parece que isso ofendeu o "selvagem", que se sentou no chão dando as costas ao público. Naquele dia ninguém pôde convencê-lo a apresentar novamente o espetáculo. Mas era apenas um artifício que ele utilizou, porque, sem dúvida, sentia os efeitos do "sangue" (vinho) que ele bebera.

Todo o pátio da *Sociedade dos Atiradores* parecia um enorme formigueiro. Cada um se divertia a sua maneira sem, no entanto, passar dos limites ou tornar-se inconveniente. Na verdade, nunca aconteceram sérias transgressões da tranquilidade pública. A alegria era geral, e a multidão compacta de participantes saudava com júbilo, formando um coro sem igual. No meio de toda a confusão, destacavam-se a música e sua melodia, os tiros dos caçadores e as bolas do bolão. O ponto culminante da festividade era alcançado ao ser proclamado o *Rei do Tiro*. Era quando os músicos sopravam com esforço dobrado seus clarins e os foguetes estouravam no céu.



Anton Benhorst, 1861

Festa na *Sociedade dos Atiradores*
Fest im Schützenverein

Acervo / *Sammlung* A. H. Blumenau

Página ao lado / *Seite gegenüber*
Blumenau, c. 1910

Festa na *Sociedade dos Atiradores*
Fest im Schützenverein

Acervo / *Sammlung* B. K. Kadletz

Vivas se prolongavam interminavelmente. Havia também dois legítimos policiais circulando garbosamente entre a multidão, mas eram de natureza muito pacata e mais pareciam servir como enfeite e não para manter a ordem, pois esta não corria perigo algum. Mas, o que é aquilo lá adiante? Será que estamos vendo direito? Duas "mercadoras do amor" se aproximavam com indispensável acompanhamento de honra por parte de um senhor de idade. Como é que elas chegaram a Blumenau – perguntavam. Bem, isto é um pouco estranho, mas, para não melindrar alguém, vamos silenciar sobre seu aparecimento. Simplesmente estavam lá exibindo a sua deplorável profissão. Por educação, vamos apresentá-las aos leitores: Miss Arabella e sua irmã gêmea Rosamunda, com seu tio e mestre de cerimônias, *Herrn* Kapellmeister von Tingeltangel. Elas faziam bons negócios, apesar de suas aparências já um tanto desgastadas pelo *trottoir* e cujas faces denotavam que no oceano da vida já enfrentaram muitas tempestades. Mas, aquele trio de artistas permaneceu pouco tempo em Blumenau. Certamente os três receberam um discreto aviso do alto comando e, já no dia seguinte, as duas beldades e seu guarda de honras, o mestre de cerimônias, desapareceram para sempre. Boa viagem. Na noite do primeiro dia de festas (era o segundo feriado de Pentecostes), houve um baile para todos. Na noite seguinte, foi o *Baile dos Caçadores*. Belos trajes ainda não viam nos primeiros bailes, tipicamente de caçadores, e tampouco existia caviar e *champagne*.





Schützengesellschaft Blumenau.

Sonnabend, den 21. Februar 1914

Masken-Kappen-Fest

Die Mitglieder werden gebeten recht zahlreich zu erscheinen: Karten für Masken sind zu haben bei den Herren Luiz Rischbieter und Alfred Baumgarten.

Das Vergnügungskomitee.

Festa de Máscaras e Capas. Pedimos aos associados que compareçam em grande número. Vales para máscaras podem ser retirados com os Srs. Luiz Rischbieter e Alfred Baumgarten. O Comitê de Festas.

Também, a exemplo do que acontece hoje (c. 1900), caso alguém comparecesse, naqueles bailes antigos, com traje caro e sofisticado, bem passado a ferro, com relógio e corrente de ouro, agulha e pérola na gravata e cabelos perfumados, a roupa toda embebida em fragrância, esta planta ornamental aromática, sem dúvida e sem cerimônia, seria jogada porta afora. Da mesma forma, nos dias de hoje, a reação seria inteiramente semelhante, se alguém, descalço e só vestindo camisa e calça, pretendesse ingressar num baile ou ambiente em que se realizasse importante solenidade que exigisse traje, no mínimo, social.

E como eram esses bailes? Bem, cada qual se portava à sua maneira, não havia regras e, apresentações formais eram dispensadas. Não havia necessidade de medir as palavras com medo de ser inconveniente ou de perder o emprego. Ainda não se praticava a arte de espezinhar com fala mansa e..., ai dos bisbilhoteiros. Não eram permitidas discussões políticas. Ódio e inveja, veneno este que agora se alastra sem parar não existia porque todos viviam de maneira simples e cada qual estava satisfeito com o que ganhava honestamente. Desse modo, ninguém corria desesperadamente atrás de um emprego e não havia conchavos políticos. Ainda não se percebia as diferenças sociais; não se olhava o pobre colono com desdém, que com seu trabalho promovia o bem-estar alheio, sendo bem mais útil à sociedade do que os orgulhosos comerciantes e funcionários públicos que se achavam superiores a eles. Não é o lugar que se ocupa que faz o homem, mas o importante é como ele o preenche.



Blumenau, c. 1910

Festa na *Sociedade dos Atiradores.*
À direita, Otto von Rohkohl,
de roupa branca, sentado à direita.

Fest im Schützenverein.
Rechts, Otto von Rohkohl,
sitzend in weisser Kleidung.

Acervo / *Sammlung* B. K. Kadletz

Sendo a *Festa dos Atiradores* uma verdadeira festa popular, não se limitava a mesma ao "Tiro ao Alvo" e ao "Pássaro", mas proporcionava aos seus sócios e membros de suas famílias, múltiplas diversões, havendo barraquinhas com doces, bebidas, café; sorteio de prendas, carrossel para crianças pequenas e grandes, museus humorísticos, jogo de bolão, etc.

Das Schützenfest *ist ein wahres Volksfest, bei dem außer Zielscheiben– und Vogelschießen den Mitgliedern des Schützensvereins und ihren Familien vielfältige Unterhaltungsmöglichkeiten geboten werden, u. a. der Verkauf von Süßigkeiten, Getränken und Kaffee, sowie Verlosung von Preisen, Karossel für große und kleine Kinder, humoristische Ausstellungen, Kegeln und vieles mehr.*

Frederico Kilian



Blumenau, c. 1910

Festa na *Sociedade dos Atiradores.* À frente, com filhinha Renate, Otto von Rohkohl.

Fest im Schützenverein. *Im Vg., Otto von Rohkohl mit Tochter Renate.*

PHOTO B. SCHEIDEMANTEL ACERVO / *SAMMLUNG* B. K. KADLETZ



Schützen-Gesellschaft Blumenau.

Am 31. Mai und 1. Juni 1909

Königsschießen

Programm:

1. Pfingstfeiertag, abends: Zapfenstreich in der Palmenallee.
2. Pfingstfeiertag, morgens 5 Uhr: Reveille; morgens 8 Uhr: Ausmarsch nach dem Schützenplatz; morgens 8½ Uhr: Beginn des Schießens nach der Königsscheibe.
3. Pfingstfeiertag, morgens 9 Uhr: Fortsetzung des Schießens nach dem Vogel; abends 5 Uhr: Einmarsch; abends 8 Uhr:

Ball.

Sociedade de Atiradores de Blumenau.
Tiro do Rei - 31 maio e 1 junho 1909.
Programa: 1. Feriado de Pentecostes à noite: Abertura do Barril na Rua das *Palmeiras*.
2. Feriado de Pentecostes às 5 horas da manhã: Alvorada; 8 horas: início da marcha para a *Praça dos Atiradores*. 8 e meia: início do *Tiro ao Alvo do Rei.* 3. Feriado de Pentecostes: 9 horas da manhã: continuação do *Tiro ao Alvo do Pássaro*.
Às 17 horas: marcha de retorno. 20 horas: Baile.

Röse Sametzki Gärtner



Röse S. Gärtner
1842-1900

Rosalie Julie Auguste Sametzki nasceu em Neder-Gerlachheim (Alemanha) no ano de 1842 e veio para Blumenau em 1859, portanto, aos 17 anos. Seus pais eram Julius Sametzki e Auguste Becker Sametzki. Ele veio da Prússia, onde era agricultor; na Itoupava Seca *estabeleceu as primeiras escolas. Alferes, combateu como voluntário na guerra do Paraguai. Com 19 anos, em 1861, Rosalie casava-se com um oficial prussiano, von Lepper, separando-se dele 4 anos depois para em seguida casar-se com Victor Gärtner. Deste casamento tiveram 8 filhos, 6 homens (Erich, Arnold, Felix, Helmut e Victor Jr.) e 2 mulheres (Else e Edith). A importância de Rosalie – mais conhecida como Röse, para a Colônia Blumenau é imensa, uma vez que foi a pioneira do Teatro, nesta nascente Colônia. Contam-se que as primeiras peças eram encenadas na casa de Johann Thomas Reinhardt, antes de se integrarem junto à* Sociedade dos Atiradores. *A casa dos Gärtner, na Rua das* Palmeiras, *era o centro intelectual da Colônia. Victor, o marido de Röse, era filho de uma irmã do Dr. Blumenau, tendo vindo para lá em 1863, para auxiliar na administração da Colônia. Seu irmão Reinhold, comandara a chegada dos 17 pioneiros. Victor Gärtner, após a fundação do Império Alemão, foi nomeado pelo Kaiser Wilhelm I, Cônsul da Alemanha em Blumenau entre julho de 1867-88, ano do seu falecimento, aos 55 anos. Sabia-se que desenhara algumas paisagens da Colônia; entretanto, somente em outubro de 2012, um correspondente de Marcos Schroeder em Viena localizou 2 desenhos, a princípio tidos como de autoria de Heinrich Kreplin, mas logo certificados como sendo de Victor Gärtner (pgs. 98 e 99). Röse Gärtner, além das funções constantes do Teatro, agenciava os vapores* Progresso *e* Blumenau, *da* Companhia Fluvial. *Excelente amazona, contam-se histórias de sua presteza na labuta diária, como a noite em que substituiu o cocheiro bêbado que a conduzia, tomou as rédeas e entregou o incauto cocheiro ao seu patrão, Franz Lungershausen. Fazia de tudo nas lides teatrais, ao lado de um grupo de mulheres e homens que marcaram época neste período colonial. Ela, Gustav Salinger, Rudolf Krause e Hermann Rüdiger eram os nomes mais solicitados para os papéis. Viria a falecer, inesperadamente, em 26 de dezembro de 1900. Sua filha, Else, assumiu seu papel e na direção do Teatro* Frohsinn *ficara Gustav Salinger, até 1917. Sua filha mais moça, Edith, viria a estudar Arte Dramática em Berlin, atuou na Alemanha por mais de 20 anos em peças de Ibsen, Tolstoi, Goethe, Schiller, Shakespeare, Molière, etc. Edith voltaria a Blumenau em 1924; quatro anos depois estava em Berlin para assistir peças, retornando definitivamente a Blumenau, onde se isolou em seu cemitério de gatos, atrás da casa onde nascera, no centro de Blumenau. Edith Gärtner faleceria em 15 de setembro de 1967. A carta de Röse Sametzki para seus avós em Dresden-Sachsen (Alemanha), datada de 15 de agosto de 1860, quando tinha 18 anos e estava há um ano em Blumenau, revela bem o espírito desta valiosa mulher. (Transcrita do* Blumenau em Cadernos, *em artigo de Edith Kormann).*

Queridos avós! Espero que esta carta os encontre bem de saúde. Fico contente em saber que agora estão bem de saúde. Aqui vivemos no meio da natureza e tu meu avô, certamente gostarias de viver aqui. O nosso lar, a casa onde moramos é coberta de folhas de palmiteiras, sem janelas e sem assoalho, e a uns trinta passos da mesma está a mata virgem entre as mais belas flores e em volta das mesmas está o beija-flor voando. O chão está coberto de baraços, nos quais muitas vezes corre-se o perigo de cair. Do topo das árvores, os baraços enviam seus cipós até o chão, sendo que alguns deles são finos e outros chegam a ter a grossura de um braço. Deste cipó fazemos cordas que são mais fortes do que o sisal.

PÁGINA AO LADO / *SEITE GEGENÜBER*
Joseph Brüggemann, c. 1865
Colônia dos Sametzki na *Itoupava Seca.*
Hof der Sametzki in Itoupava Seca (Altona).
ACERVO / *SAMMLUNG* A. H. BLUMENAU

Com estes cipós amarramos as paredes das casas. Que passarinhos de cores e formas inimagináveis! Tangerinas, pêssegos, mamões e outras frutas para nos deleitarmos no verão que chega a 30 e 32 graus. Naturalmente para os que gostam de folguedos, estes faltam. Mas também os temos aqui. Eu danço ao som de um violino e um harmônio, enquanto na Alemanha se ouvem orquestras e coros. Cada terra com seus costumes. Nossos trajes são muito simples: os homens usam camisa azul e a calça segura por um cinto no qual penduram um facão de dois *palmos*. Nós, mulheres, vestimos saia e blusa e em geral andamos descalças ou calçamos tamancos, e naturalmente somos alegres. Nos dias de festa vestimos nossas roupas trazidas da Alemanha com as quais também vamos à Igreja. Em nosso pasto temos duas vacas, dois terneiros e meu cavalo alazão que vale uma fortuna para mim, pois me leva nos domingos à Igreja que fica à uma hora de distância, ou quando vou até o *Salto* e não posso ir de canoa até lá. Com o cavalo passo apenas por uma picada, ele é muito seguro e me leva sem perigo. Os bugres, aqui ninguém precisa temer, pois um tiro de espingarda os assusta logo. Porém, o que falta aqui é a mão de obra qualificada ou pessoas que trabalhem. Um homem recebe por mês dez a vinte mil réis. Uma empregada doméstica de oito a quatorze mil réis e, além disso, difícil de conseguir alguém. Nós trouxemos uma de lá, porém dois meses depois ela se casou e agora estou sozinha. Minha mãe não pode trabalhar e o serviço no início, principalmente a roupa me custava muito, mas agora já estou acostumada, sou jovem e tenho força. Há cerca de duas semanas a garganta da mamãe ficou inflamada e saiu muito pus. O Médico disse que passará com o tempo, ela precisa descansar. Da climatização os sinais são: pés inchados e coceira na pele que é muito irritante e eu sinto o mesmo que meus pais. Agora já temos carpinteiro fazendo uma casa bonita para nós. Estou contente porque ela tem janelas de vidro, porta e assoalho. A comida é em geral feijão preto, farinha e carne seca. Nós já procuramos modificá-la. Fabricamos açúcar e cachaça. A maioria dos colonos faz o mesmo, farinha e cachaça. O nosso pão é de milho e é muito gostoso. Ah!, se vocês pudessem viver aqui conosco para ver e provar do mesmo. Não se pode descrever como tudo é. Eu já podia ter casado várias vezes, mas ainda não tenho vontade. Aqui os moços são como pão fresco, logo tem saída. A morte do bom tio Bastos me doeu tanto quanto para vocês, pobre tia Alice. Pena que eu não a conheça, mas apesar de não conhecê-la gosto muito dos meus tios, primos e vocês em primeiro lugar. Muitas vezes, por exemplo, penso e sonho com a vinda do tio e família para cá e como isto seria bonito! Lembranças em primeiro lugar à tia Lothe, que eu procuro sempre imaginar como ela é, e também o tio Louis, tio Karl e todos eles. Se eu voltasse para Dresden iria pajear os filhos da tia Bertha e os filhos da Ninna. As crianças gostam de mim e trabalhar eu posso. Lembranças ao tio Hermann e sua jovem esposa lá em Lawenburg onde eu gostaria de estar porque lá existem florestas. A vocês meus bons avós desejo que fiquem com saúde e que Deus vos guarde durante uma longa vida. Adeus. Deus guarde vocês, escrevam-me em breve. Queiram bem a vossa neta que muito vos ama, Röse Sametzki. Lembranças de vosso neto Georg.

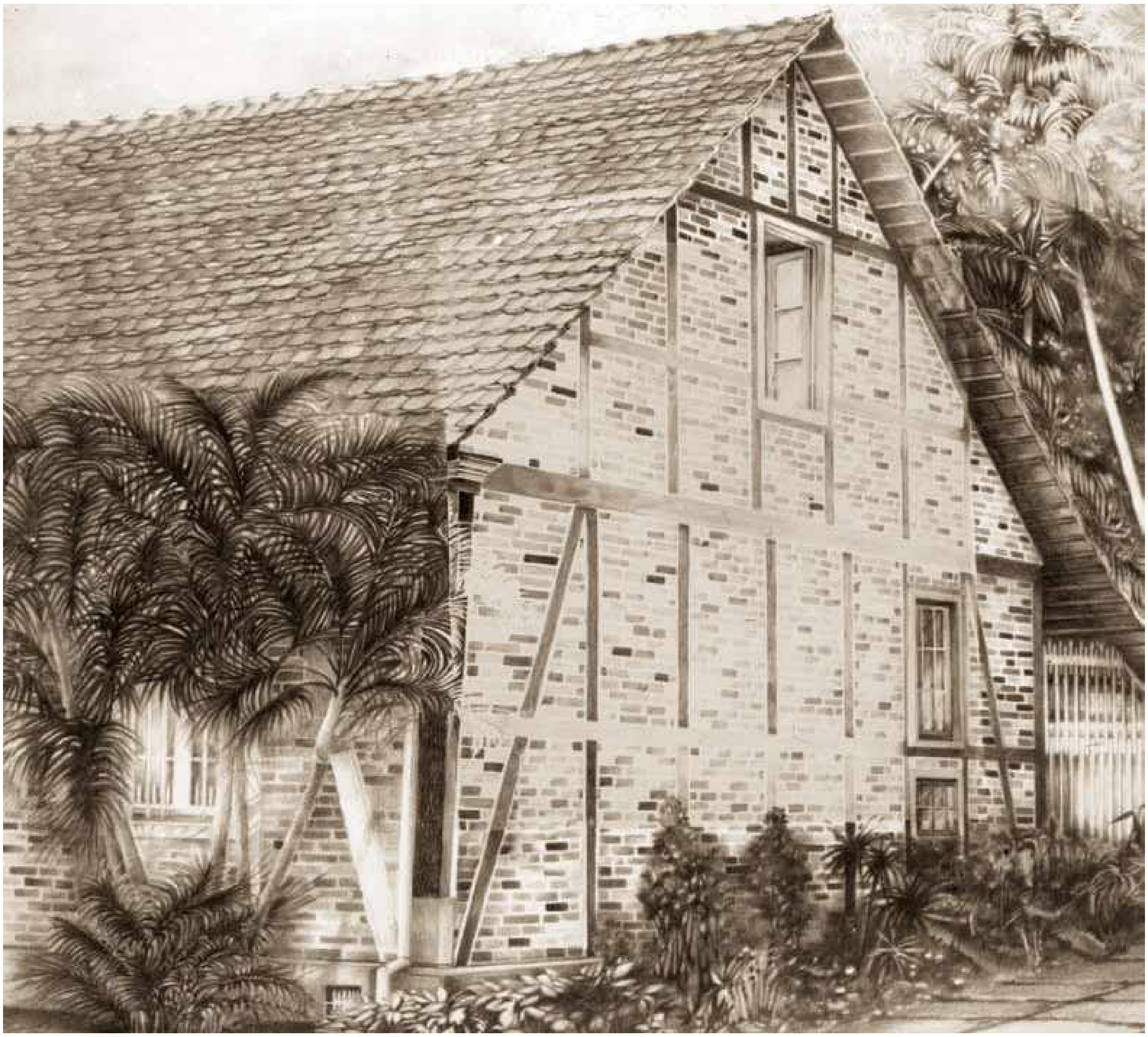


Röse Sametzki Gärtner



Julius e Auguste Sametzki
com filho Georg





Blumenau, c. 1900

Alameda *Duque de Caxias* (das *Palmeiras*). *Museu da Família Colonial* (1864). O enxaimel remonta ao período renascentista. Na Alemanha, entre os séculos XVI e XVIII. Já era utilizado pelos etruscos no sec. VI a.C.

Allee Duque de Caxias *(*Palmenallee*).* Koloniales Familienmuseum *(1864). Die Fachwerktechnik entstand zur Zeit der Deutschen Renaissance, zwischen dem 16. und 18. Jahrhundert n.Ch. Eine ähnliche Bauweise wurde bereits von den Etruskern im 6. Jahrhundert v. Ch. verwendet.*

Acervo / *Sammlung* A. H. Blumenau

Página ao lado / *Seite gegenüber*

H. Augsburger, c. 1920

Rua das *Palmeiras*. Casa de Victor (1833-88) e Röse S. Gärtner (1842-1900), atual *Museu Colonial*. Ao lado, Edith (1882-1967), última filha do casal.

Palmenallee*. Haus von Victor (1833-88) und Röse Gärtner (1842-1900), heutiges* Kolonial-Museum*. Edith (1822-1967), letzte Tochter des Ehepaares.*

Acervo / *Sammlung* A. H. Blumenau



Edith Gärtner
1882-1967



1864

Johann Jakob von Tschudi



Johann Jakob von Tschudi nasceu em 25 de julho de 1818 em Glaris (Suíça); faleceu em 8 de outubro de 1889 em Jakobshof (Áustria). Formou-se em Ciências Naturais pela Universidade de Neuchâtel em 1838 e em Medicina pela Faculdade de Paris. Sua primeira viagem à América do Sul durou de 1838 a 1844, numa expedição científica à costa do Pacífico. Assim, por 5 anos dedicou-se à pesquisa da fauna e da arqueologia peruanas, além de estender seus estudos à etnografia e à língua. Afeiçoado a estes estudos, publicou vários trabalhos a respeito e, em 1857, veio novamente ao Continente, desta vez visitando as províncias centrais do Brasil, Montevidéu e Buenos Aires; cruzando os Andes e toda a costa ocidental da América até o Panamá, de onde regressou à Europa.

Em 1860 foi nomeado ministro da Suíça no Rio de Janeiro, com a incumbência de investigar a situação do colono europeu à pátria em 1862, passando mais tarde à representação diplomática de seu país em Viena. Do seu casamento teve um filho, Hugo (1851-1911), crítico de arte, Diretor da Galeria Nacional *de Berlim e do* Museu de Pintura Bávara *em München, introdutor da pintura impressionista francesa na Alemanha.*

Von Tschudi visitou entre as várias colônias alemãs de Santa Catarina, Blumenau. Em março de 1861, pelo navio Apa, *deixou Desterro a caminho do Rio Grande do Sul. O texto ao lado foi traduzido pelo estimado historiador José Ferreira da Silva (Leipzig: F. A. Brockhaus, 1867).*

Vila de Itajaí, c. 1860

Porto. Ao fundo, *Morro do Baú*.
Hafen. Im Hg., Morro do Baú. *(Sargberg).*

ACERVO / *SAMMLUNG* B. K. KADLETZ



Uma noite admirável levou-me a alugar uma canoa e seguir rio acima até a confluência do Pequeno Itajaí ao Grande Itajaí (confluência do Itajaí-mirim com o Itajaí-açu). Ali se estabeleceram alguns alemães. Um deles, o Sr. Sallentien, possui na *Barra do Rio Pequeno* um importante estabelecimento, engenho de serra, etc., movimentando um rendoso negócio de madeira. Achava-se ele, no momento, com a sua família na Europa. Encontrei hospedagem satisfatória na casa do marceneiro alemão Hahn. Meu hospedeiro contou-me que ele sempre trabalhara em Neustrelitz com diversos operários e que se recolhia, à noite, sobrecarregado de preocupações. Aqui, entretanto, ele trabalhava sozinho, ganhava um bom dinheiro e vivia contente com a família, feliz e livre de cuidados e que, por preço algum trocaria a sua atual situação com a antiga.

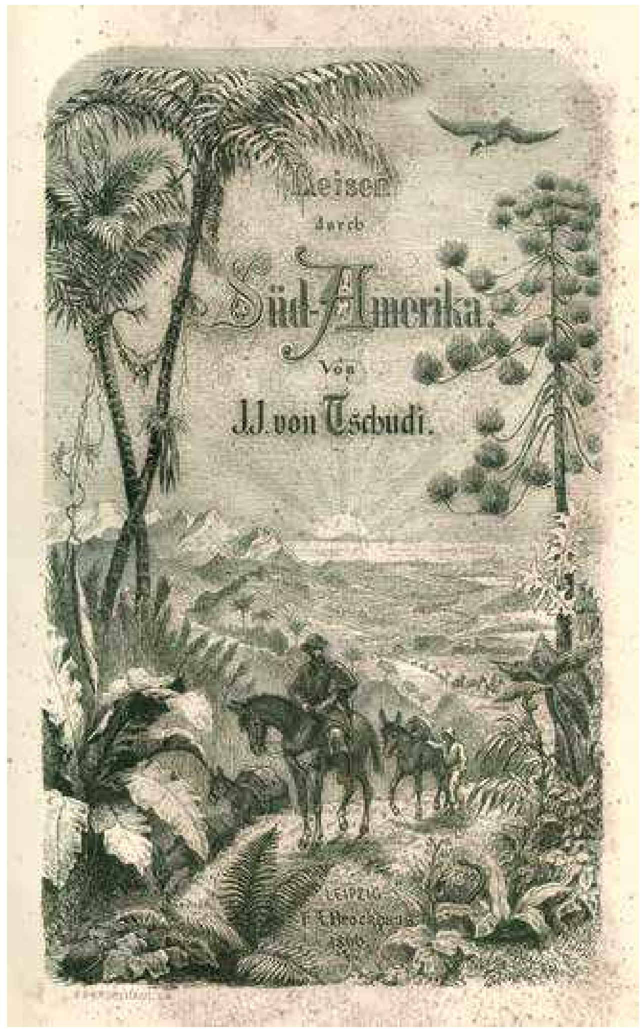
Era meu intuito continuar na manhã seguinte, bem cedo, minha viagem até Blumenau. Vã esperança. Era domingo. Todos malandravam, alemães e brasileiros, e ninguém queria trocar o seu sossego dominical para dar duro nos remos de alguma canoa. A distância entre a Vila e a Colônia é, em linha reta, apenas 6,33 *léguas* (NR: aproximadamente 35 km; na realidade, são 53 km), e poderia, por isso, ser vencida a cavalo em 6 ou 7 horas se existisse uma boa estrada entre as duas localidades. Já que não existe um caminho transitável com qualquer tempo, e sendo, nas épocas de muita chuva impossível a ligação por terra, devido a falta de pontes, enchentes, banhados, etc., é usado a via natural, que é fluvial, para essa ligação entre Blumenau e a foz do rio.

Devido às grandes e pequenas curvas, que são muitas as que o Rio Itajaí faz, a viagem da Vila até a Colônia demora, conforme as condições do vento, do nível e da correnteza das águas, de 16 a 30 horas.

Devido aos empenhos do Sr. Reinhold Gärtner, que se estabeleceu na *Barra* com uma casa de negócio, conseguiu-se, afinal, durante o dia, uma embarcação com a necessária tripulação, de sorte que pudemos partir às 4 horas da tarde.

A canoa era mais comprida e mais larga das comumente usadas no rio, pois servia também para, saindo da barra, navegar pelo mar aberto. Três brasileiros serviam de remadores, tendo como mestre um prático do rio, antigo soldado da cavalaria prussiana.

Durante todo o dia soprara um vento terral forte (vento do Oeste) que à tarde amainou. Não fora isso e a nossa partida, tão atrasada por outras contrariedades, teria que ser adiada.



Após três horas de viagem escureceu completamente, com o céu coberto de pesadas nuvens negras, ameaçando tempestade. Algumas grossas gotas de chuva obrigaram-nos a procurar algum abrigo. Abicamos, assim, em *Volta Grande*, junto à casa de um certo Mariano Furtado.

Mal havíamos recolhido nossa bagagem em um rancho desocupado, caiu um furioso temporal. Próximo ao rancho ficava a casa de morada de Furtado. Enfrentando a chuva e a lama fomos até lá para, ao menos, solicitar licença ao proprietário para ocupar o nosso abrigo. Ele não só nos concedeu essa licença como fez questão que participássemos da sua ceia. Furtado tinha fama de fabricante do melhor e mais apreciado açúcar do Itajaí. Sua residência é um conjunto de ranchos que comporta, sem paredes de separação, o engenho movido a bois, tacho de ferver garapa, cozinha, sala de visitas e quarto de dormir.

Desde a barra do Itajaí-mirim até *Volta Grande*, as margens do rio grande são povoadas na maior parte por brasileiros. À esquerda se estende a grande propriedade de um certo Mafra e, à direita moram pequenos proprietários.

O temporal durou até às 11 da noite. O céu clareou muito devagar e só a 1h e 30 minutos foi que podemos tirar a água da canoa e reembarcar nossa bagagem. Partimos às 2 horas. Uma hora antes de romper o dia passamos a barra do *Luiz Alves*, rio que deságua à margem esquerda do Itajaí e, às 8 horas, fizemos uma parada na chamada *Colônia Belga* para comermos na venda de um certo Leandro. Foi-nos dado um café horrível, um queijo sem gosto e uma manteiga cheia de impurezas. Encontrava-se reunido na venda uma porção de fregueses belgas que, ao que parece, festejavam o seu dia de folga (*Blauen Montag*). O proprietário era tido como um homem pacato e muito econômico, tendo ganhado boa soma de dinheiro.

Essa *Colônia Belga* (NT: hoje *Ilhota*) fora fundada pelos fins do ano de 1844, pelo Major Charles Van Lede, que estava a serviço do Governo brasileiro, com 122 patrícios seus. Era um estabelecimento particular que teve que lutar com tantas adversidades que, por mais de uma vez, viu próximo o seu fim. Certo número de famílias regressou, desencorajadas e insatisfeitas, à sua pátria entre 1845-46. Essa retirada foi compensada, entretanto, pela entrada de cerca de 50 a 60 pessoas, entre elas muitos alemães. Como os recursos financeiros do Major não lhe permitissem ajudar satisfatoriamente os colonos, ele os deixou à própria sorte. E desse tempo em diante a situação desses desiludidos e desencorajados colonos melhorou. Hoje, a maior parte deles é abastada. Em 1860, a Colônia se compunha de 38 famílias, com, mais ou menos 200 pessoas.

Após uma hora de parada continuamos a viagem, passando, primeiramente, pelos terrenos do Capitão Flores, que confrontam com a *Colônia Belga* e onde o mesmo possui uma fazenda muito fértil, com cerca de 50 escravos. É atravessada por um riacho, o ribeirão de *Poço Grande* (NT: o autor assinala como *Pouzo Grande*). Um pouco acima, à margem esquerda, deságua no Itajaí o ribeirão do *Arraial* e, mais para Oeste, na margem direita, desemboca o ribeirão do *Gaspar Pequeno* e o do *Gaspar Grande* e cujas confluências no Itajaí distam cerca de 150 *klafter* uma da outra. Entre os dois foi demarcada uma povoação e ali será também construída uma igreja católica.

Aí começa a "antiga Colônia Alemã" que, no ano de 1827, foi fundada por ordem do Imperador Dom Pedro I, com as muitas famílias de alemães importadas por mediação do Major von Scheffer. Essa gente não usufruiu de nenhuma ajuda do Governo e durante muitos anos teve que sustentar-se às duras penas. A sua atividade e persistência muito lhe valeram para o futuro. Muitos deles são, hoje, pessoas muito abastadas.

O filósofo Dr. Hermann Blumenau, de Braunschweig, com a intenção de conseguir uma grande extensão de terras para colonizar, percorreu a Província de Santa Catarina, verificando, por ocasião de sua visita a Itajaí, que a parte mais fértil dos terrenos marginais desse rio era a superior, a qual, ligada ao caminho necessário que esse curso d'água representava, oferecia grandes vantagens para a instalação de uma Colônia Alemã, sendo animado nesse ponto de vista pela situação já satisfatória em que se encontravam os acima mencionados antigos colonos alemães e a *Colônia Belga*.

Entrou, então, em negociações com o Governo brasileiro e recebeu do mesmo, parte, por compra e parte por doação, 20 *léguas* quadradas de terras. (NT: a primeira área recebida e adquirida não ultrapassava 3 *léguas* quadradas. Posteriormente é que foram acrescentadas outras glebas).

No local em que o ribeirão *Garcia* deságua no Itajaí, ele fundou, no ano de 1850, a Colônia Blumenau.

O seu começo foi bem modesto: 17 pessoas que ali se estabeleceram em 1850 e mais 8 que no ano seguinte seguiram-lhes o exemplo. O desenvolvimento dos seus anos seguintes, também se verificou em medidas muito pequenas, pois Dr. Blumenau não possuía fundos pecuniários suficientes para uma empresa de tal vulto. Apesar disso, ele se dedicou com tal persistência e com tão maravilhoso desprendimento e tantos sacrifícios à obra que iniciara, que pôde levá-la adiante, embora sofresse grandes contrariedades e prejuízos de fora e quase insuperáveis dificuldades internas.

Uma pequena publicação que fez na Alemanha, sobre a sua Colônia, e na qual ele apresenta simples e lealmente a situação desta Colônia aos que para lá quisessem emigrar, sem fazer qualquer elogio, antes contando a pura verdade, coisa rara entre os colonizadores que só pensam em aliciar emigrantes, fez com que, no correr dos anos, um bom número de famílias de colonos ativos e trabalhadores deixassem a Alemanha e se estabelecessem às margens do Itajaí. Quase sem exceção essas famílias que vieram para Blumenau, ali permaneceram estabelecidas. Aventureiros e tratantes ali não se sentiam em casa e, por isso, mantinham-se dela afastados e, em breve, retiravam-se para a sua procedência.

Durante os primeiros nove anos, Dr. Blumenau não pode contar com muitos favores do Governo. Um dos ministros do Interior chegou até a proibí-lo de chamar novos colonos, pois, não teria meios para sustentá-los. E, no entanto, em Blumenau, nem uma única família passou fome por amargas necessidades semelhantes, como aconteceu com centenas delas nas colônias do Governo. Parte por ignorância parte por informações malévolas que lhe foram prestadas, por muito tempo o Governo não viu com bons olhos essa Colônia.

Nos anos de 1850 a 1859, Dr. Blumenau recebeu da *Repartição Geral das Terras*, 80 contos de réis como empréstimo, sob hipoteca e 8 contos de réis como auxílio, não reembolsáveis.

Exatamente ali, onde um pulso forte e bastantes meios deveriam ter sido postos à disposição para o desenvolvimento de uma Colônia florescente e que fossem progressivamente aumentados, o auxílio foi dado aos pingos, enquanto que para outras colônias, que desde o nascimento já traziam consigo o germe do fracasso, foram gastas somas fabulosas.

É característico de alguns governos e especialmente do brasileiro, que onde eles deveriam usar um conta-gotas nas suas despesas, despejam todo o conteúdo do vidro e onde este último sistema deveria ser usado, empregam o conta-gotas.

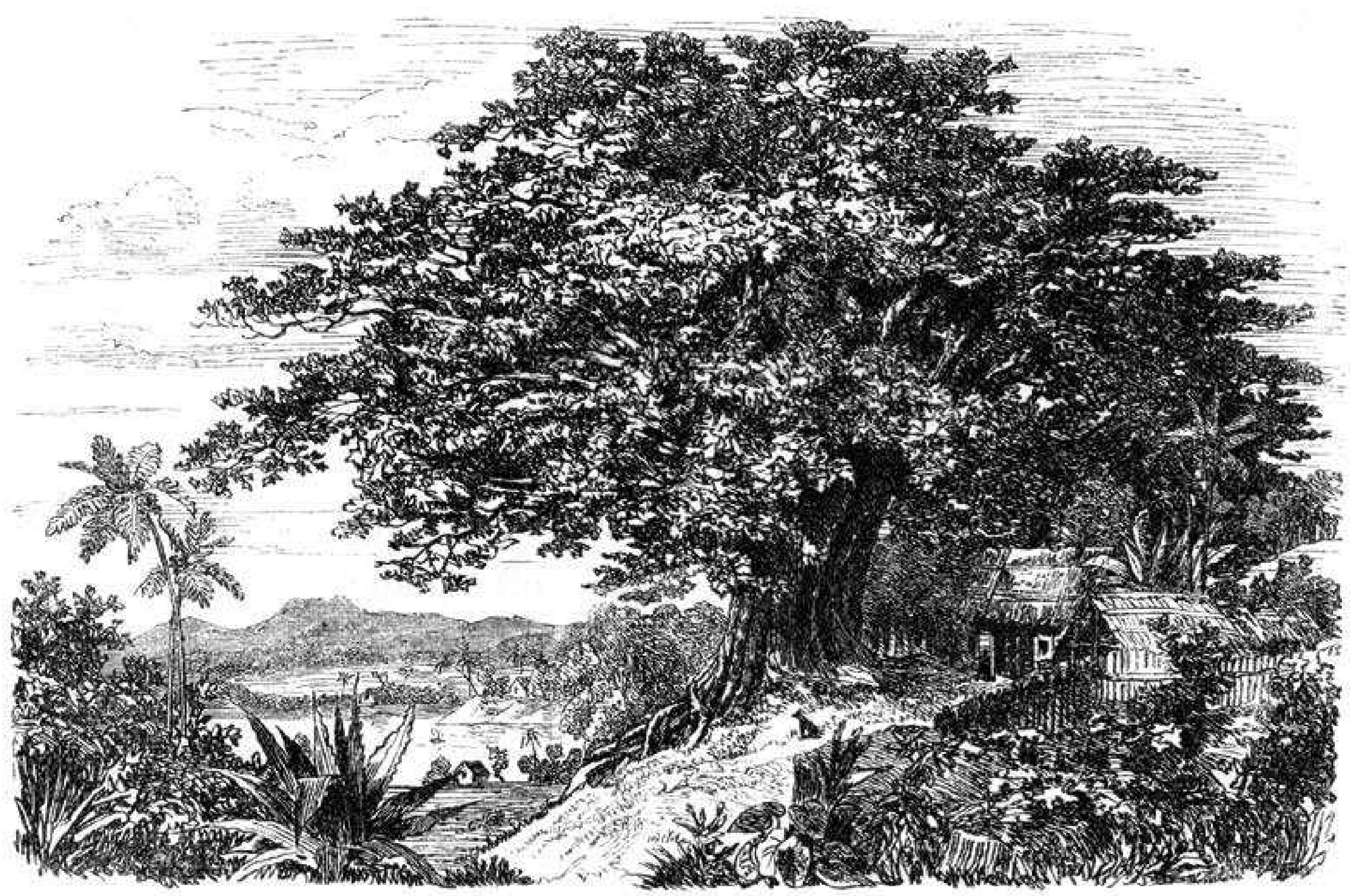
Os colonos encontravam-se, na maior parte, em situação muito boa e algumas famílias tornaram-se relativamente abastadas, mas o colonizador ficou pobre. Ele gastava toda a sua fortuna particular de 16.000 *thaleres* prussianos em benefício da Colônia. Nessas condições, entrara em jogo, senão a paralisação completa, pelo menos o futuro desenvolvimento da Colônia e impunha-se um passo decisivo no sentido de encontrar-se uma solução satisfatória.

E como por aquele tempo também a Colônia Dona Francisca se encontrava na mesma situação, o então Ministro do Interior, Sr. Sergio Teixeira de Macedo encarregou o desembargador Luiz Pedreira do Couto Ferraz da missão de inspecionar as colônias da Província de Santa Catarina e de apresentar, em seguida, um relatório exato sobre a situação das mesmas, bem como planos e sugestões para remediá-la.

Em face da exposição clara e minuciosa do Comissário do Governo, o Ministério decidiu indenizar o fundador da Colônia Blumenau dos gastos que fizera, com os juros de 8 anos, no total de 35 contos, mediante a cessão da maior parte das terras que lhe haviam sido dadas, independentemente de qualquer outra indenização e tomar a si a administração da Colônia. Alem disso o Governo tomou a acertada deliberação de deixar que Dr. Blumenau continuasse como Diretor do estabelecimento. Isto acontecera em 1859.

A transferência da Colônia ao Governo Imperial permitiu que Dr. Blumenau, com a perfeita consciência do dever cumprido, pudesse cuidar da empresa que criara; pode ele sempre, de cabeça erguida, revidar as perfídias que ora à sua pessoa, ora ao seu estabelecimento fossem sacadas. Ele pode ter incidido em algum erro administrativo, ou ter cometido alguma falta involuntária, mas tanto as suas intenções como o seu esforço sempre foram honestos e desinteressados. Aqueles que hoje se encontram em situação próspera, tranquilos e satisfeitos podem servir de testemunho de que a Colônia que ele dirige é a melhor organizada de todo o Brasil.

Durante todo o tempo em que Dr. Blumenau foi proprietário da Colônia, entre ele e os colonos que ele admitiu, não houve nenhuma desinteligência séria, nenhuma questão na justiça de paz, ou a respeito de terras, nem civil, nem criminalmente. Igualmente não se deu nenhuma questão séria entre os colonos, surgindo às vezes alguma queixa.



Casa de Colono com grande Figueira no Itajaí.
Kolonistenwohnung mit großem Feigenbaum am Itajaí-Fluss.
Acervo / *Sammlung* B. K. Kadletz

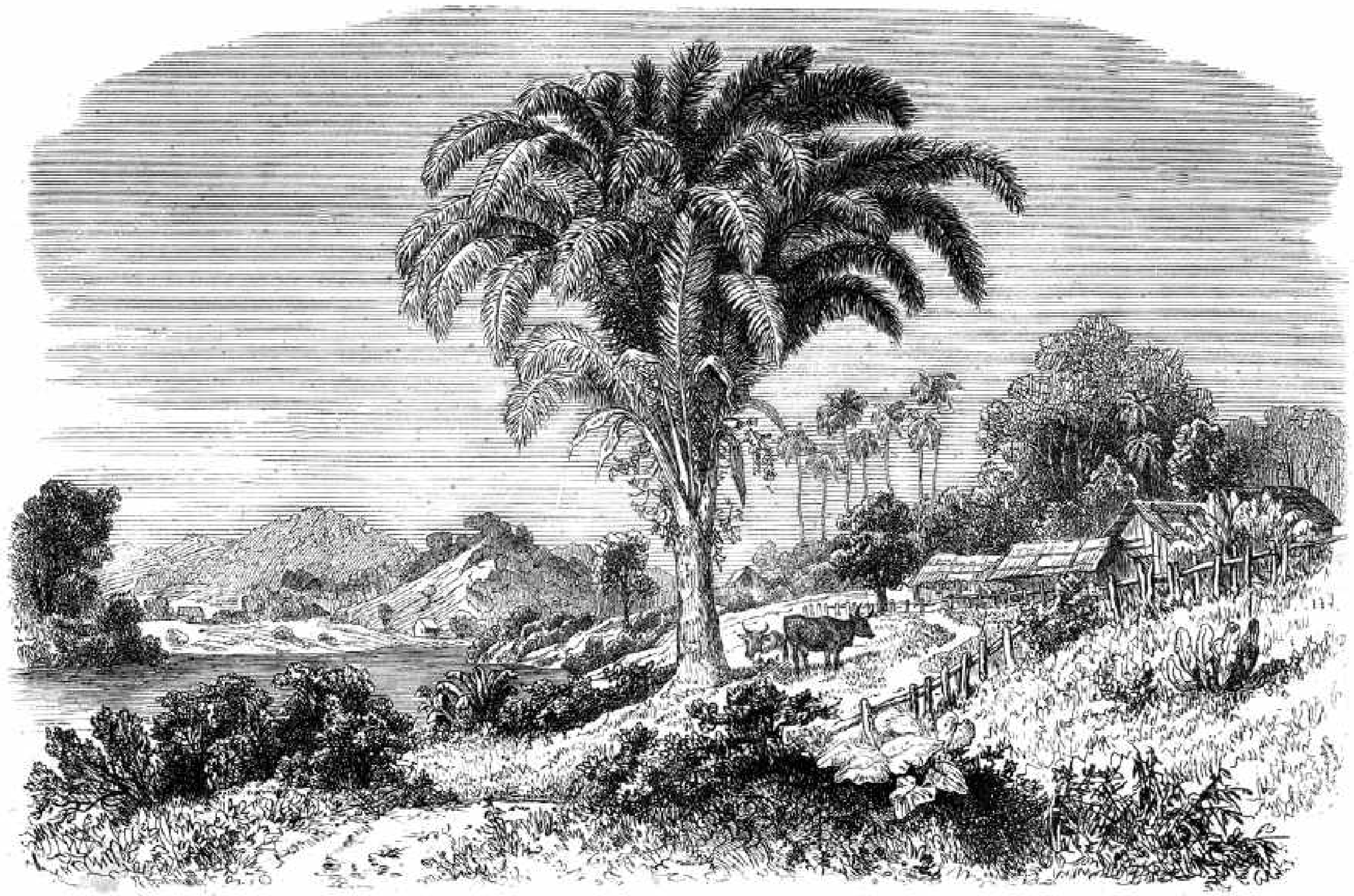
Que era geralmente por danos causados pelo gado, ou por corte, sem autorização, de folhas de cobertura de ranchos e, nos dois ou três casos que surgiram, foram solucionados amigavelmente. Nunca Dr. Blumenau penhorou colonos seus judicialmente ou não, embora muitos não lhe tivessem pagado os seus débitos apenas porque o não quisessem fazê-lo. Em todas as situações teve sempre por princípio agir contra os seus colonos com prudência e conciliatoriamente.

Os dados seguintes bem atestam quanto foi difícil ao Dr. Blumenau manter a empresa privada que fundara e fazer face aos crescentes compromissos que iam de ano para ano aumentando o orçamento. Até 1856, ele pagava aos seus agentes em Hamburg, por colono que era consignado ao seu estabelecimento, além de despesas postais e impressos, 2 *thaleres* de comissão; entre 1856-57, 10 *thaleres* por adulto e 6 por criança. O preço da manutenção, por dia e por homem, com carne três vezes ao dia (1 *libra* por dia e por cabeça), café a açúcar, era, em 1850, na Colônia, 180 a 200 réis. Em 1856 chegou entre 500 a 600 réis. Um bom trabalhador ganhava por dia, em 1854, 820 réis; em 1858, aumentou para 1.500 e até 1.700 réis. Um artífice trabalhava em 1850, por 1.200 réis por dia; em 1858, subira para não menos que 1.780 a 2.000 réis por dia.

O clima da Colônia Blumenau é saudável e os colonos alemães o suportam geralmente bem. O solo, na maior parte, é extraordinariamente bom, muito mais fértil que o dos melhores pontos da Colônia Dona Francisca.

Todas as plantas que se cultivam naquela Colônia, dão-se admiravelmente em Blumenau, com exceção das cucurbitáceas para as quais o solo não é próprio.

A geada faz menos estragos nesta Colônia que em Dona Francisca, embora, aqui, ela também já tenha causado grandes danos às plantações. Por exemplo: de 14 a 17 de julho de 1863, na mais fria destas noites, o termômetro baixou a 3 graus negativos. Em compensação as enchentes periódicas causam grandes danos aos colonos situados às margens dos rios. Em 1855, uma inundação carregou com a casa de moradia do Dr. Blumenau e destruiu as belas plantações que a rodeavam.

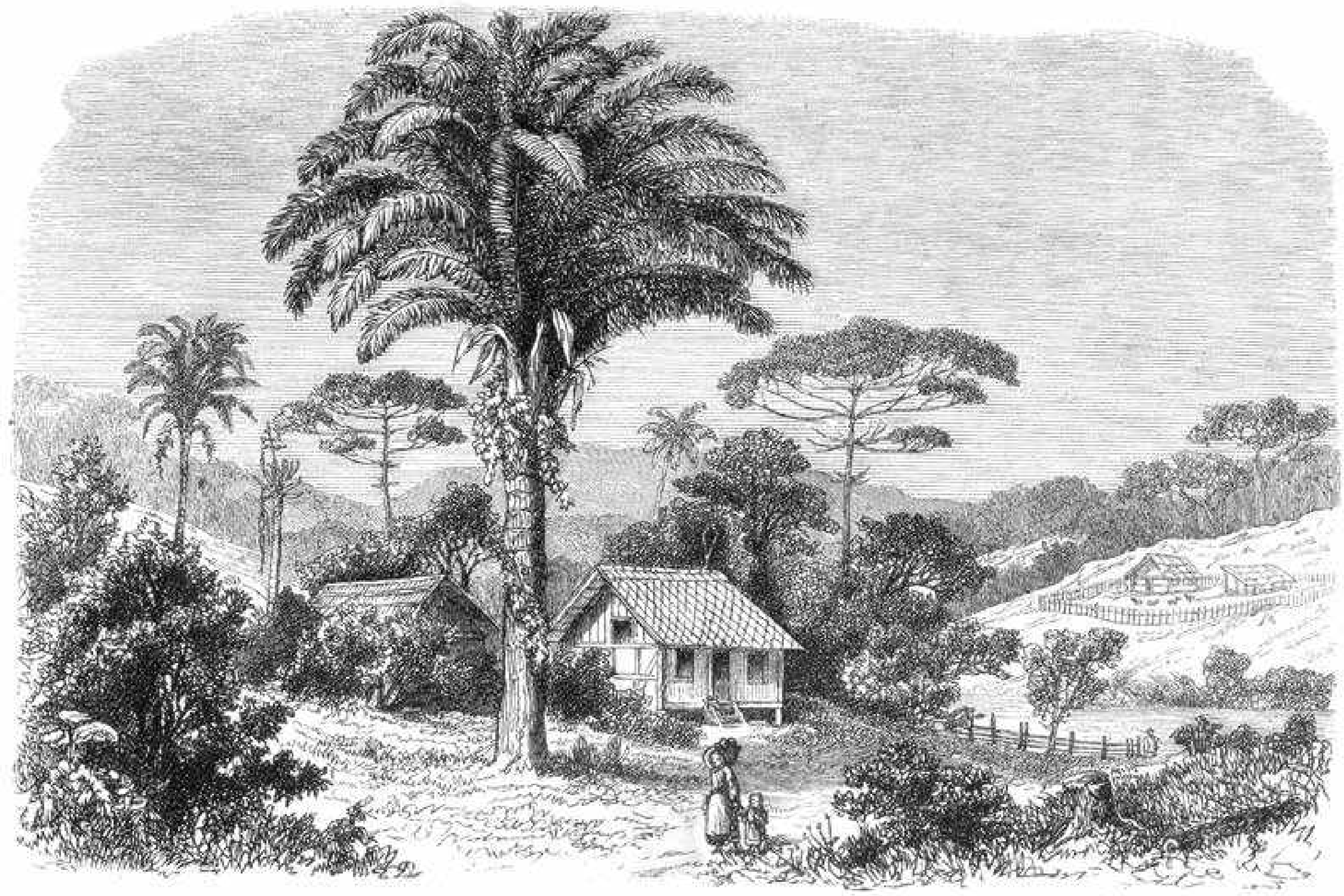


Características da região do Itajaí (Palmeira Indaiá).
Landschaftsbild am Itajaí (Indaiápalme).
ACERVO / *SAMMLUNG* B. K. KADLETZ

Grandes estragos verificaram-se também no ano de 1852 e 1863.

A cana de açúcar dá-se muito bem nos terrenos da Colônia. Por isso, os colonos, para vantagem sua, têm-se dedicado a essa cultura. Dr. Blumenau conseguiu com a espécie de cana importada de Bourbon, anos atrás, pelo Governo Imperial, vantagens muito maiores do que com a espécie antes geralmente cultivada no Brasil, e distribuiu já, em 1861, 5.000 mudas entre os seus colonos; igualmente distribuiu pela Colônia diversas qualidades de cafeeiros os quais, durante a minha estada ali, já produziam os seus primeiros frutos. Igualmente os magníficos abacaxis de Pernambuco foram, por ele, aclimatados em Blumenau e o seu morro de abacaxis não só é lucrativo como bonito de se ver.

Entretanto, a cana de açúcar e o café continuam como um ramo da agricultura algo inseguro para os colonos da Província de Santa Catarina, apesar disso eu acredito que seria insensato abandonar essas culturas por causa de outra geada periódica, tanto mais que uma cultura já bastante consolidada como a cana de açúcar se acha ligada a grandes gastos com prensas, aparelhos, caldeira, etc. Repito aqui o que já dissera a respeito da Colônia Dona Francisca. As colheitas dos agricultores alemães foram muito mais prejudicadas pelo inverno, geadas e granizo do que as dos moradores da Colônia. Com a cultura do tabaco que Dr. Blumenau deseja introduzir em grande escala, as coisas vão vagarosamente para diante, lutando-se com grandes dificuldades em virtude do preparo e de uma colocação segura. Os *badenses* residentes na Colônia querem fazer experiências com a videira e, por parte da direção, foram-lhes fornecidas mudas. Possivelmente os viticultores práticos terão bom resultado, somente eles não deverão se amedrontar com os primeiros insucessos. A videira deve ter, na Província de Santa Catarina, um tratamento diferente do que se dá em Marckgraf. Também não é qualquer espécie de parreira que se adapta ao clima do Brasil; dão-se aí melhor as Norte-americanas.

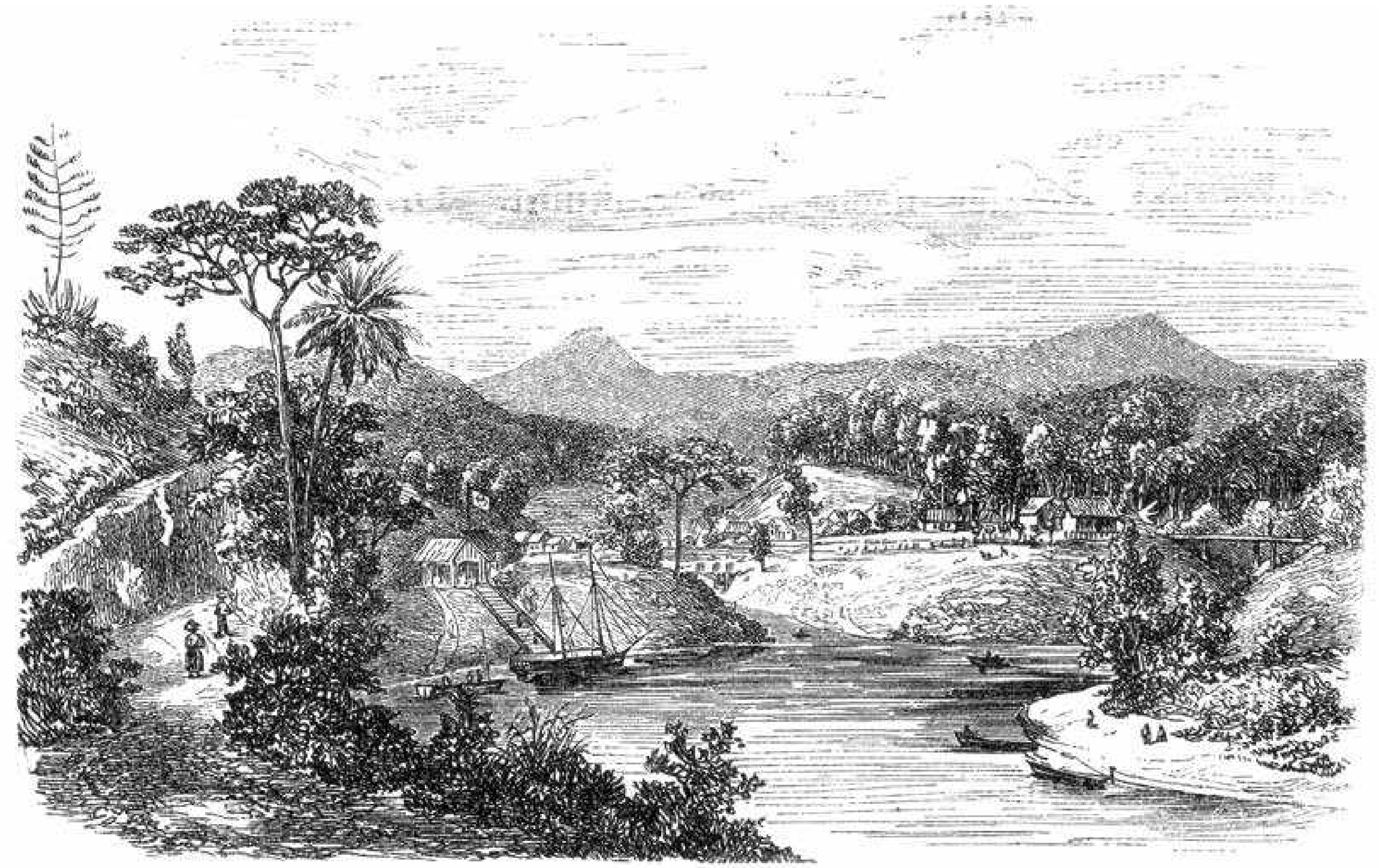


Características da região do Itajaí.
Landschaftsbild am Itajaí (Girivápalme und Araucaria*).*
ACERVO / *SAMMLUNG* B. K. KADLETZ

Para a cultura do algodão não existem perspectivas favoráveis pela absoluta falta de um período completamente seco tanto na Colônia como nas terras baixas do litoral. Serra acima, possivelmente, a cultura do algodão dará bons resultados.

Até o ano de 1861, a Colônia Blumenau lutava contra a grande desvantagem de ter péssimos caminhos (de estradas nem se falava). Podia-se esclarecer facilmente a razão disso pelo já citado desenvolvimento. O Governo nunca liberava verbas suficientes para a construção de estradas e o empresário não tinha meios para isso. Nos últimos três anos, entretanto, graças à energia do Diretor, as coisas mudaram para melhor.

No final do ano de 1864, apesar das relativamente pequenas verbas recebidas, já havia 16.945 *braças* (3.000 *braças* = 1 *légua*) de boas estradas carroçáveis com valetas laterais (não obstante os terrenos desfavoráveis elas têm, raramente 5% e nunca mais de 7% de desnível), e mais 54.628 *braças* de 8 a 10 *palmos* de caminhos para cavaleiros, os quais a maior parte pode dar passagem a carros de um cavalo. Existem 32 grandes pontes, parte com alvenaria de pedra ou de tijolos, com pranchões de 3 *polegadas*, de boa madeira, 7 canais de tijolos com argamassa de cimento com sólidos aterros para a estrada, 100 bueiros de madeira pesada ou murado, 5 grandes canais de madeira ou de pedra para pequenos cursos d'água, 187 pequenos bueiros de pedra, de tubos de barro ou de troncos pesados e 132 pontes provisórias. Se bem que grande fosse o desenvolvimento nesse sentido, era ainda pequeno em relação às demais construções da Colônia. Que ainda não possui uma igreja e nem mesmo uma casa de morada para o Diretor. Contudo, por parte do Governo está projetada a construção de uma igreja católica e outra Protestante, de um hospital, de uma morada para o Diretor e de uma escola para meninas, mas ainda passarão anos até que esses planos se realizem. São de absoluta e inadiável necessidade mais três ou quatro escolas nos distritos mais afastados da Colônia. Se o Governo entrasse apenas com 2/3 do total do custo das igrejas e escolas, a sua construção estaria assegurada, pois os colonos se prontificam em entrar com o outro terço.



Desembarque e Centro de Blumenau.
Landungssteg und Stadtplatz von Blumenau.
Acervo / *Sammlung* B. K. Kadletz

O ponto principal da Colônia – não se pode dizer o ponto central, pois é muito excêntrica a sua situação – fica à margem direita do Itajaí, mais ou menos no começo do estabelecimento, onde o ribeirão *Garcia* desemboca. Chama-se "Blumenau".

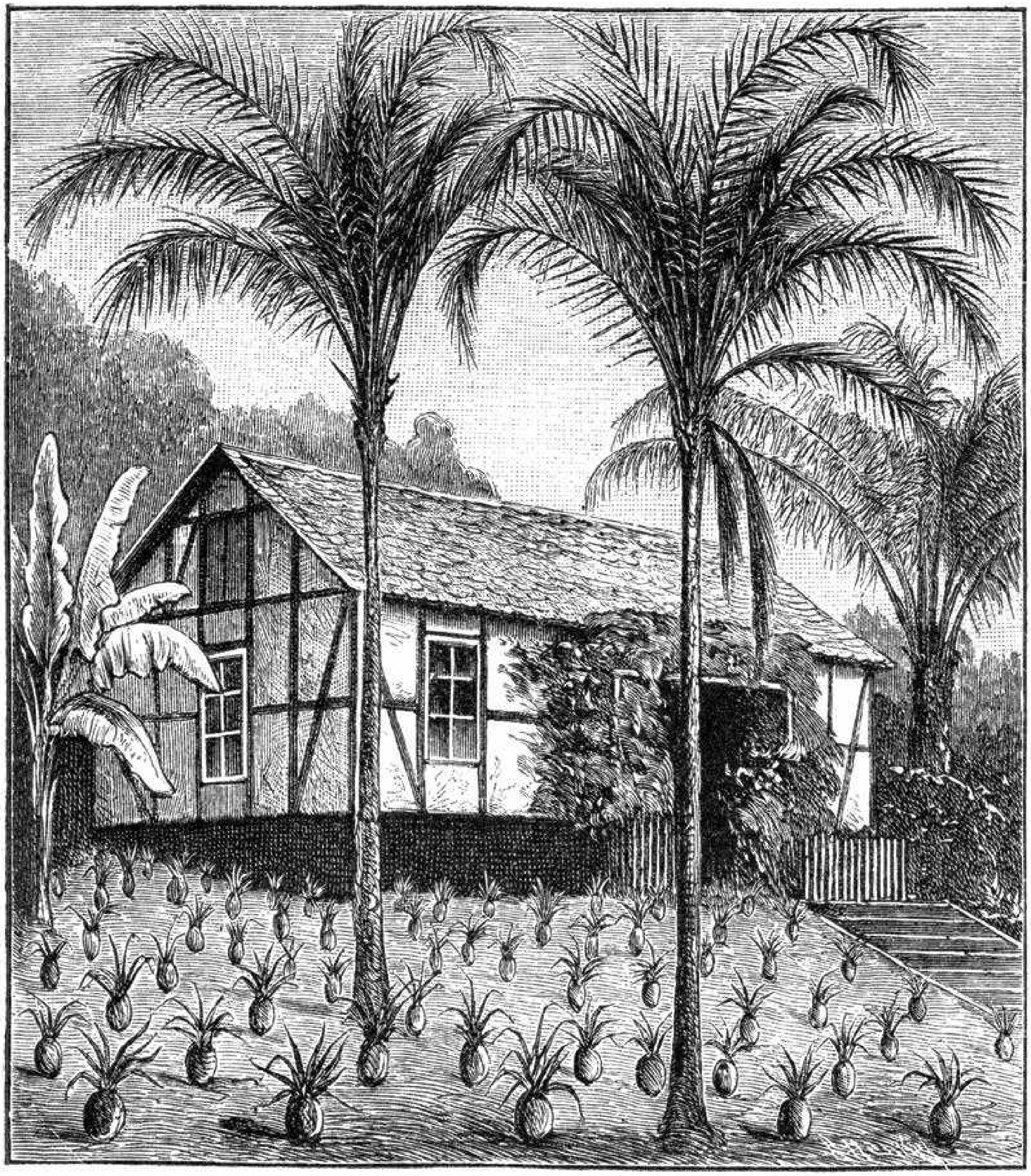
Durante a minha estada, não havia ainda uma aldeia perfeitamente traçada, mas, apenas, algumas casas espalhadas e essas mesmas, com exceção de uma que estava começando a ser edificada, de construção pouco sólida.

Enquanto que em Dona Francisca, a partir do seu início, tinha-se como principal ponto de vista dar, antes, o maior desenvolvimento possível à chamada "cidadezinha" em detrimento do progresso da zona colonial agrícola, na Colônia Blumenau seguiu-se um processo inteiramente contrário: tratou-se, primeiramente, de intensificar a colonização do interior, relegando-se para segundo plano a formação organizada da povoação-sede. Desse acertado procedimento resultou muito maior desenvolvimento atual da Colônia Blumenau, no que diz respeito ao bem estar dos seus moradores, do que da Colônia Dona Francisca.

Nos últimos tempos, a povoação de Blumenau deve ter também aumentado muito. Tão logo sejam construídos os prédios projetados ela adquirirá uma aparência real de cidade, emoldurada pela admirável natureza de seus arredores.

Uma boa légua de Blumenau em direção noroeste, o Itajaí forma um salto que, quando o nível das águas é elevado, apresenta uma vista admirável. Achei-o insignificante. Para mim, foram de muito maior interesse os lotes coloniais, já bastante cultivados, que se estendem ao longo de lindos vales.

Perto do *Salto* existe um engenho de serras, regularmente bem montado que, entretanto, aqui, deve ser considerado um mau negócio dados o alto preço dos salários e o baixo custo da madeira, em virtude do que esse empreendimento já absorveu muito dinheiro, sem ter dado lucro algum até agora.



Casa tipica em Blumenau.
Typisches Haus in Blumenau.
ACERVO / *SAMMLUNG* B. K. KADLETZ

Os magníficos abacaxis de Pernambuco foram, pelo Dr. Blumenau, aclimatados ali e o seu morro de abacaxis não só é lucrativo como bonito de se ver.

Die wunderbaren Ananas-Pflanzen aus Pernambuco *wurden von Dr. Blumenau hier gezüchtet; dessen Ananas-Berg ist nicht nur einträglich, sondern auch wunderschön anzusehen.*

J. J. VON TSCHUDI

Uma boa meia hora para Oeste do *Salto*, à margem direita do Itajaí, próximo à confluência do *Rio do Testo* foi estabelecida uma nova povoação. (NT: há engano; a povoação *Badenfurt* foi traçada à margem esquerda). Foi dado o nome de *Badenfurt* em homenagem a um grupo de colonos *badenses* que tiveram a coragem de escolher aquele local ainda completamente agreste para ali se estabelecer, enquanto os demais colonos preferiam ficar rio abaixo, mais próximo de Blumenau. Em compensação eles lá foram premiados com terras magníficas e férteis. Do *Salto* em diante, agora a Colônia já se estendia 3 *léguas* pelas margens do rio acima, até o rio *Benedito*. (NT: *Benedetto* no original).

Uma hora acima do *Salto*, um cômodo passo, chamado *Passo Manso*, permite comunicação fácil entre as duas margens do Itajaí. Uma légua e meia para cima, em *Encano*, será futuramente levantada outra povoação.

A Colônia Blumenau se estende de maneira muito rápida em todas as direções e por toda parte os colonos encontram terras apropriadas à cultura.

No momento, o principal propósito do Dr. Blumenau é estender a Colônia para o Norte, em direção à Dona Francisca e, tão logo possível, ligar as duas Colônias, no interesse de ambos os empreendimentos. Enquanto Dr. Blumenau dá grandes passadas para esse sentido, as providências de Dona Francisca engatinham naquela direção, pois o agente do Príncipe de Joinville é o maior inimigo daquela ligação; quanto mais a colonização de Dona Francisca se estender para o Sul, tanto mais diminuirão de valor as terras que o Príncipe arrenda no Norte. A sua influência na direção da Colônia Dona Francisca é, ainda infelizmente, muito maior da que é de desejar no interesse da *Companhia Hamburguesa* e da própria Colônia. Os seus planos tendenciosos são sempre bem acolhidos pelos diversos órgãos do Governo e, às vezes, até despertam espontânea atenção no sentido de atrasar o irrefreável desenvolvimento da Colônia, ainda que só temporariamente.

Na Colônia Blumenau costuma estacionar um pequeno destacamento militar composto de 12 a 18 homens para proteger o empreendimento contra eventuais assaltos dos indígenas (bugres). Realmente nos primeiros anos repetiram-se os assaltos dos bugres dos quais diversos colonos resultaram, ou feridos ou mortos. Não tiveram eles, sem dúvida, as proporções dos que aconteceram, por exemplo, no *Mucurí*, e resumiram-se na maior parte em pequenos assaltos, visando o roubo, nos quais os colonos desarmados foram alvejados e mortos. Contudo é ainda bem possível que novos assaltos se verifiquem e com maior violência desde que os indígenas sejam cada vez mais apertados no seu território pela progressiva extensão da obra colonizadora. Nesse particular todo cuidado é absolutamente necessário.

Os agressivos aparecimentos dos bugres verificam-se comumente nos meses de novembro até abril e parece que têm por causa a falta de alimentos. Durante os meses frios do ano eles permanecem nos pinheirais da Serra e lá se sustentam com as grandes e saborosas sementes da araucária brasileira. O último assalto, aliás, sem piores consequências, verificou-se em 1862, se não estou enganado. Os moradores do pequeno Itajaí é que são por eles seguidamente ameaçados; há dois anos eles ali assassinaram três homens. Algumas *léguas* acima da Colônia do Itajaí-mirim descobriram-se um caminho de meia largura, capaz até de servir para cavaleiro, indo em direção a Serra, o qual certamente era usado para as suas escapadas para o interior. Essa picada foi seguida durante um bom meio dia. Entretanto a sua exploração completa ficou para outra oportunidade.

Faltam dados positivos para se estimar o número de bugres que infestam as florestas de Santa Catarina, pois, nos últimos tempos não se fez nenhuma tentativa de pacificação e nunca algum prisioneiro deu informações a esse respeito e pelas quais se pudessem orientar. Eu, porém, acredito, ao contrário do que em geral se julga, da existência de milhares de cabeças o seu número, eu acredito que não passa de algumas hordas, cada uma delas compostas de umas duas centenas de *Botocudo*. Se eles se vissem bastante numerosos, certamente teriam feito assaltos em grande estilo, pois, apesar da sua negligência e estupidez eles não podem ter ilusões acerca do seu futuro com o crescente avanço da colonização. Entretanto, como verdadeiros bandidos eles promovem perversos assaltos a famílias isoladas e fogem aos primeiros sinais de revide.

Um colono contou-me como, durante um assalto, ele se viu obrigado a refugiar-se no sótão e dali viu como um índio, com força verdadeiramente hercúlea levantou um tacho de ferver garapa para carregá-lo. Um tiro certeiro impediu-o de efetivar o intento. Outro colono, de nome Paul Kellner, um excelente modelo para um Dickens, foi atacado pelos indígenas no Pequeno Itajaí, quando trabalhava; enfrentou-o, entretanto, com uma pá e só recuou quando foi atingido por um flechaço nas costas e outro num braço.

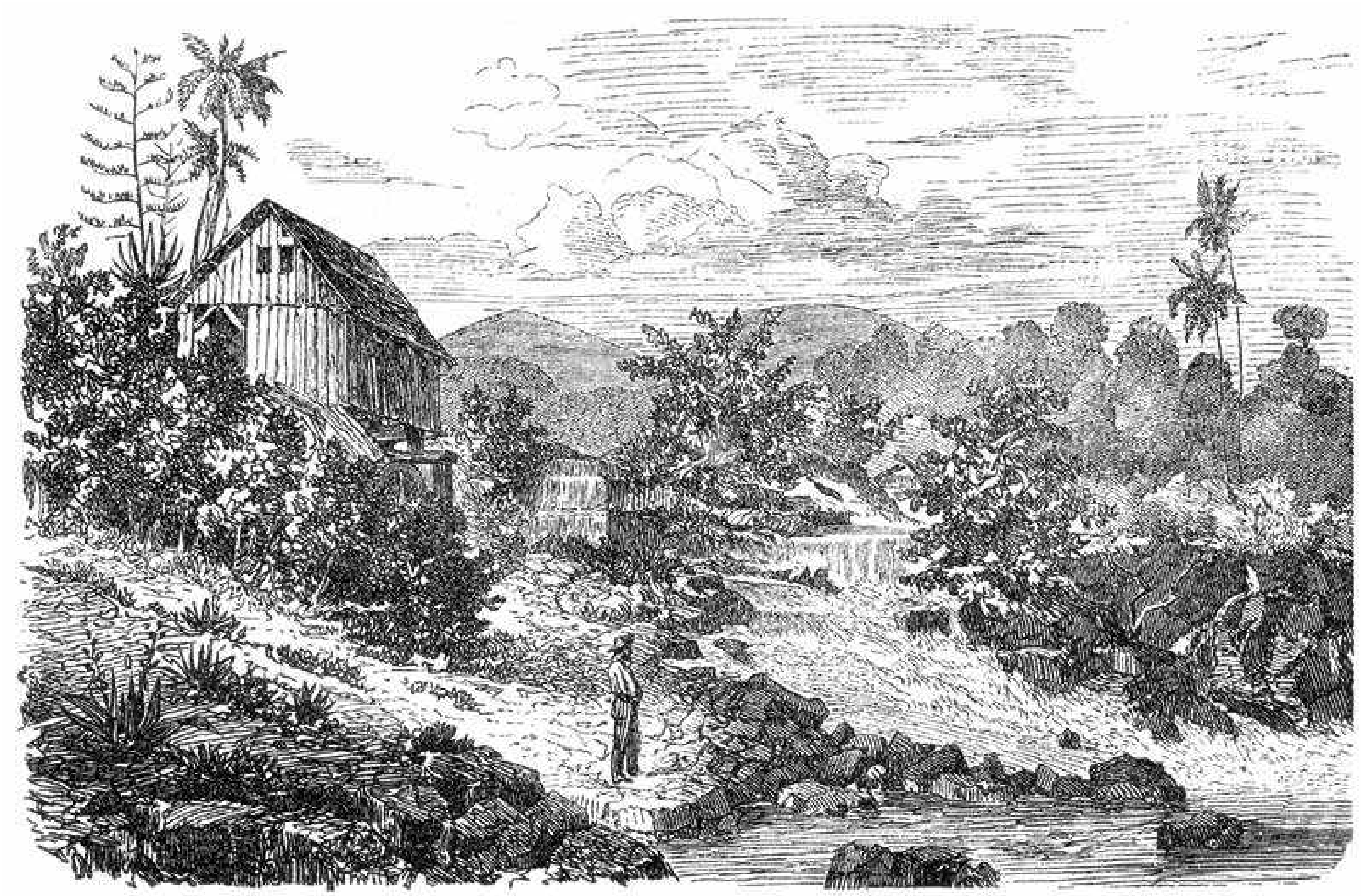
Era desejável que se organizasse, no interesse das colônias da Província, uma bem feita expedição contra os bugres, para apanhá-los nos seus esconderijos e conhecer o seu número, mas parece que isso não acontecerá tão cedo.

E como esses bugres não estejam em ligação com os indígenas do Uruguai e do Iguaçú, embora seja muito provável que pertençam também à raça *Tupi*, a sua pacificação ou o seu aniquilamento completo é uma questão a ser solucionado em breve futuro.

A Colônia Blumenau possui, já há alguns anos, na pessoa do Pastor Hesse, um homem muito ativo e excelente pregador. Durante a minha permanência, o serviço divino, assim como a Escola, funcionava numa sala do *Barracão dos Imigrantes*. O sermão dominical era assistido por muita gente. Na oração final era honrosamente mencionado o fundador da Colônia e os presentes podiam, realmente, participar de todo o coração dessa prece. Pastor Hesse fundara uma escola particular na qual ensinava Geografia, História, Matemática, Latim e Francês.

A Escola Pública de Blumenau, para a qual foi construída uma casa bem sólida e muito bonita, na povoação, estava sob a regência do competente Capitão V.G. (NT: Capitão Viktor von Gilsa). Durante a minha visita, estavam presentes à aula 26 crianças, entre elas dois filhos de soldados do destacamento militar. Como principal livro de leitura, usavam-se bíblias em Português e Alemão, belas edições novaiorquinas.

V. G. era, anteriormente, Capitão da legião teuto-brasileira e, em verdade, era mais bem talhado para essa função que a de professor. O destino jogou de maneira às vezes bem singular com os oficiais daquela legião dos quais, na minha viagem eu conheci alguns homens excelentes e corajosos. Alguns conseguiram uma posição honrosa e respeitável, outros foram, durante anos, joguetes de um destino adverso até que pudessem arranjar uma situação árdua; muitos, porém, decaíram completamente e acabaram miseravelmente.



Salto Grande do Itajaí com *Serraria.*
Großer Wasserfall *am Itajaí-Fluss, mit Sägemühle.*
ACERVO / *SAMMLUNG* B. K. KADLETZ

Trabalha como Médico da Colônia o Dr. Knoblauch. Meu hoteleiro, um hábil veterinário (Karl W. Friedenreich, N.R.) prestou relevantes serviços aos imigrantes, parte como Médico homeopata, parte como parteiro, enquanto a Colônia não tinha o seu Médico oficial. É um grande apaixonado entomologista e, sobretudo, um homem muito inteligente e ilustrado, mas que, para o seu próprio interesse deveria dar mais importância à prática do que à teoria.

Na Colônia Blumenau funcionam diversas casas de negócio que suprem a população do necessário e até do supérfluo. Entre elas está a firma *Meyer & Spierling*, com um armazém bem sortido de secos, molhados, ferramentas, vinhos e até mesmo de artigos de luxo.

Também aqui a vida social já tinha um grande significado. Há uma *Sociedade de Atiradores* com muitos sócios; uma *Sociedade de Canto*, outra de *Cultura*, fundada pelo Sr. Friedenreich. (Atendendo a um convite do Sr. Friedenreich, reuniram-se os senhores Rohlacher, Faust, Sametzki, Bancke, Schrader, Fred. Schmidt, Bugmann, Dr. Eberhard, L. Scheeffer, W. Scheeffer, Kuelps, G. Schaeffer, L. Sachtleben, Benz, Lobedan, Wehmuth, Ernst e H. Weise, Wendeburg, Breithaupt, Loesecke e Johann Jarchow, no dia 19 de julho de 1863, fundando-se, com estes, a *Sociedade de Cultura / Kultur-Verein*). Dois *Clubes de Leitura* e uma *Sociedade para a Juventude* proporcionam inocentes distrações para os "jovens maduros". Um grupo de amadores de teatro costuma apresentar, aos domingos, distrações aos seus associados. Aqui, como em toda a parte onde existem alemães, também há uma pista de bolão. Os brasileiros olham muitas vezes admirados, esse jogo e não podem compreender como, num clima tão quente, esse jogo possa ser chamado de distração.

Não há, em Blumenau, uma sociedade beneficente o que não se pode deixar de levar em conta da boa situação da Colônia. Também com a Maçonaria as coisas não vão muito favoráveis; os moradores pensam que há meios melhores em que empregar o seu tempo e o seu dinheiro.



Cana-de-açucar e pimenta
Zuckerrvohr und Pfeffer

Durante minha estada em Blumenau havia ali, especialmente na melhor sociedade, grande indignação contra um viajante alemão, cujo livro sobre o Sul do Brasil, aparecido pouco antes e que opinara sobre a Colônia como muito frívola e indiscreta e que, de maneira muito pérfida, procurara sujar o nome do fundador e que, tanto no baixo como no alto Itajaí, não soubera honrar a hospitalidade que recebera. Um blumenauense espirituoso dizia-me que, numa segunda visita daquele viajante, os "dedos de fada" do soldado brasileiro Chico Marques haveriam de enfeitar outra coisa que o salão de festas. (NT: no livro referido dizia-se que o salão de festas fora ornamentado por mãos de fada enquanto que a verdade era que o soldado do destacamento militar enfeitara o salão com ramagens. Os "dedos de fada" passaram a ser provérbio na Colônia).

O recenseamento de 1864 apurou para a Colônia Blumenau os seguintes dados estatísticos:

- 2.471 almas (1.296 homens; 1.175 mulheres; 854 casados; 1.617 solteiros; 412 Católicos; 2.059 Protestantes; 111 naturalizados brasileiros; 105 nascimentos; 27 mortes; 26 casamentos; existiam 596 casas; 16 pedreiros; 18 carpinteiros; 5 fabricantes de carroças; 6 curtidores; 2 construtores de moinhos; 3 torneiros; 5 seleiros; 8 ferreiros; 1 latoeiro; 3 mecânicos).

Quando em 1865, por ocasião de estourar a guerra com o Paraguai, o Governo Imperial apelou para a Nação, convocando voluntários. Blumenau atendeu prontamente o chamado e antes que as demais colônias alemães de Santa Catarina, sem falar nas nacionais, se juntassem ao movimento, 57 (sic) voluntários de Blumenau marcharam sob o comando do Capitão von Gilsa para Desterro, onde foram recebidos com grandes distinções pelo Presidente e entusiasticamente pela população.

Em 1864 havia na Colônia Blumenau 3.594.000 *braças* quadradas de terras cultivadas. Produziam-se 4.904 arrobas de açúcar; 13.940 medidas de cachaça; 4.460 alqueires de farinha de mandioca; 2.912 alqueires de feijão; 469 arrobas de fumo em folha; 180 arrobas de café; 200 arrobas de araruta; 560 arrobas de manteiga; 800 arrobas de queijo; etc. Os colonos possuíam 169 cavalos; 1.209 bovinos; 111 carneiros; 23 cabras; 3.135 suínos e 22.700 aves. Existiam 55 engenhos de açúcar; 59 alambiques; 46 engenhos de farinha; 7 olarias de tijolos e louça de barro; 3 cervejarias; 3 fábricas de vinagre; 9 de cigarrilhos; 3 padarias; 5 engenhos de serrar e 6 atafonas.

Fazia excursões diariamente, às vezes pelo rio, outras por terra, para diversas partes da Colônia e, cada vez mais me certificaram do feliz desenvolvimento desta Colônia. "Quem quiser trabalhar ativamente, conservando-se com saúde, em parte alguma poderá ir melhor do que aqui", dizia-me um colono que viera de Sachsen-Meiningen, e que, em sua pátria, fora condutor de madeira em jangadas. A estrada de ferro acabara com o seu ofício e ele fora atirado à mendicância com a mulher e seis filhos. Não poderia ele recomeçar, na sua terra, sem meios. Em Blumenau ele se encontra satisfeito e feliz, embora tivesse que lutar com muitas infelicidades e doenças. Não tinha dinheiro, não havia fartura e teve que recomeçar o trabalho árduo no novo sítio, pois vendera o pequeno lote que adquirira na povoação; mas, se sentia alegre e esperançoso. O colono Bet. de Holstein, que fora leiteiro nos arredores de Hamburg, serviu de referência ao escritor viajante já citado, que dizia dele: "O que faz essa gente aqui no mato?" O colono Bet respondia-lhe: "O Sr. Dr. L. deveria vir aqui novamente para ver a minha lavoura e, assim, ele saberia o que eu e minha família fazíamos aqui no mato". Este colono, nos últimos três anos, progredira muito. Sua casa, embora construída de toras de palmito, era muito limpa e bem arrumada; era com verdadeiro prazer que se entrava no cômodo destinado à sala de visitas.

Rio acima fica o sítio de J. A. Prestien, que fora locatário de várias propriedades em Holstein. Esse sítio, pela dedicação e pela competência do seu proprietário, tornou-se digno de atenção. Prestien assegurou-me que, no ano de 1861, num pedaço de terra de 340 *braças* quadradas (mal dá um morgo prussiano) que já dera sete colheitas e depois que fora adubado, arado e plantado com cana de açúcar, produzira 13 barricas de açúcar, de 5 arrobas cada (2.080 *libras*) e 243 medidas de cachaça. Em média calcula-se em Blumenau que num morgo prussiano obtém-se 10 barricas de açúcar e uma pipa de cachaça.

De Prestien para diante, rio acima, principalmente até Schoenau existem sítios muito bonitos.

Além de Blumenau, rio acima, fica o lote do colono Herbst, numa admirável situação e, como em nenhuma outra, ali se une o útil ao agradável. A maior parte das culturas tentadas pelo Sr. Herbst teve êxito, pois as experiências foram feitas prudentemente e com conhecimento. Entre outras ele me levou à sua viçosa plantação de anil (índigo) para mostrar-me que também essa cultura poderia ser muito proveitosa para o desenvolvimento da Colônia. Seu filho é jardineiro profissional no Rio de Janeiro e, há anos, foi comissionado pelo Governo Imperial para importar novas espécies de cana de açúcar e de café.

Em uma das minhas excursões, um soldado do destacamento militar serviu-me de canoeiro. Contou-me que o seu tempo de serviço já havia terminado no ano anterior, entretanto, não havia ainda recebido a sua baixa e, tão logo esta lhe fosse concedida, iria comprar um lote na Colônia, pois, disse-me ele, já se acostumara com os alemães e que se sentia melhor morando entre eles que entre seus patrícios. Eu tencionava, naquela oportunidade, apanhar algum cágado, de que há grande quantidade no rio e que costumavam tomar sol sobre os troncos de árvores que ficam fora d'água.

São muito medrosos e tão logo sentem a aproximação de alguém, atiram-se à água. A habilidade do soldado, entretanto, produziu resultados positivos por mais de uma vez, pois conseguia dar um jeito na canoa em grande movimento, fazendo com que os cágados caíssem dentro da embarcação. Mas eram apenas exemplares pequenos. À noite, um colono me trouxe um enorme que havia capturado durante o dia num banhado. Levei-o para a Europa, onde ele viveu ainda por dois anos.

Como com os cavalos são definidos pela cor do pelo, as canoas de Blumenau são conhecidas de acordo com a madeira de que são feitas. Assim, existe a de canela preta, a feita da figueira, do cedro (madeira boa e leve), do araribá (a mais durável), da carajuba (pesada e que facilmente afunda). Somente uma vez vi um bonito bote com nome alemão deslizando sonhadoramente sobre a superfície prateada pelos raios da lua, como se transportassem um casal de namorados.

No ano de 1864 vieram para Blumenau cinco húngaros, antigos kossuthianos. (NT: partidários de Luis Kossuth, 1802-94, que encarnou o movimento que transformaria a Hungria feudal em país constitucional). Dentre eles estava o Dr. Michael Klempa, que conquistara a confiança e respeito de quantos o conheciam pela sua nobre educação e franqueza. Algumas semanas depois ele voltou ao seu solitário rancho, cerca de 6 horas rio acima, depois de uma visita à esposa que permanecera em Blumenau. Compartilhava esse rancho com um patrício seu, a quem havia pouco ele reconhecera por compaixão, de nome István Geöcze de Szendröi, ex-Tenente dos insurretos húngaros. A 19 de maio, Geöcze veio a Blumenau com a notícia de que o Capitão Klempa desaparecera havia dias. Todas as buscas resultaram infrutíferas. A 25 de maio, porém, um ajudante de agrimensor divisou um objeto branco sobre uma pedra, no meio do rio, pouco distante do rancho de Klempa. Foi até lá de canoa e verificou que se tratava de uma mão de homem decepada. Os agrimensores, horrorizados, passaram a pesquisar por perto e descobriram outras partes cortadas de um cadáver. A polícia, então, passou a dar minuciosas buscas, de canoa, pelas margens e, por fim, encontrou também a cabeça de Klempa, barbaramente assassinado. Bem abaixo do olho direito verificou-se um ferimento à bala, ao redor do qual a pele estava chamuscada de pólvora, prova que o tiro fora dado a queima-roupa. Fortes suspeitas caíram sobre o Tenente Geöcze como sendo o autor dessa horrorosa morte. Ele foi preso e levado para Blumenau. (NT: Geöcze foi condenado no primeiro júri por 9 dos 12 votos; no segundo júri foi absolvido por falta de provas).

Com fundadas razões pode-se esperar um futuro promissor para a Colônia Blumenau. O número e o bem estar da população aumentam de ano para ano. A ligação de Blumenau para o noroeste com a Colônia de Dona Francisca e para sudoeste com a Colônia de Pequeno Itajaí, será uma realidade em curto espaço de tempo. Em virtude dessa união de colônias sobre um território que se iguala à superfície de alguns reinos europeus, o elemento germânico em Santa Catarina será o núcleo de uma população forte e trabalhadora que levará a atualmente pouco importante província a um alto grau de desenvolvimento agrícola e comercial e bem assim transformará a região serrana, até agora pouco povoada, de grande significado para o Império. Há ainda duas condições a serem preenchidas para promover-se um meio mais fácil de comunicação com a Colônia Blumenau: a primeira é a construção de uma boa estrada para a barra do Itajaí e a segunda é o tráfego regular entre a Vila da *Barra* com as capitais do Império e das Províncias. A última pode ser facilmente resolvida com uma linha regular de vapores costeiros entre o Rio de Janeiro e Santa Catarina.

No meu regresso ao Rio de Janeiro encareci junto ao ministro da Agricultura a escala desses vapores no porto de Itajaí e o ministério entrou em entendimento com a respectiva companhia de navegação. Esta determinou, para experiência, a escala de um vapor no porto da Vila de Itajaí, mas exigiu como indenização pelo tempo e despesas relacionadas com o estabelecimento de uma escala regular naquele porto, uma subvenção tão exorbitante que o Governo logo de início teve que abandonar o projeto. Que as negociações voltem, mais cedo ou mais tarde, a se estabelecer é de todo duvidoso.

À tarde, antes da minha partida, visitei ainda os mais pitorescos pontos dos arredores da povoação e, com especial carinho o belo e também, sob o ponto de vista botânico, interessante jardim que Dr. Blumenau conserva com cuidadoso afeto. Esse jardim proporciona ao homem tão cheio de atribuições quase que o único recreio e ali, às vezes, para esquecer as suas preocupações,



Café / *Kaffeepflanze*

ele descansa à sombra do majestoso *Pandanus*, que ele plantara há anos.

Depois de uma permanência de oito dias, empreendi a viagem de regresso a 25 de fevereiro. Às 9 horas da manhã deixei a Colônia em companhia do Dr. Blumenau.

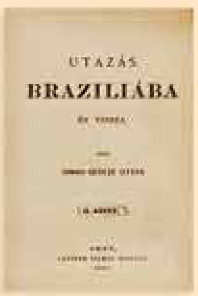
A viagem pelo vale decorreu com relativa brevidade. Paramos na velha Colônia Alemã em casa do colono Schramm, por todos respeitado e estimado, o qual poderia estar em muito melhor situação, não fosse a sua imensa hospitalidade que às vezes era paga com ingratidão. Também paramos em casa de Leander para um descanso durante as horas mais quentes do dia e, dali, sem mais interrupções, seguimos até a Vila, aonde chegamos às 8 horas da noite.

Como já dissemos, há no Pequeno Itajaí também uma Colônia alemã. Foi fundada em 1860, por ordem do Governo Imperial, pelo então presidente da Província de Santa Catarina, Sr. Francisco Carlos de Araujo Brusque, e denomina-se Colônia Itajaí-mirim, mas comumente chamada Colônia Brusque.

Não pude visitar essa jovem Colônia porque devia estar, num prazo determinado, em Desterro para não perder o vapor para o Rio Grande.

Szendröi Geöcze István





Szendröi Geöcze István Gyula Ignác Vince (Bácska, 1836 - Nagybánya, 1900) emigrou para a América em 1864 chegando ao Rio de Janeiro em 11 de março. Veio a Santa Catarina e após breve estadia no Desterro seguiu para o Vale do Itajaí com 4 outros companheiros: Michael Klempa, Ludwig Endrenyi (voluntário na guerra do Paraguai), Alvinezy e Ibranyi. Estabelecem-se acima de Blumenau. Szendrói, como Michael Klempa, seu superior, pertenciam à nobreza húngara. Ele fizera seus estudos jurídicos na Universidade de Pest (1853-57). Logo em seguida, a impetuosidade da juventude fez com que ele e outros companheiros se engajassem nas tropas de Garibaldi. Klempa deixara em Budapest sua esposa Laura Mikovenyi Klempa. Em Blumenau sabe-se que tinha como mulher Clothilde Thaler. Em 19 de maio de 1864, quinta-feira à noite, Szendrói informa que Klempa desaparecera. Uma semana depois o agrimensor federal, Breithaupt, descobre partes do corpo de Klempa sobre o rochedo de um rio, localizando pouco abaixo a cabeça de Klempa onde sob o olho direito havia uma ferida causada por um tiro de calibre comum, dado a queima-roupa, com traços de queimadura e pólvora. Szendrói foi, então, acusado de ser o autor, sendo preso e levado a Blumenau para julgamento.

Absolvido por falta de provas contundentes, retornaria à terra natal. Constituíra-se no 1º crime julgado em Blumenau; von Tschudi cita em seu relato. Dr. Blumenau manifestara-se sobre o assunto sem dar opinião. Igualmente Ferreira da Silva, com a opinião de que Szendrói fosse inocente.

Em 1869, ao publicar sua Viagem ao Brasil e Retorno*, recebeu de presente da Rainha Izabel da Hungria, um broche de diamantes. Sabe-se que nos anos seguintes fez brilhante carreira militar e, em 1894, residindo em Budapest, era considerado um dos fundadores da literatura militar húngara.*

O texto húngaro foi traduzido para o português através do eminente escritor Paulo Rónai (Budapest, 1907 – Nova Friburgo, 1992).

Utazás Brasiliába es Vissza / Viagem ao Brasil e Retorno, *de I. G. de Szendröi foi publicado em dois volumes na Hungria em 1869, em edição de Vilmos Lauffer Pest. O primeiro volume relata sua vinda da Europa ao Brasil, sua estadia no Rio de Janeiro e sua viagem a Santa Catarina. O segundo volume dá conta de suas experiências catarinenses, especialmente de Desterro, Itajaí e Blumenau, de sua volta ao Rio de Janeiro e de seu acidentado retorno ao velho continente.*



Prefácio de Paulo Rónai

Os livros de viagem geralmente começam por expor os motivos e a finalidade da expedição. Do motivo e ocasião que nos levou a empreender esta viagem longínqua à terra do Brasil é o título que encabeça o capítulo inicial da notável *Viagem à Terra do Brasil* de Jean de Léry. Nada semelhante no começo da obra de István Geöcze que abre - *in medias res* - pelo embarque em Gênova e termina pelo desembarque em Marselha. O nosso autor é de discrição surpreendente em tudo o que diz respeito a ele próprio, suas origens, seus antecedentes e os motivos da aventura que o levou a país tão distante de sua terra natal. Gostaríamos de vê-lo (Szendröi) mais comunicativo. Assim tivemos de buscar quase todos os seus dados biográficos na indispensável obra de consulta – *Magyar Írók Élete és Munkái / Vida e Obra de Escritores Húngaros*, de József Szinnyei, Budapest, 1894, vol. III, págs. 1131-1135.

A primeira metade do século XIX não era apenas a época do movimento romântico; era ela própria, uma idade essencialmente romântica. As guerras napoleônicas, as lutas da independência grega, a insurreição polonesa, as diversas revoluções de 1848 mantinham acesa a imaginação de grande parte da mocidade européia.

Dessa fazia parte István (Estêvão) Geöcze de Szendröi, filho de advogado nascido em 25 de julho de 1836 em Bácska, condado de Zemplén, na Hungria do Norte. Tinha 12 anos quando estourou a guerra da libertação da Hungria do jugo austríaco; 13 quando essa luta foi afogada em sangue pela aliança da Áustria e a Rússia dos tsares. Seguiu um período de opressão, em que a vencedora, suspensas todas as garantias constitucionais, exerceu sua vingança de maneira inexorável: foram executados 13 generais do exército húngaro e muitos políticos civis; numerosos outros patriotas pagaram senão pela vida, pelo confisco de seus bens e por longas penas de prisão pela participação no que o Governo imperial teimava em qualificar de "motim"; os 600 mil soldados da revolução foram incorporados ao exército imperial.

O jovem István Geöcze não podia esquecer suas lembranças de luta e de perseguição; devia seguir com apaixonada atenção todos os movimentos liberais que visavam a por em xeque a hegemonia da Áustria. Senão como teria – depois de feito estudos secundários e universitários de Direito -, em vez de abraçar uma carreira em seu país, ter deixado a Hungria e aderido ao exército de Giuseppe Garibaldi, que lutava pela libertação e a unificação da Itália? Às lutas incessantes do Libertador alternavam triunfos e derrotas; uma dessas, talvez a mais dolorosa, foi a de Aspromonte, em 1862, em que a marcha de Garibaldi para Roma foi interceptada pelas tropas de Vitor Emanuel e ele próprio se viu feito prisioneiro. Suas tropas dispersaram-se para só voltar à luta em 1866. István Geöcze tinha-se distinguido nas operações de guerra da Sicília e de Nápoles; Segundo-Tenente, depois Primeiro-Tenente do corpo da guarda do general, era Capitão do primeiro regimento de zuavos quando, durante a paz forçada, se desligou de Garibaldi. Não podia, porém, por motivos óbvios, pensar em voltar à pátria. Ainda não se entrevia o compromisso, que, em 1867, mediaria a paz entre a Áustria e a Hungria, restabelecendo a constituição húngara. Foi quando teve a idéia de emigrar para o Novo Mundo e tentar a fortuna no Brasil. Desse passado de guerreiro quase não há nenhum vestígio em seu livro de viagem; apenas acidentalmente registra o encontro casual, a bordo, com o antigo companheiro garibaldista, e alude uma vez, laconicamente, aos sofrimentos da campanha da Sicília e de Nápoles.

Quanto ao resto, é extremamente reticente. Assim, por exemplo, nada diz de concreto a respeito dos companheiros de viagem que o escoltaram em sua aventura brasileira.

Mantém a mesma discrição a respeito das poucas semanas passadas no Rio, onde desembarcou em 11 de março de 1864 depois da viagem relativamente tranquila de dois meses. Das pessoas encontradas nessa cidade menciona apenas o Senador O. Th., a quem trouxera uma carta de recomendação. Este recebeu-o com toda a cordialidade e não lhe poupou conselhos úteis. Explicou-lhe que, não estando o Brasil em guerra no momento, em seu exército não havia lugar para oficiais estrangeiros. A profissão de comerciante era-lhe vedada pela falta de um capital inicial. Pensou um instante em abrir uma escola em Niterói; mas não teria de que viver enquanto tratasse de reunir os alunos.

Restava, pois, a solução adotada por muitos imigrantes: solicitar uma gleba do Governo do Brasil e fazer-se colono. István Geöcze, segundo nos conta, sabia três línguas latinas e já começava a entender o português; mas, por causa dos companheiros, que só entendiam o alemão, concordou em estabelecer-se em Santa Catarina.

Empenhado em dar o relato fiel de quanto



Epidendrum conspicuum

viu, István Geöcze, desde as primeiras páginas, relata fatos de preferência a meras impressões pessoais. Descreve pormenorizadamente paisagens, animais, plantas, costumes e tradições locais. Não é um viajante despreparado: consultou livros no tocante à história, ao censo, à economia, à geografia do Brasil. Elogia a Constituição e ressalta a boa situação financeira do país. Refere-se com louvores ao caráter ameno dos habitantes. Assinala como principal defeito da população a indolência e como primeira virtude o cavalheirismo. Tem idéias acertadas acerca da questão da escravatura e de sua solução. Surpreende-se com a confusão de cores e de ruídos do Rio de Janeiro; registra com algum assombro a liberalidade dos costumes do clero.

Se não é escritor, é pelo menos pessoa de boa cultura média, como o atestam também suas citações em línguas estrangeiras. No esforço de descrever com plasticidade, recorre frequentemente à comparação com as paisagens, a flora e a fauna de sua amada Hungria; ou então emprega imagens da mitologia greco-latina, nem sempre evocadas a propósito, mas que constituíam então o enfeite obrigatório de qualquer narrativa de alguma pretensão.

Na segunda parte da obra, esta que se lê aqui, dominam as mesmas características. Além de inúmeros registros relativos ao dia-a-dia em Santa Catarina, merecem destaque as observações ponderadas do nosso viajante quanto à escravatura e ao abolicionismo.

Ainda nessa parte, continua ele reticente no que diz respeito a seus contatos pessoais. A única pessoa a quem designa nominalmente é Dr. Blumenau, a quem conheceu e a quem não poupa elogios.

Os capítulos finais merecem interesse particular pelo que informam sobre os percalços da viagem Brasil-Europa: toda travessia era uma verdadeira odisséia e facilmente podiam durar 70 dias ou mais.

Uma levíssima alusão no fim do volume permite-nos adivinhar o que levou o ex-Capitão dos zuavos de Garibaldi a abandonar a vida edênica que desfrutava na mata virgem de Santa Catarina: foram os acontecimentos políticos da Europa. A derrota da Áustria na guerra com a Prússia e suas graves perdas territoriais na Itália forçou o Governo de Viena a procurar a reconciliação com seus antigos inimigos. O passaporte italiano e o passado garibaldino ja não eram obstáculos à volta à Hungria. No coração de István Geöcze a saudade da pátria falou mais alto do que a voz dos trópicos deslumbrantes. Mal chegado à Hungria, obteve em 1867 (o próprio ano do Compromisso) um posto de redator na Presidência do Conselho.

Em 1869 não somente pôde publicar sua *Viagem ao Brasil e Retorno*, em que confessava abertamente o seu passado garibaldino, como – *mirabile dictu!* – ganhou com ele um presente altamente estimulante: um broche de brilhantes da Rainha Isabel. Os tempos estavam bem mudados...

Quanto ao resto de sua vida, sabemos que em 1870 foi admitido no exército húngaro com patente de Primeiro-Tenente; em 1873, nomeado professor da Academia Militar Ludovica; em 1876, promovido a Capitão e, em 1884, aposentado, consagrando-se daí em diante a estudos de história militar. Além de inúmeros artigos publicados em diários e revistas, aproveitou seus conhecimentos de língua para traduzir livros especializados de vários idiomas. Segundo informação de nossa fonte, em 1894 (data da publicação do vol. III de *Vida e Obras de Escritores Húngaros*), residia em Budapest e era considerado um dos fundadores da literatura militar húngara.

Esta publicação parcial de sua obra principal, testemunho de sua aventurosa mocidade, no país onde viveu e amou, representa merecida homenagem à sua memória, na qual gostosamente tomei parte pela tradução destas páginas.

Sítio *Pois é*, maio de 1985.

Viagem de barco a Itajaí. *Itapocoroia*. O pescador negro. A foz rochosa do Rio Itajaí. Entrada perigosa. Os urubus. Panorama desde a barra do Rio.

Para podermos continuar a viagem, o agente pôs à nossa disposição um barco de três velas, equipado de um velho piloto e de dois ajudantes.

Partindo às três da tarde, custamos a sair do Estreito (no Desterro), porque o vento Sul estava fraco; mas quando, ao pôr do sol, alcançamos a ilhota do Norte, onde milhares de aves pescadoras se apressavam em ocupar no meio de grande algazarra seus lugares de pouso noturno, esse mesmo vento foi-se fortalecendo e nos levando de velas enfunadas direto ao Norte ao longo da costa.

À medida que a escuridão descia, fomo-nos adentrando no mar aberto para garantirmo-nos contra os recifes salientes da costa.

O barco não era bastante grande para a gente se deitar: tivemos de passar a noite sentados na friagem do mesmo vento que por volta de meia-noite ganhou ainda mais força.

À deliciosa luz das estrelas, as florestas longínquas e os recifes da costa envolviam-se em brumas; aqui e ali luzes acesas assinalavam as casinhas esparsas da região.

De vez em quando uma onda descortês vinha proporcionar-nos um fresco banho noturno, mas preferimo-lo à acalmia que nos teria obrigado a permanecermos em pleno mar por mais três ou quatro dias.

Depois de longa viagem marítima eu me julgava livre de enjôo, mas pela madrugada voltei a sentir vertigem, coisa bem natural, pois uma embarcação, pequena como era a nossa, balança nas ondas bem mais do que um navio grande.

Às dez da manhã do dia seguinte avistamos o monte *Itapocoroia*, palavra que significa monte pedregoso (*ita* = pedra, *pocoroia* = morro), na língua dos índios *Tupinambá*, habitantes dos Estados de São Paulo e Santa Catarina, de ferocidade inimaginável.

Em alto mar topamos com um pescador negro, em pé em sua canoa entregue ao jogo das ondas violentas. Com os pés afastados para ganhar apoio maior, erguia-se rígido que nem uma estátua, mal mexendo o busto. As duas mãos seguravam pelo meio uma vara comprida de pontas armadas de farpões em que enfiava os peixes a seu alcance com habilidade descomunal. Esses pescadores da costa tentam aproveitar os dias ventosos, quando se pega mais peixes.

Às duas da tarde chegamos à barra do Rio Itajaí (= rio pedregoso) que se estende até a foz no meio de rochedos.

Ao entrar no mar, o Itajaí forma com este ângulo quase reto. Perto da foz seu curso é num trecho bem longo, por assim dizer, paralelo à beira-mar, da qual é separado apenas por estreita língua de terra. Algumas centenas de passos antes da foz, impedido pelos rochedos da barra de prosseguir em direção ao Sul, vira-se de repente para Leste e entra em luta estrondosa com as vagas do mar.

O nosso barco se fez caminho por entre os vagalhões que se quebravam nos rochedos, coisa tanto mais perigosa por não ter chegado ainda a maré. Sacolejando pelas águas, ele teve de avançar entre recifes mal cobertos de água, que chegaram a roçar-lhe de vez em quando os flancos.

Mas o velho piloto conhecia bem o seu caminho aquático e empurrou a canoa ora à direita ora à esquerda no meio dos sorvedouros espumosos, entre as ondas que se esfacelavam nos recifes. Recolhera duas das três velas e mandou que nós quatro também remássemos junto aos dois ajudantes, às vezes só à direita, outras vezes só à esquerda como era preciso para evitar os rochedos e os redemoinhos, até que finalmente logramos passar entre essa Cila e essa Caribdis do Novo Mundo.

Estávamos todos tão cansados que o piloto, aportando na margem esquerda da língua de terra, achou bom conceder-nos um descansozinho. Os ajudantes aproveitaram o pouso para almoçar. Tiraram do farnel carne assada e farinha de mandioca, essa última guardada em panos limpos. Puseram a farinha numa casca de coco e, molhando-a com a água pura do rio transformaram-na em pirão frio e puseram-se a engolí-la gostosamente, reforçando o apetite com cachaça trazida em cantis. Terminaram a refeição fumando os cigarros costumeiros, enquanto eu fui dar uma olhada ao lindo horizonte desde o cume de um montículo formado pela acumulação da areia.

Mal saí do barco e me aproximei daquele cômoro, acordei de seu sono meridiano um grupo de aves pretas, de bico recurvo e unhas aquilinas. Ao ver pela primeira vez aqueles voláteis sujos, de aspecto repelente,

julguei ter encontrado os descendentes das harpias de Fineu. A maioria nem levantou vôo, limitando-se a evitar-me a passos lentos a pequena distância. Essas aves chamadas urubus são muito numerosas no Brasil e se alimentam de peixes, insetos e, sobretudo, carniça.

Na parte de fora da língua de terra encontrei também algumas lindas conchas; mas o que mais me interessou foi a paisagem vista do alto das dunas.

Era um glorioso dia de sol. O mar que se estendia bem longe refletia o lindo azul do céu, emblema do infinito. As ondas convulsas do mar chegavam às vezes até a mim através da areia brilhante, enquanto o estrondo perpétuo das águas se fazia ouvir com mais ou menos força. Na foz do rio ergue-se uma rocha abrupta, cujas murtas e densos arbustos sombreiam abismos hiantes e rochedos salientes como que lhes escondendo o horror. Na entrada, as lianas compridas pendentes das árvores de outro monte íngreme da costa direita, chegam a roçar às vezes os vagalhões arrebatados. O contraste da barra estrondosa com a região circundante lembra o das portas do Inferno com os encantos da Arcádia.

O Rio Itajaí, que nesse ponto tem a largura de uns mil passos, é ladeado de belos laranjais, possantes mamoeiros, cedros enormes, plantações de café e de cana de açúcar, rodeado de mata virgem por toda a parte. Bambuzais densos, entremeados aqui e ali de palmeiras enormes e copadas figueiras que hospedam centenas de papagaios barulhentos; alguns cumes altos que dominam a massa da floresta, o cimo do monte *Itapocoroia* recortando-se azul nos longes – todo esse conjunto constitui panorama variado e ao mesmo tempo harmonioso para o maior paisagista do mundo a escolher como assunto de estudo. Bem que este poderia idealizar tranquilamente essa região encantadora introduzindo nela as fadas do oriente, os faunos, o Pastor Cadmo com sua flauta, Diana a caçadora, as ninfas das águas e Vênus a sair fúlgida das sombras oceânicas.

Galho de laranjeira como vela. O Rio Itajaí e seus afluentes.

Refeitos do cansaço, nossos marinheiros voltaram a içar as velas para continuarmos o nosso caminho rio acima com o auxílio do vento do Sul.

Foi quando vi pela primeira vez usar-se galho a guisa de vela. Um menino transportava farinha de mandioca de um lado para outro do rio numa canoa estreita. Na falta de velas, fincou na proa um frondoso galho de laranjeira e com a ajuda deste, corrigindo apenas de vez em quando com a pá do leme o rumo da embarcação, transpôs o rio largo em poucos minutos.

O Rio Itajaí origina-se no meio dos cumes selvagens da serra de *Paranapanema*, mas até agora não se conhece exatamente o lugar de sua nascente, pois por enquanto só lhe é conhecido um trecho de aproximadamente dois dias de marcha, não, porém a parte superior.

Os seus afluentes, os rios *Pequeno, Testo* e *Benedito* passam também por terras ainda não descobertas.

Os índios selvagens: os *Tupinambá* ou bugres. Sua força, seu modo de viver, seus ataques, seu ódio irreconciliável aos brancos, seus atos de crueldade. Os escravos que lhes servem de guia.

Essas regiões desconhecidas já fazem parte do habitat dos índios *Tupinambá*, que empreendem frequentes saídas de suas matas contra as colônias vizinhas menos povoadas.

Os *Tupinambá* são chamados pelos portugueses de bugres, nome usado em Santa Catarina como alcunha para designar pessoas atarracadas e robustas. Seria difícil determinar o sentido primitivo da palavra, pois os *Tupinambá*, por sua vez, aplicam-na aos brancos, pelo menos quando os atacam aos gritos de “bugre”. Eles constituem uma das tribos índias mais selvagens do globo.

Antropófagos como os *Guarani*, mais cruéis que os pele-vermelhas dos Estados Unidos, são menos altos que os demais índios do Brasil, mas excelem em força e habilidade.

Não usam tendas, nem vestimenta alguma. Seus homens e suas mulheres andam nus no sentido exato da palavra; apenas o cacique veste camisa grossa tecida de fibra mole a guisa de emblema real, uniforme de gala que mal lhe cobre o peito e os quadris e cuja manga desce apenas até o cotovelo. Só esses chefes de tribo têm o direito de ornar a cabeça com penas.

Suas pernas vigorosas, seus braços de músculos de ferro e suas largas espáduas poderiam servir de modelos de força. Seu rosto é bem mais claro do que o dos índios da Amazônia, antes amarelo do que de cor de cobre. Só os velhos usam barba, bastante rala enquanto os cabelos de ébano, espessos e desalinhados, chegam quase aos quadris, mesmo nos homens. O rosto, mais protuberante que a testa, é de formato oval regular, o nariz adunco, aquilino.

A vivacidade do rosto bravio, os olhos fulmíneos, os cabelos compridos soltos ao vento fazem dos bugres o terror das matas.

Eles passam com agilidade descomunal e a rapidez do raio por montes e vales, pauis e bambuzais, por entre lianas de toda a espécie que cobrem *léguas* da floresta e por onde o caçador mais jeitoso só progride a duras penas, forçado como está, a cada cinco ou seis passos ou a ficar de quatro no meio dos parasitos e dos cactos e avançar a custo rasgando a roupa, ou a abrir caminho com o seu facão no meio da vegetação. Sentem-se à vontade tanto nos rochedos cobertos de mato espesso, como entre os galhos folhudos das árvores ou entre os arbustos picantes, onde começam os esconderijos dos macacos e dos tigres; agarrados a um ramo pendente, como os macacos, lançam-se a voar acima da mata ou então serpenteiam, que nem cobras entre as raízes da mata grossa.

Só acendem fogo quando se encontram em grupos maiores. De noite se alojam, sobretudo na estação chuvosa, em árvores de certo porte, em cujas cavidades escondem os objetos roubados dos colonos. Sua comida são as frutas e os animais da mata.

Homens, mulheres e crianças perambulam juntas por essas terras em que eles são os únicos a conhecer bem. Quando chegam perto das plantações de uma Colônia mais isolada, emboscam-se por trás das folhagens para depois lançarem nos trabalhadores confiados suas flechas que nunca erram o alvo; quando se sentem com superioridade de forças, atacam abertamente.

Em geral sentem ódio irreconciliável ao europeu. Não se sabe de casos em que tivessem agraciado a seus prisioneiros brancos, que executam sempre por meio das torturas mais cruéis. Às vezes, em alguma de suas saídas, pegam escravos de origem índia, que não matam, mas carregam consigo: estes depois passam a vida no meio deles e tomam parte em seus ataques aos brancos.

Não raro servem-lhes de guias escravos fugidos que, abandonando os donos brancos, voluntariamente se lhes juntam. Graças a esses escravos que mais de uma vez fogem para o mato com o fuzil do senhor, os bugres já começam a conhecer o uso das armas de fogo, o que, com o tempo, há de torná-los ainda mais temíveis.

A apenas meia légua da costa já se encontra índios dessa raça que, em vez de se embrenharem mais a fundo no mato, dirigem ataques cada vez mais audaciosos às colônias menores. Em São Paulo, Santa Catarina e Paraná, algumas destas foram completamente destruídas.

Destruição da Colônia *Nova Itália* pelos bugres. Motivo do ódio feroz dos índios. Missionários entre os *Tupinambá*. Tirania dos senhores portugueses. Prosseguimento da obra de Pizarro.

A recente Colônia *Nova Itália*, organizada pelo Cônsul italiano de Santa Catarina, apenas dois meses depois de fundada, foi exterminada em poucas horas. Escaparam apenas três pessoas que, por sorte delas, não estavam em casa. As demais foram trucidadas da maneira mais terrível, sendo que a uma infeliz futura mãe arrancaram-lhe o filho do útero.

O ódio desenfreado do índio provém do tempo em que os portugueses desembarcaram na terra pela primeira vez.

Durante muito tempo, o clero português combateu a desumanidade dos colonos vindos da Europa, que consideravam os índios encontrados no Brasil como outros tantos escravos a mais.

Os padres propunham-se converter as tribos à fé cristã, o que conseguiram em parte no Norte e no centro.

Grande parte de São Paulo foi conquistada não pelas armas, mas pela religião cristã. Os missionários, desprezando o perigo, foram à procura dos selvagens com apenas um bordão na mão. Se nove em dez pereceram, o décimo logrou conciliar a simpatia do cacique e, vivendo anos a fio no meio da tribo, executar a sua missão com maior ou menor êxito.

A maioria das tribos, embora criasse ojeriza a seus perseguidores brancos, guarda até hoje a lembrança dos missionários que procuravam agradar seus antepassados por meio de uma aproximação humilde e mansa. É por isso que, ainda hoje, os índios mais selvagens, de quem ninguém ousaria chegar perto por temer a morte certa, são procurados por um que outro frade de barbas brancas, com a cruz na mão. Arriscando a vida, eles conseguem às vezes, pelo menos em parte, pô-los em contato com contingentes do mundo civilizado.

No começo do século XVI, algumas tribos de índios brasileiros já estavam na iminência de aderir ao cristianismo, mas a tirania principiante dos novos senhores levou-os a criarem horror à religião deles também. O que não deixa de ser natural.

Os índios não são capazes de fazer distinções filosóficas entre a religião cristã e a ética adversa dos colonos.

Filhos livres da mata virgem, eles viam apenas que as ádvenas brancas tinham reduzido à escravidão não somente aqueles que conquistaram com a espada, como também aqueles que se aproximavam deles espontaneamente, confiados na palavra do Evangelho. Com efeito, quando o arcebispo da Bahia protestava contra a escravidão dos índios, que foi que lhe responderam os senhores cada vez mais prepotentes? "Afinal, em que essas feras revestidas de forma humana, diferem dos macacos das florestas? No fato de terem cabelos mais compridos na cabeça e menos pelos no corpo? No de serem capazes de emitir mais alguns sons em seus esconderijos do mato? Ou no de comerem crus sapos e cobras, antas e tigres, enquanto os macacos se limitam às frutas?"

Debalde alguns indivíduos de mentalidade mais elevada entre os invasores portugueses lembravam que, afinal de contas, os índios também eram homens feitos à semelhança de Deus. Se a civilização e a cultura fossem implantadas em seu meio aos poucos, por métodos brandos, eles poderiam tornar-se um dia cidadãos tão úteis à pátria comum como os descendentes dos próprios conquistadores. Tudo em vão. O próprio Tomé de Sousa, apesar de governador de plenos poderes, não pôde fazer valer suas convicções de humanista contra a imensa maioria. Só ultimamente foi proclamado como princípio que era proibido escravizar o índio indígena livre, ainda mais abatê-lo como a uma fera, a não ser que ele mesmo atacasse.

Infelizmente essa última lei só existe no papel, por ser muito fácil burlá-la, sob pretexto de autodefesa. Quem pode, com efeito, determinar se um bugre está atacando ou querendo atacar, antes que o abatam? Tanto mais que eles, com seus aparecimentos inesperados, inspiram pavor contínuo. É, aliás, do conhecimento público que os índios, em quem os brancos, de três séculos e meio para cá, só vêem inimigos a ser exterminados, só não atacam quando não têm certeza de êxito. A obra desumana de Pizarro, infelizmente, ainda prossegue pelo século XIX adentro. São proporcionalmente poucos nas duas Américas os índios admitidos ao seio da humanidade; o resto foi exterminado pelos conquistadores e continua a sê-lo em sua própria terra. Não é, pois, de espantar que o ódio dos índios aos brancos não esteja diminuindo.

As flechas dos *Tupinambá*. Suas relações familiares. Opiniões sobre sua religião. Suas assembléias. Suas mulheres e seus atavios. Os filhos. Relações de casamento. A portuguesa raptada. O bugre ferido na Colônia Blumenau.

Depois de um ataque bem sucedido a uma das colônias, os *Tupinambá* costumam destruir tudo, mas nada levam consigo com exceção dos objetos de ferro e de algumas miudezas.

Sem darem importância ao ouro e à prata, carregam, até o menor preguinho, os utensílios de ferro encontrados nas casas devastadas, para usarem-nos na confecção de suas flechas. Cuidam do ferro a ponto de retirarem as pontas das flechas do corpo dos animais abatidos a fim de usarem-nas em flechas novas.

Têm flechas de três espécies. Na caça de animais maiores usam pedaços de ferro achatados a martelo em forma de pá de jardim e do tamanho da palma da mão que fixam em varas lisas de 4 a 5 *pés* de comprimento e da grossura de um dedo, feitas de madeira dura e flexível, em geral de peroba. Para caça menor, utilizam setas miúdas de ¼ de comprimento, da grossura de um dedo miúdo, extremamente aguçadas com o auxílio de pedras, que fixam em finos cabos de bambu de 5 a 6 *pés* de comprimento, usados como lanças.

Quanto aos peixes e às aves aquáticas, caçam-nos com flechas de madeira leve e flexível, cuja ponta lisa ou estriada é também de madeira. Os arcos, feitos das melhores madeiras, têm no meio a espessura de um braço humano; a distância entre as duas pontas, isto é, a corda, mede de 6 a 7 *pés*. No centro do arco às vezes se avista o símbolo do Sol, rodeado de pedaços de pele de tigre. A corda é tecida de fibras torcidas ou de sarmentos.

Enquanto faz pontaria, o bugre mantém o arco em postura perpendicular. A ponta do arco fica à altura do olho esquerdo e ultrapassa o cocoruto do flecheiro de 1 ½ a 2 *pés*. Poucos europeus seriam capazes de esticar um arco desse tamanho de modo a lançar a flecha até 80 a 100 passos sequer. Entretanto o *Tupinambá*, recuando um passo com o pé direito, segura a ponta do arco entre os dedos do pé esquerdo e estica a corda com força e habilidade descomunais em um minuto, de tal forma que a madeira grossa se retesa entre seus dedos musculosos.

Permanece por alguns segundos numa imobilidade de estátua e solta a flecha, que atinge até alvos existentes a 200 passos de distância. Ao querer acertar uma ave pousada num galho alto, ele se deita de costas, levanta os pés juntos e com as plantas dos pés, entre os dois polegares, expele a flecha em direção ao alvo: atirando para cima abate o volátil alvejado. Acerca da religião e dos costumes familiares dos bugres pouco se sabe.

A julgar pelo desenho raiado do Sol, gravado de modo bastante primário em seus arcos, alguns concluíram serem eles adoradores do Sol, opinião que não se apóia em nenhum outro fato. Mais razão assiste aos que, embora admitindo que os elementos mais visíveis da natureza, entre eles a luz e o sol fonte de calor provocam o respeito de suas almas toscas, acham que nada permite crer na existência, entre eles, de noções religiosas nítidas.

É verdade que às vezes eles suspendem nas árvores altas do mato festões de bagas vermelhas com forma de rosários e outras vezes nos flancos das árvores, em determinada ordem, unhas de feras abatidas. Mas esses sinais referem-se não a idéias religiosas e sim às assembléias patriarcais da tribo.

É curioso constatar-se que às mulheres indígenas, embora careçam dos objetos mais necessários para protegê-las contra as intempéries, não falta a vontade feminina de agradar. Os mesmos festões de bagas vermelhas com que enfeitam as árvores servem-lhes para enfeitar os cabelos de ébano, os braços, o pescoço. Embelecidas por esses atavios, armadas de aljavas, rápidas na caça, elas rivalizam com os homens que nem outras tantas Dianas de cor. Manejam tão bem as armas como os seus homens, apenas usam flechas menores e mais leves.

Mesmo no meio dos maiores perigos seguem fielmente os maridos de um mato para outro e nunca permanecem por muito tempo no mesmo lugar; acompanham-nas os filhos menores, já capazes de usar o arco ou de passar os rios a nado.

Quanto aos filhinhos que ainda não conseguem locomover-se, carregam-nos em cestas oblongas feitas de fibras e suspensas nas espáduas por tiras. Só permanecem no mesmo lugar, junto a alguma fonte, o tempo necessário para darem à luz.

Os *Tupinambá* são monógamos, mas se o seu matrimônio fica sem prole, não tardam a escolher outra mulher.

Apaixonados, esses selvagens de vez em quando lançam olhares cobiçosos às mulheres portuguesas e, quando podem, raptam-nas. Não é raro sequestrarem crianças do sexo feminino. Em 1843, uma meninazinha de quatro anos, enquanto ia à procura dos pais pelas plantações à beira da floresta, desapareceu sem deixar vestígios. Os pais, desesperados, procuraram-na em vão. Só muitos anos depois, já mulher adulta, pôde ela fugir de seus raptores bugres. Quando, depois de errar muitos anos com os índios, chegou à região de onde fora raptada, as lembranças da infância despertaram-lhe na alma e, embrenhando-se no mato com os dois filhos bugres alcançou a casa paterna.

Nessa altura mal sabia balbuciar algumas palavras da língua materna. Para se dar a conhecer aos pais assustados, não parava de fazer o sinal da cruz e de gritar o seu apelido de criança, até que afinal, entre penalizados e alegres, reconheceram nela a filha perdida. Seus dois filhinhos, amarelos e desgrenhados, foram batizados e, com o tempo, aprenderam não só a falar, mas a ler e a escrever em português.

Quando os brasileiros conseguem pôr a mão em cima de crianças índias, em geral mandam-nas ao bispo. Aí elas recebem formação eclesiástica para depois poderem atuar como missionários entre seus irmãos selvagens. A catequese das tribos de Minas Gerais e do Norte, em geral, não se fez de outra maneira. A conversão dos ferozes *Tupinambá*, porém, até agora não foi conseguida.

Seu ódio aos brancos é tão implacável, sua desconfiança tão profunda que se recusam a entrar em contato direto ou indireto com eles. Outras tribos, ainda que hostilizem os portugueses, pelo menos em certos lugares e em certos momentos, consentem em trocar com eles peles de animais por atavios. Não assim os bugres. Quando se vêem em frente de forças superiores, desaparecem nos esconderijos da mata. Mas, quando se julgam mais fortes, passam imediatamente ao ataque.

Feridos e presos, não aceitam socorro ou comida de espécie alguma.

Certa vez, quando agrediram a Colônia Blumenau e foram repelidos, um deles ficou ferido no flanco e no pé. Com duas balas no corpo, conseguiu atravessar a nado o Itajaí e, chegado à margem oposta, logrou ainda andar uns cem passos, até que a perda de sangue o fez aluir-se. Alguns colonos atravessaram o rio numa canoa e alcançaram o fugitivo, que não quis aceitar deles nem bebida nem comida. Recusou-se a que lhe tratassem as feridas, nem sequer os deixando aproximar-se. Foi preciso grande esforço para desarmá-lo de suas flechas. Quando chegou sua ultima hora, pôs uma das mãos sobre a ferida do flanco e com a outra arrancou um capim do chão querendo com ele deter a hemorragia. Mas logo se esvaiu em sangue. Seus últimos olhares ainda refletiam desprezo orgulhoso.

Uma expedição contra os *Tupinambá*.

O Governo da Província vê-se obrigado frequentemente a recorrer a tropas do exército ou da guarda civil para proteger a segurança da população contra os índios.

Uma expedição dessas, em parte malograda, foi organizada em 1866. É que os bugres tinham atacado a freguesia de *Penha* de maneira tão fulminante que a guarda civil, que finalmente os repeliria, só encontrou no lugar ruínas e muitos cadáveres.

Passando a vigiar a Colônia, a guarda civil pediu auxílio ao Governo e, poucos dias depois, uma tropa expedicionária formada de uns 300 milicianos e de 32 membros da polícia permanente, guiada por um escravo inteligente que já passara como fugitivo uma temporada nas selvas, partiu em busca das tribos que ameaçavam a paz da região.

Os policiais iam sem os cavalos. Cada membro da expedição levava consigo carne seca, farinha de mandioca e cachaça suficientes para dez dias.

Entre as lianas e os galhos entrelaçados o progresso era dos mais lentos. O primeiro da fila, substituído de meia em meia hora, tinha de abrir caminho com facão. Ao chegarem a um rio, transpunham-no de dois em dois nas três canoas leves que carregavam consigo, perdendo na travessia a metade de um dia.

Passavam a noite em tendas, sem o direito de acenderem fogo, para não revelarem a própria presença. Era-lhes também vetado atirar em bichos ou sequer falar em voz alta.

A maioria dos milicianos não tardou a fartar-se do cansaço e dos incômodos da marcha. Na impossibilidade de acender fogo, tinham o rosto, o pescoço, o resto do corpo cheio de feridas causadas por picadas de mosquitos, os pés em sangue devido aos espinhos dos cactos e de outras plantas, as roupas rasgadas pelos galhos. Acabaram por desligar-se da expedição, voltando por onde vieram.

Só os soldados da polícia e 24 milicianos dos mais corajosos continuaram a marcha.

Ao meio dia do quarto dia, o escravo, que ia à frente, anunciou ao chefe estarem próximos da clareira onde os bugres costumavam reunir-se à sombra de uma figueira enorme e propôs à tropa que se abrigasse no mato cerrado enquanto ele ia inspecionar o lugar.

Voltou meia hora mais tarde, comunicando que uns 200 bugres, entre homens, mulheres e crianças, descansavam ao pé da frondosa árvore. Avistava-se entre eles um cachorro que tinham trazido da freguesia da *Penha*.

A primeira idéia, a de cercar a clareira e de prender os *Tupinambá* colhidos de surpresa, revelou-se logo inexeqüível. Com efeito, o chefe da expedição, reduzida agora a 156 cabeças, compreendeu que a sua tropa não bastava para cercar hermeticamente 200 selvagens. Eles iriam quebrar aquele anel fraco onde quisessem. Por mais confiança que tivesse na coragem de seus homens, não podia deixar de prever que os bugres, jeitosos, fortes e audaciosos, mal percebessem a própria superioridade numérica, iriam trucidar um por um os atiradores emaranhados no mato. Estes teriam desvantagem contra os silvícolas, ágeis que nem macacos, e as suas baionetas ser-lhes-iam de pouco proveito.

Havia, pois, a escolha entre retirar-se vergonhosamente, o que não queriam fazer de modo algum, ou, pelo menos, dar uma descarga por honra da firma.

Chegados à beira da clareira, os soldados que avançavam em fila indiana, tentaram cerrar fileiras para surpreender por uma descarga os inimigos no meio do seu descanso. Nem essa idéia, porém, pôde ser realizada completamente.

Com efeito, parte dos atiradores não logrou desvencilhar-se da mata em tempo. Não conseguiram cortar sem barulho os galhos que os impediam em progredir. O cachorro pôs-se a latir, e os índios, acordados, romperam em gritos ferozes, em que os atacantes percebiam nitidamente bugre, bugre, ba, bu!, sendo de se supor que essas últimas sílabas significassem “fuzil” ou “tiro”.

Assim, pois, a descarga projetada falhou. Os primeiros tiros explodiram quando nem um terço dos soldados atingira ainda a clareira. Os bugres, julgando terem sido atacados por uma força bem maior, escapuliram no mato impenetrável, desaparecendo logo de vista.

Em ocasiões como essa os selvagens começam a correr em todas as direções, que nem galinhas assustadas, tentando esconder-se por enquanto na mata para mais tarde reunirem-se noutro lugar mais seguro. Dessa vez a sua surpresa foi tamanha que, no esforço de se porem a salvo a si e a seus filhos, deixaram no lugar grande parte de suas flechas.

Para que eles não suspeitassem da pouca força da expedição, os portugueses acharam bom dar mais tiros, mantendo com o tiroteio a distância útil os selvagens acordados.

Naquele pouso os soldados recolheram quase 100 flechas de todos os tamanhos, algumas cestas, uns festões de bagos vermelhos e uma camisa de fibras. Poucos dias depois a presa foi levada a Itajaí e de lá ao Governo de Santa Catarina.

A camisa de fibras indicava ter havido um cacique entre os *Tupinambá*. Tinha a bainha bordada com fios de seda vermelha e linha preta comum, que os selvagens devem ter encontrado nalguma Colônia, pois ignoram tanto a seda como o linho, e fabricam fios só de fibras vegetais.

Faziam ainda parte da presa alguns objetos roubados: machados, facas e ferramentas menores.

“Santíssimo Sacramento Vila de Itajaí”. Os “dons”. O Comércio de Itajaí. Travessia dos rios. Preço barato dos cavalos. Seus cuidados e mantimentos. A sela e os arreios dos brasileiros. Mulheres e crianças viajando a cavalo.

Deixemos, porém, os bugres em suas matas e continuemos a nossa viagem pelo Rio Itajaí.

Antes de ir mais adiante, aportamos em frente da Vila de Itajaí, sita na margem direita. Seu nome completo é *Santíssimo Sacramento* Vila de Itajaí.

Os portugueses gostam de nomes compridos tanto de cidade como de pessoas e seus descendentes brasileiros afeiçoam a partícula de, embora haja poucas famílias nobres que se possam distinguir das plebéias pelo título de dom. No entanto, esse atributo vem sendo usurpado em toda parte. Os descendentes dos heróis que no campo de batalha de Ourique proclamaram Dom Afonso Henriques primeiro Rei de Portugal (cujo pai, marido da princesa Teresa, espanhola, era segundo filho de um rei da casa dos Árpáds (NT: dinastia reinante na Hungria de 896 a 1301), e recebeu em dote o reino de Leão, que primeiro tinha de ser reconquistado aos mouros, são representados no Brasil por pouquíssimas famílias, as únicas a fazer jus ao título.

A Vila de Itajaí, sede do distrito do mesmo nome, foi fundada há apenas uns 30 anos e hoje já conta quase 3.500 habitantes.

Suas casas sem chaminés, muito espalhadas, são feitas em sua maioria de madeira. Apesar da passagem difícil da foz, o comércio local cresce dia a dia. Os artigos de exportação são ótimas madeiras de construção, pranchas e matérias-primas, como açúcar, café, mandioca, tabaco, peixe seco e couros. Os navios são frequentes entre o Rio de Janeiro e Itajaí. Alguns vêm mesmo da Europa, sobretudo de Hamburg. Embarcações de dois e três mastros, vindas dos portos alemães, trazem também os colonos alemães desejosos de se estabelecerem nas Colônias de Brusque ou Blumenau, para onde são levados de Itajaí em barcos pequenos ou em canoas.

O contato com a outra margem do rio é muito intenso, embora se faça da mesma maneira primitiva como em quase todas as regiões do Brasil: as pessoas são transportadas em canoas, os animais passam a nado.

Aqui como, aliás, em toda a Província de Santa Catarina, não há o menor vestígio de carros de qualquer espécie.

A mata virgem é atravessada, em geral, paralelamente à costa, por caminhos estreitos ou picadas, por onde só passam pedestres ou cavalos. Em toda a região não existe uma ponte. Nos pontos de passagem dos rios maiores há sempre de prontidão duas ou três canoas, providenciadas, assim como os respectivos canoeiros, pelas comunas próximas. Pagam-se dois vinténs pela travessia de um homem, quatro pela de um cavalo. Todo cavaleiro guarda, junto à sela, uma corda de 5 a 6 *braças* de comprimento; ao alcançar um rio qualquer, mesmo que seja da largura do Danúbio ou do Tisza (NT: os dois maiores rios da Hungria), põe a sela na canoa em que ele próprio se acocora, fazendo com que o cavalo, preso à corda, siga a nado. A única maneira de transpor rios é esta. Se porventura o cavalo se afoga, o viajante não terá perdido mais de 8 a 10 florins: na outra margem encontra logo montarias à venda.

No começo do século, no sul do Brasil, especialmente no Rio Grande, um cavalo custava em média 2 a 3 *florins*. De um tempo para cá, os preços estão subindo cada vez mais. Aconteceu-me certa vez fazer meu cavalo atravessar assim a nado o estreito de Santa Catarina por uns bons 10 minutos. O pobre animal, embora de raça curitibana, famosa em toda a América do Sul, começou a perder alento e por pouco não se afogou. Só a custo pude segurar a corda, até que, próximo à costa, o animal sentiu terra sob os pés e num último esforço pulou à margem. Aí se deitou imediatamente, dando-me a impressão de que nunca mais se reergueria. Apressei-me em cobri-lo com a minha capa para que não se resfriasse, precaução inútil, porque as águas de Santa Catarina são tão quentes que não dão para resfriar-se. Em todo o caso o pobre animal precisou de meia hora para aos poucos reanimar-se.

Os cavalos de Santa Catarina pertencem à famosa raça curitibana. De tamanho médio, esguios e perseverantes, sobem pelos atalhos íngremes da serra quase tão seguros como os muares.

A melhora da raça equina é muito favorecida pelas corridas organizadas em quase todas as tardes de domingo mesmo nas cidades menos importantes.

A alimentação dos cavalos é bem diversa da que se vê no Rio Grande, pois aqui faltam quase completamente pradarias e pastos. Na beira das florestas corta-se com foice a duras penas a alta grama chamada capim ou, onde esta faz falta, os galhos tenros das árvores novas, alimento que eles consomem alternadamente com cana de açúcar, farinha de mandioca e, sobretudo milho, pois o feno e palha não se encontram em parte alguma.

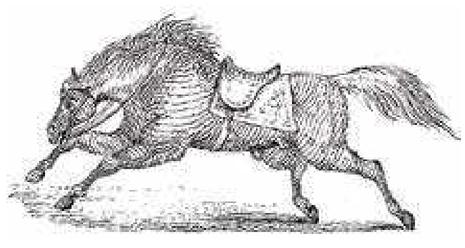
Dia e noite, em tempo bom ou ruim, os cavalos vivem ao relento. Não se constroem estrebarias, pois o pessoal contenta-se com currais, espaços amplos cercados de estacas e pranchas e que servem apenas para impedir que os animais fujam durante a noite.

A sela brasileira é uma reprodução fiel da sela de peles da planície húngara; só que a cilha que a prende é de palmo e meio de largura. O cavaleiro deixa a cilha bem frouxa, o que é muito bom para o animal. Embora pouco apertada, a sela não balança, pois é segura pela rabeira, tal como nos cavalos de tiro da Hungria.

O estribo, bastante comprido, é tão estreito que nele só cabe a ponta do pé. É muito comprida a rédea também, pois ao mesmo tempo serve de cabresto. Por onde que se apeie, o cavaleiro puxa a rédea para frente e prende-a a um poste ou galho, só desligando o bocal quando tem que permanecer muito tempo no mesmo lugar.

As mulheres cavalgam tanto e tão bem como os homens, não só as senhoras, que aprendem a equitação com particular afinco, mas mesmo as colonas mais pobres. Sendo o cavalo o único meio de locomoção, todos, sem exceção, precisam saber andar a cavalo. Crianças de cinco a seis anos, meninos e meninas, cavalgam com coragem e habilidade surpreendentes, acompanhando os pais mesmo em viagens de vários dias.

É um espetáculo interessante o de uma família em viagem, com o marido, a mulher, às vezes com um bebê no colo, os meninos e as meninas, assim como os avós formando uma caravana de cavaleiros.



Subida pelo Rio Itajaí. Cobras d'água. Troncos de árvores. Peixes. Jacarés pequenos. Aves aquáticas. O rio *Pequeno*. O inseto do vapor. Uma noite ao relento.

Partindo da cidade de Itajaí, continuamos a remontar o rio ora velejando, ora remando, conforme exigiam a direção do vento e as curvas do rio.

Logo acima da cidade as duas margens estão cobertas de espesso bambuzal, esconderijo de inúmeras cobras d'água, tartarugas e lontras. Ao nos aproximarmos das altas touceiras de bambus e de caniços, nossos remos atingiram as cobras que nadavam ao lado do barco.

Precisávamos de muito cuidado para evitar os grossos troncos de madeira que a água trazia da serra. Todos os colonos residentes à beira-rio, assim como toda a população da Vila de Itajaí, tira do rio a sua lenha, dispensados de colher gravetos na mata, pois a menor cheia arrasta grande quantidade de ramos que vai deixando em diversos pontos da margem, mais de uma vez a enchente traz cedros enormes que, largados na areia, secam em poucos dias e fornecem a melhor lenha.

Pouco acima dos bambuzais começa a mata virgem, só de vez em quando interrompida por casas de colonos ou de pescadores.

O peixe mais comum é a tainha, de um ou dois *pés* de comprimento e de ótimo gosto. Às vezes é tão abundante que se compram quatro ou cinco por um vintém.

Entre os outros peixes encontradiços no Itajaí e em seus afluentes merecem lembrança ainda o temblador, isto é, a enguia tremedeira, o pirarucu (*Arapaima gigas*) e a feroz piranha, de um pé a um pé e meio de comprimento, que agride com velocidade de flecha não só os outros peixes, mas também aves aquáticas.

Por não haver lagos maiores ao longo do rio que atravessa regiões acidentadas, encontram-se poucos jacarés salvo dos menores, de quatro a cinco *pés* de comprimento, bem menos perigosos do que seus parentes da Amazônia que atingem 18 a 19 *pés* (de 4 a 6 metros). A região é também riquíssima em aves aquáticas. Vêem-se constantemente, acima do rio, bandos de aves pescadoras, sobretudo umas que têm a cauda composta de apenas duas penas compridas, como a das andorinhas.

Garças e patos selvagens aparecem a cada passo. Bandos desses últimos, do tamanho de um ganso, às vezes chegam a cobrir toda a superfície da água. Um ganso mergulhador de cor preta, que costuma pousar em grupos nos troncos carregados pela corrente e catar os peixes que os acompanham distingue-se pela carne excelente.

Ao por do sol chegamos ao ponto onde o rio *Pequeno* deságua no Itajaí. Surgem laranjais, limoeiros de frutas do tamanho de uma cabeça de criança, palmeirais, coqueirais e bananais, ricas plantações de algodão, café e cana e, no meio deles, esparsas casas de colonos e uma venda de tamanho regular, que oferece comida e bebida e um galpão para pernoite dos viajantes.

Mas como o galpão estivesse cheio de ratos brancos e demais bichos impuros, parte de meus companheiros hospedou-se na própria venda. Quanto a mim, deitei-me ao pé do fogo feito pelos barqueiros entre os ciprestes de beira-rio, certo de que aqui não apareceria nenhuma cobra ou outro bicho nocivo e que a fumaça manteria a certa distância até os mosquitos.

Fui à venda buscar carne seca e mandioca e completei o jantar com algumas laranjas e bananas e um copo de chá mate.

À noitinha fui surpreendido por um fenômeno que até então desconhecia.

- " Escute" – disse ao velho piloto que estava soltando baforadas do charuto perto do fogo – "está chegando algum vapor".

Minhas palavras foram acolhidas por estranho sorriso. Como eu insistisse na observação, esclareceu-me que o barulho não vinha de nenhum vapor e sim do chamado "inseto do vapor", cujo zumbido, à noite, nos faria jurar que um vapor se aproximava ao longe, quando se trata apenas de um insetozinho zunindo a poucos passos do ouvinte.

A noite estava maravilhosa. As estrelas nadavam na luz mais pura. A não ser o barulho vindo ao longe de algum bicho noturno que eu desconhecesse, o farfalhar de asas de algumas bruxas grandes em volta do fogo, o tatalar das folhas das palmeiras e os gritos do pica-pau cor de tijolo e do tamanho de uma coruja, que se faziam ouvir quérulos de manhã e de noite no alto de uma palmeira, nada perturbava o silêncio comovedor que envolvia a escura mata, cobrindo com véu estrelado o sonho da mãe natureza.

De madrugada o orvalho caiu em gotas grossas, molhando nosso rosto completamente. O ar esfriado de repente impossibilitou o sono; levantamo-nos para reanimar o fogo.

Ao nascer do sol, forte vento Sul passou entre as árvores da mata, e, sacudindo as laranjeiras, fez cair as mais maduras de suas frutas douradas. Às nove horas da manhã, porém, o tempo nublado e ventoso deu lugar a uma acalmia completa sob os raios quentes do sol.

Prosseguimento da viagem pedestre ao longo do Itajaí. Os vaqueiros. As colônias e seus animais domésticos. Um espécime de cabra pequena. A criação dos porcos. A batata margarida. Plantações de fumo. O cultivo da cana. A produção caseira do açúcar. Méis-de-açúcar. Cachaças. O trigonocéfalo. Uma jararaca perigosa.

Tomado nosso lanche de café preto e pirão, tivemos de pensar na continuação da viagem. O barco que nos trouxera de Santa Catarina tinha voltado, e daí em diante, para chegarmos a Blumenau, só dispúnhamos de uma "montaria", isto é, de uma veloz canoa comprida e estreita.

De rio *Pequeno* a Blumenau, passa paralela ao rio, larga picada de pedestres, ao longo da qual, geralmente espalhadas pela praia, vê-se casas de colonos e plantações.

Foi esse caminho que eu e mais três companheiros escolhemos: na canoa, mal teríamos cabido e, não sendo obrigadas a seguir as curvas do rio, pudemos chegar mais cedo a Blumenau. Deixando as malas na canoa, mas levando nossas armas, enveredamos rapidamente pela picada.

O caminho levava-nos ora por vertentes suaves, ora por morros rochosos, ora por lugares planos. De vez em quando passávamos por casas de colonos, cujo quintal era cercado de estacas ou de uma cerca viva de ananás bravio para se guardarem mais facilmente os animais domésticos; só raramente se encontravam pastagens recortadas na mata, onde diversos proprietários pagam a um vaqueiro para tratar de suas rezes.

As rezes da região são particularmente bonitas. Pela cor avermelhada se parecem com as da Sicília, só que são maiores e têm chifres mais alto. Não possuem, porém, de modo algum, a mobilidade e a vivacidade dos novilhos da Hungria.

Em geral, os animais domésticos são mais mansos aqui do que os da Europa. Por vezes, encontrávamos um touro enorme (bois nem são criados, porque a economia campestre da região os acha indispensáveis) deitado ao lado do caminho, que nem se mexia a nossa aproximação, até que o enxotávamos com algum galho. Aí se punha a avançar na nossa frente que nem uma ovelha mansa, até atingirmos um alargamento da picada por onde pudesse apartar-se.

São igualmente inofensivos os cachorros descorados do país. Quando alguém se acerca deles, nem latem, apenas se abrigam nas casas com um ganido.

Essa inércia dos animais é atribuída por alguns, talvez não sem motivo, ao clima excessivamente úmido, que exerceria grande influência em seu sistema nervoso.

O mais vivaz dos animais domésticos é um espécime atarracado de cabras pequenas, frequente, sobretudo nos arredores da Vila de Itajaí. É um divertimento observar-lhes as cabriolas, enquanto com pulos furiosos obrigam os cães dos pastores a fugir. De resto são bichos bem acessíveis: basta acenar-lhes com uma espiga de milho ou um punhado de farinha para que ocorram de uma distância de 400 a 500 passos cabriteando com balidos engraçados e aguardem em dois pés o alimento prometido. Mas a sua simpatia pelos homens não se estende aos cachorros: ai do cão que elas conseguem cercar!

Ovelhas, pelo contrário, são muito raras devido à falta de pastagens e também por serem expostas, neste clima, a muitas doenças. Quanto aos suínos, criam-nos presos em estacas, sobretudo com as raízes e o tronco da batata-margarida, de folhas largas, plantadas para esse fim. Com tal alimento, os pequenos porcos pretos do lugar engordam rapidamente, mas a sua carne torna-se algo adocicada e o toucinho mole demais. As plantações de café e de fumo são espetaculares. O fumo é menos forte do que no Norte do Brasil por ser plantado geralmente em terra arenosa.

A maior benção da região é indiscutivelmente a cana de açúcar que atinge de duas a duas *braças* e meia de altura e dois a três dedos de grossura.

Seu cultivo é facilitado por várias circunstâncias. Cresce igualmente bem em terreno arenoso e argiloso; às vezes, podem ser plantadas duas vezes ao ano; não exige nenhum trato especial e pode ser produzida logo depois do desmatamento. Os troncos de árvore deixados no terreno não lhe impedem o crescimento, o que não é o caso de muitas outras plantas, que exigem limpeza total do solo.

É verdade que de uma só vez o açúcar rende menos que o café, mas em média dá até lucro maior, não sendo exposta a nenhum flagelo. Quando muito, os gafanhotos vem devastar-lhe as plantações em cada 6 ou 7 anos.

Uma vez plantada, a cana de açúcar não pede nenhum outro cuidado qualquer. Colhidas 5 a 6 meses depois, as canas são juntadas em feixes de duas a duas *braças* e meia de comprimento, os quais são cortados em duas ou três partes para serem colocados na prensa. O caldo espremido é depois fervido em caldeiras até a completa evaporação da água, ficando o açúcar no fundo em forma de pó amarelo. No momento da fervura mais alta, retira-se a escuma para ser guardada em vasilha especial. Espessada, ela dá o mel de açúcar mais saboroso, em nada inferior, quando fresco, ao mel de abelha mais puro. Dos feixes já prensados, tira-se cachaça forte.

Recomendava-se muita precaução na passagem pelo canavial, porque gostam de se esconder nele cobras venenosas de um amarelo cinzento e pardacento (*Trigonocephalus lachesis*), cuja picada é causa de morte inevitável. Além da arma, carregávamos também bengalas para nos protegermos eficazmente contra as serpentes que deslizavam pela nossa frente.



Tem que se cuidar das cobras bem mais nas veredas do que no mato mais denso, porque costumam abandonar seus esconderijos sombreados para gozar o calor do sol. Nos atalhos ensolarados vê-se ora uma cobra coral de colorido maravilhoso, ora uma jararaca preta, curta e fina, que se recolhe em anéis para dar o bote. Esta é a mais perigosa de todas as serpentes. Sua picada produz morte em dois minutos, a não ser que a parte picada seja amputada ou cauterizada imediatamente. Os colonos, mal enxergam um exemplar da espécie, atiram nele sem demora. Basta que uma parcela ainda que mínima de pólvora atinja o bicho, pois tem para ele efeito de veneno mortal.

Cobra gigante tomando sol no meio do caminho.

Durante toda a minha viagem vi uma única vez uma cobra gigante. Numa bela manhã de sol avançava com alguns companheiros rumo ao rio *Pequeno*. Montado numa belíssima mula branca precedia os outros de alguns passos pelo atalho de três ou quatro *pés* de largura, quando de repente ouvi gritos atrás de mim: "Guarda a jibóia!". (Sic)

Olhei para o chão. Diante de mim encontrava-se estirada no chão uma *Boa constrictor* enorme, balançando a cabeça angulosa de um lado para o outro, enquanto seus olhos irradiavam luz medonha. Só parte de seu corpo ingente ocupava a picada, o resto, de 20 a 25 *pés* de comprimento (6m), balouçava preguiçosamente ostentando ora as costas pardas, ora os flancos amarelos, ora o inchado ventre prateado e mosqueado.

No instante em que soou o grito, a mula, guiada por instinto natural, passou por cima da fera sem sequer roçar a pele daquela rainha dos monstros. Os que vinham atrás passaram pela direita, avançando à custa pelo mato. Nenhum teve a idéia de irritar o mostrengo com tiros; preferiram passar a toda a brida, embora convencidos de que a serpente estava tão inchada que continuaria inerne.

Os portugueses perceberam pela tensão dos anéis e pelo inchaço do ventre, assim como pelo balouçar do corpo, que ela devia ter engolido a presa havia uns 8 ou 9 dias, e mal começava a refazer-se do torpor da digestão. Embora não atacasse ainda os transeuntes, seria perigoso irritá-la.

Segundo o relato dos brasileiros, o horrendo olhar da jibóia como que petrifica os animais mais corajosos, paralisados por uma corrente galvânica, não conseguem mexer-se nem para frente, nem para trás.

Com os raios dos olhos ela imobiliza as feras das matas, mesmo as onças. Quando caçando outro bicho, recolhe de repente os seus anéis e se atira sobre ele de 4 a 5 *braças* de distância. Depois de esmagar a vítima, desaperta os anéis, desliza até o arbusto próximo e com a cauda enrola duas ou três vezes um dos galhos mais grossos.

A partir desse ponto de apoio volta ao animal morto, envolve-o de saliva e começa, com grande esforço, a operação de engolí-lo. Terminada esta, desenrola a cauda e estirando-se inerte cai no sono entorpecido pela digestão passiva. Só no nono ou décimo dia começa a acordar, mas leva até uns 15 dias a limitar seus movimentos e a balouçar-se, enquanto a energia vital não lhe volta de todo.

A floresta do tabuleiro. Lírios enormes. A cahoa à espreita das cobras. Os caracaraís. As digestão por mais alguns dias. Uirapongas. Os beija-flores. Ananás bravio. Os macacos. Assado de macaco. A macaca ferida e seu petiz. Goiabas e figos. O macaco capucino.

Além das plantações de açúcar ao Norte do rio *Pequeno*, a beleza da região é muito realçada pela variedade. Passamos por um tabuleiro de mato menos denso, onde moitas espessas de enormes lírios brancos cobrem o pé das árvores temperando o ar com seu perfume sublime; depois, pela escuridão da mata cerrada das curvas dos vales. De vez em quando ouvíamos do alto dos jataís e das goiabeiras a voz da cahoa à espreita das cobras passeando nas picadas, que parecia um grito humano vindo de longe. Outras vezes, nas voltas do caminho, bandos de caracaraís de penas vermelhas e azuis levantavam-se à nossa frente ou tanagras encarnadas esvoaçavam de um lado para o outro.



Frequentemente a voz aguda da araponga induzia-nos em erro. Ora julgávamos que estivesse pertinho numa árvore alta e se encontrasse a poucos passos, e estava bem longe; outras vezes conjeturávamos que estivesse bem longe e lá estava ela bem próxima de nós. O fenômeno deve-se ao fato de o canto da araponga soar muito forte no lado para onde ela se vira e quase inaudível no lado oposto.

Perto das nascentes de água com que topávamos por assim dizer a cada passo, inúmeros beija-flores, resplandecendo nas cores do diamante e da esmeralda em seus vôos rápidos, visitavam as flores do ananás e os cálices da *Ardisia purpurea*. O fruto do ananás bravio é mais branco e menos exageradamente doce do que do ananás de jardim, mas não é menos saboroso.

O cerrado é o lugar preferido dos macacos também. Raramente eles descem das árvores; pulando dos galhos de uma árvore para os de outra, passam o tempo todo nas frondes, aparecendo em terra por alguns minutos apenas, e ao menor barulho voltam a se esconder.

Mesmo sabendo-os trepados nos ramos com toda a certeza, não os podemos ver. Entre as moitas de cactos que surgem das bifurcações e dos ocos das árvores, dissimulam-se com tanto jeito que o olhar mais agudo não os pode perceber, e ficam escondidos até que o caçador se afaste bastante. Embora o assado de macaco com arroz e pimentão seja considerado prato delicioso, os portugueses não caçam muito esses bichos inócuos, salvo quando querem pegar um filhote, o que se consegue mais facilmente abatendo-se ou, pelo menos, ferindo-se a mãe.

Em 1865, vi pegarem desse jeito um macaquinho na floresta entre Santa Catarina (Desterro) e *Camboriú*. A mãe estava sentada no alto de uma figueira com o filhote no colo quando foi acertada por um colono português. O animal e o petiz caíram juntos no chão. Soltando gritos queixosos, o filho dava pulos à volta da mãe, a qual nem um segundo depois jogava para o céu com as palmas das mãos o seu sangue derramado, até que poucos minutos depois deixou de viver. A comida preferida dos macacos é a goiaba, cuja fruta, do tamanho de um pêssego, amarela, mole e adocicada abunda nessas florestas. Por onde passávamos víamos o chão juncado de goiabas atiradas pelos símios, que têm o mau costume de arrancarem dez vezes mais frutas do que podem comer; mas isso tem a vantagem de dispensar o caçador da dura tarefa de galgar as goiabeiras, de 18 a 20 *pés* de altura. A fruta da figueira assemelha-se ao figo da Itália, sendo menos doce. Nessa mata a gente poderia viver unicamente das frutas que os macacos atiram no chão.

Aproximando-se de uma figueira gigante, notamos de longe que os figos estavam caindo em abundância. Os galhos de cima estavam recobertos de cactos e bromeliáceas prateadas do tipo *Tilandsia*, cujos fios compridos e moles são utilizados na confecção de almofadas.

Detivemo-nos e por alguns instantes avistamos na vegetação cerrada da copa alguns exemplares bonitos de cebos capuchinhos a saquear alegremente a figueira. Embora não nos tivéssemos mexido, perceberam-nos e num átimo ocultaram-se, como se nunca lá tivessem estado. Mal pudemos entrever a cabeça de um deles, os cabelos pretos e o rosto de branco acinzentado cercado de barba castanha: mesmo este virou logo invisível entre os galhos enormes e a espessa folhagem.



Pouso na casa de um colono. O fandango.

Estávamos a meio dia de marcha de Blumenau, quando a noite nos alcançou, o que nos levou a nos dirigirmos a passos dobrados à casa de um colono das proximidades.

O proprietário era um velho alemão de Holstein, cujos filhos, porém, já falavam melhor o português do que a sua língua materna. Mal instalados, um tropel de cavalos anunciou-nos a chegada de alguns viajantes portugueses vindos de São José igualmente em busca de pernoite.

A casa do velho holsteinense era venda e ao mesmo tempo oferecia pouso a qualquer um por 6 vinténs.

Depois do jantar que consistia de chá, zuruma (couve-melão), carne seca de capivara e bananas, batemos papo com o pessoal da casa e os viajantes vindos de São José. Um deles pegou da viola suspensa na sela e tocou alguns fandangos da Bahia para divertir os presentes, já todos amigos. Tomando parte na alegria geral eu também convidei a dançar uma das lindas filhas do dono da casa.

O baile terminou por volta de meia-noite. Cansado pela marcha rápida, mal me mantinha nas pernas. Deitamo-nos no chão de terra da casa feita de vigas de palmeira, onde tínhamos dançado. A minha linda dançarina, segundo o costume brasileiro, fez fogo na peça para que os mosquitos e os carrapatos não nos perturbassem o sono. As paredes das casas de colono são feitas geralmente de vigas de palmeira fendidas no meio e superpostas. Não havendo chaminé, a fumaça sai pelo telhado e pelos interstícios das vigas. A fumaça efetivamente afastou os mosquitos. Depois de preparar nossas camas, isto é, depois de ter estendido no chão as esteiras e cobertores finos, a moça desejou-nos boa noite, e nós, exaustos, fomos dormir sem demora.

Duas espécies de batata: as raízes do aipim e da talha. A batata-doce, grande e vermelha por dentro. O pássaro pírol. O tucano de lindas penas.

Ao sairmos do cerrado, o sol já se estava pondo. Aproximamo-nos de mais uma casa de colono por entre plantações de cana de açúcar, milho, mandioca, aipim e talha.

O aipim é uma planta do tamanho do pirliteiro, de raízes de 2 ou 3 *pés* de comprimento, brancas por dentro, pesando 5 a 6 *libras*. De todas as espécies de batatas é a mais saborosa e como substituta do pão equivale à mandioca. Um espécime maior, chamado talha, tem as raízes bem mais duras e os pratos de que faz parte são de digestão mais difícil.

Luxuriante, um pé de aipim tem 6 a 8 raízes e seu cultivo requer pouco trabalho. A raiz, descascada e cozida em água, constitui alimento saboroso e presta-se à preparação de vários doces. A mandioca e as demais espécies de batatas são uma das bênçãos das florestas do Brasil.

Não é menos abundante a batata-doce, do tamanho de um coco e de miolo mole; cozida, conserva-se durante semanas e torna-se ainda mais doce.

Nas costas das vacas que pastavam nas cercanias vimos pousar muitos piróis; conseguimos abater dois desses pássaros



quando, com grande alvoroço, esvoaçavam em redor de seu ninho, de forma de saco comprido, suspenso num galho.

Daí a pouco já estávamos de novo na mata, e perto de uma cascata nossa atenção foi atraída pela voz melancólica do tucano, ave de penas vermelhas e pretas e bico desproporcionalmente comprido. Uma das aves mais belas do Novo Mundo escolhe para pouso as árvores mais altas.

Durante a viagem matamos mais de meia dúzia deles, provendo-nos assim de caça das mais saborosas por dois dias.

Blumenau – a Cidade e a Colônia. Fundação da Cidade e suas condições atuais. Proibição da escravatura. Méritos do Dr. Blumenau na colonização. Administração local. Escolas. População. Agricultura. Comércio. Esboço da localidade.

Quando acordamos, a jeitosa moça da venda já nos tinha preparado o café, de modo que pudemos partir antes do amanhecer. Sendo domingo, topamos com muitos cavaleiros e amazonas, que vinham dos arredores tomarem parte no serviço divino da capela de Blumenau. Chegamos à Colônia às 11 da manhã. Blumenau propriamente dita compõe-se de umas poucas casas de madeira e de alvenaria. Quanto ao Município, estende-se pelos dois lados do Rio Itajaí e dos afluentes dos rios *Testo* e *Benedito*. Consiste sobretudo de florestas virgens ainda não desmatadas, de uma extensão de várias *léguas* quadradas.

O fundador da Colônia, Dr. Blumenau, um advogado (sic) de Braunschweig, estabeleceu-se no meio dessa selva enorme há uns 14 anos, na companhia de alguns parentes e amigos. De crescimento lento no começo, a cidade tem atualmente perto de 3.000 habitantes. Em 1864, quando vários milhares de acres já estavam desmatados e em parte cultivados, Blumenau ganhou foros de Cidade com um privilégio: a proibição da escravatura, para que alguns colonos mais ricos não pudessem por meio dela atravancar a livre concorrência da agricultura e de outras atividades.

Com efeito, nas regiões onde há muitos escravos, a parte mais pobre da população não consegue trabalho, porque os proprietários empregadores mandam executar todo serviço pelos próprios escravos. É por isso que, em comparação com as demais repúblicas sul-americanas, o salário do Brasil está tão baixo. Na Bolívia, no Equador ou no Peru ganha-se por dia 4 a 8 florins, ao passo que aqui não se consegue mais de 1 florim a 1 e ¼, e mesmo assim só conseguem trabalho onde faltam completamente escravos. Foi por isso que Dr. Blumenau estipulou por contrato a proibição da escravatura no perímetro da Colônia. Assim pelo menos os colonos recém chegados, enquanto não podem lavrar a própria terra, encontram logo algum trabalho. Nos arredores da cidade a administração já construiu estradas e algumas pontes, de forma que dentro de uma distância de meia hora de caminho a circulação de carros é possível. Embarcações menores sobem desde a foz do Itajaí; mesmo alguns vaporzinhos percorrem o rio e perto da cidade já existe um guindaste em funcionamento. Dr. Blumenau, que comprou do Governo todo o território da Colônia pelo preço de aproximadamente 14.000 florins, revendendo há alguns anos, já cultivado em grande parte, por 200.000 florins, reservando-se, entre outros direitos, o cargo vitalício de administrador com salário anual de 8.000 florins e a plena propriedade de alguns milhares de acres, parte dos quais a esta altura também já está cultivada. O desenvolvimento da Colônia, sobretudo desde 1860, anda a passos rápidos por mérito, sobretudo do próprio Dr. Blumenau, incansável em promover o bem-estar material e espiritual de todos os habitantes. Ajuda os colonos recém-chegados por conselhos e atos.

Às de menos posses, além do adiantamento atribuído pelo Governo, ele mesmo oferece outro por conta própria, providenciando sementes e raízes de plantio, ferramentas de casa e de campo, e até, quando necessitam, vestimentas. Não cuida menos da implantação de um espírito comunitário, tendo fundado círculos de tiro ao alvo, de música, de canto e de leitura. Na estação chuvosa e às vezes até no verão organiza festas, bailes, representações teatrais, trata da biblioteca, manda vir jornais. A sua casa, de uma hospitalidade autenticamente desinteressada, está aberta a todos. Numa palavra, tudo faz para promover a prosperidade individual e social; é com toda a justiça que o chamam o pai da Colônia.

A exposição mundial de 1867 concedeu-lhe por seus méritos de colonizador um dos 12 prêmios, além de 10.000 francos como reconhecimento de colonização racional e dos progressos da agricultura e da indústria. Nesta altura a Colônia já dispõe de autoridade administrativa e eleitoral, possui um jornal semanal e tem a educação em franco progresso, contando com duas escolas para meninos e uma para meninas.

O que por algum tempo entravou o crescimento da população foi o fato de o Estado prussiano impedir a emigração por diversas medidas. Estas, porém, foram eliminadas há pouco e a Colônia agora é sede de um consulado da Prússia. O Cônsul atual, sobrinho do Dr. Blumenau, é um homem de boa cultura rodeado de estima geral. O comércio e a indústria vão prosseguindo também. Na cidade propriamente dita há algumas lojas muito bem fornecidas, que recebem suas mercadorias diretamente de Hamburg. Dr. Blumenau conseguiu transporte gratuito da correspondência dos colonos até Hamburg e até deles próprios de lá até Blumenau. Havendo entre eles muitos artesãos, a indústria está em franca ascensão. Quase tudo que não é objeto do comércio internacional, é agora fabricado no próprio Município. Quanto à arquitetura, é verdade que a maioria das casas é feita de troncos de palmeira, mas com o aparecimento de olarias e de serrarias nota-se grande melhoria sob esse aspecto também. Ainda que não haja mais de duas casas completamente de alvenaria, já se notam algumas que têm pelo menos o alicerce de pedras e as paredes de tijolo e madeira misturados. A cidade propriamente dita é situada perto de extensa curva do Rio Itajaí, rodeada de todos os lados de riachos e nascentes que fornecem magnífica água potável. Do alto de um morro isolado na parte Norte os coqueiros do administrador olham altaneiros para o rio em baixo.

Atrás do morro começa mata virgem. No lado Sul, o rio *Pequeno* serpenteia entre bananeiras e mamoeiros através de um terreno plano, coberto de plantações e cercado de florestas e morros. Do lado ocidental as margens do rio vão subindo até levar o viajante a uma região de montes rochosos em cujas matas infindas ouvem-se o barulho surdo dos rios *Benedito* e Itajaí. O tabuleiro que se entrevê além dessa serra seria descoberto em 1867.

O nosso alojamento. A cobra branca. Mosquitos, sapos, formigas migradoras, tanajuras.

Em Blumenau fomos alojar-nos provisoriamente na casa de madeira preparada para os novos colonos, antes um barracão que outra coisa.

Quando o secretário da administração nos abriu a porta do edifício dividido em vários quartos, topamos com uma cobra branca de umas duas *braças* de comprimento. O secretário matou-a logo, para desagrado do Dr. Blumenau, pois as serpentes dessa espécie, além de inócuas, são utilíssimas: exterminam os ratos brancos e os sapos tão numerosos na região.

Fomos recebidos cordialmente pelo Dr. Blumenau e logo recebemos o adiantamento concedido pelo Governo.

Uma parte da nossa comitiva foi alojar-se na residência do Dr. Blumenau; eu, com alguns companheiros, fizemos fogo em frente do barracão, nosso pouso provisório, e com carne de tucano e de pirol e pimenta do tamanho do cornisolo, mas muito fortes, preparei um ótimo guisado, implementado de uma garrafa de *Bordeaux*, bananas e laranjas que Dr. Blumenau pôs a nossa disposição.

Como em nosso alojamento não houvesse outro móvel além de catres de sarrafos, fui ceifar capim ao lado da nascente próxima para colchão.

Precisei de muita cautela nessa operação, pois o capim cerrado é moradia preferida de cobras.

Apesar de preparar-me uma cama bem fofa, quase toda a noite não conseguí pregar os olhos. Mal começava a pegar no sono, uns ratos punham-se a pular em cima de mim e no próprio capim senti mexer algo que me despertou a imaginação.

Muitas vezes acendi uma vela, o que fez escapulir os ratos pelos interstícios das vigas e levou a correr bandos de baratas, enquanto mosquitos e sancudos picavam-me cruelmente.

Logo decidi instalar-me na venda vizinha. Nem lá, porém, encontrei a tranquilidade.

Ia apagar a vela quando avistei, ao lado da minha esteira, dois sapões brancos tão nojentos que logo suei frio e me recusei a deitar-me no chão, nem que me dessem o Brasil inteiro. Levei a esteira ao quarto vizinho e estendi-a na mesa. Por muito tempo ainda ouvi os pulos dos sapos, brancos e pardos, no chão da peça. Sabendo, porém, que não me alcançariam em cima da mesa, passei o resto da noite em relativa tranquilidade.

No dia seguinte assisti em minha nova casa um fenômeno curioso. De volta de meu passeio matinal, encaminhava-me para o quarto através do quintal, quando avistei entre as moitas larga fita branca: milhões de formigas brancas que, numa coluna móvel se dirigiam para o mesmo alvo. Para impedí-las de invadirem o quarto, acendi uma fogueira em frente delas e pude assim mantê-las à distância conveniente. Essas formigas migradoras formam colunas que se desenrolam durante horas, consumindo tudo que encontram em seu caminho. Uma vez dentro de casa, só podem ser expulsas por meio de fogo e de fumaça.

Outro espécime desagradável da mesma raça é a pequena formiga preta, capaz de cerzir a gente de picadas. Inimigas das plantações são as grandes formigas vermelhas e as tanajuras ou saúvas que constróem formigueiros de 7 a 9 *pés* de altura e de 5 a 6 *pés* de largura. Esses ninhos, de tão bem arquitetados, devem ser destruídos com pólvora. Não adianta demolí-los à enxada: as formigas não só morrem, mas tornam-se ainda mais agressivas.

Desejoso de desmatar, antes da chegada da temporada das chuvas, um pedaço de floresta para plantar as verduras mais indispensáveis e alguns pés de café, pedi ao Dr. Blumenau dois trabalhadores familiarizados com a região que logo contratei por algumas semanas.





Voluntários da Pátria



Karl Wilhelm Friedenreich (1824-1908)

B. Scheidemantel, c. 1865

Voluntários da Pátria para a guerra do Paraguai (1865-68). Esq./dir.: Alferes Julius SAMETZKI - Ten. Emil ODEBRECHT - Cap. Viktor von GILSA (Comandante) - Alferes Guido von SECKENDORF - Alferes Ludwig ENDEMYI (?). Cerca de 96 voluntários blumenauenses participaram desta guerra contra o ditador paraguaio Francisco Solano Lopez. Além dos 5 da foto, estiveram em campo de batalha…

Freiwillige des Paraguay-Krieges (1865-68). V.l.n.r.: Kavalier J. SAMETZKI - Leutnant E. ODEBRECHT - Kapitän Viktor von GILSA (Kommandant) - Kavalier Guido von SECKENDORF - Kavalier Ludwig ENDEMYI (?). Etwa 96 Freiwillige aus Blumenau zogen in den Krieg gegen den paraguayischen Diktator F. S. Lopez. Außer den 5 Abgebildeten nahmen am Krieg teil:

BÄHR, Friedrich – BAUCKE, Carl – BENS, Mathias (morto) - BLASIUS, Valentin - BOEHMER, Franz – BOSSE, Gustav (morto) – BRAUN, Hugo – DIAS, Johann Wendt – EBERT, Ferdinand e Richard – ECKELBERG, Hermann – ENGEL, Heinrich – EWALD, Franz – FISCHER, Johann e Wilhelm (morto em Corrientes, 10.6.1866) – FRANKE, Günther – FREESE, Anton - FRIEDENREICH, Karl Wilhelm (Alferes-cirurgião) – GEYER, Carl e Hermann – GIEHE, Friedrich - GNEEWUCH, Gottlieb – GRAHL, Hermann – GROSS, Friedrich – HAENDCHEN, Nicolau – HAFENSTEIN, Wilhelm (47 anos, o mais idoso) – HANSEN, Wilhelm - HARTMANN, Julio – HAUSEN, Heinrich – HELMBRECHT, Ludwig – HINZE, Carl – HIRT, Isidor – HOFFMANN, Ludwig (morto) – JANSEN, Carl – JASPER, Jakob – KLEIN, Christian – KLUGE, Oscar – KÖCKY, Eduard – KOSEN, André - KRAEMER, Wendelin (45 anos)– KRESSIEN, Carl – KRÜGER, Christian F. – KÜCHENDAHL, Hermann (morto em Corrientes, 1.5.1866) – KURZ, Eugen (morto em Corrientes, 9.5.1866) – LICHTENBERG, Carl – LOBEDAN, Otto (40 anos, morto em Corrientes, 24.4.1866) – LUKAS, Christian, Heinrich e Peter – MARX, Adolf e Albert – MITTHÖFT, Christian – MOHR, Wilhelm - MÜLLER, Christian (morto em Corrientes, 7.2.1866) e Jakob – OLTMANN, Johann – PERSCH, August – PETERS, Wilhelm – REIBNITZ, H. von - REIFF, Christian – RICHTER, Ernst – RIEDINGER, Jakob – RIEGEL, Conrad, Heinrich e Michael – RIEMER, *Fritz* – RINKS, Jakob (morto) - SÄUBERLICH, Carl – SCHÄFER, Valentin - SCHARN, Bruno – SCHÖNHAUSER, Ludwig – SCHÖNINGER, Johann - SCHUHMACHER, Ferdinand – SCHEEFFER, Ernst – SIEBERT, Carl - SIMON, Anton - STAHL, Paul – THEISS, Jakob e Simon – THOMAS, Friedrich August – TILLMANN, Peter - VOGEL, Wilhelm – WAGNER, Rudolf – WEISENSEE, Johann – WENDT, Johann - WILLERDING, Hermann – WITTHÖFT, Christian - ZESCHAU, Woldemar von – ZESCHKE, Gottlieb.

Acervo / *Sammlung* A. H. Blumenau



Joseph Brüggemann, c. 1868

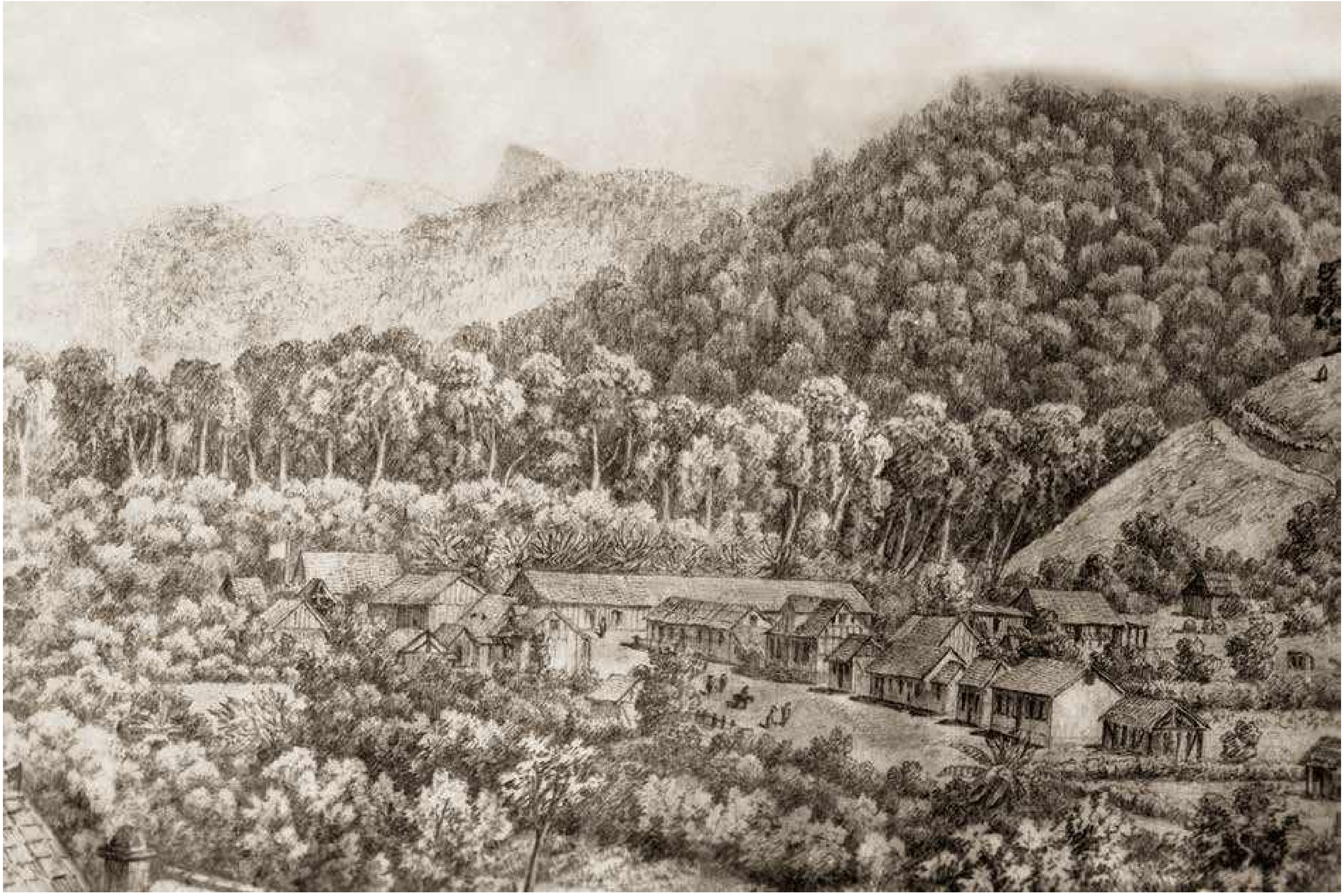
À esquerda, *Barracão dos Imigrantes.*
Links: Immigranten-Halle.

ACERVO / *SAMMLUNG* ST. ANTONIUS-KOLLEG

Em Blumenau fomos alojar-nos provisoriamente na casa de madeira preparada para os novos colonos, antes um barracão que outra coisa. Com alguns companheiros fizemos fogo em frente ao barracão e com carne de tucano e pirol apimentados, preparei um ótimo guisado, implementado de uma garrafa de *Bordeaux*, bananas e laranjas...

Im Blumenau fanden wir vorläufige Unterkunft in einem für neue Siedler eingerichteten Holzhaus, das eher einem einfachen Schuppen glich. Mit einigen Freunden zündeten wir vor dem Gebäude ein Feuer an, auf dem wir gepfeffertes Tukan- und Pirolfleisch zubereiteten. Ich selbst kochte einen schmackhaften Eintopf, mit Hilfe einer Flasche Bordeaux*, Bananen und Orangen...*

ISTVÁN DE SZENDRÖI, 1864



Joseph Brüggemann, c. 1868

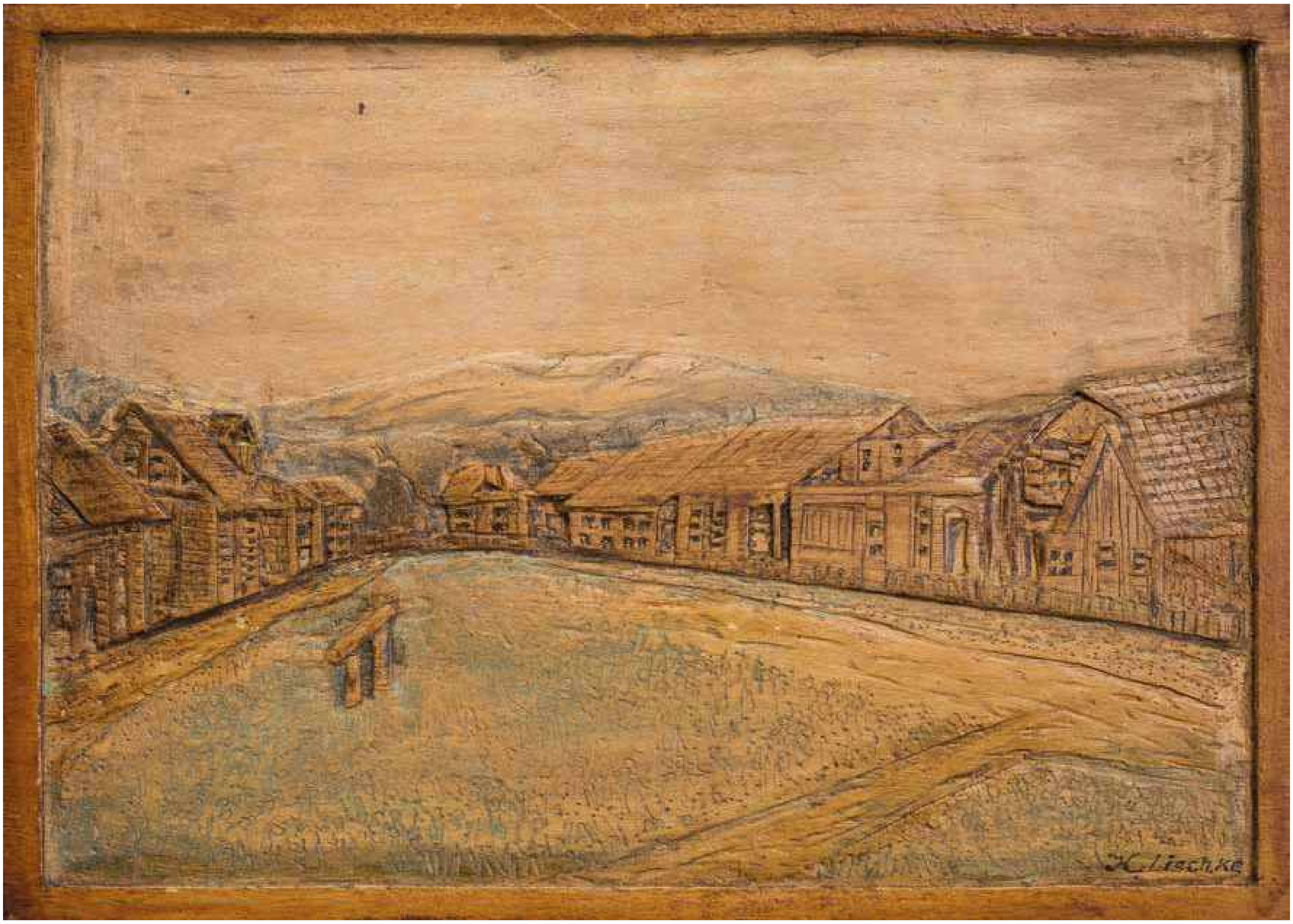
Tomada do morro da Igreja Evangélica sobre o Centro, *Barracão dos Imigrantes* e Casa *Meyer & Spierling*. Ao fundo, à direita, *Morro do Aipim*.

Blick auf Stadtplatz aus der Sicht der Evangelischen Kirche, Immigranten-Halle *und Geschäftshaus* Meyer & Spierling. *Im Hg., rechts,* Aipim-Hügel.

Acervo / *Sammlung* St. Antonius-Kolleg

Joseph Brüggemann (Stralsund, Pommern, 1825-94) chegou ao Brasil através da Argentina (onde lutava contra as forças de um ditador) no início dos anos 1860. Consta que recebera um convite do Dr. Blumenau para registrar a nascente Colônia. Conhecemos 7 desenhos: a magistral paisagem da entrada do Porto (capa Tomo I); a Colônia dos Sametzki na *Itoupava Seca* (pg 113); o *Barracão dos Imigrantes* (pg 142); o *Stadtplatz* (acima); a Avenida *Dr. Blumenau* (pg 145); a casa de negócios de *Meyer & Spierling* (pg 147); e a tomada do *Stadtplatz* e arredores (pg 148). Nenhum quadro a cores, ele que pintara, entre 1865-68, quatro excelentes quadros a óleo da capital Desterro e também outros no Rio Grande do Sul.

Der in Deutschland geborene J. Brüggemann (Stralsund, Pommern, 1825-94) kam Anfang 1860 nach Brasilien, nach einem Aufenthalt in Argentinien, wo er gegen die Streitkräfte eines Diktators gekämpft hatte. Angeblich folgte er einer Einladung Dr. Blumenaus, die Lage der werdenden Kolonie aufzuzeichnen. Uns sind 7 Bilder bekannt: Das großartige Bild der Hafeneinfahrt (Umschlag des ersten Bandes); Der Hof der Sametzki (Seite 113); Die Immigranten-Halle *(Seite 142); der Stadtplatz (Bild oben); Die* Dr. Blumenau-*Straße (Seite 145); Geschäftshaus von* Meyer & Spierling *(Seite 147) und die Ansicht auf den Stadtplatz und Umgebung (Seite 148). Darunter befindet sich kein einziges Farbbild, was seltsam erscheint, zumal er vier ausgezeichnete Ölbilder der Insel Desterro, sowie verschiedene Gemälde im Nachbarstaat Rio Grande do Sul erstellt hatte.*



Kurt Lischke, c. 1930

Entalhe em madeira. Avenida *Dr. Blumenau*, c. 1864. Baseado no desenho de Joseph Brüggemann, na página ao lado.

Holzschnitzerei. Allee Dr. Blumenau*, c. 1864. Nach der Zeichnung von Joseph Brüggemann, auf der nächsten Seite.*

PHOTO RENATO RIZZARO
ACERVO / *SAMMLUNG* A. SCHMIDT DE OLIVEIRA

Friedrich Karl Kurt Lischke (Berlin, 1898 - Blumenau, 1988) emigrou em dezembro de 1923, sendo contratado pela Firma *Carl Hoepcke* de Florianópolis. Engenheiro mecânico, casou-se em 1929 com Cecilia Weege, filha de Hermann e Pauline Weege, de *Pomerode*. Foram pais de Ellen Jone Weege Volmer, que em 2010 criou o "Museu de Hábitos e Costumes", em Blumenau. Kurt Lischke entrou em 1930 como sócio da Fábrica de Chapéus *Nelsa S.A.* Durante a 2ª Guerra Mundial sofreu perseguições e esteve preso em Florianópolis.

Friedrich K. K. Lischke (Berlin, 1898 - Blumenau, 1988) wanderte im Dezember 1923 nach Brasilien aus und wurde von der Firma Carl Hoepcke *aus Florianópolis als Maschinenbau-Ingenieur unter Vertrag genommen. Er ehelichte 1929 Cecilia Weege - Tochter des Ehepaares Hermann und Pauline Weege aus* Pomerode*. Die Lischkes waren die Eltern von Ellen Jone Weege Volmer, die im Jahr 2010 das "Kostüm- und Trachtenmuseum" Blumenaus gründete. Kurt Lischke wurde 1930 Teilhaber der Hutfabrik* Nelsa *S.A. Während des Zweiten Weltkrieges wurde er verfolgt und in Florianópolis gefangen gehalten.*



Joseph Brüggemann, c. 1864

Avenida *Dr. Blumenau* (das *Palmeiras*).
À esquerda, *Meyer & Spierling*.
À direita, Casa da Direção. Ao fundo, cruz da Casa do Pastor.

Allee Dr. Blumenau *(*Palmenallee*). Links:* Meyer & Spierling*. Rechts, Haus der Direktion. Im Hg., Kreuz des Pfarrhauses.*

Lith. Anst. M. Rohlacher
Acervo / *Sammlung* A. H. Blumenau

A *Sociedade de Canto* da Colônia Blumenau foi criada em 3.8.1863, tendo como Presidente Karl Wilhelm Friedenreich; Secretário, Victor Gärtner e Dirigente Musical o Pastor Oswald Hesse. Membros ativos em número de 27 onde constava Franz Sallentien, Hermann Wendeburg, Georg Repsold, F. Löscke, Gustav Spierling, H. Breithaupt, Emil Odebrecht, Oswald Zwicker, Viktor von Gilsa, E. Meyer, Dr. Knoblauch, O. Kluge, H. Willerding, C. Sasse e Julius Baumgarten. Em 10.8.1865, a *Sociedade de Canto* recebeu o nome de *Germania*.

Der Blumenauer Gesangsverein *wurde am 3.8.1863 gegründet; erster Vorsitzender war K. W. Friedenreich; Sekretär – V. Gärtner; musikalischer Leiter Pfarrer O. Hesse. Aktive Mitglieder gab es 27, darunter F. Sallentien, H. Wendeburg, G. Repsold, F. Löscke, G. Spierling, H. Breithaupt, E. Odebrecht, O. Zwicker, V. von Gilsa, W. Meyer, Dr. Knoblauch, O. Kluge, H. Willerding, C. Sasse und J. Baumgarten. Am 10.8.1865 wurde der Verein auf* Germania *umgetauft.*

Da demolição dos alicerces da Casa *Meyer & Spierling*, que há alguns anos fora preza das chamas, e onde atualmente edifica-se o novo Teatro, foram encontrados na pedra fundamental papéis cujo valor histórico cresceria mais tarde, mas que já são interessantes, porque desenrolam um quadro de Blumenau há 32 anos, mostrando como se viveu naquele *belo tempo* quando a luta pela vida não tinha as dificuldades de hoje e o bom humor trabalhava e era cultivado em comum.

O texto do 1º documento é o seguinte: *Anno Domini MDCCCLXIII, Summis Auspicius Augustissimi Domini Petri Secundi, Imperatoris Brasilio hoc domus, cujus fundamenta locavimus IV ante Idus Augusti, aedificata est a nobis, Carola Meyer, Meklenburgenei, tunc temporis coelibibus Calam, nom animun mutati qui trans mare currant.*

Transformados em pó, quando lerdes isto, à pósteras gerações, nós da eternidade vos estenderemos fraternalmente a mão, esperando que estas palavras, destinadas a dar-vos uma notícia concisa do estado atual de nossa colonia, tenham até lá afrontado a universal ruína das cousas humanas.

A colonia Blumenau, fundada no ano de 1852, e ainda hoje dirigida pelo Dr. Hermann Blumenau, progride tranquila e segura, depois de um começo fraco e de lutas duras e frequentes com a adversidade. Nós, os edificadores desta casa, Carl Meyer e Gustav Spierling, pertencendo a ela desde o ano de 1857, justamente seis anos, e temos no intuito de facilitar o desenvolvimento de nossos negócios comerciais, alargando o pequeno espaço de nossa primeira casa, lançando a pedra fundamental deste edifício a 10 de agosto de 1863. Que a prosperidade que nos seguiu nos acompanhe de nossa pequena casa a esta maior.

Como arquiteto servimos-nos do Sr. Heinrich Krohbergrer, de Baireuth; como mestre-carpinteiro, o Sr. Heinrich Kulps, de Pommern; como mestres marceneiros dos Srs. Karl Friedenreich, da Baixa-Lausacia prussiana e Gottfried Benz, de Pommern.

Se nós estamos curiosos em saber como estarão as cousas daqui a 100 anos, vós talvez não lereis sem interesse ao abrir esta garrafa, como estavam 100 anos antes, ante as diversas circunstâncias gerais e particulares.

A colonia contém hoje 2.144 almas; 1.808 de religião protestante com seu cura o pastor Rudolf Oswald Hesse, da Baixa-Lausacia prussiana; e 306 católicos com seu pároco, o cura Gattone, de Hannover.

Cerca de 2.000 *jeiras* estão cultivados (às margens do rio Itajaí grande, o ribeirão *Garcia*, do rio do *Testo* e no ribeirão *Fresco*, que se estende para leste da vila) nas quais produziu-se no ano de 1862, 6.000 arrobas de açúcar, 17.000 medidas de cachaça, 5.000 alqueires de farinha de mandioca, 1.800 alqueires de feijão, 16.000 mãos de milho, 150 arrobas de café, 300 arrobas de manteiga e 250 arrobas de queijo. Tudo preparado em 38 engenhos de açúcar, 54 alambiques e 32 engenhos de farinha. O número de animais é, por ora, de 90 cavalos, 650 reses, 1.500 porcos e 5.000 aves domésticas. Circulam 8 carros.

Além da agricultura mostra-se a indústria em 8 olarias de telhas, 2 de tijolos, 4 moinhos de milho, 4 serras d'água, 3 fábricas de vinagre e 8 padarias.

O comércio com todos os artigos necessários e muitos de luxo, é representado por 6 vendas maiores e menores, das quais a nossa oferece em grande sortimento de drogas, gêneros coloniais, mercadorias e quinquilharias, vindos do Reno, franceses e portugueses. Lugares de reunião existem: 8 tavernas com respectivos hotéis.

A onda intelectual e social manifesta-se pelas sociedades de agricultura, de canto, um teatro de amadores, uma sociedade de atiradores já bastante importante (o *Rei da Ave* neste momento é Karl W. Friedenreich e *Rei do Alvo* Hugo Zwicker). Só a maçonaria ainda não pode vingar.

Nomeados empregados da colônia: 1) Dr. Hermann Blumenau, fundador e diretor da colonia; 2) Hermann Wendeburg, de Hannover, guarda-livros; 3) Hans Breithaupt, de Braunschweig, agrimensor; 4) Fritz Loesecke, de Hannover, secretário do diretório; 5) Dr. Bernhard Knoblauch, de Iens, médico. Empregados públicos: Karl W. Friedenreich, da Baixa-Lausacia prussiana, subdelegado do distrito e juiz de paz mais votado (também pratica como médico); Julius Baumgarten, de Braunschweig, 1º suplente do subdelegado e juiz de paz; Theodor Schroeder, de Berlin, fiscal; Viktor von Gilsa, de Gotha, escrivão e professor público; Heinrich Ehrbard, juiz de paz em exercício.

Assim, vivei bem, vindouro, quando tenhais que viver! Nós faremos o mesmo, tão longe e tão bem quanto nós pudermos, talvez estejamos ao ardil deste, no processo eternal da mudança eterna da matéria como animálculos em imediato contato convosco.

A maior parte dos empregados mencionados não está mais aqui para ouvir a leitura destes documentos enterrados. Seis dos mesmos voltaram a seus lares pátrios e os outros sofreram a dura ação do tempo.

Os arquitetos mencionados residem ainda todos em Blumenau e gozam de perfeita saúde.

O 3º documento é um cartaz de teatro anunciando uma representação de 1 de agosto de 1863, nas quais foram executados: *Três Gêmeos*, comédia em 3 atos; e *À meia noite*, farsa em 1 ato. A circunstância interessante é que duas senhoras encarregavam-se de papeis de homens, prova que o *sexo fraco* já predominava no *forte*.

Sobre a fundação e os fins da sociedade de agricultura, que ainda hoje existe, dá esclarecimento um documento datado de 14 de julho de 1863.

O 5º e último documento é o conteúdo espirituoso de uma garrafa que foi retirada da pedra fundamental em bom estado. Tem o seguinte texto: Embaixo da pilastra angular acha-se uma garrafa de verdadeira cachaça, a qual foi provada pelo mocidade madura em uma sessão solene e reconhecida unanimamente como a melhor de toda a colonia, depois de ter bebido uma garrafa à saúde da posteridade e especialmente daqueles que acharem e beberem este precioso líquido. A providência da mocidade madura, assinando de própria mão, espera da gratidão de seus descendentes, que gozarão os frutos de seus esforços, que venerem a memória dos seus, há muito extintos antepassados; primitivos protetores da cultura e civilidade fina, celebrando uma festa de alegrias. Esvaziem a dita garrafa desta verdadeira cachaça que foi fabricada em 1859. À saúde dos assinantes!

Friedrich von Loesecke, Carl Meyer, Gustav Spierling, Emil Odebrecht e Karl W. Friedenrecih. Membros ordinários: 23. Membro honorário: Dr. Hermann Blumenau.

Republica, 23.8.1895.





Joseph Brüggemann, 1866

Casa de negócios *Meyer & Spierling* na Rua das *Palmeiras*. Um documento emparedado indicava que havia na Colônia, então, em 1863, 2.144 pessoas e um efetivo pecuário de 90 cavalos, 650 cabeças de gado e 1.500 porcos.

Geschäftshaus von Meyer & Spierling *in der* Palmenallee. *Ein eingemauertes Dokument zählte im Jahr 1863 insgesamt 2.144 Kolonie-Bewohner, sowie einen Viehbestand von 90 Pferden, 650 Rindern und 1.500 Schweinen.*

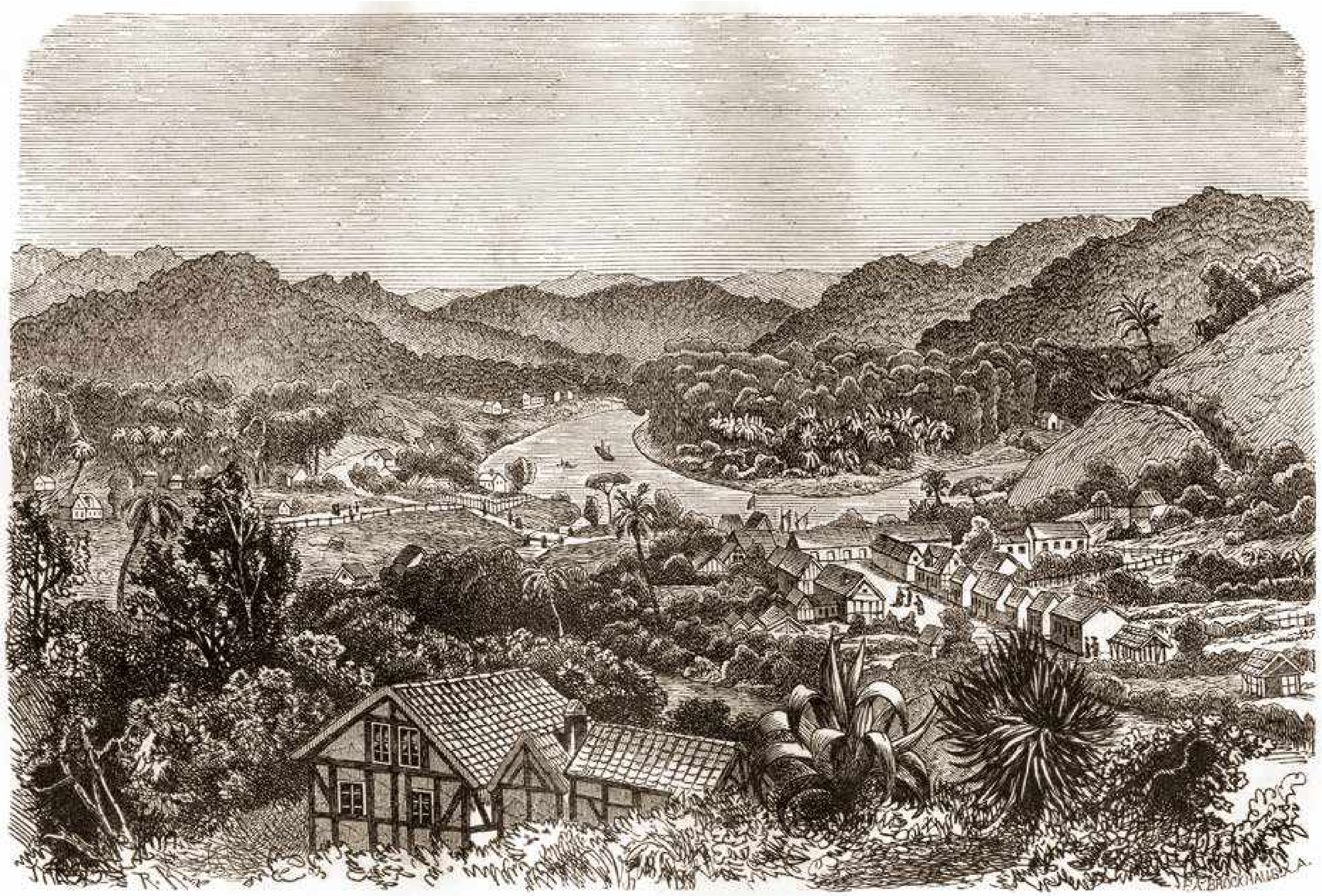
Acervo / *Sammlung* B. K. Kadletz

Bernhard Scheidemantel, c. 1870

Litografia. Anúncio da Casa *Meyer & Spierling*.

Lithographie. Werbung von Meyer & Spierling.

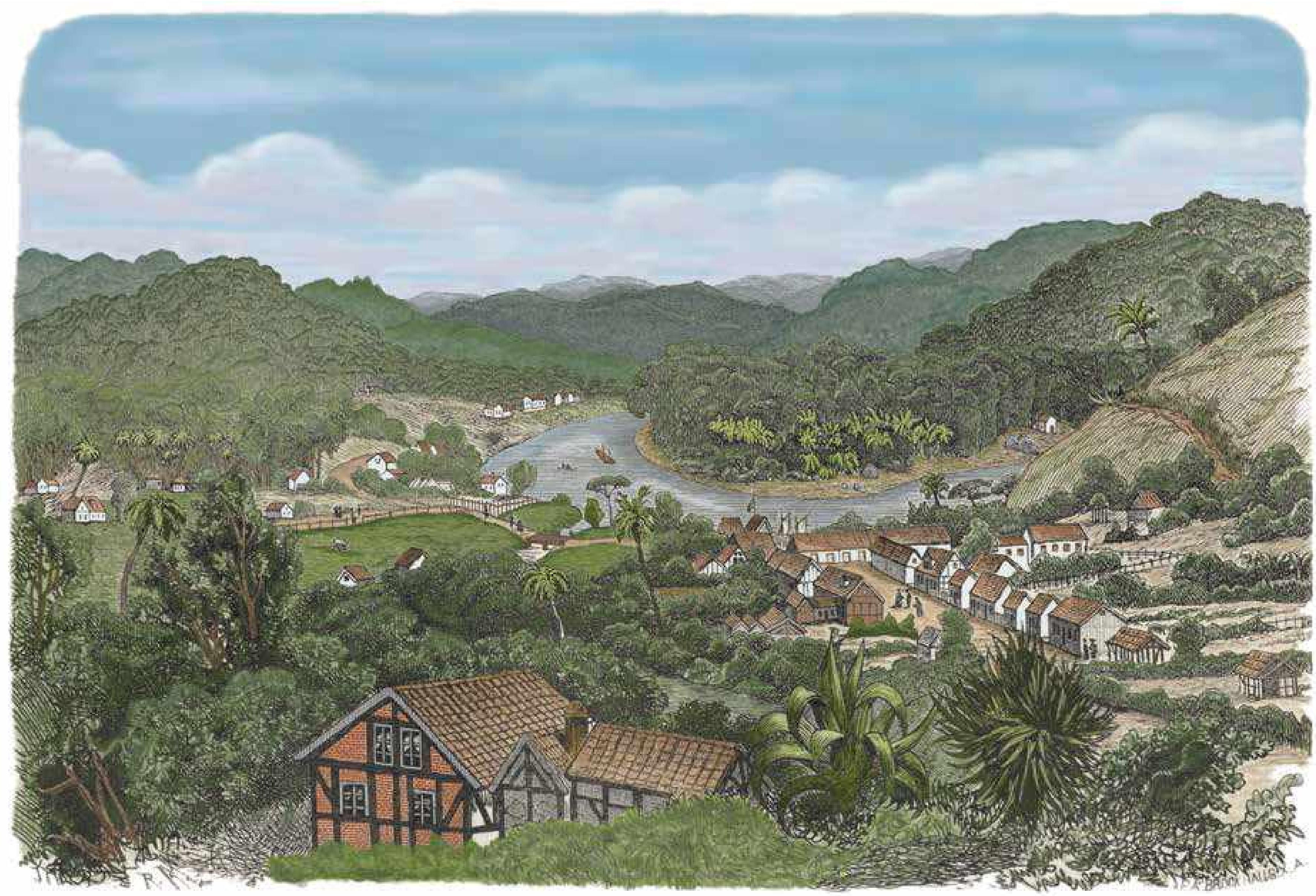
Acervo / *Sammlung* L. L. Zatelli Hagedorn



Joseph Brüggemann, 1869

Colônia Blumenau, tomada do Morro da Casa do Pastor. À direita, o Centro, onde está o *Barracão dos Imigrantes*, a casa do Dr. Blumenau (com 3 cumeeiras); casas de Wendeburg e Gärtner; Escola Alemã e casa de K. W. Friedenreich. Na ala direita do *Stadplatz*, atrás do *Barracão dos Imigrantes*, local onde seria construído o Hotel *Schreep*; casas de *Meyer & Spierling* e K. Julius Baumgarten - ainda sem as palmeiras. Ao fundo, corre o Rio Itajaí-açu da esquerda para a direita. Ao centro, ponte onde desemboca o ribeirão *Garcia* no Itajaí. Ao fundo, à esquerda, local onde seria construída a Igreja Católica; à direita, *Ponta Aguda* e Morro do *Aipim*.

Kolonie Blumenau aus der Sicht des Pfarrhaus-Hügels. Rechts: Zentrum, mit Immigranten-Halle*, das Haus des Dr. Blumenau (mit 3 Giebeln); Wohnhäuser von Wendeburg und Gärtner; Deutche Schule und Wohnhaus von K. W. Friedenreich. Am rechten Flügel des Stadtplatzes, hinter dem Immigranten-Schuppen, wurde später das* Hotel Schreep gebaut*; Geschäftshäuser* Meyer & Spierling *und K. Julius Baumgarten, noch ohne Palmen. Im Hintergrund fließt der Fluss* Itajaí-açu *von links nach rechts; In der Mitte: Brücke bei der Einmündung des* Garcia-*Baches in den Itajaí. Im Hg., links, Platz der zukünftigen Katholischen Kirche. Rechts:* Ponta Aguda *(Schärfeneck) und* Aipim-*Hügel.*





Karl Meyer



Sra. Spierling

Litografia de Robert Kretschmer
colorizada por B. K. Kadletz

Lithographie von R. Kretschmer
kolloriert von B. K. Kadletz

Acervo / *Sammlung* B. K. Kadletz

Compras. Partida para a mata virgem. A cascata do rio *Benedito*. A vegetação. O mato carrasco.

Antes da partida, fiz compras necessárias: cartuchos, facões, um par de botas fortes, cobertores, vasilhas de ferro e outros utensílios indispensáveis, assim como as ferramentas exigidas pelo desmatamento.

Pusemos todo esse material nas costas de um cavalo bem robusto, que levava também comida e bebida para alguns meses: carne seca, sal, pimenta, toucinho, açúcar, café, chá e, em vez de rum, cachaça. Por volta do meio-dia começamos a subida pela margem direita do Itajaí, que, passando primeiro por lugares abertos e colônias, levou-nos mais adiante a uma região montanhosa.

Com o cavalo excessivamente carregado só pudemos avançar vagarosamente. Pernoitando numa casa de colono, só no dia seguinte atingimos o rio *Benedito*. Esse, em alguns trechos é intransitável a vau, tendo a passagem principal lá onde o largo atalho nos levou, ao pé de uma cascata cujo rumor já muito antes se fez ouvir através do mato.

Naquele lugar pitoresco fiquei deslumbrado pela beleza da natureza como num sonho mágico. Nesse ponto o rio, limpo que nem diamante e de 6 a 8 *braças* de largura, amplia-se em bacia rochosa de onde a água escorre quase invisivelmente.

A beira inferior da bacia, de 3 a 4 passos de largura, atravessa o rio como uma ponte natural.

Ao longo dessa passagem, como guardiães de Netuno, erguem-se rochedos negros em forma de cones e colunas quadradas, e, no meio deles, as massas de água transformadas na queda em escuma precipitam-se para outra bacia, situada uma braça mais abaixo. Alguns penhascos salientes, cobertos do verde eterno da mirta, parecem sorrir acima do tumulto das águas. A cascata, situada entre dois montes, é cercada de todos os lados de árvores gigantescas, que quase o dia todo sombreia os encantos maravilhosos do lugar. As copas das árvores, agitadas pela brisa, inclinam-se umas para as outras, a folhagem verde-escura brinca com as flores das lianas pendentes em forma de campânulas. Quando o vento inclina as copas com mais força, cai verdadeira chuva de flores que as ondas brancas vão carregando.

As compridas lianas, as flores brancas, vermelhas e amarelas da *Solandra grandiflora*, trepando nos palmitos, nas zamumeiras, nos cedros e nas figueiras altas de 100 a 110 *pés*, estendem sobre a floresta um baldaquim florido e entre os troncos gigantescos das árvores smiláceas picantes, flores alaranjadas de abóbora, lindas arísias purpúreas, tufos de altos lírios azuis sorriem para o espectador, atraindo-lhe o olhar por entre as largas folhas de verde escuro, lisas ou reticuladas, das espécies bravias do espinafre tropical e as hastes de grama de braça e meia.

Aqui e ali se notam as flores de um rosa terno das aróidas umbeladas, venenosas e de cheiro penetrante, na companhia do arum de flores drupeoladas e empacotadas, da colocásia, do ácoro de raízes medicinais, da ambrosiana e de outras plantas.

No meio da vegetação vêem-se esvoaçar miúdas abelhas esverdeadas e avermelhadas, borboletas de rara beleza como as Menelau, Laertes e Adonis. Um enxame de mosquitos levanta-se da margem do rio, algumas Hespérias pousam no flanco de uma árvore levantando apenas as asas de cima; mais adiante beija-flores nas cores do arco-íris zumbem em torno de alguma flor no ar ensolarado. Atirei em alguns deles com chumbo fino, mas ainda que os tivesse acertado foi impossível encontrar os pássaros minúsculos no meio dos cactos. Custamos fazer passar nossa alimária pela beirada resvaladiça da bacia, acompanhando-a dos dois lados para que não caísse na bacia inferior, nem fosse arrebatada pela corrente da cascata. A extremidade da rocha era visível em quase todo o comprimento, mas de vez em quando se apresentava escavada ou gretada. O cavalo escorregou algumas vezes, mas nossa vigilância impediu-o de cair. A região tornava-se cada vez mais pedregosa e rochosa: atingíramos o mato carrasco, isto é, o próprio âmago da mata virgem.

O mesmo largo atalho da margem direita do Itajaí, passando por morros, vales e riachos, levou-nos até o extremo limite da Colônia. Aí encarregamos um colono residente nas proximidades de despachar o nosso cavalo de volta a Blumenau e de nos trazer as bagagens mais tarde, logo que tivéssemos escolhido um pouso, e prosseguimos a viagem a pé.

Não queríamos perder tempo com caça, pois tínhamos pressa não só de escolher o terreno a ser cultivado, mas também de preparar um pouso para a noite.



Maneira de caçar no Brasil. Perus e galinhas selvagens. Inhambus. Perdizes, papagaios. A pomba verde chorando o companheiro. Pombinhas, jacu-bembéns.

Ao cabo de duas horas de marcha rápida, alcançamos uma encosta suave, que nos pareceu a todos ter solo apropriadíssimo à plantação. Deixamos, pois, o atalho para, através do mato cerrado, atingirmos a margem do Rio Itajaí, tarefa nada fácil, pois víamo-nos obrigados a abrir caminho com os nossos facões por assim dizer a cada passo. Ao longo do novo atalho colocamos galhos facilmente reconhecíveis como sinais para não nos perdermos daí em diante; no ponto exato onde nós nos desviáramos do caminho do mato, pusemos dois jovens palmitos cruzados, para que o colono que trazia nossas malas soubesse onde procurar-nos.

Notei com prazer que minha nova propriedade era atravessada por um riacho e diversos regatos.

Apesar de não querermos perder tempo com caça, foi impossível não darmos alguns tiros, tão rica é a região em vários gêneros de galinhas, de perus selvagens e de perdizes, que correm para lá e para cá procurando sementes de grama debaixo das árvores.

Aqui o caçador não precisa procurar como nas florestas da Europa; basta-lhe ter bons ouvidos. Seguindo silenciosamente o atalho não precisa olhar para os dois lados, coisa que, aliás, seria pouco recomendável devido à necessidade de fitar continuamente o chão em sua frente, para não pisar em alguma cobra tomando sol.

Quando no meio do fundo silencioso da mata lhe chega o menor barulho, tem que deter-se, pois sem dúvida alguma existe por aí algum bicho a 5 ou 6 passos. Se o caçador se mexe, ele foge e se esconde de vez; mas se este fica imóvel, o pobre do animal, desconhecendo o perigo, encara-o por assim dizer cordialmente e se deixa derribar de perto.

Segundo essa receita, pudemos matar alguns macucos gordos e saborosos, espécie de galinha selvagem preta e pardacenta, algumas perdizes e alguns inhambus que têm de todas as aves do Brasil, a carne mais gostosa.

O esplêndido colorido e a grande vivacidade das numerosas raças de aves de todos os tamanhos alegram prazerosamente a solidão desses lugares escondidos. Centenas de pássaros de todas as cores esvoaçam entre as árvores, pica-paus que guincham batendo nos troncos, diversos pega-moscas, bandos de papagaios barulhentos, zamumeiros inquietos, várias espécies de pombas e rolas oferecem espetáculo variado e alegre em pleno mato.

Destas últimas a mais interessante é a grande pomba-inseparável, de brilhante plumagem verde. O casal voa sempre junto, e se um é abatido por um tiro, o outro não se afasta do lugar; ainda que lhe atirem pedras, permanece no lugar a chorar o companheiro. A simpatia e a beleza dessas aves são tamanhas que não tive coragem de caçá-las.

Ainda mais bonitas são as coloridas pombinhas que esvoaçam em bandos.



Seu tamanho não ultrapassa o do verdelhão ou do estorninho.

Num galho de palmito perto do rio, avistamos, através do mato, volumosa massa preta a se balouçar, sem que a tivéssemos identificado logo. Mas o grito horrendo da ave esclareceu-nos: era um jacu-bembem, espécie de peru selvagem. Alvejei-o e atirei: caiu na beira de um riacho. Apanhamo-lo: ia dar um assado excelente para três ou quatro dias. Carregando-o nos ombros, retomamos o caminho e dentro em pouco chegamos à margem do Rio Itajaí

.

Construção do rancho. O telhado de bambu. Pesca. Noite na mata virgem. Agutis, macacos noturnos, preguiças. A onça. O sabiá e o joão-de-barro. Assado de papagaio.

Resolvemos estabelecer nossa residência em frente à margem onde a ponta de uma grande ilha plantada de palmeiras divide o rio em dois braços.

No momento da nossa chegada, centenas de gansos negros, patos selvagens e mergulhões surgiram batendo n'água com as asas indo pousar na outra margem.

Antes de tudo, fomos desmatar um trecho de duas *braças* quadradas para levantarmos aí quanto antes o nosso rancho provisório.

Já cortamos duas figueiras das menores e dois palmitos finos, mas eles não caíram logo, porque fortes cipós pretos e alguns bambus mantinham-nos presos a uma árvore maior. Foi preciso, pois, derrubar essa também, o que deu bastante trabalho; aí as cinco árvores aluíram-se ao mesmo tempo com fragoroso estrondo dentro do rio, levantando em sua queda jatos de água.

Restou limparmos o terreno das moitas e do mato. Em seguida, de caniços de bambu cujas folhas oblongas crescem apertadas umas às outras, fizemos um telhado parecido com esteira, colocamo-lo em quatro varas finas fincadas no chão, cobrimo-lo com grandes folhas de palmeira e assim tivemos o rancho pronto em meia hora. Não faltavam galhos secos, que amontoamos ao lado, para com eles alimentar o fogo durante a noite. Como tínhamos alguns anzóis, tentamos a pesca e logo ao primeiro lance pegamos uma tainha de tamanho razoável.

Mas como as nossas vasilhas ainda não haviam chegado, tivemos de assá-la no espeto assim como o jacu-bembem.

À medida que a noite caía, adensavam-se as nuvens de mosquitos e de pernilongos, mas com o fogo alto que acendemos conseguimos mantê-los à distância.

Na escuridão escutamos uma coruja que passava; morcegos de diversas espécies, pequenas aves noturnas, bruxas e pirilampos voavam em redor do fogo. Uma lontra saiu do rio para o mato, mas ouvindo-nos mexer, regressou à água. De vez em quando, percebíamos a voz quérula de alguma ave desconhecida ou então um aguti (*Dasyprocta*) fazia tremer as moitas próximas.

É uma sensação estranha essa que se apodera da gente na mata virgem, onde cada planta é uma novidade e vozes esquisitas nunca antes ouvidas chamam a atenção.

Cada vez que ouvia algum barulho, não me cansava de perguntar aos dois companheiros de Blumenau que animal ou ave o produzia. Os ruídos da correria dos macacos, o lamento prolongado da preguiça como que pedindo socorro, a surda marcha da anta (*Tapyrus americanus*), o balbucio do veado lembrando uma voz humana entrecortada, o murmúrio monótono do mutum, o uivo rinchante da onça interrompiam seguidamente o sono incipiente. Em compensação, na madrugada fui acordado pelo gorjeio amável do sabiá. Essa ave, algumas espécies de melros e os joões-de-barro são os únicos voláteis de canto agradável da região.

Mal os primeiros raios de sol dissiparam um pouco as trevas, bandos de centenas de papagaios, especialmente de periquitos verdes, levantaram vôo entre as árvores. Abatemos alguns deles sem sequer ter de sair do rancho.

Há um jeito relativamente fácil de pegar um papagaio: basta ferir-lhe a asa com chumbo fino. A ferida cicatriza em poucos dias e a ave fica logo domesticada. É por assim dizer a única maneira de pegá-la, pois faz o ninho no meio da vegetação cerrada em galhos muito altos que mal se pode ver ainda menos alcançar.

O colono do rio *Benedito* chegou de manhãzinha trazendo as nossas vasilhas, nas quais pudemos preparar para lanche o inhambu e os papagaios. O sabor dos periquitos verdes é ótimo, sobretudo nos meses de outono; também fiz o possível para caçar três ou quatro deles diariamente.

Desmatamento. A cobra coral. Ninho de abelhas. Tocaia debaixo da figueira gigante. Cachimbo de galho. Veados, queixadas, tamanduás, antas. O palmito como alimento. Uistitis.

No mesmo dia começamos a cortar com foice as diversas espécies de mato, bambus picantes, gramas, parasitas, numa palavra – toda vegetação que cercava as árvores poderosas, facilitando assim o acesso. Trabalhamos sem parar, só indo a Blumenau uma vez em cada 15 dias, num domingo ou feriado.

No decorrer do trabalho tínhamos que prestar a maior atenção para perceber as jararacas e as cobras-coral vermelhas, de anéis pretos e brancos; às vezes, por pouco não as pisávamos. No tronco das maiores árvores, depois de cortá-las e serrá-las, frequentemente encontrávamos ninhos de abelhas, que de cada vez nos ofereciam um a dois quartilhos de cheiroso mel em favos.

Todas as espécies de abelhas silvestres daqui fazem o ninho nas árvores. São de tamanho muito reduzido e muitas delas tiram seu alimento de uma única flor. Pelo sabor do mel pode-se reconhecer a planta preferida das abelhinhas: ananás selvagem, lírio, baunilha, galatéia, helicônia, maranta, bignônia. Depois de tirado o mel do oco da árvore, convém guardá-lo em recipientes bem fechados, se não se quer expor-se ao assalto das abelhas e, mais ainda, dos marimbondos.

Alternava meu tempo entre trabalho e caça. Preparávamos dois atalhos que levavam à vereda geral e, ao mesmo tempo, facilitavam a caça. Entre as raízes salientes muito acima do solo e que formavam espécies de guarda-sóis, havia esconderijos muito apropriados à tocaia, sobretudo de manhã e à tardinha.

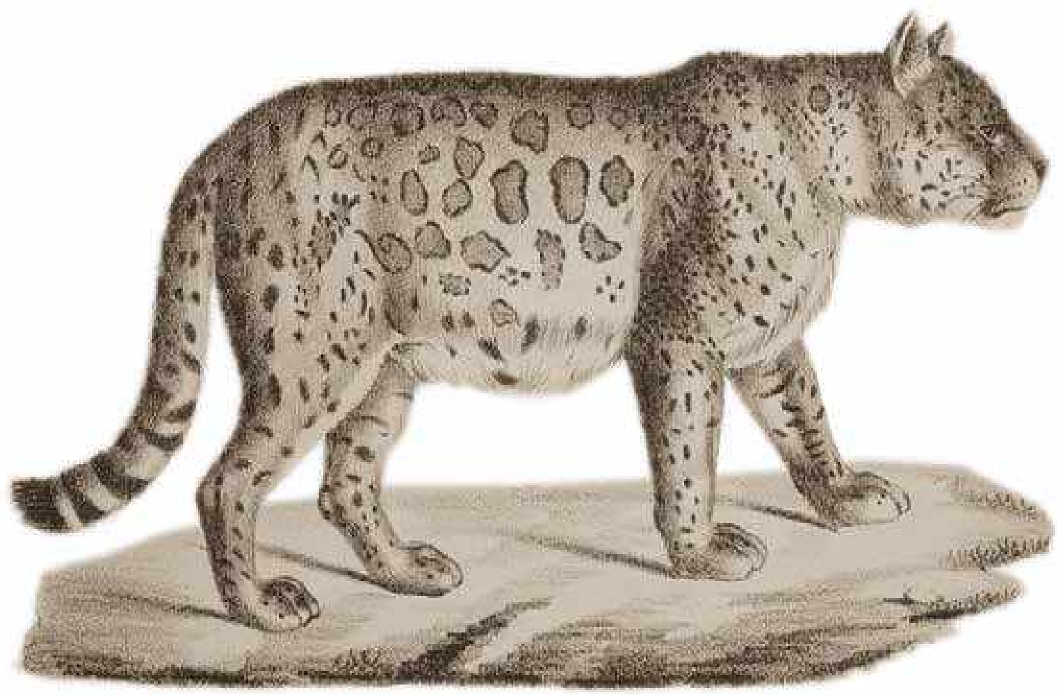
Ao lado de um dos atalhos, uma rocha elevada distante uns 150 passos do nosso rancho erguia-se alta figueira esguia e copada, como quase não havia outra em toda a região: era o melhor lugar de tocaia para caça maior.

O tronco devia ter braça e meia de largura, As raízes formavam tábuas que se inclinavam umas para as outras a 3 ou 4 quatro *braças* acima do solo e formavam uma choça natural capaz de abrigar comodamente 5 a 6 pessoas. Uma nascente surgida próximo às raízes dava origem a um regato que corria em leito pedregoso. Os galhos da figueira só começavam a uma altura de umas 16 *braças*. Bambus crescidos nas nascentes, de uma espessura de 3 a 4 polegadas, tentavam alcançar a copa da árvore com suas campânulas multicores, de cujos ramos pendiam, como enfeites de uma cabeleira, cipós pretos 3 ou 4 vezes enrolados.



Essa figueira, cujo tronco estava coberto de bromélias e arbustos, constituía o melhor abrigo possível para tocaia. É verdade que debaixo das raízes musguentas os mosquitos me fizeram passar uns maus momentos de modo que não podia parar de fumar o meu cachimbo feito de galho silvestre, mas o fato é que ali a minha paciência raramente ficava sem recompensa.

Na parte da manhã às vezes dava cabo a não menos de 10 a 12 macucos, jacus e jacu-bembens. Acontecia uns veados se acercarem tímidos da água, ou então alguns tajaçus, espécie de queixadas (*Dicotyles*), atravessavam as moitas da encosta grunhindo e batendo forte o queixo. Uma tarde estava perseguindo um tamanduá ferido que se arrastava pelo atalho, quando entre as espadanas que cresciam no limo avistei duas antas a seguirem a passos pesados o curso do regato. Enxergando-me, puseram-se a correr de modo que não tive tempo de carregar a arma de balas; atirei, pois, numa delas com chumbinho e algumas gotas de sangue na margem indicaram que tinha acertado; mas a ferida insignificante não chegou a enfraquecer o bicho robusto. Depois do tiro os dois tapires, redobrando de velocidade, atiraram-se à água.



Submergindo algumas vezes, como é de seu costume, chegaram à outra margem, onde logo desapareceram na mata. A carne de anta, aliás, que pude experimentar depois mais de uma vez, não é saborosa por ser muito dura, mas o seu fígado constitui uma das iguarias mais procuradas; sobretudo se preparado com o miolo da parte superior da palmeira aquática, que torrada, lembra o gosto da melhor trufa. Servia-me muito de miolo da palmeira em vez de pão, sobretudo quando faltava a farinha de mandioca. No alto da palmeira, lá onde as folhas começam, encontra-se de 4 a 5 *libras* deste miolo. É muito fácil conseguir-se porque palmas aquáticas há por toda a parte e têm a madeira tão mole que se podem derrubar com uma ou duas machadadas.

As palmeiras são o pouso noturno preferido dos uistitis, pequenos macacos de orelha branca. Estes, mal percebem a aproximação de alguém, pulam logo para árvores mais copadas.



Concerto de macacos. Armadilhas de caça. A caça do jaguar.

O macaco mais frequente da região é o guariba vermelho e o guariba preto (*Mycetes niger* e *Mycetes seniculus*), este, de cauda comprida. Esse animal vive em bandos às vezes de 60 a 80 na copa das árvores maiores. O mais velho senta-se num galho alto que nem um maestro; em redor dele postam-se os indivíduos maiores, mais abaixo, os menores em ordem hierárquica. Depois que todos se assentaram, o velho de voz grossa dá o sinal para o concerto, que às vezes dura uma hora.

Aí, velhos e novos, roucos e afinados, dão início a uma terrível algazarra, um concerto nada agradável cujo barulho se ouve a milhas de distância. Quase diariamente tinha ocasião de ouvir esse coral de roncos, mas raramente conseguia ver os músicos, pois os macacos, mal me avistavam, calavam-se e iam esconder-se entre as galhadas, onde ficavam ocultados pela multidão de orquídeas e de cactos. Só se percebia, quando muito, a ponta do rabo comprido de um e outro entre a folhagem. Em tais casos, a macacada não deixa o esconderijo enquanto o transeunte não se afasta; aí recomeça a uivar com mais força ainda. Antes de terminar este capítulo consagrado à mata virgem, quero dizer umas palavras a respeito do mundéu.

É a armadilha de caça mais comum da região, de confecção bastante simples.

Dentro da floresta abre-se um atalho de 500 a 600 passos, que se limpa tirando os galhos caídos. Ao longo do atalho levanta-se uma cerca de 3 a 4 *pés* de altura com o mato cortado e amontoado, ao qual se pisa um pouco para dar-lhe mais solidez. Nessa cerca abrem-se saídas a cada 50 a 60 passos.

Por cima dessas saídas atravessam-se três vigas compridas de palmeira, ligadas com cipós, cuja ponta mais pesada dá para o atalho, apoiada numa alavanca de um braço, isto é, um simples galho aplicado a uma estaca lateral.

Depois se põe em contato com a alavanca um aparelho composto de três alavancas laterais, de tal forma que ao menor toque de um forcado sotoposto fazem as vigas caírem no chão.

Os animais, impedidos pela cerca de atravessar o atalho, sobretudo de noite, correm até encontrar uma das saídas; ao tentarem transpô-la, mexem com o pelo ou as penas no forcado invisível, o que faz tombar as três vigas pesadas.

Essas matam com seu peso os bichos leves (agutis, tamanduás, perus e galinhas selvagens) e, embora sem matar, imobilizam a caça grossa: tajaçus, veados, capivaras (*Hydrocoerus* – porco aquático sem rabo).

Eu mesmo armei uma cerca destas de uns 700 passos de comprimento, munida de mundéus. Não houve dias em que, graças ao aparelho, não pegasse pelo menos 5 a 6 animais.

Certa manhã, inspecionando os mundéus como de costume, encontramos num deles um belo exemplar de onça ou jaguar jovem, preso na armadilha.

Só se lhe viam a cabeça e a cauda, com que furiosamente batia no chão enquanto dava estalidos ferozes com os dentes. Apressamo-nos a tornar inofensiva a fera com dois tiros na cabeça, depois do que a retiramos de sob as vigas não sem dificuldade. Podia medir uns 3 *pés* e meio (c. um metro).

A carne, cujo gosto é superior ao da melhor carne de vitela, deu para uma porção de assados; quanto à magnífica pele mosqueada, que mandei tirar, dei-a de presente, mais tarde, ao Dr. Blumenau.

Bernhard Scheidemantel



Foi o primeiro fotógrafo de Blumenau! Scheidemantel nasceu em 3 de dezembro de 1834 em Braunsdorf (Estado de Sachsen-Anhalt) na Alemanha e faleceu em Blumenau em 19 de outubro de 1908, portanto aos 74 anos incompletos. Na Alemanha, Scheidemantel fez os estudos de Tipografia e Desenho em Leipzig. Emigrou para o Brasil em abril de 1860 e se estabeleceu na estrada do Salto. Em 1862 estava casado com Agnes Müller, que tinha 20 anos e era nascida em São Pedro de Alcântara (filha de Jacob Müller e Katharina Lucas), falecida em Blumenau, 1903. Tiveram vários filhos que faleceram ainda bebês; apenas Franz chegou à idade adulta. Em 1869 era proprietário do lote 31 em Belchior (Gaspar); mais tarde instalou-se no centro de Blumenau. Cinco anos antes já exercia a profissão de Fotógrafo, pois, seu Cabinet-Portrait já produzia fotos em 1864. Em 1870, em seu lote, foi construída a 3ª Escola de Blumenau, dirigida pelo Prof. Anton Hartwig von Hartenthal - retratada por Scheidemantel em foto na página 197. Em 1876 abandonou por completo a agricultura para se dedicar à Litografia, Fotografia e Tipografia. Funcionava próximo à atual Rua Ceará. Era o sócio número 209 do Blumenauer Schützenverein (Clube dos Atiradores, atual Tabajara Tênis Club), retirando-se dele em 1891. Em abril de 1883 fundou o 2º Jornal da região – Der Immigrant, durante o domínio do Partido Liberal. Os maiores colaboradores eram o seu grande amigo e advogado Paul Schwarzer e Karl Wilhelm Friedenreich. Oito anos depois, em abril de 1891, devido a intensas disputas políticas, encerrou as atividades do jornal. Scheidemantel era pessoa de refinado espírito e, ao ter que fechar seu jornal, não deixou por menos: "Para lhe poupar a vergonha, dissolvo eu mesmo sua luz vital, apesar dos pesados sacrifícios pessoais e financeiros que tive para dissolvê-lo. Quem tiver vontade poderá reacordá-lo". Outro episódio que registra seu espírito jocoso deu-se por ocasião da visista do Pastor Mummelthey a ele, na cama, adoentado. O Pastor perguntou-lhe por um último desejo seu e Scheidemantel respondeu-lhe que era ver o Pastor embriagado... Para satisfazer o amigo, este fingiu embriagar-se com o vinho que lhe era oferecido, jogando-o escondidamente para fora... E ambos entoaram, felizes, velhas canções...

As disputas políticas começaram por causa da insatisfação dos colonos com a Comissão de Engenheiros, dirigida pelo Eng. Antunes, genro de Friedenreich, que viera a Blumenau para acompanhar os trabalhos de recuperação após a grande enchente de 1880, e que recebia fortes críticas por parte do Blumenauer Zeitung (o 1º jornal de Blumenau, em 1881, de Hermann Baumgarten, que também faleceu em 1908, aos 52 anos de idade). A disputa se intensificou após a Proclamação da República contra a qual o Immigrant expressava fortes críticas.

Como Scheidemantel já estava doente nesta época, e Franz, seu filho, padecia do alcoolismo, o pai resolveu vender a tipografia aos irmãos Hoemke e depositar o valor em nome dos netos Bernhard e Hermann. Com o ingresso de Franz Nietsche, a empresa passou a ser denominada Nietsche & Hoemke; em 1937 adotou a razão social de Empresa Gráfica Catarinense e, em 1939, era adquirida pela Impressora Paranaense.

Apesar de Scheidemantel ser um dos maiores opositores a Fritz Müller, tornaram-se grandes amigos. Outra personalidade com quem se comunicava por cartas era com o humorista alemão, Wilhelm Busch. Entre 1888 e 1908, ano de sua morte, por 20 anos efetuou medições metereológicas, informando as variadas temperaturas do dia, pressão atmosférica, umidade relativa do ar, dias de chuva, céu encoberto, claro, trovoadas, etc.

Bernhard Scheidemantel foi um desses intelectuais que sempre incrementou o desenvolvimento cultural de Blumenau.



Bernhard Scheidemantel

Especialista e proprietário da primeira empresa de Litoimpressão, Litografia e Fotografia de Blumenau.

Fachmann und Besitzer der ersten Steindruckerei, Litho - und Photographischen Anstalt in Blumenau.

ACERVO / *SAMMLUNG* A. H. BLUMENAU



Alemanha, c. 1855
Deutschland, ca. 1855

Família Scheidemantel. Sentados, Johanna Rosine (mãe) e Gottfried (pai). De pé: Bernhard, Ernst Heinrich (irmão) e provavelmente Emilie (irmã).

Familie Scheidemantel. Sitzend: Johanna Rosine (Mutter) und Gottfried (Vater). Stehend: Bernhard, Ernst Heinrich (Bruder) und Emilie (angeblich Schwester).

Acervo / *Sammlung* Marcos Schroeder

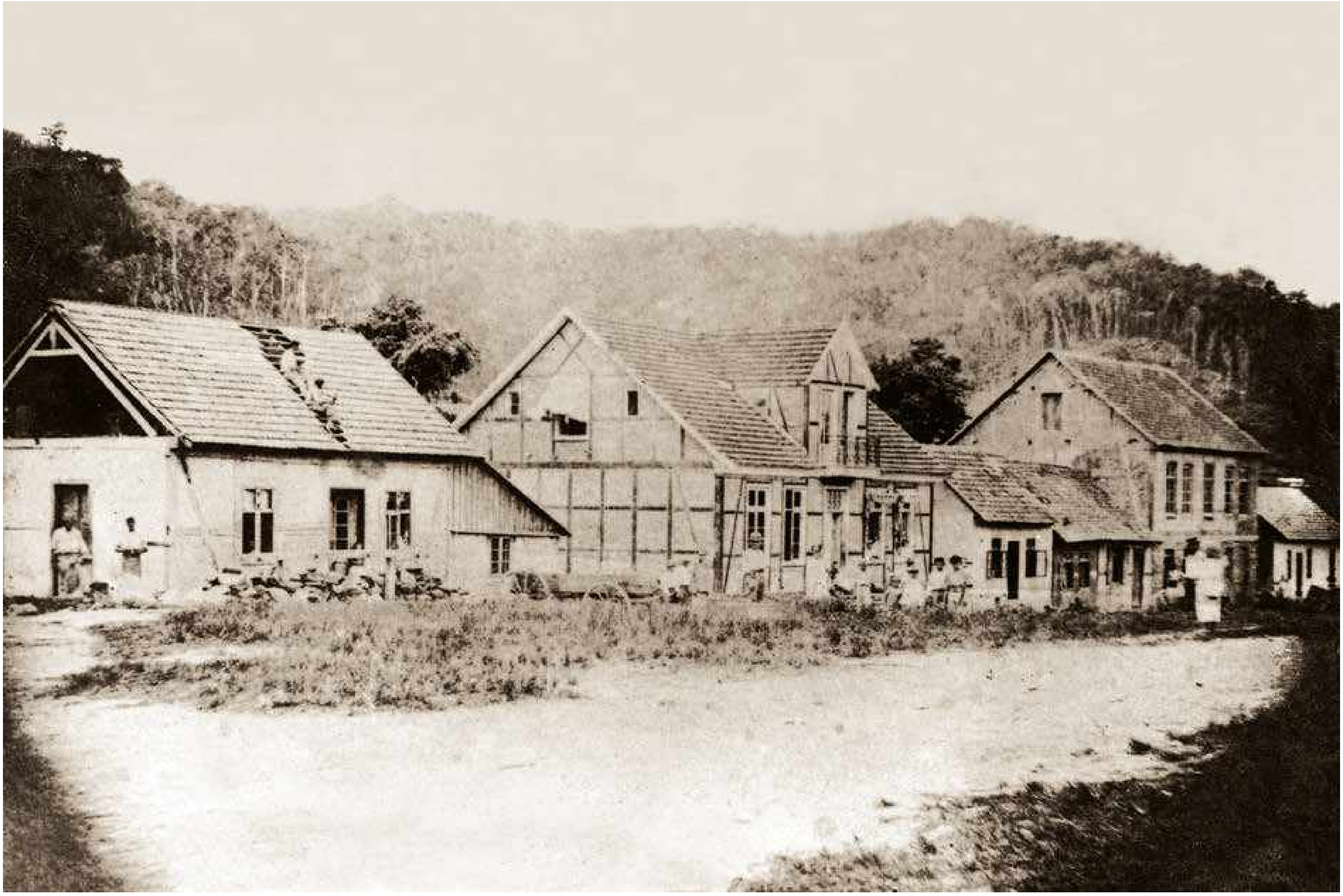


Cartão de Convite
Einladungs-Karte

Litografia B. Scheidemantel

Lithographie B. Scheidemantel

Acervo / *Sammlung* L. L. Zatelli Hagedorn



Blumenau, c. 1870

Avenida *Dr. Blumenau* (das *Palmeiras*).
Primeiras casas dos imigrantes no Centro.
Ao centro, Casa de negócios de
Meyer & Spierling (enxaimel).

Allee Dr. Blumenau *(*Palmenallee*).*
Erste Immigrantenhäuser im Zentrum.
In der Mitte, Geschäftshaus Meyer & Spierling
(Fachwerk).

Photo B. Scheidemantel, 1868
Acervo / *Sammlung* A. H. Blumenau

Uma das nossas mais importantes empresas, a Casa *Meyer & Spierling*, acabou de construir uma nova Casa. Dentro de uma das paredes foi colocado, além de produtos da Colônia e de material litográfico, também um memorial, sobre a situação atual da Colônia. Este memorial foi colocado dentro de uma garrafa, no dia da inauguração da Casa, em 18 de agosto de 1863.

Eines unserer wichtigsten Unternehmen, Meyer & Spierling*, beendete vor kurzem den Bau eines neuen Geschäftshauses. In eine der Wände wurde nebst ländlichen Erzeugnissen und graphischem Material eine Beschreibung zur aktuellen Lage der Kolonie eingemauert. Dieses Dokument wurde am Tag der Einweihung am 18. August 1863 in einer Flasche versiegelt.*

Kolonie Zeitung, 3.10.1863



Blumenau, c. 1870

Rua das *Palmeiras*. Ao fundo, *Barracão dos Imigrantes*; Hotel *Schreep* (depois, *Brasil*); à direita, Casa de negócios de *Meyer & Spierling*.

Palmenallee*. Im Hg.,* Immigranten-Halle; *Hotel* Schreep (*später* Brasil)*. Rechts: Geschäftshaus* Meyer & Spierling*.*

Photo B. Scheidemantel Acervo / *Sammlung* A. H. Blumenau

A Rua das *Palmeiras* foi a primeira aberta, no ano de 1852. Alí fora construído um hotel de alvenaria onde Dr. Blumenau instalou a direção da Colônia. Em 3 de fevereiro de 1883, a rua mudou de nome – *Boulevard Wendeburg*, homenagem a este braço direito do Dr. Blumenau, que havia falecido em 1881. Posteriormente passou a se chamar Alameda *Dr. Blumenau*. Em 8 de abril de 1939, devido à 2ª guerra mundial, os nomes das ruas não poderiam mais ter nomes alemães; assim, passou a se chamar Alameda *Duque de Caxias*.

Als erste Straße wurde im Jahr 1852 die Palmenallee *erbaut. Hier entstand ein Hotel aus Mauerwerk, in dem Dr. Blumenau die Verwaltung der Kolonie einrichtete. Am 3. Februar 1883 änderte man den Namen der Straße auf Boulevard* Wendeburg*, zu Ehren Dr. Blumenau's ersten Helfers, der im Jahr 1881 verstorben war. Nachträglich bekam die Straße den Namen* Dr. Blumenau-*Allee. Ab 8. April 1939 durften aufgrund des 2. Weltkrieges die Straßen keine deutschen Namen mehr führen, woraufhin diese Straße in* Duque de Caxias-*Allee umbenannt wurde.*

Adalberto Day



Blumenau, 1867

Senhoras da sociedade blumenauense no jardim de Victor e Röse Gärtner. Sentadas, esq/dir: Sra. Breithaupt – Sra. Minna Schroeder Friedenreich – Sra. Pastor Hesse, Wanda Putke Hesse - Sra. Jenny Wendeburg.
De pé, esq/dir: Sra. Reinhold Gärtner – Sra. Dr. Knoblauch – Sra. Röse Gärtner e Sra. Clothilde Thaler Meyer. Em 1851, nascera a primeira menina em Blumenau, Ida, filha da Sra. Friedenreich (2ª sentada, esq/dir).

Damen der Blumenauer Gesellschaft im Garten von V. und R. Gärtner. Sitzend, von l.n.r.: Frau Breithaupt – Frau Friedenreich – Frau Pfarrer Hesse – Frau Jenny Wendeburg. Stehend, von l.n.r.: Frau R. Gärtner – Frau Dr. Knoblauch – Frau Röse Gärtner und Frau Clothilde T. Meyer. Im Jahr 1851 wurde Frau Friedenreichs erste Tochter Ida (zweite v.l.n.r.), in Blumenau geboren.

PHOTO B. SCHEIDEMANTEL ACERVO / SAMMLUNG A. H. BLUMENAU

O passado reaparece. Estamos no ano de 1866. Desfaz-se a neblina. Personagens ressaltam das trevas, vozes atingem meus ouvidos. Encontro-me numa modesta sala, onde os cantores se reúnem para o ensaio semanal. O dirigente musical, Pastor Hesse, começa o ensaio por vozes – passagens difíceis são repetidas várias vezes; forma-se o coro com os tenores e os baixos que obedecem à batuta do dirigente...

Die Vergangenheit taucht wieder auf. Wir befinden uns im Jahr 1866. Der Nebel lichtet sich. Personen tauchen aus den Schatten auf, Stimmen dringen an mein Ohr. Ich befinde mich in einem bescheidenen Raum, wo sich Sänger zu ihrer wöchentlichen Probe treffen. Der Dirigent Pastor Hesse beginnt mit den Stimmproben – die Wiederholung schwieriger Tonläufe. Der Chor nimmt Form an mit den Stimmen der Tenöre und Bässe, die dem Dirigentenstab folgen...

FREDERICO KILIAN



Blumenau, 1867

Pioneiros da Colônia. Esq/dir: Gustav Spierling (comerciante, sócio de Meyer) - Karl Friedenreich (com um cachorro no colo) - Dr. Bernhard Knoblauch (Médico, de pé) - Karl Meyer (comerciante, sentado, copo na mão) - Hans Breithaupt - Pastor Oswald Hesse - Karl Wilhelm Friedenreich - Victor Gärtner (Cônsul, de pé) e Hermann Wendeburg (dedicado auxiliar do Dr. Blumenau, de pé).

Pioniere der Kolonie. Von l.n.r: G. Spierling (Geschäftsmann, Meyers Partner) - K. Friedenreich (mit einem Welpen auf dem Schoß) - Dr. B. Knoblauch (Arzt, stehend) - K. Meyer (Geschäftsmann, sitzend, Becher in der Hand) - H. Breithaupt - Pfarrer O. Hesse - K. W. Friedenreich - V. Gärtner (Konsul, stehend) und H. Wendeburg (Dr. Blumenaus eifriger Assistent, stehend).

PHOTO B. SCHEIDEMANTEL ACERVO / *SAMMLUNG* A. H. BLUMENAU

As pessoas acima em muito colaboraram para o desenvolvimento da Colônia. Hermann Wendeburg era o homem de confiança do Dr. Blumenau; Heinrich Krohberger foi o construtor das igrejas e outras obras; Theodor Kleine no gabinete da direção; Victor Gärtner, seu sobrinho e 1º Cônsul da Alemanha; os irmãos Friedenreich e Dr. Bernhard Knoblauch para atender os doentes, além do Dr. *Fritz* Müller e seu irmão August na assistência aos colonos; o Pastor Hesse, eficiente em seu serviço; Emil Odebrecht, Rudolf Kleine e Heinrich Kreplin na medição das terras; Capitão von Gilsa, o professor que conhecia a fundo a língua portuguesa; os comerciantes Gustav Spierling e Karl Meyer, sócios que abriram a primeira grande casa de comércio no *Stadplatz*.

Diese Menschen waren für die Entwicklung der Kolonie äußerst wichtig. H. Wendeburg war die Vertrauensperson Dr. Blumenaus; H. Krohberger der Erbauer der Kirchen und anderer Bauwerke; T. Kleine war Leiter des Stadtbüros; dessen Neffe V. Gärtner wurde erster deutscher Konsul; die Gebrüder Friedenreich sowie Dr. B. Knoblauch waren für die Versorgung kranker Mitbürger zuständig; Dr. Fritz *Müller und dessen Bruder August waren zuständig für die Unterstützung der Bauern; Pfarrer Hesse war ein effizienter Seelsorger; Landvermesser E. Odebrecht, R. Kleine und H. Kreplin; Hauptmann von Gilsa, ein in der portugiesischen Sprache bewanderter Lehrer; die Partner G. Spierling und K. Meyer waren die ersten wichtigen Geschäftsleute am Stadtplatz.*

Alegoria sobre a Colônia



Hermann Blumenau

Scheidemantel deixa aqui registrada sua apreciação pelos desenhos satíricos do alemão Wilhelm Busch (Alemanha, 1832-1908), com quem se correspondia. Consta ter sido realizada pela passagem dos 25 anos da Colônia e colorizada por Paul Hering. No topo desta alegoria temos Dr. Blumenau de braços abertos como que abraçando sua Colônia. Entre fitas entrelaçadas, macaquinhos e anjos, frases dispersas dizem: "Ao mérito a Coroa! ou as outras"; "O que deve ser bom, leva tempo"; "Se não vens hoje, virás amanhã!"; "Roma não foi construída em um dia!"; "O que leva tempo é bom!"; "Devagar se vai ao longe!"; "Sempre devagar, sem pressa!"; "Amanhã é outro dia!"; "Tudo à antiga, nada de novo!".

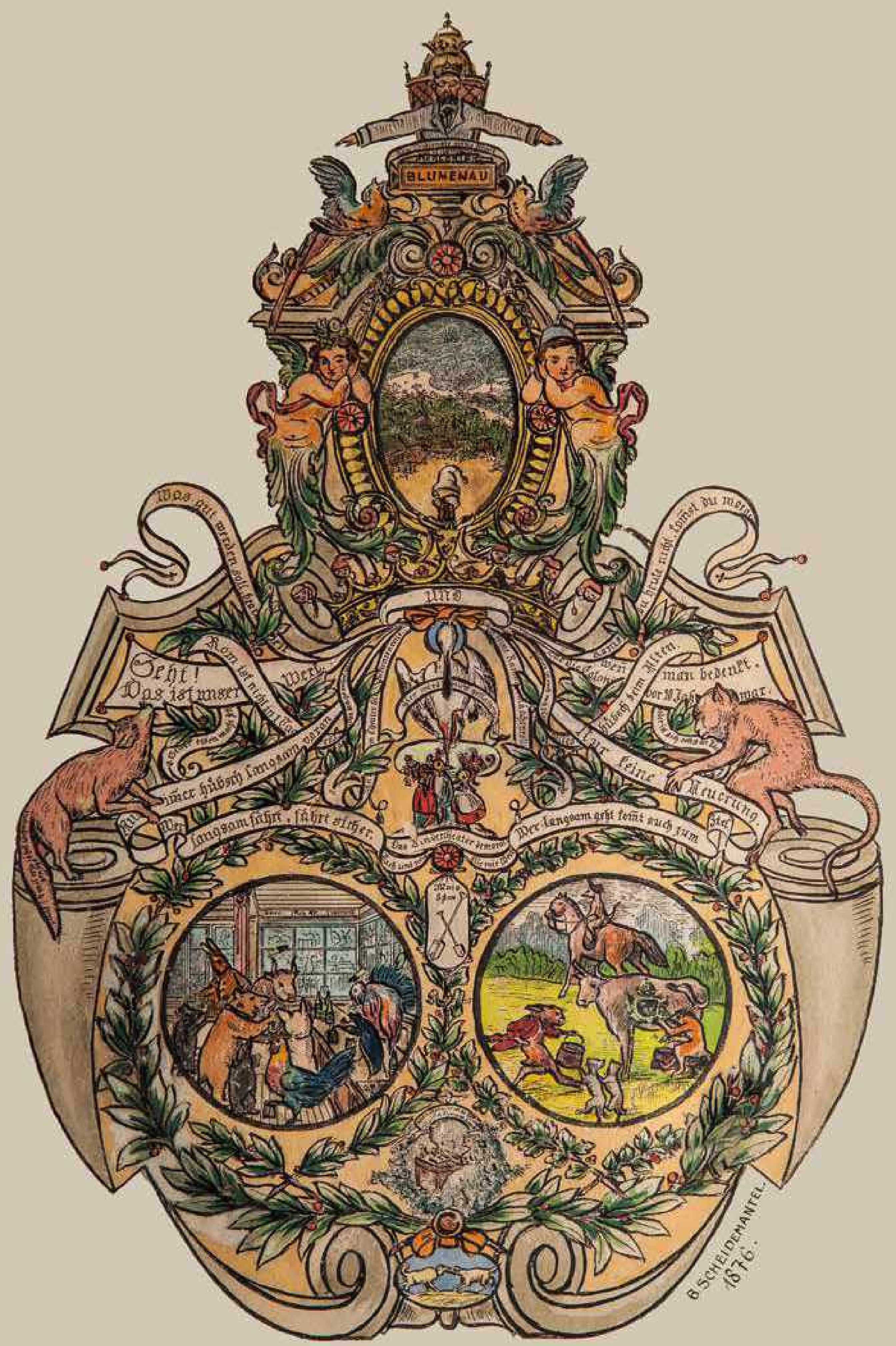
No 1º oval, a paisagem do *Stadplatz*, à direita, com o Rio Itajaí-açu ao fundo. Tomada do morro da casa do Pastor Evangélico. No 2º oval, como na "Assembléia das Aves" de Marcelino Antonio Dutra (Desterro, 1847), ele mostra uma "Assembléia dos Bichos" bebericando *bittern, Pn. Ar. e Kaschas* (bitter , porções e cachaça) num local que pode ser a farmácia veterinária de K. W. Friedenreich. A bicharada está representada por 2 quatís, 2 porcos, um coelho, um galo, um peru, uma gralha e um boi. No 3º oval, ainda no mundo dos bichos, a figura central é uma vaca portando em sua barriga os símbolos do Império. A sátira quer indicar que a Colônia Brusque está a tirar leite da "vaca imperial"...
Um coelho acorre com um balde para usufruir do líquido enquanto dois gatos fazem a reverência. Ao fundo, um rato galopa sobre um cavalo em direção da floresta.



Hermann Wendeburg

Eine Allegorie auf die Kolonie. Hier bringt Scheidemantel seine Bewunderung gegenüber Wilhelm Busch's satirischen Bildern (Deutschland, 1832-1908) zum Ausdruck, mit welchem er Briefwechsel führte. Dieses Bild wurde von Paul Hering vermutlich zur 25. Jahresfeier der Kolonie (hand-kolloriert). Ganz oben sieht man Dr. Blumenau mit offenen Armen, als würde er seine Kolonie umarmen. Eingeflochten in verwobenen Bändern, zwischen Äffchen und Engeln liest man einzelne Sätze wie "Der Krone oder anderen zu Ehren!" "Was gut werden soll braucht Zeit"; "Kommst Du heute nicht, kommst du morgen"; "Seht, das ist unser Werk!"; "Nur keine Neuerung"; "Wer langsam fährt, fährt sicher"; "Wer langsam geht, kommt auch zum Ziel"; "Morgen ist ein neuer Tag!". Im 1. ovalen Bild oben sieht man rechts den Stadtplatz, mit dem Fluss Itajaí-açu im Hintergrund. Blick vom Hügel des evangelischen Pfarrhauses. Im 2. ovalen Bild (unten links) sieht man eine "Versammlung der Tiere" beim Trinken von Bitter; Pn. Ar. und Kaschass (Schnaps) an einen Ort, der K. W. Friedenreichs tiermedizinische Apotheke sein könnte (in Anlehnung an das Gemälde "Versammlung der Vögel" von Marcelino Antonio Dutra (Desterro, 1847). Die Tierwelt wird durch 2 Nasenbären, 2 Schweine, je einem Hasen, Hahn, Truthahn, Krähe und Ochsen dargestellt. Auf dem 3. ovalen Bild (unten rechts) sieht man, immer noch in Anlehnung an die Tierwelt, als Zentralfigur eine Kuh, die in ihrem Bauch die kaiserlichen Wappen trägt. Der satirische Inhalt des Bildes deutet darauf hin, dass die Kolonie Brusque am Euter der "imperialen Kuh" saugt. Ein Hase eilt herbei mit einem Eimer, während zwei Katzen ihre Ehrerbietung bekunden. Im Hg., galoppiert eine Maus auf dem Rücken eines Pferdes in Richtung Urwald.

Acervo / *Sammlung* A. H. Blumenau


BLUMENAU
Seht! Das ist unser Werk
immer hübsch langsam voran
Nur keine Neuerung.
Wer langsam fährt, fährt sicher.
Wer langsam geht komt auch zum Ziel
man bedenkt.
B. SCHEIDEMANTEL. 1876.



Fritz Müller Sobrinho e esposa Adele Stutzer



Elsa e Gertrud (de pé), Kaethe e Wiegand (sentados)



Elsa e Gertrud Müller



Walter e Helmut Müller



Fritz Müller Sobrinho e esposa Adele Stutzer Müller com filhos. *Fritz* Müller Sobrinho era o 5º filho dos 9 que tiveram August (irmão de *Fritz* Müller) e Friederike Müller. A esposa de Sobrinho, Adele, era filha do Otto e Therese Stutzer. Sobrinho é bisavô de Bruno Kilian Kadletz (co-autor deste livro). Faleceu em *Indaial* no domingo 25 de março de 1928. No sepultamento, Max Humpl, Freitag e Franke entoaram a canção - "Parte feliz na manhã de outono!

F. M. Sobrinho und Gemahlin A. S. Müller mit Sohn. Fritz *Müller Sobrinho war der fünfte von neun Söhnen des Ehepaares August (*Fritz' *Bruder) und Friederike Müller. Sobrinhos Ehefrau, Adele, war eine Tochter von Otto und Therese Stutzer. Sobrinho selbst war Urgroßvater von Bruno Kilian Kadletz (Co-Autor dieses Buches). Er starb in* Indaial *am 25. März 1928. Bei seiner Beerdigung sangen Max Humpl, Freitag und Franke das Lied - "Fahr wohl am Herbstmorgen!".*

ACERVO / *SAMMLUNG* B. K. KADLETZ





Blumenau, c. 1867

Tomada sobre a Rua das *Palmeiras*. Ao centro, *Barracão dos Imigrantes* (1); à esquerda, Hotel *Schreep* (2); Casa *Meyer & Spierling* (3); casa de Victor Gärtner (4); K. W. Friedenreich (5); *Companhia de Navegação Fluvial* (6) e casa de comércio de Alwin Schrader(7); local onde seria construída a Casa da Municipalidade (8) pelo Dr. Blumenau.

Ansicht auf die Palmenallee. *In der Bildmitte,* Immigranten-Halle *(1); links, Hotel* Schreep *(2); Geschäftshaus* Meyer & Spierling *(3); Wohnhaus von V. Gärtner (4); K. W. Friedenreich (5);* Reederei *(6) und Handelshaus A. Schrader (7); Platz wo später von Dr. Blumenau das Gemeindehaus (8) errichtet wurde.*

Acervo / *Sammlung* J. Blumenau-Niesel, Berlin

As dificuldades do Grupo Teatral foram superadas por ocasião da sua última apresentação que lotou todo o espaço. Além do trivial *Humoristische Studen / Estudos Humorísticos*, apresentou de August Fréderic von Kotzebue - *Der gerade Weg ist das beste / O Caminho reto é o Melhor*. Na 1ª peça o trabalho de conjunto dos atores foi um sucesso notável, o que também aconteceu na 2ª peça, considerando ainda o excelente conteúdo da mesma. Após o espetáculo, o baile prendeu associados e convidados até o amanhecer.

Die Theatergruppe durchlebte einige Schwierigkeiten, die jedoch mit ihrer letzten Aufführrung und einem ausverkauften Haus überwunden werden konnten. Auf dem Program standen das triviale Stück Humoristische Studien*, sowie* Der gerade Weg ist das beste*, von August von Kotzebue. Beide Stücke wurden durch das Zusammenspiel der Darsteller zu einem hinreißenden Erfolg, dessen Krönung der besondere Inhalt des zweiten Stückes war. Die anschließende Tanzveranstaltung verband Vereinsmitglieder und Gäste bis in die frühen Morgenstunden.*

Pastor Hesse / Kolonie Zeitung, 2.4.1864



Blumenau, c. 1880

Rua das *Palmeiras*. À esquerda, Hotel *Schreep*, de Johann Schreep, falecido em 16.5.1882, com 85 anos; 2ª construção, casa de negócios *Meyer & Spierling*, local onde seria construído o Teatro *Frohsinn*, em 1896. Coqueiros Jerivá *(Siagrus Romanzoffiana)* plantados pelo Dr. Blumenau em 1873. Em 9.7.1883, Karl Wetzel fundava nesta casa da viúva Schreep, a *Deutsche Privat-Schule*, lecionando o Alemão, Matemáticas, Geografia, História (do Brasil, da Alemanha, Universal e Natural), Física Elementar e Religião. Mensalidade: 1$500 réis.

Palmenallee. *Links, Hotel* Schreep*, im Besitz Johann Schreeps, der am 16.05.1882 im Alter von 85 Jahren verstarb; zweites Gebäude, Geschäftshaus* Meyer & Spierling*, wo 1896 das Theater* Frohsinn *erbaut wurde. Jerivá Palmen* (Siagrus Romanzoffiana)*, von Dr. Blumenau im Jahr 1873 gesetzt. Am 09.07.1883 eröffnete im Haus der Witwe Schreep Karl Weztel die* Deutsche Privat-Schule*, in der außer Deutsch, Mathematik, Erdkunde, Geschichte (brasilianische, deutsche, Welt- und Naturgeschichte) unterrichtet wurde. Monatsbeitrag: 1$500 Reis.*

PHOTO B. SCHEIDEMANTEL ACERVO / *SAMMLUNG* C. FICKER – A. H. JOINVILLE



Donnerstag, den 20. December

Auction

im Hause von

Meyer & Spierling

Versteigert werden bereits angezeigte und viele andere Waaren, namentlich auch

Spielsachen

sowie sonstige zu

Weihnachtsgeschenken

passende Artikel

Der billige Ausverkauf wird ununterbrochen fortgesetzt.

Quinta-feira, 20 de Dezembro (1883). Leilão na Casa de *Meyer & Spierling*.
A liquidação a preços baixos será efetuada sem interrupção.





Hüte Hüte!

Herren- und Knabenhüte

empfing in großer Auswahl und empfiehlt zu billigen Preisen.

F. Schrader.

Blumenau, c. 1880

À esquerda, entrada para a Rua das *Palmeiras*, próximo à Casa da Municipalidade. Ao centro, escritório da *Companhia de Navegação* (fundada por Louis Sachtleben); à direita, casa de comércio de Alwin Schrader (enxaimel).

Links, Eingang zur Palmenallee*, in der Nähe des Gemeindehauses. In der Mitte, Kontor der* Reederei *(gegründet von L. Sachtleben); rechts, Handeshaus von A. Schrader (Fachwerk).*

Photo B. Scheidemantel Acervo / *Sammlung* A. H. Blumenau

Louis Sachtleben (Quedlinburg, 1835 - Blankenburg, 1895) chegou a Blumenau em 1852, trabalhou em serraria com o Cel. Flores, depois com Otto Stutzer, casando-se em 1857 com Emilie Hess-Haertel. Criou em 1869 a *Konsum- Verein Kolonie Blumenau* (Sociedade de Consumo). Em 1878, fundou a *Cia. de Navegação Fluvial a Vapor Blumenau-Itajaí*, adquirindo nesta época o vapor *Progresso*, e, em 1893, o vapor *Blumenau*. Foi Vice-Presidente da Câmara Municipal entre 1883-87. Chefe político de grande influência no Partido Conservador.

Louis Sachtleben (Quedlinburg, 1835 - Blankenburg, 1895) kam 1852 nach Blumenau und arbeitete in einem Sägewerk, zunächst mit Cel. Flores und dann mit Otto Stutzer. 1857 ehelichte er Emilie Hess-Haertel. 1869 gründete er den Konsum-Verein Kolonie Blumenau*. Im Jahr 1878 gründete er die* Dampfschiffsgesellschafft Blumenau-Itajaí *mit dem Erwerb des Dampfers* Progresso *(übers. "Fortschritt"), sowie 1893 durch Hinzukauf des Dampfers* Blumenau*. Zwischen den Jahren 1883 uns 1887 war er Stellv. Vorsitzender der Stadtkammer und von da an ein einflussreicher Politiker der Konservativen Partei.*



Blumenau, c. 1880

Rua *XV de Novembro*. À esquerda, casas de comércio de Gustav Salinger e Louis Sachtleben. Por trás da carreta, entrada para a Rua das *Palmeiras*. *Companhia da Navegação Fluvial,* casa de comércio de Alwin Schrader e edifício da Municipalidade. À direita, casa de Carl Jansen, Padaria *Kuehn* e casa do Dr. Faust.

XV-Novembro-*Straße. Links, Geschäftshäuser von G. Salinger und L. Sachtleben. Hinter dem Wagen, Eingang zur* Palmenallee. Reederei*, Handelshaus A. Schrader und Gebäude der Stadtverwaltung. Rechts, Haus C. Jansens, Bäckerei* Kuehn *und Wohnhaus der Familie Faust.*

Photo B. Scheidemantel Acervo / *Sammlung* J. Blumenau-Niesel, Berlin





Casa *Sachtleben*. Última Novidade! Tecidos de Seda para Fantasias em peças individuais. Verdadeira Seda bruta Japonesa. Anúncios trazem lucros!





Schützengesellschaft
Blumenau.
Montag, den 29. März
Hirsch-Schießen.
Der Vorstand.

Blumenau, c. 1889

Plano geral sobre a Rua das *Palmeiras*. Ao centro, atual Rua *Ceará*. À direita, caminho para o atelier de Bernhard Scheidemantel. Ao fundo, à direita, Igreja Matriz Católica.

Gesamtansicht auf die Palmenallee. *Bildmitte: heutige Straße* Ceará. *Rechts, Zugang zum Atelier B. Scheidemantels. Im Hg., rechts, Katholische Kirche.*

Photo B. Scheidemantel Acervo / *Sammlung* A. H. Blumenau

A velha Blumenau dos bailes do *Frohsinn*, da *Sociedade dos Atiradores*, das competições das *Gesangsvereine*, dos torneios de ginástica, das bandas do Rüdiger e do velho gordo Werner que, nas horas vagas, deixava o pistão para dar cumprimento aos mandados de sua excelência, o *Rechtsrichter*.

Die "alte" Stadt Blumenau zu Zeiten der Bälle in den Vereinshäusern Frohsinn *und* Schützenverein, *sowie der Gesangsvereine, Sportturniere, der Musikkapelle der Rüdigers und des dicken Alten Werners, welcher in seinen freien Stunden das Horn beiseitestellte und als Friedensrichter wirkte.*

Der Urwaldsbote, 1907



Blumenau, c. 1880

Rua das *Palmeiras*. Ao fundo, casa de Hermann Wendeburg (1), construída em 1858. Funcionou como *Casa da Direção* até 1875. Casa de Victor Gärtner, construída em 1864, hoje *Museu Colonial* (2). Primeira casa e comércio de Victor Gärtner, onde entre 1867-88 funcionou o *Consulado Alemão* (3). Casa de Karl Wilhelm Friedenreich (4), Veterinário, Naturalista e Comerciante.

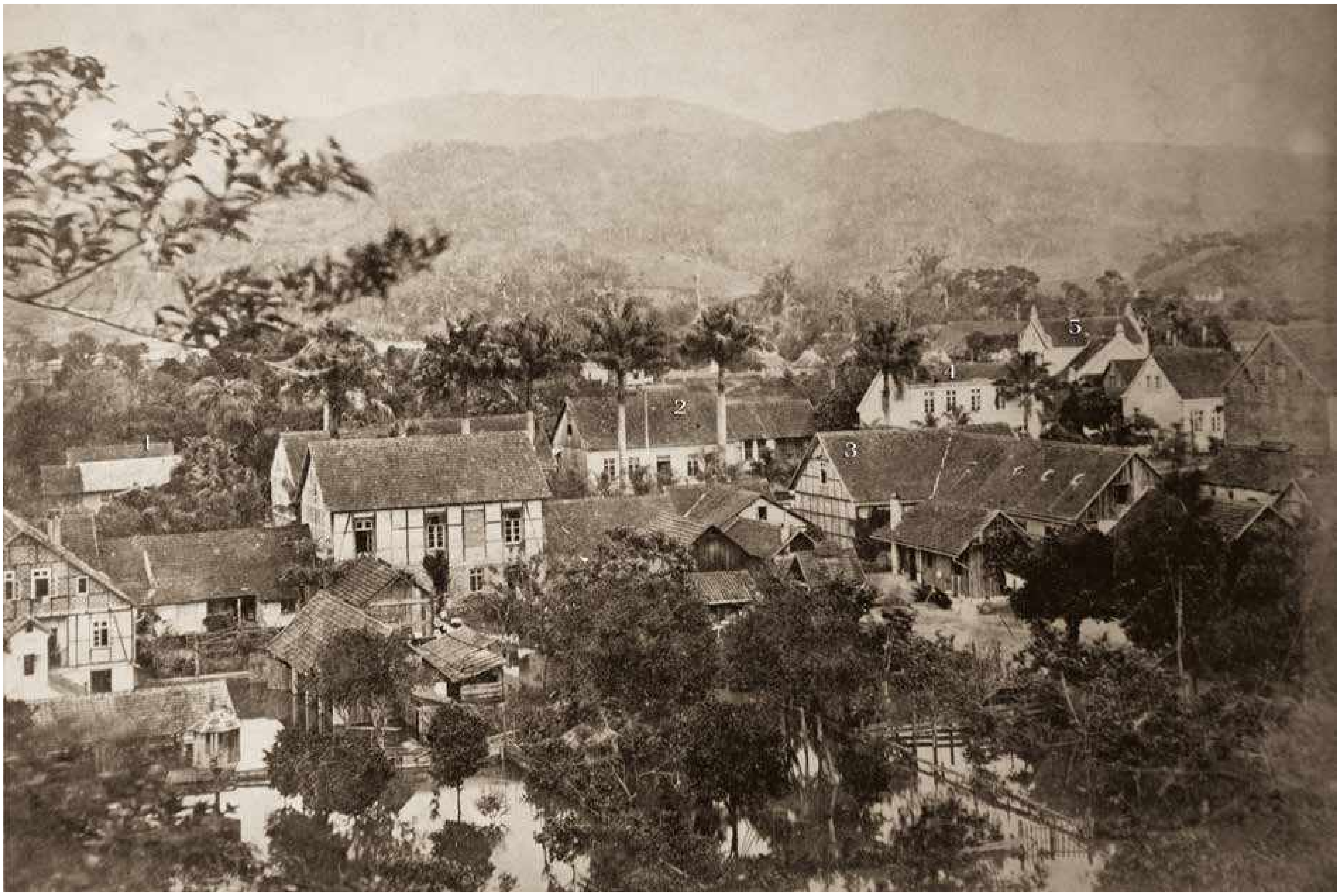
Palmenallee*. Im Hg., Haus Hermann Wendeburgs (1), erbaut 1858. Diente als* Direktionshaus *bis 1875. Haus Victor Gärtners, erbaut 1864, heute* Kolonialmuseum *(2). Erstes Wohn- und Geschäftshaus Victor Gärtners, wo von 1867 bis 1888 das* Deutsche Konsulat *funktionierte (3). Haus von Karl Wilhelm Friedenreich (4), Tierarzt, Naturalist und Kaufmann.*

PHOTO B. SCHEIDEMANTEL ACERVO / *SAMMLUNG* J. BLUMENAU-NIESEL, BERLIN

Toda cidade tem seus tipos excêntricos. Vagando pelos arredores ou mesmo pelo centro da Blumenau colonial, estes tipos peculiares marcaram presença. "Schirm-Onkel" ("o tio do guarda-chuva"); o "João Colono"; o "Catarina Müllmann"; etc. "Schirm-Onkel" era o mais popular. Seu nome real era Friedrich Hoffmann (1812-1887); tinha descendência nobre. Fazia gracejo até com o Dr. Blumenau e o Friedenreich. As crianças o adoravam. Seu amigo era o "Schweizer Buchbinder" (o "encadernador suíço").

Jede Stadt hat ihre exzentrischen Typen, die ihre Anwesenheit in der unmittelbaren Umgebung oder selbst im Zentrum der Stadt kundtun, wie z. B. "Schirm-Onkel", "Kolonisten-Hans", oder "Catarina Müllmann". "Schirm-Onkel" war der bekannteste unter ihnen. Dieser Mann adeliger Herkunft hieß in Wirklichkeit F. Hoffmann (1812-1887). Er trieb seine Späße selbst mit Dr. Blumenau und Friedenreich. Bei Kindern war er äußerst beliebt. Sein Freund war der "Schweizer Buchbinder".

JOSÉ DEEKE





Blumenau, 1888

Fundos da Rua das *Palmeiras* com enchente.
À esquerda, ao fundo, local onde morava o Dr. Blumenau (1). Casas de Victor Gärtner (2); Meyer & Spierling (3); K. W. Friedenreich (4) e Municipalidade (5).

Rückwärtige Ainsicht der Palmenallee *während der Flut.Im Hg., links, Wohngegend Dr. Blumenaus (1). Wohnhaus von V. Gärtner (2); Meyer & Spierling (3); K. W. Friedenreich (4) und Munizipalkammer (5).*

PHOTO B. SCHEIDEMANTEL ACERVO / *SAMMLUNG* C. FICKER – A. H. JOINVILLE

Christian Rüdiger era outro destes "Kaspar Hauser". De estatura baixa, entroncado, pernas curtas e braços extremamente compridos. Seus apelidos eram: "Krischan Piependeckel" ("tampa de cachimbo") e "Kleiner Krischan" ("pequeno Krischan"). Quando a enchente de 1880 destruiu sua casa e seus pertences, tornou-se uma pessoa incrédula e revoltada.

C. Rüdiger war auch so ein "Kaspar Hauser". Kleinwüchsig, stämmig, mit kurzen Beinen und besonders langen Armen wurde er "Krischan Piependeckel" oder der "Kleine Krischan" genannt. Bei der Flut im Jahre 1880 verlor er Haus und Besitztümer und entwickelte sich zu einem widerspenstigen und revoltierten Mitbürger.

JOSÉ DEEKE





Blumenau, c. 1880

Rua *XV de Novembro*. Edifício da Municipalidade, inaugurado em 1875.

XV-Novembro-*Straße. Gebäude der Munizipalkammer, erbaut 1875.*

PHOTO B. SCHEIDEMANTEL
ACERVO / *SAMMLUNG* J. BLUMENAU-NIESEL, BERLIN

Havia também o "Zundhütchen" ("Espoleta"), também baixo e entroncado. Fazia a entrega domiciliar do pão. Após a revolução de 1893, ficou em Blumenau um negro muito alto e magro, inofensivo, que gostava muito de crianças. Era o "Lange Benjamin" (o "comprido Benjamin"). "Russenbaron" (o "Barão Russo") era um oficial vindo do Báltico, cujo nome era von Handreck. Quando recebia seu dinheiro vindo da Rússia, saía com seu burrinho para festejar no *Gross*. Comprava quinino na farmácia da frente, misturava com cachaça e saía zanzando, montado no burrico.

Ein weiterer Außenseiter war "Zündhütchen", ebenfalls kleinwüchsig und stämmig. Er lieferte Brot von Haus zu Haus. Der "Lange Benjamin" war ein dunkelhäutiger sehr großer, dünner und gutmütiger Mann, der nach dem 1893gen Aufstand nach Blumenau kam und besonders kinderlieb war. Der "Russenbaron" war einer aus dem Baltikum stammender russischer Offizier, mit Familiennamen Handreck. Beim Empfang seiner russichen Kriegsrente zog er stets mit seinem kleinen Esel zum Feiern ins Gasthaus Gross*, kaufte Chinin in der gegenüberliegenden Apotheke, trank dasselbe mit Schnaps und zog auf seinem Maultier wankend von dannen.*

JOSÉ DEEKE



Blumenau, c. 1880

Vegetações - Vista da Igreja Evangélica. Tomada dos fundos do atelier de Bernhard Scheidemantel.

Vegetation - Sicht auf die Evangelische Kirche. Hintere Ansicht der Ateliers B. Scheidemantel.

PHOTO B. SCHEIDEMANTEL ACERVO / *SAMMLUNG* ROLF GUTBERLET

PÁGINA AO LADO / *SEITE GEGENÜBER*

Blumenau, 1880

Igreja Evangélica, ainda sem relógio.

Evangelische Kirche, noch ohne Uhr.

PHOTO B. SCHEIDEMANTEL ACERVO

SAMMLUNG J. BLUMENAU-NIESEL, BERLIN



Theater- und Musikverein „Frohsinn“

Blumenau.

Sonnabend, den 31. Oktober

Von Joh. Seb. Bach

bis Rich. Wagner

ein

Gedenken

an unsere größten Tonmeister in

Musik und Dichtung.

Textbearbeitung Willy Lohr.

Musikbearbeitung Heinz Geyer.

Beginn 8½ Uhr. Nur für Mitglieder.

Associação Teatral e Musical *Frohsinn*.
Sábado, 31 de Outubro.
De Johann Sebastian Bach até Richard Wagner.
Em Memória aos nossos maiores Mestres da Música e Poesia.
Texto de Willy Lohr.
Música de Heinz Geyer.
Início: 8 ½ h.
Só para sócios.

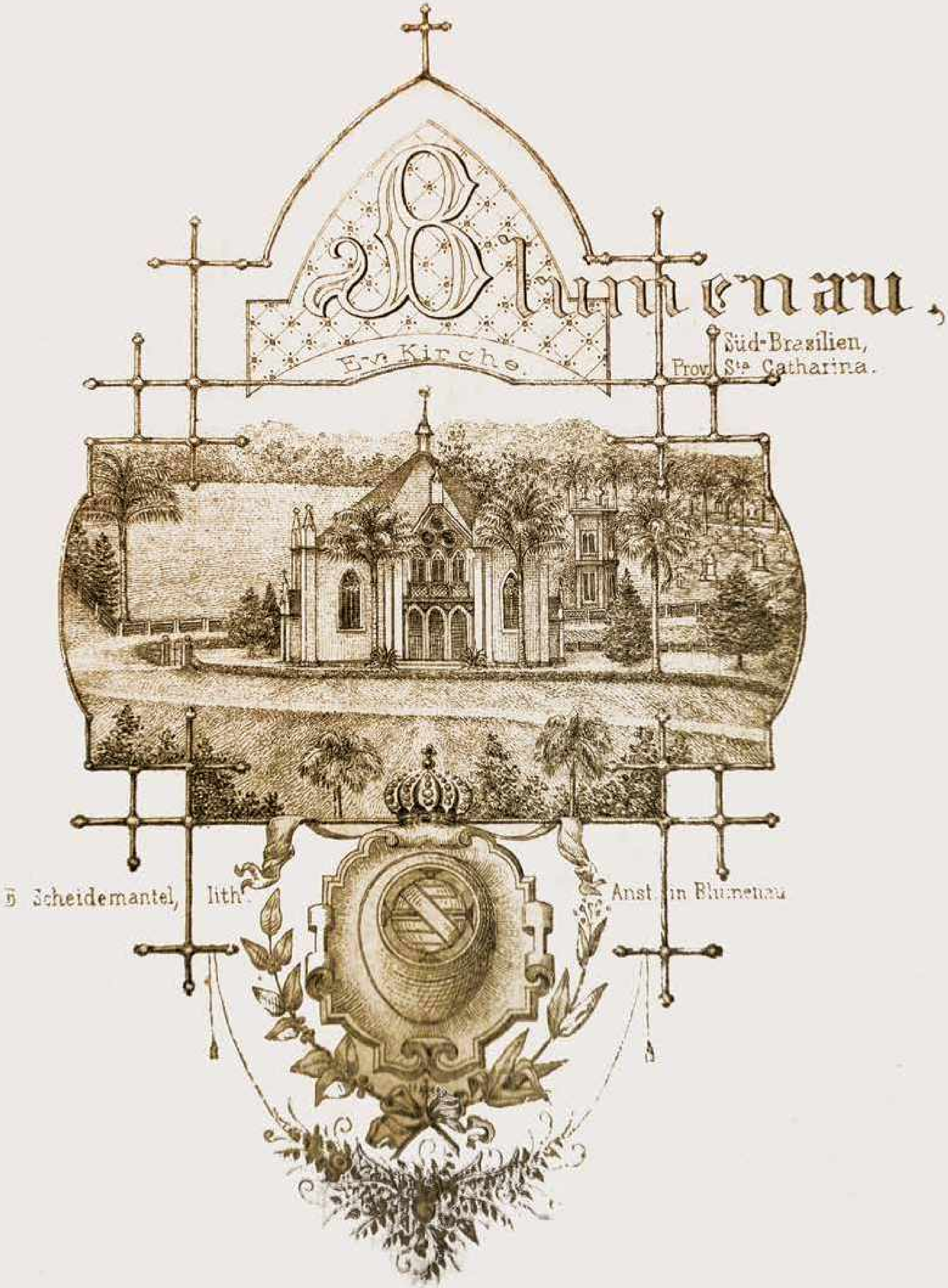


Por decreto do Governo Imperial, em 10.11.1865 foi ordenada a construção de um templo Evangélico. A Comunidade Evangélica, existente desde 1857, teve a pedra fundamental de sua Igreja lançada em 23.9.1868, uma semana após o lançamento da pedra fundamental da Igreja Católica. Sua inauguração deu-se em 23.9.1877, recebendo o nome de "Igreja do Espírito Santo". Foi construída em terreno doado pelo Dr. Blumenau no ribeirão *Fresco*. Teve como construtor o engenheiro-arquiteto Heinrich Krohberger, o mesmo da Igreja Católica. A prédica de inauguração foi proferida pelo Pastor Oswald Hesse: "... após mais de 20 anos utilizando várias casas para nossos cultos, agora abrem-se as portas deste templo para ouvirmos a palavra de Deus".

Nach einem Dekret des Kaisers vom 10.11.1865 wurde der Bau einer Evangelischen Kirche angeordnet. Die Gemeinde bestand seit 1857 und erhielt die Grundsteinlegung ihrer Kirche am 23.9.1868, eine Woche nach Gründung der Katholischen Kirche. Die Einweihung der Evang. Kirche fand am 23.9.1877 statt, unter dem Namen "Kirche des Heiligen Geistes". Sie wurde auf einem von Dr. Blumenau gestifteten Grundstück am Flusslauf des Ribeirão Fresco *(Kühler Bach) errichtet. Baumeister war Ingenieur und Architekt H. Krohberger, der bereits die Katholische Kirche erbaut hatte. Die Einweihungs-Predikt wurde von Pfarrer O. Hesse gehalten: "...zwanzig Jahre lang wurde der Gottesdienst in verschiedenen Häusern abgehalten, nun öffnen sich die Tore dieses Tempels zum Empfang des Wort Gottes".*



Dr. Heinrich Krohberger (1836-1914)


Blumenau,
Ev. Kirche
Süd-Brasilien,
Prov. Sta Catharina.
H. Scheidemantel, lith. Anst. in Blumenau



Blumenau, 1883

Ponte do *Pastor* (atual *25 de Julho*, dia do Colono).
À esquerda, entrada para o ribeirão *Fresco (Recanto dos Macacos)*. À direita, entrada para o bairro do *Garcia*. Acima, Igreja Evangélica, já com o relógio, colocado em 1883. À esquerda, casa do *Coveiro*. Pastor Hesse proferiu seu 1º Culto em 9.8.1857, no *Barracão dos Imigrantes*. Em 6.7.1883, chegava pelo vapor *Progresso* um novo Harmônio, encomendado pela firma *Wahl & Cia.*, de Desterro. Vinha da Alemanha ao custo de 1.500 marcos. Em 27 desse mês e ano, chegavam 4 caixas com o relógio para a Igreja.

Pastoren-*Brücke (heutige Straße* 25 Julho*, Tag des Einwanderers). Links, Eingang zum* Fresco-*Bach* (Affenwinkel)*. Rechts, Eingang zum* Garcia-*Viertel. Oben, Evangelische Kirche bereits mit Uhr, installiert im Jahr 1883. Links, Haus des* Totengräbers*. Pastor Hesse hielt seinen ersten Gottesdienst am 9.8.1857, in der* Immigranten-Halle*. Am 6.7.1883 wurde von der Firma* Wahl & Co*. aus Desterro mit dem Dampfer* Progresso *ein neues Harmonium geliefert. Das Instrument stammte aus Deutschland und kostete 1.500,00 Deutsche (Reichs-)Mark. Am 27. Juli des gleichen Jahres erreichten 4 weitere Kisten den Hafen, mit Teilen der Kirchenuhr.*

PHOTO B. SCHEIDEMANTEL ACERVO / *SAMMLUNG* ROLF GUTBERLET





Pastor R. Oswald Hesse (1820-1879)





Blumenau, 1879

Rua *XV de Novembro*. À esquerda, casa de Moritz Holetz. À direita, Hotel de Mauricio (Moritz) Holetz na foz do ribeirão *Garcia* (local onde seria construído o Hotel *Holetz* e o Cine *Busch*). Aquarela de autor desconhecido.

XV-Novembro-*Straße. Links, Haus des Moritz Holetz. Rechts, Hotel (Moritz) Holetz an der* Garcia-*Mündung (Ort an dem später das Hotel* Holetz *und Kino* Busch *entstand). Aquarell eines unbekannten Autors.*

ACERVO / *SAMMLUNG* HEINZ HOLETZ



PÁGINA AO LADO / *SEITE GEGENÜBER*

Blumenau, c. 1870

Primeira ponte do *Garcia*,1856. Primeiro modelo desta ponte, ainda próxima ao nível de desembocadura do ribeirão. Casa de Moritz Holetz.

Erstes Konstrukt der Garciabrücke,1856, etwas über Wasserspiegel-Höhe bei der Mündung des Baches. Haus des Moritz Holetz.

PHOTO B. SCHEIDEMANTEL ACERVO / *SAMMLUNG* B. K. KADLETZ





Blumenau, c. 1960

Ponta Aguda e Rio Itajaí-açu. Vapor *Blumenau* no estaleiro.

Schärfeneck *und Itajaí-açu Fluss. Dampfer* Blumenau *in der Werft.*

Acervo / *Sammlung* A. H. Blumenau

Página ao lado / *Seite gegenüber*

Foz do ribeirão *Garcia*
Ao fundo, *Ponta Aguda*

Garcia-*Mündung*
Im Hg., Schärfeneck

Acervo / *Sammlung* José Alberto Junges, RS



Na grande curva do Rio Itajaí-açu está a chamada *Ponta Aguda*. Era lindo olhar-se para aquele mato verde dentre o qual uma ou outra árvore mais alta sobressaía. Enquanto Dr. Blumenau viveu na Colônia, proibiu terminantemente a derrubada de mato, pois temia que outra grande enchente pudesse arrancar a maior parte da península... Porém, o mato foi derrubado, o terreno dividido em lotes e vendido. Até então tinham somente os caçadores que penetravam aquele mato fechado, onde havia muita caça.

In der großen Kurve des Itajaí-açu-Flusses befindet sich das sogenannte Schärfeneck (Ponta Aguda). *Die Ansicht des grünen Waldes mit einigen hervorragenden Bäumen war wunderschön. Solange Dr. Blumenau in der Kolonie lebte, verbot er strikt das Roden des Urwalds, da er befürchtete, eine neue große Flut könne einen Großteil der Halbinsel mit sich reißen. Danach wurde jedoch der Wald geschlagen, das Land in Parzellen aufgeteilt und verkauft. Bis dahin waren in dieses Gebiet nur Jäger eingedrungen, da hier reichhaltiges Wild vorhanden war.*

Alice Schwarzer von Moers





Porto / *Hafen*

ACERVO / *SAMMLUNG* A. H. BLUMENAU

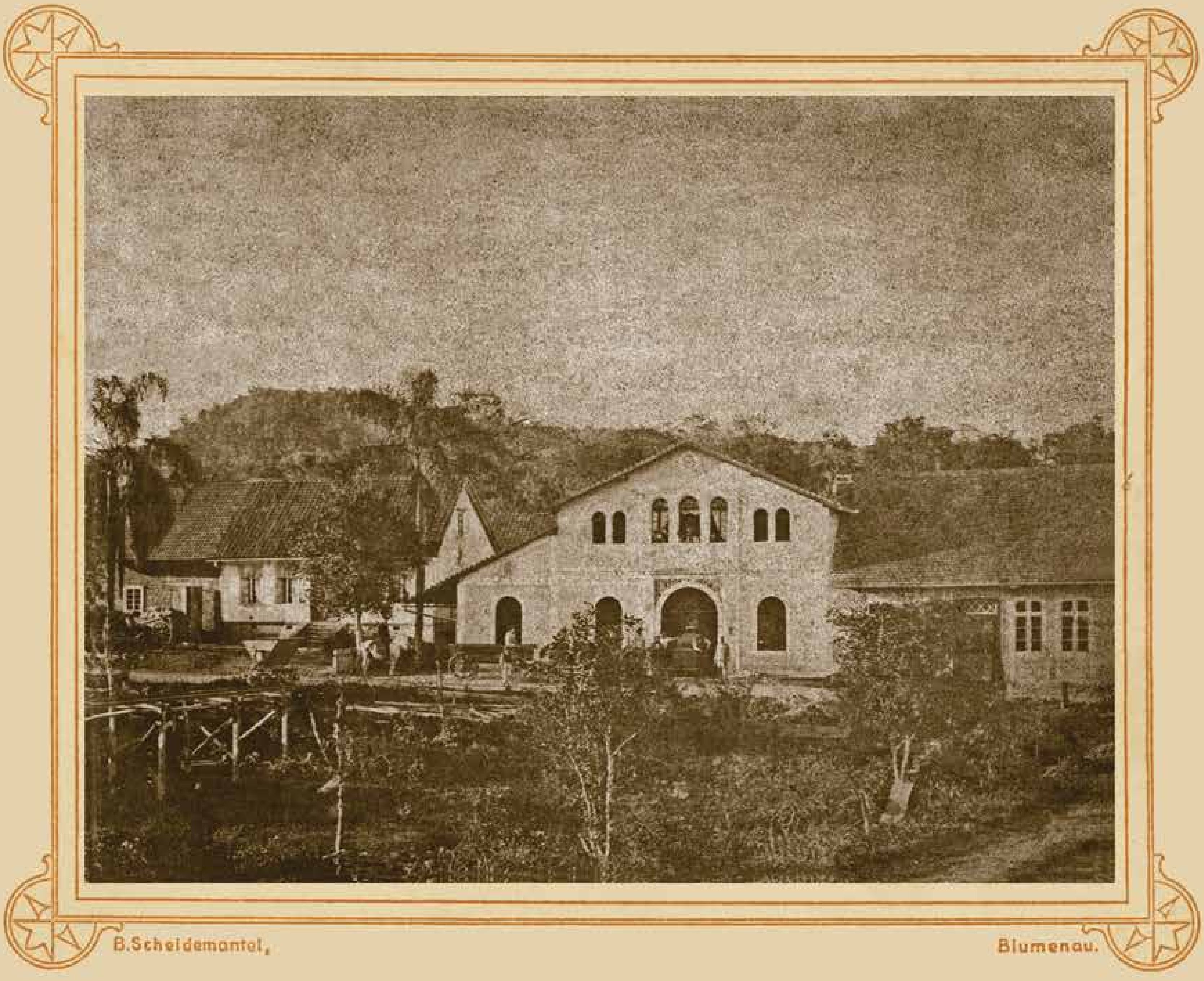


Soeben eingetroffen
Frische
Holl. Voll-Heringe
sowie
Sardellen.
F. Schrader.
Ferner empfing
Pflaumen, Rosinen, Chokolade, Cacao-Pulver
und Kräuterkäse.
F. Schrader.

Recém chegados: Arenques e Anchovas holandesas frescas. Além disso: Ameixas, Passas de uva, Chocolate, Cacau em pó e Queijo de ervas. Ferdinand Schrader.

O primeiro barco a vapor a navegar pelo Rio Itajaí-açu foi o *Dom Pedro*, da Marinha de Guerra do Brasil, em 1857. Em agosto de 1871, o pequeno barco adquirido do Sr. Bruestlein, de Joinville, chegou no porto de Blumenau sem as máquinas que aqui seriam repostas. Fazia viagens regulares como rebocador de lanchas de carga, levando 5 horas de Blumenau a Itajaí e 10 horas no sentido contrário. Pertencia ao Sr. Eduard Schadrack.

Das erste Schiff auf dem Itajaí-açu war 1857 der kleine Dampfer Dom Pedro *der brasilianischen Kriegmarine. Später, im Jahr 1871, wurde das Schiff von Herrn Bruestlein aus Joinville gekauft und legte im Hafen von Blumenau an, wo neue Maschinen eingesetzt wurden. Danach diente es regelmäßig als Schlepper für andere Boote; Die Strecke Blumenau - Itajaí wurde in 5 Stunden zurückgelegt; in gegengesetzte Richtung brauchte man dagegen 10 Stunden. Besitzer war Herr Eduard Schadrack.*





Blumenau, c. 1880

Casa de moradia e negócios de Johann Heinrich Grewsmühl no *Garcia*.

Wohn- und Geschäftshaus des J. H. Grewsmühl *im Stadtviertel* Garcia.

Photo B. Scheidemantel
Acervo / *Sammlung* A. H. Blumenau

No início da colonização do *Garcia* o objetivo principal era a agricultura. Até que em 1860 aqui aportou, vindo da Alemanha, Johann Heinrich Grewsmühl, que adquiriu no *Garcia* duas colônias separadas pelo ribeirão que hoje leva seu nome. Não se satisfez, porém, com a lavoura. Construiu uma serraria, represou o ribeirão *Garcia* e mais tarde instalou uma atafona. Tudo no lugar em que hoje se encontra a fundição da *Empresa Industrial Garcia*. Em 1876 a fábrica encerrou suas atividades e assim teve início a indústria têxtil no *Garcia*.

Zu Anfang der Besiedlung des Garcia-*Viertels bestand das Hauptziel der Kolonie in der Landwirtschaft. Nach seiner Ankunft aus Deutschland im Jahr 1860 erwarb J.H. Grewsmühl zwei Kolonien, die durch den Garcia-Bach getrennt waren. Der Wasserlauf verlieh dem Stadtviertel seinen Namen. Der Käufer gab sich jedoch mit der Landwirtschaft allein nicht zufrieden. Er erbaute ein Mahlwerk. Dies alles entstand am Ort wo sich heute das Hüttenwerk der* Garcia-*Industrie befindet. Im Jahr 1876 beendete die Fabrik ihren Betrieb und verwandelte sich in die heutige* Garcia *Textilindustrie.*



Blumenau, c. 1890

Família de Johann Heinrich Grewsmühl. Por trás, esq/dir.: Eugen Johann Grewsmühl e Otilia Grewsmühl. Na frente, esq/dir.: Adelle Grewsmühl, Elizabeth Holler Grewsmühl (2ª esposa de Hermann), Karl August Heinrich, Hermann Nicolaus Heinrich Grewsmühl e Thereze Grewsmühl.

Familie des J. H.Grewsmühl. Im Hg, v.l.n.r.: E. Johann und Otilia. Davor, von l.n.r.: Adelle, Elizabeth (zweite Ehefrau Hermanns), Karl August Heinrich, Hermann Nicolaus Heinrich Grewsmühl und Thereze Grewsmühl.

ACERVO / *SAMMLUNG* A. H. BLUMENAU

A origem deste nome – *Garcia*, vem do Rio *Camboriú*, que banha esta localidade. Este rio era conhecido pelo nome de Ribe*irão Garcia* e quando alguns moradores requereram terras por volta de 1846 e vieram para esta região de Blumenau, o local passou a ser chamado como gente do *Garcia*.

Der Ursprung des Namens Garcia *hängt zusammen mit dem Fluss* Camboriu*, der den Ort gleichen Namens durchfließt. Dieser Fluss (Camboriu) war als* Garcia*-Fluss bekannt, aufgrund einiger Familien, die sich hier niederließen und als* Garcia*-Leute dem Wasserlauf ihren eigenen Familiennamen gaben.*

ADALBERTO DAY



Johann Heinrich Grewsmühl (1804 - 1883)



Blumenau, *Garcia*, c. 1890

Tecelagem *Esperança* de Gustavo Roeder, *Garcia*.
Tomada da Marcearia e Fábrica de Móveis *Grewsmühl*.

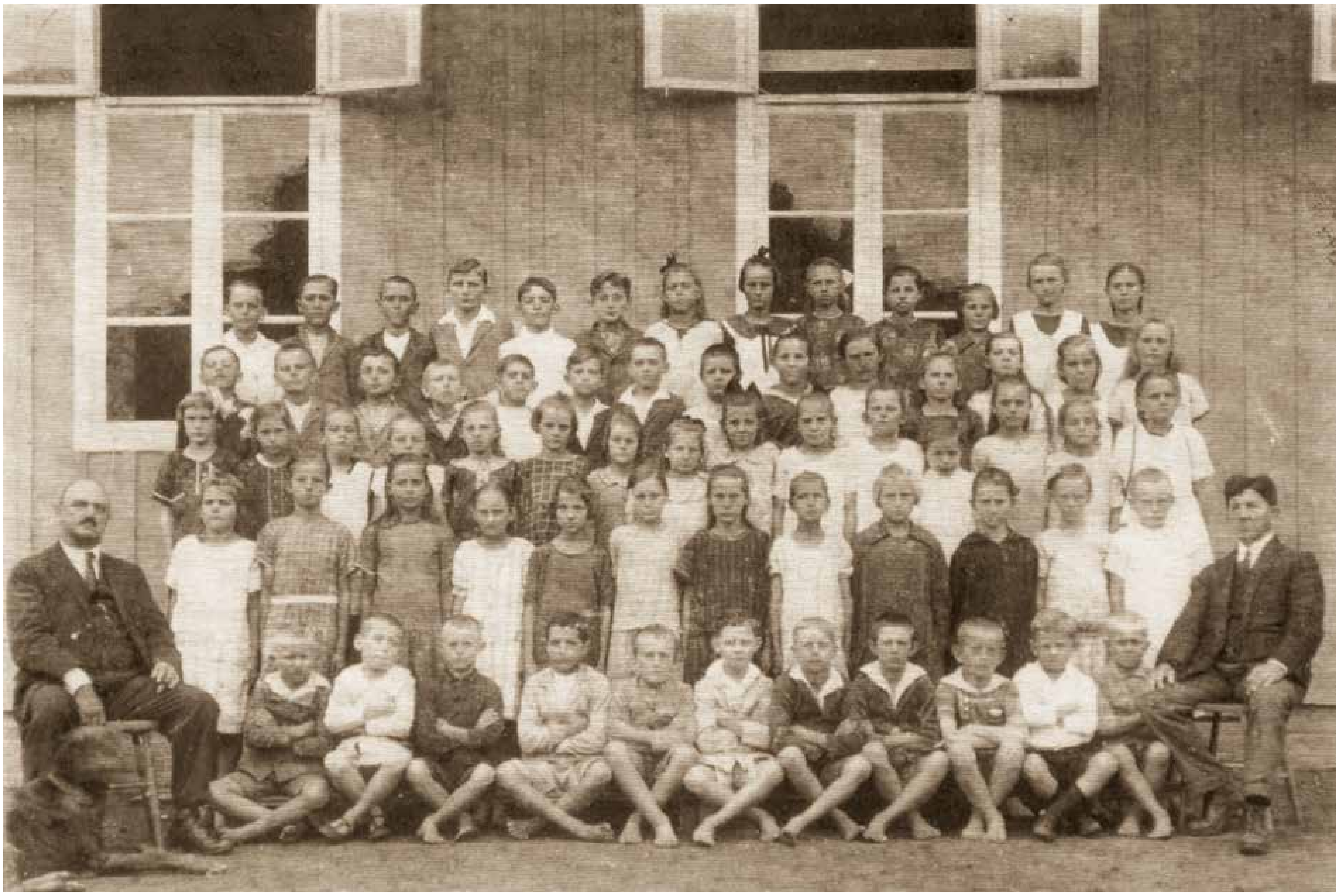
Weberei Esperança *(übers. "Hoffnung") von G. Roeder,* Garcia*.*
Ansicht der Tischlerei und Möbelfabrik Grewsmühl*.*

ACERVO / *SAMMLUNG* A. H. BLUMENAU



Em 1884, Gustav Roeder fundou sua tecelagem no vale do *Garcia*, a qual, após diversas modificações da razão social, chegou ao nome de *Empresa Industrial Garcia S.A*.

Im Jahr 1884 gründete G. Roeder seine Weberei im Garcia *Tal, die nach verschiedenen Änderungen des Firmennamens schließlich in* Industriegesellschaft Garcia S.A. *umbenannt wurde.*



Blumenau, c. 1930

Escola do Prof. Rudolf Hollenweger (sentado, à direita), no bairro *Progresso - Garcia*.
À esquerda, sentado, Otto Huber, fundador da *Artex* e Presidente do *Sptitzkopf Club*.

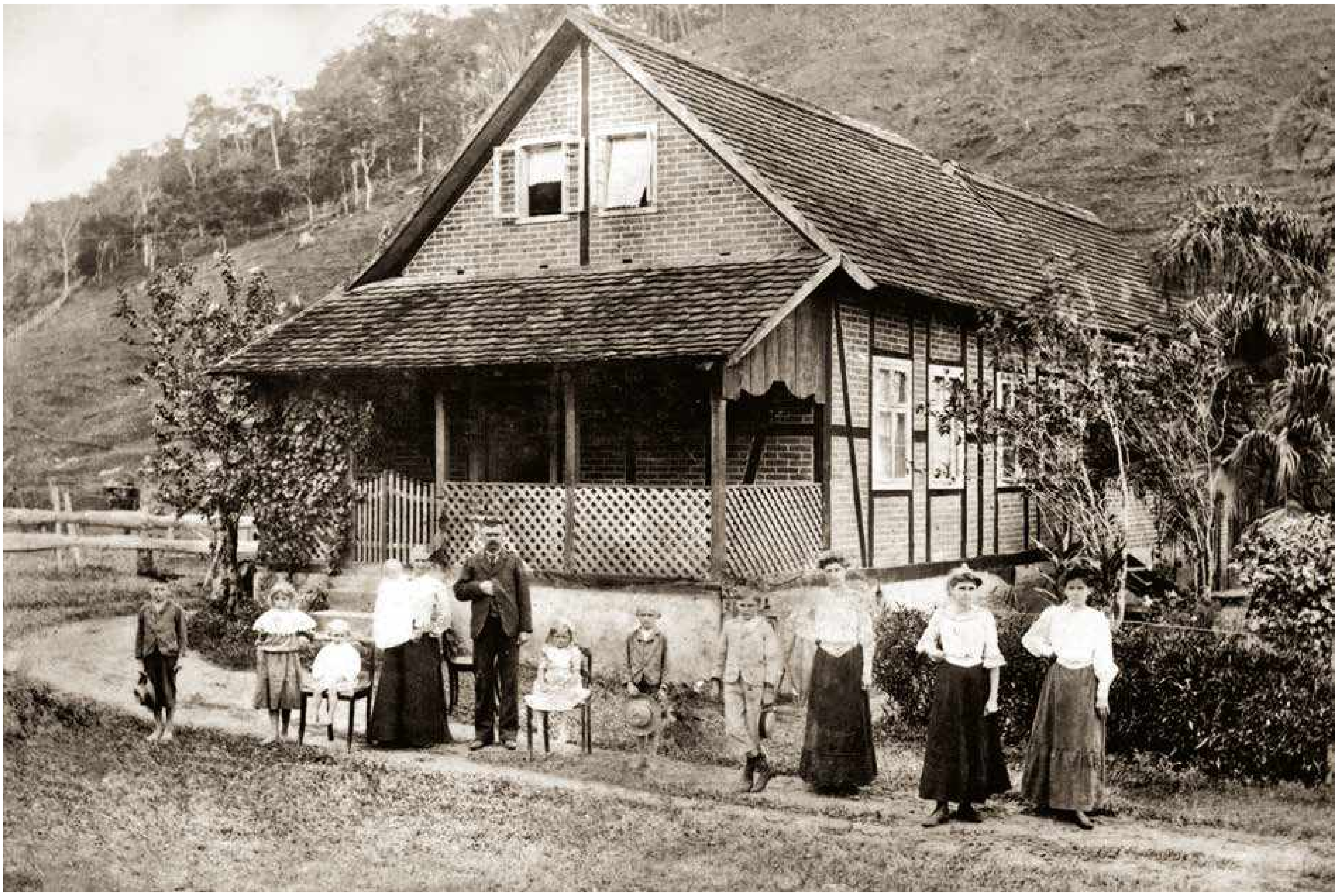
Schule des Prof. R. Hollenweger (rechts, sitzend), im Stadtviertel Progresso - Garcia. Links, sitzend, O. Huber, Gründer des Unternehmens Artex *und Vorzitzender des* Spitzkopf-Klub.

Acervo / Sammlung Adalberto Day



Rudolf Hollenweger (1880-1949), emigrou da Suíça em 1908 com a esposa e fixou-se no *Jordão*, bairro do *Garcia*. Colaborador assíduo do *Blumenauer Volkskalender*, editou em 1930, junto com Frei Estanislau Schaette O.F.M., um *Manual de Ensino*, oferecido à Prefeitura Municipal. Secretário do *Spitzkopf Club*, era também agrimensor, veterinário e músico.

R. Hollenweger (1880-1949), emmigrierte 1908 aus der Schweiz und ließ sich im Stadtviertel Garcia *nieder. Beherzter Mitarbeiter des* Blumenauer Volkskalenders *veröffentlichte er 1930 zusammen mit Pater E. Schaette O.F.M. ein* Handbuch der Erziehung. *Er war Sekretär im* Spitzkopf-Klub*, sowie Landvermesser, Tierarzt und Musiker.*





Blumenau, c. 1890

Residência de Karl Holetz no bairro *Bom Retiro*. Esq/dir: Otto, Clara, Rudolf (sentado), Carlos (colo), Selma Dietrich (mãe), Karl Holetz, Otilia (sentada), Frederico, Evaldo, Thecla, Olga e Vanda.

Wohnhaus von K. Holetz im Stadtviertel Bom Retiro*. Von l.n.r.: Otto, Clara, Rudolf (sitzend), Carlos (auf dem Schoß), S. Dietrich (Mutter), K. Holetz, Otilia (sitzend), Frederico, Evaldo, Thecla, Olga und Vanda.*

Photo B. Scheidemantel Acervo / *Sammlung* Heinz Holetz





Blumenau, c. 1880

Residência e Tipografia de B. Scheidemantel na região da futura Rua *Alwin Schrader*.

Wohnhaus und Buchdruckerei von B. Scheidemantel am Ort der zukünftigen Alwin Schrader*-Straße.*

ACERVO / *SAMMLUNG* HERING ARCHIV

Litografia B. Scheidemantel / *Lithographie B. Scheidemantel*

ACERVO / *SAMMLUNG* L. L. ZATELLI HAGEDORN



Blumenau, c. 1890

Rua *XV de Novembro*. Segunda ponte do *Garcia*.
À direita, casa de Wilhelm Scheeffer (onde em 1906 Samuel Katz levantaria um 2º andar).

XV-Novembro-Straße. *Zweite Garciabrücke. Rechts, Haus des W. Scheeffer (auf welchem 1906 S. Katz ein oberes Stockwerk errichtete).*

PHOTO B. SCHEIDEMANTEL ACERVO / *SAMMLUNG* ROLF GUTBERLET



Wer hat noch
ausländische Wechsel, Gold-
oder Papiergeld
zu verkaufen?
Die höchsten Preise zahlt A. Schrader.

Quem ainda possui cédulas de dinheiro estrangeiros, ouro ou papel-moeda - Melhores preços oferecidos por Alwin Schrader.

Na viagem regular do vapor *Progresso*, em 15.6.1883, este transportava para Itajaí a seguinte carga: 3 caixas com carne em conserva em pequenas latas; 2 latões com carne em conserva; 9 caixas com charutilhos; 2 caixas com cera; 8 caixas com mel; 5 caixas com toucinho; 2 caixas com linguiça; 11 caixas com ovos; 2 barricas com ovos; 95 caixas com batatas; 6 fardos de tabaco; 47 sacas de feijão preto; 11 sacos de arroz; 10 sacos de milho; 2 barricas e 3 caixas de artefatos de ferro. Total: 386 volumes. Infelizmente, na altura de *Belchior* (onde morava Fritz Müller), logo abaixo do Porto, o vapor encalhou, tendo de descarregar parte dos volumes.

Auf seiner Routinefahrt nach Itajaí am 15.6.1883 beförderte der Dampfer Progresso *folgendes Frachtgut: 3 Kisten Dosenfleisch in kleinen Verpackungen; 2 Blecheimer mit Konservenfleisch; 9 Kisten dünne Zigarren; 2 Dosen Wachs; 8 Kisten Honig; 5 Kisten Bauchspeck; 2 Kisten Wurst; 11 Kisten Eier; 2 Fässer Flüssig-Ei; 95 Kisten Kartofffeln; 6 Tabakrollen; 47 Säcke Schwarze Bohnen; 11 Säcke Reis; 10 Säcke Mais; 2 Fässer, sowie 3 Kisten Eisenwaren; Gesamtladung: 386 Einheiten. Leider lief das Schiff auf der Höhe* Belchiors *(in der Nähe des Hauses von Fritz Müller) auf Grund und musste sich eines Teils seiner Fracht entladen.*

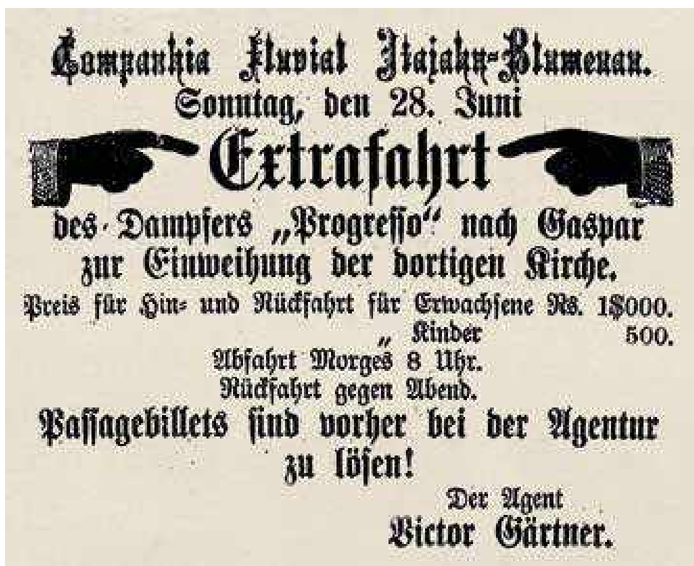


Blumenau, c. 1890

Porto. À direita, *Ponta Aguda*. Ao fundo, Igreja Católica.

Hafen. Rechts, Schärfeneck. *Im Hg., Katholische Kirche.*

PHOTO B. SCHEIDEMANTEL ACERVO / *SAMMLUNG* ROLF GUTBERLET



Companhia Fluvial Itajahy-Blumenau.
Sonntag, den 28. Juni
Extrafahrt
des Dampfers „Progresso" nach Gaspar
zur Einweihung der dortigen Kirche.
Preis für Hin- und Rückfahrt für Erwachsene Rs. 1$000.
" Kinder 500.
Abfahrt Morges 8 Uhr.
Rückfahrt gegen Abend.
Passagebillets sind vorher bei der Agentur
zu lösen!
Der Agent
Victor Gärtner.

Companhia Fluvial Itajahy-Blumenau.
Domingo, 28.6.1885.
Viagem Extra do vapor "Progresso" para Gaspar para a inauguração da Igreja local. Preço de ida e volta para adultos: 1000 réis; para crianças: 500 réis. Partida pela manhã às 8h e volta ao anoitecer. os bilhetes podem ser adquiridos antecipadamente na Agência!
O Agente, Victor Gärtner.



Blumenau, c. 1900

Colégio das Irmãs. Em 27.4.1895 chegaram em Blumenau as Irmãs da *Divina Providência*: Anna, Paula e Rufina. Foram recebidas pelos padres franciscanos. Enquanto o prédio não estava pronto, foram hospedadas em pequena casa na Rua dos *Fantasmas / Gespensterstraße* (atual *Angelo Dias*), o 1º lar e Escola.
Ao lado, de pé, esq./dir.: Irmãs Rufina, Paula, Albina e Oswalda.
Sentadas: Anna e Albertine.

Schwesternschule. Am 27.4.1895 kamen die Schwestern des Ordens der Heiligen Vorsehung *nach Blumenau: Anna, Paula und Rufina. Sie wurden von Franziskaner-Patern empfangen. Während das Gebäude fertiggestellt wurde, fanden sie Unterkunft in einem kleinen Haus in der* Gespensterstraße *(heutige* Angelo Dias-*Straße), ihr erstes Heim und Schule.*
Bild seitlich, stehend, v.l.n.r: Schwestern Rufina, Paula, Albina und Oswalda. Sitzend: Anna und Albertine.

Edição / *Herausgeber* E. Currlin Acervo / *Sammlung* B. K. Kadletz





Blumenau, c. 1905

Primitiva casa do Colégio *São Paulo* (depois, *Santo Antonio*).

Ursprüngliches Gebäude des St. Pauls-*Kollegs (später* St. Antonius-*Kolleg).*

ACERVO / SAMMLUNG ST. ANTONIUS-KOLLEG





Blumenau, c. 1875

Rua *XV de Novembro*. Andaimes, escadas, últimos preparativos da torre da Igreja Católica.

XV-Novembro-*Straße. Baugerüst, Leiter, letzte Arbeiten am Kirchturm der Kathol. Kirche.*

Página ao lado / *Seite gegenüber*

Blumenau, c. 1883

No topo da escadaria, de perfil, Padre J. Maria Jacobs.

Auf der Treppe, ganz oben, im Profil Pater J. M. Jacobs.

Photos B. Scheidemantel Acervo / *Sammlung* J. Blumenau-Niesel, Berlin

A planta e desenho da Igreja Matriz foram feitos pelo engenheiro Heinrich Krohberger. A pedra fundamental foi lançada em 16 de setembro de 1868, quando servia à comunidade Católica Padre Antonio Zielinski, pároco de *Gaspar*. A obra levou mais de 8 anos. Em 24 de dezembro de 1876 é que se realizou a benção da Matriz. Na mesma época foi construída também a Igreja Evangélica, planejada e construída pelo mesmo arquiteto, que chegara a Blumenau em 3 de setembro de 1858. Demolida em 1953.

Bauplan und Zeichnung der Hauptkirche wurden von Ingenieur H. Krohberger entworfen. Die Grundsteinlegung fand am 16. September 1868 statt, unter Anleitung von Pater A. Zielinski, aus dem Nachbarort Gaspar. *Der Bau erstreckte sich über einen Zeitraum von acht Jahren. Am 24. Dezember 1876 wurde die Hauptkirche offiziell eingesegnet. Zum gleichen Zeitpunkt wurde die Evangelische Kirche erbaut, unter Aufsicht des gleichen Architekten, welcher am 3 September 1858 nach Blumenau gekommen war. Niedergerissen im Jahr 1953.*





Em fevereiro de 1876, Padre Jacobs, por ordem do Papa Pio IX, foi nomeado vigário da Colônia Blumenau. Chegando ao Brasil em fins de julho deste ano, foi ter com Padre Boegershausen, com quem ficou 7 semanas, para se ambientar e aprender a língua do país. Em 16 de setembro deste ano, encontraram-se pela primeira vez, Dr. Blumenau e Padre Jacobs. A Igreja Matriz, desenhada pelo Eng. Krohberger, estava quase terminada. A 24 de dezembro de 1876 foi benta a Igreja Matriz com a Missa do Galo.

Im Februar 1876 wurde Pater Jacobs auf Anordnung des Papstes Pius IX zum Vikar der Kolonie Blumenau ernannt. Nach seiner Ankunft Ende Juli dieses Jahres fand er 7 Wochen lang Unterkunft bei Pater Boegershausen, um Sitten und Sprache des Landes kennenzulernen. Am 16. September 1876 traf er erstmals Dr. Blumenau. Die Hauptkirche war zu diesem Zeitpunkt fast fertiggestestellt und wurde am 24. Dezember zur Mitternachtsmesse eingeweiht.

José Deeke





Peças para calçados para homens, mulheres e crianças em tons pretos e coloridos, por modestos preços, estoque permanente no comércio de Luiz Altemburg Senior.

Blumenau, 1909

Festa dos Atiradores. Da esq/dir: Prof. Karl Hertel - Hermann Statsmann - Woldemar Odebrecht - Louis Altenburg Senior - Georg Hendelmeyer - (?) - Cônsul Otto von Rohkohl (de cartola) - (?). Sentado no carrossel, à frente, Paul Husadel.

Schützenfest. *Von l.n.r.: Prof. K. Hertel - H. Statsmann - W. Odebrecht - L. Altenburg Senior - G. Hendelmeyer - (?) - Konsul O. von Rohkohl (mit Zylinder) - (?). Sitzend im Karussel, im Vg., P. Husadel.*

Acervo / *Sammlung* A. H. Blumenau



Louis Altenburg Senior
(1844-1920)



Gertrud Wagner Altenburg (1852-1886)
1ª esposa: 6 filhos e 5 filhas



Blumenau, c. 1890

Atracadouro de vapores no Porto *Altenburg*. Em 27.10.1889, domingo, Heinrich Grewsmühl e Hermann Hering lançaram o rebocador *Jahn* (apelidado de *Bückling*) que também atracava no Porto situado no Centro.

Anlegestelle der Flussdampfer in Blumenau, im Altenburger *Hafen. Am Sonntag 27.10.1889 ließen H. Grewsmühl und H. Hering den Schlepper* Jahn *(Spitzname* Bückling*) vom Stapel laufen, der danach im Hafen des Stadtzentrums ebenfalls ankerte.*

PHOTO B. SCHEIDEMANTEL ACERVO / SAMMLUNG ROLF GUTBERLET



Clara Breithaupt Altenburg (1859-1895)
2ª esposa: 1 filho e 6 filhas



Marie Breithaupt Altenburg (1858-1956)
3ª esposa: 1 filho e 1 filha





Blumenau, c. 1870

Palmeira *Indayá* plantada em 1858 pelo Dr. Blumenau.

Von Dr. Blumenau im Jahr 1858 gepflanzte Indayá *Palme.*

Página ao lado / *Seite gegenüber*

Escola Pública Mista, próxima à Igreja Evangélica.

Gemischte Grundschule, in der Nähe der Evangelischen Kirche.

Photos B. Scheidemantel Acervo / *Sammlung* J. Blumenau-Niesel, Berlin

O início do ensino primário em Blumenau deu-se com a chegada do Prof. Ferdinand Ostermann, nascido e formado na Alemanha. Em 1854 ele foi nomeado pelo Presidente da Província, João José Coutinho, e dois anos após Dr. Blumenau informava: "A frequência da escola das primeiras letras ensina em ambas as línguas simultaneamente, teve regular andamento e progride. O professor é ativo e dá, além das aulas cotidianas no centro da Colônia, em cada semana, em duas tardes, lições no lugar da povoação na beira do rio". Em 1858, foi nomeado professor público Viktor von Gilsa, que havia sido Capitão de artilharia a serviço da Província de Schleswig-Holstein (Prussia) e do Brasil. Em 1863, von Gilsa comandaria o corpo de voluntários de Blumenau na guerra do Paraguai.

Die Grundschulausbildung in Blumenau begann mit der Ankunft des in Deutschland geborenen und ausgebildeten Lehrers F. Ostermann. Im Jahr 1854 wurde er vom Präsidenten der Provinz offiziell zum Lehrer ernannt, woraufhin 2 Jahre später Dr. Blumenau berichtete: "Der Besuch der Grundschule, in der simultan zweisprachig unterrichtet wird, verläuft regelmäßig und nimmt ständig zu. Nebst dem normalen Schulbetrieb unterrichtet der sehr aktive Lehrer auch die Bevölkerung in abgelegenen Stadtteilen am Flussufer". Im Jahr 1858 wurde als öffentlicher Lehrer V. von Gilsa ernannt, der im Dienst Schleswig-Holsteins (Preußens) und in Brasilien als Hauptmann der Artillerie tätig gewesen war. Im Jahr 1863 zog von Gilsa als Hauptmann mit einem Trupp Freiwilliger Blumenauer in den Paraguai-Krieg.

Pater Ernesto Emmendoerfer, O. F. M.



Em 1862, a primeira Escola Pública ficava próxima à Igreja Evangélica e o número de alunos era de 38. Dirigida pelo Pastor Oswald Hesse, ensinava o Latim, Português, Alemão, Francês e elementos de Matemáticas, Geografia e História. Em 1863, outras duas Escolas mistas foram criadas: em *Itoupava Sul*, do Prof. Eberhardt e no *Garcia*, do Prof. Hermann Westendorf (que em 1876 passou a dar aulas também na sede da Colônia). Em 1864, começou a funcionar uma escola só para meninas, no local onde mais tarde funcionaria por muitos anos a agência dos *Correios e Telégrafos*. A regência estava a cargo da Profa. Appolonia von Büttner, vinda de *São Pedro de Alcântara*. Ainda em 1864, na *Itoupava do Norte*, a Escola do Prof. Heinrich Rischbieter e, em *Badenfurt*, a Escola do Prof. Bruno Scharn (onde estudou Lauro Müller, que viria a governar o Estado). Na Rua *São Paulo*, por mais de 25 anos lecionou e marcou época o Prof. Karl Hertel. Em 1873, existiam na sede três escolas particulares. Neste ano, a Escola do Pastor Hesse passou a ser dirigida pelo Prof. Anton Hartwig von Hartenthal, que já ministrara aulas em escola particular na Rua das *Palmeiras*. Em 1876, existiam seis escolas mistas, entre elas duas subvencionadas, mantidas por 5 professores e uma professora, com 143 alunos.

Die erste öffentliche Schule lag in der Nähe der Evangelischen Kirche und zählte im Jahr 1862 insgesamt 38 Schüler. Unter Leitung von Pfarrer O. Hesse wurden dort Latein, Portugiesisch, Deutsch, Französisch, Mathematische Grundkenntnisse, Erdkunde und Geschichte unterrichtet. Im Jahr 1863 wurden zwei weitere Schulen gegründet: eine in Itoupava Sul*, geleitet von Prof. Eberhardt; eine weitere im Stadtviertel* Garcia*, unter Leitung von Prof. H. Westendorf, der ab 1878 ebenfalls im Zentrum der Kolonie unterrichtete. Ab 1864 enstand eine Mädchenschule am gleichen Ort, wo später das* Post-und Telegraphenamt *eingerichtet werden sollte. Die Leiterin dieser Schule war die aus* São Pedro de Alcântara *stammende Lehrerin Appolonia von Büttner. Noch im gleichen Jahr (1864) kamen zwei weitere Schulen hinzu: Die Schule von Prof. H. Rischbieter in* Itoupava do Norte*, und in* Badenfurt *die Schule von Prof. Bruno Scharn (deren Schüler Lauro Müller später Governeur Santa Catarinas wurde). Über 25 Jahre unterrichtete Prof. K. Hertel in der Schule in der Straße* São Paulo*, wo er eine ganze Epoche maßgeblich prägte. Im Jahr 1873 gab es drei Privatschulen, im gleichen Jahr wurde die Schule Pfarrer Hesses von Prof. A. H. von Hartenthal übernommen, der bereits in der Privatschule der* Palmenallee *unterrichtet hatte. 1876 bestanden 6 gemischte Schulen, mit insgesamt 5 Lehrern, einer Lehrerin und 143 Schülern, wobei zwei dieser Schulen öffentliche Gelder empfingen.*

Pater Ernesto Emmendoerfer, O. F. M.



Blumenau, c. 1870

Escola Pública Feminina, fundada em 1864, regida pela Profa. Appolonia von Büttner. Local da antiga agência de *Correios e Telégrafos*, na Rua do *Imperador* (atual Alameda *Rio Branco*). Brincando de "cabra-cega": 21 meninas fazem a roda com as mãos dadas enquanto uma, ao centro e com os olhos vendados, começa a brincadeira...

Öffentliche Mädchenschule, gegründet 1864, unter Leitung von Prof. A. von Büttner. Ort des früheren Post -und Telegraphenamtes*, in der* Kaiser-*Straße (heutige* Rio Branco - *Allee). Blinde-Kuh-Spiel: 21 Mädchen stehen im Kreis, während die "Blinde Kuh" mit verbundenen Augen in der Mitte das Spiel beginnt...*

PHOTO B. SCHEIDEMANTEL ACERVO / SAMMLUNG J. BLUMENAU-NIESEL, BERLIN



Christine Ottilie Appolonia von Büttner (Alemanha, 1843 - Brusque, 1929) veio para o Brasil com 13 anos e se estabeleceu em *São Pedro de Alcântara*, com um irmão, sua mãe, Condessa Constance, e sua tia, Condessa Maria Poniska. De origem nobre, lecionou nesta Escola em Blumenau por 29 anos. Foi casada com Wilhelm Scheeffer.

Appolonia von Büttner (Deuschland, 1843 – Brusque, 1929) kam im Alter von 13 Jahren nach Brasilien und ließ sich gemeinsam mit ihrem Bruder, ihrer Mutter-Gräfin Constance und ihrer Tante Gräfin Maria Poniska in São Pedro de Alcântara *nieder. Adeligen Ursprungs, unterrichtete sie in dieser Schule während 29 Jahre. Sie ehelichte Wilhelm Scheeffer.*



Blumenau, c. 1880

Escola Pública Feminina. Mesma escola da página anterior, 10 anos depois. Algumas meninas portam uma faixa atravessada ao peito; uma bandeira com emblema oval está hasteada ao lado da palmeira mais crescida; na entrada superior, um tufo de hera sobe pelo telhado.

Öffentliche Mädchenschule. Gleiche Schule der vorherigen Seite, 10 Jahre später. Einige der Mädchen tragen Bruststreifen der Schule, an der Eingangspalme weht die Fahne der Lehranstalt. Am oberen Eingang der Schule ist eine Kletterpflanze zu sehen.

Édition de la Mission brésiliènne de propagande.

Acervo / *Sammlung* B. K. Kadletz

A casa da Escola era separada da rua por alta cerca viva, de arbustos florescentes. Entrando-se pelo portão, sob uma pérgola de trepadeiras, a vista deslumbrava-se diante de um espetáculo encantador. De cada lado do pequeno caminho de entrada, e no meio do jardim, um vasto tapete de grama do qual duas elegantes e majestosas palmeiras reais se alçavam para além do telhado da casa, sobre o qual abriam as maravilhosas copas que balançavam ao sabor da brisa.

Das Haupthaus der Schule war durch eine hohe blühende Busch-Hecke von der Straße getrennt. Nach Eintritt des Schultores bot sich unter einer mit Schlingpflanzen bewachsenen Pergola ein bezaubernder Anblick: Zu beiden Seiten des schmalen Eingangspfades ragten inmitten eines wohlgepflegten Rasens zwei mächtige Königspalmen empor, die mit ihren wunderbaren Kronen das Dach der Schule überragten und sie in der leichten Brise schwingen liessen.

Alice Schwarzer von Moers




Soeben empfing und empfiehlt
echte rheinische Mühlensteine
in drei verschiedenen Größen
Heinrich Grevsmühl.

Pedras de moinho recém chegadas do Reno em 3 tamanhos.
Heinrich Grewsmühl.

Blumenau, c. 1890

Enchente no Ribe*irão Garcia.*

Überschwemmung des Garcia *Flusses.*

Photo B. Scheidemantel Acervo / Sammlung Rolf Gutberlet







Anzeigen.
Empfehle zur bevorstehenden Pflanzzeit:
Pflüge, Eggen
Eggenzinken
à Stck. 600 Rs. à 1 R. schwer.
Heinrich Grevsmühl,
gegenüber der katholischen Kirche.

Para o próximo plantio: vende-se arados, grades e grampos a 600 Rs. a peça e 1 R. o quilo. Heinrich Grewsmühl, ao lado da Igreja Católica



Blumenau, c. 1890

Vista do Ribe*irão Garcia.*

Ansicht auf den Garcia-*Fluss.*

PHOTO B. SCHEIDEMANTEL ACERVO / SAMMLUNG ROLF GUTBERLET



Blumenau, c. 1890

Vista lateral da casa de Negócios de G. Salinger & Cia., em *Itoupava Seca*. Ao centro, Gustav Salinger; na extrema direita, seu sócio, P. C. Feddersen.

Seitenansicht des Geschäftshauses von G. Salinger & Co., im Stadtteil Itoupava Seca*. In der Mitte, G. Salinger; ganz rechts Geschäftspartner P. C. Feddersen.*

Photo B. Scheidemantel Acervo / *Sammlung* A. H. Blumenau

Peter Christian Feddersen (Tondern, Prússia, 1857 - Blumenau, 1946) chegou a Blumenau com 22 anos, em 22.9.1879. Portando considerável fortuna, comprou terras no bairro *Rio do Testo* e depositou o restante na Firma *Meyer & Spierling*. Um ano depois começou a exercer a função de comerciante, vindo a associar-se a Gustav Salinger, ambos estabelecendo 16 filiais pela região do Vale e Alto Vale. Entre 1882-83 estava em São Paulo, onde montou uma Cervejaria - *Zum Weinen Ross / Ao Cavalinho Branco*, com bailes, na Rua dos *Andradas.* De volta a Blumenau, dedicou-se a várias atividades, sempre junto a Salinger: Fábrica de Charutos; instalação de uma Usina Hidroelétrica; *Club Teutônia*; à *Hertel's Schule*; à Escola *Nova Alemã*; à Comunidade Evangélica; à instalação da Estrada de Ferro; 1º engenho de arroz em *Ascurra*, 1908; etc. Foi Deputado Estadual nos anos 1898-1903; 1913-15 e 1922-30. Casou com Ella Guthe e tiveram 4 filhos.

P. C. Feddersen (Tondern, Preußen, 1857 - Blumenau, 1947) kam am 22.9.1879 im Alter von 22 Jahren nach Blumenau. Aus vermögenden Verhältnissen stammend, kaufte er Ländereien im Bezirk Rio do Testo *und investierte den restlichen Teil in die Firma* Meyer & Sperling*. Ein Jahr später ging er als Kaufmann eine Geschäftspartnerschaft mit Gustav Salinger ein, mit welchem er 16 Filialen im Gebiet des Itajaí-Tales eröffnete. In den Jahren 1882 und 1883 öffnete er die Brauerei* Zum Weissen Ross *als Tanzlokal in der* Andradas-*Straße, in der Landeshauptstadt* São Paulo*. Zurück in Blumenau widmete er sich verschiedenen Tätigkeiten, stets gemeinsam mit Salinger, wie einer Zigarren-Fabrik, der Errichtung eines Strom-Kraftwerkes, dem* Club Teutonia*, der Herthels Schule und Neuen Deutschen Schule, der Evangelischen Gemeinde, der Gründung der Eisenbahn-Gersellschaft, der ersten Reismühle in* Ascurra*, 1908, u.v.a.m. Er wurde Landes-Abgeordneter zwischen den Jahren 1898 bis 1903, 1913 bis 1915 und 1922 bis 30. Er ehelichte Ella Guthe, mit der er 4 Kinder hatte.*



Blumenau, c. 1890

Casa de negócio *G. Salinger & Cia.* e residência de Peter Christian Feddersen, em *Itoupava Seca (Altona)*. P. C. Feddersen chegara a Blumenau com 22 anos contribuindo no desenvolvimento do comércio e da cultura da Colônia. Em 2.12.1895, ele enviava a foto acima a um amigo: "Ao distincto companheiro e amigo Ignacio Bastos, offerecido pelo amigo sincero, P. Chr. Feddersen". Ao centro, Gustav Salinger (chapéu-côco); à direita, P. C. Feddersen, seu sócio (ao lado do carro-de-mola).

Geschäftshaus G. Salinger & Co. *und Wohnhaus des P. C. Feddersen, in* Itoupava Seca (Altona). *P. C. Feddersen war im Alter von 22 Jahren nach Blumenau gekommen und trug wesentlich zur Entwicklung von Handel und Kultur in der Kolonie bei. Am 2.12.1895 schickte er dieses Foto einem Freund mit den Worten: "An den herausragenden Partner und Freund Ignacio Bastos, von seinem ehrlichen Freund, P. Chr. Feddersen". In der Bildmitte Konsul G. Salinger (mit Hut). Ganz rechts dessen Teilhaber Cel. Feddersen.*

PHOTO B. SCHEIDEMANTEL ACERVO / SAMMLUNG MONS. J. N. ABIB



P. C. Feddersen
1857-1946



Ella G. Feddersen
1861-1938





Gustav Salinger (Greifswald, 1848 - Blumenau, 1920) veio para o Brasil em 1876 e 5 anos depois fora encarregado por Wilhelm Asseburg a gerenciar a filial da firma deste em Blumenau. Que acabou se tornando proprietário e prosperando bastante no negócio de importação e exportação de produtos coloniais, tendo P. C. Feddersen como sócio. Entre 1889-90, presidiu a Câmara dos Vereadores e, em 5.11.1901 participou da fundação da *ACIB / Associação Comercial e Industrial de Blumenau*. Cônsul da Alemanha em Blumenau, participou ativamente das funções teatrais do *Frohsinn*. Foi casado com Dorothea Reiche e adotaram uma menina, Olga Müller.

Gustav Salinger (Greifswald, 1848 - Blumenau, 1920) kam 1876 nach Brasilien und wurde 5 Jahre später von Wilhelm Asseburg damit beauftragt, dessen Filiale in Blumenau zu leiten. Im Laufe der Zeit übernahm er die Zweigstelle und entwickelte gemeinsam mit Geschäftspartner P.C.Feddersen einen erfolgreichen Handel kolonialer Waren im Import- / Exportbereich. In den Jahren 1889 und 1890 wurde er Vorsitzender der Stadtkammer; am 5. November 1911 wirkte er als Mitgründer der Blumenauer Industrie- und Handelskammer. *Als deutscher Konsul in Blumenau nahm er regen Anteil an den Veranstaltungen des Theatervereins* Frohsinn*. Er war verheiratet mit D. Reiche, mit welcher er das Mädchen Olga Müller adoptierte.*



Blumenau, c. 1880

Reunião dos proprietários e funcionários da Companhia *Salinger.* À esquerda, o 2º é Gustav Salinger (proprietário); o 5º (sentado no corrimão), seu sócio P. C. Feddersen. "Sempre que alguém, em situação de penúria, batesse à porta de Feddersen, não voltava de mãos vazias. Praticava a caridade, sem alarde, desinteressadamente." (Max Humpl).

Versammlung der Eigentümer und Angestellten der Firma Salinger. *Zweiter von links: Eigentümer G. Salinger; der 5te. (auf dem Gelände sitzend) sein Teilhaber P. C. Feddersen. "Niemand aus armen Verhältnissen, der an der Haustür bei Feddersen anklopfte, zog mit leeren Händen davon. Er praktizierte Wohltätigkeit, selbstlos, ohne Aufsehen zu erregen." (Max Humpl).*

Photo B. Scheidemantel Acervo / *Sammlung* A. H. Blumenau



Gustav Salinger
1848-1920



Dorothea R. Salinger
1850-1930





Blumenau, c. 1880

Ponte em *Warnow,* povoado tradicional na história de *Indaial*. Entre seus primeiros povoadores estão os Hoeschl. Sua *Sociedade dos Atiradores* data de 1.12.1879, onde D. Pedro II foi sócio da mesma.

Brücke in Warnow, *einem traditionsreichen Ort in der Geschichte* Indaials. *Zu dessen ersten Einwohnern gehörte die Familie Hoeschl. Der* Schützenverein *wurde am 01.12.1879 gegründet und zählte den Kaiser D. Pedro II zu seinen Mitgliedern.*

PHOTO B. SCHEIDEMANTEL ACERVO / SAMMLUNG ROLF GUTBERLET



Blumenau, c. 1880

Moinho em *Warnow*

Warnowmühle

PHOTO B. SCHEIDEMANTEL
ACERVO / *SAMMLUNG* ROLF GUTBERLET



Schützen-Fest
zu Indayal
am 22. August dieses Jahres.

Programm:

Morgens 6 Uhr Reveille,
8 Uhr Versammlung der Schützen im Vereinslokale,
8½ Uhr Ausmarsch,
9 Uhr Beginn des Schießens nach der Scheibe auf 150 Schritt: 3 Schuß.

Proklamierung des Königs.
Flatternschießen.

Fremde können unter den bekannten Bedingungen an der Festlichkeit teilnehmen, und müssen für Mitglieder alle Beiträge ꝛc. entrichtet sein.

Der Vorstand.

Festa dos Atiradores em *Indaial*,
em 22 de Agosto deste ano.
Programa:
6h: Alvorada
8h: encontro dos Atiradores na Sede do Clube
8 ½: saída
9h: início dos *Tiros ao Alvo* a 150 passos, 3 disparos.
Proclamação do Rei,
Tiro ao Pássaro.

Os não associados podem participar nas condições conhecidas. Sócios devem estar em dia com as suas mensalidades.
Os Coordenadores.



Blumenau, c. 1880

Residência e casa de negócio de Friedrich Donner, primeiro morador de *Timbó*.

Wohn-und Geschätshaus von Friedrich Donner, erster Einwohner von Timbó.

Edit. SG in Leipzig

Photo B. Scheidemantel
Acervo Ed. Livro 50 Anos de Blumenau / *Sammlung Ausgabe des Buches 50 Jahres Blumenau*

A colônia de *Timbó* fora fundada em 1866, havendo em volta famílias vindas de Pommern (Alemanha). Friedrich Donner casou-se duas vezes e teve 6 filhos com a primeira esposa.

Die Kolonie Timbó *wurde 1866 gegründet und von verschiedenen Familien aus Pommern besiedelt. F. Donner heiratete zweimal und hatte 6 Kinder mit seiner ersten Ehefrau.*





Blumenau, c. 1895

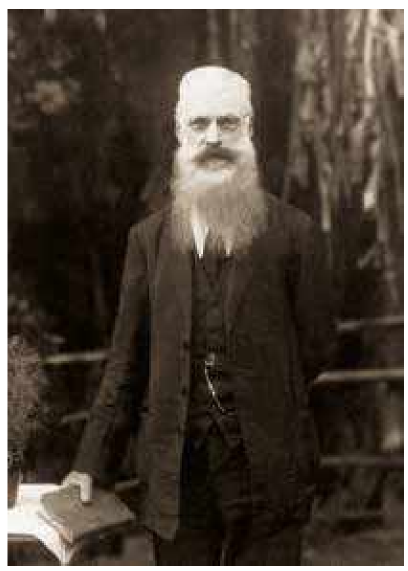
Igreja Evangélica em *Timbó* e seu Pastor Lange. Pedra Fundamental em 6.5.1888. Um dos pioneiros que teve parte ativa na construção desta igreja foi Friedrich Wilhelm Butzke (Pommern, 1843 - *Timbó*, 1941).

Evangelische Kirche in Timbó *mit Pastor Lange. Grundsteinsetzung am 6.5.1888. Einer der Pioniere die am Bau dieser Kirche beteiligt waren, war F. W. Butzke (Pommern, 1843 -* Timbó*, 1941).*

PHOTO B. SCHEIDEMANTEL ACERVO / SAMMLUNG ROLF GUTBERLET



Grande festa popular em Timbó em comemoração ao cinquentenário da Praça Municipal







Blumenau, c. 1880

Salto do *Norte*

Nord-Wasserfall

PHOTO B. SCHEIDEMANTEL
ACERVO / *SAMMLUNG* KARL-KONRAD BRAASCH





Alle welche Beträge für Naturalien und lebende Tiere zu bekommen haben, wollen dieselben Himmelfahrt 2 Uhr in Empfang nehmen.
Karl Lehl, Naturalist.

Todos que tiverem quantias a receber em virtude da venda de produtos naturais ou animais podem procurar o naturalista Karl Lehl no feriado de Corpus Christi às 2 horas.

Blumenau, c. 1880

Salto do *Pilar,* Serra Geral.

Wasserfall Pilar, Serra Geral-*Gebirge*.

Photo B. Scheidemantel
Acervo / *Sammlung* Rolf Gutberlet







Em 1870, existiam nos arredores de Blumenau mais de 40 grandes pontes, parte com alvenaria de pedra ou de tijolos, com pranchas de 3 polegadas, de boa madeira. Canais de tijolos com argamassa de cimento com sólidos aterros para as estradas, mais de 100 bueiros e outros canais para o escoamento das águas da chuva.

Um 1870 gab es in der Umgebung Blumenaus etwa 40 große Brücken, teilweise aus Stein oder Ziegelsteinen erbaut, mit 3-Zoll-breitem soliden Bretterwerk. Außerdem sah man gefestigte Straßenränder mit Zement überzogene Ziegelsteinkanäle, sowie mehr als 100 Gullys und sonstige Regenwasserrinnen.

Blumenau, c. 1880

Ponte do *Encano,* distrito de *Indaial.*

Encano-*Brücke, im* Indaial-*Bezirk.*

PHOTO B. SCHEIDEMANTEL ACERVO / SAMMLUNG ROLF GUTBERLET



Blumenau, c. 1880

Moinho na mata de *Timbó*

Urwaldsmühle in Timbó

Photo B. Scheidemantel
Acervo / *Sammlung* Rolf Gutberlet



Vorläufige Anzeige.

Eingetretener Hindernisse halber findet das

Kinderfest

Sonntag, den 19. Sept. 1886

statt.

Das Programm wird 8 Tage vorher veröffentlicht.

F. Lungershausen.

Anúncio Provisório. Por conta de imprevistos a *Festa Infantil* será domingo 19.9.1886. O programa será anunciado com 8 dias de antecedência. Franz Lungershausen.



Blumenau, c. 1880

Vila de Friedrich von Ockel em *Timbó.* Além de Blumenau, rio acima, encontram-se vários sítios cujas colônias prosperaram bastante em poucos anos, como, por exemplo, os sítios de Holstein, Prestien, Herbst, von Westarp, Weege, Hoeschl, von Ockel, etc.

Hof von Ockel in Timbó. *Flussaufwärts, außerhalb Blumenaus, trifft man auf mehrere Bauernhöfe, die sich in wenigen Jahren stark entwickelten, wie die Höfe Holstein, Prestien, Herbst, von Westarp, Weege, Hoeschl, von Ockel, u.a.*

Photo B. Scheidemantel
Acervo / *Sammlung* Rolf Gutberlet







Blumenau, c. 1880

A casa de Friedrich von Ockel em *Timbó.*

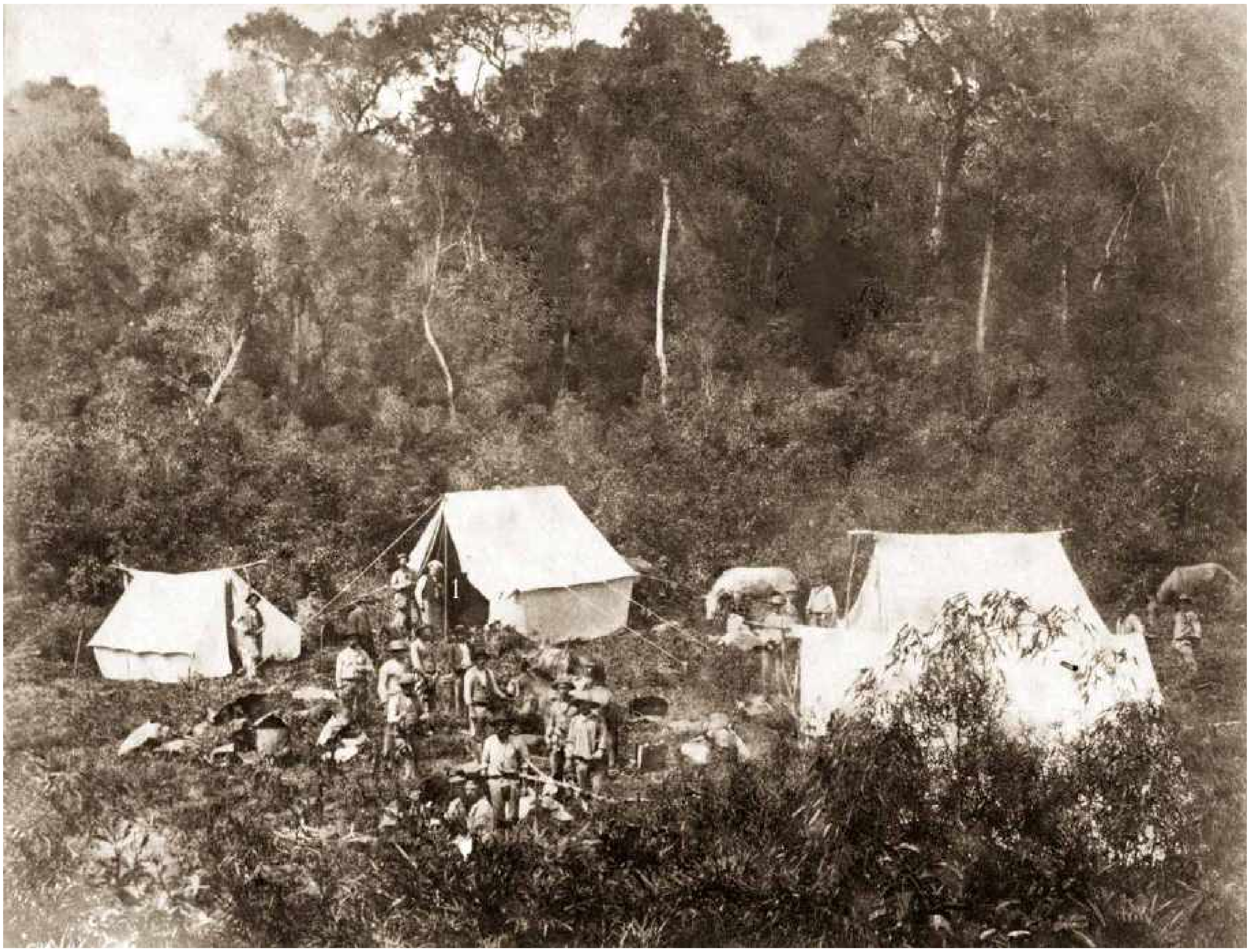
Von Ockel's Wohnhaus in Timbó.

PHOTO B. SCHEIDEMANTEL
ACERVO / *SAMMLUNG* ROLF GUTBERLET



Häckselmaschinen
in großer Auswahl
soeben angelangt bei
F. v. Ockel.

Máquinas trituradoras em grande variedade, recebidas recentemente por F. von Ockel.



Blumenau, 1888

Acampamento de Odebrecht em *Pombas* (Serra Geral).
Emil Odebrecht (1).

Zeltlager v. Odebrecht in Pombas *(Serra Geral).*

PHOTO B. SCHEIDEMANTEL ACERVO / SAMMLUNG ROLF GUTBERLET



Soeben eingetroffen:

Deutscher Reichsbote

für 1886.

Wiederverkäufer erhalten hohen Rabatt!

H. Baumgarten.





Blumenau, c. 1880

Dr. Blumenau em visita aos agrimensores.
Esq/dir: Rudolf Kleine, Heinrich Kreplin, Karl Wilhelm Friedenreich, Dr. Blumenau, Emil Odebrecht e Hermann Wendeburg.

Dr. Blumenau zu Besuch bei Landvermessern.
V.l.n.r.: R. Kleine, H. Kreplin, K. W. Friedenreich, Dr. Blumenau, E. Odebrecht und H. Wendeburg.

PHOTO B. SCHEIDEMANTEL ACERVO / SAMMLUNG ROLF GUTBERLET



Emil Odebrecht e August Zittlow



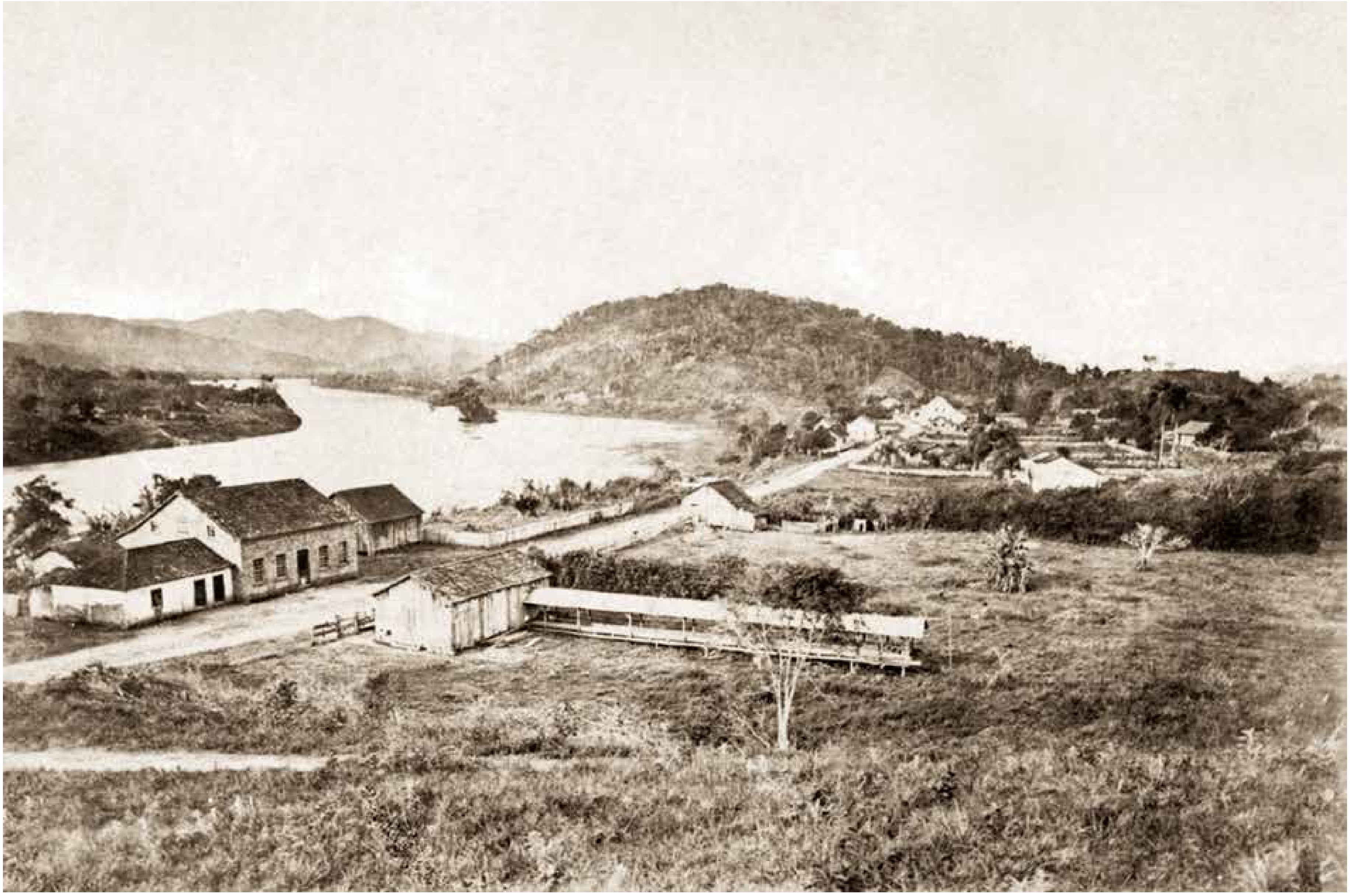


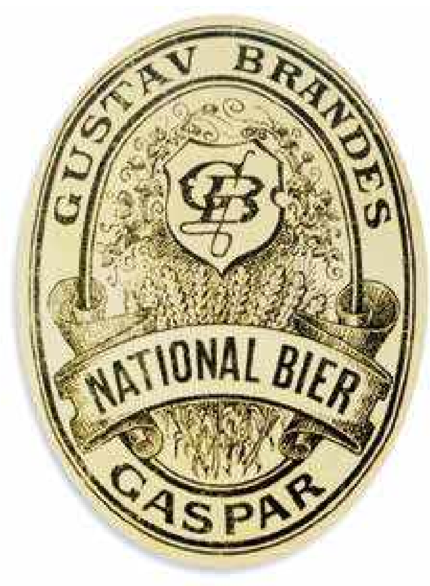
Blumenau, c. 1880

Ponte no *Testo Salto*

Brücke am Testo-Fall

Photo B. Scheidemantel
Acervo / *Sammlung* Rolf Gutberlet





Blumenau, c. 1880

Plano geral de *Gaspar.*
Tomada do Morro da
Igreja Matriz Católica.
À esquerda, Rio Itajaí-açu.

Gesamtansicht von Gaspar,
vom Hügel der Katholischen Hauptkirche. Links, Fluss Itajaí-açu.

Photo B. Scheidemantel
Acervo / *Sammlung* Rolf Gutberlet

A freguesia de *São Pedro Apóstolo* de *Gaspar* foi criada em 17.4.1861. Sua 1ª Igreja foi construída neste morro do 1º plano, pelo Eng. Dr. Krohberger e inaugurada em 29.6.1885, em terreno doado pelo Dr. Blumenau.

Der Distrikt S. Pedro Apóstolo *in* Gaspar *wurde am 17.4.1861 gegründet. Die erste Kirche wurde vom Ingenieur Dr. Krohberger auf dem Hügel im Vordergrund errichtet und am 29.6.1885 auf einem von Dr. Blumenau gestifteten Grundstück eingeweiht.*

1867 Exposição Universal de Paris

Ao expirar o contrato feito 10 anos antes com o Governo Imperial, para atrair à Colônia Blumenau cerca de 4.000 imigrantes, este número chegara a pouco mais de 2.000. Entretanto, Dr. Blumenau não perdera a confiança de SM o Imperador Dom Pedro II. Em 18 de março de 1865, Dr. Blumenau viajava para a Europa e deixava em seu lugar o eficiente guarda-livros Hermann Wendeburg. Eficiente e homem de confiança que governou a Colônia nos 5 anos de sua ausência, no momento em que a Colônia cedia cerca de 96 voluntários para a guerra no Paraguai.

O ano de 1867 foi o ano que fez renascer em Dr. Blumenau a esperança de anos melhores: recebia de Dom Pedro II a comenda da Ordem da Rosa *e a da* Ordem de Cristo. *E, em Paris, o júri da* Exposição Universal *concedia à* Colônia Blumenau *um dos 12 grandes prêmios auferidos, na forma de uma medalha de ouro e 10.000* francos. *Tal entusiasmo levaria Dr. Blumenau a pensar em casar neste ano de 1867, na Alemanha, com Bertha Louise Repsold. Quando voltou, já trazia, além da esposa, um filho, Pedro Hermann Blumenau – numa homenagem ao seu protetor Dom Pedro II. Este importante prêmio obtido em Paris correu a Europa, como sendo esta* Colônia Blumenau*, promissora para investimentos futuros. Os resultados seriam alcançados nos anos seguintes, apesar da catastrófica enchente de 1880.*



O Prêmio Blumenau

Entre as melhores inovações introduzidas na Exposição Universal de 1867, uma há, sobretudo, que lhe comunica um caráter particular, e que bastaria para colocá-la muito acima das que a precederam: é a criação da Nova Ordem dos prêmios. Esta instituição, pela sua originalidade, imprime à Exposição de 1867 o cunho de uma época, e merece por este título mais aprofundado estudo. Além disso, teve para o Brasil resultado tão lisonjeiro, que me parece útil explicar circunstanciadamente o progresso por ela realizado, o fim que se propôs, e os princípios que serviram de base às decisões do Júri especial.

Até agora as Exposições Universais só tinham por objeto reunir os produtos da agricultura e da indústria vindos de todos os pontos do globo, procurando facilitar a sua comparação a fim de evidenciar os merecimentos daqueles que mais satisfaziam às necessidades do comércio. Era uma revista das forças produtoras do mundo inteiro, e, por assim dizer, o ensino mútuo das nações. A emulação se estabelecia por este modo entre os povos, vinha a ser uma rivalidade vantajosa para todos, e que em mais de um ramo da indústria operou verdadeiras revoluções. As produções dos diversos climas, ainda desconhecidas, vinham à luz, e, criando novas necessidades, aumentavam as permutações. Melhoravam-se os processos de fabricação ou de cultura, os quais, diminuindo o custo dos objetos, davam impulso imediato ao consumo. A estatística comercial denuncia altamente a influência exercida pelas Exposições Universais, que aceleram poderosamente o desenvolvimento do progresso agrícola e industrial, e tiveram sua página – página brilhante! – na história da civilização.

Melhorar ou multiplicar os produtos, aumentar as comodidades da vida, ou torná-las menos custosas, tal era o único fim procurado e alcançado pelas Exposições. O seu programa ocupava-se unicamente do produto em si mesmo, do seu valor, da sua perfeição e excelência, e recompensava o produtor que, por um trabalho apurado, por incessantes esforços, por súbita inspiração, ou mesmo por simples acaso, achara um meio de produção mais expedito ou mais barato.

As exposições são indubitavelmente uma homenagem à inteligência humana, que sabe transformar a matéria e sujeitá-la às necessidades do homem. O trabalho industrial não é mais do que uma luta eterna, em que a natureza é vencida pelo homem com as próprias armas que ele lhe arrebatou. E, contudo o expositor, o produtor, não é o único que entra neste combate renhido; tem aliados, soldados obscuros que morrem, às vezes, no campo da batalha industrial, sem terem jamais a doce esperança de compartir o triunfo. Muitas vezes as descobertas industriais – que são, pela maior parte, a mera simplificação de um mecanismo ou de um processo já conhecido, - são devidas à sagacidade de um operário, ou de um contramestre. Os anais da indústria têm registrado muitos destes felizes achados; porém, mesmo quando o operário não inventa a maneira mais ou menos hábil por que emprega os processos ordinários aumenta o valor do produto, ou diminui o custo de fabricação.

Os nomes que compõem esta Comissão indicam suficientemente quais foram as idéias que influíram na sua escolha. Designando como Comissário geral o autor da Reforma Social, S.M. o Imperador Napoleão III dava, por assim dizer, o programa da nova Exposição. Não é, por ventura, à iniciativa do Governo Francês que são devidas as leis sobre as sociedades cooperativas, a organização do crédito ao trabalho, o Orfanotrópio do Príncipe Imperial, e tantas outras reformas sociais? As instituições criadas para melhorar a sorte do trabalhador, para estimular a previdência facilitando e animando a economia, para aliviar a miséria, ocupam um lugar importante na política do Segundo Império.

Achando-se traçado o caminho, seguiu a Comissão Imperial o nobre exemplo dado pelo Soberano, e fundou logo o décimo grupo, que compreendia quanto pode interessar a condição moral e física dos povos. Organizou para os operários uma Comissão promotora de estudos; instituiu, enfim, a Nova Ordem de prêmios, e o Júri da Harmonia Social. Vejamos a que preocupações satisfazia esta bela e generosa instituição.

Quando se contemplam as maravilhas da indústria nas vastas galerias de uma Exposição Universal, a primeira impressão que se experimenta é a da admiração causada pelo poder humano. Depois reflete o espírito nas dificuldades que houve que vencer, nos numerosos agentes que concorreram para a confecção dos produtos, nos operários



que lhes consagraram o seu tempo e o seu trabalho, e então penoso contraste se apresenta naturalmente ao pensamento; é o triste quadro das misérias do operário: a oficina mal arejada onde trabalham, em perigosa promiscuidade, mulheres, homens e até crianças; a mina lôbrega e profunda em que o operário se enterra para ir no meio de todos os perigos arrancar das entranhas da terra o carvão, que é, por assim dizer, o pão da indústria; o campo em que trabalha exposto ao sol, à chuva e todas as intempéries o lavrador que rega com o seu suor uma terra que nunca lhe pertencerá!

Assim, de um lado, todas as comodidades da riqueza; do outro, os horrores da pobreza; ora, como a indústria se vê obrigada pela concorrência a produzir barato, os salários vão baixando até aos limites extremos das necessidades do trabalhador, e o operário, criador das riquezas industriais, parece eternamente condenado à miséria, à ignorância, e à desmoralização. Dir-se-ia que a sociedade está dividida em dois campos irreconciliáveis: na superfície a felicidade, no fundo o sofrimento, e talvez o rancor. Será isto o efeito de uma lei fatal, inexorável, como alguns pensam? Não pode, por ventura, o progresso nascer e crescer sem ser regado de lágrimas? Será ele como os carros das divindades indiáticas, que não podiam rodar senão esmagando vítimas? Aqueles que partilham esta dolorosa convicção consideram o mal como incurável, quando outros muitos contam com a caridade para lhe atenuar os estragos.





Felizmente, outros há que têm fé mais robusta nos destinos da humanidade, e afirmam que a lei que preside à indústria é a harmonia, e não a discórdia. Na opinião destes, o progresso econômico conduz igualmente ao progresso social, e do desenvolvimento da riqueza industrial deve também resultar o melhoramento da condição material, industrial e moral do operário.

A Comissão não hesitou, julgando, com razão, que em 1867, no meio deste século que Mr. Gladstone proclamou o século do operário, corria a uma Exposição Universal o dever de provocar um grande inquérito social. Teve a coragem de o reclamar, e ninguém lhe tirará a glória de ter encarado de frente este grande problema social.

As recompensas da Exposição Universal de 1867 eram: 12 prêmios de um valor de 10.000 *francos* cada um; 20 menções honrosas; um grande prêmio indivisível de 100 *francos* podia, além disso, ser dado ao estabelecimento ou à localidade que se distinguisse por uma superioridade sem igual.

O Júri encarregado de conceder estes prêmios devia naturalmente ser composto de representantes dos países que figurassem na Exposição.

S.M. o Imperador do Brasil houve por bem designar o Exmo. Sr. Barão do Penedo, seu enviado extraordinário e Ministro Plenipotenciario em Londres, Presidente da Comissão do Brasil na Exposição de 1867, que teve assim a honra de representar no Júri Especial todos os Estados da América, exceto a República dos Estados Unidos.

Mais de 600 maços de documentos solicitavam a atenção do Júri. Não estava o Brasil exposto nesta ocorrência a ver malogradas as suas esperanças?

Porém, se no nosso país a indústria nascente não conhece os deslumbrantes esplendores dos países manufatores da Europa, felizmente não conhece tampouco as suas profundas misérias.

Considerando, todavia, mais atentamente o Programa proposto, via-se que seu âmbito era mais vasto do que parecia à primeira vista. Não abrangia somente a indústria fabril, mas toda e qualquer organização que assegura ao operário o bem material, moral e intelectual. Os estabelecimentos agrícolas achavam-se naturalmente compreendidos nesta ampla designação. Foi então que o representante do Brasil no Júri Especial teve a idéia de reclamar para as colônias agrícolas do Brasil uma das novas recompensas.

Pouco conhecidas e muitas vezes caluniadas na Europa, são estas colônias organizadas sobre bases análogas às condições do Programa adotado pelo Júri Especial. Alí, com efeito, acham os deserdados da Europa, logo ao chegar, auxílio e proteção eficaz; não a esmola que sempre humilha quem a recebe, mas o trabalho que não ofende o brio do pobre, lhe deixa a sua independência e lhe permite realizar as boas condições da sua existência. Verdade é que não se acham ali entre os operários e os patrões aqueles vínculos que estabelecem a harmonia onde reinava a luta; mas é isto devido ao serem as instituições tais, que o operário é ao mesmo tempo patrão e proprietário, e acha um crédito que debalde reclamaria alhures. Basta-lhe trabalhar como deve, cumprir com a palavra dada, e a terra que ele lavra é sua. Dentro de alguns anos vem a ser proprietário definitivo; e com alguns esforços mais ajunta à sua granjaria uma modesta indústria. Em cada colônia há escolas para os meninos, que não conhecerão os maus exemplos dos camaradas da oficina. É debaixo das vistas do pai e no seio da família que o menino cresce e aprende a trabalhar: motivo poderoso para que o pai se conserve nos hábitos de labor, de tempenrança e moralidade. A presença do filho é como um freio, e o pai não lhe quererá dar perniciosos exemplos. É sem dúvida ainda imperfeito o sistema de colonização praticado no Brasil; mas quantos progressos se não efetuaram nestes últimos 25 anos! Quantos resultados se não obtiveram já!

Quatro princípios ficaram desde logo estabelecidos: 1 – O Júri não tem por missão premiar o espírito de caridade e de beneficência. 2 – Os fatos documentados devem ser consequência de iniciativa livre e espontânea, e não o resultado de prescrições legislativas. 3 – Não basta, para ter direito aos prêmios, que uma instituição seja louvável em si mesma; é preciso também que tenha chegado a uma prosperidade constante e progressiva. 4 – Deve ser tomado em consideração o ambiente em que vivem os concorrentes. O primeiro exame dos documentos levou o Júri a indicar os diversos merecimentos que recomendavam a sua atenção qualquer instituição ou localidade; dividiu-os em 12 classes distintas, deixando uma categoria reservada para os merecimentos especiais e excepcionais.

Cada Relator foi convidado para dar, sobre todas as questões, o seu parecer, representado por um algarismo que variava de zero a 20.

Abriam-se, enfim, os debates no Júri, que conservava a faculdade de tornar a admitir as pretenções eliminadas, e discutindo o caso, determinava o algarismo definitivo para cada corpo de documentos, e fixava a lista dos prêmios.

O Secretário designado para o inquérito Blumenau foi M. Léon Donnat, que por suas funções na Comissão Francesa já estava em relações diárias com os Comissários Brasileiros. Ficou logo iniciado na economia das colônias agrícolas do Brasil, nas vantagens que elas oferecem aos imigrantes. Aos documentos existentes veio juntar-se um resumo do trabalho do Sr. Haupt sobre a colônia Blumenau em particular, e um sucinto comentário sobre o Regulamento de 19 de janeiro de 1867. M. Donnat que, até então, não ouvira falar das colônias agrícolas do Brasil senão de uma maneira vaga, não dissimulou a sua admiração ao ver instituições tão liberais, tão habilmente combinadas, que, não ofendendo a dignidade do imigrante pobre, produziam ao mesmo tempo, num prazo relativamente breve, tanto a prosperidade do trabalhador como a das colônias. A surpresa do Secretário do inquérito era de bom agouro.

A sua curiosidade estava despertada; pediu mais explicações; deu-se-lhe a lista das nossas colônias agrícolas, e miúdas informações acerca de cada uma delas, com o que bem depressa atingiu o objeto das diversas disposições do Regulamento. Fácil era ver que a pretensão Blumenau acharia no Secretário um advogado convencido e dedicado. O algarismo determinado neste trabalho preparatório já assegurava a admissibilidade da candidatura brasileira, a qual, em consequência da exposição apresentada ao mesmo M. Donnat foi logo votada, nomeando o Júri, como relator, a M. Le Play, Comissário geral da Exposição.

A chegada do vapor francês tornou possível fazer conhecido a M. Le Play o relatório apresentado à Assembléia Geral Legislativa do Império pelo Exmo. Sr. Conselheiro Manoel Pinto de Souza Dantas.

Este precioso documento continha particularidades mais recentes sobre a colonização em geral (especialmente sobre a Colônia Blumenau), e, outrossim, a análise do Regulamento de 19 de janeiro de 1867, que bastante contribuiu para que o Júri especial ficasse perfeitamente inteirado dos merecimentos da Colônia Blumenau. Já conhecia o assunto pelos apontamentos do Secretário; habituado ao estudo das questões sociais foi de frecha aos pontos sujeitos a controvérsia, e averiguou cuidadosamente o papel que representavam na Europa as agências de emigração, o modo por que são tratados os colonos à sua chegada ao Brasil, os meios de transporte que lhes são oferecidos e os recursos imediatos que podem achar ao entrarem na colônia. A princípio, só considerou a questão debaixo de um ponto de vista essencialmente prático, ocupando-se depois dos resultados obtidos. Tão alto pusera a sua mira o Jurado especial do Brasil, que não quis limitar as suas explicações à Colônia Blumenau; teve o cuidado de passar em revista os outros núcleos de imigração existentes nas Províncias meridionais do Império. Depois de esboçar a situação da Colônia Blumenau, fez o histórico da antiga colônia de *São Leopoldo*, hoje cidade e foco importante de produção. Uma objeção devia naturalmente surgir no espírito do relator: a Colônia Blumenau está debaixo da direção do Estado, e por isso a situação próspera de seus habitantes podia muito bem não ser resultado de iniciativa individual. Foi mister explicar circunstancialmente a fundação da colônia, o papel mui restrito representado pelo Governo



na economia colonial, as atribuições tão latas deixadas aos colonos que compõem o conselho administrador da colônia, o qual aplica o orçamento, vota os melhoramentos, distribui os socorros, e atende às necessidades gerais. Enfim, o exemplo das colônias particulares, como as de Dona Francisca na Província de Santa Catarina, e de Pedro II na Província de Minas Gerais, acabou de provar que os progressos incontestáveis realizados na Colônia Blumenau também se desenvolviam em outros pontos, e não eram privativos desta Colônia, nem unicamente devidos a sacrifícios feitos pelo erário. A ação do Governo limita-se, com efeito, a uma proteção cuja eficácia já aproveita ao colono mesmo antes de ele pisar o solo brasileiro. M. Le Play tomou a peito a candidatura Blumenau, e logo o provou, mantendo, salvo algumas pequenas modificações, os algarismos primitivamente estabelecidos pelo Jurado especial do Brasil e pela Comissão do inquérito.

No seio da Comissão permanente a discussão ia tornar-se geral; cada membro do Júri especial tinha o direito de interpelar; e cumpre não esquecer que estes debates solenes haviam de ser tanto mais importantes quanto é certo que cada um dos membros do Júri apoiava uma ou mais candidaturas da nacionalidade que ele representava. Em suma, a candidatura Blumenau ia ser discutida por Juízes que eram ao mesmo tempo concorrentes e rivais.

A luta era séria, os combatentes numerosos. A resolução da Comissão Britânica já decimara as fileiras, eliminando forçosamente as candidaturas inglesas, cujo exame não podia, por conseguinte, ter lugar conforme as regras adotadas pelo Júri especial. Restavam ainda mais de 500 candidaturas para os 12 prêmios e as 24 menções honrosas instituídas pelo Decreto



de 9 de junho de 1866. Quão numerosos eram os chamados, e quão poucos seriam os eleitos!

Da Comissão permanente, que admitiu, depois de algumas explicações, a avaliação do relator por ela nomeado, passaram os documentos perante uma Comissão de 7 jurados presidida pelo marechal Vaillant. A prova era ponderosa, pois que a Junta devia formar uma lista de 60 candidaturas, ficando assim eliminadas as nove décimas partes dos concorrentes. O Jurado especial do Brasil teve que responder a algumas objeções que, se bem fossem apresentadas com toda a benevolência, podiam, contudo, arriscar o bom êxito da candidatura Blumenau. A maior parte dos algarismos da avaliação foi verificada, alguns modificados, quase todos conservados, e o Barão do Penedo teve a satisfação de saber logo que a Colônia Blumenau ia figurar num dos primeiros lugares na lista das 60 candidaturas.

Já era uma vitória; faltava a prova decisiva perante o Júri reunido em Assembléia Geral. Alí os debates foram mais porfiados. O resumo feito pelo relator despertou no auditório simpática curiosidade; a mor parte dos jurados ouvia pela primeira vez falar das colônias do Brasil de uma maneira precisa, das vantagens reais e das preciosas garantias que ali achavam os colonos. "É uma revelação!", exclamou um dos Jurados, admirado tanto dos resultados já obtidos, como do acertado das providências tomadas para assegurar a prosperidade dos colonos. Iam-se multiplicando as questões, apesar de já não ser possível a menor dúvida: os algarismos estavam escritos nos documentos oficiais alí presentes. Todavia, houve alguma oposição; reapareceram, em certas interpelações, os vestígios dos preconceitos de que o Brasil tem sido mais que muitas vezes vítima.





O nosso Jurado especial, aproveitando-se do interesse despertado pela leitura do relatório, empenhou-se em fazer sobressair os pontos principais da Colonização Brasileira, mostrando com que solicitude o Governo se ocupava do melhoramento moral e intelectual dos imigrantes e de suas famílias: liberdade dos cultos, casamentos mistos, educação dos meninos, capelães dos dois cultos retribuídos pelo Estado e pela colônia. Depois, explicou a distribuição das porções de terra, os adiantamentos de gêneros, etc., feitos aos recém chegados, a certeza de eles acharem imediatamente um trabalho remuneratório; explicou como se efetuava insensivelmente, por anuidades, a restituição das somas adiantadas e o pagamento das terras concedidas, o direito que o colono, depois de desobrigado, tem de entrar no conselho colonial. Enfim, para evidenciar a eficácia destas providências, esboçou o quadro de uma colônia, e, com a estatística oficial na mão, provou que o imigrante chegava rapidamente a adquirir, pelo seu trabalho, os cômodos da vida, e tinha ao seu alcance os meios de viver remediado e sustentar a sua família. O Jurado teve a satisfação de poder responder vitoriosamente a todas as objeções. Era natural que se lembrassem da escravidão, e foi isto, de algum modo, uma fortuna para nós, pois que o Sr. Barão do Penedo aproveitou este ensejo para dar a conhecer àquela alta Assembléia as intenções tão prudentes, tão liberais do Governo Brasileiro, chamando a atenção do Júri para o artigo do Regulamento de 19 de janeiro que proscreve absolutamente a introdução dos escravos nas colônias agrícolas, e para o imenso alcance desta providência. Era, de feito, impossível que o Júri não visse nesta proibição o primeiro passo dado para a emancipação. Insistindo nesta idéia, foi-lhe fácil provar a este ilustre auditório que o Governo do Brasil, que, de seu modo próprio e coadjuvado pela opinião pública, tinha abolido o tráfico, não podia ficar nisso e desejaria completar a sua obra acabando com a escravidão; e que o único meio de levar ao cabo tão alta empresa, era preparar esta transformação de maneira que não arriscasse nem os interesses particulares nem os interesses públicos. Debaixo deste ponto de vista, os esforços feitos para promover o trabalho livre nas colônias agrícolas deviam ser considerados como um meio de antecipar a hora da emancipação. Era este, com efeito, um mérito especial, importante a todas as luzes, colhido nos documentos da Colônia Blumenau, o qual, assinalado pelo relator e pela Junta, não podia deixar de obter a aprovação de um Júri que, conforme a própria letra de seu programa se propunha animar as instituições tendentes a "fazer cessar o estado de antagonismo e de sofrimentos" e "a melhorar a condição material, intelectual e moral".

Estas considerações, relatadas miudamente, e com muitas particularidades provocadas por algumas interpelações, agradaram tanto ao Júri, que conservou o algarismo elevado que já se achava na coluna dos méritos particulares; e igualmente manifestou a sua satisfação, relativamente à Hospedaria dos imigrantes no Rio de Janeiro, sobre a boa harmonia que reinava entre os Protestantes e os Católicos, sobre o desenvolvimento da instrução primária, o número diminuto dos delitos cometidos e sobre a constituição do conselho colonial.

Achavam-se também em competência outras colônias; uma delas, a de Wineland, em New Jersey (Estados Unidos), tinha obtido na estimativa dos merecimentos um algarismo bastante elevado, posto que inferior ao que fora conquistado pela Colônia Blumenau. Outros estabelecimentos, ao mesmo tempo agrícolas e manufatores, foram igualmente bem contemplados na classificação; mas apesar dos esforços de tão sérios concorrentes, a Comissão Brasileira soube, naquela mesma noite, que a Colônia Blumenau figurava entre os primeiros eleitos, e obtivera um dos 12 prêmios de 10.000 *francos*. Inútil é dizer com que alegria foi recebida esta boa notícia. A decisão do Júri era importantíssima e de grande alcance, tanto mais que a Colônia Blumenau não era neste caso senão como um exemplo, e esta distinção suprema aproveitavam-na toda a colonização agrícola do Brasil: o Sr. Dr. Blumenau a personificava, por assim dizer, e dava-se-lhe a recompensa, do mesmo modo que, quando um regimento inteiro se porta valorosamente numa batalha, pendura-se a condecoração na sua bandeira para que fiquem condecorados todos os soldados do regimento.

Imenso e incalculável era o alcance do triunfo! Uma assembléia composta de personagens tão eminentes de todas as nações declarava solenemente, depois de exame mui refletido, que a colonização no Brasil reunia as melhores condições para assegurar aos colonos as comodidades da vida e os benefícios do progresso moral e intelectual. O Brasil ficava vingado de muitas acusações injustas: aquela alta decisão, espalhada pelo mundo inteiro, havia de chamar a atenção dos emigrantes para as muitas vantagens que a nossa colonização oferece, havia de destruir preconceitos propagados por interesses rivais, e contribuir para encaminhar às nossas Províncias do Sul a corrente da emigração européia. O feliz sucesso obtido no Júri especial, já tão público, ia ser tão soado que adiantaria necessariamente a solução do problema da colonização. Os seus imensos resultados foram devidamente apreciados pelo ilustre Presidente do Conselho de Ministros, o Exmo. Sr. Conselheiro Zacarias de Góes e Vasconcellos, no seguinte trecho do discurso proferido por S. Exa. na sessão de 8 de julho do ano passado, na Camara dos Deputados: "O maior interesse do Brasil neste momento é atrair a colonização, e sob esse aspecto o grande prêmio que acaba de obter a Colônia Blumenau do Júri especial de Paris, é de um alcance incalculável, porque patenteia ao mundo que está resolvido no Brasil o problema de estabelecer colônias regulares, em que a harmonia dos obreiros e o seu bem estar moral, intelectual e material são uma realidade.

Carta de Dr. Blumenau ao Dr. von Eye **1869**

Hamburg, 31.07.1869.

Prezado senhor!

A sua preciosa carta do dia 8 deste mês eu me apresso em me desculpar que somente hoje a respondo. Já há mais tempo me sinto bastante mal e todo esforço mental me cansa muito. Por outro lado, eu tinha, embora não quisesse, muitas outras obrigações a fazer. Em consideração a isto, espero que o senhor perdoe o meu longo silêncio. Atualmente nem consigo mais escrever "manu própria", mas sou obrigado a ditar; tenho muito trabalho e complicações contra as quais há mais tempo enfrento e que há uns 8 - 9 meses, me prejudicaram muito e no final me esgotaram, tanto mentalmente como fisicamente. Não fosse este o caso, eu teria que embarcar o mais tardar no dia 15 de agosto para o Brasil. Não foi possível e agora, infelizmente, isto acontecerá no dia 15 de setembro.

Sobre a sua honrada missiva, lhe agradeço de coração pela maneira amigável e sábia com a qual o senhor outra vez me conduziu ao sentimento estimulante de justiça. Cartas como a sua, são um real raio de luz na luta contra a burrice e as limitações - principalmente com a baixeza por outro lado, com as quais Sturz e os redatores do jornal por ele influenciados, há mais tempo me denegriram e não deixaram nenhum cabelo bom em mim. Em última instância, isto não lhes ajudou muito. A emigração alemã para o sul do Brasil está crescendo consideravelmente e seria ainda maior no futuro se o Ministro da Agricultura regente ou por cegueira incompreensível ou por motivos políticos não tivesse desencadeado perseguições, provavelmente por carência no conhecimento sobre tudo relacionado com colonização não teria virado de cabeça para baixo todas as medidas imigratórias e colonizadoras, empurrando o Brasil para mãos inimigas e dando um pontapé nas florescentes colônias alemãs.

Os raros e venenosos ataques e os infames meios odiosos com os quais - nominalmente diversos folhetins de Berlin aceitaram as mais palpáveis mentiras de Sturz, que foram consequentemente revidados por mim. Isto é apropriado para me amargurar a vida e continuar a luta por mais tempo. Eu ficarei feliz quando estiver novamente em Blumenau, pois se lá nunca me faltaram duras lutas, do mesmo não me faltará árduo trabalho. Não serão estas miseráveis provocações, com a qual uma parte da Imprensa alemã perseguiu a mim e à boa causa, que me farão desistir. Mas o senhor, prezado senhor, denomina Sturz um pedante amargurado, ele é mais do que isso e um dos piores caracteres que durante minha muito movimentada vida pude encontrar, um perfeito jesuíta e fingido, para quem qualquer meio é útil para espraiar o seu narcisismo e ânsia de vingança - duas de suas qualidades mais salientes. Isto muitos poucos sabem, e talvez muitos não o queiram saber, para não terem que confessar que se enganaram assustadoramente e que foram dopados. Se o senhor ler as coisas que lhe envio encadernadas e observar profundamente as ações de Sturz, o senhor chegará convicto à conclusão de que eu não exagero. Contudo, isto é profundamente lamentável, que uma tão enorme capacidade de trabalho esteja ligada a significativos, e também desordenados, conhecimentos e inteligência de seus proprietários e que de maneira tão asquerosa são difundidos, sendo usados somente para atrapalhar e destruir, e nunca de maneira continuada produzir algo de bom. Com a sua enorme capacidade de trabalho e carisma, Sturz poderia ter feito coisas enormes, mas preferiu se exibir em jornais para ser citado. Em vez de perseguir um plano, com persistência e calado para realmente realizar algo de grande. Com isto, ele chegou onde ele está, um produtor de projetos falidos, e que sobre tudo aquilo que não lhe serve lança bile e veneno. De momento ele se ocupa em esclarecer aos berlinenses, que fortunas se poderiam produzir garimpando ouro no Paraguai. Eles mesmo quer ir para lá, como no passado foi para Dahomey.

Eu posso lhe dar a certeza que a atual crua e simples atividade agrícola que o senhor conhece do passado, no Brasil dificilmente corresponderá as suas aspirações e não lhe serão suficientes para uma futura industrialização dos produtos para que lhe possam satisfazer as suas necessidades de subsistência e bem estar. Antes de mais nada, são necessárias empresas para a fabricação do açúcar de cana e depois necessitam-se de máquinas para os moinhos, descascadores de arroz, serrarias, outros moinhos, olarias, máquinas para descaroçar algodão, compra e elaboração de tabaco para a exportação, máquinas para descascar e moer a mandioca, etc.

Saliento que recomendo, aos que pretendem emigrar, que antes se aperfeiçoem em primeira linha na fabricação de açúcar de beterraba, principalmente para os que já tenham, ou ainda possam adquirir, conhecimentos químicos e técnicos e só depois de um ano e meio emigrem. Infelizmente o número de homens jovens, que estejam propensos a abraçar tais atividades rurais técnicas e que estejam capazes não é grande. Os que no Brasil poderiam fazer os melhores negócios, raramente emigram, também é necessário algum capital para assumir tais empreendimentos ou conseguirem capitalistas dispostos a investir. Estes costumam resistir, depois de algumas vezes terem sido enganados por conversadores, vigaristas ou incompetentes e por terem perdido seus investimentos. Quase todos empresários, tanto jovens como velhos, que investiram seus bens em tais empresas esperando sucesso e lucros, com os quais até agora tive contato, não conseguiram sair dos conflitos econômicos ou administrativos por terem sido muito bobos ou preguiçosos para com conhecimento fundarem empresas, dirigirem com proveito e não o fizeram melhor que qualquer colono da *Pommern* o faria, às vezes até de modo muito pior ou tentam se dedicar a outras maneiras de produzir.

Outros técnicos, num total, até o momento, muitos poucos vieram para cá, embora para muitos destes, nas nossas colônias alemãs exista um território amplo e inexplorado. Por exemplo, em diversas colônias instalações para descaroçar o algodão bruto, para a fiação do mesmo a fim de transformá-lo em material para produção de sacos ou outros tecidos brutos, seria certamente um negócio rendoso e poderia com relativamente poucos recursos ser mantido porque no início pouca coisa necessita ser investida.

Somente descaroçar e o fiar, poderia ser um negócio magnífico, porque em todas as colônias existem incontáveis tecelões que poderiam com grande vantagem dedicar 6 a 8 horas por dia do tempo que lhes resta da atividade na terra. Eu, infelizmente, não tive o tempo de me dedicar o esforço necessário e conseguir um homem capacitado, que deva entender com profundeza esta atividade, para a instalação de uma pequena fábrica deste ramo. Com poucos milhares de *Thaleres* o negócio poderia começar a ser organizado. Sim, seria inadequado e incompreensível começar de maneira grande demais. Altos impostos de importação, por antecipação não garantem o lucro.

No ramo da agricultura e principalmente na indústria, necessitamos urgentemente da inteligência e sua representação, por exemplo, para a educação e ensino da juventude. Também aqui as duas premissas devem ser úteis sendo corretas e práticas. Portanto, eficientes e laboriosos professores primários, os quais para os seus circunstantes e para a juventude ensinar, não somente ensinem a ler, escrever e calcular, mas que também estejam capacitados para atuarem através de seus conhecimentos estejam dispostos a ensinar coisas úteis. Pessoas, por exemplo, que sejam capazes para o ensino e que também entendam algo de apicultura, sericultura, fruticultura e vinicultura para que possam ensinar a vizinhança. Infelizmente estas pessoas não são muitas, raramente emigram e as escolas no Brasil, nem sempre oferecem atraentes vantagens.

Os colonos, que formam a grande massa dos habitantes das colônias, não gostam de gastar muito, costumam gastar muito pouco para o ensino e não valorizam um bom ensino para seus filhos. O professor muitas vezes deve ser formado e encontrado no próprio circulo de influências da colônia. Com o passar do tempo, isto certamente irá melhorar, assim que melhore o bem estar da massa dos colonos muito pobres que para cá vieram. Até agora a frequência escolar na maioria das localidades ainda é muito insatisfatória e principalmente para professores de classes superiores, o terreno das possibilidades é particularmente não recomendável, bem como o é para os Estados Unidos.

Do citado até agora, prezado senhor, poderá mais ou menos, concluir, se uma emigração para uma de nossas colônias lhe servirá. Eu lhe aconselho, pensar profundamente e MUITO bem antes de tomar uma decisão irrevogável. Sugiro-lhe antes de se decidir fazer uma viagem ao Brasil e observar a coisa no local. É uma terra bela, mas só disso não se pode viver física ou mentalmente, a não ser vegetar. Por outro lado, o convívio com a natureza livre, apesar das atrações que nela se encontra, não oferece com o passar do tempo, uma compensação. Para mim, muitas coisas que antes me oprimiam e torturavam, fui obrigado a superar. No Brasil encontrei alguns homens que se tinham como muito bem educados, o que em verdade, em parte, realmente o eram, que se sentiram desconfortáveis e infelizes, porque sacrificando a sua comodidade e inércia e nem sempre conseguiam comer e beber tão bem como no passado o faziam muitas vezes às custas de estranhos. Cada um que pretende emigrar deve conhecer a si mesmo, saber do que ele é capaz de fazer ou tolerar. Muitos não compreendem isto, quando finalmente reconhecem isto, regularmente acusam, não a si, mas o país ou a terceiros. Eu tive experiências muito amargas com estas pessoas. O prezado senhor, certamente me acreditará, que, depois de ter, durante quase um quarto de século, trabalhando por minha causa, está no meu interesse, desanimar a alguém adequado e interessado em emigrar e principalmente assustar quem pretende vir para Blumenau. Eu vivi muitas coisas, a emigração decide muitas vezes sobre a felicidade ou infelicidade de uma família e eu posso, devo e quero me responsabilizar por esta decisão. Por isto eu lhe aconselho novamente, examinar a coisa no local para ver como as coisas são. Eu me alegraria imensamente se o senhor quiser me visitar no Brasil.

Algumas coisas não servem para todos, o diarista, o pequeno agricultor, o profissional autônomo, e diversos industriais, assim como os jovens fisicamente e mentalmente sadios, de diversos e diferentes ofícios queiram, em nome de Deus, emigrar. Se trabalharem e se movimentarem fisicamente, quase sem exceções farão a sua felicidade. Já pessoas mais velhas, principalmente pais de família, devem encarar a coisa duas ou três vezes antes de darem o passo definitivo, a não ser que estejam em grande miséria e sejam pressionados pela necessidade.

Talvez, o que lhe escrevi com o meu melhor saber e consciência, não corresponda bem aos seus desejos e tendências, apesar disso espero e lhe peço de coração encarar a nossa colonização teuto-brasileira com um olho de bondade, e onde lhe seja possível interceder publicamente com a sua palavra. A colonização necessita isto urgentemente e por todos os lados, porque tanto na Alemanha como no Brasil, onde muitos amigos, mas não menos inimigos e negativistas, por estreiteza de espírito ou mesquinhez do coração lutam contra a colonização. Ela tem uma muito grande importância futura para a Alemanha e para o seu povo. Isto por seu lado é triste e incompreensível que tantos homens, sob outros aspectos compreensivos, capazes de ver as coisas, bem intencionados não podem ver, ou não conseguem ver a vantagem da colonização, por causa de um enganador e conversador como Sturz.

Uma minoria se esforça procurando, após intenso estudo, avaliar as condições, no final endurecem afirmando, mesmo tendo mudado de opinião, que se enganaram ou que foram enganados. Deste tipo é a maioria dos redatores de jornais políticos. Eles estão por demais ocupados para conseguirem se esclarecer profundamente. Devem e querem mesmo assim ter e emitir uma opinião e são por isto uma fácil vítima de um fabulista de sofismas, desde que este tenha o necessário carisma e safadeza para sempre e sempre novamente se insinuarem.

O Dr. Andrée, no *Globus*, já criticou diversas vezes, e de maneira bem dura e de modo algum injusto a estes senhores. Eu também teria bons motivos para isto, mas estou cansado destas brigas, deixo acontecer o que não posso evitar. Tenho em mão a carta do Sr. Räthensahner, redator do jornal *Fränkischen Kurier* de 29.04.1869, o qual, como parece, escreveu para um desejoso de emigrar e que me foi enviado por três ou quatro pessoas. Um homem tão bravo e de boa vontade que aparenta ser, revelou a maior ignorância sobre o Brasil. Eu não consigo enfrentar todas estas opiniões tortas e inimizades, mesmo que já esteja melhor do que há 2 ou 3 anos. Para poder enfrentar eu teria que manter um escritório com milhares de colaboradores capazes à disposição. Mas este não é bem o meu caso, ter tal ocupação que corresponda às minhas tendências e capacidades. Eu prefiro atuar e trabalhar, de preferência nos campos e matos em Blumenau do que na Alemanha, sentado numa escrivaninha onde um pouco de satisfação poderia sentir, mas foi onde perdi minha saúde.

Pela sua gentil e amiga lembrança futura também eu me recomendo.

Com alta consideração,
Dr. H. Blumenau.

Hermann Rüdiger & Bandas

1870

Edith Kormann

Hermann Christian Rüdiger nasceu em 19.12.1843 em Sachsen (Alemanha). Seus pais eram Friedrich e Magdalene Rau Rüdiger. Veio para o Brasil em 1862 e no dia 30.10.1864 casou-se com Frederike Mahnke. Músico notável, tocava mais de 6 instrumentos musicais. Fundou e dirigiu o primeiro conjunto musical da Colônia Blumenau – *Musikkapelle*. Já na Alemanha fora músico e dirigente de corais e aqui continuou a difundir sua arte, animando muito as festividades. Em 1865, o *Musikkapelle* tomou parte na festa e procissão de São Paulo, cujo trajeto ia da Igreja até ao Porto, descendo toda a Rua do *Itajaí* (atual *XV de Novembro*). Por esta época atuava também nas festas de Blumenau um quarteto regido por Wilhelm Scheeffer, que, um ano antes, em 3.8.1864, se apresentara no 1º aniversário da Sociedade de Canto *Germania*, para uma "discreta" ceia de 150 associados. Em 1871, quando a Sociedade de Canto *Germania* festejou seu aniversário no Salão *Baumgarten*, além dos 8 números de canto executados por esta Sociedade, Rüdiger preparou para as festividades variações para flauta com acompanhamento de quarteto.



Hermann Rüdiger
1843-1926

Em 1875, fundou a primeira Sociedade Mista de Cantores (homens e mulheres), a *Urania*, que no dia 11 de setembro de 1883, no Salão *Baumgarten*, festejou com muita alegria os seus 8 anos de existência. Fundou ainda em 1875, na *Itoupava Norte*, a Sociedade de Canto *Frohsinn*. Os concertos de Rüdiger eram realizados pelo Natal, Páscoa, Pentecostes e em todas as comemorações importantes da comunidade. Nos bailes dos *Atiradores*, sempre às 19h30m em ponto, ele convidava com fortíssimo toque de trombeta os presentes para formarem a *polonaise*. Depois de Rüdiger outros conjuntos musicais foram surgindo, verdadeiras bandas musicais, como a de Karl Lingner ou *Lingner Kapelle*, que se uniu a Rüdiger, formando a *Rüdiger & Lingnerschen Kapelle*. Por anos espalharam alegria no salão dos *Atiradores*, *Frohsinn*, *Holetz* e outros locais.

Em 1º de julho de 1883, Rüdiger instalou um negócio de Secos e Molhados, Relojoaria, Fábrica de objetos de ouro e prata e venda de instrumentos musicais onde hoje é a Rua *XV de Novembro* (esquina com a atual Rua *Amadeu Luz*, casa demolida em 1962 para dar lugar ao Edifício *Impala*). Estava sob o nome comercial de *Hermann Rüdiger & Filhos*. Em 11.11.1883, *Rüdiger & Lingner* se apresentaram na Casa dos *Atiradores* no baile em homenagem à Martin Luther; em 2.12.1883 o homenageado era S. M. o Imperador D. Pedro II, pelo seu aniversário. A Banda *Rüdiger & Lingner* desceu o Rio Itajaí-açu para abrilhantar o Carnaval do Desterro em fevereiro de 1884. O *Blumenauer Zeitung* de 27.9.1884 noticiava o 3º Concerto da Banda *Rüdiger & Lingner*, realizado à noite, "o que muito alegrou os presentes que solicitaram que os mesmos concertos deveriam se repetir sempre à noite". As peças foram muito aplaudidas, principalmente a fantasia para flauta e os *echo scherzo*. O mesmo Jornal noticiava em 20.12.1884, o Concerto de Natal como *Concert der Rüdiger & Lingnerschen Kapelle*. O convite era formulado em alemão: "Am ersten Weinachtsfeiertage um 3 ½ Uhr, Konzert der Rüdiger & Lingnerschen Kapelle im Wohnhaus des unten gezeichneten, mit der Bemerkung, dass die Vorstellung im Freien auf einem zu diesem Zweck besonders mit Zelten, Bänken und Tischen hergerichteten Platz stattfindet. Für gute Getränke und Bedienung wird bestens gesorgt. Blumenau, am 17 Dezember 1884 - Theodor Lüders."

Era um convite para um concerto ao ar livre com bancos, mesas, boas bebidas e bom atendimento. Karl Lingner foi corneteiro do Batalhão de Voluntários de Blumenau, que, em 1893, depôs o Governador do Estado, Eliseu Guilherme da Silva.

Quando a Comunidade homenageou a memória do Chanceler Otto von Bismark, em 14.8.1898, a *Musikkapelle Rüdiger*, ao lado do coral misto *Harmonie*, abrilhantou as homenagens. Também esteve presente na festa para angariar fundos para a construção do Monumento Dr. Blumenau, no 1º dia de Pentecostes de 1900. Por ocasião do IV Centenário do Descobrimento do Brasil, festejado em 3 de maio de 1900, o maestro Hermann Rüdiger realizou um concerto no Teatro *Frohsinn*. Os bailes estenderam-se pelos Salões dos *Atiradores* e *Holetz*.

No dia 28.11.1900, a Sociedade de Canto *Frohsinn* festejou seus 25 anos de fundação e também o Jubileu de Prata de Karl Lingner, dirigente do Coral.

Em 18.5.1901, quando Blumenau recebeu a visita de Felipe Schmidt, além da Banda *Lingner*, estava presente outra banda muito conhecida, a *Graupner*.

No concerto em benefício da Comunidade Evangélica, em 15.12.1902, a presença da *Liebhaber Kapelle Rüdiger*. Em 1903, na visita do vice-governador Vidal Ramos, a bandinha *Freiheit / Liberdade* tocou no banquete em sua homenagem. A varanda *Seifert* programava às sextas-feiras, a noite alegre musical com a Banda *Bávara*, de Walter Seifert.

No início do século XX, outra banda que movimentava as festas era a de Gustav Werner, barbeiro, Oficial de Justiça e exímio pistonista que, com seus filhos, fundou o Conjunto *Werner*. Quando se uniam à Rüdiger seu estilo era de fanfarras. Werner participou das festividades dos 25 anos do vapor *Progresso* em 9.12.1904.

Em 29.4.1909, chegava a Blumenau o 55º Batalhão de Caçadores. Pouco depois das 20h, o vapor *Blumenau* apontou na curva do rio e em seguida atracou no porto do jardim *Hercilio Luz*. Estava composto por 30 músicos e 18 oficiais, ao todo 125 homens entre soldados e graduados. A Banda *Werner* tocou o Hino Nacional e a Banda do Batalhão, ainda a bordo, atacou com o Hino da Prússia. Uma semana após o desembarque, esta banda do Batalhão se apresentou no Jardim Público, num domingo, entre às 4 e 6 da tarde. Do programa constava: 1ª parte – Minerva (marcha); Fausto (ária de pistão); Saudades de Nenem (valsa); 2º Regimento (dobrado); Quando o amor morre (valsa). 2ª parte – *Stella Confidente* (romanza); Saudosa (valsa); Maxixe de Ferro (tango); *La marine* (dobrado); Gaúcho (tango).

No ano de 1913 tem-se notícia de uma banda formada por 11 membros da família de Ernst Bernhardt. No dia 4 de outubro deste ano, o *Blumenauer Zeitung* noticiava a chegada dos Bernhardt após uma turnê pela Argentina, Chile e Uruguai. Três dias depois eles se apresentavam no Teatro *Frohsinn* lotado. A 16 deste mês e ano, eles apresentavam uma *Damenorchester* com *overture* de Suppé (Cavalaria Ligeira); Serenata de Schubert; Trovador de Verdi; Sinfonia do Guarani de Carlos Gomes; um *potpourri* de Strauss (O Barão dos Ciganos); uma fantasia de Mascagni (Cavalaria Rusticana); marcha de Wagner (Tannhäuser), fantasia de Meyerbeer (Huguenotes); etc.

A família Bernhardt também se apresentou nos Salões *Teutonia* (*Itoupava Seca*) e *Lüders* (Blumenau e *Indaial*).

Em 9.11.1913, o concerto da *Damenorchester* foi em benefício da *Escola Nova:* As Bodas de Fígaro (*overture*) de Mozart; Sonho de Valsa (Strauss); *potpourri* de Fetras - *Operetten Revue*; Preciosa (fantasia) de Karl von Weber; *potpourri* de Zeller – O Vendedor de Pássaros; Norma (fantasia), de Bellini; *overture* Orfeu no Inferno de Offenbach; Rapsódia Húngara n. 2, de Liszt; O Estudante Mendigo, de Milloecker; Dança Húngara n. 5, de Brahms; etc. No Salão *Holetz*, em 16.11.1913, a família Bernhardt colaborou com a Sociedade *Harmonie* na apresentação da peça musical *O Califa de Bagdad*, abertura de Boeldieu e *Martha* (fantasia) de Flotow.

Em 24 de dezembro deste ano, no 1º e 2º dia de Natal, o último grande concerto da *Damenorchester* com um extenso repertório: Flotow, Offenbach, Lehar, Jeffel, Suppé, Donizetti, Schubert, Mydleton, Hérold, Gounod, Garcia, Thomas, Bizet, Carlos Gomes, Lincke, Leoncavallo, Verdi, etc.

Consta que a família Bernhardt tenha novamente empreendido viagem pela América do Sul. Em 18.2.1919, o Jornal do *Commercio* noticiava que Ernst Bernhardt fundara uma *Sociedade Musical* em Blumenau, convidando os interessados a comparecerem numa reunião no Teatro *Frohsinn*, dia 23, às 3 da tarde. Também a *Gazeta de Blumenau* incentivava a iniciativa. Sociedade Musical *Lyra* foi o nome escolhido e teve seu 1º Concerto público em 15.11.1919.

Além da alvorada às 6 horas da manhã com o Hino Nacional, às 4 da tarde foi apresentado um concerto que constava de: Saudades da minha terra (dobrado); *Parademarsch* de Schwenke; Nabucodonosor de Verdi (abertura); San Lorenzo de Silva (marcha); Chuva de ouro de Waldteufel (valsa); *Die Wachtparade kommt* de Eilenberg; *Das haben die Maedchen so gerne* de Gilbert; Velhos Camaradas de Zelke (marcha).

As bandas tinham sempre o seu lugar de destaque e até nos piqueniques eram solicitadas. A *Werner* animou um deles, organizado por Emil Marx, na propriedade de Henrich Reif, em *Salto Weissbach*, no dia 9 de março de 1919.

Esta propriedade de Reif fora inaugurada um mês antes e servia de local para recreio das famílias, com churrasco, música e dança, dentro de um alpendre de palmitos e bosque sombreado com muitos bancos.

Também a *Cachoeira do Dittrich* e o *Wolfsschlucht / Toca do Lobo*, em *Itoupava Seca (Altona)* eram lugares muito procurados para estes piqueniques. E a *Lyra* estava sempre presente, com o convite constando - "... se não chover".

Em 1922, pelo Centenário da Independência do Brasil, a *Lyra* já atuava sob a regência do maestro Heinz Geyer.

Em 15.3.1924, ela festejou a data da sua fundação no Teatro *Frohsinn* com trajes de contos de fadas e três bandas. A 15 de outubro, participavam das comemorações dos 25 anos da Comunidade Evangélica de *Timbó*, festejados no Hotel *Müller*, com canções, declamações, peça teatral, etc.

A Sociedade Musical *Lyra* incorporou-se mais tarde à Sociedade *Liederkranz*, que a 30 de maio de 1936 viria a se integrar à Sociedade Teatral *Frohsinn*, formando a Sociedade Dramático-Musical *Frohsinn*, que em 12 de fevereiro de 1939 reestruturou-se sob o nome de Sociedade Dramático-Musical *Carlos Gomes*.

O jornal *Der Urwaldsbote* de 9.11.1926 noticiava a morte de Hermann Rüdiger, causada por um derrame cerebral no dia 4, às 4h da manhã, com 83 anos de idade. Teve 14 filhos, dos quais 7 já estavam mortos. Deixou ainda 48 netos e 32 bisnetos. A nota do jornal dizia ainda que os familiares agradeciam ao Dr. Kuebel que atendeu o falecido e o tratou ainda em vida, e ao Pastor Schroeder pela homenagem e canto na sepultura. Antes de falecer Rüdiger havia presenteado o maestro Heinz Geyer com a sua batuta.





Sonntag den 23. August
Tanz-Musik
im Schützenhause,
wozu ergebenst einladet
F. Lungershausen.

Blumenau, c. 1890

Família de Hermann Rüdiger

Familie von H. Rüdiger

Acervo / Sammlung A. H. Blumenau

No primeiro feriado de Natal às três e meia, Concerto da Banda *Rüdiger & Lingnerschen* na residência do abaixo assinado, com a observação de que a apresentação será num ambiente ao ar livre equipado com tendas, bancos e mesas. O serviço será de excelente qualidade, incluindo bebidas finas.

Am ersten Weinachtsfeiertag um 3 ½ Uhr, Konzert der Rüdiger & Lingnerschen *Kapelle im Wohnhaus des unten gezeichneten, mit der Bemerkung, dass die Vorstellung im Freien auf einem zu diesem Zweck besonders mit Zelten, Bänken und Tischen hergerichteten Platz stattfindet. Für gute Getränke und Bedienung wird bestens gesorgt.*

Blumenau, am 17 Dezember 1884 – Theodor Lüders





Festprogramm

zum 25jährigen Jubiläum der Musikkapelle Garcia
am 5. und 6. September d. J. im Lokale Hinkeldey.

Sonnabend, den 5. September:

Musikalischer Unterhaltungsabend

unter Mitwirkung aller anwesenden Kapellen. Eintritt 1$000.

Sonntag, den 6. September, vorm. 10 Uhr:

Begrüßungs- und Gedenkfeier.

1) 55. Batalhão de Caçadores — Dobrado.
   a) Begrüßungsansprache des Präsidenten Herrn Otto Huber.
2) „Brüder reicht die Hand zum Bunde", Männerchor Garcia und Musik-Club Garcia.
3) Festrede (Hymno Nacional).
4) Rückblick und Gedenken der vier ersten Kapellmeister von Blumenau: Schneider, Rüdiger sen., Lingner und Werner, unter Intonierung d. s. Trauermarsches von Lüdicke.
5) Ueberreichung von Urkunden an die Gründer und der am längsten bestehenden Musikkapelle Lingner.
6) „Deutschland-Lied" und „Hipp, Hipp, Hurra"-Marsch — Musik-Club Garcia.
7) Festtafel.
8) 1 Uhr nachmittags: Photographische Aufnahme aller anwesenden Musikkapellen und Vereine.
9) 2 Uhr Beginn der Vorträge im Saale in 3 Gruppen: Bandonion, Salon-Orchester, Blechmusik; anschließend Verteilung von Erinnerungsurkunden an die Mitwirkenden. — Im Garten Festbetrieb; Eintritt für Saal u. Garten zusammen 1$000.

Abends 8 Uhr Ball.

Eintritt: Herren 2$000, Damen 1$000.

Mitglieder sowie Musiker haben an beiden Tagen freien Zutritt.

Der Ausschuß.

Programa de Festa em comemoração ao 25º Jubileu da banda Musical *Garcia*.

Em 5 e 6 de Setembro de 1931, no Salão *Hinkeldey.*

Sábado, 5 de Setembro: Noite musical com participação de todas as Bandas presentes. Ingresso: 1$500.

Domingo, 6 de Setembro, a partir das 10h: Festividade de Boas Vindas e Comemorativa.

1) 55º Batalhão de Caçadores - Doubrado. Palestra de Abertura pelo Presidente Sr. Otto Huber.
2) "Irmãos, deem-se as mãos para fortalecer a aliança" - Coral Masculino *Garcia* e Clube Musical *Garcia*.
3) Palestra Festiva (Hino Nacional).
4) Momento de memória aos 4 primeiros maestros de Blumenau: Schneider, Rüdiger Senior, Lingner e Werner, com entoação da marcha fúnebre de Lüdicke.
5) Entrega dos Certificados aos fundadores e à Banda musical mais antiga da Cidade - *Lingner.*
6) Hino Alemão e marcha "Hipp, Hipp, Hurra" - Clube Musical *Garcia*.
7) Almoço Festivo.
8) A 1 hora da tarde, retrato fotográfico de todas as bandas presentes e de suas representações.
9) Às 2 horas, início das apresentações no Salão, em 3 grupos: Bandoneon, Orquestra de Salão, Instrumentos de Sopro; na sequência, entrega dos certificados aos participantes. Festividades na área externa (Jardim). Ingressos para Salão e Jardim: 1$000. Às 8 horas da noite: Baile. Ingressos: 2$000 masculino; 1$000 feminino. Entrada franca nos 2 dias para Sócios e Músicos.

O Comitê Organizador.



Blumenau, c. 1890

Família Karl Lingner (1848-1908)

Familie K. Lingner

Acervo / *Sammlung* Marcos Schroeder

páginas seguintes / *Nächste Seite*

Blumenau, c. 1880

Em abril de 1879 foi fundada a *Sociedade de Cantores Teutonia*, sob a regência de Julius Scheidemantel, que ocupou este cargo por 35 anos consecutivos.

Im April 1879 wurde der Gesangsverein Teutonia *gegründet, unter Leitung Julius Scheidemantels, der dieses Amt 35 Jahre lang innehatte.*

Página ao lado / *Seite gegenüber*

Otto Huber (1)

Acervo / *Sammlung* A. H. Blumenau

No ano de 1860, chegavam em Blumenau, vindos de Magdeburg (Alemanha), depois dos 3 netos de Kristian von Lingner, este que teve grande participação na capitulação de Napoleão Bonaparte. Eram eles: Karl Lingner e Albert Lingner. Radicaram-se em Blumenau e no ano de 1874 foi fundada a primeira banda musical da cidade, chamada *Musikkapelle Lingner*. Na mesma época, chegava também a família Haussmann, vinda do Sul da Alemanha. As raízes da família levaram a um firme propósito de criar algo em Blumenau. Nasceu em 5 de outubro de 1892, o *Volkstanzgruppe Grünes Tal*, fundado pela família Lingner, tendo como presidente Ary Lingner (bisneto de Karl Lingner e Anna Lampe) e coordenadora geral Itala Lingner (neta de *Fritz* Haussmann).

Im Jahr 1860 kamen aus Magdeburg nach Blumenau zwei der drei Enkel des Kristian von Lingner, welcher an der Kapitulation Napoleons entscheidend mitgewirkt hatte. Karl und Albert Lingner siedelten sich 1874 in Blumenau an und gründeten den ersten Musikverein der Stadt – die Musikkapelle Lingner. Zur gleichen Zeit kam aus dem süddeutschen Raum die Familie Haussmann, mit dem festen Vorsatz in der Stadt das kulturelle Erbe der Familie fortzusetzen. Am 5. Oktober 1892 gründeten die Lingners die Volkstanzgruppe (Grünes Tal)*, unter Vorsitz Ary Lingers (Urenkel Karl Lingners und Anna Lampes). Vereinskoordinatorin war Frau Itala Lingner (Enkelin* Fritz *Haussmanns).*


TEUTON
GESANGVER









Blumenau, *Rodeio*, c. 1919

Banda do interior

Kapelle aus dem Landesinnern

ACERVO / SAMMLUNG A. H. BLUMENAU



Blumenau, c. 1910

Capela do Batalhão *55* perante a casa do Capitão.
Esse Batalhão veio do Norte do Brasil e permaneceu
em Blumenau pouco mais de um ano.

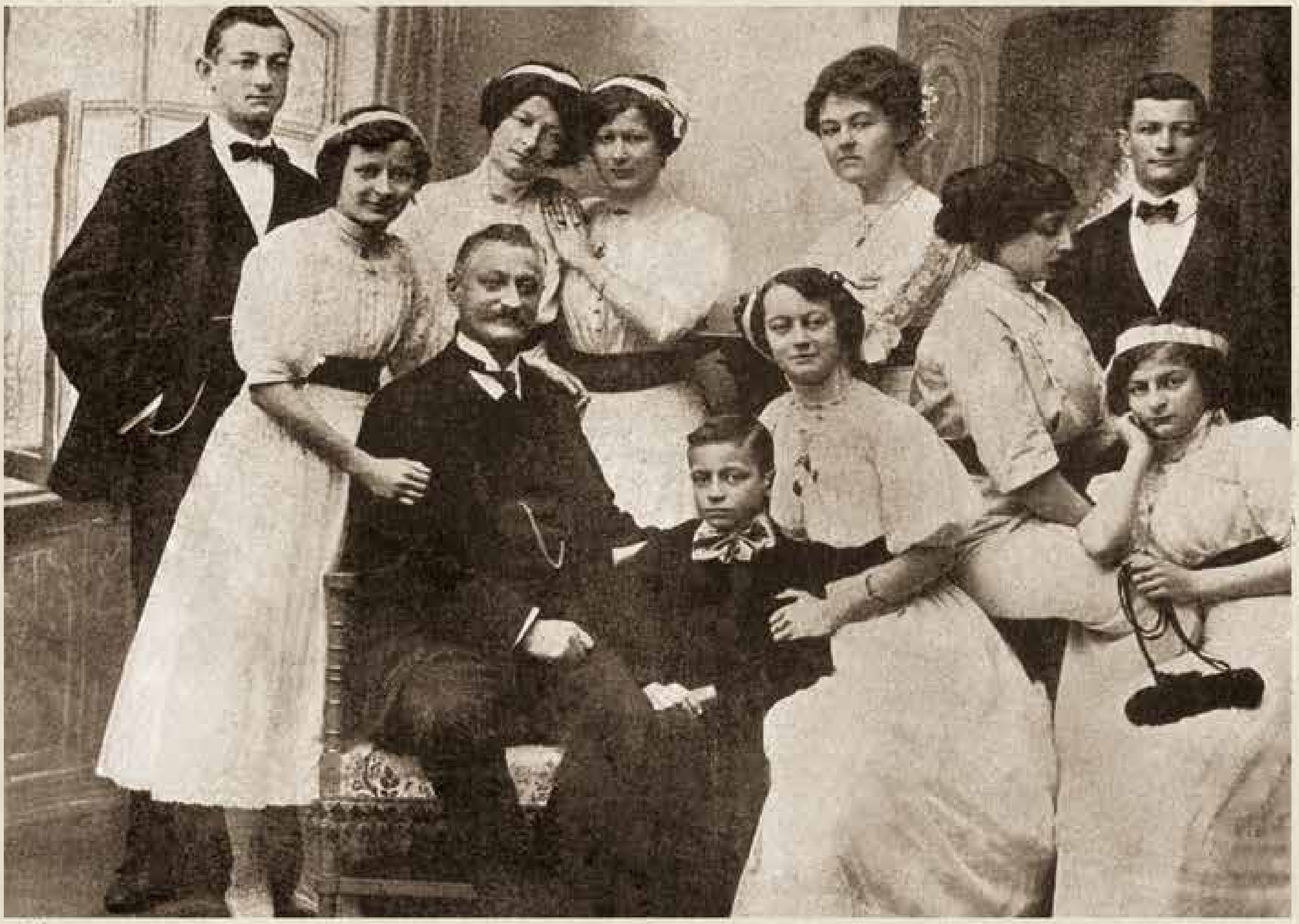
Kapelle des 55. *Battaillons vor dem Haus des Hauptmannes.*
Dieser Bataillon 55 *kam aus dem Norden Brasiliens und*
blieb etwas über ein Jahr in Blumenau.

Acervo / *Sammlung* A. H. Blumenau



Erstes Konzert der Damenkapelle

Programm folgt



Programm folgt

FAMILIE BERNHARDT.

THEATER „FROHSINN“.

Sonntag, den 9. November 1913

zum Besten der
Neuen Deutschen Schule

KONZERT

der Damenkapelle Familie Bernhardt.

PROGRAMM.

1. Teil.

1. **Hochzeit des Figaro.** Ouverture von Mozart.
2. **Walzertraum.** Walzer a. d. Operette v. Strauß.
3. **Lieb mich und die Welt ist mein.** Duett v. Ball.
4. **Operetten = Revue.** Potpourri von Fetras.
5. **Preciosa.** Fantasie aus der Oper von Weber.

— 10 Minuten Pause. —

2. Teil.

6. **Freischütz.** Ouverture von Weber.
7. **Loving Heards.** Serenata pizzicato von Kapps.
8. **Vogelhändler.** Potpourri a. d. Oprtte. v. Zeller.
9. **Norma.** Fantasie aus der Oper von Bellini.

— 10 Minuten Pause —

3. Teil.

10. **Orpheus i. d. Unterwelt.** Ouverture. Offenbach.
11. **Pfeiflied** a. d. Operette Frühlingsluft von Strauß.
12. **Ungarische Rhapsodie Nr. 2.** Von Lißzt.
13. **Bettelstudent.** Potpourri von Millöcker.
14. **Ungarischer Tanz Nr. 5.** Von Brahms.

Programmänderung vorbehalten.

— Anfang 8 Uhr Abends. —

Eintrittspreise:

Nummerierte Sitzplätze	2$000,
In den Nischen (unnummerierte Sitzplätze)	1$500,
Stehplatz	1$000,
Schulkinder	0$500.



Hermann Rüdiger em peça teatral.
H. Rüdiger als Schauspieler.
Acervo / Sammlung Hering Archiv

FROHSINN.

Da aller guten Dinge bekanntlich sind drei,
So ist der Theatervorstand so frei
Euch einzuladen als liebe Gäste
Zu seinem dritten Maskenfeste.
Am 26. Oktober, im laufenden Jahr,
Da wird es zur That, was geplant längst war.
Ein Jeder erschein' in beliebiger Tracht;
Indessen wird zur Bedingung gemacht,
die Maske als Badengel nicht zu wählen,
Sonst dürft' man, trotz Karte, auf Einlaß nicht zählen.
Dagegen genügen schon Nase und Brille
Oder Bärte in jeder Farbe und Fülle.
Doch keiner erschein' mit dem Alltagsgesicht,
Sonst öffnet die Pforte für ihn sich nicht!
Auch löse sich jeder auf seinen Namen —
Und dies gilt für Herren, wie auch für Damen —
Beim Präsidenden die Eintrittskarten;
Derselbe wird auch mit Masken aufwarten.
Doch ist das Geschäft nicht etwa seines
Sondern für Rechnung des Frohsinn-Vereines.
Drum rüste schon Jeder zum Feste bei Zeit,
Mit fröhlicher Laune und buntem Kleid.
Es lebe der Frohsinn! das sei die Parole,
Und Aerger und Sorge der Kuckuck hole!



Der Vorstand.

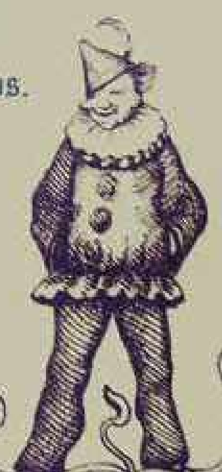


B. Scheidemantel, Blumenau.

ALEGRIA.

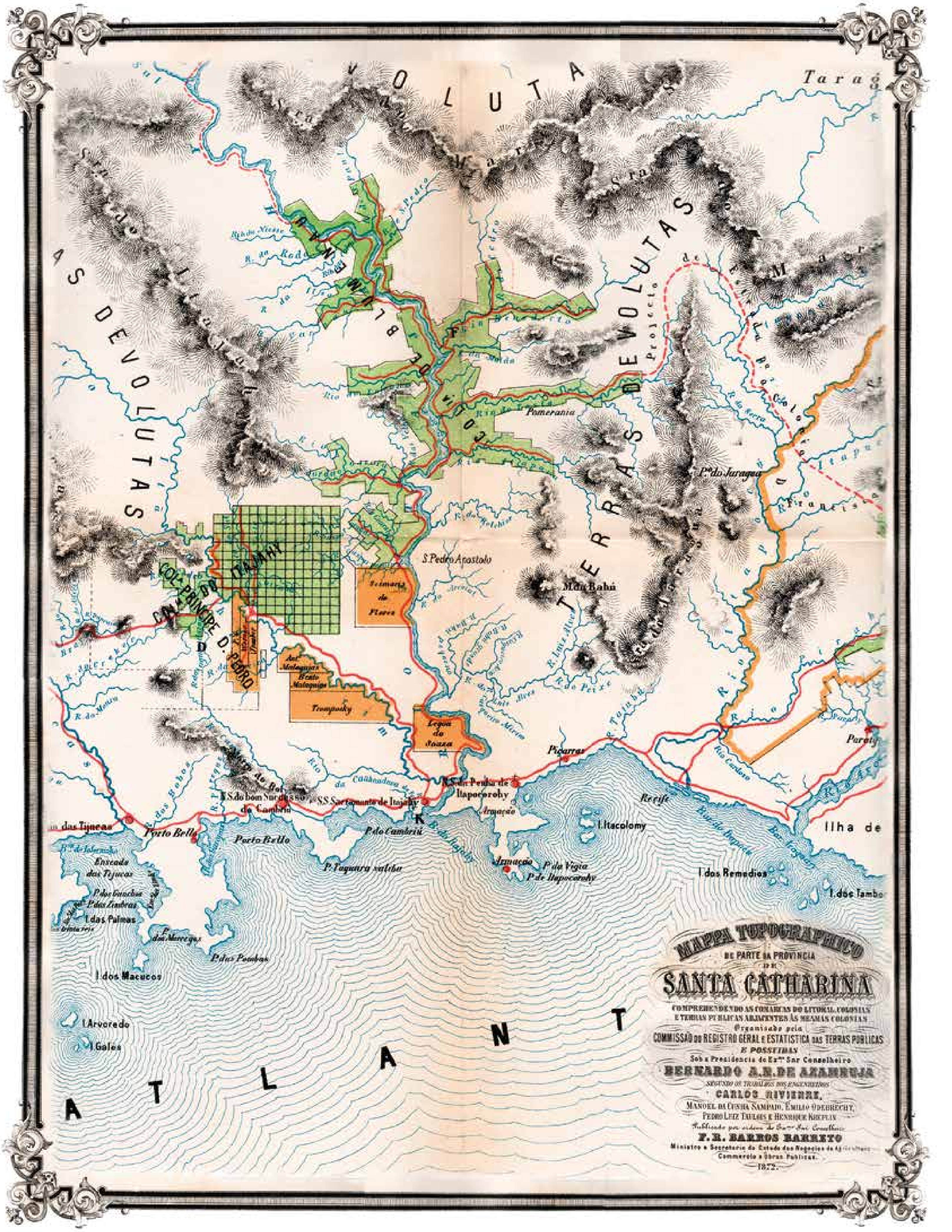
Todas as boas coisas são três,
portanto a directoria deste Teatro
convida a vocês todos, queridos visitantes,
para sua terceira Festa de Máscaras.
No dia 26 de outubro deste ano
o que planejamos há tanto tempo tornar-se-á realidade.
Que cada convidado escolha a fantasia de seu agrado.
No entanto, existe uma condição:
proibida fica a fantasia de "anjo de banho",
o que impediria a sua entrada na festa.
Já nariz e óculos serão permitidos,
assim como barbas de todas as cores e tamanhos.
Tampouco serão permitidas fisionomias
cotidianas, para as quais as portas da festa tampouco se abrirão!
Que todos retirem o seu ingresso nominal junto ao Presidente do Clube,
o que vale tanto para homens como para mulheres.
O mesmo colocará à disposição máscaras
para a festa, sendo que o dinheiro não servirá ao seu
próprio bolso, mas ao benefício geral do Clube.
Portanto, prepare-se a tempo para este
evento com bom humor e trajes coloridos.
Viva a Alegria! Este é o nosso lema.
Que a preocupação e o incômodo
fiquem por conta da coruja!





O Conselho

B. Scheidemantel, Blumenau.


MAPPA TOPOGRAPHICO
DE PARTE DA PROVINCIA
DE
SANTA CATHARINA
COMPREHENDENDO AS COMARCAS DO LITORAL, COLONIAS
E TERRAS PUBLICAS ADJACENTES ÀS MESMAS COLONIAS
Organisado pela
COMMISSÃO DO REGISTRO GERAL E ESTATISTICA DAS TERRAS PUBLICAS
E POSSESSÕES
Sob a Presidencia do Exmo. Snr. Conselheiro
BERNARDO A. N. DE AZAMBUJA
SEGUNDO OS TRABALHOS DOS ENGENHEIROS
CARLOS RIVIERRE,
MANOEL DA CUNHA SAMPAIO, EMILIO ODEBRECHT,
PEDRO LUIZ TAULOIS E HENRIQUE KREPLIN
F. R. BARROS BARRETO
Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Agricultura
Commercio e Obras Publicas.
TERRAS DEVOLUTAS
S. Pedro Apostolo
Pomerania
Mto Bahú
Piçarras
Itapocoroby
I. Itacolomy
Ilha de
I. dos Remedios
I. dos Tambo
Porto Bello
P. do Camboriú
Enseada das Tijucas
I. das Palmas
P. das Pombas
I. dos Macucos
I. Arvoredo
I. Galés
Legoa do Souza
Tromposky
ATLANT

Dr. F. Hofmeister

1873



Dr. Friedrich Wilhelm Benedikt Hofmeister (Leipzig, 1824 - 1877) esteve em Blumenau durante alguns meses no ano de 1873, provavelmente enviado pelo jornal alemão Über Land und Meer*, que publicaria mais tarde, entre 1885-86, n. 23, nas páginas 508 a 510, o texto abaixo. Ricamente ilustrado com 9 estampas desenhadas pelo próprio Hofmeister, este texto* - Aus den deutschen kolonien in Brasilien / Das Colônias alemãs no Brasil*, teve primeira publicação aqui (sem as ilustrações) no* Blumenau em Cadernos*, Tomo XLIV, nos 07/08, julho/agosto de 2003, com tradução de Annemarie Fouquet Schünke. Dr. F. Hofmeister, Botânico com várias obras publicadas na Alemanha, correspondeu-se com Fritz Müller.*

Após uma viagem de 70 dias e aproximadamente 5.500 milhas percorridas, o navio de emigrantes lança âncora em Itajaí. Diante do admirado colono se descortina toda a beleza da vegetação tropical. O desembarque é imediato, todos estão felizes de poderem escapar da vida monótona e da alimentação uniforme do navio. Os emigrantes e seus pertences são levados de lancha, 8 *léguas* Rio Itajaí acima, até a Colônia Blumenau ou Brusque, onde são alojados provisoriamente nos grandes barracos para emigrantes. Cada família ou três solteiros juntos têm à sua disposição um compartimento neste barraco de inúmeras divisões. Aqui, os recém-chegados ficam por enquanto e recebem da direção da Colônia brasileira a alimentação diária, que eles mesmos precisam preparar. Um Médico também está à disposição. Seja a cavalo ou a pé, diariamente são empreendidos passeios em grupo para onde já existe terra demarcada. Caso os recém-chegados decidam por uma região, em geral num vale onde a terra, os vizinhos, etc. condizem com suas expectativas, eles comunicam à direção e recebem, caso queiram, um crédito para adquirirem ferramentas, machado, etc e se instalam em sua propriedade.

A partir deste momento acaba todo tipo de subvenção e qualquer fornecimento da parte do governo brasileiro. O colono se encontra sozinho diante da mata virgem com o machado na mão. Agora começa o tempo mais difícil, são dois a três anos de vida dura, cheia de privações! Quanto mais adolescentes a família tiver, tanto melhor, tudo vai mais depressa, pois eles podem ajudar. Para o solteiro é um período deprimente, sente a falta de ajuda que lhe era tão natural na Europa; precisa cozinhar, lavar e costurar e, o pior de tudo é a solidão no longínquo país. Ainda pode considerar-se feliz, caso permaneça saudável. Como primeiro abrigo é erguido um rancho ou uma cabana com folhas do palmiteiro, cujo tronco serve como escora, e as folhas são usadas para a cobertura. O palmito é a parte interior da coroa do palmiteiro e serve como alimento. Em primeiro lugar é necessário retirar a vegetação rasteira, um trabalho difícil, pois a taquara mais parece um tapete verde. Porém as bananeiras, cujos frutos são excelentes, são preservadas na medida do possível, assim como as palmeiras. Os troncos são cortados até o meio, todos em uma direção, porém o gigante da mata que interliga outras árvores com seus galhos ou cipós e, que serve como suporte é mantido intacto até o fim, quando finalmente seu tronco também é cortado até ao meio. Por volta de uma hora da tarde começa regularmente o vento do mar. Este faz com que as árvores tombem e às vezes tenham que serem cortadas.

Após catorze dias é colocado fogo neste caos de galhos secos. Este procedimento é conhecido no Brasil como “queimada”. A primeira semeadura de milho e feijão preto, etc. é feita na terra recém esfriada. Os vizinhos ajudam uns aos outros na construção de uma casa maior. O trabalho mais difícil está feito.

Porém, quanto serviço menor ainda precisa ser feito pelas mulheres e crianças dentro de casa! Enquanto isso o homem frequentemente trabalha como diarista até a hora da colheita. No entanto, vi poucos colonos que não tivessem conseguido em dois, três anos, uma vaca, um cavalo, vários porcos e muitas galinhas, levando aqui uma vida melhor e com menos trabalho do que na velha pátria. A liberdade individual é ilimitada, não há polícia, nem cobradores de impostos, nem guarda noturno, etc. Mesmo assim, são raros os delitos. A igualdade de posição e o mesmo destino têm um efeito tranquilizador e reconciliador. A vantagem é que as pessoas moram afastadas umas das outras, a abstinência do álcool e o frequente contato com a natureza também são benéficos. Desse modo não existem muitos motivos para brigas, embriaguez, leviandade e inveja. No caso de aparecer um vagabundo, que queira continuar com sua maneira de viver neste país de liberdade e de ajuda mútua, receberá logo no início muitas "diretas indelicadas", tanto que em pouco tempo terá saudades da liberdade na Alemanha, onde podia agir a seu modo sem ser perturbado. Em pouco tempo ele faz um exame de consciência e se torna um membro útil da humanidade ou sucumbirá. Não há tantas diversões como na Alemanha, mas existem sociedades como: sociedades de tiro, de canto, grupos de leitura, etc. Em toda grande cidade brasileira há o *Germânia*, um clube alemão de entretenimento, o qual é muito considerado pelos brasileiros. Mesmo que para a maioria o início tenha sido muito duro, as pessoas acostumadas ao trabalho se sentem felizes após superarem as dificuldades, e muitas vezes mandam vir seus parentes. Eles não conseguem enriquecer rapidamente, no entanto, não têm problemas quanto à alimentação. Com o decorrer do tempo as estradas vão melhorar, os colonos conseguirão exportar e, assim se tornarão prósperos. Após seis anos começa a amortização da terra e das ferramentas ao Governo. Se uma pessoa teve algum infortúnio, o Governo concede um adiamento da dívida por muitos anos. O Governo brasileiro é condescendente para com a solicitação do imigrante, desde que seus próprios funcionários não atrapalhem.

É mais ou menos assim que as coisas acontecem nas colônias do Governo, ao sul do Rio de Janeiro, onde de modo geral o clima é bom e o solo é fértil.

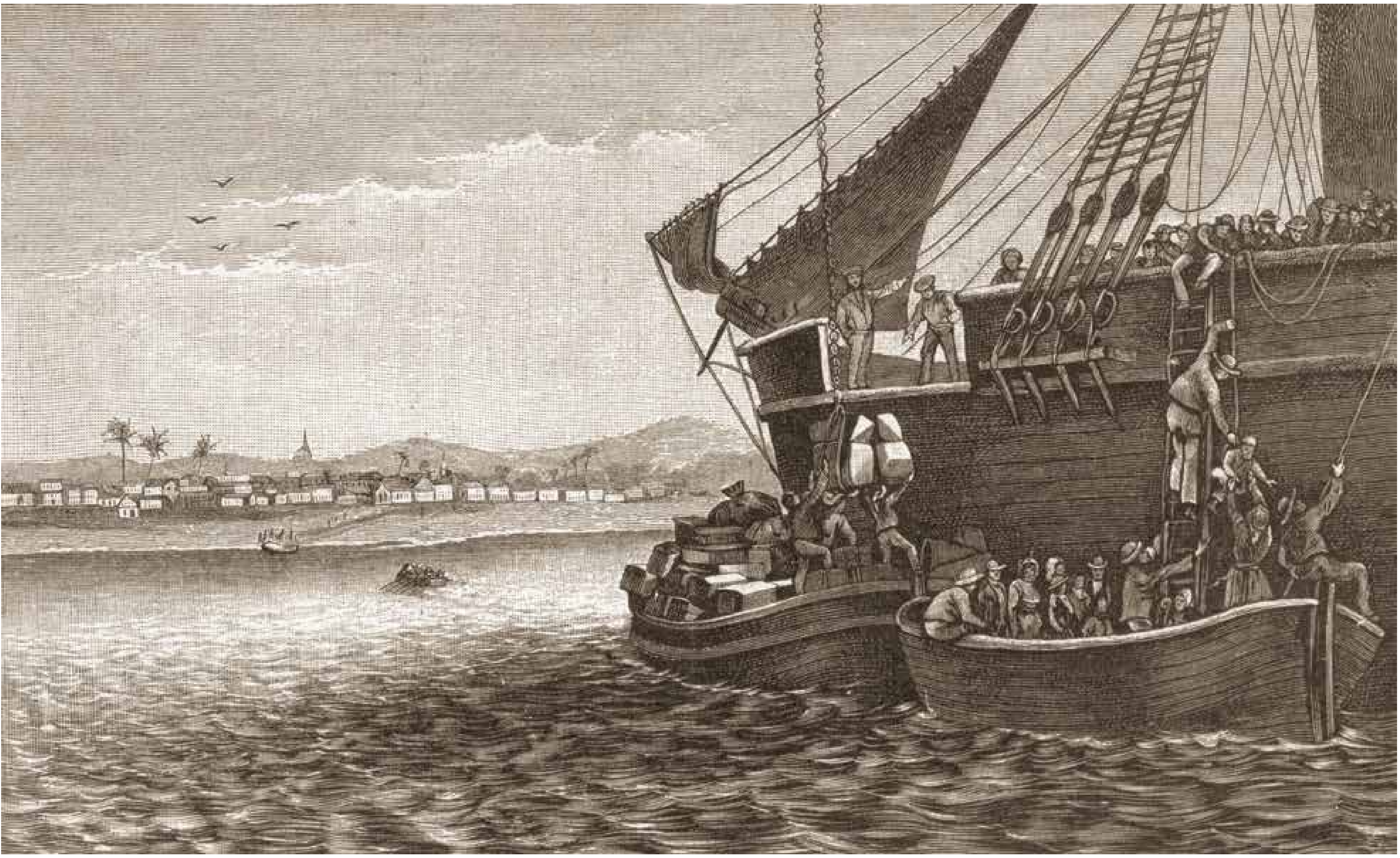
Emigrar para colônias particulares, que geralmente visam enriquecer o proprietário, é sempre um risco para o imigrante, bem como o é para as colônias ao norte do Rio de Janeiro, nos trópicos. Praticamente toda desgraça que afetou os colonos alemães, pelo que sempre culparam o Governo, tem origem na escolha errada do lugar para onde foram ou deixaram se levar, tanto que mal sabiam o nome do local. O mérito conquistado pela *Sociedade Colonial Alemã* foi instalar um escritório de informações para emigrantes com a finalidade de prevenir estes erros.

Nenhum país é tão injustamente difamado como o Brasil. O motivo é o seguinte: o artífice e o colono acostumados ao trabalho, de um modo geral, vivem bem, eles não escrevem artigos para publicação, o máximo que fazem é mandar vir seus parentes. Enquanto isso, aqueles que usam a caneta, os intelectuais não acostumados ao trabalho braçal, os escritores, etc. normalmente vivem uma situação crítica, escrevem artigos inflamados e fazem estardalhaço por mil daqueles que vivem bem. Após alguns anos de muito trabalho, o colono consegue os meios para sua modesta subsistência e, no futuro conseguirá ainda com menos esforço, por isso a ausência de mendigos na região da Colônia. Regra a ser seguida: quem tiver um bom rendimento na Europa é melhor não emigrar; mas o trabalhador com família numerosa, que apesar do trabalho duro somente regride, este é o homem certo para cá. Em cada colônia o *Stadtplatz* é o centro de atividades, e oferece especialmente aos domingos, uma visão colorida da cultura alemã. Aqui se encontram: *Direção, Barraco dos Imigrantes, Consulado, Hospedaria*, etc. Enquanto os cavaleiros estão na Igreja, ou se divertindo na *Hospedaria*, em canchas de *Bolão* ou no *Clube de Tiro*, alguns cavalos selados andam soltos num grande pasto. O colono não vive sem o cavalo, pois, às vezes, mora distante seis a oito horas. Todos montam a cavalo, as crianças para a escola, as mulheres para a igreja. Também usam o cavalo para ir a batismos e enterros.

Após os bailes, realizados de vez em quando na *Sociedade de Tiro*, os jovens cavalheiros acompanham as dançarinas para casa a cavalo. É encantador um passeio destes através da vegetação tropical numa noite enluarada. Nenhum coração resiste ao encanto do vento farfalhando nas palmeiras e de miríades de vagalumes pelo ar.

Caso homem e mulher queiram sair juntos e somente tem um cavalo, então a mulher senta na sela atrás do homem. Para pessoas que nunca montaram um cavalo na Europa, é natural acontecerem situações engraçadas. Os alemães conseguiram afastar praticamente todas as outras nacionalidades, no que se refere ao comércio, à navegação e ao tráfego, que estão quase exclusivamente em suas mãos, sendo por isso muito respeitados pelos brasileiros. Quem não fala alemão, muitas vezes, mal consegue circular e viajar nestes distritos coloniais, enquanto pessoas como o meu acompanhante Grassmann ainda não dominam o português, apesar de morar há mais ou menos 16 ou 17 anos lá. De um modo geral somente são usados artigos alemães; a nacionalidade em si não dilui através de várias gerações, os costumes permanecem.

Ainda mais: os brasileiros da redondeza aderiram em parte a esses costumes, ultimamente o pinheirinho ilumina seu Natal. Percebí em todos os antigos imigrantes o desejo de economizar um tanto, para, pelo menos uma vez ainda rever a velha pátria. Em nenhum outro lugar do mundo sentí tão intensamente este sentimento para com a velha pátria. O entusiasmo em 1870-71 foi indescritível. Desde esta época todo negro no Rio de Janeiro conhece a bandeira alemã, da qual antes disso nem fazia idéia. Assim, as conquistas destes anos gloriosos foram benéficas para o alemão no exterior. Eles se impõem respeitosamente como uma unidade cerrada e para o imigrante alemão patriota deve ser uma tranquilidade que a geração futura se declare fiel às tradições de seus ancestrais. Mas, também não podemos omitir outro aspecto e, registramos que muitos recém-chegados foram acometidos pelo "mal da terra" (febre de aclimatização), sobretudo no desmatamento. Mas, o bom senso popular descobriu uma medicação simples e barata. Muitas vezes, o autor destas linhas viu em casas de colonos, garrafas que continham suco de limão verde e pregos de ferro. O adoentado toma diariamente desta solução, o resto corre por conta do tempo. Se o colono por um ou outro motivo não se tornou abastado durante os primeiros anos, ele é fortalecido pela esperança de ter após alguns anos um belo lar livre de dívidas; ele se empenha com alegria, pois o futuro de seus filhos está garantido. Que o colono trabalhador seja recompensado pelo seu esforço e tenha um destino benigno, que cada machadada para adentrar na mata o espírito e senso humanitário alemão ilumine, a cada manhã, sua longínqua nova pátria.



Dr. F. Hofmeister, 1873

Desembarque dos imigrantes alemães no Porto de Itajaí.
A Vila de Itajaí foi fundada há cerca de 50 anos e conta hoje (1873) com mais de 4.000 habitantes.

*Ausschiffung deutscher Einwanderer am Itajaí-Hafen.
Der Ort Itajaí wurde vor ca. 50 Jahren gegründet und zählt heute (1873) über 4 Tausend Einwohner.*

Acervo / *Sammlung* B. K. Kadletz

O desembarque é imediato, todos estão felizes de poderem escapar da vida monótona e da alimentação uniforme do navio. Os imigrantes e seus pertences são levados de lancha 8 *léguas* Rio Itajaí acima.

Die Ausschiffung erfolgt in Eile, denn alle sind froh dem monotonen Leben und der einfältigen Nahrung auf dem Schiff entfliehen zu können. Die Einwanderer werden auf dem Itajaí-Fluss mitsamt ihrer Habe acht Meilen flussaufwärts gebracht.

Dr. F. Hofmeister



Como primeiro abrigo é erguido um rancho ou uma cabana com folhas do palmiteiro, cujo tronco serve como escora e as folhas são usadas para a cobertura.

Erste Unterkunft in einer Hütte aus Palmblättern. Der Baumstamm stützt ein Dachgeflecht aus Blättern.

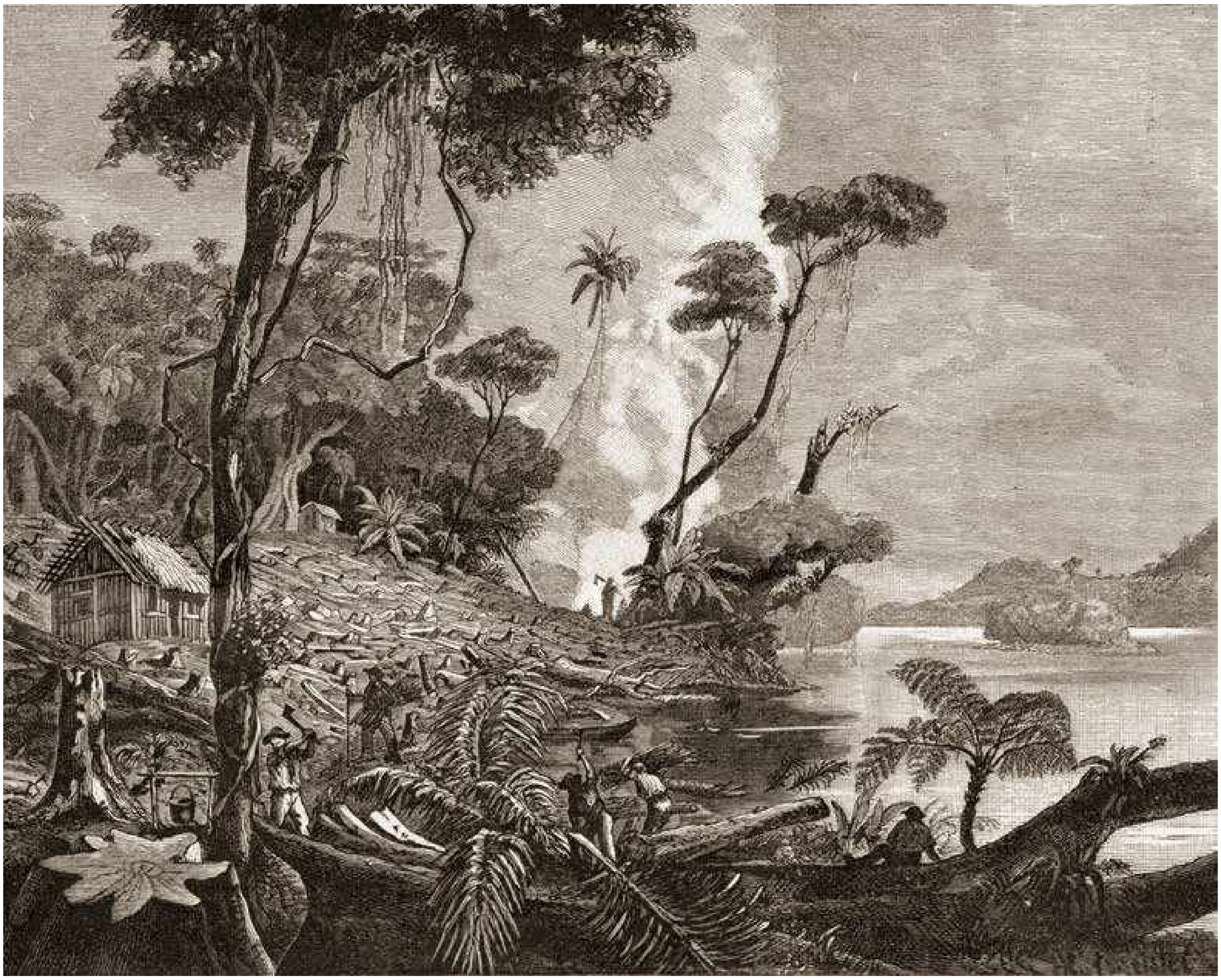
Dr. F. Hofmeister

Dr. F. Hofmeister, 1873

Primeiro abrigo na mata. Foz do ribeirão da *Velha*.

Erste Unterkunft im Urwald. Mündung des Velha-*Baches.*

Acervo / *Sammlung* B. K. Kadletz



Dr. F. Hofmeister, 1873

Trabalho de roçagem. Abrindo a floresta.

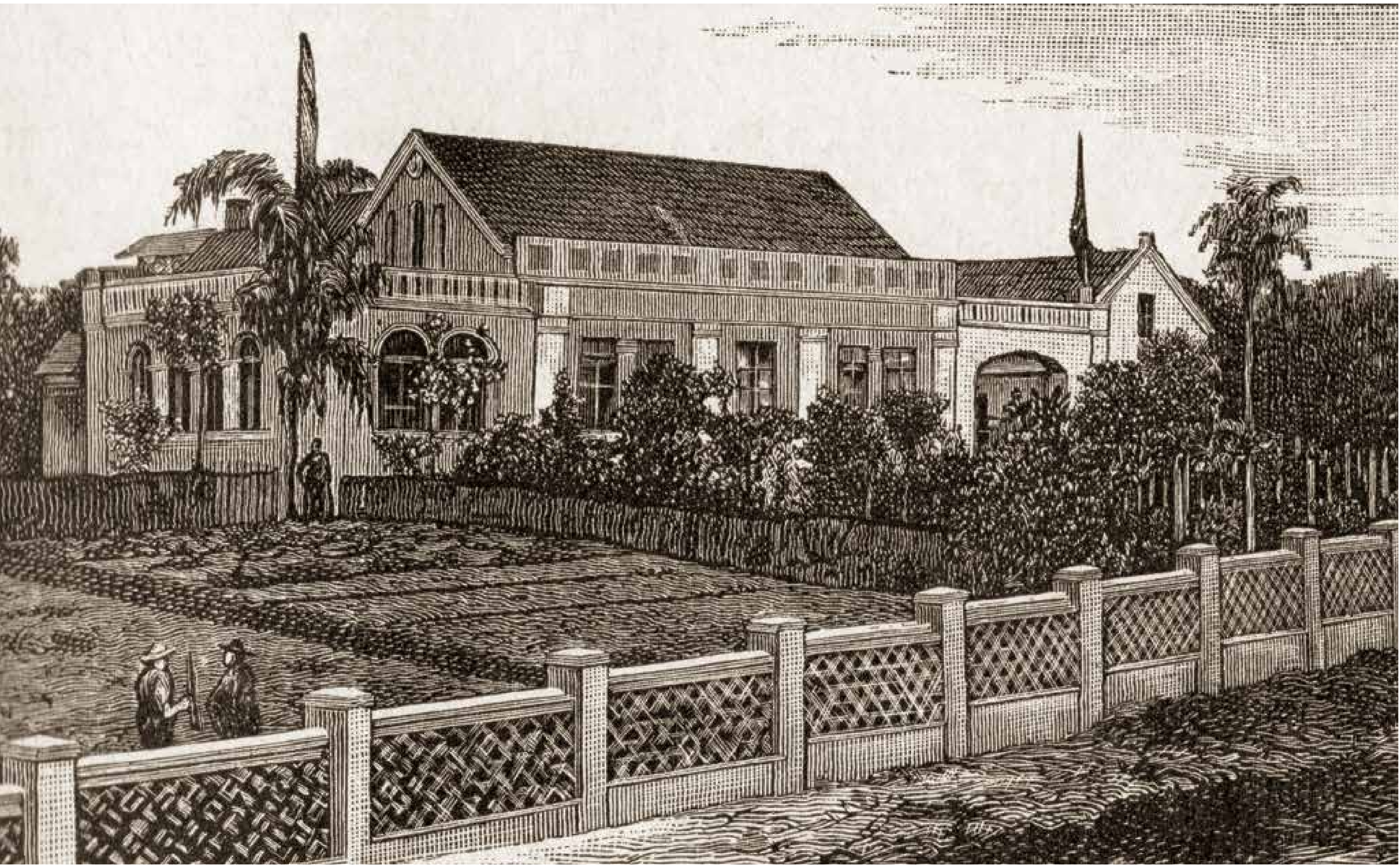
Roçaschlagen. Roden des Urwaldes.

Acervo / Sammlung B. K. Kadletz

Em primeiro lugar é necessário retirar a vegetação rasteira, um trabalho difícil, pois a taquara mais parece um tapete verde. Após 14 dias é colocado fogo neste caos de galhos secos. Este procedimento é conhecido no Brasil como "queimada".

Als erstes muss das Niederholz geschlagen werden – eine Knochenarbeit – da die Bambusstauden zu einem grünen Teppich zusammengewachsen sind. Nach 14 Tagen wird dieses trockenblättrige Chaos angezündet. Dieser Vorgang wird in Brasilien "Queimada"genannt.

Dr. F. Hofmeister





Dr. F. Hofmeister, 1873

Casa de Heinrich Hosang, na *Itoupava Seca.*

Haus des H. Hosang, in Itoupava Seca.

Acervo / Sammlung B. K. Kadletz

Em 1860, quando Blumenau contava com cerca de 950 moradores, agrupados em 190 famílias, Heinrich Hosang, 32 anos, oriundo de Braunschweig (Alemanha, mesmo ducado do Dr. Blumenau), adquiriu um terreno na *Itoupava Seca* (hoje Rua *São Paulo*) e aí construiu uma casa, onde nos fundos instalou uma pequena fábrica de cerveja.

Im Jahre 1860 zählte Blumenau ca. 190 Familien mit insgesamt 950 Einwohnern. Zu dieser Zeit erwarb der 32-Jährige Heinrich Hosang (gebürtiger Braunschweiger aus dem gleichen Herzogtum Dr. Blumenaus), ein Grundstück in Itoupava Seca *(in der heutigen* São Paulo*-Straße), wo er im rückwärtigen Teil seines Hauses eine kleine Brauerei errichtete.*

Dr. F. Hofmeister





Dr. F. Hofmeister, 1873

Mulheres da Colônia cavalgando para a feira. Caminho na floresta.

Koloniefrauen auf dem Weg zum Markt. Urwaldspfad.

Acervo / *Sammlung* B. K. Kadletz

Após os bailes, realizados de vez em quando na *Sociedade de Tiro*, os jovens cavalheiros acompanham as dançarinas para casa a cavalo. É encantador um passeio destes através da vegetação tropical numa noite enluarada. Nenhum coração resiste ao encanto do vento farfalhando nas palmeiras e de miríades de vagalumes pelo ar.

Nach den gelegentlich im Schützenverein *stattfindenden Tanzbällen begleiten die jungen Kavalliere die Tänzerinnen auf Pferderücken nach Hause. In einer Vollmondnacht sind diese Ritte durch die tropische Vegetation ein unvergessliches Erlebnis. Kein Herz widersteht dem Zauber des Windes in den Palmen und den Myriaden von Glühwürmchen in der Luft.*

Dr. F. Hofmeister





Dr. F. Hofmeister

Rua das *Palmeiras*. À esquerda, Hotel *Schreep* (depois *Lüders* e *Brasil*) e Casa *Meyer & Spierling*.

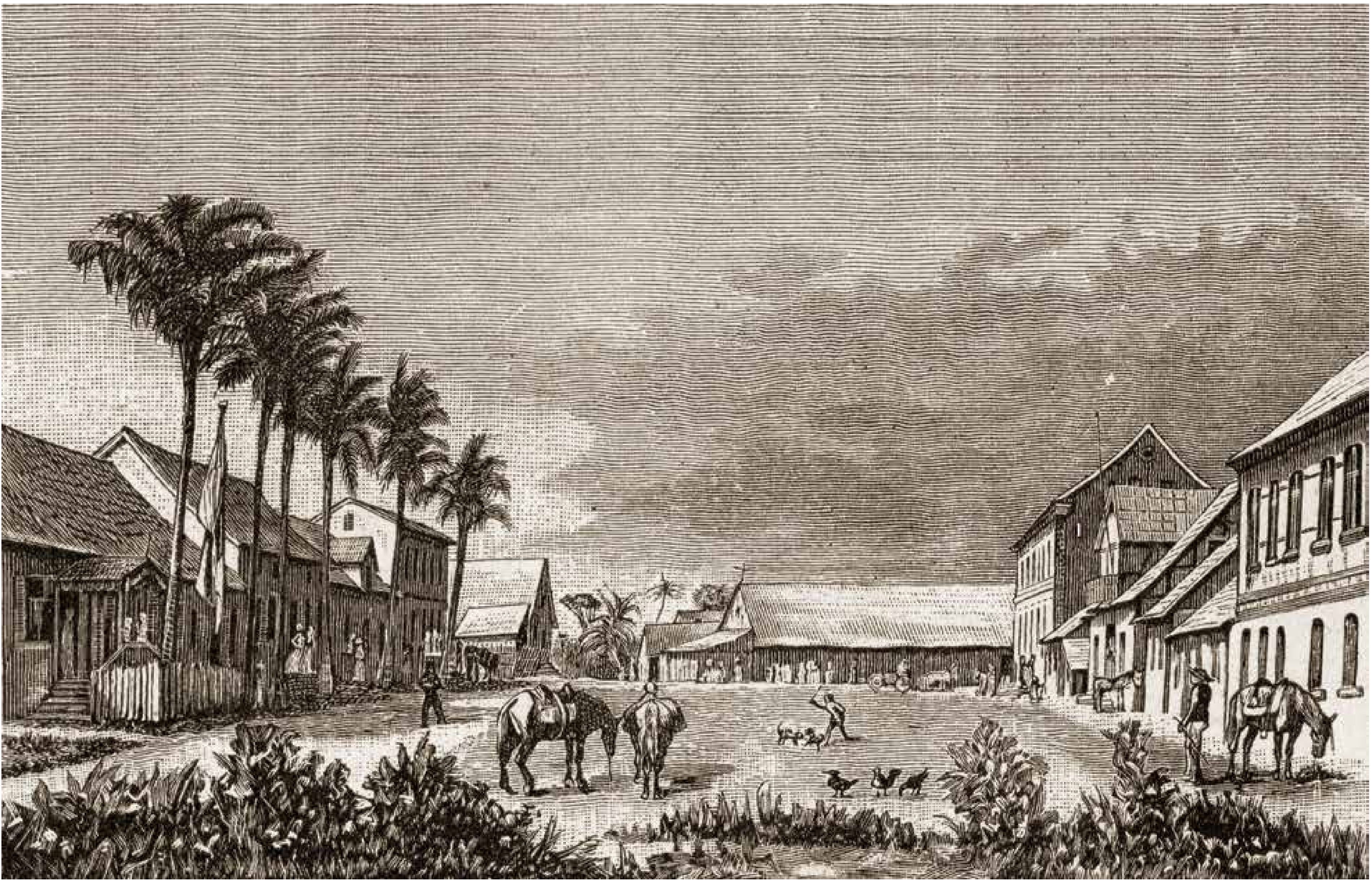
Palmenallee. *Links, Hotel* Schreep *(später Hotel* Lüders *und* Brasil) *und Geschäftshaus von* Meyer & Spierling.

Acervo / *Sammlung* B. K. Kadletz

A velha Blumenau colonial, onde as austeras figuras dos pioneiros, com suas longas barbas e os seus mais compridos cachimbos, enfeitados de borlas de lã colorida, sentavam-se à mesa do *Skat*, diante a respeitáveis canecas de chope, trazidas ainda da velha Germania, com as características sentenças em letras góticas, douradas: "Quem 100 anos bebeu, 100 anos viveu", na língua de Goethe e, entremeando a conversa séria com pilhérias marotas, discutiam os problemas da administração da Comuna.

Die alte koloniale Stadt Blumenau, wo sich die strengen Pioniere mit ihren langen Bärten und noch längeren Pfeifen, in bunter Wolle gekleidet, zum Skat *trafen, gerüstet mit ansehnlichen Bierkrügen, die sie aus Deutschland brachten, worauf typische Sätze in gothisch-goldener Schrift gedruckt waren, wie "Wer 100 Jahr getrunken, der 100 Jahr gelebt", wobei sie Zitate von Goethe, ernste Gespräche mit frechen Witzen mischten und dabei Probleme der Gemeinde besprachen.*

Der Urwaldsbote, 1896.



Johann Schreep chegou a Blumenau como colono e no início da década de 1860 construiu este Hotel (1). Originário de Mecklenburg (Dassow, 1797), casou-se em 1857 com Dorothea Lemmniser e tiveram um filho (Peter Johann Heinrich Schreep, 1858) e duas filhas (Maria, 1860; Emilie, 1862). Em acidente com cavalo, faleceu em 16.5.1882. O Hotel foi, então, arrendado para Theodor Lüders e passou a se chamar Hotel *Lüders*. Abrigou inúmeros ilustres: Hugo Zöller (Jornalista, 1882, com diária a 3 mil réis); Conde d'Eu (1884); Dr. Blumenau (após a enchente de 1880 até sua partida em 15.4.1884); Hercilio Luz (1897); Franz Giesebrecht (1898); etc. Em 1903 o Hotel estava nas mãos de Johann Schmidt e chamava-se Hotel *Brasil*. Dr. Wilhelm Lacmann hospedou-se aí neste ano. Demolido c. 1930, foi construído no local a Casa Comercial de Carlos Koffke. Hoje, após alterações na estrutura, está a Câmara Municipal de Blumenau.

J. Schreep kam als Kolonist nach Blumenau und errichtete gegen 1860 dieses Hotel (1), an der Ecke der Palmenallee*. Der gebürtige Meckelenburger (Dassow, geb. 1797) ehelichte Dorothea Lemmniser, mit der er zwei Töchter (Maria, geb. 1860; Emilie, geb. 1862) und einen Sohn zeugte (Peter Johann Heinrich Schreep, geb. 1858). Er verstarb aufgrund eines Reitunfalles am 16.5.1882 im Alter von 85 Jahren. Die Witwe Schreep verpachtete das Hotel an Theodor Lüders, der es unter dem Namen Hotel* Lüders *weiterführte. Zu dieser Zeit verkehrten hier verschiedene bekannte Persönlichkeiten, wie Hugo Zöller (Journalist, im Jahr 1882, zu 3 Tausend Réis je Übemachtung); Graf d'Eu (1884); Dr. Blumenau fand hier Unterkunft nach der Flut 1880 bis zu seiner Rückkehr nach Deutschland am 15.4.1884; Hercilio Luz (1897); Franz Giesebrecht (1898). Im Jahr 1903 wurde das Hotel als Hotel* Brasil *von Johann Schmidt übernommen und beherbergte in diesem Jahr u. a. Dr. Wilhelm Lacmann. Niederriss 1930, danach Bau des großen Geschäftshauses Carlos Koffke. Nach mehreren Veränderungen seiner Baustruktur ist hier heutzutage die Stadtkammer untergebracht.*

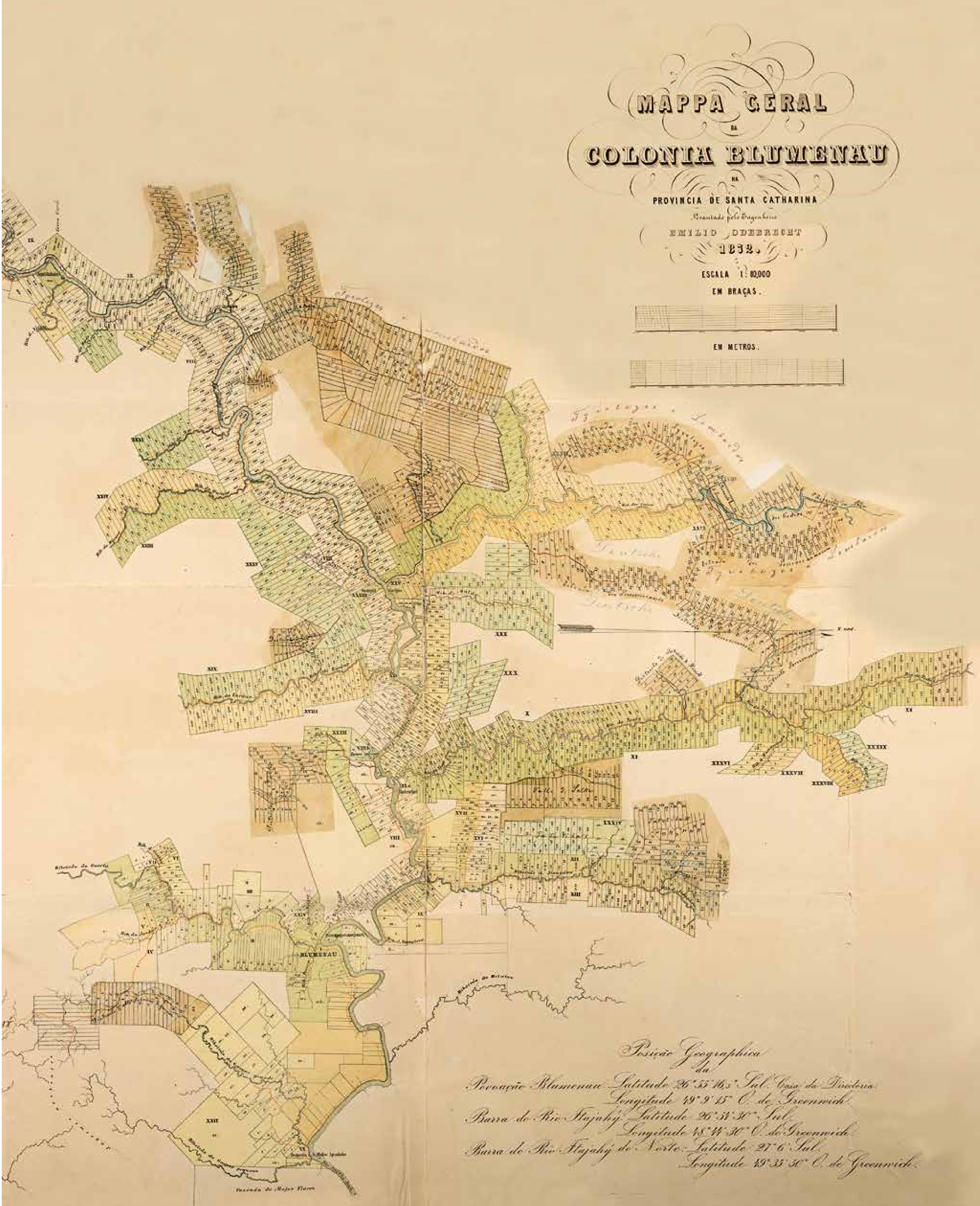




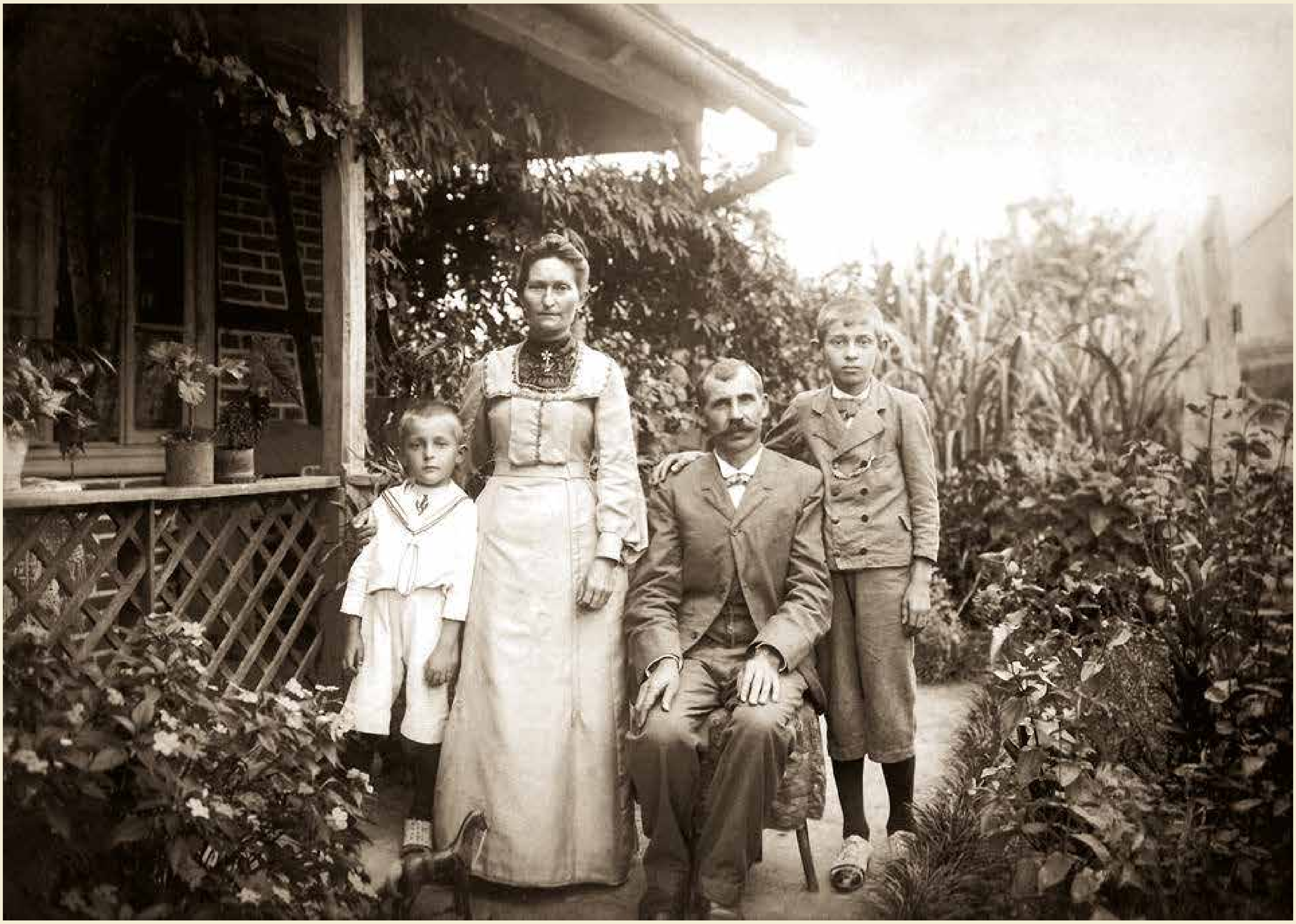
Igreja Católica em Blumenau
Katholische Kirche in Blumenau
ACERVO / *SAMMLUNG* B. K. KADLETZ

Encontramos uma casinha para alugar perto da Igreja Católica; o morro daquela igreja me atraía. A bela construção em estilo gótico se erguia na parte da frente desta elevação. O acesso era por uma escada branca e larga, com aproximadamente 70 degraus, ladeada de flores, plantas tropicais e trepadeiras muito bem cuidadas. O Cemitério ficava nos fundos da Igreja e na parte mais elevada destacava-se uma cruz, que parecia estar me chamando. Todos os dias eu ia até lá e sentava a seus pés para olhar a magnífica paisagem. Gostava de apreciar o crepúsculo, vendo o céu se transformar e banhar tudo com suas mais belas cores. Não cansava em contemplar este belo espetáculo que transmitia tanta paz. As estrelas começavam a surgir e a noite aos poucos encobria tudo com seu manto escuro. O Cruzeiro do Sul destacava-se cada vez mais, a lua brilhava intensamente, e nesta hora eu conseguia rezar com todo o meu fervor. Não sentia vontade de deixar este lugar mágico e voltar para casa. Quantas vezes caminhei por entre as sepulturas, nas quais floriam lírios brancos e trepadeiras de erva vermelha. Nos túmulos havia pequenas cruzes de madeira e apenas num deles havia uma exceção. Este estava coberto com uma laje de mármore, e na cabeceira havia uma coroa também em mármore, na qual se lia a seguinte inscrição: "Aqui descansa na paz do Senhor, Leontine, Baronesa de Wendelingen, nascida Condessa de Palascy".

THERESE SCHOOT STUTZER, 1885 - EXCERTO DO ROMANCE *UNTER DEM KREUZE* / *SOB A CRUZ* - TRAD. ANNEMARIE FOUQUET SCHÜNKE


MAPPA GERAL
DA
COLONIA BLUMENAU
NA
PROVINCIA DE SANTA CATHARINA
Levantado pelo Engenheiro
EMILIO ODEBRECHT
ESCALA 1: 80,000
EM BRAÇAS.
EM METROS.
BLUMENAU
Posição Geographica
da
Povoação Blumenau Latitude 26° 55' 16,5" Sul. Casa da Directoria
Longitude 49° 9' 15" O. de Greenwich
Barra do Rio Itajahy Latitude 26° 54' 30" Sul
Longitude 48° 44' 30" O. de Greenwich
Barra do Rio Itajahy do Norte Latitude 27° 6' Sul
Longitude 49° 35' 30" O. de Greenwich

1875 # August Sievert



Blumenau, c. 1910

August, esposa Emma Bernhardt Sievert e filhos Walter (direita) e Willy (esquerda).

August, Ehefrau E. B. Sievert und Söhne Walter und Willy (links).

Acervo / Sammlung Sávio Abi-Zaid

August Sievert, em 1960, deu um depoimento para a Blumenau em Cadernos *(Tomo III, Abril 1960, nº 4), onde discorreu sobre vários assuntos relacionados à Colônia: chegou a trabalhar para* Fritz *Müller e, como estafeta, teve contato com Dr. Blumenau. Também cultivou muito seu pedaço de terra e trabalhou na Companhia* Salinger. *Em 1960, fizera em março 94 anos de idade e, ainda lúcido, vivia junto a seu filho Willy Sievert, comerciante e cinegrafista bastante conhecido de Blumenau.*

Nasci em 23 de março de 1866 em Kolberg, em Pommern, Alemanha, filho de um capataz de pastores de ovelhas numa fazenda da região. Com meus pais, e quando já contava 9 anos de idade, cheguei em junho de 1875 a Blumenau. Embarcáramos num navio inglês, via Antuerpia, demorando a travessia do Atlântico, 5 longas semanas em virtude de fortes temporais e avarias nas máquinas. Éramos, ao todo, uns 600 passageiros, todos emigrantes. Grande parte destes destinava-se a Porto Alegre e às colônias alemãs do Rio Grande do Sul. Desembarcamos em Desterro, de onde o vapor *São Lourenço* nos transportou até *Gaspar*. Nessa época, o Rio Itajaí estava em cheia. De *Gaspar*, até a sede da Colônia Blumenau, seguimos, os homens, rapazes e moças, a pé, enquanto as senhoras, crianças e velhos embarcaram numa lancha, rio acima, à força de varejões. Durante a travessia do Atlântico faleceram duas crianças e um senhor idoso, que tomara o navio, já doente. Gostei dessa travessia, pois felizmente, o passadio era bom, boa a convivência. Divertíamos, a bordo, com danças e brincadeiras e não sofri de enjôo. Durante o tempo que permanecemos em Desterro, à espera do transporte para o nosso destino, também fomos bem tratados pelo Governo, não havendo do que nos queixar.

Era um belo dia de sol, quando nos aproximamos da sede da Colônia Blumenau. Ao chegarmos ao começo da atual Rua *XV de Novembro*, na esquina com a *Alwin Schrader*, e vendo algumas casas, perguntamos na de um casal idoso, o Sr. Hartmann, se a povoação ainda ficava muito longe. Ao nos responder, ele disse que já nos achávamos dentro dela. Ficamos todos surpreendidos e decepcionados, pois esperávamos encontrar uma cidade, mais ou menos grande e importante, e vínhamos encontrar uma meia dúzia de casas, agrupadas à margem do *Garcia*. Quando, na Alemanha, se referiam a Blumenau, davam a entender que este já era um grande centro de população. Até o Pastor, que nos acompanhara até o bordo do navio, em que viéramos, para nos abençoar e desejar-nos feliz viagem, havia dito: "Na, jetzt kannst Du stolz sein, denn Du kommst jetzt in eine schöne große Stadt in Brasilien". ("Bem, agora você pode se orgulhar pois vai para uma bela e grande cidade no Brasil").

A lembrança dessas palavras e do alvoroço que me enchia o espírito em chegar, quanto antes, à "grande cidade", quase que me desanimaram à vista do pequeno povoado. Mas a natureza deslumbrante, a beleza do rio e do lugar em que Dr. Blumenau assentara a sede da sua Colônia, as matas e morros sempre verdes, como o *Aipinberg* e o da Igreja Protestante, me deslumbraram e, em breve, se desfez, na minha mente, a idéia que eu vinha fazendo, para dar lugar a um grande entusiasmo pela realidade que me empolgara.

Somente à noite chegou a lancha com as senhoras, crianças e idosos. Jantamos todos em casa do Sr. Hartmann. Como eu, minha mãe partilhava desse entusiasmo e não podia conter palavras de alegria ante a perspectiva da enorme extensão de terra que se poderia aproveitar para cultura, em comparação com o pequenino eito que lavraram na Alemanha, assim mesmo propriedade de senhores feudais. Meu pai é que não se mostrava muito eufórico ante a perspectiva de dar duro, preferindo, talvez, servir de feitor, como o era na sua terra natal.

Depois de uma permanência de 4 dias no *Barracão dos Imigrantes*, localizado, mais ou menos, onde hoje está a sede do Clube *América*, partimos com destino aos lotes que nos foram destinados. Até o local do atual campo de aviação fomos de carroça. Mas, a estrada era tão ruím que, por vezes, foi preciso usar juntas de bois para arrancar o carro da lama. Pernoitamos ali, em casa do patrício Cristiano Wolff e, no dia seguinte, a cavalo e cargueiros do Sr. Jens Jensen, seguimos até *Tatubiba 3ª*, perto da atual "Filial Jensen", em *Itoupava Central*, onde meu pai já havia escolhido o seu lote e que já examinara, uns dois ou três dias antes. Nesse tempo, o Sr. Jens Jensen não tinha ainda a sua casa de negócio, que depois veio a ser um dos mais importantes estabelecimentos comerciais e industriais da região. O lote em que nos instalamos não fora adquirido diretamente da *Direção da Colônia* e sim, do Sr. Gustav Otte, que o vendera por 100 mil réis (ou 100 cruzeiros) e que já tinha uma pequena casa de pau-a-pique, barreada, coberta de palmitos e algumas plantações. Tinha 100 *morgues*, como se dizia, equivalentes a 100 *jeiras* (medida que varia de 19 a 36 hectares, NR). Começamos logo os trabalhos de roça, derrubando mato, plantando verduras e cereais. Acabei por ficar só em casa, com meus pais. Meus irmãos mais velhos, ou se casaram e foram residir em outras partes da Colônia, ou foram trabalhar noutro ramo, com outros patrões. A minha principal distração, naquelas profundezas, era ir até a mata virgem, que se estendia ao fundo do nosso lote, para observar os bandos de centenas de monos, de pêlo russo e de cavanhaque comprido, que faziam grande ruído, pulando de galho em galho. Certo dia, brincando com um rapaz vizinho – os vizinhos eram, então, muito distantes uns dos outros – vimos a uns 50 metros do local onde nos encontrávamos, um bugre baixote e corpulento, que andava pela roça que se estendia pela encosta do morro. Corremos a avisar nossos pais que, incrédulos a princípio, resolveram, afinal, diante da nossa insistência, reunirem-se com outros colonos, em número de umas 10 pessoas, armados de espingarda para dar uma busca pelo mato. Não encontraram mais do que muitas pegadas de índios, tendo, entretanto, chegado ao local em que os mesmos estiveram acampados, pois viram ainda restos do fogo que haviam feito. Desde então não me aproximei mais do mato virgem, embora nunca mais se tivesse falado em outros aparecimentos de bugres por ali.

Morando praticamente em pleno mato, distante de vizinhos e povoados, sem companheiros com quem pudesse brincar, fiquei gostando muito da minha nova pátria, assim como também mamãe que, apesar dos duros trabalhos a que se via submetida, as restrições que era obrigada a sofrer, no vestuário, na alimentação, nas distrações, não se cansava de bendizer a Providência por tê-la encaminhada para uma terra tão dadivosa. A vida era árdua. Quando precisávamos de sal, açúcar ou outro gênero de primeira necessidade tínhamos que ir, a pé, a Blumenau, porque ainda não possuíamos animal de montaria e não havia vendas pelas redondezas. Somente um ano depois é que conseguimos comprar uma vaca. Nos primeiros meses, vivemos com 50$000 (50 cruzeiros) que recebêramos da *Direção da Colônia* e mais algum dinheiro que trouxéramos da Alemanha, resultado da venda dos nossos móveis. Também no Desterro haviam nos dado algum xarque e peixe-seco, açúcar muito preto – alimentos a que não estávamos habituados e que, a princípio, comemos com alguma desconfiança. Havíamos trazido ferramentas, que nos foram entregues no porto de Antuérpia, bem como panelas e pratos de folha. Em Blumenau, compramos farinha de mandioca e mandamos moer milho para fubá.

Durante mais de um ano, vivemos, exclusivamente, de pirão, carne de porco, uma galinha de quando em quando e, naturalmente, aipim, que era o alimento básico. Ovos, tínhamos em abundância, pois não havia a quem vendê-los.

Comíamo-los em vez do pão. Às vezes, alguns colonos já mais antigos nas proximidades mandavam-nos *buttermilch*, que era o leite desnatado, pois, como disse, não tínhamos ainda podido comprar uma vaca. Com o tempo, plantamos arroz, de sementes que nos foram fornecidas pela *Direção da Colônia*.

Certa feita, um colono tinha de sobra, uns 30 quilos de feijão. Pensou em fazer, com eles, um pouco de dinheiro. Foi a cavalo a Blumenau. Alí ofereceu a mercadoria, de casa em casa, sem encontrar quem a quisesse comprar. No regresso, desgostoso com o fato, quando atravessava a ponte do *Garcia*, jogou tudo no ribeirão. Contou o episódio aos seus vizinhos que dele se riram a valer.

Minha mãe, infelizmente, faleceu no ano seguinte ao da nossa chegada. Contava aproximadamente com 50 anos. Tinha ido, comigo, à cidade fazer compras; voltou carregada de gêneros, inclusive de batatas para semente. Eu levava parte da carga, mas, ao atravessar um mato mais espesso, enchí-me de medo, de sorte que minha mãe ainda tomou sobre si os volumes que eu trazia. É possível que o esforço tivesse sido demasiado, pois, ao chegar a casa, sentia grandes dores e não conseguia dormir. Após duas semanas de sofrimento, transportaram-na para Blumenau, em cujo hospital faleceu um mês depois. A *Direção da Colônia* encarregou-se das despesas do enterro. Atravessei, então, uma época tristíssima. Fiquei só, com meu pai e, diante deste, disfarçava o meu grande pesar. Mas, mal ele se afastava, eu me punha a chorar amargamente. Contava, então, com 10 anos de idade. A vida, sem mamãe, tornara-se insuportável, vazia e só senti algum alívio quando um dos meus irmãos mais velhos, casando-se, foi morar conosco. Tínhamos, ao menos, uma dona de casa que olhasse pelo nosso bem estar. Quando completei 11 anos comecei a insistir com meu pai e meu irmão mais velho para que me levassem para Blumenau, onde pretendia frequentar uma escola, pois, próximo ao nosso lote, só muitos anos depois foi aberta a primeira escola. Afinal, depois de muita insistência, meu pai concordou. E lá fui eu, a pé, como de costume, para a sede da Colônia, onde me hospedei em casa do meu tio Albert Gaulke, que tinha o seu lote na atual Rua *São Paulo*, quase em frente da fábrica de chapéus *Nelsa*, uns 50 metros para cima. Passei, então, a frequentar a escola de *Itoupava*, próxima à residência do Sr. Walter Berner. Pagava a hospedagem a meu tio, ajudando-o à tarde, nos trabalhos da roça.

Por este tempo festejou-se o 25º. aniversário da fundação de Blumenau e lembro-me que, já então, se discutia sobre a verdadeira data dessa fundação que uns queriam fosse a da chegada dos primeiros imigrantes, em 2 de setembro de 1850, e outros a de 28 de agosto de 1852, da distribuição dos primeiros 11 lotes de terras. Não vi Dr. Blumenau entre as pessoas que compareceram às festas.

Meu irmão mais velho convidou-me, depois, a ir morar com ele na *Vorstadt*, alegando que assim eu poderia frequentar a escola pública, que estava situada onde hoje é o *Hospital Santa Catarina*. Gostei da nova situação, pois melhorei bem de vida. Mas isso durou pouco.

Certo dia, o irmão que morava com meu pai veio a cavalo a Blumenau e convidou-me, insistentemente, que eu fosse com ele, pois, uma vizinha faria anos no domingo e os festejos seriam grandes. Prometeu-me que me traria de volta a Blumenau na segunda feira. Um pouco contrariado, acedi ao convite.

A festa de aniversário foi, de fato, de arromba, mas, nessa mesma noite, minha cunhada deu à luz uma criança e meu irmão se viu impossibilitado de levar-me a Blumenau, como prometera. Começaram, então, tanto meu irmão como meu pai, a insistir que eu permanecesse com eles. Não gostei nada da proposta, mas como meu pai me assegurasse que iria, em breve, ter também uma escola em *Tatutiba*, acabei cedendo. A escola só veio vários anos depois e eu, ao todo, não havia frequentado mais de 8 meses as duas escolas de Blumenau. Minha vida, pois, voltou a ser trabalhar na roça, ordenhar e tratar as vacas e, ainda por cima, cuidar dos sobrinhos pequenos. Quando chegou a época de ser confirmado voltei para casa de meu tio Gaulke, em Blumenau, para frequentar a doutrina. Isso foi pela época da grande enchente de 1880. Confirmado, voltei à Colônia, mas por pouco tempo. Preferi enpregar-me, como mensalista, *Monatslöhner*, como se dizia, em alguma casa da Vila. Meu irmão me informou que o sábio *Fritz* Müller precisava de um.

Não perdi tempo em ir lá, embora muita gente me tivesse avisado de que, na casa de *Fritz* Müller não aguentava empregado nem empregada, porque ali eram econômicos demais, no tocante à alimentação. Aliás, foi exatamente por esse motivo que os meus primeiros tempos, como empregado da família do sábio, não foram lá muito agradáveis, embora eu já estivesse acostumado ao trabalho árduo, penoso, grosseiro mesmo. A escassez dos alimentos que eu recebia era compensada com as bananas que eu escondia, nas imediações da casa, para devorá-las quando me via longe das vistas dos meus patrões. Meu ordenado era de 8 mil réis (8 cruzeiros) por mês. Fiquei alegre quando recebi o primeiro salário. Era o primeiro dinheiro que eu ganhava, a custo do trabalho das minhas mãos. Comprei fazenda para uma calça e uma camisa e mandei costurá-las, tendo tudo me custado 6 mil réis. Fiquei com 2 de resto, que eu virava e revirava na palma da mão, admirando-os.

Com o passar dos dias e apesar dos pesares, fui gostando do emprego. Especialmente porque Dr. *Fritz* Müller tinha, em sua casa, seus dois netos, Hans e *Fritz*, filhos de uma das suas filhas, que era separada do marido porque este se dera à bebida. *Fritz* tinha 2 anos e meio e Hanz Lorenz 4 anos de idade. Afeiçoaram-se a mim de tal forma que não faziam questão de que a mãe e os avós fossem passear, aos domingos, e os deixassem comigo em casa. E quando, nesses dias de descanso, eu resolvia dar o meu passeio, tinha que me afastar-me às escondidas, para que os rapazes não me vissem, senão a choradeira seria certa. *Fritz* Lorenz era um rapazinho muito bom e afetuoso. Lembro-me que, certa vez, Hans Lorenz insistiu com a avó, a Sra. *Fritz* Müller, para que esta lhe desse uma bengala, que o pai ali deixara. Mas a Sra. Müller negou-se, dizendo-lhe que só lhe daria a bengala, quando ele, Hans, fosse homem, e um homem direito. Certa feita, um irmão de *Fritz* Müller, Wilhelm, que também era um sábio naturalista, veio da Alemanha visitar o irmão e aqui permaneceu por algumas semanas. Ele dava-me muitas gorjetas, por pequenos serviços que eu lhe prestava, o que me fez simpatizar mais ainda com a sua pessoa. *Fritz* Müller era homem muito comedido e eu nunca lhe ouvi levantar demais a voz para ninguém; não me lembro de tê-lo visto metido em discussões. Não ligava para os afazeres domésticos, vivendo apenas para os seus estudos, para as suas plantas. Destas, ele rodeava a casa, havendo-as de centenas de variedades. Andava quase sempre descalço e em mangas de camisa. Em virtude da minha condição de empregado do sábio, entrei várias vezes em contato com Dr. Blumenau, a quem ou levava livros e plantas da parte de *Fritz*, trazendo a este, outros objetos em troca. Pelo menos naquele tempo, Dr. Blumenau era

bem mais magro do que se pode imaginar, observando-lhe a estátua que foi levantada na praça do seu nome. Por aquele tempo a Sra. do Dr. Blumenau já havia regressado à Alemanha. O fundador da Colônia era de temperamento áspero, severo e quase sempre estava de mau humor, gritando com todos. Os colonos, apesar de respeitá-lo e de estimá-lo mesmo, não queriam muito contato com ele, procurando sempre que possível entender-se a respeito do seu negócio com Hermann Wendeburg, que era o guarda-livros e pessoa muito boa e delicada. Certo dia vieram três colonos contando que tinham visto nas suas colônias alguns bugres e que ele mandasse o Sr. Deeke, chefe da guarda de batedores de mato, para perseguí-los. Eu estava presente nessa ocasião e lembro-me bem quando Dr. Blumenau, com aspereza na voz, disse aos colonos: "Besser aufpassen, besser aufpassen, aber nicht schiessen". ("Prestar maior atenção, mas não atirar"). E sem mais conversa, virou-lhes as costas e foi para dentro. Interveio, então, o Sr Wendeburg e, animando os colonos, disse-lhes que poderiam ir para casa; ele conversaria com o Sr. Deeke para dar uma batida nos arredores no lugar do aparecimento dos bugres. Tive mais de um encontro com Dr. Blumenau e nunca o vi sorridente; sempre de feições carregadas me perguntava: "Então, rapaz, que é que queres de novo?" Dado recado, respondia-me no mesmo tom seco: "Es ist schon gut" ("Já está bom"), sem mais conversa. No tempo em que eu frequentava a escola, como já contei, deu-se a inauguração da Igreja Protestante, solenidade a que assistí. Estava bem perto do Dr. Blumenau, dos Srs. Wendeburg e Krohberger e me lembro ainda de partes do discurso pronunciado pelo Dr. Blumenau, antes de entregar as chaves do templo ao Pastor Hesse. Elogiou os esforços do Sr. Wendeburg na administração das obras, a dedicação de Krohberger na fiscalização dos trabalhos de construção, fazendo especial referência às belas janelas de cimento. Fiquei apenas 1 ano e 4 meses a serviço de *Fritz* Müller. Quando puz os meus patrões ao corrente da resolução que eu havia tomado, de deixar o emprego, fizeram tudo para reter-me, chegando até mesmo a ameaçar-me com a intervenção da polícia.

Conheci bem os homens daquele tempo. Friedenreich era Médico, mas o povo dizia que ele só tinha estudado veterinária. Morava na casa em que, mais tarde, residiu Elesbão Pinto da Luz e depois o Sr. August Zittlow. Emil Odebrecht e Theodor Kleine eram os engenheiros da Colônia. Odebrecht andava, quase sempre, longe de casa, a serviço no interior da Colônia, e o povo já comentava que ele só vinha em casa, de ano em ano, preparar um novo filho e só voltava quando o filho já estivesse nascido. Também me dei muito bem com o Pastor Hesse. Com 10 anos, já frequentava eu a pequena igreja, instalada numa casa de madeira. Conheci as suas duas filhas. O filho já tinha ido para o Rio de Janeiro onde, segundo soube mais tarde, lá faleceu. As filhas eram casadas com os Srs. Hartenthal e Riedel, este dentista, que morou tempos depois na casa que fora do Dr. Blumenau. Por sinal, quando eu andava pelos meus 19 anos e era empregado do Sr. von Ockel, fundador da casa comercial que é, hoje, a *Companhia Lorenz*, de *Timbó*, este também morava naquela casa. Assim eu também tive a honra de morar sob o teto que, por muitos anos, abrigou a família do fundador da Colônia. O Sr. Kleine, pai de Theodor e avô do Sr. Rudi Kleine, ainda vivo, também era funcionário da Direção da Colônia. Há pouco tempo, uma filha de Theodor Kleine, que eu conheci muito bem no tempo de moça, morreu em *Itoupava Norte*, com 91 anos de idade. O Sr. Hosang era proprietário de uma cervejaria, onde dois dos meus irmãos também trabalharam. Karl Rischbieter, mais tarde, também fundou uma cervejaria, onde hoje mora o Sr. Walter Berner. Wilhelm Rischbieter tinha uma fábrica de vinagre, vinho de laranjas e salão de baile, com bar.

Assistí ao lançamento da pedra fundamental do Colégio *São Paulo* e lembro-me ainda de muita coisa do discurso que então proferiu, em alemão, o vigário Padre Jacobs. Entre outras coisas ele afirmava, em tom profético, que para frequentar aquele Colégio viriam rapazes de todos os quadrantes do Estado, naturalmente não durante a sua vida, mas na dos seus sucessores. Padre Jacobs também era um tipo muito enérgico e sempre de cara fechada. Lembro-me que na povoação existiam as casas comerciais de *Meyer & Spierling*, Franz Faust, Heinrich Koehler, Heinrich Probst, Schrader e outras.

Entre os meus 15 e 18 anos, trabalhei nas casas de Persuhn, do Pastor Stutzer e depois na de *Fritz* von Ockel, onde lavei muita manteiga. Fui eu, aliás, que lavei a primeira manteiga, em máquina manual, a qual era exportada para o Rio de Janeiro em latas de meio quilo. Uma das casas ficava em *Itoupava Seca* e a outra em *Timbó*. Nesta última cidade, von Ockel mandou construir uma casa de moradia, que ainda existe. Mais tarde, fui aprender a fazer charutos na fábrica do Sr. Hermann Weise, que ficava na *Velha*, no entrocamento da Rua *Paraíba* com a *7 de Setembro* e *São José*. Antes, eu fora carroceiro do Barão von Koppe. Uma vez, fui com este Sr. a cavalo para Desterro. Saímos de Blumenau ao meio dia e chegamos a Brusque de noite, hospedando-nos no Hotel *Zum deutschen Kaiser*. Na manhã seguinte, arranjamos um rapaz para nos servir de guia até Tijucas, pois até lá só existia uma picada. À noite chegamos a Tijucas. Seguimos sozinhos, no dia seguinte, acompanhando a linha telegráfica, pois não havia propriamente estrada. Viajamos sempre a cavalo porque o Barão von Koppe não suportava viajar por mar. Às 11 horas, mais ou menos, avistamos a Ilha de Santa Catarina. Seguimos, subindo os morros a pé, até que às 5 da tarde alcançamos a praia. Deixamos os cavalos aos cuidados de uma viúva e atravessamos o estreito de bote. Ficamos três dias em Desterro, hospedados no Hotel *Freyesleben*, que ficava próximo ao jardim, onde se ergue o monumento aos heróis do Paraguai. O Sr. von Koppe fora a Desterro retirar 5 *contos* de réis do Consulado Alemão, que sua mãe lhe tinha enviado. No regresso, em Tijucas, o Barão sentara-se numa esteira e começara a contar o dinheiro na presença de muitas pessoas. Assustei-me com esse fato e chamei a atenção do patrão que, temeroso de algum assalto, dormiu de revólver na mão. Ao chegarmos a Brusque, um dos cavalos, na balsa, não pode mais resistir e caiu de cansado. Fiquei, então, três dias no Hotel até que o cavalo estivesse em condições de prosseguir viagem. Proclamada a República, também me fiz eleitor. Por ocasião da grande revolução, os insurretos do Rio Grande passaram por Blumenau, tendo, para isso, obtido licença. Comprei dos mesmos dois burros arreiados, por 20 mil réis cada um.

Os meus parentes adquiriram outros. Os revolucionários eram gente boa e decente. Pagavam tudo que compravam. Duraram semanas a passagem das tropas pela cidade. As últimas foram de "castelhanos" do Rio Grande, que não tinham espingarda, mas vinham equipados de lanças. Não estavam fardados, mas cobertos de roupas que eram mais trapos que outra coisa. Uns 14 dias depois, quando chegou a notícia de que os rebeldes iriam passar novamente por Blumenau em retirada foram convocados para ajudar a deter os rebeldes, caso ultrapassassem Blumenau.



Blumenau, 1.5.1888

Sociedade Popular

Volksverein

ACERVO / *SAMMLUNG* A. H. BLUMENAU



Schützengesellschaft.

Stadtplatz Blumenau.

Programm

über das am 14. und 15. Mai d. J. stattfindende

Königs- und Vogelschießen.

Am 2. Pfingstfeiertage, den 14. Mai:

[illegible]

Theater.

Die Frau Kaffeesiederin.

Lustspiel in 1 Aufzuge von C. Cammerhofer.

Personen:

[illegible]

Das erste Weihnachtsgeschenk.

Lustspiel in 1 Aufzuge von C. Cammerhofer.

Personen:

[illegible]

Anfang 7 Uhr.

Eintritt unter den bekannten Bedingungen.

Am 3. Feiertage, den 15. Mai:

[illegible]

Schützenball.

Während der Schießtage Concert=Musik.

Sociedade dos Atiradores.
Praça central de Blumenau.
Programa do Campeonato de *Tiro do Rei* e ao *Pássaro*, a ser realizado nos dias
14 e 15 de Maio deste ano.
Teatro: "A Sra. passadeira de Café" e "O Primeiro presente de Natal".
Baile dos *Atiradores*.
Música de Concerto
durante os dias do evento.

Grupos foram designados para diversos lugares. Fui com alguns companheiros para Garibaldi, além da Serra, pela *Pommerstraße*. Chovia e chegamos completamente encharcados. Fizemos acampamento na serra, distribuídos em duas divisões, que vigiariam a picada, por onde se supunha os rebeldes pretendessem atravessar, em direção ao norte. Ficamos ali acampados 8 dias. Houve grande falta de mantimentos, de sal, principalmente. Éramos comandados pelos Srs. Hermann Baumgarten, Hermann Rüdiger e outros. Certo dia chegou a notícia de que marinheiros de um navio de guerra, o *Angra dos Reis*, que, graças à cheia do Itajaí havia subido o rio, tinham desembarcado em Blumenau. Imediatamente procuramos regressar a essa Cidade, deixando no acampamento, muitos de nós, os seus equipamentos. Isso foi dois dias antes do Ano Novo. Em *Passo Manso*, vieram ao nosso encontro, dois marinheiros montados. Era gente indisciplinada; onde quer que encontrassem animais, montavam-nos sem piedade, comportando-se como loucos. Maltrataram tanto os cavalos que alguns destes, pouco depois, morreram. Quando o rio começou a baixar, deixaram a cidade, descendo para Itajaí.

Por essa época eu fabricava charutos na casa do meu tio, Albert Gaulke, quando começou a ferver a política em Blumenau, entre os dois partidos, *Republicano* e *Maragato*. Dr. Bonifácio, Hercilio Luz e Paula Ramos eram contra o Sr. Elesbão Pinto da Luz, que era Delegado de Polícia nesta Cidade. Correu o boato de que os republicanos tinham atirado contra Elesbão. Prenderam os Drs. Hercilio, Bonifácio e Paula Ramos e os levaram para Desterro, a fim de serem processados. Aproximadamente um mês depois, eles voltaram no vapor *Progresso*. Nesse dia houve festividades numa recepção com foguetório e à noite, bailes em 4 salões: no *Baumgarten*, *Schreep*, *Holetz* e *Atiradores*. Depois da meia noite, quando a festa ia animada, surgiram brigas provocadas pelos adversários. Houve feridos, no Salão *Schreep*, entre os populares e os policiais que, da rua, atiravam para dentro do salão. Mais tarde, Elesbão abandonou Blumenau e correu o boato de que ele regressaria à frente de um destacamento de policiais para arrazar Blumenau. Então, os chefes republicanos convocaram os cidadãos blumenauenses para formarem uma guarda de defesa, tendo eu também feito parte dela. Noite por noite, durante 8 dias, montamos guarda em diversos setores: na *Vorstadt*, no *Garcia*, na *Schützenhaus*, no rio, etc. Certa tarde, ouviu-se forte tiroteio na *Vorstadt* (onde hoje é o viaduto da estrada de ferro, que atravessa sobre a Rua *Itajaí*). O Sr. Rischbieter veio de carroça e convocou quantos pode encontrar para a defesa. Eu também estava nesta. Mas, ao chegarmos ao local da barricada, não havia mais nada. Elesbão e sua gente já se tinha retirado. Deixaram dois mortos e alguns feridos. Do nosso lado não houve baixas, nem por morte, nem por simples ferimento, pois, ocultos como nos achávamos, os adversários não nos podiam enxergar bem. Os feridos foram tratados na casa do Dr. *Fritz* Müller. Este, Schwartz e outros *Maragatos*, porém, estavam detidos na Câmara Municipal. Correu, mais tarde, o boato de que Elesbão havia se retirado para a sua residência, em *Belchior*, onde estaria reorganizando a sua gente, entre a qual, dizia-se, havia soldados uniformizados, para voltar a atacar Blumenau. Formamos, então, novo grupo bem armado, no qual se alistaram alguns membros da *Sociedade dos Atiradores* e marchamos para *Belchior*. Ia à frente o Sr. Riedel, que era partidário de Elesbão (era dentista e genro do Pastor Hesse) e que anteriormente fora preso. Levava-se-o na esperança de que ele conseguisse a rendição dos *Maragatos*, sem luta. Ao chegar ao local, entretanto, nada foi encontrado de anormal, visto como Elesbão e a sua gente já haviam se retirado. Eu e meu primo Robert Gaulke voltamos ao nosso trabalho na fabricação de charutos. Continuei por mais 7 anos a trabalhar na fábrica do meu tio, Albert Gaulke. Consegui comprar um terreno na Rua *São Paulo*, de aproximadamente 30 metros de frente e algumas centenas de fundos, pelo preço de 500 mil réis (Cr$ 500,00). Construí uma casa de tijolos, que ainda hoje (1960) existe, ao lado das oficinas da *Auto Viação Catarinense*, na *Itoupava Seca*, e casei-me, então, com Emma Bernhardt, filha de Wilhelm Bernhardt, pedreiro, que residia no *Garcia*. Contava eu, então, com 28 anos de idade. Quando foi decretada a selagem dos charutos, os fabricantes se reuniram e protestaram. Nada conseguiram, porém. Ninguém se negava a pagar os selos, mas se insurgia contra a exigência absurda de selar os charutos, um por um.

Todos os fabricantes de charutos fecharam então suas fábricas, inclusive a de Salinger, que começou a comprar tabaco, exclusivamente para exportação. Mudei-me, então, para *Itoupava Central*, próximo à Companhia *Jensen*, onde havia adquirido um lote colonial por 3 *contos* de réis. Por esse mesmo preço, entretanto, vendi-o cinco anos mais tarde. Nestes cinco anos de trabalho na roça, prosperei bem. Mas, tanto eu como minha esposa tivemos que trabalhar arduamente. Possuíamos muitas vacas, porcos e galinhas. Vendi muitos leitões, em Blumenau, a 8 cruzeiros cada um. Além dos trabalhos da roça, eu ainda trabalhava, durante seis meses cada ano, na Companhia *Salinger*, selecionando folhas de tabaco para serem enfardadas e exportadas. E, durante esses meses, minha mulher ficava sozinha na colônia, com nossos dois filhos, Walter e Willy, auxiliada apenas por uma empregadinha de 12 anos. Nos sábados, eu deixava a Companhia *Salinger* às 5 horas da tarde e, a pé, ia para casa, aonde chegava altas horas da noite. E, aos domingos, durante o dia todo, cuidava dos serviços mais pesados, como cortar lenha, buscar trato para as vacas, etc., a fim de que minha mulher não precisasse fazê-los durante a semana. E para aproveitar bem o tempo, não fazia nem mesmo minha sesta costumeira, depois do almoço. Nos domingos à noite, ou pelas 3 horas da madrugada de segunda feira, punha-me a caminho, para o serviço da fábrica, onde deveria estar às 6 da manhã. Foi uma época duríssima, que por preço algum eu reviveria.

Em 1907, ou 8, mudamo-nos para a *Velha*, onde eu tinha também um pequeno lote. Continuei trabalhando, por vários anos, na *Companhia Salinger*, durante os quais construí algumas casas, cujo aluguel auxiliava-me nas despesas domésticas. Passando, às vezes, entre Blumenau e *Altona* (*Itoupava Seca*), noto, com tristeza e com saudade, que nenhum dos meus amigos e conhecidos daqueles tempos é ainda deste mundo. Todos já partiram para a eternidade. E agradeço o céu que apesar de me ter dado uma vida de trabalho penoso, me conserva ainda com vida e saúde aos 94 anos de idade, completos a 23 de março último. Minha esposa morreu no ano passado, com 87 anos. E quando, agora, vou até o cemitério levar-lhe, ao túmulo, algumas flores e a minha saudade, passo os olhos por todas as sepulturas que rodeiam a dela, guardando, há muito, sob a folhagem bem cuidada, os restos de velhos parentes amigos e entes que ainda vivem na minha lembrança, consolo-me com a única alegria que ainda me resta, que são os meus netos e bisnetos. Peço a Deus que os oriente para o trabalho e para a virtude, que foram os meus maiores ideais na vida.

1877

August Müller





Irmão do sábio Fritz *Müller, August nasceu em Windischholzhausen (Alemanha) em 24 de novembro de 1825 e faleceu em Blumenau em 3 de maio de 1904. Ambos chegaram a Blumenau em 21 de agosto de 1852, tendo saído, com as esposas, de Hamburg a 20 de maio no veleiro* Florentin. *Estava casado com Friederike Hoffmann e tiveram 9 filhos: Johannes, Gustav, Luise, Hermann,* Fritz, *Agnes, Wilhelm, Auguste e Rosa. Adquiriram os lotes 1 (de* Fritz*; 49,5 hect; 3 pessoas; 100$000) e 2 (de August; 48,5 hect.; 2 pessoas; mesmo preço).*

August era jardineiro formado no Jardim Botânico *de Berlin; também professor primário (lecionou por 25 anos em* Salto Weissbach*). Como naturalista, ajudou a* Fritz *nas colheitas pelas matas adentro de espécimes para catalogar.*

August foi vice-presidente do Conselho Municipal no governo do Dr. José Bonifácio da Cunha (1892). Orientava os colonos em todos os assuntos que lhe diziam respeito. Fundou, para tal fim, a Sociedade de Estudos Jurídicos e Assistência Social / Verein für Gesetzeskunde und Rechtsschutz*, para a qual verteu ao alemão a* Constituição das Leis Civis *(de A. Teixeira de Freitas) e a* Constituição do Império*, reeditando-a em forma de livro na Tipografia de* Hermann Baumgarten.

Ambos, August e Fritz*, faziam parte ativamente do* Kulturverein / Sociedade Cultural *ao lado de Friedenreich, Odebrecht e tantos outros pioneiros.*

Trecho de um diário de August foi encontrado, num período que vai do ano de 1877 até 1897, ano da morte de Fritz Müller. *Tradução de Frederico Kilian, neto, por afinidade, de August Müller.*



25 de julho de 1877. Fortes trovoadas, a noite inteira, relâmpagos, trovões e chuvas torrenciais até a noitinha do dia 26.

29 e 30 de julho. Continuam as fortes chuvas com trovoadas, indo até o dia 2 de agosto, inclusive. Enchente. O engenheiro Corcoroca, genro do Sr. Wendeburg, morreu afogado na noite de 31 de julho, quando pretendia, vindo de cima, passar a cavalo pelas águas nas proximidades do Hermann Rüdiger.

8 de agosto. Novas trovoadas e chuvas, de forma que a ponte do *Garcia* estava novamente debaixo d'água. (NT: trata-se da ponte antiga, de madeira, que ficava em nível inferior à atual).

28 de agosto. Jubileu de Prata (25 anos) da Colônia de Blumenau. De manhã: toque de alvorada por uma bandinha; congratulações do Juiz de Paz e Sub-Delegado; uma delegação do *Kulturverein* entrega um memorial, no qual é ressaltado o desenvolvimento da Colônia e um álbum, com fotografias (vista total do centro colonial – *Stadtplatz*, edifícios públicos e casa do Dr. Blumenau). À tarde: desfile das sociedades pelo centro da cidade. Fotografias. Canções. Banquete. À noite, bailes e Teatro. Irmão *Fritz* voltou de Dona Francisca e estava aborrecido por causa do tempo chuvoso.

8 de setembro. Alguns colonos se negaram a pagar os emolumentos para o registro das crianças – Prisão e Processo, mais de 100 mil réis de despezas.

10 de setembro. Cerca de 40 *Pomeranos* do *Rio do Testo* chegaram devido este assunto; foram apaziguados por L. Sachtleben. No dia seguinte, cerca de 60 colonos do Alto *Rio do Testo* vieram por causa de questões de caminho – 6 dias de trabalho por ano a realizar no caminho – novamente acalmados.

23 de setembro. Inauguração da Igreja Evangélica. Tempo horrível; rio bem alto.

26 de setembro. No rio *Morto*, um brasileiro, Marcelino, de 22 anos, assassinou sua mulher de 20 anos, por ciúmes, com um tiro atrás da orelha. Foi preso pela polícia.

14 de dezembro. Bugres assaltaram a casa de Zotz, em *Encano*.

31 de dezembro. Apresentação da peça *Preciosa* no Teatro (esposa e filha Luisa de Aug. Müller foram a cavalo de *Salto Weissbach* onde moravam, à sede, para assistirem a apresentação).

24 de fevereiro de 1878. Os bugres assaltaram o distrito dos italianos e mataram um homem, uma mulher e uma moça.

14 de junho. O Presidente da Província visita a Colônia – fala alemão. Apresentação da peça *Preciosa* no Teatro.

12 de outubro. Vento terral muito forte. Em alguns locais muita geada. No mês anterior já nevara no *Salto Pilão*.

17 de outubro. Fui buscar uma máquina de cortar rações no *Garcia*. O preço de fábrica da máquina importou em 62$400. Frete e despezas, 69$400. Total: 131$800.

3 de novembro. Assembléia dos acionistas da *Companhia de Navegação à Vapor*. Roloff encarrega-se de fornecer, por 20 *contos* de réis, um vapor de estrutura de ferro até Itajaí e pô-lo em movimento.

23 de março de 1879. Um terreno na sede, em frente à farmácia, foi arrematado, em hasta pública, pelo Sr. Grewsmühl, pelo preço de Rs. 1.650$000.

28 de setembro. Um tigre atacou um italiano em seu rancho; a caminho para *Garcia* o colono morreu.

13 de novembro. Numa picada nova, na *Itoupava*, um tigre atacou um inglês que dormia em sua casa de palmitos, através da parede de palmitos e procurando arrancá-lo para fora; o colono morreu no dia seguinte em consequência dos ferimentos recebidos. Depois o tigre matou um cavalo e carregou-o por 50 *braças* até uma cerca onde o largou. Ferido por um tiro de arma de disparo automático, o tigre foi perseguido por caçadores e cães, sendo morto. Sem a cauda ele mediu 13,5 *palmos* (3 metros).

13 de dezembro. Um filho do Sr. Schroeder entra em briga com um italiano e o apunhala.

23 de janeiro de 1880. Um tigre mata e leva um porco do colono Withoeft. Reinhold Kaestner e Heinz Withoeft vão ao seu encalço no mato, com cães. O tigre mata ambos os cães; o porco foi encontrado no *Morro dos Coqueiros* e armaram uma espingarda de disparo automático. Dia seguinte, Wilh. Weise, A. Padratz e Robert Hinsching foram averiguar. Robert Hinsching sofre a perda de seu cachorro e a espingarda falha novamente.

Cristian Spernau arma então 4 espingardas. O tigre não apareceu mais.

27, 28 e 29 de janeiro. Fortes trovoadas com chuvas. A lagoa está cheia. A Colônia está prestes a ser emancipada.

Meados de fevereiro. O tigre busca porcos e galinhas de vários lugares em *Baixo Encano*; também no Paupitz cerca de 20 galinhas de cima de algumas árvores de laranjas.

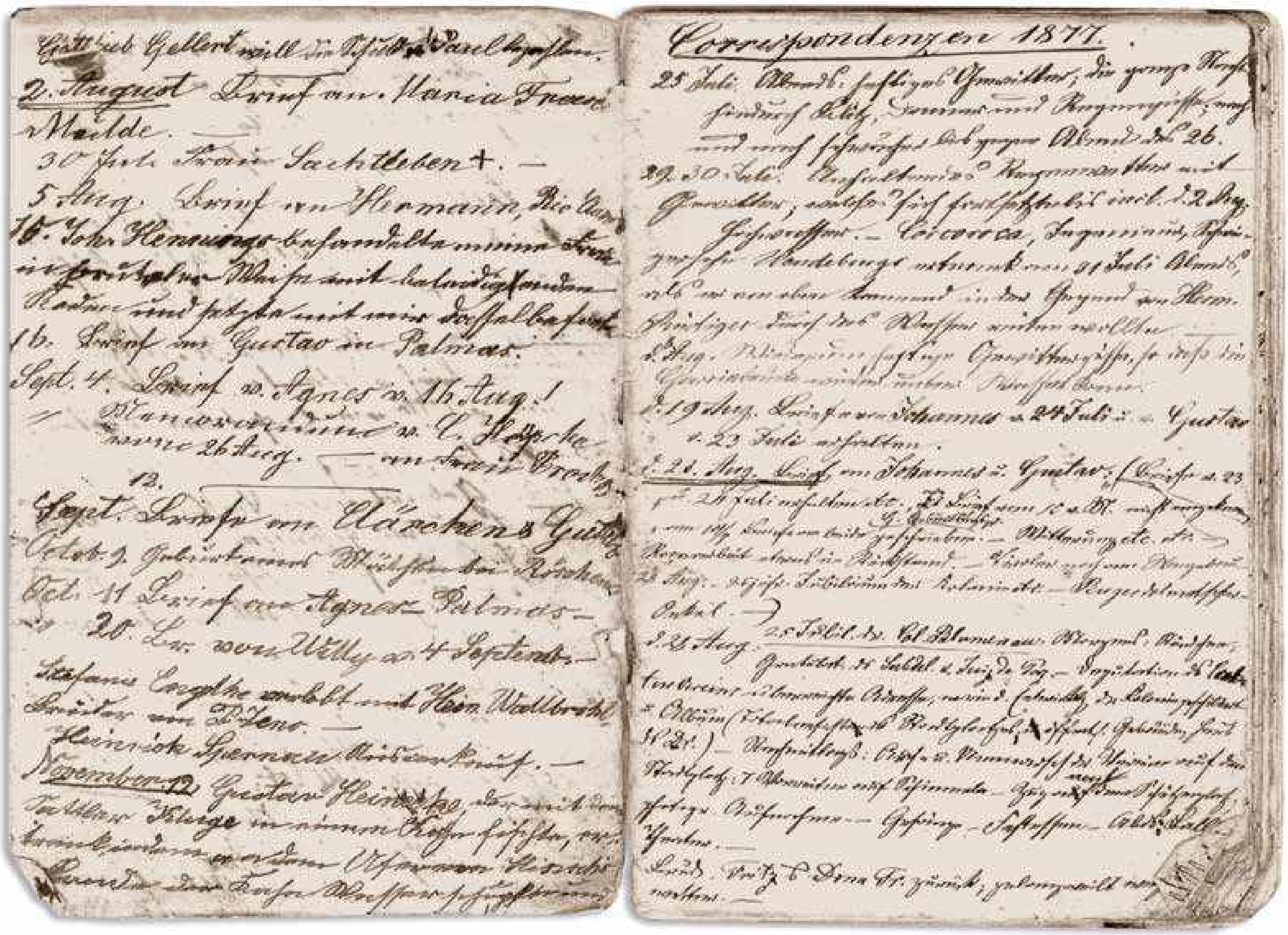
São armadas espingardas e armadilhas. O tigre é ferido por um tiro automático e perde muito sangue, mas não foi encontrado. Roubos de galinhas no R. Roedel e M. Merk. Relatório sobre a enchente. (Ocorrências em *Salto Weissbach* e Blumenau). Depois de ter chovido constantemente nos dias 20 e 21 de setembro, a chuva intensificou-se nos dia 22 de setembro, de forma que foi necessário abrir uma comporta do dique da represa do moinho (NT: no lote de August Müller, em *Salto Weissbach*). À tarde choveu mais forte. Pelas 9 ½ horas da noite abrir a segunda comporta. Às 11 ½ horas, o Sr. Weise pediu socorro, para ajudar a levantar o seu açúcar, visto que a água já penetrava na varanda. Quando fui ao moinho, a água já transbordava pelo dique e já havia atingido os caixões de farinha dentro do moinho. Colocamos os barris de fubá e o milho em posição mais alta e recolhemos as ferramentas. Chovia a cântaros e as águas subiam tão depressa que fomos obrigados a retirar as galinhas e porcos dos estábulos e galinheiro. Pelas 3 horas a água baixou um pouco, já que o vão debaixo da ponte dava vazão; mas pela manhã subiu novamente.

23 de setembro. As águas atingiram a estrebaria das vacas e as colméias das abelhas, debaixo das laranjeiras ficaram na água. Nós buscamos as mesmas, transportando-as numa porta velha, na qual havíamos amarrado um cipó. Depois do lanche fomos buscar cana ubá no terreno da escola, tendo que passar pela água até acima dos joelhos, estando estas já no portão do nosso jardim. Johannes (NT: filho de August Müller) está ajudando Lange a elevar o sal, pois as águas já atingiram a soleira da porta. Quase que ininterruptos aguaceiros. Pelo meio dia as águas pararam de subir e baixam lentamente; novos aguaceiros e as águas retornam a subir.

24 de setembro. As águas baixam lentamente, porém, continua a chover quase sem parar. À tarde levamos o gado outra vez ao pasto.

As águas baixam muito devagar. Aos poucos chegam notícias sobre o nível das águas e os estragos na sede (*Stadtplatz*).

25 de setembro. H. Lange e Albert Stutzer enfrentam os obstáculos para chegarem à sede. A totalidade da sede está debaixo d'água, que atinge o balcão (sacada) da *Casa da Direção* (NT: prédio da antiga prefeitura). Os moradores da cidade se refugiaram, com o auxílio do vapor, nas igrejas Católica e Evangélica. As casas de Karl Rüdiger e Ludwig Weise tombaram. As de Grewsmühl e Rabe, como as de Asseburg, ameaçam ruir.



Do peneder o sapateiro Grasser teve várias cabeças de gado, cavalos e porcos que morreram afogados. Todas as casas, com exceção das de Alfred Beims, Hosang e Baucke, também de Graßmann, estão debaixo d'água. A olaria de Bugmann está demolida. Limpeza do moinho.

26 de setembro. Visita a Lange. Notícias do *Rio do Testo*. O moinho de *Fritz* Karsten foi levado pelas águas; os animais do capataz Hoffmann (cerca de 11 a 12 cabeças) morreram afogados; 18 pessoas morreram afogadas, entre elas da família Grützfeld, composta de 6 pessoas, no *Vale do Selke*, soterrados dentro de casa, por desabamento de terra. Seeliger teve que se refugiar para o morro. A casa de Waldow foi levantada e deslocada; a serraria de Roweller foi levada pelas águas, com todas as tábuas; da mesma forma a de Fried. Koegler. Franz Klein perdeu todos os seus animais e mal pode salvar sua vida. Johannes, Johann e Karl Krieck quiseram ir até a sede, mas conseguiram somente chegar até Hermann Rüdiger, cuja casa está repleta de refugiados. Estes, H. Rüdiger conseguiu salvar com o auxílio de uma balsa de tábuas feita às pressas.

27 de setembro. Limpeza do moinho e instalações. Reabertura das aulas com 6 alunos. (NT: August Müller exerceu o cargo de professor, em *Salto Weissbach*, durante mais de 25 anos). Johann e Gustav (NT: filhos de August M.) ajudam a reparar o caminho para o *Salto*, da mesma forma os colonos dos fundos – Gust. Krieck e Jahn. Essig-Schulze (o vinagreiro) cai da bateira e é levado pelas águas até *Badenfurt*, onde foi salvo. Notícias de cima. As pontes sobre os ribeirões *Warnow, Ilse*, etc. foram todas arrastadas. No morro da *Subida* o caminho desbarrancou até as pedras nuas.

17 de outubro. Johann Hennings e Luize (NT: genro e filha de August M.) festejam seu casamento.

11 de novembro. Hermann (NT: filho de August M.) parte para a Província de São Paulo.

13 de janeiro de 1881. Hermann Wendeburg falece inesperadamente de ataque cardíaco. Solene enterro.

Ano de 1883. Falência de *Meyer & Spierling*. Sessão do Júri na Câmara Municipal. O *Immigrant*. Festa de aniversário da fundação do *Liederkranz*.

Ano de 1894, 24 de março. Minha cunhada (NT: esposa de *Fritz* Müller) falece após 4 meses acamada de um mal intestinal, no dia do seu 68º aniversário.

25 de março (Domingo de Páscoa). Enterro de minha cunhada.

Ano de 1897, 21 de maio. Às 3 horas da tarde falece meu irmão *Fritz*.

22 de maio. Às 4 horas da tarde, enterro; Paul Schwarzer discursou ao túmulo.





H. Steiner, 1938

Engenho na Colonização Alemã

Mühle zur Zeit der deutschen Kolonie

ACERVO / SAMMLUNG A. H. BLUMENAU

Heinz Rolf Steiner (Graz, Áustria, 1910 – Gorizia, Itália, 1974) foi desenhista, gravador, pintor e professor. Veio para o Brasil em 1930 e 7 anos depois matriculou-se no *Liceu de Artes e Ofícios* no Rio de Janeiro, com aulas de desenho por Eurico Alves e de gravura por Carlos Oswald. Em 1942, com Oswald, realizou um filme sobre a técnica da gravura para o *Instituto Nacional do Cinema*. Em 1943, conheceu Iberê Camargo e 7 anos depois expunha seus trabalhos na Áustria. Entre 1956-61 dedicou-se ao estudo da arte indígena ao lado de Darcy Ribeiro e Claudio Villas-Boas.

Heinz R. Steiner (Graz, Österreich, 1910 – Gorizia, Italien, 1974) war Zeichner, Schnitzer, Maler und Lehrer. Er kam 1930 nach Brasilien und nahm 7 Jahre später Zeichenunterricht bei Eurico Alves, sowie Unterricht in Kunstdruck bei Carlos Oswald, beides an der Kunst- und Handwerksschule *in Rio de Janeiro. 1942 drehte er gemeinsam mit Oswald einen Film über Drucktechnik für das* Nationale Filminstitut. *1943 lernte er Iberê Camargo kennen, und 7 Jahre später stellte er seine Arbeiten in Österreich aus. Zwischen 1956 und 1961 widmete er sich gemeinsam mit Darcy Ribeiro und Claudio Villas Boas der Kunst der brasilianischen Indianer.*







Salto Weissbach, c. 1915
Netas de August Müller
Enkelinnen des A. Müller
Acervo / Sammlung B. K. Kadletz

*Quando as tormentas
do destino
estão desenfreadas,
dirija sempre
o seu olhar para o alto.*

Colégio *São Paulo*

1877

Fundado em 1877 pelo Padre Josef Maria Jacobs (Aachen, Alemanha, 1830 – Rio de Janeiro, 1892). Capelão num castelo da França, missionário na América do Norte por 17 anos, foi enviado (como castigo por sua irreverência) pelo Papa Pio IX para servir de "cura d'almas" nas novas colônias alemães do Brasil. Padre Jacobs chegou a Blumenau em 16 de setembro de 1876 e ali permaneceu por 16 anos. Logo ao chegar tratou de abrigar 16 crianças para ensinar as primeiras letras e números numa capela de madeira. Em 16.1.1877 foi ministrada a 1a. aula entre meninos e meninas; no final deste ano já eram 35 alunos.

A partir de 10 de junho de 1877 ele lançava uma circular onde expunha seus propósitos para o lançamento da pedra fundamental deste Colégio. Até então ministrando o ensino primário e catecismo, passava agora a ensinar os cursos de Literatura e Lingua alemã e portuguesa; Geografia; História Universal , Natural e do Brasil; Matemática; Aritmética; Desenho; Canto; Escrituração Mercantil; Costura e Trabalhos Manuais (para meninas). Como ensino extra poderiam ser lecionadas aulas de Piano, Violino, Inglês, Francês, Latim e Grego.

O Colégio São Paulo *servia já como internato e dispunha de várias possibilidades de pagamento, fazendo com que os mais ricos pagassem um preço tal que permitisse o ensino aos mais pobres.*

Apesar das contrariedades encontradas, dificuldades de todas as espécies daquelas sofridas pela nascente Colônia em seus primeiros anos, o Colégio contava em 1879 com 60 alunos.

Ao lado do Padre Jacobs, o alemão Johann B. Pies, radicado em Blumenau, ajudou no empreendimento com a construção de uma nova casa.

Em 1880, o Colégio recebeu um auxílio do Governo Imperial, na ordem de 1:000$000, elevada para 1:200$000 quatro anos depois. O número de alunos em 1884 excedia a 121. Em 15 de dezembro de 1884, Blumenau recebia a visita do Conde d'Eu, marido da Princesa Isabel, que fez a oferta de 300$000 para o Colégio. Nova edificação seria inaugurada em 22 de fevereiro de 1885, para servir ao Pensionato Central para Ensino Elementar e Superior. Ao lado de Padre Jacobs estavam os professores Johann B. Pies, Joseph von Garnfeld, German von Koppy e Friedrich Demmer.

A Colônia Blumenau granjeava do beneplácito do Imperador D. Pedro II e do Visconde de Taunay. O mesmo acontecia com Padre Jacobs e seu Colégio. Em 1887, no décimo aniversário, ele mudava de nome, passando de São Paulo *para* Santo Antônio. *Assim, com o advento da República em 1889, o Colégio passou a ter dificuldades, fazendo com que Padre Jacobs deixasse Blumenau com destino à Alemanha.*

Em 1892, com autorização episcopal, transferiu a paróquia aos padres franciscanos da Província da Imaculada Conceição *e seguiu para o Rio de Janeiro. Lá, seria acometido da Febre Amarela, vindo a falecer em 1º de agosto de 1892, no Hospital da* Gamboa. *Com a saída de Padre Jacobs, assumiu em 1892 as funções de vigário paroquial Frei Lucínio Korte e para a direção do Colégio, Frei Zeno Wallbröhl O.F.M. (Ordem Franciscana Menor). Em 1894, a pensão anual do Colégio Santo Antonio era de 360$000, com 4 refeições por dia. Sucederam na direção do Colégio Frei Gabriel Zimmer em 1910 e Estanislau Schaette em 1912, ambos da O.F.M. A partir de 1921, a direção passou para Frei Ernesto Emmendoerfer O.F.M., que permaneceria neste cargo por 34 anos (1921-41 e 1948-62). Frei Ernesto (1897-1980), natural da vizinha* Gaspar, *marcaria época no Colégio* Santo Antônio.

Funcionando como internato e externato desde 1912, em 1932 o Colégio já ministrava o curso ginasial. A partir dos anos 40 passaram a funcionar os cursos Técnico de Contabilidade, Clássico e Científico. Em 1947 iniciaram-se as aulas do Serviço de Ensino Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac). *Nova construção foi executada entre 1949-50, onde seriam ministradas as aulas.*



Padre Jacobs
1830-1892





Frei Lucínio Korte O.F.M.
1866-1942



Reminiscências de um ex-aluno



Blumenau, c. 1890

Colégio *São Paulo* (depois, *Santo Antonio*).

St. Pauls-*Kollegs (später* St. Antonius-*Kolleg).*

Photo B. Scheidemantel Acervo / Sammlung Marcos Roeck

Em 1885, foi aluno do Colégio Santo Antônio*, na época ainda com seu primeiro nome – Colégio* São Paulo*, o eminente advogado nascido em* Lages*, Dr. Thiago de Castro. Por ocasião do Cinquentenário do Colégio, em 1927, foi-lhe solicitado um texto sobre este período de aluno. Morador, então, na Rua do* Fogo*, em São José, em casa adquirida de meu bisavô Karl Scheimann, Dr. Thiago de Castro expressou seus sentimentos de ex-aluno, em texto transcrito na ortografia da época.*

São reminiscencias que nunca se apagarão, como, em geral, as que a infancia nos prega na retina da memoria. A adolescencia as reteve e guardou para amenidade na velhice, cujos oculos esfumados tonalisam os aspectos, de uma visão terna e suave. D'ellas ficaram-me indeleveis mais de uma figura que acolho no seio da amizade, e outras que fazem o relevo desse quadro antigo, a começar do director. Era o Padre José Maria Jacobs, fundador do *São Paulo*, um personagem perfeitamente varonil. Lembro a sua estatura magestosa, contornada em linhas regulares: alto e corpulento, de rosto oval, cuidadosamente escanhoado, moreno, cabellos pretos e grisalhos.

Tinha a voz forte de barytono e o olhar percuciente e enérgico de dominador. Via-se bem que elle exercia uma poderosa influencia no meio catholico da sua parochia e gosava de um respeitoso acolhimento no mundo Protestante. Intransigente, porem não combativo. É que o moral correspondia inteiramente ao physico. Pregava com imponência e harmonia; dirigia com autoridade e prestigio; impunha-se, á primeira vista, pelo discurso conceituoso e a presença empolgante, illuminada pelo olhar imperioso.





Para
Fumantes!

Tive delle um temor filial e poderia ter-lhe sido o discipulo amado do meu tempo, se não fôra rebelde o meu temperamento, incorrendo por isso em merecido castigo. Ainda assim, distinguiu-me duas vezes: da primeira, fez-me acompanhal-o, de carriola, em visita ao juiz Arruda Camara e ao meu correspondente Gustav Salinger; a outra vez, tomou-me para companheiro n'uma partida de jogo de bola contra Kraemer e outro, e, despindo-se de sua autoridade, offereceu-me camaradamente charuto e cerveja. O charuto era a paixão dominante do Padre Jacobs; elle os fumava uns sobre os outros, enormes e especialmente fabricados na visinhança do Collegio, adquirindo-os invariavelmente ao milheiro. Creio bem que sentira um curioso e picaresco interesse de ver o pequeno alumno chupar o enorme appendice, aliás com a naturalidade de um vicio já contrahido. Eu galgava, então, os meus treze annos; não obstante, recebi a gentileza com o reconhecimento que ainda hoje relembro. Comtudo, a severidade das suas attitudes fizeram-me mais amigo do professor Kraemer, de todos estimado pela lhaneza do caracter. Tinha elle um lindo poldro negro e lusidio, que montava com garbo e cujo tratamento confiára ao Argollo, um bom condiscípulo, da filiação adoptiva do Dr. Bayma. Foi nossa alegria atravessar o rio em canoa e ceifarmos o pasto na outra margem. A esse tempo o rio era o banheiro commum, e cortantes as suas margens no inverno. Em tal conjunctura, eu montava uma pedra distante para escapar ao rigor, e d'alli, acocorado, fazia o desespero do Padre Steiner, que me jogava pedras para descer á agua. Já se vão 42 annos e o Collegio era, então, o ponto terminal da cidade. Em frente corria o Itajaí, descampado, margeado de pastos. O fronteiro, do outro lado da estrada, seria propriedade do Collegio, porque grandes montes de lenha faziam alli a delicia um tanto desconcertante da rapaziada que, á formiga, transportava o combustivel para as dependencias da cosinha.





Blumenau, c. 1895

Colégio *Santo Antonio*. Oficinas do Convento dos Franciscanos com alunos e aprendizes.

S. Antonius-Kolleg. Werkstätte des Franziskanerklosters mit Schülern und Lehrlingen.

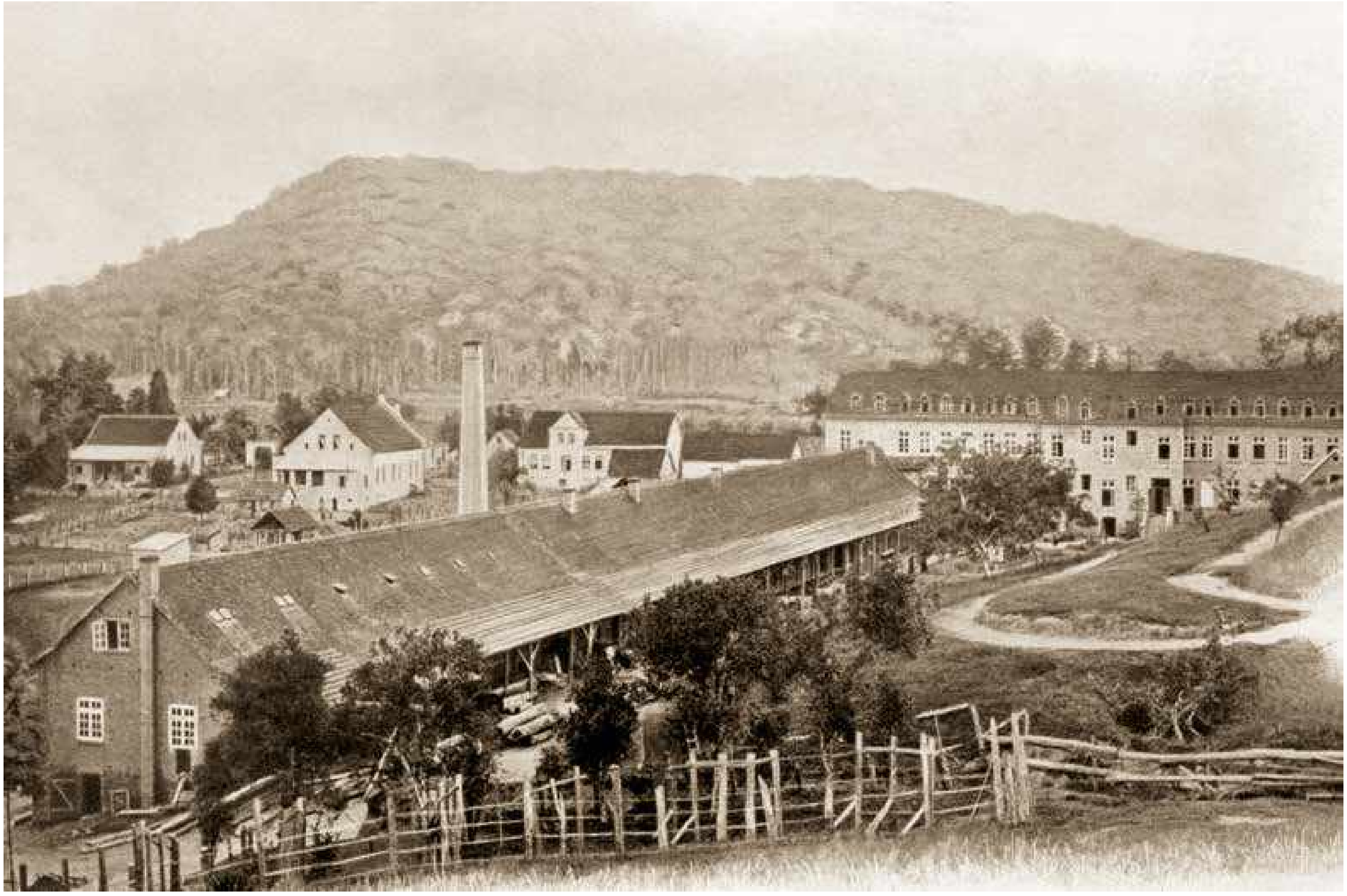
Ed. SG in Leipzig

Acervo Livro 50 Anos de Blumenau
Sammlung des Buches 50 Jahre Blumenau

A *Madama*, empalmeando sempre grandes lotes de roupa passada ao ferro, fiscalisava a armazenagem. (NR: a *Madama* era a Sra. Mary Anne O'Brien, casada em 1854 com Cornelius Murphy na Irlanda. Immigraram com os seus filhos para Blumenau e tiveram a sua casa primitiva de palmitos em *Itoupava-secca*. Na noite de 9 de Novembro de 1879 um tigre invadiu á casa e feriu gravemente Cornelius, o qual no dia seguinte foi transportado a Blumenau, onde falleceu. Padre Jacobs levou os orphãos para o seu Collegio e entregou á viúva o governo da cozinha e da casa. *Madama* exerceu o seu cargo até 1892, passando depois para a casa de seu filho Guilherme. Ella faleceu a 10 de Março de 1923).

De uma feita, a despeito do movimento e da algazarra, descortinamos adormecida, sob os últimos paus, uma velha jararaca. Se eu fôra caçador, diria de braços estendidos que era – deste tamanho. Matou-a á bala o professor, ante o nosso incoercivel panico. De outra feita fizemos a capina do cemiterio. Exercicio physico, instrucção agricola, não recordo bem a que titulo foi; mas acabou impressionando mal ás minhas recordações de quatro annos em *São Leopoldo* e me senti deslocado nesse meio. As caracteristicas ruraes desirmanavam da minha educação citadina, e a instrucção ministrada, ainda vacillante o programma e limitado o corpo docente a dois unicos professores (um dos quaes primario), compeliram-me, com a bondosa ajuda de Manoel Fontes, posto que por elle eu não fosse approvado, a ser removido para o Collegio *Ramos* em Desterro.

Todavia, o *São Paulo* actuava vivamente na implantação do vernaculo, quase desconhecido, e formava essa geração que Paul Zimmermann chamava com graça "caboclos allemães", cujo chefe proeminente foi a expressão lidima em valor e capacidade de trabalho.





Blumenau, c. 1895

Colégio *Santo Antonio*. Parte posterior, com antiga construção à esquerda. Ao fundo, floresta da *Ponta Aguda*. A Rua *7 de setembro* ainda não fora aberta.

St. Antonius-*Kolleg. Hintere Ansicht mit altem Gebäude, links. Im Hg, Urwald bei* Ponta Aguda (Schärfeneck). *Die 7-Setembro-Straße war noch nicht erschlossen.*

Ed. SG in Leipzig

Acervo Livro 50 Anos de Blumenau
Sammlung des Buches 50 Jahre Blumenau

Mesmo desviado para um estabelecimento preparatoriano, guardo do *São Paulo*, hoje Collegio *Santo Antonio*, e confiado á competencia dos franciscanos, reminiscencias suaves.

Foi ahi que consolidei a amisade infantil de Ernesto Neves, actual escrivão de orphãos de Lages e chefe de numerosa tribu. Foi ahi que fortes vínculos me prenderam a Trajano e Manfredo Leite, a Annibal Pires e Argollo e Léo Bauer e outros, e ao meu amigo João, uma promessa de gigante que me trouxe em custodia. Deste, nunca mais soube; de Léo Bauer, sei que me reserva uma guarida no Paraizo, e de Argollo, supponho que monta no Purgatorio o pégaso de ebano do professor Kraemer.

Reminiscencias! O espirito evoca o passado e de lá extrae o perfume matinal da infancia, abrolhada de roseas esperanças, para afinal, no tramonto da vida, aspiral'o, ainda uma vez, no escrinio diophano da saudade!

Narrativa do *Bruder* Claudius Tillesen, 1893.

O Colégio Santo Antonio*, em 1893, estava sob a direção de Frei Zeno Wallbröhl, que sucedera a Padre Jacobs. Desta época existe um relatório sobre o Colégio, escrito pelo Bruder (Irmão) Claudius Tillesen. Estes "Irmãos" eram franciscanos que não alcançaram graus mais elevados no sacerdócio e serviam de auxiliares dos Freis desta Ordem Menor.*

Em 1893, sob a liderança do P. Honorato Strauch, foram para Blumenau os irmãos Donatus, Servulus, Pachomius, Hyginus, Cherubin e eu. O pequeno vapor *Jahn* foi buscar-nos em São Francisco e chegamos, apesar de um mar muito agitado, ao porto de Itajaí, no dia 21 de dezembro.



Blumenau, c. 1900

Colégio *Santo Antonio*.
Padres Franciscanos com alunos. Sentados, em torno de Frei Zeno Walbroehl (1) estão os primeiros Franciscanos e Irmãos *(Brüder)*: Freis Armando Bahlmann, Lucínio Korte, Herculano Limpinsel, Wendelino Winkens, etc.

St. Antonius-*Kolleg.*
Franziskaner-Patres mit Schülern. Die ersten Franziskaner-Brüder sitzend um den Pater Z. Wallbroehl (1): Pater A. Bahlmann, L. Korte, H. Limpinsel, W. Winkens, etc.

Ed. SG in Leipzig

Acervo Livro 50 Anos de Blumenau
Sammlung des Buches 50 Jahre Blumenau

Esgotados e eu enfraquecido por enjôos e a longa viagem. Às 3 horas da tarde desembarcamos, estávamos com uma fome terrível, porque além de uma xícara de café não recebemos nada para comer. Apesar de não possuirmos nem um níquel no bolso, mandamos servir um almoço no hotel mais próximo. O proprietário, um simpático badense, nos atendeu gentilmente e aceitou que mais tarde seria pago por Blumenau. Na continuação da viagem, no dia seguinte, com o mesmo pequeno vapor, tivemos a felicidade de encontrar numa parada o nosso superior, P. Zeno Wallbröhl, que havia chegado montado num vistoso alazão para cumprimentar-nos. Ele seguiu à nossa frente para providenciar em *Gaspar* uma recepção condigna para nós. *Gaspar* era uma bonita colônia situada às margens do Rio Itajaí. Ali visitamos também o pároco local, P. Matz, um franciscano da província polonesa e que a guerra cultural na Alemanha havia afugentado.

Ao anoitecer chegamos finalmente na simpática cidade, floresta virgem de Blumenau. Logo avistamos o Colégio que se localizava numa colina à margem da floresta. O terreno em que estava o Colégio tinha sido cavado dos lados e somente atrás do cemitério, bem no alto, havia ligação com terrenos que em parte serviam para plantação. A parte principal do Colégio formava a construção central que hoje ainda existe, ao qual, do lado paralelo com o cemitério, encontrava-se uma sólida construção de dois andares onde estavam localizadas as salas de aulas. A construção do meio abrigava a portaria e as acomodações para os professores. Logo atrás da casa de madeira, afastado mais ou menos um metro e meio, encontrava-se sobre o chão de terra batida o fogão e o tanque de lavar. Na outra parte, uma grande e velha caixa para guardar a farinha de mandioca. Como porão servia um grande buraco no chão.



Blumenau, c. 1900

Colégio *Santo Antonio* (ex-*São Paulo*).
"A partir de 1895, novos e grandes prédios foram levantados e vieram ótimos professores. Vinham alunos de todas as partes do Brasil, além dos descendentes de alemães, italianos, ingleses, franceses, poloneses, húngaros, suíços, argentinos, índios, etc."
(Frei Ernesto Emmendoerfer, O.F.M.)

St. Antonius- *Kolleg. "Ab 1895 wurden neue und größere Gebäude errichtet, wo ausgezeichnete Lehrer unterrichteten. Es kamen Schüler aus allen Teilen Brasiliens, sowie Kinder aus deutschen, italienischen, englischen, französischen, polnischen, ungarischen, schweizer, argentinischen und indianischen Familien". (Pater E. Emmendoerfer O.F.M.)*

Ed. SG in Leipzig

Acervo Livro 50 Anos de Blumenau
Sammlung des Buches 50 Jahre Blumenau

Junto à Igreja, ao longo da estrada colonial, tinha sido construída uma cancha de bolão, junto a qual se encontravam as instalações sanitárias, depósitos de adubo e estrebarias em ruínas, tudo à margem da estrada. Junto à cozinha haviam sido preparados alguns canteiros onde cresciam alguns pés de cebolinha, cheiro verde e verdura. Bem mais abaixo do Colégio estava a Paróquia, uma simples construção de madeira. Em volta, bonitas jardinagens, com raras e exóticas árvores que Dr. Blumenau, o fundador da Cidade, tinha conseguido. Diante da casa paroquial, numa elevação, via-se o relógio de sol, bem no meio de belas flores. Cerca de 20 metros da Igreja construída em estilo gótico estava a antiga capela que servia de morada às meninas que no tempo do P. Jacobs tinham que vir do interior para as aulas de doutrina e preparo para a 1ª. comunhão. Uma velha e cega solteirona cuidava desta dependência e conhecia cada menina pelas passadas.

Cerca de 500m atrás do Colégio ficava uma colônia que P. Zeno comprara do sapateiro Michel Schmitz por 4 *contos*. Neste terreno ficavam mais três construções: a casa, a cozinha e ainda morro acima mais uma casa que tinha porão e em cima mais 4 quartos. Esta casa tivemos que demolir alguns anos mais tarde porque estava completamente destruída pelos cupins. Mais ou menos 200 metros adiante havia um moinho para preparar a farinha de mandioca. Nos primeiros tempos nós continuamos com o moer desta farinha; mais tarde, vendemos as instalações e construímos no local uma estrebaria melhor. Alguns passos atrás da cozinha havia uma pequena criação de abelhas, a qual, mais tarde, desenvolveram para uma bem lucrativa ação. A casa na colônia foi ocupada por nossos operários e peões. Um dos nossos Irmãos instalou-se nas dependências inferiores e tomou o cargo de zelador da ordem. Na mesma casa também instalamos a nossa alfaiataria.



Blumenau, c. 1900

Interior de uma sala de aula. "Foram alunos no final do séc. XIX os nomes mais conhecidos de Adolpho, Victor, Marcos e Arno Konder (Itajaí); Laudelino, Odilon e Benjamin Galotti (Tijucas); Thiago de Castro (Lages); Crispim Mira, Libório Soncini (Joinville e Florianópolis); além de vários ilustres da Cidade de Blumenau e arredores. Alunos que se formaram como padres: Silvestre Girardi (Frei Justino); Antek Mlodzianowski (Frei Celestino); Francisco Engelke (Dom Inocêncio, Bispo de Minas Gerais); Giacomo Vicenzi (Cônego no Rio de Janeiro); etc."
(Frei Ernesto Emmendoerfer O.F.M.)

Innenansicht eines Unterrichtsraumes. "Einige Schüler des ausgehenden 19 Jahrhunderts wurden später bekannte Persönlichkeiten: Adolpho, Victor, Marcos und Arno Konder (Itajaí); Laudelino, Odilon e B. Galotti (Tijucas); T. de Castro (Lages); C. Mira, L. Soncini (Joinville und Florianópolis)." (Pater E. Emmendoerfer O.F.M.)

Acervo / Sammlung St. Antonius-Kolleg

O Colégio ficava no terreno da Paróquia. Este se estendia da escadaria da Igreja até a estrada colonial e do Rio Itajaí, até o laranjal da colina atrás do Colégio. Também um pasto via-se junto ao laranjal e que pertencia ao comerciante Grewsmühl. Logo depois começava a colônia comprada do Sr. Schmitz.

O pasto foi arrendado do Sr. Grewsmühl e mais tarde o compramos.

O primeiro trabalho entregue a nós Irmãos foi a melhoria na estrada que, devido as chuvas, tornava-se quase intransitável. Os caminhos internos do terreno paroquial foram melhorados, feitas as valas para a água escorrer melhor.

Tínhamos um velho burro que nos auxiliava no carregamento de pedegrulho. Um velho carroceiro de nome Baptist cuidava deste trabalho e do burro também. Em pouco tempo as melhorias já eram visíveis. Como sempre ouvíamos dizer que a construção nova começaria logo, tratamos de começar com a olaria e com a fabricação de tijolos. Mas a construção nova ainda demorou algum tempo, já que os meios ainda não tinham sido liberados pela casa matriz.

Mas, antes da chegada do Irmão Quintilian já muitas mudanças tinham sido feitas. Sob a casa central havíamos construído um porão para abrigar ali a cozinha, dispensa e lavanderia. Foi ainda preciso instalar um refeitório adequado. Sob a sólida construção nova encontrava-se uma grande vala que a ampliamos. Um pedreiro entendido foi consultado para erguer um muro sólido contra a parede escavada. Nosso Irmão carpinteiro fez as mesas e bancos e em pouco tempo o refeitório estava pronto.

Tão simples como refeitório também eram as refeições. Para o café da manhã recebíamos café e pão de milho; ao meio dia, feijão com carne seca; o que sobrava era aquecido à noite.



Blumenau, c. 1900

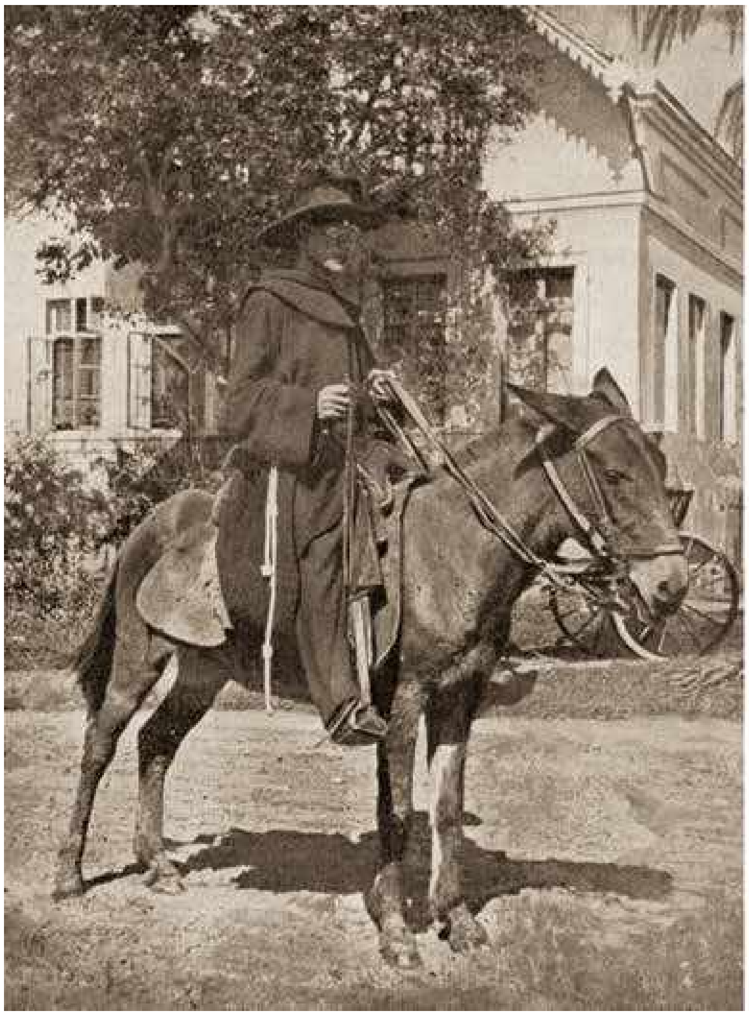
Frei Zeno Wallbroehl O.F.M. (sentado à esq.); à direita, Frei Lucínio Korte O.F.M. e seus auxiliares. A 13.3.1892, chegavam estes primeiros Franciscanos; em 22.5.1892, Padre Jacobs, Jesuíta, entregava a paróquia aos Franciscanos; em 1.8.1892, Padre Jacobs falecia de Febre Amarela no Rio de Janeiro.

Pater Z. Wallbroehl (links sitzend); Rechts, Pater L. Korte und seine Mitbrüder, die am 13.3.1892 als erste Franziskaner eintrafen. Am 22.5.1892 übergab Pater Jacobs diese Gemeinde an die Franziskaner, worauf er zweieinhalb Monate später in Rio de Janeiro an Gelbfieber verstarb.

Acervo / *Sammlung St. Antonius-Kolleg*

Como cama serviam 4 postes sobre os quais foram estendidas duas ou três tábuas furadas com muitos buracos entrelaçados com cipó. Um mês depois de nossa chegada começaram as aulas com 14 internos; o restante das crianças vinha da cidade. A Escola para os rapazes funcionava na dependência sólida e a escola para meninas, numa casa de madeira na outra extremidade. Mas, em pouco tempo as aulas tornaram-se insuficientes e foi preciso pensar em uma nova construção. Neste meio tempo o nosso estabelecimento em Teresópolis tinha sido fechado e em consequência Irmão Quintilian e Irmão Roynerius, um excelente ferreiro e outro costureiro já haviam chegado a Blumenau. A cancha de boliche junto à estrada foi demolida e lá erguida uma escola provisória. Anexo a esta deveriam ser instaladas as oficinas e depois disto feito podia pensar-se na nova construção do Convento. O último deveria anexar-se à Igreja Paroquial e depois ampliado o Colégio. O novo comissário, P. Irenaeus Bierbaum, que veio a Blumenau em 1893, mostrou-se muito interessado com os planos; deu ao arquiteto Irmão Quintilian carta branca para a realização dos mesmos. Foram compradas as pedras e madeiras, contratados pedreiros e carpinteiros e em pouco tempo um movimento fora do comum reinava no pátio do Colégio. Ao mesmo tempo, naquela ocasião, o comerciante Asseburg, de Itajaí, nos ofereceu sua instalação de ferraria que a todo custo queria vender. Nós compramos a mesma por 8 *contos* com o frete livre até Blumenau. Foi uma caldeira com máquina de 15 PS., uma serra e uma mesa de plainar com toda instalação.

De nosso vizinho, Sr. Grewsmühl, adquirimos ainda uma serra circular. Antes de começarmos a nova construção tivemos que instalar primeiro as oficinas junto a Escola e o Teatro; foi anexado primeiro um banheiro, depois uma sala de piano.





Blumenau, c. 1915

Transporte comum: frade em mula, senhor a cavalo (Dr. João Pedro da Silva, Juiz de Direito, São José, 1882 - Florianópolis, 1936), conhecido como "Dr. Pedrinho", casou-se com Raquel Ramos, filha do venerando Cel. Vidal Ramos, tendo entre os filhos Aderbal Ramos da Silva, Governador de Santa Catarina entre 26.3.1947 e 31.1.1951.

Gewöhnliche Transportmittel: Geistlicher auf Esel, Herr zu Pferd (Dr. J. P. da Silva, Richter, São José, 1882 - Florianópolis, 1936), auch bekannt als "Dr. Pedrinho", ehelichte Raquel Ramos, Tochter des honorablen Colonel Vidal Ramos. Einer seiner Söhne – Aderbal Ramos da Silva - wurde später Governeur des Bundeslandes Santa Catarina, zwischen 26.3.1947 und 31.1.1951.

Acervo / Sammlung A. H. Blumenau

Sala de costura, de passar roupa, lavanderia, ferraria, moinho e por último o escritório. Toda a construção tinha 100 metros de comprimento, 9 de largura e 4 de altura. Na parte interna, uma varanda. As toras de madeira recebíamos especialmente da *Velha*. Grande dificuldade era a falta de água.

Ao lado da cozinha o poço não tinha água suficiente. Assim, tivemos que transportar água potável da nossa colônia.

A área em frente do colégio foi plainada até a rua principal, a capela velha demolida e construído um grande muro de pedra fazendo frente com a rua principal.

Ao assumir o Colégio *São Paulo* nossos padres assumiam também um pesado compromisso. Não foi em vão que seu fundador, P. Jacobs, fez questão de entregar o mesmo somente em mãos de cléricos.

Só assim, sabia ele, que o que tinha adquirido e começado se desenvolveria e estava seguro. Um interessante relatório de P. Jacobs ao conhecido Padre Lazarista, P. Joseph Hehn, descreve estas dificuldades e faz também ver a depreendiosa e sacrificada vida deste homem apostólico. Em carta de 23 de fevereiro de 1883, P. Jacobs dizia: "Fundei há mais de 6 anos o atual Colégio *São Paulo*. Primeiro, para salvar a juventude Católica através de uma educação sadia e religiosa e criar uma geração cristã. Segundo, para preparar jovens talentosos para o Seminário e assim cooperar no desenvolvimento desta diocese com um bom clero.

Por este motivo sacrifiquei-me até agora a esta instituição. Todos os meus bens particulares, cerca de 5:500$00 sacrifiquei nesta obra, assim que hoje não tenho um níquel. Minha comunidade é composta de 5.500 almas, distribuídas em 24 distantes locais que visito regularmente até a mais pobre diocese. Nem 1% deles é capaz de comprar sua própria roupa, muito menos gastar na Igreja e na Escola.





Blumenau, c. 1895

Colégio *Santo Antonio*. Orquestra dos alunos. "Havia banda de música, orquestra e apresentação teatral, muita vida e animação, sobretudo depois que chegaram, em 1895, seminaristas vindos da Bahia".
(Frei Ernesto Emmendoerfer O.F.M.)

St. Antonius-*Kolleg. Schüler-Orchester. "Es gab Musikkapelle, Orchester und Theateraufführung, sehr viel Betrieb und Freude, vor allem nach der Ankunft von 30 Seminaristen aus Bahia im Jahr 1895."*
(Pater E. Emmendoerfer O.F.M.)

Ed. Polyanthéa - 50 Anos da Fundação: 1877-1927 / 50.tes Gründungsjahr: 1877-1927

Acervo / Sammlung B. K. Kadletz

Abrigo 130 crianças na escola, entre os quais, 12 que pagam anualmente de 100 a 150 mil réis. Outras crianças dos colonos que deveriam pagar 120 réis por dia para comida, moradia e escola, pagam somente 35 deste valor, sendo que 20 gratuitamente para que não andem nuas. Além disto preciso manter os professores e as dependências do Colégio e adquirir material escolar. Como farei frente a estas despesas colossais? Peço que entenda e que interceda por mim junto ao Reverendo Bispo para que eu possa ir ao Rio e mendigar para minha instituição, caso contrário a mesma desaparecerá na miséria."

Foi, portanto, um legado invejável que P. Jacobs deixou aos seus sucessores. Mas, com afinco e entusiamo jovens, nossos Padres Zeno e Lucinius empenharam-se na escola e nos cuidados da alma da nossa comunidade. Primeiro ainda atuava ao lado deles o Professor cidadão Sr. Franz Frankenherger, até que o comissário P. Irinaeus trouxe em 1893 para o Colégio três excelentes professores, P. Solanus Schmidt e dois professores com preparo acadêmico, Prof. Fr. Caesar Elpel e Berthold Bigge.

Por este motivo em bem pouco tempo o Colégio tomou um grande impulso e logo foi recomendado também pelos comerciantes Protestantes da cidade e região. P. Zeno então empenhou todos seus esforços para trazer boas Irmãs da Ordem da *Divina Providência*, pediu ao P. Eiping de lá que deixasse estas três Irmãs para a sua Paróquia, com o que concordou.

Ao nosso Colégio chegaram, em 1895, mais dois padres auxiliares, P. Cletus Espey e Meinholph Gutberlet, vindos da Bahia.

O trabalho tinha se avolumado e às matérias elementares foram anexados o Francês e Inglês como obrigatórias; Latim e Grego como facultativas.

A fama do nosso Colégio tornou-se tão grande que tínhamos alunos do Paraná, São Paulo e até do Rio de Janeiro.

1879 Paul Gerhardt Hering



Paul G. Hering e esposa Charlotte Kegel (1861-1935) com os filhos Rudolf e Else.

P. Hering und Ehefrau C. Kegel mit Sohn Rudolf und Tochter Else.

Paul Gerhardt Hering, o primogênito do casal Friedrich Hermann Hering e Minna Förster Hering, nasceu em Hartha-Dresden (Alemanha) em 21 de julho de 1861 e faleceu em Blumenau em 15 de novembro de 1942. Seu pai Friedrich Hermann e tio Bruno são os pioneiros desta Empresa Textil que já conta com 138 anos, fundada em Blumenau no ano de 1880 sob o nome de Trikotwaren Fabrik Gebrüder Hering. *Além de Paul, o casal teve os seguintes filhos, todos nascidos na Alemanha, com exceção do último: Liddi (1863), Elise Liddi (1865), Johanna Helene (1867), Nanny Martha (1870), Margarethe Lydia (1873), Max Alfred (1875), Elly (1877-78), Gertrud Walli Toni (1879) e Curt Victor (1881). Destes, passaram para a História de Blumenau, pelas suas atividades – Paul, Johanna, Nanny, Gertrud e Curt. Na história da indústria têxtil, em 1867, Dr. Blumenau adquirira na* Exposição Universal de Paris, *um tear para produzir artigos de malha, utilizando a flor de algodão como matéria prima. Na mesma época, instalara-se no* Garcia *uma sociedade formada por Johann Heinrich Grewsmühl, August Sandner e Johann Gauche. Em 1873, com a volta do Dr. Blumenau, este tear foi posto em funcionamento. Em 1882, nova indústria têxtil se instalava, resultante da sociedade formada por Heinrich Hadlich, Gustav Roeder e Johann Karsten. Hoje é a Companhia Têxtil* Karsten. *Paul Hering tinha uma empresa de pintura, fazendo ornamentos pictóricos e também quadros de arte. Do pouco que se conhece de seu trabalho, fez os ornamentos artísticos do interior da antiga Igreja Matriz Católica de Blumenau; idem do* Teatro de Brusque *e do* Frohsinn; *da Casa* Husadel; *da Igreja Matriz de Itajaí e do* Palácio do Governo Estadual, *na Capital, em 1895.*

Suas irmãs Nanny e Gertrud, a primeira teve atuação importante no antigo Teatro Frohsinn; *a segunda, Gertrud era intelectual, escritora e poeta. Johanna deixou seu nome marcado através da* Johannastift *(Maternidade). Já Curt Hering foi um dos mais importantes Superintendentes do município de Blumenau nas duas primeiras décadas do século XX. Por ocasião do Centenário da Empresa* Hering, *em 1980, a Fundação Casa Dr. Blumenau, lançou o livro* Memórias *de Paul Hering, em tradução de Frederico Kilian. É deste livro que extraímos alguns trechos relativos à Blumenau, a chegada de seu pai em 1878, deixando de lado a estadia de Paul no Vaticano para o aprendizado de Pintura, por volta de 1883, quando tinha 22 anos de idade. Além de outras aventuras e anotações muito pertinentes, mas que não cabem aqui serem reprisadas, podendo ser conhecidas através da leitura integral desta obra.*

PÁGINA AO LADO / *SEITE GEGENÜBER*

Villa *Gertrud.* Paul Hering ao centro (1), de pé, entre duas senhoras.

Villa Gertrud. *P. Hering in der Mitte (1) stehend zwischen zwei Damen.*

PHOTO B. SCHEIDEMANTEL
ACERVO / *SAMMLUNG HERING ARCHIV*



Comércio de Tintas Especiais de Paul Hering. Grande estoque de tintas a óleo de tela, esmaltes, óleo de Terpentina, tintas naturais e químicas, giz, pincéis, materiais diversos, etc. Aceita-se devolução e reaproveitamento de latas vazias de tintas a preços inferiores. Preços especiais para comerciantes em grandes volumes.



Em março de 1877 nasceu minha irmã Lilly (Elly Hering, 19.3.1877 – 4.10.1878, em Hartha, Alemanha). Certo dia um velho freguês de nosso negócio, que em Friedrichstadt-Dresden possuía um negócio de fazendas de linho, apresentou-nos seu irmão que há muitos anos havia emigrado para o Brasil. O freguês deixou seu irmão conosco, para que ele contasse alguma coisa do Brasil. Fiquei entusiamado quando ele contou que no Brasil podia-se caçar e pescar sem carteira de licença. Também contou que lá havia uma imensidade de frutas, tanto conhecidas, como exóticas, que eram baratíssimas. O idioma na Colônia era o alemão, mas também o vernáculo, o português, era fácil de aprender, pois ele já podia se entender muito bem com os brasileiros. Se num bar brasileiro se desejava tomar cerveja, pedia-se simplesmente "cervecha". Lá um comerciante poderia fazer bons negócios com mercadorias importadas da Alemanha. Os direitos de alfândega eram mínimos e o que se levava não precisava pagar imposto alfandegário. Esta conversa animara muito a meu pai e meu tio. Foi justamente na época do fracasso em Viena. A vitória da Alemanha na guerra contra a França e os 5 bilhões de *marcos* de indenizações de guerra desencadearam uma série de especulações de falências de muitas firmas. O nosso viajante, Weise era seu nome, já havia voltado para o Brasil, onde seus filhos e filhas estavam todos casados.

Quando, certo dia, o correio trouxe a notícia de regular casos de suspensão de pagamentos de notas de haver, foi debatida a situação e resolvido que meu pai viajasse a Blumenau para sondar a conveniência de emigração. Em setembro de 1878, papai viajou para o Brasil e em outubro escreveu a primeira carta. Nesta carta esclareceu antes de tudo que Weise havia descrito a situação num tom muito rosado, quando não havia exagerado ou mentido.

Pouco tempo após a viagem de papai, a pequena Lilly adoeceu de difteria, e apesar de termos logo chamado o Médico, a pequena morreu. Isto foi um duro golpe para a mãe e para todos nós. Meu tio incumbiu-se de comunicar o fato a meu pai, mamãe estava muito abatida. Mesmo não tendo meu pai encontrado tudo assim como haviam relatado aqui, achou que era possível firmar-se aqui e progredir. Escreveu então para que a família viesse, mas minha mãe não quis. Então ele escreveu que mandassem no mínimo os filhos mais velhos. Naturalmente nós logo estávamos prontos e dispostos a seguir, pois assim teríamos oportunidade de ver alguma coisa do mundo e das terras estranhas.

Entrementes, no dia 6 de maio de 1879, nasceu minha irmã Gertrud (Hartha, 6.5.1879 – Blumenau, 2.11.1964).

Finalmente, minha mãe concordou, constrangida, e no dia 14 de julho de 1879 tio Bruno nos levou até Hamburg.

Nenhum de nós três havia visto o mar. Foi nossa primeira viagem além-mar. O vapor *Montevideo*, um pequeno navio de 1.200 toneladas, nos pareceu um colosso. Viajamos de terceira classe. Tio Bruno nos levou a bordo e depois voltou para Hartha-Dresden.

Um único compartimento se achava à disposição dos passageiros de terceira classe. As do sexo feminino ficavam separadas dos passageiros do sexo masculino por um encerado de lona estendido pelo meio do compartimento. Após três dias o encerado caiu e todos ficaram juntos, numa mesma família. Será que esta mixórdia daria certo? Paciência! Já houvera outras altercações. A coisa piorou quando no canal o mar engrossou e aí começaram os enjôos. O marinheiro que cuidava dos doentes não era invejado: o dia inteiro tinha que andar com seu balde d'água e panos para limpar a sujeira, não conseguindo impedir o fedor. Também nós três irmãos adoecemos enjoados fortemente. Ficamos acamados durante três dias, não suportando outra coisa do que água. Depois recebemos arenques, para nós uma delícia. Aportamos em Lisboa, onde muitos foram até a terra. O vinho português embriaga facilmente e houve muita pândega. Um teve que ser içado a bordo num cesto. Depois fizemos escala em Tenerife, para receber carvão. Conosco veio um emigrante, Sr. Karl Boettger, que nos alegrou muito com seu melodioso violino, o mesmo que mais tarde abriu uma farmácia em Brusque e produziu preparados medicinais. Como emigrantes também viajava um grupo de músicos da Boêmia, que à noite tocava em instrumentos amassados, proporcionando noitadas de bailes. O comandante apreciava com risos nos lábios. Quando atravessamos o Equador, houve grande cerimônia de batismo. Netuno apareceu com seu tridente e comitiva. O ambiente tornou-se super-molhado.

Tocamos na Bahia e depois seguimos até São Francisco. No dia da nossa chegada havia lanchas esperando para levar toda nossa bagagem para a alfândega. Lá tudo foi submetido a uma rigorosa fiscalização, pois aguardavam a chegada de um viajante joinvilense, do qual diziam trazer muitas mercadorias consigo. Tudo foi posto de lado. Nós também trazíamos uma caixa, com toalhas adamascadas, lenços e aventais e outras coisas que não passaram. Tivemos por isso que sofrer também o rigor da fiscalização. Quase um ano depois é que recebemos os objetos, depois do pagamento de altas taxas aduaneiras. Nós três esperávamos num hotel a chegada do vapor *São Lourenço* (movido a rodas) e viajamos nele até *Gaspar*. Alí já se achava um carro de mola que nosso pai havia mandado para nos buscar. Foi um domingo quando chegamos a Blumenau. Papai ficou muito contente de ter os seus filhos mais velhos a seu lado. Era época das laranjas, o clima era agradável. O verão ainda estava para chegar. Entrementes papai havia comprado uma casa. O marceneiro Weise, um filho do velho que esteve na Alemanha, lhe vendera sua casa, construindo outra do outro lado da rua. Meu pai ainda continuava com o propósito de importar mercadorias da Alemanha, porém houve novos percalços. Nossa caixa que havíamos trazido da Alemanha continuava na Alfândega; uma remessa anterior não fora liberada porque o despachante não pagara o imposto, já que ele defraudou o dinheiro que meu pai lhe mandara. Meu pai, porém, não perdeu o ânimo, pois sempre foi um otimista.

Seu lema era: "Vamos dar tempo ao tempo". Entrementes ele instalou um pequeno botequim, ocupando-se ao mesmo tempo com a fabricação de charutos sem pontas. Classificou este produto como sendo moda nova, porém, o motivo era porque ele não conseguia torcer a ponta ao enrolar o charuto. Mas como o fumo empregado era de ótima qualidade, estes charutos tinham boa saída. Nesta época, uma casualidade veio calhar em favor de papai. Um alemão moço chegou com um tear circular e uma partida de fios, com a intenção de abrir uma pequena fabriqueta. Meu pai encontrou o jovem no negócio do comerciante Heinrich Koehler e se interessou pelo objeto, pois que ele na Alemanha já trabalhara na fabricação de meias de malha. O jovem alemão não se agradou das circunstâncias na Colônia e papai adquiriu tudo por pouco dinheiro. Ele tinha aprendido no tear manual, onde a mercadoria já saía pronta, mas no tear circular a fazenda de malha era produzida por metros e tinha que ser recortada e costurada. Era fácil movimentar o tear, mas já mais complicado se tornava conhecer o mecanismo, bem como dispor as agulhas de tricotagem e regular as rodelas dos moldes. Neste serviço teve o auxílio de um saxão, de nome Lippmann, que vindo da zona de Limbach, emigrara para cá há uns 9 anos antes.

A essa época a Colônia ainda estava em sua fase inicial, mal tendo deixado de gatinhar, pois além da madeira, não tinha outra exportação importante. Por isso também não havia serviço para mim.

Mas não obstante isso, comprei um cavalo de montaria, por ser barato, com a respectiva sela, por 85 mil réis. Cavalgar era um prazer para mim, o que não me era dado praticar na Alemanha. No outro lado da rua morava o sapateiro Reinhold, o qual também preferia estar sentado na canoa que na banqueta da sapataria. Era com ele que eu ia pescar e colocar os espinhéis à noite. Com o tempo minha situação melhorou, mas meu serviço em geral se restringia a pintar paredes, portas e janelas ou envernizar e pintar móveis.

Afinal, veio a notícia que tio Bruno comprara passagens para si, a mãe e para as crianças, e que em julho de 1880 eles partiriam com o vapor. No mês de agosto eles chegaram. Grande foi a alegria aqui. Meu pai havia providenciado as mobílias necessárias e tudo o mais, necessário à instalação da casa; entrou sem pagar direito alfandegário.

Finalmente recebi a encomenda de pintar o novo *Teatro de Brusque*. O salão do teatro amador e palco eram na *Sociedade dos Atiradores*. O encônomo, Sr. Wilhelm Gross. Meu primeiro serviço foi o pano de boca do palco. Estava quase pronto quando começou a chover a cântaros, sem cessar, durante três dias. O pequeno rio, afluente do Itajaí, transbordou e o *Salão dos Atiradores*, que se achava numa baixada, foi inundado, obrigando-nos a refugiar-nos no sótão. Mas também neste local não estávamos a salvo. Aos nossos brados por socorro veio uma canoa grande que nos colheu com o mais necessário, e debaixo de chuva nos deixou num morro perto. Corremos pela encosta do morro e atravessando sobre uma prancha vacilante que servia de ponte, chegamos ao rancho do tanque resfriador da cervejaria do Sr. Klappoth. A Sra. Gross me confiara, na nossa saída, o pequeno Richard metido em sua almofada. Peguei o menino, que tinha apenas 2 meses de idade, e carreguei-o, para espanto de sua mãe, sob o braço, como um pacote, pois ainda tinha que carregar os mantimentos. Chegamos sem mais incidentes ao primeiro andar da cervejaria, onde havia um movimento descomunal. Enquanto um homem tocava a sanfona, outros matavam um porco e preparavam a comida. Juntaram-se aí homens e mulheres de todos os feitios.

E a chuva continuava... Após alguns dias as águas pararam de subir, para então baixar lentamente. Depois que as ruas ficaram livres pudemos voltar para casa. O quadro de destruição era enorme: espessas camadas de vários palmos cobriam as ruas, pastos, plantações e casas.





Paul Hering. Artigos de Corte e Moda, Papel de Embrulho, Conservas, Gêneros Alimentícios e muitos outros artigos para o consumo caseiro.

Paul Gerhardt Hering, 1927

Jacutinga na bagueira

Wildhuhn auf Palmenfrüchten

PHOTO RENATO RIZZARO ACERVO / SAMMLUNG DJALMA OLINGER

Animais mortos empestavam o ar. As formigas, desalojadas de seus ninhos, subiam e entravam em toda a parte molestando e mordendo a gente.

Entrementes chegavam notícias que a enchente na Colônia de Blumenau fora muito mais devastadora e que vitimara vidas humanas. Ninguém podia dar notícias exatas e eu fiquei muito apreensivo por causa de meus familiares. Minha vontade era partir imediatamente para Blumenau, porém reconheci logo ser isso impossível, pois os rios ainda estavam muito cheios. Teria que esperar ainda alguns dias, mas então iria tentar. Meu cavalo que ficara um pouco descuidado e um tanto arisco, consegui pegar com emprego de ardil e encilhar. A sela que havia ficado debaixo d'água, estava totalmente encharcada. O estofamento parecia uma esponja molhada, pois pela pressão sofrida pelo peso do meu corpo, a água escorria de ambos os lados. Uma sensação muito desagradável. Cavalguei com precaução e devagar, devido à lama nas estradas, mas depois de alguns quilômetros apareceu um primeiro obstáculo: um rio sem ponte. Aliás, a ponte existia, mas não no seu lugar, pois a correnteza levara-a para o meio de um pasto. E agora, o que fazer? Será que meu cavalo poderia me levar nadando? Voltar, não queria e assim arrisquei a façanha. Dei umas chicotadas no cavalo para que entrasse n'água, o que só fez após muita relutância. Deixei as rédeas soltas e devagar o cavalo avançava. Quando perdeu o chão firme começou a nadar e eu a me segurar na sela, deixando o cavalo tomar o rumo. Este, ao invés de procurar atingir a outra margem em reta curta, deixou-se levar pela correnteza e só muito lentamente se aproximou da outra margem, o que aumentou o meu medo. Finalmente encontrou chão firme e dirigiu-se à margem, porém, muito abaixo do ponto da estrada.

Desmontei e tomando as rédeas, puxei-o, com lama quase até aos joelhos, através do emaranhado de cipós, espinhos e arbustos que abundavam na margem do rio, até chegar à estrada, onde tornei a montar.

O caminho, pelo terreno montanhoso, não fora inundado e consegui cavalgar cerca de meia hora em trote. Quando cheguei novamente numa baixada, vi que um pedaço da estrada tinha sido carregado pelas águas. Conduzi a pé o cavalo por um mato para contornar o buraco... Após vários incidentes cheguei a Blumenau. O povoado parecia-se a um dia de feira, pois em toda a parte se via cordas esticadas com roupas, toalhas, mantas, cobertores, etc., penduradas, pois era o primeiro dia de sol e todos aproveitavam os raios solares para secar suas coisas que haviam ficado molhadas. Devido à grossa camada de lama todos andavam descalços. Mais tarde soubemos que uma mulher havia perecido afogada.

Foi com grande alegria que fui recebido por minha família, pois da mesma forma como eu me havia angustiado por eles, o mesmo acontecera do outro lado. Meu pai estava ocupado em desmanchar o tear circular que havia sido atingido pelas águas. O Governo prestou auxílio a todas as zonas atingidas pela enchente, mandando alimentos. Tivemos que nos acostumar à carne seca.

Vieram tempos difíceis, pois os prejuízos na Colônia foram enormes. Duraram anos para recuperar o que em poucas horas fora destruído. A situação em nossa casa era desoladora. A água chegara até ao cruzeiro da janela. O reboco das paredes, tanto dentro como do lado de fora da casa se desmanchara e desaparecera até a altura aonde as águas chegaram, pois na construção da casa houve muita economia no emprego da cal e na maioria dos casos o reboco era feito apenas com barro e areia. Demorou quase um ano para que as paredes ficassem secas novamente e só então, papai e nós pudemos começar a rebocar novamente a casa, pois não havia dinheiro para pagar um pedreiro, assim tudo era feito por nós mesmos.



Paul G. Hering, Franke e Max A. Hering. "*Lumpazi Vagabundas* foi a primeira peça em que atuei". (P. G. Hering)

*"*Lumpazi Landsstreicherinnen *war das erste Theaterstück in dem ich auftrat". (P.G.Hering)*

Acervo / Sammlung Hering Archiv

Por esta época eu estava de novo em Brusque para terminar o serviço no Teatro. Logo que o pano de boca e um jogo de bastidores estavam prontos, apressaram-se para ensaiar uma peça. Não gostei nada disso porque sempre que havia ensaio eu tinha que retirar todo o meu material e apetrechos, mas, como meu pagamento dependia da apresentação desta peça, tive que me conformar e ficar calado. O comerciante Willerding era o ensaiador. Também fazia um personagem cômico com muita propriedade. Mas faltava alguém para o papel do amante, pois a pessoa indicada havia saído de Brusque. Então optaram pelo Sr. *Fritz* K. Quem o conheceu sabe muito bem que ele não tinha nada a ver com o papel... É, a arte é difícil, muitos não chegam a aprendê-la e outros ainda muito incompletamente.

Após a enchente, tão logo o tear circular ficou novamente em ordem e montado, recomeçou-se com a fabricação. Mas, como havia somente uma caixa com fios, era preciso encomendar da Alemanha e meu pai não tinha dinheiro para isso. Então recorreu ao fundador da Colônia, Dr. Blumenau, e pediu-lhe que emprestasse o necessário capital para comprar fio. No que foi atendido. Mais tarde, Richard Voigt, no *Warnow*, ofereceu uma regular quantia mediante juros moderados. Então, Dr. Blumenau foi reembolsado. A firma *Nothmabb*, no Rio de Janeiro, forneceu fios a longo prazo, abrindo o necessário crédito. Então foi possível comprar máquinas de costura e de tricotagem, como também bobinadora. Lentamente veio o progresso, se bem que algumas vezes apareciam épocas de estagnação. Isto acontecia quando faltava fio.

No dia 6 de maio de 1881 nasceu o irmão Curt, o único brasileiro legítimo da família. Neste mesmo ano, Hermann Baumgarten fundou o jornal *Blumenauer Zeitung*.

Em 1882 a Colônia foi emancipada. Em 1º de julho foi instalada a primeira Câmara Municipal, com a presidência de José Henriques Flores Filho (Superintendente entre 1883 – 1887). Neste ano foi feita nossa primeira experiência de exportação. Fomos bem sucedidos. Antes não havia perspectiva, já que os principais consumidores eram os nossos colonos. Para mim, em minha profissão, não havia muito serviço, por isso eu ajudava na fabricação. Elise e Johanna ajudavam à mãe e os outros, menos o caçula, iam para a escola. Nessa época recebi um aviso de convocação para o serviço militar na Alemanha; nem respondi. Veio nova carta, com ameaça de punição.

Neguei-me novamente e veio uma multa de 200 *marcos*. Nunca paguei esta multa.

Por intermédio do Prof. Pies, travei conhecimento com o vigário Pe. Josef Maria Jacobs e me ofereci para pintar os dois altares laterais da igreja com pinturas afresco. Como pagamento pedí que ele me desse uma carta de recomendação, talvez para o Rio ou São Paulo, pois eu não tencionava continuar a trabalhar em Blumenau, onde havia muito pouco campo para a minha atividade. Ele prontificou-se a fazê-lo, mas achava melhor dar-me uma carta de recomendação diretamente para Roma, pois lá eu poderia me aperfeiçoar em minha profissão. "Mas eu, como Protestante?". Disse-me que lá eram muito generosos.

Faltava-me, porém, o dinheiro necessário para a viagem. Teria que economizar o máximo para reunir o suficiente. Alguns trabalhos em Itajaí vieram a me favorecer. No ano de 1883 já tinha alcançado o intento.

Minha mãe não queria me deixar partir, pois receava uma porção de coisas que me poderiam acontecer naquele país de "salteadores". Não desistí.

Em Itajaí estava ancorado o veleiro *Hortência* da firma *Asseburg & Cia*, com um carregamento de madeira, pronto para zarpar para o Rio de Janeiro. Depois de muita dificuldade em sair de Blumenau, por falta de condução, cheguei a Itajaí e partí para a Europa.

Após quase um ano de estadia no Vaticano, onde fui atendido e fiz muitos serviços para eles, resolvi voltar para Blumenau. A volta foi complicada e quando estávamos na altura de Paranaguá, um forte temporal jogou o vapor contra uma pedra, resultando que o mesmo perdesse algumas pás. Então, com outro pequeno vapor cheguei a Itajaí. Lá deveria estar o *Progresso*, mas, infelizmente, não estava. Então entreguei minha mala na Agência e fui a pé. Quando cheguei à barra do *Luiz Alves*, estava farto de caminhar e pedi um cavalo emprestado com o qual prossegui minha viagem a Blumenau. Em *Belchior*, em frente à venda do Sr. Hopmann, vi o carro de mola do velho Lange e pedi para ele que me desse uma carona até Blumenau. Encontrei um rapaz que ia à *Ilhota* e pedi para levar o cavalo de volta e entregá-lo ao Sr. Koehler de quem eu havia emprestado e dei uma gorjeta ao rapaz. Sentei-me ao lado do velho Lange na boléia e partimos. Após curta viagem chegamos à Blumenau. Era um lindo domingo. Vi meus pais em frente à porta da casa e de longe já lhes acenei. Pulei da boléia e abracei meus pais. Meu tio e irmãos me rodeavam. Minha mãe contou então que quando viu alguém acenar do carro, dissera a meu pai: "O Hoeppner parece que já tomou umas pingas". Meu irmãozinho Curt, àquela época com pouco mais de 3 anos, me disse: "Pau, Sindietche moleu", ele também queria me contar uma novidade. Então relatei minha viagem.

Pretendia voltar ao Rio de Janeiro para lá me empregar, mas minha mãe não concordou. Esperei um mês, mas depois de várias tentativas de partida, veio a notícia da febre amarela no Rio e desistí da viagem. Resolvi trabalhar por conta própria, recebendo encomenda de outros municípios. A fábrica *Gebrueder Hering* também prosperava. A loja, como era chamado o recinto das vendas, já não era mais suficientemente espaçosa e fora necessário construir no pátio uma edificação simples.

No ano de 1885 minha irmã Johanna casou com um tal de Josef Garenfeld que mandara imprimir em seus cartões de visita – Hugo, Barão von Garenfeld. Mais tarde constatou-se que ele fora interditado e sua pequena fortuna posta sob custódia. O título de Barão e de nobreza ele havia tomado arbitrária e indevidamente... O casamento foi desfeito.

Neste ano de 1885 noivei com Charlotte Kegel, a qual, com sua mãe moravam numa pequena casa quase em frente a nossa. O pai, já falecido, era primo do Dr. Blumenau e trabalhara no conserto de espingardas e no cultivo da terra.

Em 1890 recebemos a estação telegráfica. No ano seguinte foi fundada a *Neue Schule / Nova Escola*; os Católicos já tinham sua escola desde 1877, o Colégio *São Paulo* (depois *Santo Antônio*), fundado pelo Pe. Josef Maria Jacobs. Em julho de 1892 vieram para cá, vindos da Alemanha, meus primos Paul Kegel e Gustav Arthur Koehler.

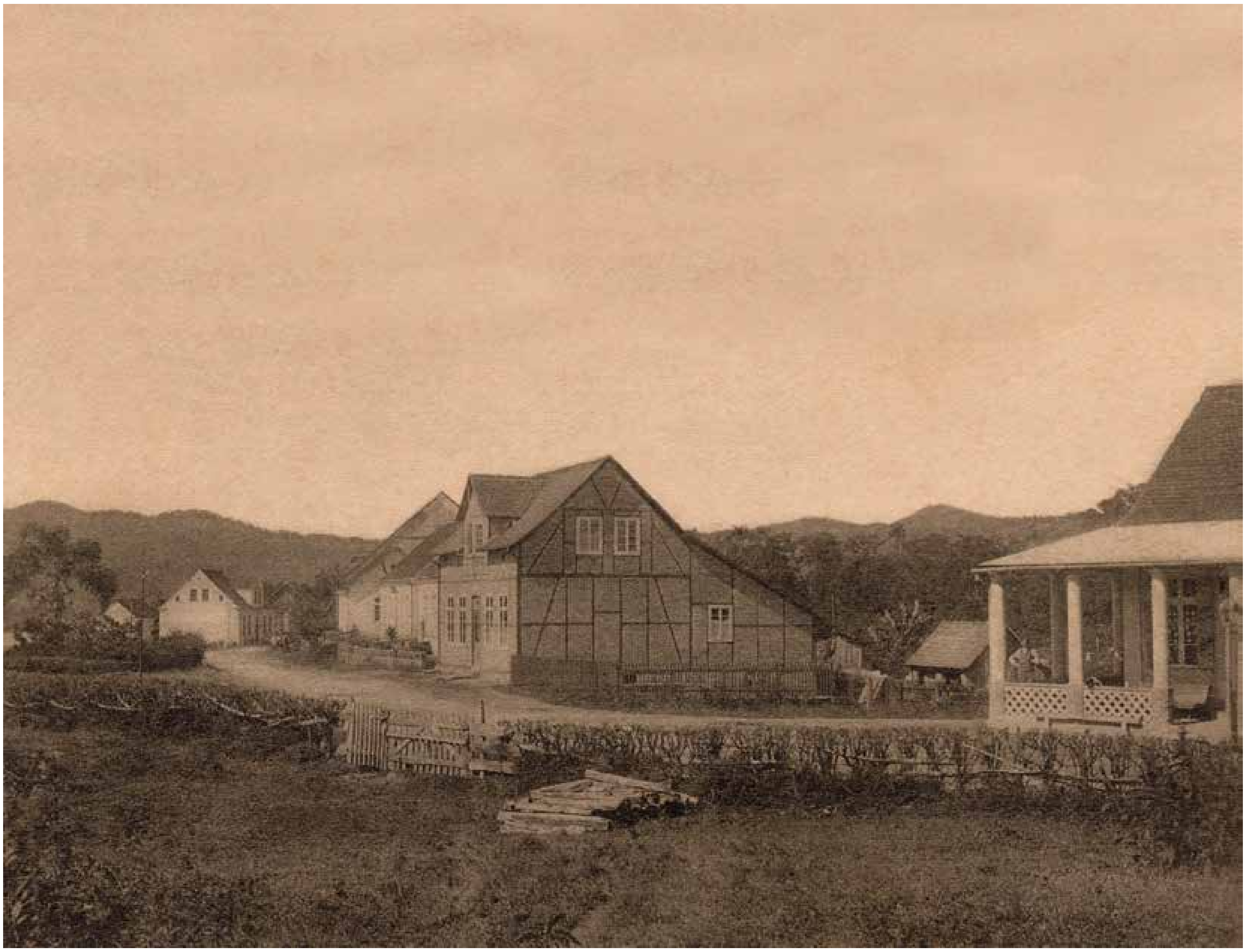
Após um período de revolução, que durou mais de um ano, Dr. Hercilio Luz foi eleito Governador do Estado em 28 de setembro de 1895. Blumenau teve seu 1º Superintendente eleito pelo povo em 1885, Sr. Otto Stutzer. Estava representado no Congresso pelos Srs. Dr. Cunha, Louis Abry e Santos Lostada. Dr. Paula Ramos obteve um mandato para o Congresso Federal.

Pela festa do Espírito Santo o Governador Hercilio Luz veio a Blumenau em visita e foi convidado para a *Festa dos Atiradores*. Nessa ocasião ele me perguntou se eu queria pintar o recém-reformado Palácio do Governo. Naturalmente que me prontifiquei de imediato. Era uma grande tarefa. Uma parte do Palácio já estava pronta e assim eu podia começar logo com o meu pessoal. Trabalhei naquele serviço por mais de um ano e sempre fui pago em dia. Um resto que caíra em "exercício findo" me foi pago depois pelo seu sucessor Felipe Schmidt.

Na eleição de dezembro de 1903 foi eleito Superintendente do município o candidato da Associação Popular, Sr. Alwin Schrader, com 300 votos mais do que seu adversário, Sr. Louis Altenburg. O novo Superintendente, que demonstrou ser um administrador eficiente, obteve em breve também de seus adversários a estima e respeito. Decorridos os 4 primeiros anos de seu governo, foi reeleito com quase todos os votos. Terminado o 2º período de governo, Schrader não quis se candidatar novamente, mas teve que aceitar a sua indicação como candidato. Foi realmente eleito, mas teve uma apreciada oposição, pois seu adversário, Sr. Julius Probst, obteve grande quantidade de votos. No ano de 1911, Schrader fez uma viagem a Alemanha e me nomeou seu substituto. Nesse ano, começo de outubro, veio a grande enchente. As águas do Itajaí subiram a 16,70 metros acima do nível normal. Foi uma terrível enchente. Chegou à mesma altura da do ano de 1880, porém nesses 31 anos as áreas baixas também foram construídas, de forma que os prejuízos foram muito maiores do que da vez anterior. Governador Vidal Ramos Jr. veio a Blumenau e trouxe os primeiros socorros. O Congresso Nacional concedeu um auxílio de 1 mil *contos* de réis, os quais, porém, não foram utilizados nem para os reparos dos danos, mas para outros fins, como a Ponte do *Salto* que foi termimada com este auxílio.

Terminado o 3º período, não foi possível persuadir Schrader a aceitar novamente sua candidatura, estivera no cargo de 1903 a 1915. Mas prontificou-se a trabalhar pela vitória do candidato do partido. O outro partido havia indicado como seu candidato o Sr. Paul Zimmermann e este venceu por grande diferença de votos seu adversário, Sr. Louis Abry. Zimmermann fez um ótimo governo e muitos melhoramentos em prol do município. Foi reeleito duas vezes, mas não terminou o 3º período, pois veio a falecer.

Após a morte do Sr. Paul Zimmermann, assumiu as rédeas do Governo municipal Curt Hering, que ficou no cargo além de um período.



Blumenau, c. 1880

Final da Rua *XV de Novembro*. À direita, varandão com pilares, casa de negócio de Hermann Rüdiger (local do atual Edifício *Impala*). A casa em enxaimel é uma filial da firma *Salinger*. Defronte, seria construído o Hotel *Esperança*. Ao fundo, à esquerda, casa comercial de Frederico Guilherme Busch.

Ende der XV-Novembro-*Straße. Rechts, Veranda mit Säulen des Geschäftshauses von H. Rüdiger (heute Hochhaus* Impala*). Das Fachwerkhaus war eine Filiale der Firma* Salinger. *Auf der gegenüberliegenden Straßenseite wurde später das Hotel* Esperança *(Hoffnung) errichtet. Im Hg., links, Geschäftshaus F. G. Busch.*

EDIÇÃO / *HERAUSGEBER* E. CURRLIN ACERVO / *SAMMLUNG* A. J. SALATINI



O mundo inteiro toca as gaitas de boca *Hohner*. Por que? Porque estes instrumentos são únicos em pureza, força e estabilidade sonora, e significam o melhor do melhor. Testados brilhantemente em orquestras escolares e de clubes.



Blumenau, c. 1900

Final da Rua *XV de Novembro*. Casa de negócio de Hermann Rüdiger. Em 1º de janeiro de 1906, Rüdiger associava-se aos filhos. Demolida em 1962.

Ende der XV-Novembro-*Straße. Geschäftshaus von H. Rüdiger. Am 1. Januar 1906 ging Rüdiger mit seinen Söhnen eine Geschäftspartnerschaft ein. Niederriss im Jahr 1962.*

Edição / *Herausgeber* E. Currlin Acervo / *Sammlung* Mons. J. N. Abib

Mein Wohnhaus

oberhalb der Velha-Brücke, in welchem bisher Herr W. Scheidemantel wohnte, ist sofort zu vermieten.

Hermann Rüdiger.

Alugo minha Casa - próxima à ponte da *Velha*, habitada até então pelo Sr. W. Scheidemantel. Hermann Rüdiger.

Billig! Billig! Billig!

Das größte Lager

in

Spielwaren und Weihnachtsgeschenken.

H. Rüdiger & Söhne

empfehlen den geehrten Bewohnern von Blumenau und Umgegend ihr reichhaltiges Lager von

Weihnachtsgegenständen,

Geburtstags-, Hochzeits- und Paten-Geschenken

Uhren,

als: **Regulateure,** Wand-, Stand- und Weckeruhren mit und ohne Musik, Taschenuhren für Damen und Herren in Gold, Silber und Nickel, Uhrketten für Herren und Damen in verschiedenen Qualitäten und Preisen, Trau- und Schmuckringe, Broschen, Ohrringe, Hemden- und Manschettenknöpfe, sowie prachtvolle Halsketten in Gold und Silber.

Außer oben angeführten Sachen offerieren noch tausenderlei Gegenstände, passend zu Geschenken bei jeder Gelegenheit.

Für Wiederverkäufer bedeutender Rabatt.

Barato! Barato! Barato! O grande estoque de brinquedos e presentes de Natal. Hermann Rüdiger & Filhos.





Gelegenheits-Kauf.

Einem geehrten Publikum die ergebene Anzeige, daß ich, aus Deutschland zurückgekommen, ein Geschäft

im Hause des Herrn Lungershausen

eröffnet habe.

Um schnell zu räumen verkaufe ich zu äußerst billigen Preisen:

rein wollene schwarze Tuche, Buckskins, Flanells, wollene Damenkleiderstoffe, wollene Herrenhemden, wollene Kammgarne, wollene Tücher, rein leinene Blaudruckschürzen, halbleinene Frauenhemden, Tischwäsche, Handtücher, rein leinene und baumw. Taschentücher, Oberhemden, waschechte Kattune, Wolldecken, Pulver.

Abgezogene Taschenuhren und Uhrketten, Sonnen und Regenschirme, Taschenmesser, Vorlegeschlösser ꝛc.

Gustav Baumgart.

Blumenau, c. 1900

Casa mista nos arredores da Cidade.

Haus aus Holz- und Mauerwerk außerhalb der Stadt.

Photo B. Scheidemantel Acervo / *Sammlung* Rolf Gutberlet

Venda de Ocasião.
Comunico ao distinto público que após o meu retorno da Alemanha inaugurei um comércio na casa do Sr. Lungershausen. Para criar espaço, estou liquidando a preços extremamente baratos: tecidos pretos de pura lã, flanelas, tecidos para vestidos femininos, camisas masculinas de lã, fios de lã, aventais de linho, blusas femininas de semi-linho, toalha de mesa, lenços, etc. Relógios de bolso e correntes, sombrinhas e guardas chuvas, canivetes e cadeados, etc.
Gustav Baumgart.

A Grande Enchente

1880

De todas as enchentes da história de Blumenau – desde 1851 a 2011, a ocorrida entre os dias 22 e 23 de setembro de 1880 é considerada a maior de todas. No século XIX, a primeira enchente da Colônia ocorreu dia 15 de março de 1851. Entre os dias 17 e 20 de novembro de 1855, as águas subiram 50 palmos *(11,11m) além do nível normal do rio. Conta Dr. Blumenau em carta que, "tendo as águas subido 63* palmos *em 36 horas, resultou em prejuízos incalculáveis nas plantações, restando somente 1/3 de toda colheita". Casas e ranchos perdidos, a própria casa do Dr. Blumenau foi levada pelas águas. Depois, em 1862 e 1868, duas outras enchentes ocorreram, porém, sem as proporções da primeira. É unanimidade entre os historiadores que a de 1880 bateu o recorde em prejuízos e acúmulo de águas, chegando a 15,30m acima do nível normal do rio. Existem algumas poucas fotografias de Bernhard Scheidemantel que nos mostram a situação na* Rua das Palmeiras*. Em 1898, duas enchentes: entre 30 de abril e 1º de maio (12m); dias 24 e 25.12 (11m). Já no século XX, em 1911, as águas chegaram a 16,27m, mais catastrófica que a de 1880, porque 31 anos após muitas áreas baixas haviam sido ocupadas. Outras enchentes aconteceriam em 1927-28, 1948, 1954, 1957, 1961, 1973, 1975, 1981, 1983 (cidade submersa durante 10 dias, 15,37m), 1984 (6 e 7 de agosto, 15,67m). No século XXI, quando parecia que as represas construídas fossem atenuar estas tragédias, eis que em 2008 e 2011 novas enxurradas deixavam Blumenau e várias cidades vizinhas embaixo d'água.*

Transcrevemos a notícia do jornal joinvilense – Kolonie Zeitung, *de 9 de outubro de 1880.*



Blumenau, 1880

Rua das *Palmeiras*, após a enchente. Cem Jerivás *(Siagrus romanzoffiana)* plantados pelo Dr. Blumenau em 1873. Existiram ali durante 80 anos, quando foram substituídos em 1953 por Palmeiras Imperiais. Ao fundo, *Barracão dos Imigrantes*, Hotel *Schreep* e Casa *Meyer & Spierling*.

Palmenallee*, nach dem Hochwasser. 100 Jerivá-Planzen wurden eingesetzt von Dr. Blumenau im Jahr 1873. Diese Bäume standen hier 80 Jahre und wurden 1953 durch Königspalmen ersetzt. Im Hg., Einwanderer-Halle, Hotel* Schreep *und Geschäftshaus* Meyer & Spierling*.*

PHOTO B. SCHEIDEMANTEL
ACERVO / SAMMLUNG ROLF GUTBERLET

Muitas vezes os leitores deploraram que este jornal divulgava muito raramente, notícias da Colônia Blumenau. Agora chegam notícias, muito tristes, de acontecimentos trágicos! A Colônia Blumenau foi atingida por uma grande desgraça. Depois de vários dias de chuva, imprevista e inesperadamente, na madrugada de 22 para 23 de setembro, sobreveio um verdadeiro dilúvio, desabando com tal intensidade, que o Itajaí subiu de forma tão assustadora e com tamanha rapidez jamais vista, atingindo uma altura de 14,6 m (ou 15,3 m) acima do nível normal, em consequência, um grande número de pessoas conseguiu salvar somente a própria vida.

Como poderíamos descrever a tragédia, por onde começar com o relatório deste horrível acontecimento? É difícil, porque as plangentes notícias, desde o dia do desastre, continuam chegando procedentes das localidades mais afastadas da Colônia! A seca que reina em várias regiões, e sobre a qual nenhum jornal europeu até hoje divulgou, repercutiu aqui, provocando efeitos diametralmente opostos. Nenhum dos episódios, descritos nos relatórios publicados, deixou de comover profundamente todos quantos deles tomaram conhecimento e estamos testemunhando toda a tragédia.

Vidas humanas, perdidas de maneira dramática, faziam com que, tanto as pessoas que sempre se relacionaram amigavelmente, bem como as que eternamente divergiram e se hostilizavam, se solidarizassem ante o desespero de assistirem à destruição de seus lares e das plantações arrancadas. Muitas casas, moinhos e outras instalações foram totalmente arrastadas pelas águas.

Ainda não é possível determinar o número de mortos e a grande quantidade de animais domésticos perdidos, bem como cabeças de gado. As principais regiões atingidas e com maiores prejuízos foram as de *Rio do Testo* e *Itoupava*, mas o centro da cidade também foi duramente afetado e suas casas comerciais sofreram grandes danos.

De madrugada, por volta de uma e meia, começou repentinamente o perigo na cidade, quando no início da noite, só se receava uma cheia, enchente moderada, como já aconteceu diversas vezes, em outras ocasiões, sem risco de alcançar as casas. Mas, a partir daquela hora, as águas não só subiam, mas rolavam em fantásticas avalanches. Os gritos de pedidos de socorro de pessoas em perigo e dos animais vivos, sendo arrastados pelo turbilhão das águas, ecoavam pela noite. E a escuridão tornava a tragédia ainda mais horrível. Com ansiedade era esperado o amanhecer por todos quantos conseguiam manter-se a salvo. Mesmo assim, o novo dia apenas traria um enorme trabalho de resgate, exigindo de todos tudo quanto a força humana pudesse alcançar. Queremos aqui fazer uma referência especial, manifestando o reconhecimento de todos quantos foram auxiliados, ao Capitão e à tripulação do pequeno vapor *Progresso* que, incansáveis e destemidos, socorreram aos que solicitavam, tanto na cidade como no distante *Garcia*, aonde iam buscar pessoas ilhadas e socorrendo-as, levavam-nas sãs e salvas até à Igreja Protestante. A eles, principalmente, se deve o fato de não se haver perdido vidas humanas no centro da cidade ou nas proximidades imediatas. Em direção das duas Igrejas, que foram erigidas em morros, dirigia-se, de toda parte, o cortejo dos que eram salvos e dos que conseguiam escapar da tragédia.

O vapor *Progresso* transportava para estes locais as pessoas resgatadas e, com o clarear do dia, todas as canoas, embarcações diversas e inimagináveis, assim como cochos, tinas, etc. de improvisados em embarcações, convergiam para aqueles locais de abrigo, onde encontravam proteção e asilo.

Padre Jacobs, auxiliado pelo Professor Pies, envidou todos os esforços possíveis, alimentando e cuidando daquelas pessoas enregeladas, tanto adultos como crianças, confortando-as e fortalecendo-os.

Por sua vez, Pastor Sandreczki, mesmo sendo também um flagelado das águas, com sua casa paroquial provisória submersa e ainda pouco conhecido em Blumenau, além de estar com sua esposa doente, auxiliava onde podia.

Desde bem cedo, ao amanhecer do dia 23, começou a romaria das pessoas flageladas às Igrejas – cerca de 200 para cada uma delas. As noites lá passadas são indescritíveis. O quadro pungente das crianças, todas bem juntinhas, não suficientemente protegidas contra o frio no chão de pedras, atingia profundamente o coração de todos e em especial das mães. Algumas famílias salvaram alguns pertences, enquanto outras ficaram completamente desprovidas.

Numa confusão terrível, estava amontoado naquele refúgio tudo quanto conseguiram juntar na última hora, ao sair de casa, perseguidos pela avalanche de água. Como lhes exigir calma?

Apesar das dificuldades, finalmente os flagelados conseguiram improvisar uma espécie de cozinha de campanha na Igreja Protestante, enquanto os jovens “pescavam” lenha na água barrenta, e então foi possível preparar uma sopa de farinha (pirão) e mais tarde preparar um café e, em seguida, o cozimento de arroz e uma canja de galinha. Toda a região de Blumenau era um imenso mar de água, com fortes correntezas. No centro da cidade, as águas quebravam e erguiam portas e janelas, tracionando móveis e objetos que eram levados em todas as direções e, quando chegavam à calha de escoamento do Rio Itajaí, eram sugados por suas ondas revoltas e carregados com velocidade incrível em direção ao mar. Estes objetos tragados pela correnteza do rio, quando não chegavam ao mar, eram quebrados ao ir de encontro a uma ilha qualquer ou iam parar nas margens. São perceptíveis alguns lugares onde se acumularam muitos móveis e outros objetos mais leves, que em seguida eram carregados novamente pela correnteza. Ocorreu também que mãos alheias quebraram caixas e armários, apoderando-se de seu conteúdo, em vez de devolvê-los aos seus legítimos donos.

Muitos moradores das margens do rio ainda conseguiram recolher, das águas, casas quase inteiras que serviram para consertar as suas próprias, semidestruídas pela enchente. O vapor *Progresso* navegava sobre cercas e casas. Nossa Rua das *Palmeiras* tornou-se uma via navegável para o referido barco, e as copas das palmeiras balizavam o rumo a seguir. Só no dia 26 de setembro é que as casas ficaram livres da água. Mas a lama e sujeira ainda hoje não foram de todo eliminadas. Nossa alegre Colônia está irreconhecível. Pastos e plantações estão cobertos por grossa camada de lama, e muitos lugares nada mais apresentam que um caos de destroços das edificações que ruíram, assim como utensílios domésticos, árvores arrancadas pelas raízes e uma massa enorme de detritos acumulados. Em verdade, já muitas mãos prestativas estão em ação para que tudo seja reordenado, porém, para que isso aconteça e se efetive, e afinal seja alcançada a completa normalização da vida na Colônia, muito tempo ainda transcorrerá. Estradas e pontes estão quase todas destruídas. Espera-se que o governo se sensibilize com esta situação e providencie o restabelecimento dos bens públicos, pois se depender unicamente do próprio esforço da comunidade, não será possível à Colônia, sem comunicação através de estradas, redimirem-se desta grande ruína.



Blumenau, 1880

Rua das Palmeiras, lado ocidental, onde está a *Casa da Direção*. No lado oposto da rua estavam o Hotel *Schreep* e a Casa *Meyer & Spierling*.

Palmenallee, *westliche Seite, Ort der* Kolonie-Direktion. *Auf der gegenüberliegenden Straßenseite befanden sich das Hotel* Schreep *und das Geschäftshaus* Meyer & Spierling.

Photo B. Scheidemantel
Acervo / *Sammlung* Arquivo Nacional, RJ

Aconteceram particularidades que comovem o coração. É o caso de uma mãe com cinco filhos que se refugiou numa colina nas proximidades de sua casa.

A colina ruiu soterrando-os, quando já se sentiam seguros. O pai da família, que trabalhava longe, no campo, ao regressar para casa, só o que ainda pôde fazer foi preparar a sepultura para a esposa e seus cinco filhos.

Outra mulher, ainda jovem, era arrastada pelo turbilhão das águas, sob as vistas do marido. Adiante um homem, sem esperanças, não conseguiu alcançar as mãos que lhe eram estendidas e tragicamente desapareceu tragado pela correnteza do rio. Uma família teve que fugir às pressas, sem poder levar consigo uma só peça de roupa para agasalhar uma idosa avó e também a jovem mulher, por todos responsável, que dava à luz a oitava criança, nestas circunstâncias de extrema penúria.

Outra perdeu tudo, só lhe restando a casa vazia. O rebanho e os porcos foram perdidos, pois não havia nenhuma elevação onde pudessem se refugiar. Assim, ficou aquele ativo e esforçado trabalhador, com toda a sua plantação destruída com a perda de vinte anos de trabalho, retrocedendo quase até as condições de quando começou.

Não se encontraria espaço suficiente para descrever tamanha miséria que atingiu tantas famílias. Grandes reservas de açúcar, farinha, araruta, milho, etc., perderam-se – perdas ocorridas em todos os lugares – mas honra seja feita à nossa população que, embora esteja deprimida, não perde o ânimo e a esperança de alcançar novos triunfos com redobrado trabalho – mesmo sabendo que, em primeiro lugar, é necessário atender ao estado precário de viúvas e órfãos que ficaram sozinhos, perdendo tudo quanto possuíam, até seus entes mais queridos e chefes de famílias. A estas criaturas urge, em primeiro lugar, que se lhe estendam as mãos.

Para tanto, foi constituída uma comissão que iniciou trabalhos de assistência, bem como, sem demora, receberam as primeiras manifestações de solidariedade procedentes da Colônia Dona Francisca e de Desterro.

Memórias de Erna Deeke Hosang relativas à enchente de 1880.

Tradução de Antonio Walter R. Junior, in *Blumenau em Cadernos,* agosto de 1993.

Era uma noite muito escura, chovia já alguns dias. De repente uma trovoada! Relampejava; vinha um trovão após o outro. Como aos cântaros vinha a água do céu. O filho do August, o velho e o jovem, moravam no rio da *Luz*. Os colonos fugiam, pois o rio não suportava mais o volume de água crescente que já transbordara e corria através das ruas, nas casas e celeiros, arrastando tudo o que estava nos terrenos baixios. Os filhos de August tiveram que subir em cima da mesa da casa. A água era tão forte que levava tudo: pequenos pássaros, galinhas, pintinhos, ninhos de passarinhos, porcos e chiqueiros. A chuva recomeçou. Os colonos alemães foram instruídos a seguirem para áreas mais altas. As casas foram fechadas. Se algum animal selvagem viesse, seria abatido: cobras, tamanduás, porcos-espinhos, etc. Continuava a trovejar e chover. Os sapos-bois faziam muito barulho; os porcos-espinhos gritavam. O avô construíra uma escada com grandes bastões de madeira muito dura, com um bom cipó. Através desta escada podíamos subir ao telhado para ver as goteiras. As telhas eram tocos de madeira, aliás, de boa qualidade. Porém, chovia através delas. Nossos bisavós moravam mais para cima. As lanternas de óleo estavam sempre preparadas para funcionarem; também as lamparinas.

A chuva continuava a cair; eram já bem 2 ou 3 horas da manhã. Estava tudo escuro. Cada um de nós pegou uma boa lanterna e seguimos para ver como estavam as mulheres e suas crianças. A água ia até ao joelho; passavam por nós baldes de ordenha, panelas, tonéis de manteiga, pequenos bancos, porcos, galinhas, bezerros – tudo numa gritaria só! As casas já estavam com um metro de água e as mães com suas crianças sentadas sobre as mesas. Havia água nas camas. Agradeceram por encontrar todos vivos. No dia seguinte tudo foi recolhido novamente: os tonéis de manteiga, os baldes de ordenha, os soquetes, os pilões, etc. Passado meio ano chegou um vapor da Alemanha trazendo ajuda para a construção de casas novas. Foram cortados cipós para a construção de cercas. Nesta ajuda também chegara tecidos de linho para fazermos nossas roupas. Assim, após a enchente, a vida continuou normal na nova economia doméstica.

Era 1880. Friedrich Deeke e Christiane Johanna Krohberger moravam com sua família em Blumenau, onde hoje estão as dependências do Teatro *Carlos Gomes*. Era uma colina e para o lado, mais acima, estava o *Peterskanal* / *Canal do Petters*. Próximo, moravam novos pioneiros, o marido, sua esposa e uma filha de mais ou menos 12 anos de idade. Eles falavam um alemão engraçado, muito cômico; por isso, minha avó não conseguia conversar bem com eles. Eram, creio, da Saxônia (Alemanha). Suas vestimentas eram muito meticulosas, geralmente vermelhas, muito rebuscadas, com pregas e bordados; as blusas rendadas e com gregas; os aventais bem franzidos, com um bom laço, tudo de primeira qualidade. Viviam muito bem. Passado um ano aqui eles tinham uma simpática e confortável casa, muitas louças de primeira qualidade, assim como talheres, xícaras, enfim, tudo que haviam trazido da Alemanha em boa ordem. Ao lado da casa havia uma grande floresta.

Veio então a enchente de 1880. Felix Deeke tinha 15 anos de idade. Junto a outros, cortaram algumas árvores "Maria mole" para construir canoas. Assim, poderiam salvar pessoas, saindo pelo ribeirão *Garcia*, onde está a colina do Cemitério Evangélico. Esta enchente durou em torno de uma semana, até que o nível das águas baixasse. Felix e seu avô foram, então, ver como estava sua casa da colina. Estava salva, porém, nas partes baixas, bastante alagada. Tiveram que esperar ainda alguns dias para que pudessem voltar para ela. Depois, foram ver como estava a casa do vizinho, que tinha sido arrastada. Felix disse ao avô: "- Papa, onde está a casa do Batcha?". A família tinha um nome semelhante a Batschauer. Procuraram através de lama e entulho a não acharam nada. Foi quando o avô imaginou que pudesse estar no *Monte* (Hospital Católico). Resolveram, então, deixar para o dia seguinte, quando iriam com mais gente. Encontraram uma grande árvore, cheia de entulho e lama. De repente, Felix viu algo preso na árvore e chamou por todos: " – Fides, Marie, Papa, Mama!" Lá, no topo da árvore, estavam todos bem amarrados: no galho mais alto, a filha, bem presa ao seu próprio avental; também a esposa; o marido, também amarrado em seus suspensórios. Todos mortos. A água alcançara a árvore. Eles, certamente, sentiram que estariam mais salvos sobre árvore do que sobre o telhado da casa. Para segurança, todos se amarraram; porém, tudo foi em vão. Os três foram sepultados no cemitério da colina. Alguns anos depois foram plantadas três palmeiras reais no local, que lá ficaram por mais de um século. Felix havia se apaixonado por esta linda menina loira, de tranças. "- Não, não!! Foi horrível! Penso sempre nos três amarrados no topo da árvore. Que destino triste teve esta boa gente...", dizia ele.



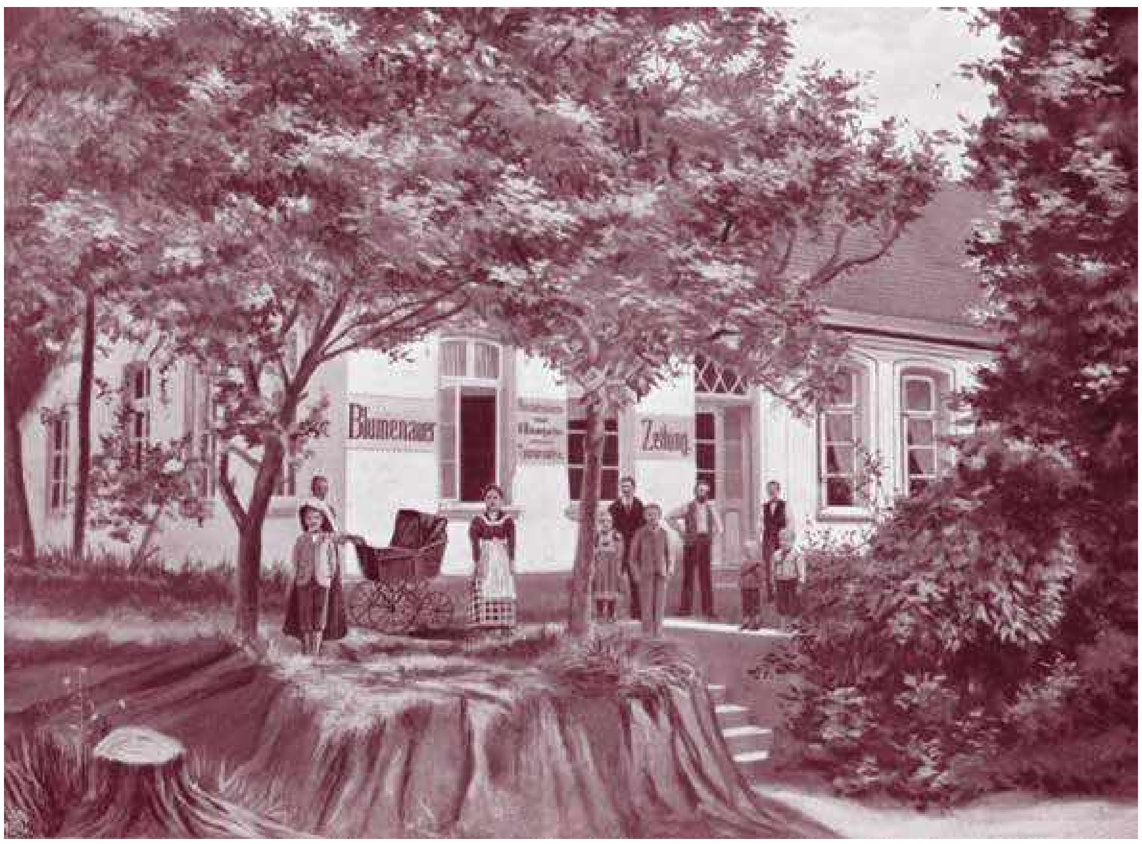
Os Primeiros Jornais

1881

José Ferreira da Silva é o mais importante historiador de Blumenau! Nascido em Tijucas, 16 de janeiro de 1897, faleceu, tragicamente, num acidente de automóvel, em 30 de dezembro de 1973, após 10 dias em estado de coma. Graças a seu obsessivo interesse em manter viva a memória da antiga Colônia, sobretudo através da criação do Blumenau em Cadernos*, desde 1957, é que podemos hoje nos valer de subsídios para compor um mosaico da Cidade. Foi casado com Ana Ferreira da Silva e teve cinco filhos: Érico, Zenaide, Zélia, Luis e Ana Maria. Professor, Jornalista e Político. Em todas estas atividades sempre exerceu profundo interesse pelo social, daí podermos dizer ter sido ele um humanista do mais alto grau. Como político, foi eleito Vereador em 1935, Presidente da Câmara pelo* Partido Integralista. *Em 1936, articula-se com Victor Konder, Curt Hering, Frederico Kilian, Theodor Lüders e P. C. Feddersen, todos membros do* PRC (Partido Republicano Catarinense)*, para a formação do* Instituto Histórico e Cultural do Vale do Itajaí. *Com o golpe do* Estado Novo*, em 1937, foi nomeado Prefeito, no lugar de Alfredo Stein, ficando no cargo até 1941. Passou a década dos 40 fora de Blumenau (Rio e Curitiba), onde escreveu vários livros. Em 1950 foi convidado por Frei Ernesto Emmendoerfer para fazer parte da realização do* Livro do Centenário. *Nesta ocasião escreve a ópera* Anita Garibaldi*, com música de Heinz Geyer. Em 1970 recebeu da República Federal da Alemanha a comenda da* Ordem do Mérito*, no grau de Grande Oficial. Também neste ano assumiu uma cadeira na* Academia Catarinense de Letras. *Publicamos excertos de seu livro -* A Imprensa *em Blumenau, referente aos primeiros jornais surgidos em Blumenau:* Blumenauer Zeitung*;* Der Immigrant*,* O Município *e* Der Urwaldsbote.



José Ferreira da Silva
1897-1973





Blumenau, c. 1890

Rua *XV de Novembro*. Tipografia do *Blumenauer Zeitung* (em frente do atual Teatro *Carlos Gomes*).

XV-Novembro-*Straße. Druckerei der* Blumenauer Zeitung *(vor dem heutigen Theater* Carlos Gomes*)*.

Ed. SG in Leipzig

Acervo Livro 50 Anos de Blumenau
Sammlung des Buches 50 Jahre Blumenau



Fundada em 1850, a Colônia Blumenau até 1881 não teve Imprensa própria. Servia como órgão de divulgação dos principais acontecimentos que nela ocorriam o jornal *Colonie Zeitung*, de Joinville, cujo número de experiência (*Probenummer*) apareceu em 20 de dezembro de 1862.

Esse jornal, de pequeno formato (21,5 x 29,5 cm) tinha como editor responsável Dr. Ottokar Doerffel e a sua distribuição era feita pelo livreiro J. H. Auler. Aparecia aos sábados e tinha como subtítulo: *Anzeiger fur Dona Francisca und Blumenau / Anunciante para Dona Francisca e Blumenau*. O primeiro número deste jornal que durou quase um século saiu a 3 de janeiro de 1863. Em Blumenau, era correspondente do jornal Pastor Oswald Hesse, homem inteligente, de grande cultura e dotado de um estilo correto, sempre impregnado de humor. A ele se deve interessantes correspondências relacionadas com fatos e estatísticas de Blumenau. Por exemplo, a narração da partida dos Voluntários da Pátria, em número de 56 (primeira leva) para os campos do Paraguai, a 5 de outubro de 1865 e a do primeiro crime de morte verificado na Colônia, de que foi vítima o oficial húngaro Michael Klempa, assassinado por seu colega de farda István Geöcze de Szendröi. (NR: levado a júri, Szendröe foi absolvido por falta de provas).

A idéia de um jornal blumenauense se concretizou em 1879 quando um grupo reuniu-se e, constituindo-se uma sociedade por ações, com um capital de 2 *contos* de réis, nomeou uma comissão de organização para angariar o capital e dar os necessários passos ao início das atividades.

As ações seriam de 20$000, que renderiam juros de 8% ao ano e resgatáveis, no máximo, em 5 anos. Uma portaria arrecadada seria entregue a Hermann Baumgarten, que deveria liquidá-lo no prazo estabelecido. O título do jornal a ser publicado seria *Blumenauer Zeitung / Gazeta Blumenauense* e custaria 5$000 a assinatura anual, sendo bissemanal e não pleitearia auxílio do governo. A redação do jornal seria entregue, provisoriamente, a Theodor Kleine Senior. Assinalaram a lista de adesões Wilhelm Scheeffer (4 ações); Hermann Blumenau (2 ações). Todos os demais, com uma ação: Hermann Hering Senior, Otto Freygang, *Fritz* Müller, Franz Lungershausen, Peter Hartmann, Dorothea Knoblauch, Johann Gieseler, August Keunecke, C. W. Roedel, Heinrich Krohberger, Moritz Holetz, Heinrich Koehler Jr., Gerhard Jansen, Louis Sachtleben, Peter Wagner, A. Germer, A. Hoppmann, Th. Eggers, Pe. J. Maria Jacobs, L. Beyer, A. D. Persuhn, Heinrich Clasen, Ludwig Hartmann, Gottfried Benz, Fr. Hoeltgebaum, C. Krambeck, Julius Heidrich, Julius Paupitz, August Müller, Ernst Weise, Fr. Engicht, L. Wegener, W. Seeliger, Jens Jensen, Franz Lange, Theodor Lüders, Johann Kroeger, Claus Rowen, Johann Karsten, Karl Glatz, Wilhelm Siewerdt, Wilhelm Kohlmann, Friedrich Klein, Hans Ehmke, Johann Krehnke, Wilhelm Peter, Hermann Priebe, Karl e Wilhelm Benhke, Hermann Ninow, Wilhelm Krahn, Friedrich Weege, Hermann Volkmann, Karl Draeger, Wilhelm Volkmann, Gottlieb Enke, August Fiedler, Otto Stutzer, Fr. Hostert, August Sutter, Johann Kluge, Goswin Zoz, Thomaz Flores, Dr. Koehler, Christian Rauh, Wilhelm Asseburg, Meldola Jr., Emil Gropp e Hermann Baumgarten.

O primeiro número deveria sair a 1º. de julho de 1880, porém, a remessa do material encomendado em Leipzig e a grande enchente de outubro postergaram o lançamento da folha para 1º. de janeiro de 1881. Com 4 páginas e tamanho de 30 x 39,5 cm, trazendo, sob o título, em belas letras gótigas, a indicação: Redator, Anton Härtel e Editor, Hermann Baumgarten. Aparecendo uma vez por semana, aos sábados, ao preço de 7$000 réis por ano e 2$000 réis por semestre – pagamento adiantado. Os anúncios custavam 80 réis a linha. Tinha agentes em Brusque, Itajaí, Joinville, Desterro, Rio de Janeiro e também em Hamburg (Alemanha).

Hermann Baumgarten era filho de Julius, pioneiro chegado em 1853. Nasceu em 4 de abril de 1856, fez seus estudos primários na Escola Pública de Blumenau, com o Prof. Harthental. Depois seguiu para Porto Alegre e Rio de Janeiro, cidades onde aprendeu a arte tipográfica. De regresso a Blumenau montou uma pequena tipografia. Mas seu objetivo era fundar um jornal. Dr. Blumenau, durante todo este tempo em que assistira a Colônia não via com bons olhos a idéia de um jornal para seus colonos. Se de um lado esta atitude era reprovável, de outro foi altamente proveitosa à ordem e disciplina da Colônia. Os anos que se seguiram à publicação regular do *Blumenauer-Zeitung* vieram dar-lhe razão. As atividades políticas desse jornal, embora voltadas exclusivamente para a defesa do bom nome da Colônia e dos interesses dos seus moradores, provocou a fundação de outro jornal, o *Immigrant* , e, dos debates entre as duas folhas, nasceram discórdias, lutas sérias, ataques à moral e à dignidade dos contendores e dos seus adeptos.



E foi, certamente, prevendo isso tudo, com a sua extraordinária capacidade de análise dos homens e da comunidade fundadora do primeiro jornal blumenauense, Dr. Blumenau apôs à sua firma a restrição *bedingt* (condicionalmente).

Mesmo assim, pressionado, sem dúvida, pela maioria dos homens responsáveis da Colônia que acabara de ser emancipada e que ia iniciar sua vida com a parcela administrativa autônoma da Província, Dr. Blumenau efetuou o pagamento das ações subscritas. Entretanto, já em 7 de janeiro de 1881, poucos dias depois do aparecimento do primeiro número do jornal, ele recebia, de volta, o dinheiro que emprestara.

A vida de Hermann Baumgarten se confundiu com a vida do jornal, pelo qual se debateu até sua morte repentina em 6 de fevereiro de 1908. Casado com Maria Deeke, filha de Friedrich Deeke, também ligado aos fastos blumenauenses como destemido e prudente auxiliar do Dr. Blumenau na administração da Colônia, comandante que fora da Guarda de Batedores de Mato, Hermann teve os seguintes filhos: Alfred, Lina, Hermann, Julius, Frieda e Richard. Os rapazes, todos eles iniciaram-se na arte tipográfica, sob a orientação paterna, mas apenas dois deles, Julius e Hermann, mantiveram-se na direção do jornal até que este deixou de ser publicado. Alfred dedicou-se depois à fotografia e chegou a filmar a Cidade nos anos 20; Richard mudou-se para São Paulo onde se fez proprietário de uma fábrica de tecidos.

Como jornalista, Hermann Baumgarten foi arrastado para a política e o *Blumenauer-Zeitung* passou a ser órgão do seu partido e, nessa condição, o seu comportamento foi de uma coerência, de um desassombro, de uma coragem, dignos de registro e de admiração. Mal lançado à publicidade, o *Blumenauer-Zeitung*, já sob o signo do seu destino, teve que entrar em combates, às vezes violentos, indesejados e indesejáveis, como o que os trabalhos da *Comissão Antunes* deram causa, já no primeiro e no segundo ano de existência do jornal.

Em virtude da enchente de 1880, o Governo Imperial nomeara uma Comissão de Engenheiros para, não apenas proceder ao levantamento dos prejuízos causados aos particulares e às obras públicas e avaliá-los, mas, igualmente, proceder aos reparos e substituições que se fizessem necessário.

Entretanto, essa Comissão nem sempre


Blumenauer Zeitung
Organ zur Förderung der wirtschaftlichen Interessen Blumenaus.
Santa Catharina — Brasilien.
1881 — Blumenau, den 1. Januar — 1931
50 Jahre Blumenauer Zeitung.
"A preponderância nos meios de comunicação era do *Blumenauer Zeitung* e não do *Der Urwaldsbote*. Este, era elitista, enquanto o outro, popular e de bem maior penetração".
Niels Deeke

agiu com a imparcialidade e a lisura que o governo e a população dela esperavam. Houve reclamações e com tal intensidade cresceu o descontentamento que as coisas assumiram séria gravidade, tendo até a população de *Warnow* sido forçada a agir com violência contra pagadores da referida Comissão.

Nessa questão, o *Blumenauer-Zeitung* não pôde permanecer indiferente. Com a cooperação de intelectuais, como Dr. *Fritz* Müller e outros, assestou baterias contra a atuação da *Comissão Antunes* e contra aqueles que, movidos por interesses pessoais a apoiavam. Da simples crítica, embora severa, dos atos e desmandos da Comissão, o assunto transbordou, por iniciativa dos adversários, para o terreno das retaliações pessoais, principalmente depois que, em 5 de abril de 1883, veio a luz o segundo jornal blumenauense, o *Immigrant*, dirigido e inspirado pelo grupo que apoiava a Comissão. Então, já havia sido instalado o Município e empossada a sua primeira Câmara, eleita nos fins do ano anterior. A luta entre o *Blumenauer-Zeitung*, a *Comissão Antunes* e o *Immigrant*, tomou, então caráter político e não cessou senão com o desaparecimento da própria Comissão, que foi extinta pouco depois. A esse período de agitações seguiram-se poucos anos de relativa calma, embora os dois jornais viessem, de quando em quando, a travar novos debates em torno de assuntos dos interesses municipais em jogo.

A proclamação do regime republicano no país veio criar novas dificuldades ao jornal e aos seus diretores. Professando idéias liberais, mesmo na Monarquia, não poderiam elas deixar de abraçar, com entusiasmo, a causa da República e foi com verdadeira alegria que saudaram, em vários editoriais, a aurora do 15 de novembro de 1889.

Disso resultou que velhos amigos lhe voltaram às costas, enquanto inimigos de ontem retornaram às fileiras dos seus colaboradores. Novos homens surgiram no cenário político local e Blumenau assumiu, no Estado, a liderança da oposição ao governo do Tenente Machado e do movimento florianista. Isso custou à população de Blumenau, horas de amargura e de sobressaltos. E o *Blumenauer-Zeitung*, como um legítimo e desassombrado paladino das boas causas, aparecia nisso tudo com um ardor e um destaque tais, que bem caro lhe iriam custar.

Veio a revolução de 1893. Blumenau, por duas vezes, viu as tropas de Pinheiro Machado e as dos *maragatos* atravessarem o seu território. O 28 de julho e o 30 do mesmo mês assinalaram dois feitos gloriosos dos blumenauenses em armas, em defesa da legalidade.

Mas quando os federalistas, vencidos no combate de Itajaí, retornaram à Blumenau para, daqui, rumarem para o Paraná, além de cometerem outros atos de vandalismo, empastelaram toda a tipografia do *Blumenauer-Zeitung*, carregando o que puderam e jogando ao rio o que não foi possível transportar. A casa de residência de Baumgarten foi depredada e saqueada.

Só assim, pela brutalidade dessa violência, foi possível fazer calar, por algum tempo, esse desassombrado órgão da Imprensa.

Serenada a tempestade política com a vitória de Floriano Peixoto, Hermann Baumgarten procurou reunir, em Itajaí e Desterro, para aonde haviam sido levados os restos do material de sua tipografia. Mal pôde, entretanto, arrecadar umas peças da sua grande impressora, alguns fardos de papel e nada mais. O que sobrou das máquinas ele vendeu, como ferro velho, por 253$000 (pouco mais de 25 centavos atuais).

Vieram-lhe, entretanto, em auxílio os seus amigos de sempre, especialmente o então já governador do Estado, Dr. Hercílio Pedro da Luz, podendo assim, o *Blumenauer-Zeitung*, com o seu número de 18 de maio de 1895, retornar a sua carreira heróica e gloriosa.

Por ocasião do aparecimento dessa edição, que vinha em formato um pouco maior do que tomara em 1889 (35 x 50 cm) quando, a 12 de outubro, deixa de figurar no cabeçalho o nome de Anton Härtel como redator, e ao alto da primeira coluna o jornal publica, em português e alemão: "Agradecimento. O *Blumenauer-Zeitung*, em seu reaparecimento, torna, com prazer, público, um voto de agradecimento ao Dr. Governador Hercílio Pedro da Luz, aos representantes federais do Estado e aos chefes do Partido Republicano em Blumenau pelo poderoso impulso que deram para a reconstrução desta folha".

Em artigo, também nos dois idiomas, explicam-se as razões do desaparecimento forçado e constam-se os passos que foi preciso dar para restabelecer a publicação do jornal. A partir daí, o *Blumenauer-Zeitung* entra num novo período de tranquilidade, não fossem as turras com o *Der Urwaldsbote*, jornal que substituira o *Immigrant* e que, depois que passara da direção do Pastor Hermann Faulhaber para as do grupo Feddersen e para a redação de Eugen Fouquet, tomara o caráter de órgão político e, como tal, não perdia ocasião de contrariar as opiniões do seu concorrente. Durante toda a existência dos dois jornais, eles nunca chegaram a ter relações pacíficas duradouras, o que, em muitos casos, não deixou de trazer benefícios à coletividade. Períodos houve, como durante a campanha política de Bonifácio Cunha e Paula Ramos contra o grupo Feddersen e Otto Stutzer, em que as desavenças entre os dois jornais tomaram caráter violento, descambando, às vezes, para o terreno das retaliações pessoais.

Pouco depois do *Blumenauer-Zeitung* completar 25 anos de existência, fato que foi comemorado com um número especial a 18 de maio de 1907, pois que foram descontados os meses em que sofrera a paralização de 1894, Hermann Baumgarten falece, repentinamente, a 6 de fevereiro de 1908.

Nesse ano e pressionados pela crise econômica resultante da pavorosa enchente de 1911, que se constituiu numa das maiores calamidades que o Município já tem sofrido, os proprietários do *Blumenauer-Zeitung*, a viúva e os filhos de Hermann Baumgarten, viram-se na contingência de concordarem com a incorporação do seu jornal ao grupo Feddersen-Stutzer.

Sob as novas condições editoriais, apareceu o *Blumenauer-Zeitung*, em seu nº 48, do 31º ano, redatoriado por Theodor Lüders, impresso em papel acetinado, com vistoso título em clichê com a efígie da República e motivos da Cidade, em gravura e com o subtítulo: "Órgão para o progresso dos interesses agrícolas de Blumenau". Na primeira página publica os clichês do Dr. Blumenau, Lauro Müller e Vidal Ramos, com artigo em que explica a nova situação do jornal e a orientação que lhe fora dada, distanciada de quaisquer querelas políticas ou injunções partidárias e voltada, exclusivamente, para a defesa dos interesses agrícolas da comunidade.

Em maio de 1914, volta a ser redator Karl Härtel. Com a edição de 10 de agosto desse mesmo ano, torna a ser bissemanário e, com a de 8 do mesmo mês e ano, deixou de usar o vistoso cabeçalho para voltar ao título, em letras góticas, que adotara desde quase os primeiros números. Veio, entretanto, a 1ª Guerra Mundial. Apesar das medidas de precaução tomadas pelo governo em relação aos núcleos de colonização alemã, em Blumenau não houve maiores entraves e o *Blumenauer-Zeitung* continuou a sua publicação, em língua alemã, até que, com o afundamento do vapor brasileiro *Macau*, torpedeado pela marinha alemã no Golfo de Biscaia, o Brasil declarou guerra à Alemanha. Foram proibidos os jornais em língua alemã. E o que deveria ser o no. 85 do 36º. ano do *Blumenauer-Zeitung* surgiu como o 1º. número do ano 1º., da *Gazeta Blumenauense*, inteiramente redigido no idioma nacional. Trazia na primeira página, amplo noticiário do afundamento do *Macau* e sobre a declaração de guerra e, no espaço destinado ao noticiário local, esta expressiva nota aos leitores: "Estando declarado o estado de guerra entre o Brasil e a Alemanha, o Governo Brasileiro decretou imediatamente a suspensão dos jornais publicados em idioma alemão em todo o território da República. Acatamos prontamente esta determinação do nosso Governo, não deixando sair a edição de terça-feira, que já se achava pronta. Para tornar conhecidos do público os editais, a fim de que a nossa população ordeira possa cumprir extatamente a lei, no que ela tem timbrado até agora, e para desmentir boatos infundados e malévolos, resolvemos realizar uma velha e justa aspiração nossa: publicar em Blumenau um hebdomadário escrito em língua portuguesa. Tipografia Baumgarten."

Em 1919, terminada a guerra, o *Blumenauer-Zeitung* voltou a ser publicado em língua alemã e os anos que se seguiram foram de relativa calma, sem incidentes de maior monta que lhe alterassem a já histórica caminhada.

Em 1931, com um número especial em que colaboraram alguns dos seus antigos redatores, o *Blumenauer-Zeitung* completou seu jubileu. Encontrava-se, então, redatoriado pelo Dr. Friedrich Kaspareck, depois de o ter sido, durante vários anos por Alfred Baumgarten e, entre maio de 1923 e setembro de 1924 pelo Barão Hans Adalbert von Maltzahn.

Em 1938, a 2 de dezembro, premido pelas circunstâncias oriundas das medidas tomadas pelo Governo Federal, no sentido de apressar a nacionalização do Vale do Itajaí, o *Blumenauer-Zeitung* encerrou a sua gloriosa carreira.

O *Immigrant*

O 2º órgão da Imprensa blumenauense surgiu em abril de 1883, quando o primeiro, o *Blumenauer-Zeitung*, ia já no terceiro ano de publicidade. A questão da *Comissão Antunes* e o fato destes serem adeptos ao Partido Liberal, que pouco antes havia assumido o poder no Império, levou este novo jornal a debater a questão política com o *Blumenauer-Zeitung*, que era ligado ao Partido Conservador. Quase todos os funcionários públicos tinham sido escolhidos nas fileiras liberais: Paul Schwarzer, Elesbão Pinto da Luz e outros começaram a aparecer na crista dos acontecimentos e das manobras políticas. C. W. Friedenreich, que se tornara sogro do Dr. Antunes, com o seu prestígio de um dos imigrados, fundadores da Colônia, de homeopata e de parteiro, que, incontestavelmente, pelo seu trabalho, pelas suas iniciativas e pela sua inteligência, dera assídua e leal cooperação ao Dr. Blumenau, concorrendo, de modo muito eficiente, para o desenvolvimento da sua empresa, conquistara, para a causa do genro e dos liberais, muitos amigos, entre os quais o sábio *Fritz* Müller.

IMMIGRANT

Wochenblatt für die Interessen der Bevölkerung des Itajahygebietes und dessen Besiedelung.

2. Jahrgang. | Blumenau, den 2. Januar 1884. (Provinz Santa Catharina, Süd-Brasilien.) | Beilage No. 1.

Der verunglückte Rauchversuch.

Herr Saughuber hat seinen Freunden in der Sylvesternacht eine Punschpartie gegeben, und beabsichtigt nach Entfernung seiner Gäste, sich noch eine Cigarre anzuzünden.



nach W. Busch.



Eugen Fouquet,
1º redator-chefe
do *Der Urwaldsbote.*



Kurt Prayon,
2º redator-chefe
do *Der Urwaldsbote.*



Viktor Schleiff,
3º redator-chefe
do *Der Urwaldsbote.*

IMMIGRANT
Jornal semanário pró-interesses da População da região do Itajaí e de sua Colonização. Blumenau, 2.1.1884.

A Tentativa Desastrada de Fumar. O senhor João Sugador ofereceu aos seus amigos uma festa de quentão na virada do ano. Após a despedida dos seus amigos ele tenta acender um charuto.

Segundo W. Busch
Nach W. Busch

Fritz Müller, anteriormente, pelas colunas do *Blumenauer-Zeitung* combatera vivamente os trabalhos da *Comissão Antunes*, fazendo coro com os demais conservadores. Não se sabe bem porque se bandeara para o outro lado. É possível que a amizade que o ligava a Friedenreich, que era, também, entomólogo, tivesse concorrido para isso.

Formara-se, assim, um grupo que, dos simples comentários em rodas diárias, passou a pensar seriamente na maneira de fazer frente aos constantes ataques do órgão conservador, fundando um novo jornal. Bernhard Scheidemantel, proprietário de uma excelente oficina de litografia e tipografia prontificou-se a editar o jornal.

E, realmente, em abril de 1883, surgia o primeiro número do *Immigrant*. Era um jornal bem feito, aberto em três colunas de página, formato 21 x 45 cm, trazendo no cabeçalho, além do título em caracteres de 2,5 cm, de alto, os seguintes dizeres: *Wochenblatt für die Interessen der Bevölkerung des Itajahy Gebietes und dessen Besiedlung / Semanário dedicado aos interesses da população da região do Vale do Itajaí e das suas Colônias*. Editor: Bernhard Scheidemantel. Aparece todas as quartas-feiras e custa 7$000 réis por ano e 4$000 réis por semestre. Fora do Município: 8$000 réis. Pagamento adiantado. Ataques pessoais não serão levados em consideração. Número avulso: 160 réis.

Para a Alemanha, assinatura 18 *marcos*; para a Áustria-Hungria, 10 Fl.; para a Suíça, 22 *francos* e para a América do Norte, 4 *dólares*.

As 4 páginas principais eram destinadas aos noticiários; havia as variedades, anúncios, literatura, etc. Redigiam o jornal, além de Bernhard Scheidemantel, *Fritz* Müller e Paul Schwarzer. Karl Wilhelm Friedenreich foi seu redator-chefe desde a fundação até que Scheidemantel assumiu o posto.

Grande parte destes jornais foram consumidos pelo incêndio de 1958. Scheidemantel era homem de opinião e de austeros princípios. Após os primeiros anos de publicação do jornal ele vivia desgostoso com essas lutas, que para mais nada serviam que exasperar os ânimos políticos das duas facções e lançar a semente da discórdia, dos desentendimentos entre a própria população do Município. Tal descontetamento agravou-se com o surgimento, em 1891, da séria contenda entre membros da Comunidade Evangélica sobre o assunto da alteração dos estatutos comunais. Wilhelm Scheeffer batia-se pelas alterações, *Fritz* Müller constestava essas razões de maneira sarcástica. Scheidemantel procurou por todos os meios manter o seu jornal longe dessa luta que apaixonara, realmente, a população, na sua grande maioria Protestante, do Município. Até que um dia resolveu acabar definitivamente com seu jornal, o que aconteceu em abril de 1891.

O Município

A situação política, em Blumenau, como em todo o Estado de Santa Catarina, atravessava momentos difíceis, desde a renúncia do marechal Deodoro e a consequente ascensão do marechal Floriano Peixoto à presidência da República, em novembro de 1891. Os governadores dos Estados que haviam hipotecado apoio ao primeiro presidente, foram depostos ou forçados a renúncia.

Lauro Müller teve que passar o exercício do cargo ao comandante da Guarnição Federal em Desterro, Major Firmino Rêgo. Este, em seguida, transferiu o poder a uma Junta Provisória que dissolveu o Congresso Representativo, o Tribunal de Justiça e as Intendências Municipais. Em março de 1892, assumiu o governo o interventor federal, Tenente Manoel Joaquim Machado que, convocada nova constituinte, conseguiu eleger-se governador do Estado.

Blumenau manteve-se fiel a Lauro Müller, no que contou com o dedicado apoio dos municípios de Brusque e Tijucas. Comandavam os republicanos blumenauenses e a resistência ao governo florianista, Bonifácio Cunha, Hercílio Luz, Paula Ramos e outros.

A política dúbia do marechal Floriano, face à situação em Santa Catarina, deu causa aos episódios mais contraditórios e violentos. Opondo-se, por todos os meios e modos, às decisões da Junta e do Tenente Machado, Blumenau chegou a pegar em armas e a depor, pela violência, o governador em exercício, Eliseu Guilherme, empossando, em seu lugar, embora por algumas horas apenas, Dr. Hercílio Pedro da Luz, proclamado pela Câmara Municipal de Blumenau, em memorável sessão, Governador do Estado de Santa Catarina.

Foi em meio a toda essa confusão política e quando governava o Município e a Intendência presidida por Franz Faust e composta por outros ferrenhos *maragatos*, duramente combatidos por esmagadora maioria da população, que surgiu o 3º. órgão da Imprensa blumenauense. *O Município* veio à luz em 18 de junho de 1892. Era redigido em alemão e português e órgão oficial da administração municipal. Surgira das dificuldades encontradas pela Intendência para a publicação dos seus atos oficiais. O único jornal que então se editava, o *Blumenauer-Zeitung*, porta-voz dos republicanos locais, era ferrenho adversário da Intendência e combatia, violentamente, os principais dos então intendentes. Possivelmente, nem mesmo mediante pagamento, publicaria os atos de uma administração que tinha por arbitrária e ilegal. Pouco poderemos informar sobre esse jornal, de vez que não nos foi possível examinar todas as suas edições. Só há um número dele no Arquivo Municipal. Sabemos, por outras fontes, que foram publicados, no mínimo, 32 exemplares.

A assinatura anual custava 4$000 réis e era impresso nas oficinas de Bernhard Scheidemantel, na atual Rua *Alwin Schrader*. Desapareceu em março de 1893, para dar lugar ao segundo *Immigrant*.

O Segundo *Immigrant*

Em março de 1893, quando mais acesas iam, em Blumenau e em todo o Estado de Santa Catarina, as dissenções políticas, prenunciadoras de tempestades que se



Rogamos às pessoas que receberem o presente número de jornal e não tiverem a vontade de ler, o obséquio especial de devolvê-lo!

desencadeariam, nos Estados do sul, com a revolução federalista, surgia em Blumenau um novo jornal. Era o *Immigrant*, título que já havia servido ao semanário fundado por Bernhard Scheidemantel, em 1883, e que fora publicado, com regularidade, durante 8 anos seguidos, até 1891.

Sob a direção de Paul Stelzer, o novo jornal nascera para substituir o *Município* e, como este, defender a causa dos federalistas. Uma causa ingrata e inglória, principalmente em Blumenau, onde a quase totalidade da população simpatizava com os ideais republicanos, prestigiando os seus próceres na região e o órgão que lhes defendia a causa, o *Blumenauer-Zeitung*.

Desde os seus primeiros números, esse segundo *Immigrant* entrou em árduas pelejas com aquele jornal, saindo-se às mais das vezes, muito desairosamente dos embates. Porque aparecido num meio hostil às idéias que defendia e, consequentemente, sofrendo restrições de toda sorte, principalmente as de ordem financeira, o *Immigrant* não pode manter-se senão escassos 3 meses.

Os proprietários, sentindo-se desapoiados, desprestigiados, aceitaram a proposta do Pastor Faulhaber, da Conferência Pastoral Evangélica, que se prontificara a adquirir o jornal para transformá-lo numa folha de orientação religiosa. O segundo *Immigrant*, iniciando-se em março de 1893, encerrava sua carreira em julho do mesmo ano. (...)

Der Urwaldsbote

Pastor Faulhaber deu o nome *Der Urwaldsbote / O Mensageiro da Selva* ao seu novo jornal. Dirigido e redatoriado pelo próprio Hermann Faulhaber, teve, de início, orientação exclusivamente religiosa, feito porta-voz dos anseios e interesses das Comunidades Evangélicas do Município e das escolas que as mesmas controlavam.

Faulhaber foi uma personalidade interessante, de marcante atuação na vida cultural de Blumenau. Desde que, contratado pela Comunidade da sede do Município, viera para cá em 1889, desenvolveu extraordinária atividade, digna de registro e de encômios.

Fundada a *Neue Schule / Escola Nova*, mais conhecida por *Escola Alemã*, foi seu incentivador por muitos anos. Neste posto, mostrou-se um verdadeiro mestre, no amplo sentido do termo. No ensino das matérias que escolhera, era de uma dedicação sem limites. Não procurava ensinar, apenas. Esforçava-se por fazê-lo da melhor maneira possível. Como naquele tempo a quase totalidade das crianças que frequentavam a *Neue Schule* só falava alemão, Faulhaber, para melhor entendimento dos seus alunos, escreveu uma *História do Brasil / Leitfaden fuer den Unterricht in der Geschichte von Brasilien*, que deu à publicidade, em língua alemã, em 1903 e que fora impresa em Bremen (Alemanha), editada à própria custa do autor. Foi, sobretudo, um grande admirador do Brasil, um coração devotadamente brasileiro. Na escola, como na igreja e na sociedade, não esquecia nunca o que devia, em estima, respeito e gratidão à Pátria que adotara e que era a de sua esposa e de seus três filhos. Quando voltou para a Alemanha ainda continuou a dar provas de seu amor pelo Brasil, assinando jornais e traduzindo livros brasileiros, como por exemplo, uma tradução muito esmerada da obra do Conde de Afonso Celso – *Porque me Ufano do meu País*, que teve larga difusão na Alemanha, onde mereceu várias edições consecutivas. Seguidamente Faulhaber era convidado para fazer conferências sobre o Brasil em colégios e entidades culturais alemãs, fazendo-o sempre com calor e sinceridade. Pois foi esse homem que, em 1893, adquiriu, em nome da Conferência Pastoral Evangélica, o segundo *Immigrant*, e, a 16 de junho de 1893 deu à publicidade o primeiro número de um novo hebdomadário – o *Der Urwaldsbote / O Mensageiro da Selva*, que viria a ser um dos mais aguerridos e discutidos periódicos em Santa Catarina.

Começou a ser impresso num prelo manual, de ano de fabricação de 1835, com capacidade de impressão de 200 exemplares por hora. O seu primeiro número, de pequeno formato, tinha 8 páginas e trazia, como mote, os seguintes versos:

Gerader Weg, gerades Wort / So will's dem Mann gebühren / Wer Ehre sich erwählt zum Hort / Den kann kein Schalk verführen.

Caminho reto, palavra certa / Deve ser de um homem a meta / Para quem a honestidade é bem supremo / Não há mal conselheiro que seduza.

Apesar de ter mudado de orientação, o jornal continuou propriedade da Conferência Pastoral Evangélica, até que, 1900, foi adquirido por um consórcio que, dentre os seus vários participantes, contava também com Gustav Arthur Koehler que, posteriormente, dele se tornou proprietário.

Eugen Fouquet, pai de Karl Fouquet, desde novembro de 1898 passara a figurar como redator-chefe do novo jornal. Descendente da família huguenote, emigrada da França para a Alemanha, Eugen Fouquet nascera neste último país e depois de bachalerar-se em Direito, em Berlin, emigrou para o Brasil em 1893, vindo para Blumenau. Já estava ali um antigo companheiro de escola, Richard Hinsch, que em *Salto Weissbach* tinha uma granja experimental e fábrica de vinhos de fruta. Fouquet tornou-se vendedor destes produtos e, como caixeiro-viajante, veio a conhecer, em Brusque, G. A. Koehler que, mais tarde, e durante toda uma existência, seria seu companheiro de Imprensa.

Em 1907, o jornal começou a ser publicado duas vezes por semana junto a um suplemento semanal em língua alemã e, em 1909, igualmente um suplemento em língua portuguesa, do qual foi redator Prof. August Buechler, lente da *Escola Alemã* e autor de uma gramática portuguesa para crianças de língua alemã. Vários suplementos especiais, editados na Alemanha, começaram a aparecer em meio ao jornal.

Em 1914, passou a administração do jornal com as respectivas oficinas para o prédio próprio, ainda existente, à Rua *XV de Novembro*. Três anos depois, festejava a 3 de julho seu 25º aniversário, já então como bissemanário e com formato aumentado. Uma edição especial fora lançada por esta ocasião. Porém, logo em seguida, com a declaração de guerra do Brasil à Alemanha, ele passou a circular com o nome de *Comércio de Blumenau*.

Terminada a guerra, o jornal voltou a circular em alemão a 23 de agosto de 1919. Em 1928 ele alcançava uma tiragem de 5.000 exemplares e adquirira uma nova máquina impressora, rotativa. Do formato anterior de 34 x 51 cm, passou para 38 x 70 cm – dos maiores do país.

Adoecido em 1927, Eugen Fouquet passou a responsabilidade para Kurt Prayon, subtituído, mais tarde, por Viktor Schleiff que, também como poeta e jornalista conquistou destacado lugar na Imprensa teuto-brasileira. Na gerência do periódico estava Paul Koch.

Eugen Fouquet faleceu em 9 de janeiro de 1937 e o jornal durou ainda alguns anos mais, até que em 29 de agosto de 1941, no seu 49º. ano de publicidade, com o decreto federal de proibição de jornal em língua alemã, o *Der Urwaldsbote* encerrava sua publicação. Entretanto, ainda apareceriam 8 números em língua portuguesa, sob o título de *Mensageiro da Selva*.



Trebbin (Alemanha), c. 1912

Família do Pastor Karl Hermann Robert Faulhaber (Posen, 1863 – Trebbin, 1920). Ao centro, Pastor Faulhaber; à sua esquerda, a esposa, Johanna Wilhelmine Victoria Elizabeth Alice Baumgarten (Blumenau, 1866 – Berlin, 1946). Segundo, da esq/dir: Julius Heinrich Roland Baumgarten Faulhaber (Blumenau, 1899 – Berlin, onde era Prefeito, 2.5.1945). Menina sentada, com laço no cabelo: Ruth Baumgarten Faulhaber (Blumenau, 1901 -1977). Ao lado, Johanna Martha Bertha Baumgarten Faulhaber (Blumenau, 1905 – 1979).

Familie des Pastors K. H. R. Faulhaber. In der Mitte, Pastor Faulhaber; zu seiner linken, Gemahlin Johanna (Blumenau, 1866 – Berlin, 1946). Zweiter von l.n.r.: Julius Faulhaber (Blumenau, 1899 – Berlin am 2.5.1945, wo er zuletzt Bürgermeister war). Das sitzende Mädchen mit Schleife im Haar ist Ruth Faulhaber (Blumenau, 1901 – 1977). Daneben, Johanna M. B. B. Faulhaber (Blumenau, 1905 – 1979).

ACERVO / *SAMMLUNG* A. H. BLUMENAU



4. Jahrg. Sonnabend den 10. Oktober 1896. Nr. 15.

Der Urwaldsbote

BLUMENAU, Staat Sta. Catharina, Brasilien.

Der „Urwaldsbote“ erscheint alle Sonnabend und kostet hier jährlich 5$000, halbjährlich 3$000, vierteljährlich 1$000, außerhalb jährlich 6$000. In Deutschland kostet derselbe 16 Mark. Die einzelne Nummer kostet 200 Rs. Der Insertionspreis beträgt für die zweigespaltene Corpuszeile 80 Rs. Finden Veröffentlichungen auf Verlangen Aufnahme in diesem Blatte, so wird die Zeile mit 200 Rs. berechnet. Veröffentlichungen von allgemeinem Interesse finden unentgeltlich Aufnahme. Sendungen jeglicher Art sind zu richten an Pastor Faulhaber, welcher die Verantwortung für den Inhalt dieses Blattes übernimmt. Anzeigen müssen Donnerstag Mittag in der Druckerei sein.

Die Gebühren für Abonnement und Insertion sind im voraus zu entrichten.



Pastor Faulhaber (1863-1920)

Hugo Zöller

1882

Nasceu em Oberhausen (Alemanha) a 12 de janeiro de 1852 e faleceu em München (Alemanha) a 9 de janeiro de 1933. Die Deutschen im Brasilischem Urwald / Os Alemães na Floresta Brasílica *(Berlin-Stutgart, 1883) é o livro de Hugo Zöller, cujo texto foi traduzido por Curt Willy Hennings e publicado no* Blumenau em Cadernos, *Tomo XXXI, maio 1990, no. 5.*

Consta ter sido Zöller enviado pelo jornal alemão Kölnische Zeitung *para averiguar a situação da Colônia Blumenau, trabalho este concluído em novembro de 1882.*

Após visitar Santa Catarina, Zöller foi para o Rio Grande do Sul, passando por Pelotas e Porto Alegre até todo o interior. Depois foi ao Rio da Prata e ao Chile. Seu livro recebeu excelente crítica no Petermanns Geographische Mitteilungen, *de 1883.*



Câmara Municipal

Munizipalkammer

ACERVO / SAMMLUNG B. K. KADLETZ



A Colônia Blumenau

Fui obrigado a esperar três dias em Itajaí, aguardando uma oportunidade para viajar para Blumenau. Neste meio tempo fiquei numa hospedaria alemã nada recomendável (Hotel *Dom Pedro II*), cumulado de gentilezas pelo Sr. Cônsul Asseburg. A pequena cidade portuária, apesar dos arredores estarem cercado de montanhas, está situada numa praia arenosa, tendo sofrido com a enchente de 1880.

Entre os 1.300 habitantes, 300 são alemães. No porto, entre os trabalhadores que carregavam e descarregavam os navios, encontram-se brasileiros, alemães e negros, numa mistura colorida; e quando menciono que se encontravam no porto dois navios de bandeira alemã creio ter relatado tudo.

Do porto de Itajaí alcança-se o vapor *Progresso* (14 toneladas de carga útil), que iniciou suas viagens em dezembro de 1879 e pertencia a uma Sociedade não subsidiada pelo Governo. Uma viagem rio acima para Blumenau levava em condições normais de 7 a 8 horas. Esta viagem feita por uma região montanhosa com lindas florestas ainda em parte nativas se desenrola numa variada paisagem. As copas das árvores cobrem as margens do rio sob o qual talvez se esconda um arisco jacaré ou crocodilo brasileiro. O rio, ao estreitar-se, mostra uma curva fechada onde, entre lindas encostas verdes, se forma uma paisagem suave e agradável.



Pauline e Carl Liesenberg.

O rio é talvez 10 ou 20 vezes mais largo e volumoso que o *Cachoeira* de Joinville. Com sua desembocadura rasa e larga, sofre as influências das marés.

O *Itajaí* tem numerosas curvas, semelhantes ao *Cachoeira*, curvas que dobram a distância de 51 quilômetros do porto de Itajaí a Blumenau. A influência das marés se faz sentir até a cidade, ponto até o qual é navegável com barcos de 4 a 5 pés de calado. A terra em ambas as margens, até os limites da Colônia, é esparsamente povoada e pertence a alguns latifundiários que pouco se dedicam às suas terras e não evitam o povoamento de gente inútil. Todos os ranchos de madeira que de vez em quando se vê nas margens, não têm o menor direito sobre as terras que ocupam, mas nem o Imperador tem condições de removê-los. Esta gente vegeta com o que uma pequena parcela de terra produz sem muito esforço de uma maneira indigna a um ser humano. É flagrante como o brasileiro pode viver de uma maneira bem mais modesta do que o alemão.

Ao partir de Itajaí, rio acima, exatamente num domingo, em todos os lugares onde existiam algumas casas, via-se mulheres e moças brasileiras com vestidos e casaquinhos bem lavados, de algodão azul claro ou cor de rosa, descalças, sem meias e aparentemente sem nada por baixo. No momento, as viagens com o *Progresso* são o meio de transporte mais confortável, pois as viagens de canoa a remo levam 12 a 15 horas e são um martírio. As viagens a cavalo são arriscadas e não permitem o transporte de bagagem. Mas a viagem com o *Progresso* também tem os seus problemas: em vez de 7 ou 8 horas de viagem, levou 22 horas, passando fome e frio. Não sei o porquê, mas acharam por bem partir somente às 9 e meia.

Paravam em cada lugar 30 minutos ou uma hora para descarregar meia dúzia de volumes. A situação tornou-se mais misteriosa quando, ao escurecer, entramos numa baía escura e nos foi dito que iríamos aguardar o nascer da lua. A lua não nasceu. Os viajantes começaram uma bebedeira acompanhada de cantigas. Já durante o dia, alguns colonos, de uma petulante curiosidade à maneira americana, fizeram notar a sua presença e a noite foi bem mais desagradável, uma vez que não se podia dormir com o barulho de sapos, queimadas de capoeiras, grilos e centenas de pirilampos que proporcionavam um passatempo e entretenimento. Somente ao nascer do sol do dia seguinte prosseguimos a viagem por uma corredeira difícil que de forma alguma poderíamos ter passado durante a noite. Aportamos em Blumenau às 8 horas. A Colônia Blumenau foi fundada em 28 de agosto de 1852, pelo Dr. Blumenau, de Braunschweig. (NR: esta data era preferida pelo próprio Dr. Blumenau; entretanto, a data oficial de fundação acabou sendo a de 2 de setembro de 1850). Veio como Químico da Europa e foi impedido de sitiar-se no Rio Grande do Sul pela Revolução que lá havia irrompido. Nos seguintes 8 anos gastou quase todos os seus bens pessoais, na penosa luta de manter o seu empreendimento. Em 13 de janeiro de 1860, a Colônia foi adquirida pelo Governo Imperial e o seu fundador nomeado merecidamente o Diretor.

Blumenau foi a única entre todas as Colônias estatais brasileiras cuja direção esteve durante décadas sem interrupção, nas mãos de uma única pessoa e um alemão. Todavia, não sem a contestação dos caçadores de empregos. No dia 26 de abril de 1880, o Governo tomou a decisão de emancipar grande parte da Colônia sem que as vantagens que se contrapunham às vantagens advindas da emancipação fossem mantidas.

Simultaneamente enviaram para a recuperação das estradas danificadas pela grande enchente de 1880, uma comissão de engenheiros, cujas competências estavam mal definidas. Com a emancipação deveria seguir prontamente a instalação do Município, mas o partido da situação tinha bons motivos para se opor. Dr. Blumenau continuou como Diretor de uma parte da Colônia até 1882. No fim do ano de 1880, a população estava constituída de 14.981 pessoas (entre estas: 12.563 alemães e austríacos, 947 italianos e 1.467 brasileiros), e em todo o Vale do Itajaí-açu, 19.000 habitantes. O excedente de nascimentos sobre os falecimentos é muito grande (no ano de 1880 era de 629 para 78). A imigração vinda da Europa foi de apenas 432 pessoas, no ano de 1880.

O Estado brasileiro, lamentavelmente, dispersa os poucos imigrantes que vieram por iniciativa própria, talvez intencionalmente, pelas numerosas e pequenas colônias, como também pelas províncias meridionais.

O desenvolvimento da Colônia Blumenau foi prejudicado sensivelmente pelas cheias de 1880. O Vale do Itajaí assemelhava-se, naquela ocasião, a um grande lago; no centro as águas subiram até o segundo andar das casas e, sem o auxílio do vapor *Progresso*, muitas pessoas teriam perecido.



Edith Kormann, à direita.

Agora as plantações, estradas e casas estão recuperadas, graças ao louvável esforço, mas os danos ainda far-se-ão sentir por muitos anos.

No ano de 1879 a importação de Blumenau foi de 502 *contos* (1 milhão de *marcos*). Esta seria maior se os colonos tivessem um bom produto de exportação (a exportação de 1879 foi de 970 mil *marcos* e de 562 mil *marcos* em 1880).

O futuro do desenvolvimento da Colônia depende da construção de boas estradas, sem esta a mesma está fadada a vegetar. O atual estado das vias de transporte impossibilita o escoamento da produção dos colonos situados rio acima.

A sede de Blumenau é aprazível, num cenário com florestas, montanhas e que recebe um colorido especial com o magestoso Itajaí e seus numerosos afluentes. Existe praticamente uma única rua, não muito movimentada. Os edifícios – *Casa da Diretoria* da Colônia, Hospital, Igrejas Evangélica e Católica, etc – são magníficas, como também são a maioria das casas construídas em dois pavimentos.

A atividade local recrudesce aos domingos. Cavalos e mulas trelados nas variadas viaturas estão às portas das casas de comércio com mulheres e crianças de feições robustas, cabelos louros dourado. Os colonos vêm dos arredores; as mulheres montam à maneira dos homens, mas, aparentemente, isso não faz com que se sintam à vontade.

Achei ainda mais curioso o fato de algumas mulheres montarem à maneira feminina em selas masculinas, isto é, conseguindo manterem-se sentadas nesta posição em trote e galope. Isto se deve à longa prática, onde rapazes e moças montam sem o uso de sela utilizando-se de uma simples corda como arreio. Durante minha permanência em Blumenau, me hospedei na Pensão *Schreep*, onde se paga uma diária de 2 a 3 mil réis (4 a 6 *marcos*). Recebe-se boa alimentação em todas as Colônias Alemãs, não há falta de carne de vaca, bezerro, porco, galinhas, ovos, verduras, batatas inglesas, café, açúcar, laranjas, etc. Como bebida servem quase que exclusivamente cerveja de produção local, preparada com malte e cevada importadas da Europa. Além de cachaça, café e chá.

A Situação Econômica

Face às dificuldades não é propício o consumo de vinho e cerveja importados. Outrora a Colônia Blumenau tinha o cognome de "a divertida", e se caracterizava pelos inúmeros Clubes, os quais tinham os mesmos sócios. Desde a enchente de 1880, domina certo desânimo que se revela no fato de não ter sido levado ao palco nenhuma peça de teatro amador. O *Kulturverein* ocupava um lugar relevante entre os clubes de Blumenau. Com aproximadamente 200 sócios, tem-se dedicado primordialmente aos problemas de ordem agrícola, como também os sociais.

A pessoa mais importante da Colônia é naturalmente seu fundador. Um homem com os mais elevados intuitos, às vezes não compreendido nas suas intenções, atribuindo-lhe um lado de propósitos egoísticos e de outro o acusam pela falta de egoísmo, alheio à realidade e senso prático que o está amargurando, apesar de tudo que realizou.

Entre os membros de alta qualificação para a *Direção da Colônia* estão o Sr. Victor Gärtner (Cônsul alemão, sobrinho do Dr. Blumenau) e o muito conhecido em amplos círculos europeus, o naturalista Aug. Müller (NR: na verdade, *Fritz* Müller: August, seu irmão, também era naturalista, porém, não tão famoso quanto *Fritz*).

Exerce a atividade de Médico o Dr. Alfred Koehler e também o farmacêutico Dr. W. Eberhardt. Com o Sr. Avé-Lallemant a administração colonial dispõe de um valoroso colaborador (sobrinho do conhecido escritor, Robert).

Entre os círculos industriais e comerciais, os nomes Friedenreich, Meyer, Kleine, Probst e Sachtleben são os mais relevantes. A Colônia tem um órgão de publicidade próprio no *Blumenauer Zeitung*, publicado pelo Sr. Hermann Baumgarten e redigido pelo Sr. Hertel. Em todo o Brasil não ouvi queixas por parte dos Protestantes quanto à liberdade religiosa, mas sim, sobre as condições de ensino, cujo estado se apresenta deplorável.

A área da Colônia se estende do núcleo até cerca de 60 km rio acima, e para o sul e norte, pelos vales, cerca de 30 km. O relevo é mais acidentado que o de Dona Francisca, isto é, os vales entre os morros cobertos de florestas são em geral estreitos; apesar disto, vi extensas áreas aradas sem tocos e sinais evidentes de adubação. Mesmo sem adubação, a terra derrubada e queimada mantém sua fertilidade por longo tempo e quando as colheitas diminuem é transformada em pastagem, recuperando-se desta forma.

Rebanhos

O rebanho bovino tem boa aparência mesmo com pouco cuidado, pernoitando mesmo no inverno ao relento. Somente os colonos mais ativos constroem abrigo num canto do pasto.

O gado leiteiro é acostumado à forragem verde no estábulo. Os cavalos são tratados com milho ao invés de aveia, mas no que diz respeito à alimentação humana, a mandioca ocupa o lugar do milho.



Alice e Carola Sachtleben.



Anton Schroeder e família.

As casas bonitas geralmente bem cuidadas são de madeira e se situam a algumas centenas de passos por cercados e se é cumprimentado pelo latir de cachorros. A ocupação principal das pessoas é capinar e muitos, pensando que eu pretendia estabelecer-me aqui, ofereceram-me seus terrenos para compra. Pretendiam mudar-se mais para o interior e começar de novo. Tais mudanças de propriedade são frequentes, mesmo nas colônias novas, dependendo da maior ou menor atividade do seu proprietário. Para alguns os 100 *morgos* recebidos originalmente são demais, outros acham que os 500 *morgos* que possuem não são suficientes. Mas, apesar disto, não se formaram em nenhum lugar grandes complexos, na nossa concepção, e em minha opinião, devido a situação de mão de obra e na opinião de outras pessoas, o pequeno agricultor vive melhor que o teórico.

Entre os colonos, os alemães nórdicos nominalmente os de *Pommern* e de Mecklenburg são considerados como os mais capazes; e os menos capazes os provenientes de Baden, da região do Reno; e os tiroleses também. Há consenso que os italianos são os menos afeitos ao trabalho e os menos persistentes. Tudo isto constatei e posso confirmar. Os advindos de *Pommern* e de Mecklenburg, em 6 ou 7 anos após o primeiro rústico rancho de palmito, têm moradias bonitas e limpas de enxaimel e vi italianos radicados na terra por muitos anos convivendo com crianças e suínos no mesmo recinto. Destes italianos, muitos são como se pode ver pelos nomes – Leutersbach, etc., tiroleses italianizados que rapidamente assimilaram a língua alemã. É interessante penetrar nos interesses dos colonos: eles ficam de uma forma monótona em torno dos animais caseiros – porcos, bezerros, vacas, cavalos – e de suas carroças. Têm muito apego ao dinheiro e somente os sacerdotes conseguem seus intentos, ameaçando-os com o purgatório. Por outro lado, se descuidam dos pequenos rendimentos. Empregados, por exemplo, é uma raridade. (Em Santa Catarina paga-se o menor salário mensal – 6.000 réis = 12 *marcos*). Ouve-se frequentemente um defeito atribuindo aos alemães por serem eles arrogantes e impertinentes, mas raramente orgulhosos e nobres como os ingleses.

Concernente ao desenvolvimento industrial de Blumenau quero mencionar que não existem monjolos para socar o milho, mas, um número considerável de rodas d'água que observei em várias serrarias; que Blumenau fornece charutos e cigarros e que existem nada menos que 9 cervejarias trabalhando em ritmo semanal. Minhas excursões limitaram-se a numerosos passeios pela floresta, uma visita feita a cavalo às quedas d'água distando 7 km do núcleo, e uma visita de 3 dias, de carroça, ao ribeirão do *Neisse* (próximo à divisa Oeste da Colônia), distante 56 km do núcleo e 105 km do mar.

Das árvores florestais somente vi alguns exemplares de Carvalho, Faia (*Buche*), Tília (*Linde*), Betuba (*Birke*) que não se adaptaram. A única fruta alemã que se aclimatizou completamente e produz mais do que em qualquer parte da Europa, é o pêssego; morangos crescem bem; maçãs, peras, ameixas aprilots, cerejas, uvas, uva espim (*Stochelbure*), groselha e olivas não há por aqui. Como frutas excelentes desta região, a banana (o ano todo), laranjas (floração em agosto e colheita em abril até setembro), abacaxi, castanha do Pará e mangas. Entre os legumes europeus, ervilhas, feijão, aspargo, repolho e alface deram resultados melhores. Em Blumenau não há dificuldade com o cultivo da batata inglesa. As culturas aqui limitam-se ao café, cana de açúcar, fumo, algodão, mandioca, milho, inhame, etc. O colono alemão nunca optará pela monocultura, como é costume na India. Entre as plantas ornamentais quero mencionar as numerosas palmeiras (côco e tamareiras não vingam por aqui) na sua maioria introduzidas, entre as quais se salientam a palmeira Imperial (*Maximiliana régia*) e a Palmeira Anã Europeia, além do Bambu gigante, curiosamente trazido de uma estufa da Bélgica. Aqui se desenvolveu uma variedade que dentro de alguns anos alcançam alturas gigantescas e cujo caule atinge um diâmetro de 12,50 cm. Existem agaves Kohtecn *(Cactus)*, maravilhosos *Epheu (Hera)*, violetas (em agosto), camélias (em julho), rosas (durante o ano todo), cravos, azaléias *Stielmütterches*.

A floresta mais bonita e preciosa, onde já haviam sido cortadas algumas árvores mais valiosas, situava-se a alguns passos da minha hospedagem, mas do outro lado do rio, dada a falta de uma ponte e balseiro, só se podia atingir depois de longas negociações. À margem do rio passava-se por uma plantação de bananas mal cuidada, mas, devido a isto, exuberante e grandiosa formando uma natureza variada e sem igual nos jardins botânicos da Europa.

As árvores maiores de diâmetro e altura semelhantes ao Carvalho eram as Figueiras (variedade *Ficus*) e os Cedros (que fornecem a madeira para caixas de charutos e é material excelente para canoas), entrelaçados por centenas de variedades de trepadeiras. Uma infinidade de plantas parasitas (na verdade, *Epífitas*), orquídeas, gravatás, que nas bases das folhas retêm água formando um *habitat* para um peculiar mundo de insetos e até caranguejos. Ao seu lado, a Imbaúba, a árvore mais característica; dezenas de variedades de Bambús, *Riziumbaum*, Mamonas, Palmitos. Mais abaixo, musgos, samambaias, gramíneas, fambroesas européias, nosmoscada silvestre e dezenas de outras frutas.

Enfim, invejo a rapaziada de Blumenau que me acompanhava por vezes e que estava bem mais informada que os seus pais e avós. O mateiro legítimo anda descalço nas suas incursões, como, aliás, é comum por aqui, não por falta de recursos, mas sim por comodidade, desprezando qualquer calçado.

Para abrir uma brecha no emaranhado da floresta usa-se um facão e outro menor que é a faca de caça. Quando bem afiada cada golpe corta os galhos e cipós como se fossem manteiga ou queijo.



P. C. Feddersen e G. Salinger.

No início se tem dificuldades, mas aos poucos se pega o jeito que consiste somente em golpear o galho ou árvore no ângulo certo. Após alguns dias de prática consegui cortar palmitos da espessura de uma perna, bambu da altura de uma casa e meia dúzia de cipós com um único golpe. Para se cortar uma árvore grande necessitam-se em média duas horas. Outras árvores de espessura maior requerem dois dias de trabalho de uma pessoa experimentada. Nota-se uma abundância de palmitos (*Euterpe edulis*) miúdos e até a altura de uma casa de dois pavimentos. Os brotos desta planta útil fornecem um legume que, preparado com óleo e vinagre, é muito saboroso. Os colonos mais simples usam suas folhas para cobertura de telhados e não lhe dão valor como um agricultor alemão não dá ao champignon e à criadilha (*Teüffel*). Em todos os lugares estavam jogados os palmitos envoltos em suas folhas parecidas ao pergaminho, sem que alguém se desse ao trabalho de tirar o miolo. Lamentalvelmente o homem destrói desnecessariamente a natureza e somente ao atingir um nível mais elevado de cultura restaura com muito trabalho pequena parte do destruído. Também não são raras as clareiras causadas por temporais, mas nunca apresenta um aspecto tão triste como o destruído intencionalmente pelo homem.

Em contraposição, é auspicioso o intercâmbio que Blumenau entabolou nos últimos anos com jardineiros paisagistas. Gostaria de ficar por mais algumas semanas para ver as flores da primavera, as folhas novas de um verde mais claro que a primavera produz não de maneira acentuada como na nossa terra. Mas, o dever e o programa de viagem não me permitem. Mas, antes de me despedir junto com o prezado leitor, gostaria de fazer algumas considerações sobre a fauna.

As condições de caça não são regulamentadas e a existência de caça é esporádica. Num ponto, abatem-se milhares de animais; noutro, procura-se em vão por dias e semanas caças. Encontrei no mato somente beija-flores verdes, papagaios de cor verde e cinza, periquitos, arapongas, lagartos, sapos boi (do tamanho de um gato), rastros recentes do cervo maturo e escutei uma vez ao longe o bramido dos monos. Mas o que mais me agradou foi a visita de um lindo representante dos jardins e das florestas brasileiras em meu quarto. Haviam colocado em frente ao espelho do meu quarto um ramalhete de flores de laranja.

Enquanto trabalhava, tive a impressão de ouvir um chilrear leve e, ao levantar os olhos, deparei com dois olhos minúsculos que me miravam. Era um beija-flor verde e branco do tamanho da falange do meu dedo. Fora atraído pelas flores e quando fechei a janela ficou meu prisioneiro. Os animais são muito ariscos na época do seu acasalamento; procuram-se e facilmente morrem de saudades, tanto assim que logo devolvi a liberdade. Já se tentou muitas vezes mantê-los presos em gaiolas, mas, nunca se conseguiu que aceitassem alimentos, pois morrem de inanição após alguns dias. Em liberdade são menos ariscos, fazem seus ninhos nos jardins, dando preferência a arbustos ao abrigo de uma folha que proteja os minúsculos ovos do sereno e da chuva. Os ninhos multicores são verdadeiras obras de arte e me contaram que uma avezinha chocando deixou-se acariciar pelo proprietário no jardim.

No dia 20 de agosto chegaram a Blumenau as primeiras andorinhas anunciando a primavera. Com plumagem azul e branca, também o hemisfério sul tem suas aves migratórias com a diferença de que estas se salientam mais pela linda plumagem do que pelo seu canto.

O clima das Colônias alemãs foi, durante minha permanência no coração do inverno, semelhante aos nossos lindos dias do mês de maio. A temperatura mais elevada no verão foi de 32 graus C Raemur (40 graus C), atingida por duas vezes nos últimos 6 anos. Cólera e Febre Amarela não vieram para Blumenau e Joinville, mas sim a febre intermitente, provavelmente trazida pelos imigrantes lombardos do Vale do Pó e que me fez sofrer por alguns dias. O verão não é propício para o estado de saúde dos europeus nórdicos (dinamarqueses, pomeranos, os de Holsteiner, etc) e provoca mais doenças que o inverno. Chama à atenção a baixa incidência de casos de insolação; mesmo com a elevada temperatura, não houve um caso fatal durante os 30 anos de existência da Colônia. A precipitação em Blumenau é irregular. Predominam os aguaceiros fortes e as chuvas leves e contínuas que ocorrem nos meses de abril a maio, até setembro e outubro, não faltando nestas épocas pancadas fortes.

Nem todos os anos têm geado e gelo muito menos, mas elas ocorrem. As geadas mais fortes ocorreram em 1861. Naquele ano o termômetro baixou à sombra durante 4 dias um pouco abaixo de 3 graus. Devido ao desfolhamento causado pela geada, morreram muitas árvores na floresta, mas a existência de muitas plantas sensíveis que perecem com frequentes geadas é e são substituídas por outras mais resistentes, prova que as geadas são uma raridade.



L. Rischbieter, H. Hansen e O. Lüders.



Blumenau, c. 1893

Bodas de Ouro de Karl Wilhelm Friedenreich (1824-1908). Karl é um dos 17 pioneiros que chegou a Blumenau em setembro de 1850. Natural da Prússia, estava com 26 anos de idade e acompanhado da esposa Minna Schroeder F., 24 anos, e duas filhas, Clara com 2 anos e Alma com 3 meses. Fugira da Alemanha por contrariar ordens do regime prussiano. Seu irmão mais moço, também Karl, marceneiro, viria depois. Em 6.9.1851 seria registrada a primeira criança ali nascida, Ida, sua 3ª filha (foto ao lado). Foi um dos principais colaboradores do Dr. Blumenau, Médico veterinário, 1º Juiz de Paz, sócio fundador da *Sociedade dos Atiradores*, naturalista e amigo de *Fritz* Müller. Mais tarde foi para São Paulo e lá teve um neto, Arthur (1, "El Tigre"), jogador de futebol da Seleção Brasileira (no colo de sua mãe, Mathilde de Moraes e Silva (2), casada com Oscar Friedenreich).

Goldene Hochzeit von K. W. Friedenreich. Karl war einer der ersten 17 Einwanderer-Pioniere Blumenaus und erreichte den Ort im September 1850. Der 26.-jährige Preuße kam mit seiner 24.-jährigen Ehefrau Minna und zwei Töchtern, Clara (2 Jahre) und Alma (3 Monate alt) nach Blumenau. Er floh aus Deutschland aus Ablehnnung des Preußischen Regimes. Sein jüngerer Bruder, ebenfalls Karl, Schreinermeister, kam später nach. Am 6.9.1851 wurde seine neugeborene Tochter Ida als erstes einheimisches Kind im Stadtregister eingetragen (Bild seitlich). Er war einer der wichtigsten Mitarbeiter Dr. Blumenaus und wirkte als Veterinär, erster Friedensrichter, Gründer des Schützenvereins*, Naturforscher und Freund* Fritz *Müllers. Später wechselte er seinen Wohnsitz nach São Paulo, wo sein Enkel Arthur (1, " El Tigre") geboren wurde - ein später herausragender Spieler der brasilianischen Fußball Nationalmannschaft. Arthur war der Sohn Oscar Friedenreichs mit dessen farbigen Hausangertellten Mathilde de Moraes e Silva.*

Acervo / Sammlung A. H. Blumenau



Ida Friedenreich
(1851-)



Arthur Friedenreich
(1892-1969)



Blumenau, c. 1880

Rua *Itajaí*, Hospital. No final de 1854, a Colônia Blumenau contava com 248 cristãos Evangélicos e somente 5 Católicos. Em 1859, dos 864 habitantes, 795 eram Evangélicos e 55 Católicos. Em 1868, a população da Colônia era de 4.500 almas, sendo 4/5 de cristãos Evangélicos.

Itajaí-Straße, mit Krankenhaus. Gegen Ende 1854 zählte die Kolonie 248 evangelische Christen und nur 5 Katholiken. Bereits 1859 waren es 864 Einwohner, darunter 795 evangelischen und 55 katholischen Glaubens. Im Jahr 1868 zählte die Bevölkerung 4.500 Seelen, davon 4/5 evangelischer Konfession.

PHOTO B. SCHEIDEMANTEL ACERVO / *SAMMLUNG* A. H. BLUMENAU



Photographie.

Unterzeichneter empfiehlt sich dem geehrten Publikum zur Anfertigung von

Photographien

in sauberer Ausführung und zu billigen Preisen, und bittet um geneigte Aufträge.

Die Dauer seines Aufenthaltes hierselbst ist bis zum 30. Januar 1887 in Aussicht genommen.

Preise:

1 Dutzend Photographien (mit Glanz)	8$000
1/2 " " "	6$000
1 " " " Victoria	15$000
1/1 " " " "	10$000
1 Photographie Imperial	6$000
Für jedes fernere Bild von derselben Platte	2$000
1 Salon-Bild	10$000
Für jedes fernere Bild von derselben Platte	3$000
Bei Gruppen erhöht sich der Preis für jede Person um	2$000
Kinder erhöhen den Preis um	2$000

Bei größeren Bildern nach Uebereinkommen.

Aufnahmen von Landschaften und Gruppen außer dem Hause zu billigen Preisen.

Aufnahmen täglich im Hotel Baumgarten.

Blumenau den 12. Dezember 1886.

Alves Ferreira
Photograph.



Dr. Henry Lange

1884



Nasceu em Stettin (Alemanha) a 13 de abril de 1821 e faleceu em Berlin a 30 de agosto de 1893. Dirigiu o Instituto Artístico-Geográfico *da firma F. A. Brockhaus, de Leipzig, de 1858 a 1859. De 1868 a 1891 foi inspetor da seção de mapas do* Departamento de Estatística *de Berlin. No período de julho de 1870 ao final de 1880 colaborou no periódico* Der Continent, *em Chicago. Em 1867 publicou seu 1º livro –* Mahnung an die Presse, sich der Deutschen in Brasilien mehr anzunehmen, *que tratava especificamente das colônias alemãs em Santa Catarina. Entre 1867 e 1890 publicou vários livros, artigos e mapas, sendo considerado por Canstatt como "o maior conhecedor do território do Rio Grande do Sul e Santa Catarina".*

Dr. Lange foi um dos defensores do Dr. Blumenau e Koseritz em artigo publicado em Augsburg (Alemanha) no Allgemeine Zeitung *de 22 de fevereiro de 1869.*

Além do seu 1º livro de 1867 onde trata também da Colônia Blumenau, Dr. Lange lançou em 1885 – Südbrasilien, *com 254 páginas, onde trata das províncias de São Pedro do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Publicamos, a seguir, a parte relativa à Colônia Blumenau.*

Casa do Pastor Evangélico
Das evangelische Pfarrhaus
ACERVO / SAMMLUNG B. K. KADLETZ



O fundador desta Colônia é Dr. Hermann Blumenau, de Braunschweig, no "Harz" (Alemanha). Em setembro de 1850, ele com 17 pessoas se assentaram às margens do Itajaí, onde hoje é o agradável lugarzinho a 26 graus 55' 16,5" sul Brasil e 49 graus 9' 15" leste, distante de Greenwich. Até o momento o Itajaí é navegável com não mais de 1 a 1,25 de calado sendo este trecho entre Blumenau e a cidade portuária de Itajaí servido pelo pequeno navio *Progresso*. Com os inúmeros afluentes, muitos dos quais nascendo entre montanhas, é natural que o rio, após longas chuvas, suba até 8 m alagando as margens mais baixas. A Colônia Blumenau, assim, teve grandes enchentes nos anos de 1855, 1869 e 1880.

No início, esta Colônia, como afirmou von Tschudi era muito pequena. Seu desenvolvimento foi devagar, pois havia poucos recursos financeiros para enfrentar tal empreendimento.

Dr. Blumenau, com admirável espírito de sacrifício, apesar dos erros e duros prejuízos enfrentou de peito aberto também outras dificuldades criadas por elementos pérfidos que atacaram a sua pessoa e ao seu empreendimento.

Muitas administrações estão sujeitas a erros, ações despropositadas, mas aqui, sua vontade e o trabalho eram honestos, nunca visando o benefício próprio.



Paul Schwarzer

Ele certamente estava convencido de que a Colônia por ele fundada e dirigida era a melhor do sul do Brasil, e isto lhe trazia paz e tranquilidade. Desta forma, este extraordinário homem de lealdade ímpar por 35 anos esteve à frente da sua obra. Von Tschudi visitou a Colônia Blumenau em 1861, pouco tempo depois que o Governo Imperial a assumiu. Em seu relato ele enaltece a figura do Dr. Blumenau.

A Colônia crescia e aumentava seus domínios para além do Itajaí-açu. Na margem esquerda estavam os vales do *Itoupava, Testo, Mulde, Benedito, Cedros S. Paulo* e *S. Pedro*; no lado direito os de *Gaspar, Garcia, Encano, Warnow, Ilse, Bode* e *Neisse*. *São Pedro Apóstolo* (*Gaspar*). O ponto Oeste da Colônia, fica a 35km distante da Vila de Itajaí. Até Blumenau chega a 16km e dalí até o ponto final da Colônia, rio acima, cerca de 70km. De Oeste a Leste a Colônia tem uma largura aproximada de 80 km.

Em estatística do final de 1879, havia 14.000 almas das quais 10.048 eram alemães, 1.390 brasileiros, 1.667 tiroleses de língua italiana e 895 italianos. Protestantes 8.615, Católicos 5.385.

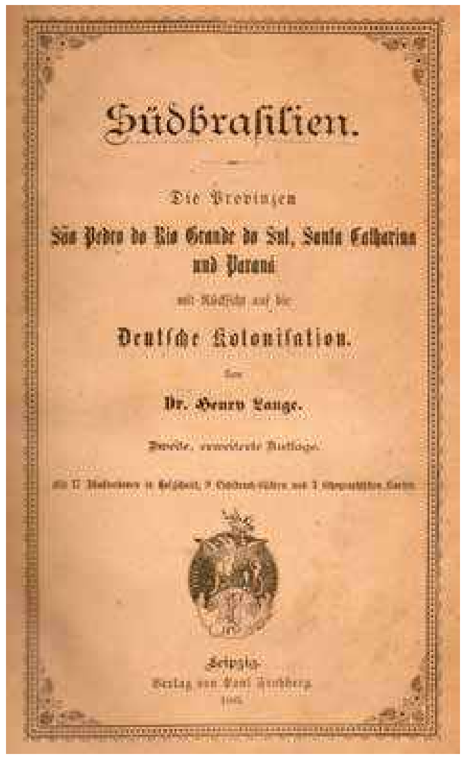
Até então estavam registrados 114 casamentos (40 Católicos, 72 Protestantes e 2 mistos); 657 nascimentos (320 masculinos, 337 femininos); Católicos 260, Protestantes 347, óbitos 144 (69 masculinos, 75 femininos). Casas com fogão 2.905, entre elas 40 de alvenaria, 1.330 de madeira e 1.532 provisórias.

Outros dados estatísticos deste ano de 1879: 149 usinas de açúcar; 138 moinhos de mandioca; 6 cervejarias; 28 serrarias à água; 2 fábricas de louças de barro; 22 moinhos; 4 descascadeiras de arroz; 149 fábricas de arados; 244 carros de 4 rodas.

Importação: 500.000 mil réis, cerca de 1.100.000 *marcos*. Exportação: 485.000 mil réis, cerca de 980.000 *marcos*.

Estabelecimentos industriais aumentavam de ano a ano. Em 1881 havia na Colônia 154 usinas de açúcar, 10 olarias de telhas, 143 alambrados de farinha, 3 olarias de tijolos, 8 cervejarias, 1 fábrica de licor e 2 de vinagre, 10 padarias, 32 serrarias, 6 serras fitas, 27 moinhos, 5 beneficiadoras de arroz, 2 fábricas de sabão.

Produziu-se na Colônia, em 1881, 96.400.000 litros de malte, 2.500kg de feijão, 6.200 de arroz, 12.100 de farinha, 110.000 tubérculos de verdura, 6.700 litros


Südbrasilien.

Die Provinzen

São Pedro do Rio Grande do Sul, Santa Catharina und Paraná

mit Rücksicht auf die

Deutsche Kolonisation.

Von

Dr. Henry Lange.

Zweite, erweiterte Auflage.

Leipzig.

de cachaça, 1.300 de vinho de laranja, 2.850kg de algodão não descascado, 349.700 de açúcar, 6.500 de café, 18.200 de araruta, 16.000 de tabaco, 115.800 de manteiga, 28.800 de queijo, 66900 de carne e banha, 1.900 de mel, 220 de cará e 310.000 ovos.

A exportação chegava a 337.000 mil réis e a importação a 389.000 mil réis.

No final de 1882 a exportação teve um sensível aumento permitindo o equilíbrio. Só com a exportação de madeira, com saída pelo porto de Itajaí, em 1883 chegou à soma de 480 mil réis (960.000 *marcos*).

Em 1879 havia 34 escolas com 1.121 alunos (663 meninos, 458 meninas). Havia cerca de 334 km de rodovias equestres no interior da Colônia; cerca de 348 km para carroças. Os caminhos para fora da Colônia, em geral deficientes, eram de 136 km para Cutitibanos, 56 km para o porto de Itajaí e 41 km para a Vila de Itajaí.

O número de animais no final de 1881 era de 2.410 cavalos, 9.360 gados vacuns, 27.400 porcos, 104 ovelhas, 42 cabritos, 297.000 aves e 404 animais de tração. Povoados acima de Blumenau às margens do Itajaí: *Badenfurt*, *Indaial*, *Carijó*, *Warnow*, *Ascurra*, *Aquidaban*. Às margens do rio dos *Cedros*, *Encruzilhada* e abaixo da Vila de Itajaí: *São Pedro Apóstolo* (*Gaspar*).

O ponto central de Blumenau foi elevado com o nome de Vila de São Paulo ou Vila de Blumenau. É um lugarzinho muito simpático em terreno não muito plano e agradável. As duas ruas principais localizam-se em ambos os lados do ribeirão *Garcia*, a terceira corre ao longo do Itajaí em ambos os sentidos. A Alameda *Rio Branco* está sujeita a enchentes e foi atingida pelas águas em 1855, 1869 e 1880.

As casas são bonitas, mas simples e na sua maioria ao rés do chão, porém tem algumas com dois andares. Os moradores transpiram satisfação e fala-se alemão em todos os lugares.

A sociedade mais antiga é a dos *Atiradores*, que a 2 de dezembro de 1884 completou seus 25 anos de fundação. Também muitas sociedades de *Cantores* estão representadas, uma sociedade *Cultural* e uma de *Teatro*. O estabelecimento litográfico e fotográfico junto a uma impressora pertencente a Bernhard Scheidemantel fornece trabalho que em Berlin não encontramos melhores. A Cidade apresenta duas impressoras e dois jornais. O mais antigo é o *Blumenauer-Zeitung*, fundado em 1881 pelos senhores Baumgarten e Hertel, e o *Immigrant*, semanário para os interesses da população, fundado em 1883 por Bernhard Scheidemantel. Este muitas vezes colocava em seu jornal ilustrações muito bonitas e humorísticas.

Em 15 de agosto deste ano (1884), Dr. Blumenau, precocemente envelhecido pela luta e duros trabalhos, parte para a Europa por algum tempo para se refazer e rever sua família e a educação de seus filhos já há algum tempo na Alemanha.

O Município formou então uma junta de Justiça com cerca de 7 membros da Colônia, representantes do povo, eleitos para a Câmara Municipal (magistrados, colegiado do governo) entre os quais se encontravam 4 alemães. À noite anterior da partida de Dr. Blumenau, em uma reunião sob a presidência do Padre (Católico) Josef Maria Jacobs (NR: no Hotel *Schreep*, na *Palmenallee*, atual *Duque de Caxias*), foi-lhe entregue uma relação de 40 colonos com as decisões seguintes:

- que o Município de Blumenau devia eterna gratidão ao fundador da Colônia por seus incansáveis trabalhos;
- que este Município pelo seu iniciante e futuro progresso em sua maioria fosse devido ao seu Diretor;
- que estas decisões fossem publicadas nos jornais do Reino.

Ortsbeschreibung ꝛc.

Bevölkerung der Kolonie Blumenau
von den Jahren 1859 bis 1880.

Jahr.	Am Ende des Jahres.					Im Laufe des Jahres.							
	Bevölkerung			Religion		Geburten und Todesfälle		Einwanderer nach Nationalitäten.					
	männliche.	weibliche.	zusammen.	evangelisch.	katholisch.	geboren.	gestorben.	Deutsche.	Österreicher.	Italiener.	Brasilianer.	and. Nation.	Summa.
1859	—	—	744	—	—	32	9	—	—	—	—	—	—
1860	500	447	947	—	—	45	19	—	—	—	—	—	—
1861	797	687	1 484	1346	138	52	27	—	—	—	—	—	—
1862	1082	976	2 058	1775	283	63	34	603	—	—	—	4	607
1863	1191	1095	2 286	1951	335	91	27	166	—	—	—	—	166
1864	1296	1175	2 471	2059	412	105	27	121	—	—	—	6	127
1865	1356	1269	2 625	2121	504	88	25	160	—	—	—	—	160
1866	1437	1424	2 861	2280	581	139	36	201	—	—	—	—	201
1867	1736	1655	3 391	2587	804	138	33	248	—	—	—	—	248
1868	2640	2486	5 126	4239	887	182	80	1679	—	—	—	7	1686
1869	3049	2936	5 985	4932	1053	249	116	697	—	—	—	2	699
1870	3142	3046	6 188	5060	1128	243	61	33	—	—	—	—	33
1871	3218	3111	6 329	5089	1240	335	50	56	—	—	—	—	56
1872	3336	3162	6 498	5216	1282	299	58	174	—	—	—	—	174
1873	3649	3507	7 156	5805	1351	307	67	560	—	—	—	2	562
1874	3865	3756	7 621	6189	1432	376	103	212	—	—	—	8	220
1875	4656	4383	9 039	6694	2345	386	97	306	782	25	18	16	1147
1876	5568	5133	10 701	7178	3523	460	90	276	531	267	300	4	1378
1877	5932	5600	11 532	7563	3969	475	79	145	105	120	131	—	501
1878	6649	6138	12 787	8147	4640	534	94	343	101	435	82	14	975
1879	7287	6713	14 000	8615	5385	657	144	285	18	152	32	5	492
1880	7782	7199	14 981	9240	5741	629	79	386	23	42	4	—	455
1881	8150	7560	15 710	9658	6052								

Relação de Habitantes de Blumenau entre 1859 e 1880: homens, mulheres, casados, Evangélicos, Católicos, nascidos, mortos, alemães, austríacos, italianos, brasileiros e outros.



José Henriques Flores Filho

1º Superintendente do Município (1883-87)

Filho de José Henriques Flores (1801-87), avô de Adelaide Konder (mãe de Victor e Adolpho).

Faleceu em abril de 1891 de tétano traumático, consecutivo de uma contusão que sofrera no pé, ao cair de seu carro de cavalo. Filiado à antiga política Conservadora, era reconhecida a influência que gozava entre os habitantes de *Gaspar*.

José Henriques Flores Filho

Erster Gemeindevorsitzender (1883-87).

Sohn des José H.F. (1801-87) und Großvater von Adelaide Konder (Victor und A. Konders Mutter).

J. H. Flores Filho starb im April 1891 an Tetanus, infolge einer Fußverletzung, die er sich beim Sturz von einem Pferdewagen zugezogen hatte. Als Angehöriger der konservatiten politischen Bewegung, genoss er großes Ansehen bei den Einwohnern von Gaspar.

Acervo / Sammlung A. H. Blumenau

A seguir foi-lhe entregue um lindo acróstico (NR: escrito pelo Padre Jacobs) de cordial gratidão para amenizar, como bálsamo, as feridas as quais ninguém poderia se eximir nestes novos e desconhecidos caminhos.

Belas flores que aqui cultivaste,
Continuam vivendo – tua coroa de honra;
E a terra que abençoaste
Para o futuro – brilho da esperança,
Colhe a benção do teu suor
Ainda em tempos distantes.
Apesar da ingratidão, inveja e enchentes,
Sucesso, justiça.
Blumenau,
Confia em Deus!

Viva bem e longamente!
Até lhe acenar em tempos alegres;
As alegrias celestiais
Mesmo que tempestades haja ao teu redor.
Sem parar de lugar em lugar,
Olha sempre para o alto;
Viva bem e chegue ao porto!
Blumenau,
Confia em Deus!

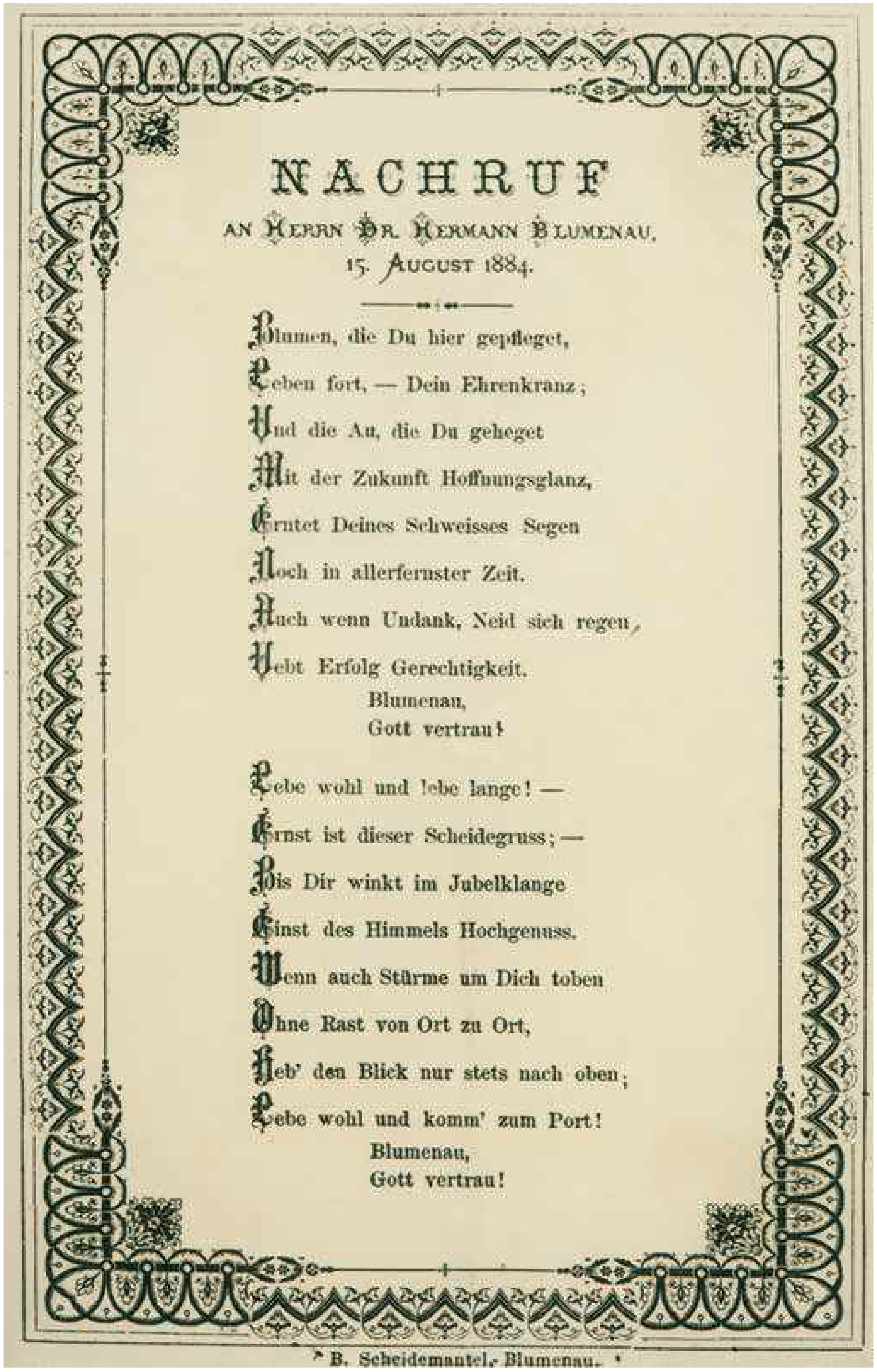
Blumen, die Du hier gepfleget
Leben fort, - Dein Ehrenkranz;
Und die Au, die Du geheget
Mit der Zukunft Hoffnungsglanz
Erntet Deines Schweisses Segen
Noch in allerfernster Zeit.
Auch wenn Undank, Neid sich regen
Übt Erfolg Gerechtigkeit.
Blumenau,
Gott vertrau!

Lebe wohl und lebe lange!
Ernst ist dieser Scheidegruss;
Bis Dir winkt im Jubelklange
Einst des Himmels Hochgenuss.
Wenn auch Stürme um Dich toben
Ohne Rast von Ort zu Ort,
Heb' den Blick nur stets nach oben;
Lebe wohl und komm' zum Port!
Blumenau,
Gott vertrau!

Em seguida, foi elevado um brinde ao Dr. Blumenau, que respondeu com outro à Colônia e a seus moradores.

Assinados: Pe. J. Maria Jacobs, vigário; H. Sandreczki, Pastor; Victor Gärtner, Guilherme Engelke, Sametzki, Heinrich Krohberger, F. Lungershausen, Guido von Seckendorf, Heinrich Clasen, H. Probst, H. Avé-Lallemant, Dr. Valloton, Leopold Knoblauch, B. Scheidemantel, Hermann Baumgarten, H. Watson, Elesbão Pinto da Luz, João Gonçalves Moreira, Julius Baumgarten e F. M. Fontes.

Presidente – Paul Schwarzer
Escriturário – Johann Pies


NACHRUF

an Herrn Dr. Hermann Blumenau,
15. August 1884.

Blumen, die Du hier gepfleget,
Leben fort, — Dein Ehrenkranz;
Und die Au, die Du geheget
Mit der Zukunft Hoffnungsglanz,
Erntet Deines Schweisses Segen
Noch in allerfernster Zeit.
Auch wenn Undank, Neid sich regen,
Uebt Erfolg Gerechtigkeit.
Blumenau,
Gott vertrau!

Lebe wohl und lebe lange! —
Ernst ist dieser Scheidegruss; —
Bis Dir winkt im Jubelklange
Einst des Himmels Hochgenuss.
Wenn auch Stürme um Dich toben
Ohne Rast von Ort zu Ort,
Heb' den Blick nur stets nach oben;
Lebe wohl und komm' zum Port!
Blumenau,
Gott vertrau!

B. Scheidemantel, Blumenau.



Blumenau, c. 1890

Casal Louis e Auguste Clasen Abry, com filhos Else, Guilherme, Henrique Luiz (no colo), Mathilde, Gertrudes (colo do pai) e Otto.

Ehepaar L. und A. Clasen Abry mit Kindern Else, Guilherme, H. Luiz (auf dem Schoß), Mathilde, Gertrudes (auf dem Schoß des Vaters) und Otto.

ACERVO / SAMMLUNG A. H. BLUMENAU

Louis Wilhelm Abry (1859-1926) nasceu em Helmstedt, no ducado de Braunschweig e veio para Blumenau em 1874, com 15 anos, acompanhado de seu tio-avô, o comerciante Wilhelm Asseburg. Em 1884, casou-se com Auguste Dorothea Clasen, filha do ferreiro e comerciante de ferro, Heinrich Clasen. Após a proclamação da República, deixou de ser comerciante e se dedicou à política. Além de Presidente da Câmara Municipal, foi Deputado Estadual. Expoente da comunidade de *Itoupava Seca*. "Abry foi um excelente cantor. A 30.6.1926 lhe dedicamos a última canção no cemitério". (Max Humpl)

L. W. Abry (1859-1926) wurde in Helmstedt geboren, im Herzogtum Braunschweig, und kam 1874 in Alter von 15 Jahren in Begleitung seines Großonkels und Handelsmannes W. Asseburg nach Blumenau. 1884 ehelichte er A. D. Clasen, Tochter des Schmiedes und Eisenhändlers H. Clasen. Nach Gründung der brasilianischen Republik gab er den Handelsberuf auf und widmete sich der Politik. Nebst Vorsitzender der Stadtkammer wurde er Landesabgeordneter und eine herausragende Persönlichkeit in Itoupava Seca. *"Abry war ein exzellenter Sänger. Am 30.6.1926 widmeten wir ihm ein letztes Lied an seiner Grabstätte". (Max Humpl)*



Blumenau, c. 1890

Funilaria de Richard Franz Parucker (1864-1908), na *Itoupava Seca*. Parucker veio de Joinville em 1882, com 21 anos e casou-se com Lina Dittrich em 28.5.1885. Foi hábil violinista e regente de coro masculino. Faleceu jovem, aos 44 anos, vítima de septicemia. Richard Franz Carl Parucker, nascido a 6.9.1888 está no colo da mãe.

Klempnerei von R. F. Parucker (1864-1908), in Itoupava Seca*. Parucker kam 1885 im Alter von 21 Jahren aus Joinville und ehelichte L. Dittrich am 28.5.1885. Er war ein begabter Violinist und Dirigent des Männerchores und starb im jungen Alter von 44 Jahren an einer Blutvergiftung. Richard F. C. Parucker (geb. 6.9.1888) auf dem Schoß der Mutter.*

Acervo / *Sammlung* A. H. Blumenau



Bom Café da Ilha. Ofertas especiais para revendedores. A. Schrader.



Rendas em linha, tule e bordados. Aplicação de rendas em tule e bordados. Tecidos de rendas em branco e bege, recém chegados, em grande variedade na loja de Friedrich Specht, *Altona*.

Conde d'Eu em Blumenau

1884

Frederico Kilian



Pesquisando fatos históricos de Blumenau, ocorridos nos primeiros anos da emancipação da Colônia, deparamos no jornal *Blumenauer Zeitung*, edição 51 de 20.12.1884 com o relato da visita do Conde d'Eu, esposo da princesa herdeira do trono imperial do Brasil, que aqui esteve nos dias 15 e 16 de dezembro daquele ano de 1884. Escreve o redator do citado semanário que, conforme fora anunciado pela Presidência da Província, o Conde d'Eu resolvera fazer uma visita ao recém-criado município de Blumenau, tendo chegado no dia 15 de dezembro entre 3 e 4 horas da tarde. Já desde cedo a vila engalanara-se para receber condignamente Sua Alteza e se preparava para proporcionar sua curta estada da mais aprazível forma possível. Tão logo que o vapor *Progresso* anunciava com longos apitos a sua aproximação à cidade, uma incalculável multidão se dirigiu ao porto local e às margens do Rio Itajaí-açu para assistir à chegada do ilustre visitante e dar-lhe as boas vindas, aportando Sua Alteza ao som do hino nacional executado pela banda musical local e sob os brados de "Vivas" da população aglomerada no porto de desembarque.

Após as apresentações protocolares e do estilo, formou-se um préstito, puxado pelas bandas musicais de Rüdiger e Lingner, tendo à frente os alunos do Colégio *São Paulo* (depois *Santo Antonio*), conduzindo Sua Alteza até a Igreja Católica onde foi realizado um solene "Te Deum". A seguir, voltando ao local da sede, Sua Alteza visitou a Coletoria, como também a Câmara Municipal, onde lhe foram apresentados também os arquivos da Colônia e da Câmara. Após curta demora o préstito dirigiu-se ao edifício *Schreep*, onde a Câmara havia reservado aposentos para o visitante e sua comitiva e onde também, pelas 6 horas se realizou um banquete em honra do ilustre visitante.

À noite a cidade apresentou-se festivamente iluminada com lampiões multicolores. Não só a Alameda das *Palmeiras* estava feericamente iluminada, mas também da mesma forma as casas da vila, destacando-se várias residências particulares, dentre as quais a do Sr. Gärtner. O príncipe ficou encantado pelo festivo aspecto, externando sua admiração e entusiasmo aos presentes ante tão fabuloso panorama de luzes. Após um ligeiro passeio pelas principais ruas da vila, Sua Alteza compareceu à uma reunião dançante, realizada em sua honra no Salão dos *Atiradores*, onde, antes do baile, as sociedades de cantores *Germânia* e *Urania* se apresentaram com os seus coros orfeônicos, executando vários números de seus repertórios, cujos cantos mereceram os aplausos do homenageado.







Johann Anton Heinrich Sandreczki e Senhora. Pastor Evangélico que sucedeu ao Pastor Hesse, exercendo a função entre 1879-88, até a chegada do Pastor Faulhaber, em 1889.

Johann A. H. Sandreczki und Gemahlin. Evangelischer Pastor als Nachfolger von Pastor Hesse, dessen Amt er von 1879 bis 1888 übernahm, bis zur Ankunft von Pastor Faulhaber im Jahr 1889.

Acervo / Sammlung A. H. Blumenau

Na manhã seguinte foi improvisado um passeio de carruagem até a casa do Sr. Clasen. Antes da entrada naquele bairro, em frente à casa do Sr. Höppner, o príncipe foi recebido por uma delegação de senhoritas e moços a cavalo, onde uma das moças o cumprimentou com uma breve alocução, sendo-lhe ofertado, por parte das moças, vários ramalhetes de flores. Após esta curta interrupção, a caravana prosseguiu até o bairro de *Altona*, tendo à frente a delegação de recepção e, chegados à casa do Sr. Clasen, foi oferecido pelo dono da casa ao ilustre visitante e sua comitiva alguns refrigerantes e petiscos, tendo nessa ocasião Sua Alteza expressado seus agradecimentos pelas surpresas que lhe foram proporcionadas, declarando ainda em conversa que, pelo que havia observado pessoalmente, não era tudo verdade o que havia escrito Zöller sobre nossa Colônia.

Como, porém, Sua Alteza pretendia ainda regressar na tarde desse dia, todos tornaram à sede da Vila, porém, na volta foi feita uma ligeira parada na casa do Sr. Höppner e também uma visita a cervejaria do Sr. Hosang, cujo estabelecimento e maquinário despertou muito interesse e causou o agrado de Sua Alteza.

Chegados à sede da Vila, o príncipe ainda visitou rapidamente as escolas, a Igreja Evangélica, Cadeia, Hospital, etc., tendo também, na parte da manhã já visitado a fábrica de malhas e tricotagem do Sr. Hermann Hering Senior, onde com muito interesse observou todas as instalações e os maquinários empregados naquela indústria, elogiando o espírito pioneiro do Sr. Hering.

Logo depois do meio dia, entre 1 e 2 horas da tarde, Sua Alteza retornou à Itajaí, após ter se despedido cordialmente das autoridades e pessoas que o haviam acompanhado até o ponto do embarque, sendo saudado ainda, em despedida, pelos brados de "Vivas" dos presentes. Sua Alteza deixou em todos que com ele tiveram contato durante a sua visita aqui uma ótima impressão, conquistando desde logo o afeto e o respeito de todos eles. O príncipe mostrou-se de uma forma tão cordial e amável conseguindo de imediato captar os corações e a simpatia dos blumenauenses, e o fato de ter usado, em suas palestras com os alemães a língua materna destes despertou nos mesmos imensa alegria.

O Conde d'Eu foi acompanhado até Itajaí por alguns moradores da Vila, os quais externaram o pedido feito ao príncipe de não se esquecer de Blumenau, ao que o príncipe afirmou que sempre conservaria em boa memória os agradáveis dias que viveu em nosso meio e as gentilezas de que foi alvo e que levava a firme convicção de que a Colônia continuará numa senda de constante progresso e prosperidade, despedindo-se com estas palavras de seus acompanhantes blumenauenses.

Ao deixar Blumenau, o príncipe entregou ainda à Câmara Municipal a quantia de 100$000 Rs. para ser distribuída aos pobres.

Nas notas locais do mesmo jornal acha-se registrado um doloroso fato ocorrido por ocasião da viagem do Conde d'Eu a Blumenau.

É que de Itajaí haviam contratado a banda musical do Sr. Schneider, para tocar naquela cidade na recepção do Conde d'Eu, pelo que três homens dessa banda musical se dirigiram, com seus instrumentos, viajando de canoa à Itajaí. Mas quis o destino que os mesmos se atrasaram e quando se aproximavam da Barra do Itajaí-mirim, o vapor *Progresso* já vinha subindo com o príncipe a bordo. Por um descuido do canoeiro, as ondas produzidas pelo vapor fez com que os três ocupantes da frágil embarcação perdessem o equilíbrio e caíssem no rio. Dois dos mesmos se salvaram nadando, mas o terceiro, um rapaz de 17 anos, filho do mestre pedreiro Gauche, de Blumenau, pereceu afogado. Este fato impressionou mui dolorosamente a todos e principalmente ao Conde d'Eu, que afirmou ser este fato o único ponto negro de toda sua viagem que até então havia decorrido sem quaisquer contratempos ou acidente.

Gustav Stutzer

1885

Gustav Stutzer nasceu em 30 de janeiro de 1839 em Seesen am Harz (Alemanha) e faleceu em 18 de março de 1921 em Heidelberg. Teólogo Evangélico foi casado com a escritora Therese Schoot (nascida em 1841, também em Harz). O casal viveu 18 anos na Alemanha, 20 no Brasil e 6 entre a Inglaterra, Tirol e Suíça. Tiveram 6 filhos. A família Herbert Richers, do Rio de Janeiro, é descendente dos Stutzer. Benemérito fundador do manicômio Neu-Erkrerode*, no Ducado de Braunschweig, e do* Theresienhof*, em Goslar, sanatório para neuropáticas, imigrou devido à enfermidade de sua esposa, na busca de climas melhores. Este imigrante veio para Blumenau em 1885, com 46 anos de idade, onde se estabeleceu entre o ribeirão da* Velha *e o* Morro do Aipim*, área de cerca de 8.000 jeiras, terras adquiridas do Dr. Blumenau. Ao chegar a Blumenau, já se encontrava ali desde agosto de 1856 um irmão seu, Otto Stutzer, então com 20 anos de idade. Este personagem, importantíssimo na vida desta Colônia, viria a ser o 1º. Superintendente eleito pelo povo, cargo que exerceu de 1895 a 1899. Faleceu em Blumenau em 1927, aos 91 anos de idade. Gustav Stutzer protagonizou com Dr. Blumenau um imbróglio que ficou na história da Cidade. A causa foi exatamente a validade ou não das escrituras passadas pelo Dr. Blumenau a ele. O litígio seria julgado em três instâncias dando ganho de causa a Stutzer. Entretanto, de nada valeu esta decisão, e acabou Gustav Stutzer sendo "injusto ao acusar o Dr. Blumenau ... por fim, seu adversário, o Pastor Stutzer, tornou-se o maior propagandista na Alemanha, através de seus livros e demais escritos, estes como aqueles publicados em grandes tiragens". (Karl Fouquet). Ao deixar a Colônia Blumenau, publicou –* In Deutschland und Brasilien / Na Alemanha e Brasil, Retratos da Colônia Blumenau*, cuja 1ª edição data de 1913.*

O texto a seguir foi extraído da Blumenau em Cadernos *(Tomo 50, n. 6, nov/dez 2009), tradução de Annemarie Fouquet Schünke.*







Blumenau, c. 1890

À esquerda, com violoncelo, José Bonifácio da Cunha, que governou o município entre 1890/92 e 1899/1902. O terceiro da esquerda para à direita, sentado, Hermann Baumgarten, Diretor do *Blumenauer Zeitung* e seu filho Julius.

Links, mit Cello, Jose Bonifácio da Cunha, Stadtvorsitzender zwischen 1890/92 und 1899/1902. Dritter von links nach rechts, sitzend, Hermann Baumgarten , Leiter der Blumenauer Zeitung *und sein Sohn Julius.*

Acervo / Sammlung Paulo Baier

Esboços da Colônia Blumenau: minha primeira impressão

Meu irmão (Otto Stutzer, NR) providenciara uma boa hospedagem em um hotel, até alugarmos uma casa e nos instalarmos. Sua mulher, Röschem, se preocupou carinhosamente com o nosso conforto. Ainda na mesma tarde (de 1885), ele apresentou-me ao procurador do Dr. Blumenau e ao Cônsul alemão. À tardinha, conheci o *Stadtplatz* (Centro), mas, então, as poucas ruas já estavam desertas. A Alameda das *Palmeiras* era linda; a Prefeitura apresentável; a Igreja Católica, altiva; a Evangélica, singela, porém, bem localizada; a Escola, insignificante; a velha Sociedade dos *Atiradores*, romântica. A paisagem é encantadora, morros magníficos circundam a pequena parte plana. O largo rio forma uma curva defronte à cidade e recebe as águas do ribeirão *Garcia*, sobre o qual há uma ponte excepcionalmente alta.

Perguntei ao meu irmão por que essa ponte sobre o pequeno afluente era tão alta e ele respondeu: "- Veja as marcas nas paredes das casas! Assim, o Itajaí subiu em uma noite. O *Stadtplatz* tem a pior localização imaginável de toda a Colônia.

Naquela ocasião (1880), o rio subiu 16 metros acima do nível normal e houve muita destruição. Um desastre parecido já ocorrera em 1852, época na qual existiam apenas alguns barracos, que foram arrastados pelas águas. Mas não foi possível convencer o Dr. para transferir a cidade cinco quilômetros rio acima, embora fosse uma localização mais segura e melhor".

"- Por que não?", perguntei.

"- Porque, toda essa terra era propriedade particular dele e agora pertence a ti".

Não comentei nada do que Asseburg havia dito sobre o retrocesso dos negócios. Sem querer ser preconceituoso, resolvi verificar tudo pessoalmente e pedi a meu irmão para mostrar-me a Colônia no dia seguinte. Sorriu da ingenuidade do novato e falou:

"- Para conhecer todos os vales são necessárias duas semanas, seja a cavalo ou de carroça. Amanhã faremos um pequeno passeio de 50 a 60 quilômetros. Vamos cavalgar ou vamos de carroça?"

"- Cavalgar, naturalmente".

"- Bem, espero que agüentes".

Ao nascer do sol, já estávamos montados. Eu, num cavalo manso de trote esquisito. Este logo percebeu que levava na garupa um europeu inexperiente. A sela era muito agradável, mais parecia uma cadeira de balanço. Ao desviar, puxei a rédea esquerda e o bicho foi para a direita. Meu irmão disse:

"- Precisas encostar a rédea direita no pescoço e puxar!" Aí funcionou. Pensei:

"- Em que mundo estranho eu me encontro!" O sol brilha do norte, o vento frio do sul, a primavera inicia em setembro, e perto do Natal o calor é mais intenso. Ontem à noite olhei a lua crescente e observei que ela não tem o formato de um C invertido, porém, o de uma canoa. Quando se quer virar para a esquerda, precisa-se usar a rédea do cavalo direita. Sabe lá o que ainda preciso aprender!

Assim, trotávamos em uma estrada de barro, na manhã banhada de orvalho. Passamos por casas realmente bonitas, muitas delas com jardins bem cuidados, parecendo vilas. Embora fosse cedo, já havia pessoas na lida. A neblina se estendia sobre o rio. Meu irmão indicou uma extensa mata e disse:

"- Esta é a parte principal de tua aquisição, é a região da *Velha*, são 6.000 *morgos*. Para conhecê-la, primeiro, tu precisarás construir uma picada, ou seja, um caminho estreito, normalmente usado por caçadores".

"- Mas eu recebi do Dr. Blumenau um mapa, cuidadosamente elaborado, onde constava um caminho de 8km, além de outros secundários". "- Apenas um projeto não concretizado". A estrada estava ficando movimentada. Encontramos carroças, puxadas por 4 cavalos, carregadas com tábuas e sacos de milho, algumas carruagens para duas pessoas *(aranhas)*. Muitos homens usavam tamancos coloridos e quase todas as mulheres andavam descalças. Elas se apoiavam com o joelho em uma forquilha alta e com o dedão do pé esquerdo em um estribo minúsculo. Era muito esquisito, mas diminuía o perigo de ficarem presas ao estribo durante uma queda do cavalo.

Tanto os meninos quanto as meninas sentavam escarranchadas, sem sela, não usavam rédea, apenas uma corda como cabresto. Os cavalos eram de pequeno porte com acentuada depressão nas costas detrás de uma cernelha elevada, na verdade não era cavalos de montaria, apenas um meio de transporte. Perguntei admirado ao meu irmão o porquê da falta de pedestres. Ele retrucou:

"- Nosso tio em Scharfoldendorf era conhecido como o guarda-florestal cavaleiro e nossa tia Luise, que tinha medo de cavalos, era apelidada senhora guarda-florestal cavaleira. Aqui, praticamente todas as pessoas usam cavalos para se locomoverem. Já passamos por pedreiros, carpinteiros, diaristas, um alfaiate, um barbeiro apressado e uma lavadeira sem pressa, todos, a cavalo. Acontece que as distâncias são muito grandes. Um cavalo usado custa entre 50 a 80 *marcos*, um melhor de 100 a 150. Todos possuem um pasto, eles mesmos plantam o milho para alimentá-los, além disso, é barato.


Anzeigen.
Kürzlich erschien im Verlage von Ludwig Koch:
Das Itajahy-Thal
und die
Colonie Blumenau
in Süd-Brasilien, Provinz Santa Catharina, von
G. Stutzer.
Das Werk enthält folgende Widmung:
Herrn Wilhelm Scheeffer,
Präsidenten der Munizipalkammer, Vorsitzenden des
Gemeinde-Rates usw.
meinem lieben Freunde und
General-Bevollmächtigten
in treuer Anhänglichkeit an die Colonie und an
ihn selbst, ihren höchsten Beamten und Repräsentanten
der Verfasser.

Anúncios recentemente publicados pela Editora Ludwig Koch: "O Vale do Itajaí" e a "Colônia Blumenau" no Sul do Brasil, Província de Santa Catarina. Autor: G. Stutzer. A obra leva a seguinte dedicatória: "Ao Sr. Wilhelm Scheeffer, Presidente da Câmara Municipal e do Conselho da Cidade, meu querido amigo e Procurador Geral, como homenagem à Colônia e a ele próprio, seu representante máximo". O Editor.

Não há necessidade de um curral. As crianças que moram muito longe, desde os 5 anos de idade, fazem uso deles para irem à escola. Elas os amarram em qualquer galho durante a aula. A primeira coisa que deves fazer é adquirir alguns bons cavalos".

Como meu irmão já morava aqui há 30 anos conhecia praticamente todos os que encontrávamos, e como Prefeito, era conhecido de todos. Ao cumprimentar, diziam – "Bom dia". Somente algumas vezes ouvimos a saudação – "Que Deus o saúde". Isso quer dizer que a maioria era do norte da Alemanha, somente alguns do sul.

Veio, então, ao nosso encontro, um cavaleiro montado em um magnífico cavalo negro. Usava um poncho, que também cobria a sela e as costas do cavalo. Sob o chapéu de abas largas, um rosto moreno com um bigode preto, na mão um chicote grosso revestido com prata: um brasileiro da gema.

"- Doutor, apresento-lhe meu irmão, que chegou ontem com sua família". Apertamos as mãos.

"- Muito prazer! Já ouvi falar de sua esposa e suas filhas. Dizem que são belas. Não falo bem o alemão!"

"- Excepcionalmente bem, Doutor, e espero que ainda possamos conversar longamente. Mas onde posso aprender o vernáculo?"

"- Para quê?" – disse meu irmão.

"- Isso mesmo, para quê?" – perguntou o Médico – "eu preciso aprender o alemão porque ninguém entende o português. Que língua difícil o alemão!" Separamo-nos com um até breve. Então era isso o que acontecia por aqui com a língua alemã, enquanto os alemães que emigraram para a América queriam desfazer-se o mais depressa possível da bela língua materna e trocá-la pelo horrível som da língua *yankee*. Inclusive tinham vergonha de seu nome de família! Até os filhos do marceneiro Steinweg, de Sessen, minha terra natal, onde construíram seu primeiro piano forte, idêntico ao que havia em casa de meus pais, e que depois mudaram o nome para Steinway, ao chegarem a New York. Uma demonstração maior de falta de caráter era quando resolviam trocar o nome de batismo, herança de uma mãe amorosa, que deveria ser sagrado para eles.

Não se pode levar a mal os ingleses e franceses por debocharem e desprezarem esta deplorável falta de caráter dos alemães no estrangeiro e transferirem isso para todo um povo, pois eles jamais teriam tomado uma atitude semelhante. Em certa ocasião perguntei a um patrício que se intitulava "Guilherme Schmidt", como ele se chamaria se resolvesse se mudar para a China ou Japão.

Logo chegaríamos às colônias (assim se diz aqui para as propriedades particulares). Essas terras estão localizadas em ambos os lados da estrada, umas próximas das outras. As casas ficam à beira, ou mais afastadas da estrada, dependendo como melhor convir ao proprietário. Onde a situação do terreno permite, as colônias têm 220 metros (100 *braças*) de frente, sendo a área total de 100 *morgos* prussianos, ou seja, aproximadamente 25 hectares. Quando as casas se encontram à beira do caminho, existe uma a cada 100 ou 200 metros em ambos os lados da rua. Esta região é bem movimentada e há muitas coisas para apreciar. Aqui, uma bonita casa térrea de alvenaria com pintura branca; mais adiante uma em enxaimel com madeira escura e paredes brancas; mais além uma revestida com canela escura e paredes brancas; ainda mais além, outra revestida com canela marrom ou preta. As janelas estão limpas e têm cortinas brancas. Os jardins fariam a alegria dos apreciadores de flores, pois tem de tudo o que na Alemanha somente se encontra em estufas tropicais. A "rainha da noite" cresce sobre os telhados; a "flor da paixão", coberta de flores, cobre os arbustos da "fúcsia"; as maravilhosas orquídeas amarradas às laranjeiras; palmeiras das mais diversas espécies; bambus, mais belos do que as palmeiras; magnólias, camélias, azáleas e arbustos altos de murtas. Não é possível enumerar tudo, é uma indescritível e bela vegetação.

Meu interesse maior era para com as plantações. Passamos por pequenas plantações de café, às vezes havia apenas uma dúzia de belos arbustos com folhagem verde escura junto às casas, não eram mais altos do que estas.

"- Um pé de café bem cuidado produz em 4 anos e fornece entre 250 a 800 gramas de frutos; se multiplicares isso por uma dúzia de arbustos, terás o suficiente para suprir uma família durante um ano" – disse meu irmão Otto.

Devido ao calor, paramos em frente a uma casa de aspecto agradável para os cavalos descansarem. Crianças louras brincavam na areia. Aceitamos o convite da dona de casa para entrar. Ela mandou chamar o marido na roça e nos ofereceu um copo de leite. Ele era natural de Holstein, vivia aqui há 15 anos.

"- Um realejo tocava uma canção que dizia o seguinte: O Brasil não se encontra muito longe daqui. Foi esta a primeira vez que este país chamou a nossa atenção" – falou o marido.

Em seguida relatou que fora servo na velha pátria e partira somente com uma mala e com aproximadamente 500 *marcos*. Os primeiros anos foram extremamente difíceis, mas agora estava satisfeito e na expectativa da alta dos preços. A mulher reclamava de diversas coisas, como a distância da escola, que não conseguia vender a manteiga boa, que era obrigada a colocar dúzias de ovos na massa do pão (para mim uma boa informação) porque nenhum comerciante pagava mais de um marco por 60 ovos; que não havia chicória para comprar e fazer um bom café, etc. Rimos dessa falta, em meio às sacas de café que haviam colhido. Infelizmente não tivemos tempo para olharmos a casa, animais e as plantações.

Continuamos a cavalgar. Próximo às casas havia plantações de cana de açúcar, milho, tabaco, mandioca, canteiros de verduras e bananeiras. Praticamente não havia cercas de estacas, porém cercas-vivas.



Wilhelm Scheeffer
Superintendente municipal (1887-89).
Gemeindevorsteher (1887-89).
Acervo / Sammlung A. H. Blumenau



Dr. Bernhard Knoblauch e Sra.

De um modo geral eram de limoeiros podados e carregados de frutos, acácias e ananás espinhentos. A vista teria cansado sob essas novas impressões, não fosse o descortinar dos encantadores morros e vales secundários, pontilhados de casas. Repousante olhar o gado pastando nos inúmeros e vistosos pastos verdejantes. Assim chegamos à vila *Indaial*, uma localidade encantadora. Lá cumprimentamos o farmacêutico, filho de um velho Pastor de Braunschweig e ficamos felizes ao ver a igreja e a escola. Depois fizemos a merenda no hotel, atravessamos o rio com a balsa e retornamos através das colônias. No caminho meu irmão perguntou:

"- Tuas coxas estão ardendo?"

"- Um pouco" – retruquei. À noite, junto aos meus, não faltou assunto, além disso, precisei de algo para esfregar nas partes doloridas – banha!

Trabalhos preparatórios

Durante alguns dias deixei de cavalgar. No entanto, isso não me impediu do principal: conhecer os meus terrenos mais de perto.

Primeiro foi o *Morro do Aipim*, bem próximo do *Stadtplatz*. Contratei um guia para limpar, com uma foice, a vegetação que encobria a picada. Também não nego que não me sentia à vontade em andar sozinho por causa das cobras.

Ao penetrar na mata admirei os extremamente grossos bambus japoneses. Certamente, tinham 15 metros de altura e rodeavam um pequeno lamaçal, no qual havia touceiras de papiros egípcios, plantados há cerca de 30 anos. Enquanto examinava suas folhas, eu divagava através dos tempos dos faraós. Então meu guia alertou sobre uma caranguejeira! Matou-a de um golpe com uma foice. O animal acinzentado contorcia-se diante de mim, tinha o tamanho de uma mão masculina.

O guia, ao olhá-la compenetrado, instruiu-me que essas caranguejeiras são mais perigosas do que as cobras. O supersticioso pomerano concluiu dizendo:

"- Meu senhor, isso não é um bom presságio para o início de seu trabalho. Imigrei há 25 anos e até agora somente vi duas ou três vezes um bicho desses, e sempre acontecia uma desgraça em minha família; essa é também a opinião das demais pessoas. Que Deus o proteja e a mim também! Senhor, eu não pretendo deixá-lo apreensivo".

Em silêncio, subimos os 60 metros do morro e admiramos a magnífica vista. Fiquei pensando que uma área de 50 *morgos* poderia servir para construir muitas casas livres de enchente. Não teria muitas despesas, além da construção de caminhos e aplainamento do terreno.

No dia seguinte, levei o mesmo guia e mais um jovem comigo para penetrar na região da *Velha*. Atravessamos um pântano com touceiras de taquara. Essa vegetação é muito espessa e parecida com o bambu. É muito difícil atravessar um taquaral. Enquanto o guia cortava os grossos caules na altura de nossas cabeças, precisávamos nos contorcer e espremer por entre as touceiras. Os caules cortados contêm muita água, parecia que estava sendo despejada sobre o intruso. Após dez minutos estávamos encharcados. Precisamos torcer nossas longas galochas de lona. Isso impressiona o imigrante somente nos primeiros dias, logo nos acostumamos a outras coisas.

Pisamos em terra firme, portanto estávamos na mata. Era uma profusão de árvores, uma ao lado da outra. Conseguimos penetrá-la passo a passo. Havia inúmeros cipós da espessura de um braço ou também finos como um fio, outros precisavam ser cortados, além de palmitos, bambus, filodendros e arbustos espinhentos. A iluminação corria entre pedras, que visão! Árvores cobertas de flores de cor violeta; bromélias escarlates em todos os troncos; uma profusão de orquídeas amarelas; borboletas azuis do tamanho de uma mão aberta.

Mas, que ruído era este, um rosnar e gritaria na copa das árvores? Um barulho infernal! Era um bando de bugios muito assustados, que atravessavam as copas das árvores em disparada. Em seguida a gritaria parou.

O sol já estava mais alto e iluminava as pedras do ribeirão; secamos nossas roupas e descansamos. Felizmente o tabaco não umideceu. Ele estava guardado cuidadosamente em um saquinho de couro em nosso bolso. Fumamos estendidos sobre as pedras aquecidas e retornei à conversa sobre os bugios. O pomerano disse:

"- Atirei em um macaco, somente uma vez, e jamais o faria novamente. Um bando de mais ou menos 50 macacos invadiu minha plantação de milho. Quebraram os pés e comeram as espigas. Corri e busquei a espingarda e atirei. Correram para a mata aos berros. Escutei um lamento na plantação, fui até lá e encontrei uma fêmea morrendo. Nunca mais me esqueci destes lamentos e o olhar acusador".



José Bonifácio da Cunha
Superintendente municipal (1890-92; 1899-1902).
Gemeindevorsteher (1890-92; 1899-1902).
Acervo / Sammlung A. H. Blumenau



Paul Zimmermann e Sra. Joana Jensen
Superintendente Municipal (1915-23).

O jovem que estava conosco emendou:

"- Eu tive uma experiência engraçada com macacos. Meu pai queria pegar um bugio porque o Cônsul oferecera 10 mil réis (20 *marcos*) para enviá-lo à Alemanha. Em uma manhã escutamos um bando próximo da nossa plantação. Meu pai pedira à minha mãe para costurar um casaco de lona com mangas de comprimento dobrado. Então ele foi mais perto da plantação em um lugar livre, colocou o casaco, depois tirou, colocou-o no chão e ficou observando, através de uma fresta da parede da casa, para ver o que aconteceria. Nenhum de nós podia falar e se mexer.

Aos poucos os macacos desceram das árvores. Com muito cuidado um dos maiores se aproximou do casaco, ele tinha o tamanho de meu irmão de 8 anos, provou e provou, por fim conseguiu enfiar os braços. Meu pai correu com o laço, derrubou o macaco, puxou-o para dentro de casa, onde já estava preparada uma jaula. Ganhei um potro pelos 20 *marcos*". A conversa estava boa e perguntei ao pomerano sobre os grandes jacarés do rio. Ele deu uma gargalhada e falou: "- Também lhe pintaram este quadro maluco? Quem o fez foi um jovem altivo, um verdadeiro errante costeiro. Esteve de passagem por aqui e brigou com o Dr. Blumenau que o destratou. Como agradecimento, mandou imprimir a imagem na Alemanha.

Com isso ele prejudicou demais a Colônia. Pois, quem gostaria de imigrar para um país onde tivesse abundância de jacarés com a boca escancarada? Até hoje não vimos nenhum deles. Os pequenos e ariscos jacarés sumiram nos primeiros anos, porque comiam peixes e marrecos".

Enquanto isso, nossas roupas secaram mais ou menos, voltamos à mata e conseguimos avançar um bom trecho até chegarmos novamente ao ribeirão. Então comemos o pão com o autêntico presunto alemão, que toda dona de casa sabe preparar, e voltamos pela picada até sairmos da mata.

Esta foi a minha primeira e grande tarefa. Precisava abrir uma estrada através da mata, para demarcar as colônias em ambos os lados da mesma. Meu irmão tinha bastante experiência nisso e ofereceu sua ajuda com o velho e experiente engenheiro Krohberger , para construir 7 a 8 quilômetros no lugar mais propício. Muito trabalho: duro e caro! Cada árvore precisaria ser retirada e arrancada com suas raízes. Também seria necessário extrair, em 5 metros de largura, todas as árvores em ambos os lados da estrada, para o sol e o ar penetrar e secar o caminho. Inúmeras pontes precisariam ser construídas, além de realizar cortes de morros, mais aterros e dinamitar rochas. Os dois jornais blumenauenses colocaram anúncio para contratar trabalhadores e apresentaram-se aproximadamente 80 deles. A maioria veio da velha pátria: do vale do *Selke*, do *Ilse*, do *Warnow*, etc. Assustei-me com o número de pessoas. Todos preferiam receber um salário, ao invés de trabalhar a própria terra. Não era um bom sinal.

Meu irmão tranquilizou o inexperiente:

"- Não podemos negar que estamos vivendo um momento de crise. Muitas vezes já passamos por isso e sempre conseguimos superar. Isso são males de todas as colônias, mas não desanimes.

No momento, com certeza, não conseguirás vender muita terra, mas logo a situação deverá melhorar".

Foram selecionados os 20 melhores trabalhadores, e o engenheiro demarcou o caminho a ser aberto. Os homens limparam um espaço onde ergueram os barrancos com cobertura de folhas de palmito. As camas foram trançadas com cipós, a despensa e a cozinha feitas com ripas de palmito, bem unidas. A parte superior do palmiteiro fornece uma verdura similar ao aspargo. Um jovem, não suficientemente forte para o trabalho pesado, ficou para o cargo importante de cozinheiro. Não havia problema com o cardápio, era sempre o mesmo: de manhã, às 5 e meia, um café bem forte e muito açucarado deveria estar pronto, juntando-se a isso um panelão de feijão preto, que fervilhou durante toda a noite. Pontualmente às 6 horas iniciava o trabalho. Das 11 até uma hora da tarde, descanso. No almoço: feijão preto, cozido com carne de porco ou carne seca e como sobremesa, bastante café forte. Às 6 da tarde, janta: feijão preto com arroz ou farinha de mandioca, salada de palmito e muito café como sobremesa. Cachaça não era tolerada e nem desejada. Aos domingos não se trabalhava e era acrescido um assado com bananas grelhadas ao feijão, batatas e outras coisas mais. Muitos iam ao *Stadtplatz* e também à Igreja.

Após 21 refeições semanais de feijão preto, eu percebi que ele não era apenas a mais nutritiva refeição como também o mais delicioso de todos os cereais que, amassado, era um excelente alimento infantil. O feijão não faltava em nenhuma refeição dos brasileiros; mesmo o Imperador Dom Pedro II dava preferência ao feijão preto aos demais pratos, tanto que ele foi apelidado de "Pedro feijão". Do mesmo modo como os índios convertidos ao cristianismo rezavam o Pai Nosso – dê-nos, nosso arroz de cada dia, porque desconheciam o nosso pão. Assim, os brasileiros poderiam dizer – dê-nos, nosso feijão de cada dia.



Julius Probst e Sra.



Christian Karsten e Sra.

Uma observação à parte: a verdadeira bebida sul americana não é o café, porém, o mate. Essa bebida, praticamente desconhecida na Europa, possui propriedades excepcionais, o consumo generalizado é uma questão de tempo. As folhas e pontas de um arbusto do tipo azevinho fornecem o mate ou chá do Paraguai. Essas plantas baixas são principalmente encontradas nas matas da Província do Paraná; porém, também no planalto de São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Os jesuítas, que trabalharam junto aos índios há 200 e até 300 anos informaram que o indígena tomava essa bebida diariamente, e atribuem a ela o fortalecimento de todo o corpo. Eles achavam o mate muito saudável e formaram grandes plantações.

Dois homens e duas opiniões

Logo depois de nossa chegada à Colônia Blumenau, notei um senhor que toda manhã às 9 horas, com passos lentos e largos, cruzava o centro da cidade. Não olhava para a direita nem para a esquerda, e nem aos cumprimentos dos passantes respondia. Sua aparência era tão estranha como o seu comportamento.

Descalço ou de sandálias, seu corpo magro e alto vestindo calças brancas de sarja, que era amarrado na cintura com um cinto preto, e ali pendurado um facão. O peito, semi-coberto com uma larga camisa branca e a cabeça era coberta por um chapéu de palha. Uma comprida bengala acompanhava seus passos compassados. Toda a figura dava a impressão de um autômato. No entanto, a lata verde coletora que levava nas costas, fazia saber que se tratava de um colecionador. Mas certamente uma figura original.

Pedi informações sobre esta pessoa estranha e me disseram que se tratava de um valioso colaborador de Darwin. Este era mesmo *Fritz* Müller, considerado por suas obras, "o mais sincero e ativo colecionador e pesquisador de insetos", e que Darwin e toda a ciência natural lhe eram gratos.

Eis, portanto, um homem original famoso. Disseram-me que não se importava com ninguém e não era acessível a nenhuma pessoa. Consegui, no entanto, ser recebido em seu gabinete de trabalho.

Estava sentado em frente a uma grande mesa pintada de branco, examinando insetos e jogando-os em vidros com álcool. Depois de um rápido olhar em minha direção, mostrou-me uma cadeira à sua frente e, resmungando, disse que teria que terminar primeiro o trabalho porque encontrara alguns espécimes raros.

Encontrei tempo suficiente para estudar sua cabeça. Uma larga testa o fazia parecer menor; o bigode e a barba não conseguiam esconder a larga boca. Os olhos pequenos no exame dos insetos eram quase cerrados. À minha frente encontrava-se uma personalidade repulsiva. Com um olhar pesquisador virou-se para mim e perguntou:

"- Não ficou com medo em vir aqui?"

"- Por que medo? Teria sido melhor ter medo de Dr. Blumenau e ficar na Alemanha!"

"- Eu sei que o senhor é um ortodoxo e a estes odeio".

"- É, eu sei que o senhor é um famoso naturalista, cujas pesquisas eu muito admiro, mas o resultado dessas divagações filosóficas, não tem nenhum valor".

"- Não perca tempo em querer me converter" – respondeu asperamente, rebatendo: "- Não acredito no que o senhor chama de Deus; também o espírito é apenas uma função do cérebro. O que o senhor chama de pecado é apenas imaginação e superstição. Não preciso de nenhum salvador. Eu digo com Voltaire: *écrasez l'infâme*".

"- Tudo é matéria. Os religiosos são os maiores inimigos da humanidade!"

Mas todas essas observações vazias não causaram nenhuma impressão. Levantei-me e, ao me despedir, disse:

"- O senhor então passa bem além de Darwin que é amigo e favorece as missões cristãs".

"- Tolas reminiscências de sua educação inglesa".

"- Eu apenas tive o desejo de conhecer o homem mais famoso da Colônia".

Com estas palavras completei minha despedida. Suas filhas, um pouco mais tarde, passaram para a religião Católica.

Outro importante encontro

Nossa residência ficava nas imediações da Igreja Católica. Certa noite estávamos sentados todos juntos na varanda à luz de uma lâmpada conversando com a governanta lendo para as crianças. Foi então que depois de uma batida forte no portão entrou em trajes de trabalho o religioso da Igreja Católica, Padre Jacobs.

"- Me permitam meus caros, que eu me deleite em mirar este quadro de tranquilidade familiar alemã e que me apresente".

De vista já o conhecíamos e também já lhe fizera uma visita, mas não o encontrara.

Com a segurança de um homem culto e familiarizado com a etiqueta ele cumprimentou primeiro a dona da casa com um firme aperto de mão e algumas gentis palavras.



Luiset Konder e crianças.



Maria Rischbieter

Pediu desculpas por se apresentar a esta hora da noite, mas como nos vira na escadaria da igreja e sentira-se solitário, resolveu fazer esta visita porque nos vira sentados na varanda.

O tom de sua voz era suave, porém másculo; a boca acentuadamente pequena, o queixo saliente e enérgico, os olhos grandes e escuros. Os traços fisionômicos lisos revelavam muitas reflexões e lutas travadas.

Minha esposa, tocada pela aparência e comportamento do inesperado visitante, respondera amavelmente oferecendo uma boa vizinhança. Falamos sobre muitos temas e como é natural também, sobre religião. Disse entre outro que se considerava um simples Padre entre milhares.

"- Eu compreendo que o senhor quer evitar que no nosso primeiro encontro não haja questões religiosas mais profundas e que apenas quer ouvir o visitante".

"- Realmente Padre, mas também não nego que fiquei curioso em saber mais de sua vida. Soubemos que o senhor é jesuíta".

"- Sim" – respondeu – "vanglorio-me em pertencer à Sociedade Jesus" – disse com voz firme. "- Sou um destes que foi tingido na pele inteira e um convicto total das obrigações de nossa Ordem". E continuou a falar:

"- Aluno do Colégio de Jesuítas em Roma, depois professor dos direitos canônicos, fui designado como educador dos filhos do Conde de Montpellier. Sete anos vivi como tal em Paris e região campestre, acompanhei meus alunos em viagens pela Europa, conheci todas as casas da nobreza Católica. Regressei depois a Roma, onde recebi a recompensa e a ordem de seguir para a América do Norte como dirigente de nossa missão. Cerca de dez anos permaneci lá. Nossa obrigação era abafar uma forte propaganda Protestante. Não o escondo perante o senhor. O mais forte antagonista encontrado foi a igreja luterana. Para reforçar o espírito combativo de meus irmãos, eu lia e debatia com eles as escrituras e livros de nossos oponentes para assim encontrar melhores armas para seu combate. Mas estas discussões sobre o ensino Protestante foi minha perdição. Não o ensino propriamente dito, mas sim, os motivos históricos dos Protestantes contra a sucessão de Petri e contra o domínio dos papas". A voz do nosso visitante tornava-se mais baixa. E continuou:

"- Logo fui chamado a Roma, me retratei, não fui repreendido, mas recebi ordem para seguir para cá. Eu sabia o que isto significava. O exílio! Certamente minha presença incomodava outros. Hoje apenas sei onde serei enterrado, mas um inimigo ainda me acompanha: a solidão. Na hora em que ingressei na ordem, perdi o pai, a mãe, dois irmãos e uma irmã. Será que ainda vivem? Eu jurei não os conhecer mais. Assim não tenho família nem pátria".

Foi quando ergueu a cabeça e agradeceu a nossa compreensão em ouvir em silêncio neste desabafo. E logo se despediu com novos votos de boa vizinhança.

Ficamos impressionados com tudo que ele nos contou. Nossa amizade com Padre Jacobs perdurou até nossa volta à Alemanha. Quando deixamos Blumenau presenteei o Padre com uma caixa de livros. Agora, há muito já descansa em paz. Dois homens e duas opiniões diferentes à margem da floresta virgem do Brasil.

Cavalgava todas as manhãs para a *Velha* e voltava somente à noite. Não sobrou nada da antiga dor de cabeça. O trabalho iniciou em outubro de 1885 e findou em março de 1886. Durante esse tempo derrubamos 10 *morgos* em cada um dos três lugares para formar roças. Foi realizada a queimada, e aprendi com as pessoas mais experientes a melhor maneira de proceder com a agricultura subtropical.

Tudo se desenvolvia muito bem: milho, feijão, batatas, aipim e cana de açúcar. Também mandei serrar tábuas, pilares e vigas na mata. Dez anos depois, essa experiência foi de extrema utilidade para o tratamento das diferentes espécies de madeira, em uma permanência de um ano e meio de trabalho contínuo na mata, em outra região do Brasil.

1891 – O ano fatídico

Tendo perdido meu processo contra Dr. Blumenau, onde alegava que as terras adquiridas não tinham o valor real que fora pago, parti da Alemanha com destino a Blumenau. Sem trabalho e quase sem dinheiro, encontrava-me novamente na Colônia Blumenau. Fiquei na casa de meu irmão onde fui recebido com muito carinho. Rudolf Scheidemantel tinha razão quando me aconselhou a editar um novo jornal em lugar de seu *Immigrant*. Nos primeiros dois dias já contava com 89 assinaturas o *Bote naus dem Itajaital / Mensageiro do Vale do Itajaí*.

Foi quando recebi um telegrama de Santos do Sr. Richers, chamando-me, pois encontrara um emprego para mim. Vendi secretamente algumas peças de roupas para poder pagar a passagem. Minha esposa e minha filha também estavam prestes a chegar da Alemanha.

Até 1908 ainda estive em franca atividade no Brasil, mas sentia que já não estava mais tão forte e depois de vender todas as minhas propriedades, regressei em maio de 1909 à Europa, onde passamos a viver como nômades entre Inglaterra, Alemanha e Suíça.



Dorothea Schelter e filhos
Katharina, Ella, Erwin e Stephan.



Blumenau, c. 1900

Entrada da Rua das *Palmeiras*.
Ao centro, *Nova Escola Alemã*.
À direita, casa de Karl Wilhelm Friedenreich.

Eingang zur Palmenallee.
In der Mitte Neue Deutsche Schule.
Rechts, Haus von K. W. Friedenreich.

ACERVO / SAMMLUNG A. J. SALATINI

Auction.

Freitag, den 8. Oktober und Sonnabend, den 9. Oktober, im Schützenhause von Vormittags präcise 9 Uhr an.

G. Stutzer.

Leilão, Sexta 8 e 9 Sábado de Outubro na Casa dos *Atiradores*, pontualmente às 9h da manhã. Gustav Stutzer.

Zum Benefiz der anzuschaffenden Kirchenuhr

Theater-Vorstellung

des

Vereins „FROHSINN“

Sonntag, den 12. September 1886.

Der Sonnwendhof.

Volksschauspiel in 5 Aufzügen
von S. H. Mosenthal.

Em benefício da aquisição do relógio da Igreja Evangélica, no Teatro *Frohsinn*. Domingo, dia 12.9.1886: *Der Sonnenwendhof* / *O Sítio do Solstício*, peça popular em 5 atos de S. H. Mosenthal. Horário: 7 ½ em ponto. Ingressos: Srs. 1.000 réis; Sras. 500 réis; crianças menores de 12 anos, 320 réis.

Cervejarias

Consta ter sido Albert Gabriel Schmalz, um imigrante suíço, o introdutor da cerveja em Santa Catarina, na região de Dona Francisca (Joinville), em 1852. Com 31 anos de idade, junto à esposa Margaretha Zenger, 32 anos, o casal partira de Hamburg acompanhado de 5 filhos, entre as idades de 8 a 2 anos. Seu destino, inicialmente, era de se estabelecer no Rio de Janeiro. No entanto, tendo chegado ao porto de Hamburg com atraso, resolveu tomar o primeiro navio que viesse para o Brasil. Coincidentemente, o mesmo navio que trouxera dois anos antes os 17 pioneiros para Blumenau – o Emma & Louise. A cervejaria Schmalz, a primeira elaborada artesanalmente, era feita de milho: "O malte era feito pela germinação dos grãos de milho em água quente. Uma tina de madeira era usada para clareação e, depois, a fermentação e a maturação duravam quase duas semanas". Oito anos depois, em 1860, era na Colônia Blumenau criada 10 anos antes, que chegava o 1º cervejeiro: Heinrich Peter Andreas Hosang. Com a mesma idade de Albrecht, Heinrich Hosang era um imigrante oriundo de Braunschweig, mesma região de onde viera Dr. Blumenau.

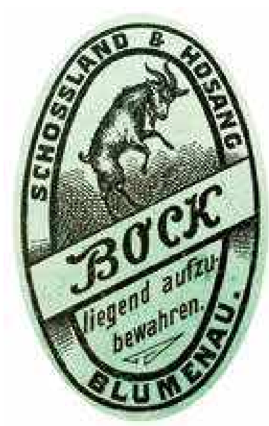
Por volta de 1875, no sopé do morro da Boa Vista, instalara-se a cervejaria de Karl Rischbieter – a Rischbieter Brauerei. Em 1890, Otto Jennrich, nascido no Barracão dos Imigrantes, abria uma cervejaria na Itoupava Seca. Até aos 14 anos, Otto trabalhara na cervejaria Hosang. Tendo adoecido, deixou o serviço e, a caminho da casa de seus pais, recebeu a ajuda de Gustav Persuhn Senior, que o amparou, tratou de sua doença por um mês e ajudou a criar sua cervejaria. Também na Itoupava Seca, em 1898, Heinrich Feldmann Senior, imigrante alemão chegado em Blumenau aos 5 anos (em 1868), fundou uma cervejaria artesanal cujo produto levava o nome de Alpen Bräu. Passando de pai para filho, esta cervejaria funcionou até o ano de 1954. No auge de sua produção alcançara a venda de 2.500 garrafas por semana. Blumenau, até o final do séc. XIX, contava com cerca de 6 a 8 cervejarias. Muitas foram esquecidas, outras resultaram em histórias, que o Prof. José Ferreira da Silva narrou, foi publicada em Blumenau em Cadernos e aqui reprisamos.



Heinrich Hosang (1828-1888)



Helene B. Hosang (1838-1917)





Fritz Schneider, 1922

Itoupava Seca (Altona). Aspectos da casa e cervejaria dos Hosang, construída em 1860.

Ansichten des Wohnhauses der Hosangs und deren Brauerei, erbaut 1860.

Acervo / Sammlung A. H. Blumenau

Vindos da velha Germania, onde o uso da cerveja era tradição das mais antigas, um quase culto, era natural, também, que os colonos agrupados no estabelecimento fundado pelo Dr. Blumenau, pensassem como o herói de Shakespeare na *"Twelfth night"* : "Dost thou think, because thou art virtuous, there shall be no more cakes and ale?" / "Pensas, por acaso, porque és virtuoso, que não deva haver mais bolos e cerveja?".

Em 1858, veio juntar-se aos colonos alemães que construíram, à margem do *Garcia*, a sede da Colônia Blumenau, um imigrante de 30 anos de idade, natural de Braunschweig, o condado alemão de onde também procedia o fundador.

Chamava-se Heinrich Hosang. Homem ativo e empreendedor, não limitou suas ocupações ao amanho da terra. Pensou logo na criação de uma indústria de cerveja, de que trouxera prática do velho mundo. E tão logo viu possibilidade de suficiente consumo para a produção prevista, e depois de ter construído sua casa no lugar onde hoje é a Rua *São Paulo* e de ter se casado com Helene Brandes, instalou, nos fundos de sua residência, a sua pequena indústria.

Isso se deu em 1860, quando Blumenau contava, apenas, pouco mais de 950 moradores, agrupados em 190 famílias e outras tantas casas de moradia, das quais só umas 60 mereciam esse nome, pois, as outras, não passavam de ranchos cobertos de palha.

O terreno adquirido por Hosang tinha 150 *jeiras* e custara 450$000 (Cr$ 450,00), que foram pagos à vista. Não se tendo, no momento de efetuar o pagamento, conhecimento, ainda, do regulamento da Colônia (que naquele mesmo ano de 1860 passara para o domínio do Governo Imperial) e que concedia o desconto de 12% sobre o preço de terras pagas à boca do cofre, Hosang, em 1867, requereu lhe fosse devolvida a importância que pagara a mais.

A fábrica de Hosang prosperou. De ano para ano foi crescendo o consumo de bebida que preparava e que era a preferida do comércio. O casal Hosang teve 5 filhos: Elise, depois casada com Alwin Schrader (que chegou ao posto de Superintendente municipal, tendo governado Blumenau por 3 quatriênios consecutivos); Otto, casado com Clara Odebrecht; Clara, casada com o Conde von Westarp; Franz, casado com Anna Maschke; e Helene, que se casou com Hermann Schlossland.

Hosang esteve à frente de sua indústria até 1888, quando faleceu com 60 anos de idade. Seus herdeiros guardaram um curioso livro de registro de vendas de cerveja, de 1880 a 1881, a comerciantes e particulares de onde se colhem dados interessantes da nutriente bebida, naquela época.

Assim, verifica-se desse livro que a *Sociedade dos Atiradores*, de que era zelador o Sr. Franz Lungershausen, consumiu, só no primeiro daqueles anos, 7.722 garrafas de cerveja fabricada por Hosang, fora as de outras marcas que já havia na Colônia, o que representa uma média de 22 garrafas diárias.

Moritz Holetz, dono do hotel de mesmo nome e bar, era outro grande freguês da cerveja Hosang: cerca de 300 garrafas por mês. Outros clientes – Reinhardt, Ferdinand Schrader, Heinrich Probst, August Sutter, Wilhelm Scheeffer, Victor Gärtner, Paul Hartmann, Hermann Stein, G. Beyer, Wilhelm von Asseburg, A. Rabe, M. Schreiber, Kestner, Hermann Hering, Wilhelm Engelke, Jens Jensen e de muitos outros, espalhados pelo interior da Colônia, eram outros tantos revendedores importantes.

Uma espiada indiscreta às páginas do livro do resgistro de vendas revela-nos particularidades interessantes. Por exemplo: Dr. Franz Valloton, que era Médico na Colônia, não era muito sóbrio no consumo de cerveja – mais de 2 garrafas por dia. O engenheiro Heinrich Krohberger contentava-se com uma só, diariamente. Dr. W. Eberhardt, outro Médico, farmacêutico e, depois, agente do Correio, era mais moderado. Dr. W. Engelke não lhe ficava atrás: 32 garrafas em dezembro, certamente para as festas de Natal. Dr. Vitorino de Paula Ramos, chefe do *Comissariado de Terras* também se contentava com uma garrafa por dia, assim como Dr. F. P. da Costa Moreira, Juiz municipal. Ao escrivão H. Gloeden bastavam 6 garrafas por mês. A família do Dr. Blumenau, em 6 meses, consumiu 126 garrafas de cerveja do Hosang. Deixemos, porém, as indiscrições de lado.

Após o falecimento de Heinrich Hosang, a viúva, auxiliada por seu filho Otto, continuou à frente da fábrica, com a mesma eficiência e o mesmo sucesso anterior, até que, em 1898, Franz Hosang, filho do casal, ao lado do genro Hermann Schossland passaram a dirigir a cervejaria, sob a razão social de *Schossland & Hosang*.

Em 1906, Franz Hosang assumiu, sozinho, a responsabilidade pela firma, até 1923 quando, por motivo de doença, viu-se obrigado a fechar a fábrica, vendendo todo o acervo, material e maquinismos, à firma *Bock*, de *Nova Breslau* (*Presidente Getúlio*), onde ainda prestaram serviços por longos anos.

É dessa última época o rótulo da *Cerveja Victória,* que custava 300 réis a garrafa. Era como as demais, das chamadas "marca barbante", porque as garrafas, ao invés de serem fechadas com tampinhas de metal, como se usa hoje, eram obturadas com rolhas de cortiça.

Um fio de barbante, passado sobre as rolhas e amarrado ao gargalo das garrafas, assegurava maior resistência aos efeitos da fermentação da bebida. A partir de 1862 outros fabricantes de cerveja existiram em Blumenau.

Em relatório do Dr. Blumenau, este dá como existindo na Colônia, em vários anos, cerca de 10 fábricas de cerveja.



Franz Hosang



Anna Maschke Hosang





Fritz Schneider, 1922

Cervejaria *Hosang*

Acervo / *Sammlung*
A. Karin von Knoblauch

Fritz Schneider (München, 1900 – Joinville, 1998) foi pintor de aquarelas em quadros e louças. Quando a 1ª Guerra Mundial começou, aos 14 anos, foi estudar pintura na *Real Manufatura de Porcelana*, em Nymphenburg. Depois, frequentou por 2 anos o *Liceu de Artes e Ofícios* de München. Em 1920 resolveu vir para o Brasil, permanecendo no Rio de Janeiro, Santos e Paranaguá. Trabalhou então numa fábrica de louças em Colombo (PR) e depois foi para Blumenau onde morou por 2 anos, 1921-22. Foi quando realizou esta bela aquarela da cervejaria dos Hosang, em 1922. De Blumenau foi para São Paulo onde se casou com uma "alemã blumenauense", de nome Irmgard. Na capital paulista trabalhou em duas fábricas famosas: *Matarazzo* e *Zappi*. Produziu obras de arte em louça que ganharam fama mundial. Em 1975 o casal foi para Joinville onde ele faleceu em 1998.

Fritz *Schneider (München 1900 – Joinville 1998) war Bild- und Porzellanmaler. Bei Beginn des Zweiten Weltkrieges begann er im Alter von 14 Jahren sein Studium an der* Königlichen Porzellanmanufaktur *in Nymphenburg. Danach studierte er zwei Jahre an der* Kunst- und Handwerksschule *München. 1920 kam er nach Brasilien, wo er zunächst in Rio de Janeiro, Santos und Paranaguá lebte. Er arbeitete in einer Porzellanfabrik in Colombo (Paraná) und zog nach Blumenau, wo er 1921 - 1922 seinen Wohnsitz hatte . In dieser Zeit entstand dieses schöne Bild der Hosang-Brauerei (1922). Von Blumenau wechselte er nach* São Paulo*, wo er seine "Deutsche aus Blumenau" Irmgard ehelichte. Hier wirkte er im Auftrag der beiden berühmten Porzellan-Fabriken* Matarazzo *und* Zappi. *Seine Porzellanmalereien errangten Weltruhm. Im Jahr 1975 zog das Ehepaar nach Joinville, wo F.S. 1998 verstarb.*



Irmãs Hosang



Irmãos Karl e Inge Rischbieter.

Outra cervejaria importante em Blumenau foi a de Karl Rischbieter, conhecida por *Rischbieter Brauerei,* estabelecida no sopé do morro da *Bela Vista*, por volta de 1875 e que, anos depois, foi adquirida por Walter Berner, que viera de Joinville e continuou no ramo por longos anos. A propósito desta fábrica, Prof. Max Humpl fala em sua "Crônica de *Altona*".

Esta "Crônica", infelizmente, foi consumida no incêndio da Prefeitura em 1958. Graças à admirável e paciente pesquisadora, Dona Christiane Deeke Barreto, que copiara parte deste livro, referente à família Rischbieter, em que se entrosam os seus descendentes, podemos conhecer um pouco deste texto de Max Humpl.

"Junto ao sopé da *Bela Vista* começa, com a Cervejaria *Rischbieter* a nossa *Altona* (*Itoupava Seca*). Aproximamo-nos do homem apoiado em uma bengala à la *velho Fritz* (Friedrich Rex, da Prússia), com o inevitável cachimbo entre os dentes, expressão benévola no rosto sadio, o proprietário daquelas construções, Karl Rischbieter que, no bonito bar da sua cervejaria, nos conta, prazeirosamente, a história da sua vida e da sua casa, apresentando-nos, assim, em horas bem agradáveis, um retrospecto dos primeiros dias dos moradores aqui recém estabelecidos, pois, *contar* é o seu prazer, e com razão, pois ele tem jeito para isso.

Tio Karl nasceu a 12 de setembro de 1849 em Bienenbuettel, perto de Hannover, tendo chegado aqui aos 12 anos de idade, em 29 de dezembro de 1861, em companhia de seus pais, Ludwig e Charlotte Rischbieter, de um irmão e 6 irmãs. De canoa, como todos os imigrantes da época, subiram o rio até a propriedade adquirida em *Salto do Norte*, na margem esquerda do Itajaí-açu, defronte à atual ponte do *Salto*, onde Karl Rischbieter, durante 11 anos, experimentou todas as agruras e prazeres da vida dos imigrantes pioneiros, tendo, depois, partido para o Rio de Janeiro, onde foi aprender a profissão de cervejeiro. De volta, instalou-se ele, entre 1875 e 1877, perto do seu atual estabelecimento, na propriedade de Karl Probst, fronteira às terras de August Werner, com a sua primeira cervejaria, até que adquiriu de August Blomeyer, a propriedade conhecida como dos Ebert, onde levantou as construções da atual fábrica e dependências, menos a saleta-bar, que só foi construída em 1907, como necessidade absolutamente *edificante*.

Em 1879, Karl casou-se com Hedwig Clasen, filha do serralheiro estebelecido em *Altona*, Heinrich Clasen e de sua esposa Auguste, nascida Mathes. Tendo esta falecido, casou-se Heinrich em segundas núpcias com Alvine Rischbieter, irmã de Karl, tornando-se este, cunhado do sogro e da própria irmã que, por sua vez, ficou sogra e cunhada do irmão.

O irmão de Karl Rischbieter, de nome Wilhelm, havia alugado uma casinha de madeira, construída em 1863, próxima a uma grande figueira, onde ele, desde 1866 se instalara com uma vendinha e fábrica de vinagre, até que de lá se mudou para uma propriedade adquirida mais próxima à sede. Esta casinha histórica, perto da figueira, havia sido antes uma bodega de cachaça, que tinha o nome de *Waldschnepfe* (Codorna do Mato), servindo de ponto de reunião dos primeiros moradores da Colônia, que até ali chegavam subindo o rio, de canoa, ou pelas íngremes



Maria Rischbieter, sentada à esquerda.

picadas de caçadores. Posteriormente morou nela o sapateiro Ruehr, durante uns 8 anos, tendo sido salvo, em canoa, na enchente de 1880, quando a *Waldschnepfe* foi totalmente submersa. Mais tarde, e por alguns anos ainda, estabeleceu-se na casinha um certo Steinert, com outra bodega. Iniciou, então, Karl Rischbieter o saneamento dos pântanos nas baixadas da sua propriedade, perto da figueira, tendo colaborado também, ativamente, no melhoramento da estrada geral (depois Rua *São Paulo*), construída na sétima década do século XIX, a qual, especialmente no trecho *Dr. Sappelt* (imediações da Praça *Fritz Müller*) e nos *Stich* (adjacências da esquina das Ruas *São Paulo* e *Alm. Barroso*) era área extremamente pantanosa, onde inúmeras carradas de pedras foram tragadas pela espessa camada de lodo.

No ano de 1879, levantou Karl Rischbieter, junto à casa de enxaimel, já construída em 1860 por Ferdinand Ebert (demolida em 1914) e que até então servira de moradia aos Rischbieter, a atual casa residencial, em situação esplêndida, à beira do rio, rodeada de árvores frutíferas, palmeiras e de bem cuidados jardins. A cervejaria prosperou, tendo sido adaptada à eletricidade em 1913. *Bavária* (clara) e *Favorita* (escura), além da marca *Schwartzbier* eram produzidas na proporção de 100 mil garrafas anualmente, mais ou menos. Karl progrediu, tornando-se cidadão abastado, conceituado e de influência na vida da comuna, onde desfruta, pelo gênio alegre, despretenciosa amabilidade e retidão inata, de grandes simpatias. Como 1º. e 2º. Presidente, durante longos anos, da *Sociedade dos Atiradores*, fundada em 1859, foi ele a alma das diversões promovidas por essa agremiação, nos *velhos bons tempos*.

Em 1904, a 29 de agosto, quando se realizou, também, o casamento de sua filha Emma com José Deeke, celebrou Karl as bodas de prata com sua esposa Hedwig. Tiveram 3 filhos e 5 filhas que receberam uma educação esmerada na escola amparada por Karl, a *Escola da Velha* (próxima ao Vale da *Velha,* pela estrada do ribeirão *Scharackenbach / Jararaca*, adulterado para *Jaracumbá*). Nesta escola lecionava, em benemérita atividade professoral, seu cunhado Karl Hertel.

Sorte e azar experimentou Karl, intensamente, na sua vida. Tendo tido a rara felicidade de assistir, no ano de 1885, as bodas de ouro de seus pais, feriu-o doloroso golpe, a 7 de abril de 1906, quando perdeu seu filho mais velho, Adolf, nascido em junho de 1880, cuja vida, cheia de esperanças, apagou-se, vítima de um acidente de equitação.

A 19 de janeiro de 1914 faleceu, aos 99 anos de idade, sua mãe Charlotte, nascida em Alms (Alemanha). Era, então, a pessoa mais idosa de *Altona* (*Itoupava Seca*)."

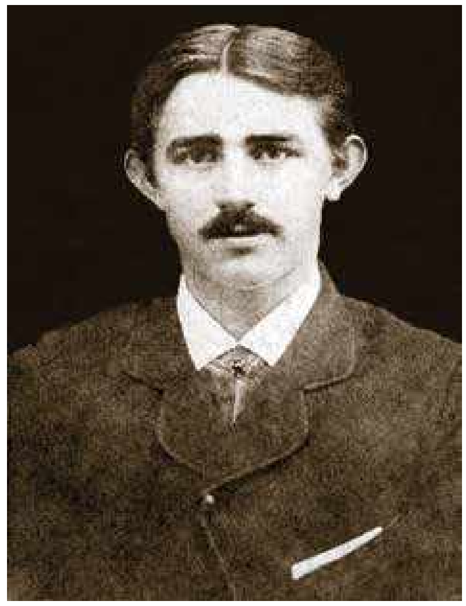
Temos, finalmente, a *Cervejaria Jennrich*, de *Itoupava Seca*, que por vários lustros foi o ponto de reuniões alegres dos apreciadores de cerveja daquele bairro. Mesmo de Blumenau, não poucos apaixonados da loura bebida, se reuniam no bar que Jennrich preparara num compartimento da fábrica, mobiliado ao capricho, à moda das tradicionais *Bierstube* da legendária München, com os seus jarros e canecões de barro e porcelana lavrada, ostentando figuras e legendas, ora sérias, ora brejeiras, com chifres e cabeças de veado e de outros animais enfeitando as paredes.

Alí as horas decorriam céleres, em barulhentas tertúlias, pela noite adentro, sob o estourar das rolhas bombardeando o teto, donde guirlandas pendiam. Ao alto da entrada, a decantada frase latina: *Cerevisiam bibunt homines; coetera animantia bibunt ex fontibus*. (Os homens bebem cerveja; os outros animais bebem água). Quando a pressão subia além do normal, começavam as cantorias. A princípio, ordenadas, cadenciadas e harmônicas. Depois, e à proporção que o "calor" aumentava, iam a todas as escalas da desafinação, em sustenidos incríveis, ou em baixos tétricos e sepulcrais.

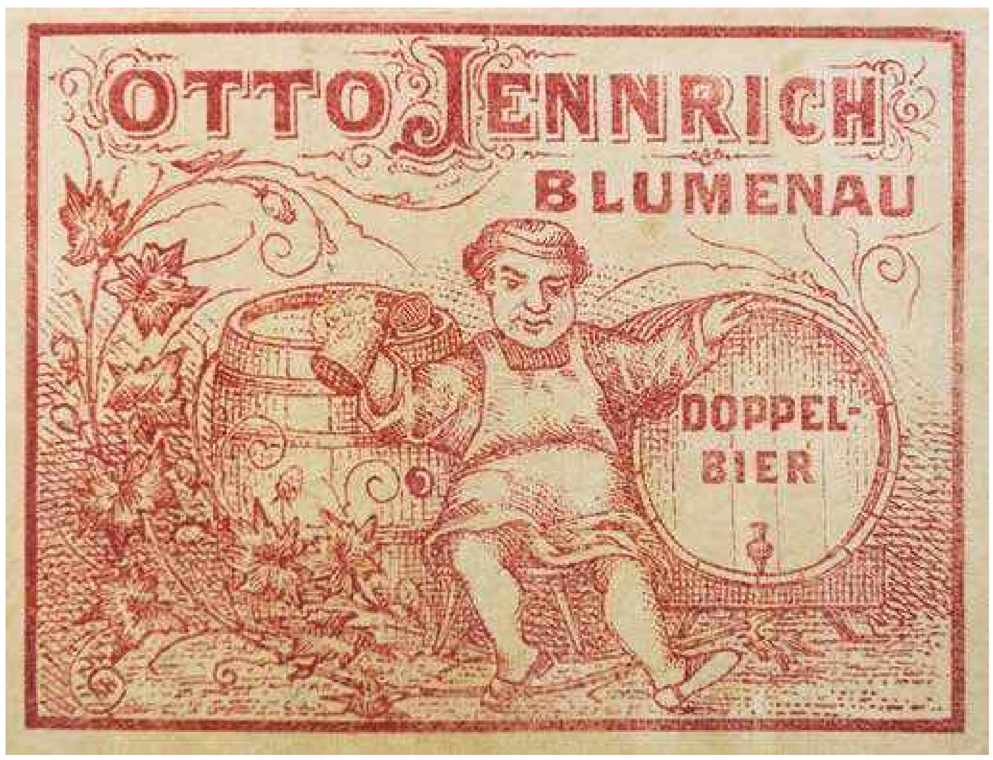
Otto Jennrich criara-se com a família Hosang (de cuja cervejaria se tornara auxiliar dedicado e operoso). Já homem maduro, estabeleceu-se por conta própria. Era, além de bom cervejeiro, homem de bastante leitura e tinha grande paixão pelas coisas do passado blumenauense. Assim é que, à própria custa, construiu, em terreno fronteiro ao da cervejaria, uma pequena casa em que instalou um museu. Alí se via uma infinidade de objetos de raro valor histórico e etnográfico, como flechas, arcos e outros apetrechos dos *Botocudo* que infestavam o Vale do Itajaí; exemplares de plantas exóticas, coleções de insetos e de moedas, minerais, fotografias antigas, rótulos de produtos industriais, enfim, uma série enorme de pequenas coisas relacionadas com os primeiros tempos da Colônia, com os seus fundadores e povoadores, com as nossas riquezas naturais.

O *Museu Jennrich* era tão ou mais conhecido e apreciado quanto a sua cerveja. Esta era vendida sob vários nomes, como: *Estrela, Polar* e *Kulmbach*, preta, em meias garrafas. O seu custo era, geralmente, de 400 réis a garrafa. Quando Adolf Schmalz, Hans Lorenz e Victor Gärtner Filho instalaram um cinema em *Itoupava Seca*, a entrada, que custava 1$200, dava direito a 3 garrafas da *Jennrich-Einfach*, bebidas no próprio salão de projeção, enquanto se apreciavam as fitas de Max Linder, de Waldemar Psilander, quase sempre ao lado de Asta Nielsen.

Jennrich tinha as suas esquisitices e era de gênio reservado, pouco comunicativo, apesar de, não raro, ter que sentar-se à mesa dos apreciadores de sua cerveja e, com estes, afundarem-se na consequente e comunicativa alegria. Andava quase sempre de tamancos. E quando era obrigado a usar sapatos, adquiria-os sempre de um ou dois números maiores que os dos pés, pois tinha verdadeiro pavor de ver seus pés molestados. Nunca se casou. Viciara-se no uso do cachimbo e do fumo em corda. Chegou até a idealizar e construir uma máquina para picar fumo. A esse respeito, conta-se que, certa feita, quando movimentava a sua máquina, fê-lo com tanta infelicidade, que decepou, totalmente, as duas primeiras falanges do indicador direito. Sem se alarmar, embrulhou o pedaço do dedo num lenço e foi procurar pelo Dr. Hugo Gensch para que este o repusesse no devido lugar.



Otto Jennrich (1868 - 1944)





Johannes Jansen, 1941

Rua *Heinrich Hosang*, em *Itoupava Seca*.
À esquerda, casa de Franz von Knoblauch (ainda existente); por trás, atual Rua *São Paulo*.
À frente da porteira ficava a Cervejaria *Hosang*.

Straße H. Hosang*, in* Itoupava Seca*. Links, Haus von F. von Knoblauch (besteht noch heute). Hinter dem Hof befindet sich die heutige Straße* São Paulo*. Gegenüber des Tores befand sich die* Hosang-*Brauerei.*

Acervo / Sammlung Marcos von Knoblauch

Verificando a impossibilidade da uma intervenção cirúrgica, Dr. Gensch pilheriou com o cervejeiro, dizendo-lhe que não ficasse triste, pois que aquele pedaço de dedo, depois de bem seco, daria um excelente limpador de cachimbo. Pois Jennrich teve a pachorra de fazer secar muito bem o pedaço do dedo e mostrava-o, frequentemente, aos amigos, chamando-lhes a atenção para a originalidade do instrumento que o Médico lhe havia recomendado para desentupir o cachimbo.

Com a falange que lhe restava, Jennrich costumava fazer outras pilhérias, como metê-la, em parte, na narina, parecendo, assim, que ali havia metido o dedo todo, o que causava hilaridade aos amigos e o espanto nas crianças, que não podiam compreender como é que se podia enfiar um dedo inteiro no nariz. Jennrich foi um cidadão prestimoso e o bairro em que desenvolveu a sua atividade muito lhe deve pelo seu engrandecimento urbano e social.

A *Cervejaria Jennrich* passou, mais tarde, para a responsabilidade da *Cervejaria Blumenauense*, em sociedade organizada por *Schmalz & Thiede* e foi, depois, incorporada ao patrimônio da *Antartica Paulista*.

Há memória, ainda, da *Cervejaria Schmidt,* que fora instalada em prédio nas proximidades da *Casa Flesch*, na Rua *XV de Novembro*.

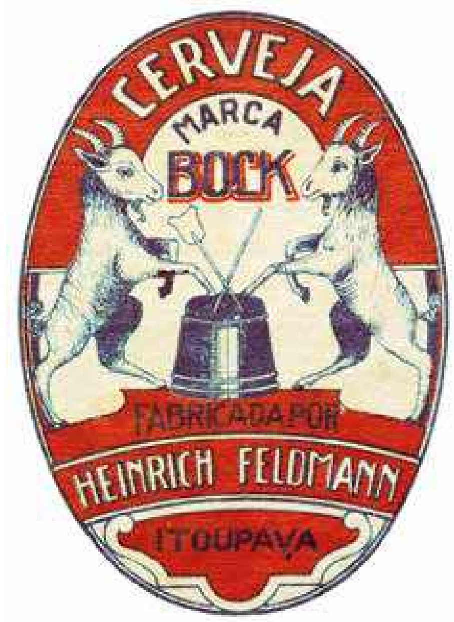
O proprietário, Sr. Schmidt, era sogro do Dr. Bonifácio Cunha. Foi, entretanto, indústria que durou pouco tempo e que parece, não teve desenvolvimento comercial. Sabe-se que o produto não era bem aceito, pois seu dono era conhecido pela alcunha de *Sauerbieronkel*, isto é, o "titio da cerveja azeda".



Rótulo original da Cerveja *Victoria*, fabricada por Franz Hosang, filho de Heinrich Hosang.

Original-Label der Victoria *Brauerei, unter Leitung von Heinrichs Sohn Franz Hosang.*

Acervo / Sammlung Marcos von Knoblauch









Blumenau, c. 1900

Cervejaria *Jennrich* na *Itoupava Seca (Altona)*. Otto Jennrich mandara fixar uma inscrição latina em letras góticas na entrada de sua cervejaria: *Cervisiam bibunt homines; coetera animantia bibunt ex fontibus.* (Os homens bebem cerveja; os outros animais bebem água).

Brauerei Jennrich *in* Itoupava Seca (Altona). *Am Eingang seiner Brauerei ließ Otto Jennrich ein Schild mit einer gothischen Inschrift anbringen:* Cervisiam bibunt homines; coetera animantia bibunt ex fontibus. *(Die Männer trinken Bier; die anderen Tiere trinken Wasser.)*

Acervo / *Sammlung* A. H. Blumenau



Blumenau, c. 1900

Casa de August D. Persuhn (1873-91). Comércio de escovas. Otto Jennrich – Bar e residência (1891-1928), posteriormente, "Casa dos Pobres" de 1907-28. Museu.

Haus von A. D. Persuhn (1873-91). Bürstenhandlung, Schänke, Wohnhaus (1891-1928). O. Jennrich – Schänke u. Wohnhaus, später Armenhaus (1907-1928). Museum.

Página ao lado / *Seite gegenüber*
Blumenau, c. 1905

Itoupava Seca / Altona

Otto Jennrich, ao centro; à esquerda, Persuhn; à direita, Becker. No quadro, a giz, está escrito: "Cerveja do Jennrich e linguiça do Becker acalmam a fome e saciam a sede".

O. Jennrich, in der Mitte; links, Persuhn; rechts, Becker. Auf der Tafel steht mit Kreide geschrieben: "Jennrich Bier und Becker Wurst stillt den Hunger und löscht den Durst".

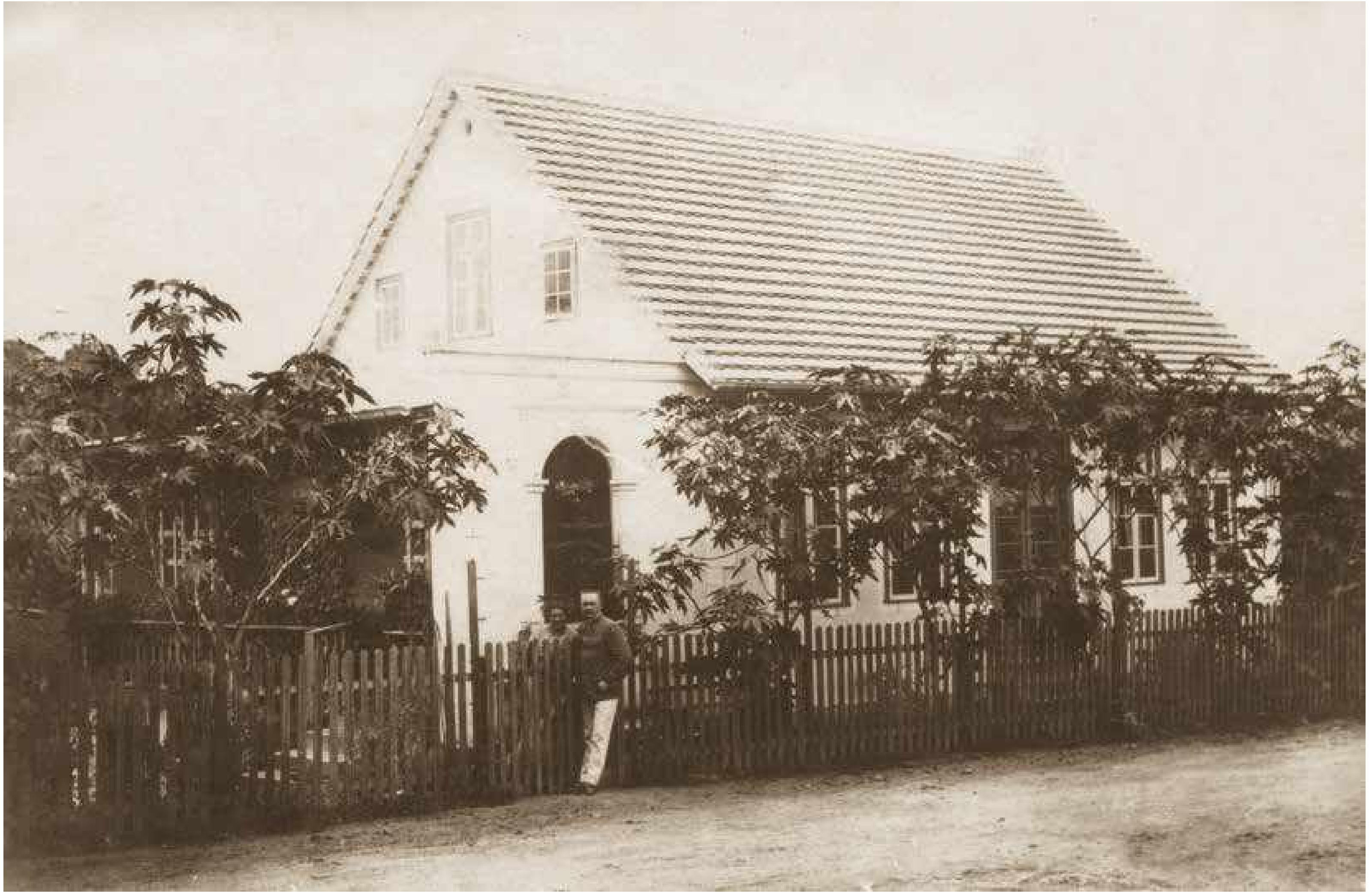
Acervo / *Sammlung* A. H. Blumenau

Uma pequena e singela casa de madeira abrigava o *Museu de Altona*, mais um "gabinete de curiosidades". Seu primeiro proprietário foi August Daniel Persuhn, entre 1873-91. Um pequeno negócio, um comércio de escovas, bar e jogo de *Skat*. Depois passou para Otto Jennrich que, em 1897, mudou-se para outra casa e o local, além de "Museu", servia para abrigar até 9 pessoas, aos quais diziam ser a "casa dos pobres". Alí morou um comediante de nome Aras que também fabricava molduras para quadros. August Franke, enquanto construía seu hotel, também se abrigou neste local. Na virada do século e nos primeiros anos de 1900, muita cerveja foi aí consumida. A enchente de 1911 danificou bastante este "templo das musas".

Ein kleines schlichtes Haus beherbergte das Altonaer Museum*, eher ein "Kuriositäten-Kabinett", dessen erster Besitzer (von 1873 bis 1891) A. D. Persuhn war. Ein kleines Geschäftshaus, Bürstenhandel, Schänke und Skatspiel-Ort. Danach übernommen von O. Jennrich, der 1897 in ein anderes Gebäude wechselte, wo nebst Museum insgesamt 9 Gäste untergebracht werden konnten. Dieser Ort war als "Armenhaus" bekannt. Hier wohnte zeitweise ein Komödiant namens Aras, der ebenfalls Bilderrahmen herstellte, ebenso wie A. Franke während des Baus seines Hotels. Zur Jahrhundertwende und in den ersten Jahren nach 1900 wurden hier große Mengen Bier konsumiert. Die große Flut von 1911 beschädigte maßgeblich diesen "Tempel der Musen".*

Hermann von Ihering


Jennrich Bier
und
Becker Wurst
Und löscht den
EXTRA-BRÄU
OTTO JENNRICH
BLUMENAU
PROSIT!







Blumenau, *Itoupava Seca*, c. 1900. Atual Rua *Xavantina.*

Casa de Karl Rischbieter, Cervejaria.
Karl (Bienenbuettel, Hannover, 1849 - Blumenau, 1927), chegou a Blumenau em 29.12.1861, em companhia de seus pais, Ludwig e Charlotte, um irmão e 6 irmãs. Em 1879, casou-se com Hedwig Clasen e tiveram 3 filhos e 5 filhas (onde uma delas, Emma, casada com José Deeke, deu o nome ao município *Dona Emma*). Da sua fabricação de cerveja, eram especiais as marcas *Bavária* (clara), *Favorita* (escura) e *Schwarz* - em produção que chegou a 100 mil garrafas/ano.

Haus Karl Rischbieters, Brauerei. Karl (Bienenbuettel, Hannover, 1849 - Blumenau, 1927), kam am 29.12.1861 nach Blumenau in Begleitung seiner Eltern Ludwig und Charlotte, einem Bruder und 6 Schwestern. 1879 ehelichte er H. Clasen, mit welcher er 3 Söhne und 5 Töchter hatte. (Seine Tochter Emma ehelichte J. Deeke und gab ihren Namen dem Ort Dona Emma*). Rischbieters Biere waren bekannt als* Bavaria *(helles),* Favorita *(dunkles), und* Schwarz*. Die Produktion erreichte 100 Tausend Flaschen im Jahr.*

Acervo / Sammlung IHGSC

Kinematograph- u. Kinemarophon-Theater G. m. b. H.

Voranzeige.

Es finden bis zum 1. Januar 1909 folgende kinematographische Vorstellungen statt:

Am 21. und 22. November bei Herrn Nicolaus Jensen, Itoupava.
„ 5. „ 6. Dezember „ „ Friedrich Weege, Testo.
„ 12. „ 13. „ „ „ Stanke, Warnow.
„ 19., 20., 25. u. 26. Dezember bei Herrn A. Lüders, Indayal.
Sylvester und Neujahrstag bei Herrn Schulz, Timbo.

Am 1. und 2. Weihnachtsfeiertag und Neujahrstag bei Herrn R. Holetz am Stadtplatz.

Alle Vorstellungen mit darauffolgendem

grossem Ball.

Korbwaren

aus der Fabrik des Herrn Carlos Elling, Joinville, zu Fabrikpreisen.

Kinderwagen zu verschiedenen Preisen.



Elegante Puppenwagen

Wasch-, Hand- und Deckelkörbe in allen Preislagen.

Ferd. Schabrack

Gute TASCHENTUCH-PARFUMS

(Spezialität: Augusta-Viktoria-Veilchen.)

sowie deutsche

Haaröle u. Seifen

(Spezialität: Veilchen-Seife.)

empfiehlt A. Schrader.

Sonntag den 24. Februar

Tanz-Musik

wozu freundlichst einlade.

R. Holetz.

THEATER

Blumenauer Unternehmen G. m. b. H.

Pfingsten 1908.

Am 1. Feiertag im Saale des Herrn Richard Holetz, Stadtplatz.

Sociedade „Recreio Juvenil“

no

Salão Butzke, Itoupava-secca

Sabbado, 24 de Agosto, ás 8 horas da noite,

Dança fantasia

e depois

Baile familiar

Theater „Frohsinn“

Oberstetter-Konzerte

Zwei Abende

1. Abend, **Sonnabend, den 22. Januar,** 9 Uhr abends:

„Das deutsche Volkslied“.

2. Abend, **Dienstag, den 25. Januar,** 9 Uhr abends:

„Die deutsche Ballade u. Opernarien“

ausgeführt von dem berühmten Wagnersänger Herrn Commendador

Hans Edgar Oberstetter

Kgl. Preuss., Kgl. Bayr. Hof-, Opern- und Kammersänger. Erster Bassbariton an folgenden Theatern: Kgl. Hofoper München, Kgl. Hofoper Wiesbaden, Festspielhaus Bayreuth usw.

Programm des ersten Abends:

Wilhelm Hill: Deutsche Volksmelodie **„Das Herz am Rhein“** (Es liegt eine Krone im grünen Rhein).
Deutschromantisches Trinklied **„Im tiefen Keller sitz ich hier“**.
Josef Meissler: Deutschromantisches Lied **„Stolzenfels am Rhein“** (Ein Grenadier auf dem Dorfplatz stand).
Karl Heins: Deutsches Volkswalzerlied **„Zwei dunkle Augen“**.
Gustav Pressel: Deutschromantisches Volkslied **„An der Weser“** (Hier hab ich so manches liebe Mal mit meiner Laute gesessen).

— 20 Minuten Pause. —

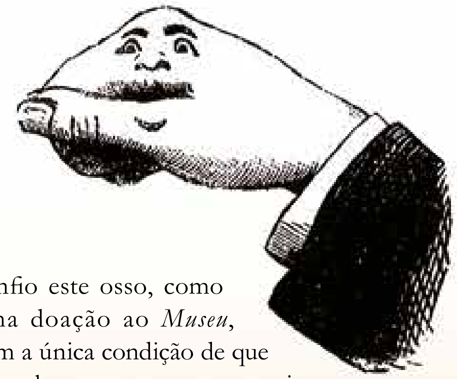
Engelb. Humperdingk: Deutsches Volkslied **„Am Rhein“** (Wenn im sonnigen Herbste die Traube schwillt).
M. Heiser: Deutsche Volksballade **„Das Grab auf der Haide“** Was stellen sich die Soldaten auf?)
A. Neuendorff (Engelhardt): Deutschromantische Volksballade **„Der Rattenfänger“**) (Wandern, ach wandern ohn' Aufenthalt).
Fr. Aug. Reissiger: Deutsches Trinklied **„Der schlesische Zecher“** (Auf Schlesiens Bergen, da wächst ein Wein).
Lassen: Deutschpatriotisches Volkslied **„Ich hatte einst ein schönes Vaterland“**.
Bayrisches Volkslied **„Was i hab“** (Schöne Liederln, ja die hab i).
Oscar Strauss: **„Die Musik kommt“**.

Eintritt für ein Konzert:
Stuhlplatz 3$, Bank oder Stehplatz 2$.

Karten sind im Vorverkauf zu haben bei der Firma G. Salinger & Co., unterer Stadtplatz, und in der Buchhandlung von G. Artur Koehler.

Carta de Paul Hering a Otto Jennrich

Blumenau, 5 de junho de 1902
Senhor Otto Jennrich, proprietário e Diretor do Museu Científico e Histórico-Cultural



Peço desculpas pela minha letra tremida, mas a excitação, a terrível excitação é a única culpada desse fato. Imagine o senhor: acabei de fazer uma descoberta da maior importância para o mundo científico. O dilema sobre o berço da humanidade praticamente acaba de ser resolvido. Não foi a Mesopotâmia, e sim Blumenau, o local dos primeiros seres humanos. Como provar tal afirmação? Ora, pela descoberta que eu fiz! Vamos aos fatos, antes mesmo que o senhor fique curioso. Durante a escavação de um poço encontramos um osso, numa profundidade de 10 metros. Este fato em si não teria qualquer significado, já que muitos ossos antigos se encontram abaixo da terra. O que faz este osso ter tanta importância é um desenho gravado em sua superfície: duas figuras humanas. Se considerarmos que nossas terras foram habitadas há milhares de anos por indígenas, e se compararmos o aspecto e o vestuário reproduzidos neste desenho com a aparência e indumentária dos nossos índios, pode-se constatar imediatamente que esta reprodução nada tem a ver com os mesmos, mas certamente com seres humanos de uma cultura bem mais antiga, que, em termos de inteligência, em nada perde para a nossa atual. Da mesma forma, a sepultura com os restos mortais do homem faz lembrar um sofá ultramoderno contemporâneo. Por outro lado, vê-se a ilustração de um Marabú, pássaro que aparentemente nunca viveu nas Américas. Tudo isso indica uma procedência muito antiga desta peça. Certamente eu não estou equivocado em avaliar a idade deste osso em várias centenas de milhares de anos. Da mesma forma encontram-se palavras gravadas sobre a peça, sem qualquer semelhança com as mais antigas das nossas escritas; mais me parecem tais letras como símbolos hieroglíficos, das tribos dos Hottentotten ou dos Urang-Otangos. Somente uma palavra tem uma leve semelhança com a expressão "Male", e este fato me levou a uma reflexão.

O que o senhor acha? Não seria como se o homem, surpreso pelo aparecimento repentino de um ser feminino, exclamasse: "Será que a minha Male ainda vive?". Sim, sem qualquer sombra de dúvida, este é o significado deste símbolo, e então o senhor mesmo me diga: Não é maravilhoso que esta canção já exista há tantos milhares de anos, antes mesmo da criação do mundo, não, quero dizer, antes mesmo do dilúvio? O sagrado Ben Akiba não teria razão ao afirmar que: "Tudo já existiu em algum tempo remoto"? Pois então, excelentíssimo Senhor Diretor, eu lhe confio este osso, como uma doação ao *Museu*, com a única condição de que uma placa com o meu nome seja afixada ao seu lado, e que a mesma peça seja virada a cada meio ano, para que não fique mofada na parte inferior. Além disso, espero que nem orgulho nem vaidade tomem conta de seu coração na função de proprietário de um objeto tão valioso, e que o senhor mantenha um olho atento aos cachorros da vizinhança, para que nenhum destes seres quadrúpedes por engano desapareça com este osso cultural. Peço ao senhor que mostre este importante achado aos seus amigos e conhecidos, chamando à atenção dos estudiosos para o fato de que, já há milhares de centenas de anos, um povo culto viveu exatamente neste mesmo local, conhecedor da bela canção: "Será que a minha Male ainda vive?".

Seu devoto, Paul Hering.



Blumenau, c. 1900
À esquerda, Fermer, como leitor; ouvintes, esq./dir.: O. Jennrich, Franke, Kriegbaum e Ferchel.
Links, Fermer als Vorleser mit Zuhörern: Otto Jennrich, Franke, Kriegbaum und Ferchel (v.l.n.r.).
Acervo / Sammlung A. H. Blumenau



Blumenau, c. 1905

Rua *XV de Novembro*. *Bilhar e Cerveja Gross*: na porta, o proprietário Oscar Gross e Gustav Hackländer (de boné, o maquinista do vapor). Sentado, ao centro, Arno Konder. O Hotel *Gross* ficava na Rua *XV de Novembro*, entre a fábrica dos Irmãos Hering e o comércio e residência de Hermann Hering. Recuado cerca de 3m da estrada, uma cerca viva de sebe permitia aí os chopes em privacidade. Hotel, Pensão, Bar e Bilhar estritamente familiar. Prato principal: assado de porco com maionese e chucrute.

XV-Novembro-*Straße.* Bier und - Billard Gross*: In der Tür stehend, der Eigentümer O. Gross und G. Hackländer (Kessel-Mann mit Mütze). Sitzend, i.d. Mitte, A. Konder. Das Hotel* Gross *befand sich in der* XV-Novembro-*Straße, zwischen der Fabrik der Gebrüder Hering und dem Geschäfteshaus von H. Hering. In 3 Meter Abstand zur Straße ermöglichte eine Gartenlaube das Biertrinken in gewisser Abgeschiedenheit. Hotel, Pension, Bar und Billard in familiärer Atmosphäre. Hauptgang: Spießbraten mit Kartoffelsalat und Sauerkraut.*

Acervo / Sammlung Hering-Archiv



Deutsche Bierstube

von

Oscar Gross

Blumenau - S. Catharina

Alle Sorten Flaschenbiere, In- und ausländische Weine, Liköre etc.

Kalte Speisen zu jeder Tageszeit.

Spezialität:

H. Schinken und Gänsebrüste.

Jeden Freitag und Sonnabend frische Frankfurter- und Wienerwürste.

Bar Alemão de Cerveja de Oscar Gross Blumenau - S. Catarina. Todos os tipos de cerveja, vinhos nacionais e estrangeiros, licores, etc. Refeições frias a qualquer hora do dia. Especialidade: presunto e peito de ganso. Todas as sextas e sábados, salsichas frescas dos tipos "Frankfurter" e "Vienense".



Blumenau, c. 1905

Rua *XV de Novembro*. *Bilhar e Cerveja Gross*: na porta, o proprietário Oscar Gross e Bruno Hering (1842-1918, de perfil, copo na mão). Bruno Hering, como pedreiro improvisado após a enchente de 1880, empunhava a trolha, citando Schiller: "Tausend fleiss'ge Hände regen, helfen sich im muntern Bund" / "Mil mãos ativas se juntam numa aliança animada". Em seu caixão, no Cemitério Evangélico, foi colocada uma edição do *Faust* de Goethe.

XV-Novembro-*Straße.* Bier und Billard Gross*: In der Tür, der Eigentümer O. Gross und B. Hering (1842-1918*, *im Profil, mit Krug in der Hand). Bruno Hering betätigte sich als improvisierter Bäcker nach der 1880iger Flut, und zitierte Friedrich Schiller Pinsel schwingend: "Tausend fleiss'ge Hände regen, helfen sich im muntern Bund". Seinem Grab im Evangelischen Friedhof wurde eine Ausgabe von Goethes* Faust *beigelegt.*

Acervo / *Sammlung Hering-Archiv*



Bonecas
Barato!
Barato!



Blumenau, c. 1905

Rua *XV de Novembro*. Casa de negócios dos *Irmãos Hering*.
"Os Hering eram tecelões na Alemanha desde 1675. O fio que se rasgara na antiga pátria viria a se reatar na nova pátria em 1880". (Ingo Hering)

XV-Novembro-*Straße. Geschäftshaus der* Gebruder Hering*. "Die Herings waren seit 1675 Webermeister in Deutschland. Der durch ihre Auswanderung gerissene Faden wurde 1880 in der neuen Heimat erneut geknüpft". (Ingo Hering)*

ACERVO / *SAMMLUNG HERING-ARCHIV*



Só na Casa *Hering* você encontra relógios de bolso suíços e relógios de parede alemães.





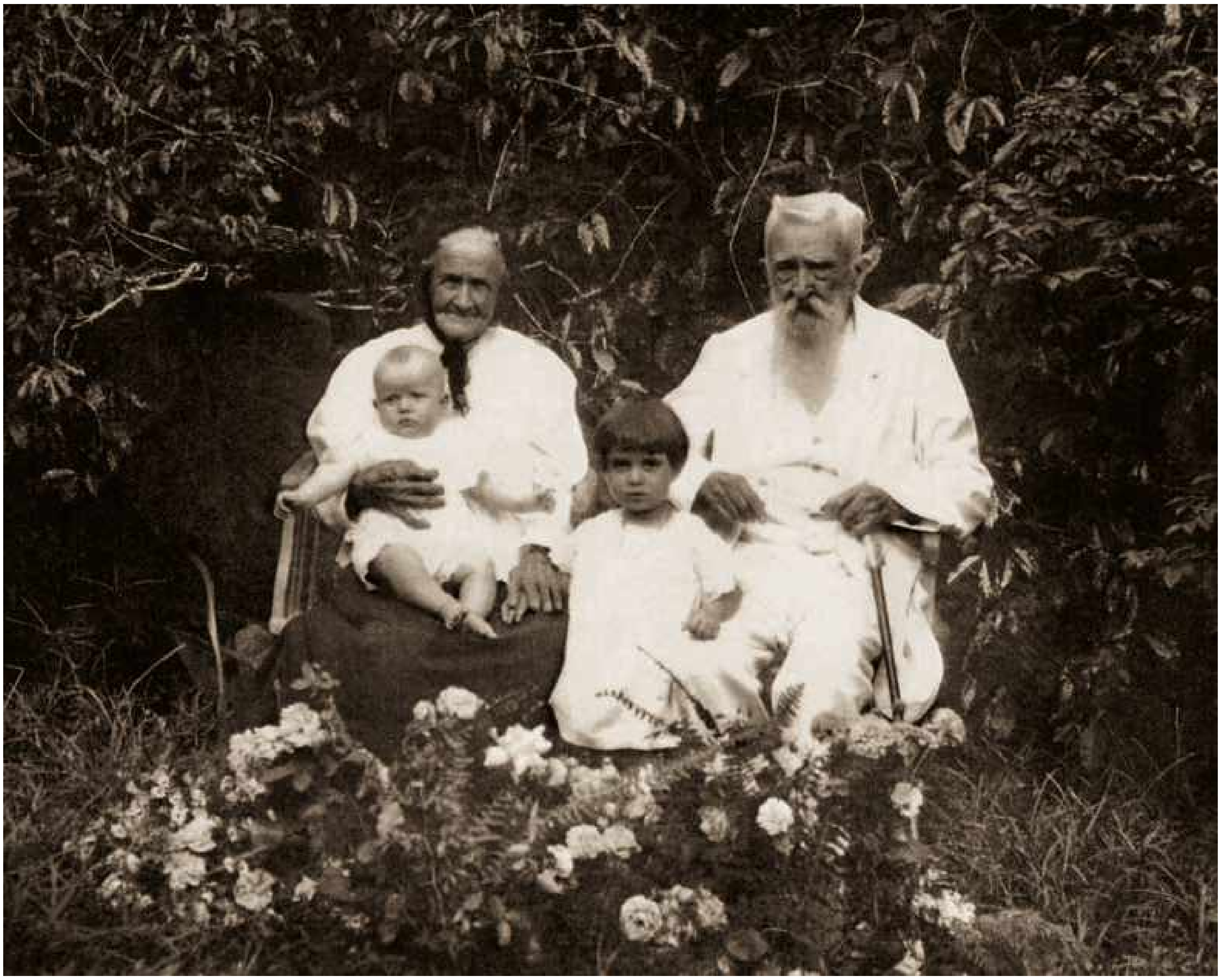


Blumenau, c. 1905

Grupo diante da *Sociedade dos Atiradores.* Sentados, esq/dir: Paul Schwarzer, Heinrich Krohberger, Oscar Gross, Hermann Hering, Benno Hoffmann (enchendo o copo), P. Chr. Feddersen (traje claro). Ainda identificados, por trás da mesa de Feddersen, Kurt Lungershausen e Victor Konder (jovem, de perfil).

Gruppe vor dem Schützenverein*. Sitzend, von l.n.r.: P. Schwarzer, H. Krohberger, O. Gross, H. Hering, B. Hoffmann (Krug füllend), P. Chr. Feddersen (heller Anzug). Hinter Feddersens Tisch erkennt man K. Lungershausen und V. Konder (profilig, im jungen Alter).*

Acervo / *Sammlung Hering-Archiv*





Soeben eingetroffen:
Illustrirter
Familien-Kalender
für 1886.

Blumenau, 1925

Otto Stutzer e Therese Bichels Stutzer com bisnetos Ingo e Orla Kilian (mãe de Bruno Kilian Kadletz).

O. Stutzer und T. B. Stutzer mit Urenkeln Ingo und Orla Kilian (Mutter des Co-Authors dieses Buches Bruno K. Kadletz).

Acervo / *Sammlung* B. K. Kadletz

Otto Stutzer (Semmenstedt, Seesen, Braunschweig, 1836 - Blumenau, 1927) chegou a Blumenau em 10.8.1856. Em 1871 assumiu o cargo de Juiz de Paz. Foi vereador eleito de 1883-90. De 1891 a 1894, Procurador do Município. De 1895 a 1898, Superintendente (Prefeito), eleito com quase a totalidade de votos. De 1903 a 1916 exerceu o cargo de Tesoureiro do Município. Participou de várias sociedades: a dos *Atiradores*; a Sociedade em prol dos doentes; Teatro *Frohsinn*; Club *Teotonia*; *Escola Nova*; Igreja Evangélica. Irmão de Gustav Stutzer, Pastor, que viveu por certo tempo em Blumenau.

O. Stutzer (Semmenstedt, Seesen, Braunschweig, 1836 - Blumenau, 1927) kam nach Blumenau am 10.8.1856. Im Jahr 1871 wurde er Friedensrichter, danach Stadtabgeordneter von 1883 bis 1890. Von 1891 bis 1894 war er Stadtbevollmächtigter. Von 1895 bis 1898 wurde er fast einstimmig zum Bürgermeister gewählt. Von 1903 bis 1906 war er Schatzmeister der Stadt. Außerdem wurde er Mitglied in verschiedenen Vereinen: im Schützenverein*; im* Krankenverein *(zugunsten kranker Mitbürger); im Theaterverein* Frohsinn*; im Club* Teutonia (Altona)*; in der* Neuen Schule*; in der Evangelischen Kirche. Er war Bruder des Pastors G. Stutzer, welcher einige Zeit in Blumenau verbrachte.*



Blumenau, c. 1935

Família Kilian em volta de um barril de chope. Sentados, esq/dir.: Selma, Maria Magdalena, Eduard Alwin Kilian e Otto Kilian.

Familie Kilian bei einem Bierfass. Sitzend, von l.n.r.: Selma, M. Magdalena, E. Alwin Kilian und O. Kilian.

Acervo / *Sammlung* B. K. Kadletz



Blumenau, 1897

Gertrud Müller, futura esposa de Frederico Kilian (avó de Bruno Kilian Kadletz).

G. Müller, zukünftige Ehefrau F. Kilians (Bruno K. Kadletz's Großmutter).

Photo Alwin Seeliger Acervo / *Sammlung* B. K. Kadletz





Blumenau, *Itoupava Seca*, 23.8.1910

Bodas de Ouro do casal Otto e Therese Stutzer. À esquerda, sentados, Emil Odebrecht, Heinrich Clasen, Olga Stutzer Grahl, Therese e Otto Stutzer. À direita, Theodor Lüders (1) e Frieda Keiner (2, depois Liesegang).

Goldene Hochzeit des Ehepaares Otto und T. Stutzer. Links, sitzend: E. Odebrecht, H. Clasen, O. S. Grahl, Therese und O. Stutzer. Rechts, Theodor Lüders (1) und Frieda Keiner (2, später Liesegang).

Acervo / *Sammlung* A. H. Blumenau

Página ao lado / *Seite gegenüber*

Blumenau, c. 1895

Cédula impressa na Tipografia B. Scheidemantel e lançada como bônus para melhoramentos públicos durante o governo de Otto Stutzer – 1º Superintendente eleito pelo povo (1895-99). Havia notas de outros valores.

Geldschein der Druckerei B. Scheidemantel, ausgegeben als Gutschein für öffentliche Ausbesserungsarbeiten während der Amtszeit O. Stutzers – Erster von der Bevölkerung gewählter Stadtvorsitzender (1895-99). Scheine anderer Werte wurden ebenfalls gedruckt.

Acervo / *Sammlung* B. K. Kadletz



Filhos de Emil e Bertha Bichels Odebrecht. Clara, Rudolf, Auguste, August e Helene.

Söhne und Töchter von Emil und Bertha Odebrecht. Clara, Rudolf, Auguste, August und Helene.

Acervo / *Sammlung* Rolf e Renate Odebrecht







Blumenau, Itoupava Seca, 25.8.1925

Otto Stutzer e Therese Bichels Stutzer, sentados, na comemoração dos 65 Anos de Casamento (Bodas de Ferro). De pé, esq/dir : Maria Magdalena Kilian – Eduard Alwin Kilian – Adelle Stutzer Müller e *Fritz* Müller Sobrinho.

O. Stutzer und T. B. Stutzer, sitzend, bei ihrem 65. jähringen Hochzeitstag. Stehend, v.l.n.r: M. M. Kilian – E. A. Kilian – A. S. Müller und F. M. Sobrinho.

Acervo / Sammlung B. K. Kadletz





Serras de Moinho da melhor qualidade na Casa Hermann Hering.
(Dos Hering chegados à Blumenau, c. 1856)

Blumenau, c. 1890

Rua *XV de Novembro*. Residência e Fábrica dos *Irmãos Hering*. Em frente, Karoline Töllner Müller, esposa de *Fritz* Müller, na boléia da charrete diante da casa dos Hering. Nas janelas, Minna e Hermann Hering.

XV-Novembro-*Straße. Wohnhaus und Fabrik der* Gebrüder Hering*. Im Vg., K. T. Müller, Gemahlin von F. Müller, auf dem Pferdewagen vor dem Haus von Familie Hering. An der Fenstern, Minna und H. Hering.*

Acervo / *Sammlung Hering-Archiv*

A 19.5.1852, o jovem doutor *Fritz* Müller, em companhia de sua esposa Karoline Töllner Müller e filha Luise de apenas 1 ano de idade, partiram de Hamburg. Chegaram em 19 de julho na costa brasileira. Veio para Blumenau em 22 de agosto do mesmo ano. No *Garcia*, o recém-chegado abriu uma roça, construiu uma choupana de palmito e viveu durante 4 anos em absoluta reclusão, dos quais anos mais tarde se referia com simpatia e resignação, classificando-os como os mais felizes de sua vida.

Am 19. Mai 1852 verließ der junge Dr. Fritz *Müller Hamburg in Begleitung seiner Ehefrau Karoline Töllner Müller und seiner einjährigen Tochter Luise. Sie erreichten die brasilianische Küste am 19. Juli, sowie Blumenau am 22. August desselben Jahres. Im* Garcia-*Viertel begann er mit Ackerbau und errichtete ein Hütte aus Palmpflanzen, in der er vier Jahre lang in absoluter Abgeschiedenheit lebte. Später erinnerte es sich an diese Zeit des Verzichts mit Freude und bezeichnete sie als die glücklichsten Jahre seines Lebens.*

Dr. Hugo Gensch



Blumenau, c. 1892

Chez Hering. Sentados, esq/dir : Charlotte Kegel (Francisco H., no colo) – Bruno Hering (1842-1918, com menino Rudolf H., filho de Paul) – menino Curt Victor H. (filho mais moço de Hermann Hering) – Minna Forster H. (esposa de Hermann) com a menina Else H. – Friedrich Hermann Hering (1835-1915) com Felix (filho de Paul) no colo. Por trás : Paul H. – Johanna H. – Margarethe H. – Max Alfred Hering – Elise H. – Gertrud H. – Gustav Arthur Koehler – Paul Kegel e Nanny Hering.
"Ficarão para sempre inesquecíveis os nomes do *Onkel* (Bruno Hering) e do *Papa* (Hermann Hering). De pequena e insignificante fabricazinha de artigos de tricô, transformou-se numa empresa gigantesca com milhares de operários que vivem bem... Assim, foram os irmãos Hering uma grande benção para Blumenau e para o Brasil". (Max Brückheimer)

Chez *Hering. Sitzend, von l.n.r.: C. Kegel (Francisco H. auf dem Schoß) – Bruno H. (mit Pauls Sohn Rudolf H.) – Junger Curt V. H. (jüngster Sohn Hermann H.) – Minna F. H. (Hermanns Ehefrau) mit dem Mädchen Else H. – F. Hermann H. mit Felix (Pauls Sohn) auf dem Schoß. Dahinter: Paul H. – Johanna H. – Margarete H. – Max Alfred H. – Elise H. – Gertrud H. – G. A. Koehler – P. Kegel und Nanny H. "In unvergesslicher Erinnerung werden stets die Namen* Onkel *(Bruno Hering) und* Papa *(Hermann Hering) bleiben. Aus der kleinen unscheinbaren Strickwaren-Fabrik erwuchs ein gigantisches Unternehmen mit Tausenden gutlebenden Arbeitern... So wurden die Gebrüder Hering zu einem wahren Segen für Blumenau und Brasilien." (Max Brückheimer)*

ACERVO / *SAMMLUNG HERING-ARCHIV*



Johanna Hering (1867-1950)



Gotas de Hamburg do Dr. August Koenig. Contra todos os males de estômago, fígado e do baixo ventre. Contra as dores femininas, contra excessos sanguíneos, palidez e depressões, dores de cabeça e articulações, desmaios e taquicardia. Contra doenças sanguíneas.



Blumenau, 1887

Indaial. Julius Heinrich August Keunecke, à direita, de bocha na mão.

Indaial. *Rechts, A. Keunecke mit Bocha-Kugel.*

ACERVO / *SAMMLUNG* A. H. BLUMENAU

Julius Heinrich August Keunecke nasceu a 14.10.1836 em Offleben, perto de Helmstedt, no Condado de Braunschweig. Seu pai, Anton, era Pastor Evangélico luterano e mais tarde Superintendente de Helmstedt. Após fazer seu aprendizado de farmacêutico em Wolfsdorf, ele emigrou para o Brasil em 1857, estabelecendo-se em Blumenau, no *Belchior*. Trabalhou na lavoura, fabricava cachimbos e acabou sendo o auxiliar de um Médico em *Indaial*, Dr. Koehler, em sua farmácia. Em 1877 ele assumiu esta farmácia e se radicou em *Indaial* com sua família. Pelos seus serviços comunitários, destacou-se enormemente, mandando vir da Europa partituras para os grupos de *Canto* em Blumenau. Com a morte precoce de sua esposa, Johanna Hohl, que lhe deixou 9 filhos, ele se casaria novamente, com Alvine Hass, resultando daí outros 9 filhos.
Julius Keunecke faleceu em 5 de janeiro de 1906.

Julius H. A. Keunecke wurde am 14.10.1836 in Offleben, nahe Helmstedt, in der Grafschaft Braunschweig geboren. Sein Vater Anton war evangelisch - lutherischer Pfarrer und später Superintendent der Stadt Helmstedt. Nach einer Lehre als Apotheker in Wolfsdorf wanderte er 1857 nach Brasilien aus, wo er sich im Stadtviertel Belchior *in Blumenau niederließ. Er betätigte sich als Landarbeiter und später als Gehilfe in der Apotheke des Dr. Koehler in Indaial. 1877 übernahm er das Geschäft und wechselte mit seiner Familie nach* Indaial. *Aufgrund seines gemeinnützigen Wirkens erwarb er große Anerkennung; unter anderem ließ er aus Europa Partituren kommen. Nach dem frühzeitigen Tod seiner Ehefrau, Johanna Hohl, die ihm 9 Kinder hinterließ, ging er eine neue Ehe mit Alvine Hass ein, mit welcher er weitere 9 Kinder zeugte. Julius Keunecke starb am 5. Januar 1906.*

DER URWALDSBOTE, 8.10.1926

Max Brückheimer

1890

Max Brückheimer nasceu em 10 de janeiro de 1885 em Fidelis *(arredores de Blumenau) e faleceu na mesma cidade em 5 de agosto de 1968. Ancestrais colonizadores de Blumenau, ele próprio também colono e marceneiro, após a morte de sua esposa Auguste Strobel em 1966, resolveu escrever suas memórias. Publicadas na íntegra em* Blumenau em Cadernos (Tomo X, set/out 1969, no. 9/10), *transcrevemos abaixo uma síntese de seus escritos, aqueles que se referem mais especificamente à Blumenau e arredores.*

Max Brückheimer era neto de Andreas, nascido no Reno e que emigrou com esposa e três filhos para o Brasil no ano de 1858. Um de seus filhos, Jacob, viria a ser o pai de Max. Andreas e família chegaram ao Desterro (Ilha de Santa Catarina) e dirigiram-se para Teresópolis (cerca de 40km de Desterro), onde lhe estava reservado um lote colonial.

Com a morte da esposa 10 anos depois, Andreas retornou para a Alemanha, tendo o filho Jacob (futuro pai de Max) resolvido ir a pé de Teresópolis para se fixar em Blumenau. Lá, um tio de Max, Jacob Morsch, vivia com sua esposa Inês em lote situado na região do Selketal.

Nicolau, outro tio, ao lado de sua esposa havia adquirido um lote no Rio do Testo.





Piquenique no *Salto do Norte*

Picknick in Salto do Norte

Acervo / Sammlung A. H. Blumenau

Naquele tempo havia em *Selketal* muitos tigres que frequentemente causavam grandes prejuízos às criações, principalmente entre os porcos, carneiros, galinhas e outras aves; até bezerros eram presas dos tigres. As galinhas seguidamente eram vítimas das aves de rapina e das jaquatiricas até que anos depois arrajaram-se bons cães que ajudaram na luta contra os rapinantes. Foi assim que meu pai e meu tio, em um ano apenas mataram 4 tigres. Naturalmente havia também muita caça útil, como porcos selvagens, tucanos, jacus-açu e outras, de sorte que nunca lhes faltava carne, pois ambos eram bons caçadores e de boa pontaria. Jacob, meu pai, tinha na sua mocidade uma espingarda de 2 canos, de 50 cm de comprimento, com a qual ele derrubava uma jacupemba da mais alta árvore. Tio Morsch ficava satisfeito quando Jacob chegava com muita caça, pois a família crescia de ano para ano. Jacob ficou na casa de tia Inês até os 23 anos. Depois ele adquiriu um lote no *Rio do Testo*, vizinho do tio Nicolau, onde começou a plantar, construiu uma casa e adquiriu cabeças de gado. Quando tinha 25 anos casou-se com minha mãe e ali passaram a viver.

Max Brückheimer era por parte de sua mãe da família Müller-Kraemer e vivia nesta família em Badenfurt *uma criança – Lauro Müller, que depois viria a ser Ministro e Governador do Estado de Santa Catarina.* Badenfurt *era conhecida como a "linha dos badenses" /* "Badenser-Tilfe"*, porque ali viviam muitos imigrantes originários de* Baden*, na Alemanha. Num estilo simples, as memórias de Max Brückheimer são preciosas, pois permitem nos transportar para aquele mundo mais selvagem dos arredores da Colônia Blumenau.*



Lauro Müller, 1º Gov. Constitucional - SC, 1891.
B. Scheidemantel, desenho.



Meu pai tinha se mudado do *Rio do Testo* para *Fidelis,* a tifa dos badenses, que também foi povoada muito ligeiro. Devido a desinteligências com seu irmão Nicolau, não lhe foi mais possível morar lá. Tio Nicolau tinha somente duas filhas e meu pai, no princípio, também tinha duas filhas e pensava-se que o nome da família desapareceria, até o dia em que nasci. Com o meu nascimento houve a reaproximação entre os dois irmãos. Numa pequena casa de madeira, com cozinha de sarrafos de palmitos, rodeada de espessa mata, vivia em 1885 o casal Brückheimer com suas duas filhas, Anna e Elizabeth, e que esperavam para os primeiros dias de janeiro a chegada do seu irmãozinho. E realmente ele chegou a 10 de janeiro de 1885, trazendo grande alegria e todos dando graças a Deus. Com nova coragem continuaram o trabalho. Meu pai ia muitas vezes com tio Albert mato adentro, em trabalhos de medição e geralmente só voltava pelo tempo das plantações ou então para uma visita de uma semana.

Em *Fidelis* havia um acordo entre os moradores: quando um deles precisava derrubar o mato, todos vinham ajudar; também caminhos e pontes eram construídos dessa forma e assim, a "linha dos *badenses*" tornou-se um recanto bem povoado de *badenses* trabalhadores e de pioneiros, até bem para diante, até o morro do *Cachorro* e também ali fora instalada uma casa de negócio de propriedade de Gottlieb Reif, também um grande pioneiro do progresso da Colônia Blumenau. Ele tinha uma venda e um moinho no *Baixo Fidelis.* Esse homem foi para Blumenau um braço robusto e ativo. Nunca lhe faltaram coragem e disposição. Mas *Fidelis* não era o lugar próprio para ele, apesar de que todos o estimassem.

Na Revolução de 1889-93, Reif, nomeado Capitão da Guarda Nacional, acompanhou um grupo de 50 homens até Desterro para atacar o novo governo que ali se instalara.

Depois da Revolução ele vendeu sua propriedade. Lembro-me ainda hoje de que minha mãe ia seguidamente comigo à casa de Reif em visita, e eu brincava muito com Gottlieb Júnior, que era um pouco mais velho do que eu. Os Reif tinham uns porcos muito grandes que eram bem mansos e nós os cavalgávamos e eles nos levavam assim até o porão do moinho.

Gottlieb Reif passou a venda e o moinho a W. Siebert e mudou-se para *Itoupava Seca*, acima do centro da Cidade de Blumenau, onde ele construiu um engenho de serra e uma fábrica de caixinhas para charutos. Anos depois ele entregou esta indústria ao seu filho Heinrich e comprou uma grande e bem montada fábrica de caixinhas para charutos, na *Barra do Rio*, perto de Itajaí, a qual foi destruída por um incêndio. Ele a reconstruiu e vendeu-a, mais tarde, à firma Bauer, em Itajaí, transferindo-se novamente para a grande Blumenau, muito para o interior, ou seja, para o lugar chamado *Pombas*, onde possuía grandes áreas de terras e onde permaneceu até sua morte. Reif era um homem áspero e rude, mas onde quer que se apresentasse algum necessitado ele estava ao lado. Muitos não o suportavam pelo seu temperamento brusco; eu, entretanto, bem como meus pais, sempre nos demos bem com ele e com sua família e a lembrança destes sempre nos é agradável.

Nosso vestuário limitava-se, até aos 6 anos, durante a semana, de uma única camisa que descia até aos joelhos. Quando chegávamos à beira de um ribeirão, que tínhamos que transpor, era só levantar a camisa, meter-se n'água e atravessá-lo.



Gottlieb Reif e Katharina Wendt. Comemoração das Bodas de Prata em 26/12/1898.

Entretanto, a família crescia de ano para ano e então, meu pai precisou construir uma casa maior e queria que ela fosse de material. Mas, nas imediações não havia nenhuma olaria e, então, foi decidido que faríamos, nós mesmos, os tijolos e as telhas, tudo a mão. Foi então cavado um buraco circular, que foi cheio de barro apropriado e este misturado com água e eu, como um garoto de 4 para 5 anos, fui posto sobre um cavalo que deveria rodar em torno do buraco até que o barro estivesse suficientemente amassado.

Duraram meses até que os tijolos para a casa estivessem prontos, mas foi uma grande alegria quando um ano depois, pudemos festejar a inauguração da nova morada. A casa de madeira passou então a ser a cozinha e a sala de jantar e, em vez de fogo aberto veio um fogão de chapa de ferro. A velha cozinha de ripas de palmitos serviu ainda por muito tempo de depósito de ração e de estábulo para os bezerros.

Nossa casa ficou pronta justamente pelo tempo da Revolução e todos temíamos que as tropas nos levassem as vacas e os cavalos e, então, nós escondemos no mato todos os animais e até mesmo os vasos de flores. Um pouco antes do Natal vieram, realmente, as tropas revolucionárias, mas elas pouco caso fizeram dos colonos e deixaram-nos em paz, e também as nossas plantações de milho e de aipim.

Por aquele tempo meu pai estava com meu tio Albert fazendo medições em *Luiz Alves* e *Itaperiú*. Eu e minha irmã Lieschen tivemos que ir a pé, de *Fidelis* até *Itoupava Seca*, ao negócio de Dorner, para comprar açúcar colorido para mamãe fazer os doces de Natal; caminhando-se bem, era uma marcha de 2 horas para ir e outras 2 para voltar. Sobre o ribeirão *Itoupava* havia uma ponte muito ruim e minha mãe recomendou-nos que ficássemos bem no meio da ponte, para que não sucedesse cairmos n'água. Minha irmã tinha 8 e eu 6 anos de idade. E como as tábuas sobre a ponte não estavam firmes, minha irmã não quis atravessá-la. Incitei-a e ela disse-me, chorando: "- Tu, que és homem, devias ir na frente!". Eu assim fiz. E nós passamos de gatinhas, pelo meio da ponte, sem qualquer incidente. Mas, para chegarmos ao nosso destino, nós teríamos que passar ainda a balsa. O balseiro chamava-se Luiz Wegner. Felizmente chegamos ao negócio de Dorner, compramos 20 vinténs (400 réis) de açúcar colorido e encetamos o caminho de volta. Quando nós chegamos à passagem, tivemos que pagar a nossa taxa; a venda de Wegner estava cheia de soldados revolucionários. Um deles sabia falar alemão e perguntou-nos para onde íamos. Respondi que íamos para casa; nós queríamos comprar ainda dois pedaços de doce de mel e depois seguir para casa. Ele então comprou-nos tantos doces de mel que mal podíamos tê-los todos nas mãos, e quando chegamos a casa não parávamos de falar naquele bom soldado. Também quando chegamos papai havia regressado e tudo estava preparado para a festa de Natal e nós esperávamos essa festa com alegria. Até então não havíamos colhido os maracujás mais bonitos, pois queríamos com eles enfeitar a nossa árvore. À noite, papai e mamãe ensaiaram conosco cantos de Natal e nós nos sentamos, até alta noite, nas escadas diante da nova casa e cantamos cantigas alegres que papai acompanhava na concertina.

Sim, também quando já éramos grandes e papai estava em casa, fazíamos alegres noitadas de canto, que muitas vezes duravam até meia noite. Também quando, em algum lugar havia aniversário, reuniam-se moços e velhos e cantavam, faziam representações, comiam e bebiam que era uma beleza. E tudo na melhor harmonia. Também os casamentos eram muito divertidos. De sua parte, a noiva, assim como o noivo, convidava uma testemunha. Essas duas testemunhas eram



Gottlieb Reif
1852-1927

os *Vorreiter* (NT: cavaleiros que iam diante da comitiva). Eles cavalgavam dois garbosos animais, sempre, mais ou menos, uns 100 metros adiante do carro dos noivos. Cada um levava, na mão, uma garrafa de vinho enfeitada de fitas e, diante da casa havia um homem, ou mulheres e moças, com uma espingarda com carga de pólvora seca que a dispararam quando o carro nupcial passava. Como me alegrei no momento em que dei meu tiro sobre os dois recém-casados e estes me saudaram com um sorriso. A vida da colônia era muitas vezes bem versátil. Como a gente tivesse que viver um pouco como silvícola e um pouco como civilizado, íamos ao mato à procura de sementes de piquiva para vendê-las à fábrica de sabão do Sr. Scheeffer, na Vila, por 1$500 o saco.

Meus pais tinham também uma grande plantação de café, que haviam feito logo que começaram a sua vida de colonos e que produzia abundantemente. Como nos fundos do nosso terreno havia um pequeno ribeirão, foi ali construído um manjolo para café, o qual descascava 15 quilos por dia, sem que precisasse estar alguém por perto.

Antes que os cafezais produzissem, o café era muito raro entre os colonos e muitas vezes faziam-se o café de batatas, que era preparado assim: as batatas (doce) eram cortadas em pedacinhos, do tamanho mais ou menos de 1 cm, e postas a secar.

Depois de bem secas eram torradas, como o café, e moídas; às vezes era misturado com pó de café e assim preparada a bebida. O cultivo do café trouxe bons resultados e nós chegamos a vendê-los para os descascadores. Também a cana de açúcar era muito produtiva e, em pouco tempo surgiram os engenhos de açúcar e os alambiques de cachaça. Naquele tempo comprava-se uma arroba de açúcar por 1$400 e a medida (5 garrafas) de cachaça custava 400 réis. Havia também muitas frutas, como laranjas, tangerinas, pêssegos, ananás e goiabas. Raramente se encontrava alguma bichada e não se conhecia a peste do gado. Naturalmente, não havia ainda nenhuma fábrica de laticínios e nem mesmo as desnatadeiras. Deixava-se o leite repousar até que ele começasse a coalhar e tirava-se então a nata que sobrenadava. O leite coalhado era transformado em requeijão, ou então era comido com batata doce, aipim, ou pão de milho, na ceia. Uma parte do soro era destinada aos bezerros. A nata era então batida em manteigueiras. Tudo isso custava muito esforço e trabalho. Embora não houvesse então a febre aftosa, nem a peste das galinhas, havia, entretanto, muitos insetos que causavam muitos prejuízos. A dúzia de ovos custava, naquele tempo, 80 réis e para obter esse preço precisava-se muitas vezes ir até a Vila, porque as vendas da Colônia estavam abarrotadas deles. Muitas vezes sucedia que as aves de rapina carregavam, por semana, 3 a 4 galinhas. Muitas eram abatidas a tiro. Quando era o tempo de postura destas aves de rapina, nós muitas vezes saímos à procura de filhotes e não raro encontrávamos os ninhos. Aguardávamos até que os filhotes já estivessem bem empenados, pois era quando os pais ficavam mais tempo longe dos ninhos à procura de presas maiores para os seus filhos. Meu pai era mestre nesse assunto. Quando um gavião passava pelo alto, com uma cobra no bico, ele tomava nota da direção em que a ave voava e dizia: lá, naquela altura, no precipício, à direita ou à esquerda, o gavião tem o seu ninho. Depois de 5 ou 6 dias nós íamos até lá buscar os filhotes e matar os velhos. Lembro-me que em uma manhã, meu pai atirou em três gaviões nos seus ninhos, dos quais nós já havíamos tirado os filhotes. Meu pai levou em nossa companhia Pedro, filho do nosso vizinho, porque ele era dois anos mais velho do que eu e sabia trepar bem. Ele levava uma sacola dependurada que, quando os filhotes estavam dentro, era fechada e Pedro tinha que descer o mais depressa possível, pois, as mais das vezes, os velhos gaviões não se mantinham longe por muito tempo. Naturalmente, os filhotes dentro do saco começavam a piar alto e nós esperávamos até que os velhos viessem, o que não demorava muito, e pousavam próximo ao ninho e, quando notavam que os filhotes não estavam mais ali e, no entanto, os ouviam piar, alvoraçavam-se. Mas antes que eles nos descobrissem, partia o tiro e ele caía ao solo ainda com as presas no bico. Tratava-se de um belo exemplar de um metro e meio de envergadura. Era um gavião macho. Esperamos até que viesse a fêmea, o que demorou bastante. Mas, finalmente ela veio, sobrevoou o ninho várias vezes e por fim pousou no mesmo lugar de onde o macho fora derrubado e, em breve, ambos jaziam no chão e não poderiam mais roubar as nossas galinhas. Partia-se então para a procura do outro ninho, que meu pai já havia observado. Nós não o teríamos achado se a fêmea do gavião não tivesse chegado com uma presa tão grande que ela mal podia atravessar a rede de cipós e orquídeas que cresciam sobre a árvore em que estava o ninho. Quando ela ainda procurava se desembaraçar dos cipós, partiu o tiro e a ave caiu, com sua presa. Esta era um filhote, já grandinho, de mono. Pedro mais que depressa começou a subir pela ramaria, enquanto nós segurávamos os outros filhotes. Não demorou muito tempo, um dos filhotes que Pedro havia apanhado começou a soltar altos piados; era um filhote que já quase podia voar. O outro filhote saltou do ninho e veio ao chão, onde nós o apanhamos. Assim, nesse dia, nós apanhamos 4 filhotes e 3 gaviões velhos. O quarto velho não voltara mais ao ninho e, provavelmente, fora atirado, quando andava rapinando em outros lugares.

Pedro ganhou 2 filhotes de gavião pelo trabalho de trepar nas árvores. Em *Altona*, havia um comprador de tudo quanto fosse animal silvestre. Ele pagava bem. Por filhotes de gavião, que fossem já bem criados, ele pagava 5$000; pelos velhos, mortos, fornecidos ainda frescos, ele pagava 3$000. Assim, naquele dia, nós tínhamos ganhado 19$000 e Pedro 10$000, e nossos muitos marrecos, patos e galinhas haviam conseguido maior segurança. Nunca mais, porém, fizemos uma tão boa caçada de gaviões. Toda a vizinhança respirou alegre quando ouviu sobre o nosso feito, pois aqueles gaviões já haviam causado grande dano por toda a parte. Mas, por toda a parte, o bem se alterna com o mal. Assim, em anos anteriores, os tigres representaram a sua parte, especialmente na propriedade de Cristiano Pasold, no *Fidelis*, onde uma malta estabeleceu o seu quartel. Os tigres roubavam os bezerros dos pastos e os porcos dos currais. Certo dia tomou-se conselho a respeito, sugerindo-se que fosse feita uma armadilha, de sorte a poder-se pegar a fera viva. Dito e feito. Foi construída uma grande caixa, com uma porta de alçapão que Pasold colocou na orla do mato. Dentro foi colocado um leitão, amarrado e que, naturalmente, por horas inteiras pôs-se a berrar. O tigre pressentiu a presa e aproximou-se. Dos lados a caixa era feita de altas ripas de palmito e só aberta na frente, onde ficava a porta-alçapão. A coisa deu resultado. Já no dia seguinte, de manhã, um belo tigre negro tinha caído na armadilha. A porta-alçapão tinha sido construída de tal forma que, uma vez fechada, só poderia ser aberta com o auxílio de uma manivela. Assim, o tigre foi vendido com a arapuca e tudo ao negociante de animais silvestres, o que deu um bom lucro ao Sr. Pasold. A caixa teve que ser transportada, primeiramente, um grande trecho à força de braços antes que pudesse ser colocada sobre uma carroça. Pasold construiu uma nova armadilha, pois ele era proprietário de serraria e a madeira pouco lhe custava. Teve, assim, a sorte de, em pouco tempo, pegar três daqueles ladrões, depois vendidos. Na pequena "tifa" de *Fidelis* morava muita gente interessante e correta. Lembro-me do tio Simão (eu tinha então 6 anos) quando ele negociara com o açougueiro Holetz, na Vila, dois bezerros, com a condição de entregá-los em três semanas. Aconteceu que dentro deste tempo as vacas ainda não haviam dado crias e o prazo teve que ser prorrogado por alguns dias. Quando os bezerros nasceram ele colocou-os numa carroça e seguiu em direção ao açougue. Mas o açougueiro disse-lhe que não queria mais os bezerros porque não haviam sido entregues no tempo combinado. Se, entretanto, ele tivesse que adquirir os bezerros, não poderia pagar mais que 1$500 por cada um. Tio Simão, que era um tipo meio rancoroso, ficou furioso e disse que por aquele dinheiro preferia jogar os bezerros da ponte do *Garcia* abaixo. Juntaram-se alguns homens que começaram a pilheriar: "- Qual o que, Simão, isso tu não és capaz de fazer!". Eram em número de cinco e resolveram apostar. Cada um deles daria 2$000 se Simão jogasse mesmo os bezerros da ponte do *Garcia* abaixo.

Mas, por trás, eles mandaram dizer ao delegado de polícia que viesse manter a ordem, pois o Simão queria mesmo jogar os bezerros da ponte abaixo. Simão, entretanto, mais que depressa foi com seus bezerros até a ponte do *Garcia* e, antes que o delegado chegasse ele já havia jogado um bezerro da ponte abaixo e estava se preparando para fazer o mesmo com o segundo, quando os apostadores pediram que ele o não fizesse e nesse momento chegou o delegado, arfando. E quase sem respiração intimou-o: "- Pela minha autoridade tu não vais jogar esses bezerros n'água, pois as penalidades serão duras...". "- Hum", respondeu Simão no seu patuá, "um eu já mandei para baixo, e se me derem mesmo 2$000 cada um de vocês, eu mando o outro!". Então, os que estavam troçando de Simão passaram a interceder por ele, junto ao delegado, pois se declaravam culpados. Naquele tempo a ponte sobre o *Garcia* não era tão alta, e o bezerro que havia sido atirado n'água nadara facilmente para a margem onde se puzera a mugir. Os trocistas foram buscá-lo e cada um deles pagou os seus 2$000 réis e ficaram com os bezerros. Simão, que fizera um bom negócio com toda aquela embrulhada, ofereceu ao delegado 1$000 pelo seu trabalho. O delegado não quis receber o dinheiro e observou a Simão que não se deixava peitar e que a sua obrigação era manter a ordem. E todos, então, a uma só voz gritaram: "- Viva o valente delegado! E viva o Simão e viva os bezerros! Mas que ele pague uma cerveja". Simão pagou, realmente, algumas garrafas de cerveja. A garrafa custava, naquele tempo, uma "pataca", que eram 320 réis. Cantaram-se ainda algumas canções e lá se foi o Simão novamente para casa, alegre e feliz onde ele não se cansou de contar à tia Frenz o bom negócio que fizera com os bezerros e com o delegado, pois, o delegado daquele tempo era mesmo uma jóia de homem, como dificilmente se encontrará outro. Era o destino de minha mãe o cumprimento do dever, mesmo nas piores situações. Já como solteira ela era conhecida por toda a parte como parteira e muitas vezes tinha que fazer longas horas de caminho, nas mais longínquas linhas coloniais, chamada para a casa de colonos onde os seus serviços eram necessários. E lá ia ela, pelos piores caminhos, mesmo com mal tempo ou por pontes em ruínas, as mais das vezes a cavalo, à noite ou dentro dos nevoeiros, ia mais devagar, mas sempre para diante. Quantas vezes eu, criança que era ainda, tinha que me levantar de noite e, juntamente com o homem que viera buscar minha mãe, tinha que ir ao pasto, buscar o cavalo e, enquanto mamãe se aprontava, o recém chegado selava o animal, e lá se iam eles noite adentro. Meu pai, por meses inteiros ficava fora de casa, pois ele trabalhava com o agrimensor nas matas mais distantes e, assim, nós, crianças, ficávamos, muitas vezes, durante o dia inteiro, sozinhos. Mas quando mamãe estava em casa tudo ia bem. Nós também tínhamos vacas, porcos e galinhas. Tudo tinha que ser tratado e, desde pequeno, era minha tarefa, todas as manhãs às 8 horas levar cana ao pasto. Quando eu tinha mais ou menos 10 anos, ia com o meu irmão menor levar o costumeiro molho de cana ao pasto. Tínhamos um bodoque e caçávamos utilizando pelotas de barro. Estas pelotas, de um e meio cm de diâmetro, eram feitas de barro amassado, secas ao sol e depois queimadas no forno. Caçávamos com elas aves de maior porte, como pombos, tucanos, frangos d'água, urus, etc. Na caça do uru, levávamos conosco um cachorro que, ao pressentir a caça, e quando estávamos próximos a ela, saltava no meio de um bando de 10 a 20 urus que se assustavam de tal forma que não davam pela nossa presença e pousavam pelas proximidades, de onde atirávamos e o cão trazia alguns deles na boca para nós. O uru é um pássaro quase tão grande como um frango; tem um bico meio encurvado, vive no solo e só voa quando pressente perigo. Também à noite ele dorme pousado em algum ramo, onde, muitas vezes se encontram de 5 a 10 juntos e que a gente, com um certeiro tiro de chumbo podia derrubá-los de uma vez. Era muito fácil encontrá-los, pois, quando estavam todos se preparando para repousar, começavam a piar por longo tempo fazendo uma espécie de *gu-ru-gul-gu*. Pela madrugada, antes de descerem do local em que dormiam cantavam no mesmo tom. Na nossa infância era muito comum ouvirmos o canto vespertino dos urus, ou os gritos do mono, os altos chamados do pica-pau, o pio forte e profundo do jacu-açu, o grunhir dos ouriços, o grasnar dos tucanos, o ruído do pavão, o harmonioso assobio do macuco, o leve ronco da jacutinga e o alegre piar dos frangos d'água. Quando, às centenas, os papagaios iam procurar as ingazeiras da nossa plantação de café, para ali passarem a noite, nós nos sentíamos felizes e livres na natureza que Deus nos dera. A fresca brisa que vinha da mata cheia de aromas enchia-nos de bem estar, enquanto, por toda parte, rescendia o aroma das frutas que amadureciam em redor. Quantas vezes nós, crianças, chegávamos a adormecer sob as cheirosas laranjeiras em flor, até que minha mãe precisasse vir acordar-nos, ou levar os menorzinhos para as suas caminhadas simples. Sim, nós éramos robustos, com saúde, sentíamo-nos felizes e alegres! Os nossos genitores, já muito cedo nos ensinaram a rezar e, mesmo nas profundezas da mata, meu pai fazia minha mãe e as crianças rezarem. Sempre, mesmo depois de longas ausências, meu pai voltava feliz para casa. Sim, certa vez, ele ficou fora seis meses seguido. Jacob, o mais moço de seus filhos homens, já estava com três meses de idade. Parece-me que ainda o tenho diante de mim, quando ele apertou o pequenino contra o peito e beijou minha mãe, e voltando-se para mim, disse: "- E agora, Max, tu vês que tens três irmãozinhos e que vocês são já em quatro; já não precisamos mais temer que o nosso nome desapareça; ele continuará em vocês, pelo bem de Blumenau e da nossa querida Pátria". Mais tarde nasceram mais dois irmãos e, por fim, mais uma irmã, de sorte que éramos 10 ao todo. Minha mãe, muitas vezes, nos últimos meses de gravidez, esperando a cada momento, tinha que ir atender a outras parturientes e mal tinha tempo de chegar a casa para, ela mesma, dar à luz. Como disse, nosso pai viajava muito pelo mato. Fazia meses que ele estava em companhia dos engenheiros Krohberger e Theodor Kleine, ou Zittlow, medindo terras e só regressou quando o nosso pequenino irmão já estava com três meses. Quando eu ainda era pequeno e meu pai estava fora, mamãe mesma é quem matava e carneava os porcos, com a ajuda da minha irmã mais velha; eu tinha que segurar a cauda. Minha mãe também me levava muitas vezes com ela quando tinha que ir a algum lugar muito longe, pois o município de Blumenau, naquele tempo, ia de *Ilhota* até Lages. Quando as tropas revolucionárias de 1890-93 passaram, alternadamente, por Blumenau, havia em *Poço Grande*, pouco abaixo de *Gaspar*, perto da grande figueira, um negro muito fiel que, durante muitos anos estivera a serviço de Pedro Schmidt e que, podia-se dizer, criara-se em casa deste; foi fuzilado pelas tropas que passaram.

Pedro Schmidt, naquela ocasião, já havia transferido todo o seu gado, cavalos e tudo o mais, juntamente com a família, para o outro lado do rio, escondendo-os bem para dentro da floresta, e deixou o fiel negro sozinho em casa. O negro falava alemão corretamente. Os revolucionários queriam saber dele onde é que o patrão estava e onde ele havia escondido o seu gado e cavalos. O negro não traiu. Eles o ameaçaram de fuzilá-lo, mas ele manteve-se firme. Então um indivíduo qualquer, munido de pistola, deu-lhe um tiro no ventre. O empregado negro ainda desembainhou o facão e marchou alguns metros em direção do assassino, mas caiu em seguida ao chão, morto. Ele fôra um homem fiel e um ótimo servidor. Honrada seja sempre a sua memória. Os revolucionários tinham se retirado. Alguns dias depois, minha mãe foi comigo, a cavalo, até a casa de Pedro Schmidt, em *Poço Grande*. Eu ia à garupa, montado num pelego. A família Schmidt estava muito triste pelo que acontecera e lamentava muito o seu fiel empregado, o qual havia sido sepultado numa colina próxima, que cobriram de flores. Que ele descanse em paz! Quando regressamos novamente a *Fidelis*, mamãe contou-me que papai voltaria muito breve e que, do campo, traria um cavalo. E realmente, ele chegou trazendo o animal. E, depois de já estar uns dias em casa, ele foi à Vila para receber o seu ganho, levando-me consigo. Recebeu realmente seu dinheiro e comprou uma porção de coisas. Também fomos à fábrica de camisas de Bruno e Hermann Hering, que então era muito pequena e situava-se onde hoje estão as grandes Lojas *Hering*. Era uma casinha baixa, com telhado pontudo, que ostentava a tabuleta da firma: *Trikotwaren Fabrik Gebrüder Herinh / Fábrica de Tricô dos Irmãos Hering*.

Essa tabuleta ainda existia quando eu já sabia ler. Os irmãos eram boa gente. Meu tio Albert costumava fazer troça com eles sobre isso. Num interessante trocadilho ele brincava: "- Um *Hering* frito também é muito bom e a gente deve ir até lá para comprar camisas, mesmo que elas sejam muito salgadas". (NT: O trocadilho é quase intraduzível: é a troca de *Gebrüder* (irmãos) por *Gebrüht* (frito); ou seja, de *Gebrüder Hering (Irmãos Hering)* por *Gebrüht Hering* (arenque frito). Sim, então todos eram amigos e ninguém se envergonhava de trabalhar ou de algum trabalho. Tio Bruno manteve-se solteirão. Carregava o seu cavalo, ou burro, com algumas dúzias de camisas e saía, vendendo-as de casa em casa, até Itajaí. Ao quanto sei, no começo, todo o trabalho da fábrica era manual. Todas as pessoas eram benvindas. E todos viviam em paz uns com os outros. Saxônicos, *badenses*, pomeranos, hessenses, prussianos, brasileiros, berlinenses e hamburgueses, todos trabalhavam de olhos fixos na legenda "Ordem e Progresso" que foi sempre, até hoje, a meta da firma. Também entre os antigos operários da firma, continua aceso, até os dias de hoje, quando a firma é uma potência milionária, um sincero reconhecimento e uma honrosa lembrança dos seus fundadores, que já há muito descansam no túmulo. Ficarão para sempre, inesquecíveis, os nomes do *Onkel* e do *Papa* Hering (assim eles eram conhecidos por todos os seus operários). Hermann Hering era o *Papa* Hering e Bruno Hering era o *Onkel* Hering. E quando Curt e Max Hering começaram a ocupar os seus postos na fábrica, eram chamados Sr. Curt e Sr. Max, e assim, de pequena e insignificante que era a fabricazinha de artigos de tricô, transformou-se numa empresa gigantesca com milhares de operários que ganham bem, que moram em belas casinhas, cercadas de bonitos jardins, numa vida sossegada. Assim foram os *Irmãos Hering* uma grande benção para Blumenau e para todo o Brasil e possam os que agora dirigem a Firma *Hering*, filhos, genros e netos, honrar o bom nome de seus antepassados e seguir-lhes os exemplos. Poderão, assim, orgulhosos e sinceros, mostrar que herdaram o amor aos seus semelhantes e, assim, afastar todas as desavenças e todo o rancor para que, patrões e operários, desempenhem com alegria e dedicação os respectivos encargos e recebam, na prosperidade e no bem estar de ambos, o prêmio de poderem contemplar o desenvolvimento da obra iniciada por seus pais.

Da Escola

Os colonos mandavam os filhos à escola com 9 anos. Os assuntos escolares eram geralmente difíceis no nosso lugar. Quando eu fui matriculado, era professor um alemão muito severo, chamava-se Scheimann. Ele era bom, mas só nos ensinava em alemão, e muitas vezes, durante as horas de aula, estava bêbado; nós aprendíamos bem, mas nem um pouquinho de português. Meu pai levou muitas vezes o problema às autoridades, indagando o que seria de nós crianças, que éramos brasileiras, mas, não conhecíamos uma única palavra da língua pátria, nem ler, falar ou escrever. Mas foi tudo em vão, pois os nossos mestres, por volta de 1894-95, recebiam um ordenado de 25$000 por mês e com isso eles tinham que manter a sua subsistência. Naturalmente, cada um dos membros da Comunidade Escolar tinha que dar uma *quarta* do gênero que tivessem de sobra: feijão, batata, arroz ou milho, etc. Mas para que todos não mandassem o mesmo produto fazia-se correr uma lista em que, cada qual, declarava que poderia dar isto ou aquilo. E o professor, então, quando recebia a lista entregava ao aluno filho do respectivo subescritor, um bilhete dizendo o que ele precisava. E assim o professor era auxiliado. Professor Scheimann era casado e morava na *Fortaleza*. Tinha um pequeno terreno e casa própria, podendo viver bem com seu ganho; sua mulher era muito trabalhadeira e tinha uma boa vaca leiteira e alguma plantação; porém, o marido já era bem velho e não quis mais lidar com os rapazes como professor, deixando o cargo depois de dar um aviso prévio de 30 dias. Frequentei a escola do Prof. Scheimann durante dois anos e meio; isto, porém, com muitas interrupções; era rara a semana em que se ia os 6 dias seguidos à escola; às vezes, até faltava-se a semana inteira e então mamãe mandava um bilhete em que dizia que o aluno não tinha podido ir porque havia muito trabalho urgente a fazer, e pedia desculpas. Muitas vezes o professor sacudia a cabeça e, uma vez, ele disse: "- É meu rapaz, tu tens aprendido bem, mas tens que te esforçar mais, senão te atrasarás na tua classe". Eu me esforcei mais e nunca rodei.

Quando o Prof. Scheimann deixou de ser nosso mestre, foi substituído por um homem solteiro e brutal; entrava-se na escola com medo e tremendo, pois ele gostava de surrar os alunos. Certa vez ele estava tão furioso que nos ameaçou: "- Eu enforco vocês todos nessas traves se vocês continuarem a me incomodar". A maior parte dos pais deixou os filhos em casa. Fez-se uma reunião e o professor foi demitido. Veio, então, outro professor que se chamava Hermann Lange (ou Lang, não me lembro muito bem). Era solteiro, de Hamburg, que para aqui imigrara.

Fiquei ainda pouco tempo com este professor na escola. Era um bom mestre, muito amável e as crianças aprendiam bem com ele. Casou-se, mais tarde, com Abelônia Wilhelms e ficou lá ainda por muitos anos. Morreu de síncope cardíaca, não faz muito tempo. Gosto muito de me lembrar daquele bom professor.



Blumenau, c. 1905

Casamento de Helena Brückheimer (15) com Ewald Braun (16).

Eheschließung von H. Brückheimer (15) und E. Braun (16).

1. Johanna Brückheimer
2. Anna Brückheimer Sievert
3. Alfons Sievert
4. Catarina Brückheimer
5. Johanna Kraemer Brückheimer
6. Jacob Brückheimer
7. Elizabeth Brückheimer Braun
8. Leopold Braun
9. Otilia Braun
10. Jorge Braun (colo da mãe)
11. Paul Brückheimer
12. Heinrich Brückheimer
13. Albert Sievert
14. Max Sievert
15. Helena Brückheimer (noiva)
16. Ewald Braun (noivo)
17. Theresa Braun (mãe do noivo)
18. Frieda Rothers Brückheimer
19. Johann Brückheimer
20. Franz Brückheimer
21. Jacob Brückheimer Filho
22. Max Brückheimer

Acervo / *Sammlung* B. K. Kadletz



Vermählungs Gratulation für das getreu liebende junge Ehepaar.

Ferdinand Radius mit Wilhelmiene Radius geben Siebert

Congratulações para o casamento do fiel e amoroso jovem casal Ferdinand Radius com Wilhelmiene Radius, nascida Siebert. Fevereiro 1892.

Tivemos que derrubar uma grande extensão de mato e depois regressamos a *Fidelis*, até que o mato derrubado estivesse suficientemente seco para a queima. Então fomos novamente de *Fidelis* a *Itaperiú*, queimamos a roça e fizemos a necessária limpeza. Os troncos e galhos que o fogo não consumira eram amontoados e queimados novamente. Plantamos a roça com milho e feijão. Nesta ocasião, outros moradores de *Fidelis* requereram terras em *Itaperiú*, pois, então, tudo era ainda terra devoluta e o mato começara a ser derrubado. Ranchos de ripas de palmitos começaram a surgir e começou ali uma vida muito ativa. Muitos dos nossos vizinhos em *Fidelis* venderam as colônias que possuíam alí e se mudaram para *Itaperiú*, onde a terra era mais fértil. Também muito logo se mudaram os vizinhos Josef Hauck, que tinha 19 filhos, Lourenço Brühmüller, Conrad Wuerges, Max Heiller e muitos outros, todos *badenses* e, assim, lá também surgiu uma "tifa" de *badenses*; foram abertos caminhos, de sorte que já se poderia ir através de *Massaranduba*, podendo-se viajar até lá de carroça. Nós tínhamos semeado, mais ou menos, 2 quilos de milho e colhemos 11 sacos de 60 quilos. Meus pais, entretanto, não se mudaram para *Itaperiú*. Meu pai vendeu, mais tarde, os dois lotes aos meus dois cunhados e ficou em *Fidelis*.

Rio do Sul teve começo com 4 colonos e dos quais meu pai sempre falava, e que eram Odebrecht, Wehmuth, Jost e Baumann em *Trombudo*. Rio do Sul povoou-se com muita rapidez e é agora uma bonita cidade, com muitas indústrias, belas estradas e, já há alguns anos, tem uma ponte de cimento armado sobre o rio; a Ponte *Curt Hering* liga as duas margens do rio, no perímetro urbano. Onde, ainda há meio século era o *habitat* de feras e de índios, levantam-se hoje, prédios senhoriais, fábricas, igrejas, repartições públicas, Prefeitura Municipal, boas escolas.

Parece que foi em 1912 – exatamente não posso dizê-lo – que o Sr. Wehmuth perdeu a sua vida numa caçada ao tigre. Ele tinha sempre bons cães amestrados; um dia, ao trepar num galho de árvore já apodrecido, o fez tão infelizmente que caiu e, na queda, a arma disparou e a carga se alojou em seu ventre. Em pouco tempo desapareceu mais esse pioneiro de Blumenau. Vivem ainda bem poucos dos desbravadores. Em 10 de abril de 1898 passava uma tropa com 40 burros de carga em marcha para Lages e *Canoinhas*, transportando açúcar, arroz, café, sal e outros gêneros, sem a companhia do prático bugreiro. Meu pai advertiu-os que esperassem pela chegada do grupo armado de *Pouso Redondo*. Mas o condutor da tropa tocou para diante por sua própria conta. Os que acompanhavam a tropa eram Rudolf Reich, José Dias e um Padre Franciscano. Foram sem novidades até a *Serra das Pedras*. Não estavam muito longe do *Alto da Serra*, onde o pai de Rudolf Reich o estava esperando, quando numa curva da estrada, onde esta subia e não havia meio de desviar, os bugres fecharam a estrada e atacaram os três acompanhantes da tropa. Rudolf Reich recebeu uma flechada no coração e morreu. José Dias recebeu uma flecha no ombro direito, quebrou-a e fugiu pelo mato. O Padre salvou-se apenas com o susto; só o seu cavalo foi ferido e caiu e, no cair, ele, o Padre deu um salto e fugiu pelo mato até o *Alto da Serra*. Despiu a batina e caminhou durante 8 horas pelo mato. Conta-se que os bugres, achando a batina, pensaram que o fugitivo fosse uma mulher e por isso não quiseram matá-lo. O hábito nunca mais foi achado, tendo os bugres o carregado. José Dias chegou até a casa do guarda-linha do telégrafo, José Salvador do Nascimento, que tratou dos ferimentos. A flecha o próprio José Dias havia arrancado. O guarda-linha foi no dia seguinte ao local do ataque para encontrar o corpo de Rudolf Reich e dar-lhe sepultura, pois, geralmente, quando tal acontecia, os bugres ficavam desaparecidos por algum tempo. Desta vez não se deu tal, pois, quando José Salvador se abaixou para examinar o corpo do morto recebeu uma flechada no lado direito, sob a espádua; retirou a flecha e com a mão esquerda desfechou diversos tiros na direção em que viera a flecha, e desapareceu tão prontamente quanto lhe foi possível. Nesse tempo chegou o bugreiro Jacob com alguns homens armados que vinham na frente acompanhando uma tropa que ia subir a serra. Eles ainda deram uma busca pelos arredores do local do assalto, mas já era muito tarde, os bugres haviam desaparecido, deixando o cadáver de Rudolf e mais 40 burros massacrados. O cadáver foi sepultado. Ele ali jazia completamente nu, pois os bugres haviam-lhe roubado toda a roupa. Uma cruz assinala ainda hoje o local do assalto. Aquelas viagens eram penosas. Naquele tempo, porém, era tudo assim mesmo, e procurava-se abafar os comentários a respeito para que a colonização não sofresse retardamento. Já muito tempo antes desse acontecimento, no ano de 1895, Gottlieb Reif confiara ao ainda jovem Sr. Jost, para tomar conta deles e os seus terrenos no lugar de *Pombas*. Neles havia um rancho muito primitivo e eles deveriam fazer derrubadas no mato. Tudo foi bem, no começo. Mas, no primeiro dia de Natal, um ataque dos bugres matou dois homens, um com uma lança e o outro degolado. O Sr. Jost assim narrou o episódio: "Foi grande o meu susto quando olhei para dentro do rancho e não vi nenhum utensílio nem ferramentas. Também a nossa boa espingarda não estava dependurada no lugar do costume e não se via ninguém. As camas estavam viradas de pernas para o ar. Cheio de medo e de preocupação olhei por todos os cantos. Ao endireitar uma das camas, que horror, dei com o meu camarada Hannemann com o pescoço cortado. Imaginei logo o que estaria debaixo da outra cama. Levantei-a e o meu camarada Klichim ali estava, com o coração perfurado, ambos mortos. Todas as ferramentas tinham sido roubadas".

Na época do centenário de Blumenau (1950) existiam aqui 4 grandes casas bancárias, enquanto que em 1905 não havia nenhuma. Lembro-me bem ainda de quando eu trabalhava como aprendiz de marceneiro na firma *Emil Gropp & Filhos*, na *Vorstadt* (hoje Rua *Itajaí*). Recebia, então, um ordenado de 25$000. Gastava-se pouco dessa importância, pois a casa e comida estavam incluídas no salário. Assim, deixava-se em mãos do patrão a maior parte do ordenado. No fim do ano faziam-se as contas e, então, recebia-se uma ordem e ia-se buscar o dinheiro na casa de Alwin Schrader. Se não se precisasse dele, deixava-se-o em depósito na firma até a outra prestação de contas. *Emil Gropp & Filhos* possuíam naquele tempo uma grande marcenaria e uma fábrica de caixinhas para charutos e Schrader era o representante e banqueiro da firma. Daí essa última firma partiu para uma organização bancária que muito se desenvolveu. Um pouco para baixo da firma *Gropp & Filhos*, já pelo ano de 1900 havia a grande olaria *Koch*, diante da qual se passava para ir à casa do Dr. *Fritz* Müller. Aí o rio fazia uma grande volta, chamada "Capim Volta" pelos brasileiros. Junto a essa grande curva do rio moravam os primeiros blumenauenses, antes mesmo que surgisse o nome de Blumenau – Peter Wagner e Peter Lucas. Cercados da mata virgem, ameaçados pelos bugres e pelas feras, protegidos apenas de um lado pelo rio, os dois corajosos homens, com suas mulheres e filhos.

Ali se estabeleceram, construíram os seus ranchos, derrubaram o mato e fizeram plantações de tal forma que logo suas propriedades estavam perfeitamente habitáveis. Para as mulheres era mais penoso. Todos os anos punham um filho no mundo, tendo que prescindir de todo auxílio e conforto, até que Blumenau estivesse mais povoado. A Sra. Wagner morreu ao dar à luz ao 12º. filho, deixando o marido com todos eles ainda pequenos, de sorte que não podendo ficar assim por muito tempo casou-se com uma senhora ainda moça. Também a segunda esposa dera-lhe 12 filhos. Teve assim Peter Wagner 24 filhos e todos se criaram à beira das matas blumenauenses. Dois dos filhos mais moços que eu conheço moram ainda em Blumenau: a Sra. Kaestner, nata Wagner, de 75 anos de idade, moradora da *Velha* (*Jararacabach*), cujo filho Ernesto é meu cunhado e o filho deste é meu genro, ambos construtores; e Arnold Wagner, que mora em uma parte das terras do seu pai, no *Capim Volta*. A outra parte das terras de Wagner constitui, hoje, a bela fazenda Schmalz, de criação de gado de raça.

Certa vez meu pai mandou-me ir, das profundezas das matas de *Massaranduba*, onde nos achávamos, no ano de 1895, até a casa de negócio de Henrique Wulf. Não havia ainda nem pontes, nem estradas e eu tive que fazer uma caminhada de duas horas através da floresta, mais uma hora por um estreito caminho carroçável e, ao todo, um percurso de seis horas. Era uma tarde muito quente de verão e quando eu já estava de volta, supreendeu-me, no meio da mata, uma forte tempestade de chuva e vento. O vento levantava nuvens de pós e gravetos, retorcendo os galhos das árvores com um ruído infernal. Eu mal podia enxergar. Tinha, também, de proteger contra a chuva a carga de café, açúcar e fósforos que eu levava e procurei um abrigo. À direita do caminho, a uns 6 ou 8 metros deste encontrei uma grande figueira. Sua copa tinha pelo menos uma circunferência de 50 metros e as raízes emergiam em confusão da terra, até uma altura de uns dois metros. Essas raízes proporcionaram-me um excelente abrigo. A tempestade castigava os ramos da grande árvore e a chuva chicoteava-os com violência, mas eu me achava em lugar seguro. Isso durou mais ou menos uma meia hora. Passada a tempestade, o sol brilhou novamente e eu me preparava para continuar a marcha, quando ouvi acima de mim um ruído como de sons de trompa. Olhei para cima e contei, nada menos que 40 monos de pele vermelha. Durante a tempestade eles tinham se escondido entre as grossas forcadas de galhos e agora entoavam o seu hino de ação de graças. O admirável em tudo isso era que o "Pai Velho" (assim nós chamávamos o mono que tinha uma enorme barba inteira, em vez de simples cavanhaque) é que entoava a "canção", que o bando todo acompanhava. Ele dava os três primeiros sons que os demais repetiam e, no final, como numa ordem geral, todos paravam a um só tempo. Depois o "Velho Pai" reiniciava o estribilho que todos iam continuando. E assim a "cantoria" ia por uma meia hora ecoando pela mata inteira. Era interessante o "concerto" que esses animais organizavam. Quando dois destes grupos se defrontam, tendo a separá-los um vale ou uma ribanceira, verifica-se que um grupo só começa a "cantar" quando o outro termina a sua "melodia". Neste acampamento havia uma espécie de pássaro que, das 6 às 9 da noite fazia tal barulho que não se podia dormir. Chamávamo-los de *Neunen Schläfer*. Viviam ali em grande quantidade. Faziam seus ninhos à beira do ribeirão e eram do tamanho de um sabiá. Pela manhã eram os bem-te-vis e os sabiás que nos acordavam, ou então os pica-paus com seus gritos estridentes, fazendo com que saltássemos da enxerga de cipó com os primeiros albores da madrugada. Fazia-se o café que tomávamos, sem pão, naturalmente. De vez em quando fazíamos polenta que era depois frita na frigideira e que nos servia de pão no café da manhã; um pedaço qualquer de caça, ou de carne seca assada na brasa, ou ainda um churrasco. Isso, porém, precisaria ser levado ao local do trabalho para que os trabalhadores não perdessem muito tempo com as idas e vindas. E isso resultava melhor que as melhores iguarias nos melhores hotéis.

Bons e despreocupados tempos eram aqueles! Não se precisava esperar por ônibus; andava-se a pé, ou então encilhava-se o cavalo, sem necessidade de gasolina. Se o caminho era muito ruim, arregaçavam-se as calças e tocava-se para diante, ou então se dormia no mato, como aconteceu comigo e com o Josef Vogel. Nós tínhamos derrubado dois macucos e perdemos depois o rumo do nosso rancho e, em vez de nos aproximarmos dele fomos nos internando sempre mais no mato. Meu pai dera uma porção de tiros e gritos que não ouvíramos por já termos ultrapassado o cume do morro e seguido o grunhir dos ouriços. Tivemos que passar a noite em plena floresta. Para comer tínhamos apenas a carne das aves, mas sem sal; assamos ao fogo e assim acalmamos a fome. Dormir é que não podíamos devido aos muitos mosquitos; assim, sentamo-nos junto a uma raiz de uma árvore. O fogo teve que ficar aceso a noite inteira devido às feras e, assim, tivemos que passá-la em guarda. No dia seguinte de manhã, Josef subiu ao cume do morro e poude se certificar da direção certa. Meu pai também fizera sinal com alguns tiros e assim chegamos novamente ao acampamento, onde meu pai nos censurou muito. Voltamos ao trabalho. Depois de alguns meses de trabalho finalmente voltamos para casa.

Meu pai fez-me deixar o trabalho de roça, mandando-me para aprender o ofício de marceneiro, para o qual tinha gosto e habilidade. Levou-me à marcenaria dos Padres Franciscanos, em Blumenau. Meu primeiro mestre foi Frei Columbano, que me tratava muito bem e eu também estava muito satisfeito. Mas faltava-me a liberdade a que eu estava acostumado. Fiquei ali um ano e meio. Muitas vezes eu saía escondido, o que, no Colégio não era permitido. Então me colocaram uma alternativa: ou deixar dessas escapadas secretas ou abandonar o Colégio. Escolhi a última. Meu mestre ficou muito sentido com a minha saída, mas eu era muito vivo e alegre demais para ficar num convento e assim, fui para a marcenaria de Rudolf Herbst, na *Kaiserstraße* (Rua do *Imperador*, atual Alameda *Rio Branco*). Ali terminei o meu tempo de aprendizado. Naquele tempo Herbst construíra o já há muito tempo desaparecido Teatro *Frohsinn*. Para este, toda a madeira teve que ser preparada à mão. Eu ganhava já um bom salário. Mas Herbst mesmo ficava pouco tempo na oficina, pois trabalhava muito em pontes e outras construções. Ofereceram-me, então, um lugar na marcenaria de Emil Gropp e eu aceitei. Recebia ali um salário de 25$000, para trabalhar 10 horas por dia, com casa e comida. Éramos vários marceneiros e trabalhava-se bem. Permaneci ali até o ano de 1905, quando nos disseram, a mim e a outro marceneiro moço, Guilherme Nuss, que em Porto Alegre, um oficial marceneiro ganhava 4$000 por dia e isso era muito dinheiro. Notificamos os nossos patrões que deixaríamos o emprego, arranjamos cada um um alforge e puzemo-nos, a pé, a caminho de Porto Alegre. Atravessamos a selva, sem caminhos, sem pontes e só em Lages foi que descansamos um dia.

Gertrud Gross-Hering

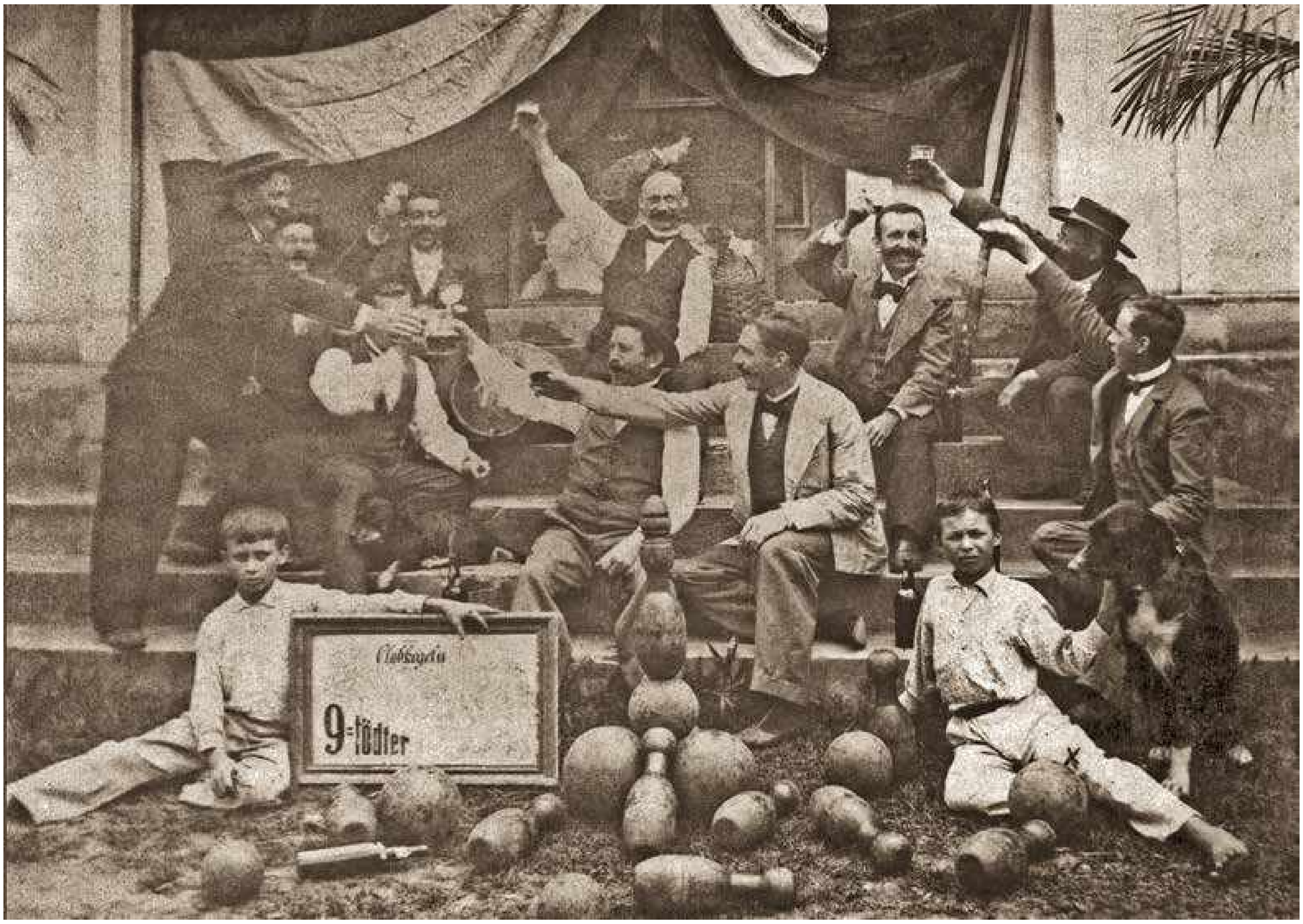

Anzeigen.
Schönstes Andenken an Verstorbene.
Porträts in Lebensgröße
in geschmackvoller Ausführung, unter Garantie sprechender Aehnlichkeit, nach jeder Photographie oder der Natur, fertigt
Fritz Gelbert, Kunstmaler, Blumenau, Schützenstraße.
Schönstes Andenken an Verstorbene.

Anúncio.
A mais bela lembrança de falecidos. Retratos em tamanho natural, com acabamento de bom gosto com garantia de semelhança a partir de fotografias ou ao vivo. FRITZ GELBERT, Pintor de Arte. Blumenau, Rua dos *Atiradores*.

Gertrud Walli Tony Hering nasceu em Dresden em 6 de maio de 1879 e com um ano de idade veio para Blumenau. Era a penúltima filha do casal Friedrich Hermann Hering e Minna Förster, a última menina do casal que depois viria ter o 10º filho, Curt Victor Hering, já nascido em Blumenau. Gertrud era irmã de Nanny Martha Hering, a 5ª menina do casal. Gertrud casou-se com Richard Gross e Nanny com Paul Kegel (sobrinho do Dr. Blumenau); em 2ª núpcias, com Adolf Poethig. Ambas tinham forte inclinação para a literatura e teatro. Gertrud foi aluna de Fritz Müller, *bem como provavelmente teria sido Nanny. Gertrud deixou muitos livros e algumas peças para teatro. Sua obra completa consta dos seguintes títulos:* - Durch Irrtum zur Wahrheit / Através de Erros à Verdade (romance, 1913) - Neue Heimat / Nova Pátria (conto, 1929) - Aus Kindern werden Leute / Crianças tornam-se Adultas (romance, 1930) - Frauenschicksale / Destino de Mulheres (4 *contos*, 1932) - Vereinte Kräfte / Forças Unidas (romance, 1933) - Grossvater Bätzold wandert aus / Vovô Bätzold emigra (conto, 1936) - Der Sonnenhof / O Pátio Ensolarado (romance, 1951) - Neue Wege / Novos Caminhos (romance, 1952) - Der Weg der Frau Agnes Bach / O Caminho da Sra. A. Bach (romance, 1954) - Die zwei Brüder / Os Dois Irmãos (conto, 1954) - Und dann kam die Lösung / Então veio a Solução (romance, 1956) - Ruck Gratwanderer - ... wenn der Wind darüker geth / Ruck Gratwanderer, quando o vento passar (romance, 1957). *Entre suas peças de teatro, duas delas foram encenadas no Teatro* Frohsinn*: em 1922,* Der Dorfapostel / O Apóstolo d'Aldeia*; em 1936,* Die Verbanunng des Maercheus / O Exílio da Lenda. *No convívio do lar dos Hering recitava-se desde Platão até Goethe. Em 1950, por ocasião do Centenário de Blumenau, ela hospedou a filha do Dr. Blumenau, Gertrud B. Serich, por três semanas. Dois anos depois ela retribuiria a gentileza hospedando Gertrud Hering em Hamburg. Gertrud Hering-Gross pertence à* Academia Blumenauense de Letras (*Cadeira hoje ocupada por Christina Baumgarten). Faleceu em Blumenau no dia 7 de março de 1968. Deixou um artigo onde expressa suas recordações de Blumenau.*



As irmãs Hering – Johanna (1867-1950), Nanny (1870-1950) e Gertrud (1879-1968).
Die Schwestern Hering – Johanna, Nanny und Gertrud.
ACERVO / SAMMLUNG HERING-ARCHIV





Blumenau, c. 1900

Grupo de Bolão Masculino

Männliche Kegelgruppe

Acervo / Sammlung Tabajara T. C.

Como em um caleidoscópio, passam pela minha mente fatos e figuras daquela época e os vejo como eram, como se o tempo não tivesse deixado neles a sua marca implacável, ou os tivesse destruído para sempre.

Somente do Dr. Blumenau, que em 1884 deixou, definitivamente, o pedacinho de terra que ele engrandeceu com o trabalho e a atividade do colono alemão, não tenho mais lembrança alguma. Mas ali me aparece o seu sobrinho, o Cônsul Gärtner, que, pouco depois da fundação de Blumenau, aqui se estabeleceu e foi um denodado auxiliar do seu tio. A sua figura ainda me aparece, nítida, diante dos meus olhos.

A sua casa era, pode-se dizer, o centro intelectual da Colônia, onde a esposa pontificava. Fora ela que, já no primeiro decênio após a fundação de Blumenau, criara o grupo teatral que, mais tarde, se transformaria nesse maravilhoso *Carlos Gomes*, síntese da cultura artística e intelectual dos blumenauenses. Ela, Dona Röse Sametzki Gärtner, com o Cônsul Gustav Salinger, foi a alma desse grupo. Na velha *Schützenhaus*, uma construção primitiva e simples, em palco despido de qualquer pretensão, eram encenadas peças teatrais que atraíam a população inteira do nascente povoado e até mesmo das colônias próximas, ávida de alimento para o espírito.

Ela mesma e o Sr. Salinger, quase sempre faziam os principais papéis. Pouco mais tarde surgiu outro elemento a quem foram atribuídos os papeis de responsabilidade. Foi o Sr. Rudolph Krause, que fundara uma fábrica de caixinhas de madeiras para charuto na *Barra do Rio*, em Itajaí. Como o *Progresso,* somente duas vezes por semana fazia viagem de ida e volta a Itajaí, bem se pode imaginar o quanto dificultava ao bom homem vir tomar parte nos ensaios.

Grande passo foi dado à frente pelo grupo com a construção de um teatro próprio, em 1896, no terreno adquirido da firma *Meyer & Spierling*, na Rua das *Palmeiras*. A casa comercial, anos antes, se incendiara. Pode agora o grupo trabalhar livremente.





Blumenau, 2.8.1897

Kegel Klub Vollmond. Sentados, esq/dir: *Fritz* Staraucheck - Hermann Rüdiger - Gottlieb Grahl. Em pé, esq/dir: Gottlieb Reif - Otto Jennrich - Richard Parucker - August Schönau - Andréas Graßmann - Heinrich Clasen Peter Chr. Feddersen - Karl Friedenreich - Carl Liesenberg e Julius Hoennicke. Crianças: Luiz Cardoso e Richard Parucker.

Kegel Klub Vollmond. *Sitzend, v.l.n.r.: F. Staraucheck - H. Rüdiger - G. Grahl. Stehend, v.l.n.r.: G. Reif O. Jennrich - R. Parucker A. Schönau - A. Graßmann - H. Clasen P. Chr. Feddersen - C. Friedenreich - C. Liesenbeg und J. Hoennicke.*

Kinder: L. Cardoso und R. Parucker.

Acervo / Sammlung A. H. Blumenau

Assim, a Sociedade Theatral *Frohsinn* conseguiu elevar, sempre mais, o nível artístico das suas peças e, consequentemente, dar maior incentivo à cultura da população do Vale do Itajaí. Até 1900, Dona Röse esteve à frente da iniciativa. Depois da morte, assumiu-lhe o posto de liderança no teatro a Sra. Nanny Hering Poethig e o Sr. August Zittlow, pois também o Sr. Salinger adoecera gravemente. Até 1937, o velho Teatro, leal e bravamente, serviu à cultura blumenauense e quando as circunstâncias vieram confirmar a necessidade de sua transformação e o número de sócios de tal modo aumentou, tratou-se da construção de uma nova sede que correspondesse ao progresso da Cidade. E assim surgiu o imponente *Carlos Gomes*, em terreno fronteiro à então redação do Jornal *Blumenauer Zeitung*, na Rua *XV de Novembro*. Nesse meio tempo, também a *Sociedade dos Atiradores* adquiriu novas roupagens, isso por volta de 1900, com a reforma de sua sede, especialmente no interior. O domingo do Espírito Santo era a Festa do Ano de Blumenau. E a *Sociedade dos Atiradores* era quem comandava. Aliás, o domingo era mais destinado às comemorações religiosas, mas, já á noite, começavam os festejos populares, com a passeata de parte dos atiradores pela Cidade, marchando em frente a Banda de música, simbolizando o "toque de reunir" para a manhã seguinte, os exercícios e provas de tiro, que se prolongavam pela segunda-feira e até terça-feira seguintes. Às 7 e meia de 2ª feira reuniam-se os atiradores, fardados com a sua bela jaqueta verde, na Rua das *Palmeiras*, em frente ao Hotel *Lungershausen* e, mais tarde, na Rua *XV*, em frente ao Hotel *Gross*. Em ordem unida, garbosos, lá se íam eles, depois, em formatura, marchando para a *Casa dos Atiradores,* sob o comando do respectivo comandante. Todo compenetrado do seu honroso encargo, ia adiante como baliza, o velho Roedel, usando uma fraldilha de couro sobre o terno, e conduzindo um machado, encostado aos ombros. Tinha ele a cara enrrugada e marcada de varíolas e um curioso cacoete que lhe abria um vinco no canto do olho direito até o canto esquerdo da boca.





Blumenau, c. 1900

Grupo confraternizando com cerveja; bicicleta já surgira na cidade. Reconhecidos: Adolf Rischbieter (1) e Arthur Gross (2).

Bierbrüderschaft. Fahrräder gab es in der Stadt bereits. Auf dem Bild sind zu erkennen A. Rischbietrer (1) und A. Gross (2).

Acervo / Sammlung Tabajara T. C.

Quando se olhava para ele por muito tempo, começava-se também a imitar o cacoete do velho Roedel. Atrás do desfile, formava a rapaziada blumenauense, em marcha mal cadenciada. Os rapazes iam de espingarda de bastão às costas e, como as armas de seus pais e tios, iam todas enfeitadas com ramalhetes de flores. Isso, naturalmente, fora tarefa das esposas, mães e tias que se esmeravam em fazer com que os ramos de flores ficassem bem firmes, presos aos canos das espingardas. De vez em quando, acontecia também que um dos pequenos, que marchava ao lado do pai, topasse o dedo grande do pé descalço em alguma pedra do caminho, obrigando o "velho" a socorrê-lo, deixando a fileira. Diante da marcha, as bandas *Rüdiger* e *Werner*, com suas cornetas tocavam em estilo de fanfarras. No início havia apenas a banda do Rüdiger, pois o barbeiro Werner só mais tarde fundou o seu conjunto. Naturalmente que a sede dos *Atiradores* era bem diferente de hoje. Com escavações e remoção de terras seguidas o pátio foi paulatinamente melhorado e alargado. Naquele tempo ainda havia as cercas de arame, fortes acidentes do terreno e muito pântano, após as chuvas. E isso quase sempre acontecia antes do Espírito Santo. "Papai" Franz Lungershausen providenciara abundante munição de boca. Para os amigos de gulodices, havia as celebradas *Mohnkuchen* (que a mim sempre me causaram enjôo) e amêndoas torradas com açúcar mascavo, roscas, doces, etc. Mas, para os *Atiradores* mesmo sobravam galinhas recheadas e patos assados e, nas pequenas barracas, não havia mãos bastantes para arrancar as rolhas das garrafas com etiquetas das cervejarias do Hosang, do Rischbieter e do Brandes. Anos mais tarde o número de rótulos se enriqueceu com os da cervejaria do Jennrich. Naquele tempo ainda não se fabricava gelo em Blumenau. E eu não posso imaginar que prazer se tinha em ingerir toda aquela cerveja quente. Mas certamente ela era bem gostosa, pois, a pouco e pouco, as vozes iam se elevando, a alegria ia crescendo e o louro líquido ia exercendo os seus naturais efeitos nas mentes carregadas de euforismo.





Blumenau, c. 1900

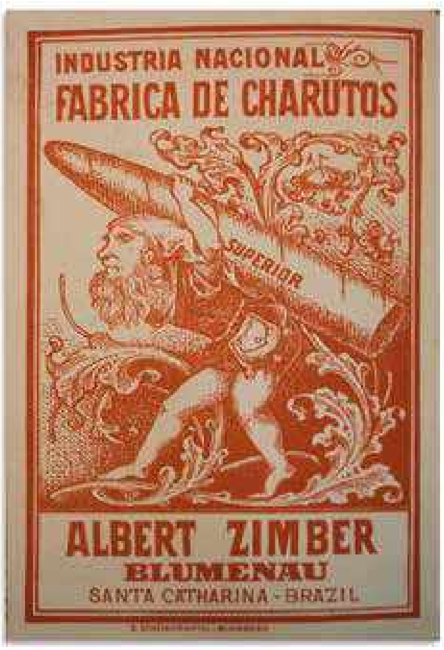
Club Caça e Tiro *Ribeirão Fidelis*, fundado em 1894 e encerrado em 1968.

Schützenverein Ribeirão Fidelis*, gegründet 1894 und geschlossen 1968.*

Acervo / Sammlung A. H. Blumenau

E à tarde, quando as esposas dos *Atiradores*, metidas em vestidos novos (vestes novas eram lei nas festas do Espírito Santo) apareciam, com as suas crianças, no local da festança, o clima de alegria chegava ao seu ponto culminante. O "Rei do Tiro" já acontecera antes do meio-dia e fora fartamente regado, pois era costume que, quem conquistasse esse título, pagaria para os seus dois cavalheiros (aqueles que alcançaram a 2ª e 3ª colocação), e também aos demais companheiros, e havia poucos que rejeitassem a oferta. Já terminara então o almoço com os discursos alusivos e os brindes e "vivas", o que transcorrera animado, tendo-se contado muitas anedotas. Podia-se contar que as bebidas alcoólicas, com que foram molhadas as guelas, não deixaram de fazer efeito. Havia quem perdesse a noção das funções das pernas, preferindo, desta maneira, permanecer sentado na mesa; outros viviam abraçando os companheiros, deitando falação sem nexo, enquanto outros ainda discutiam sobre a casualidade, ou não, do bom tiro com que o companheiro se consagrara "Rei". O zum-zum no salão de festa, e na cancha do tiro, era como o de abelheiro. É lógico que este estado de coisas não tentasse as senhoras a regularem-se com a companhia de seus consortes. Costumavam reunir-se, assim, na barraca do café, um "puxado" em estilo de caramanchão, de onde podiam vigiar a filharada nos seus folguedos no pátio da Casa dos *Atiradores*. Em baixo de duas enormes palmeiras, costumava o "Schirm-Onkel" estabelecer-se com um posto de vendas de miudezas, e a gurizada estava ansiosa em adquirir algo das bugigangas expostas, para gastar, o mais depressa possível, os vinténs recebidos do pai para este dia de festa. (NR: o "Schirm-Onkel" - Frederich Hoffmann, 1812/87 - era um típico maltrapilho que vivia só de arrumar bugigangas; contam que sua descendência na Alemanha era da nobreza e que fora uma destas crianças que "caíra do ninho"). Atrás do balcão improvisado de tábuas brutas, manejava o "Schirm-Onkel" a mercadoria, favoravelmente exposta. Quanta coisa tentadora havia aí: lápis, com os quais dava de fato de escrever, contanto que se lambesse antes a ponta dos mesmos; pomada para cabelo, não importando que, mesmo já por fora não fosse muito bem cheirosa.





Blumenau, c. 1900

Club Caça e Tiro *Itoupava Rega*, fundado em 1898.

Schützenverein Itoupava Rega*, gegründet 1898.*

ACERVO / *SAMMLUNG* A. H. BLUMENAU

Abotoaduras, impressionando mais pelo tamanho do que pela beleza; broches que, infelizmente, guardava-se depois nas gavetas, porque raras vezes conseguia-se enfiar os alfinetes enferrujados nos vestidos; lenços, bem coloridos, e outras coisas mais. Não faltavam também as diversões infantis, como o "bater no Lucas", a "corrida das rosquilhas" (quando o vencedor colhia uma penca das mesmas, penduradas em vara de bambu, no ponto final). Havia ainda o "escorregador" e o *"Kletterstange"* ("mastro com brindes"). No segundo dia das competições, o regulamento não era observado com muito rigor. Muitos que, no dia anterior, abusaram nos comes e bebes, chegavam tarde à cancha, em animação de ressaca. O certame deste dia consistia mesmo apenas no "Tiro ao Pássaro". Ao vencedor desta competição, não eram também atribuídas as mesmas honrarias como ao "Rei do Tiro ao Alvo", que necessitava atingir 3 vezes o número 12, para conquistar este título. Já o pássaro era abatido mais por sorte, - por vezes um único tiro certeiro, assentado casualmente, fazia a ave tombar.

O maior entusiasmo havia passado, quase todos estavam cansados do programa do dia anterior. Provavelmente muitos atiradores haviam prometido, ainda, à esposa, de se controlarem na bebida, para que não fosse estragado o prazer do baile, que se realizaria à noite. Numa sala, ao lado do salão de festas, encontravam-se reunidos os apaixonados jogadores de *Skat*. Eram eles, na sua maior parte, cavalheiros já entrados nos anos, que de antemão, sabiam que, na competição de tiro, não marcariam sucesso. Também no segundo dia da festa, ocupavam eles os seus lugares nas mesas de jogo, importando-se pouco com o decorrer da mesma. Mas as vozes, que se escutava destas rodas de jogo, fazendo as respectivas propostas de *"Grand cour 2"*, *"Grand a tout"* ou *"null ouvert"*, etc., faziam parte das festividades, como o amém da igreja. Muitos dos atiradores teriam preferido, à noite, mergulhar na maciez do leito acolhedor, em vez de mover, na dança, as pernas que, por vezes, nem recuperaram ainda de todo a firmeza, após o "pileque" do dia anterior. Não poderiam, entretanto, decepcionar as caras esposas, que quiseram "ter também alguma coisa" desta festa, pretendendo, nem por último, impressionar com os seus vestidos novos.





Blumenau, 11.4.1902

Grupo de Bolão Feminino *Humor*

Weibliche Kegelgruppe Humor

Acervo / *Sammlung* Tabajara T.C.

Assim não havia remédio, e muito campeador extenuado chegou ao salão de baile, que nem vítimas ao altar de oferendas.

Este salão que, duas horas antes, estava ainda sujo e com ar viciado de fósforos e pontas queimadas de cigarros, exalava agora o cheiro de limpeza. Mesmo estando ainda um pouco úmido da avalanche de água com que inundaram por ocasião da faxina, tornara-se escorregadio, à custa do raspo de duas velas. "Papai" Lungershausen as despendera, para melhorar e acondicionar para as danças, o assoalho de tábuas desiguais. A incansável banda dos Rüdiger estava a posto, e às 7 e meia em ponto convidava com fortíssimo toque de trombetas os presentes, para formarem a *Polonaise*. O "Rei", com a faixa sobre o peito, ao lado da "Rainha", e seguido do "Rei do Pássaro" e dos dois cavalheiros com seus pares, precedia ao desfile figurado. Podia-se observar como os *Atiradores* cansados iam-se revitalizando, funcionando maravilhosamente a *Polonoise* em todas as fases de agrupamentos, sendo finalizada com breves rondas de um marcante "galope".

Puderam os mais velhos servir de exemplo à juventude daquela época, pois superavam os jovens no exercício físico das danças, onde eram incansáveis. A animação era geral e ninguém se abstinha das bebidas.

Ainda outra sociedade funcionava na sede e no terreno dos atiradores. Foi esta a *Sociedade de Ginástica*. Os ginásticos tiveram de contentar-se com um aparelhamento primitivo nos seus exercícios, que, entretanto, foi muitíssimo bem aproveitado.

A *Sociedade de Ginástica* alcançou o seu auge, quando, em 1895, o Sr. Gustav Arthur Koehler, proprietário, mais tarde, de Livraria e Tipografia, editor do Jornal *Der Urwaldsbote*, assumiu a direção da mesma. Nesta gestão foi adquirido um terreno adequado para a finalidade e construído o pavilhão de ginástica, com dependências. No campo espaçoso realizaram-se as muitas apresentações de ginástica e atletismo, quando a afluência era tão grande, como é hoje a do futebol.

A Nacionalização, iniciada em 1938, lamentavelmente pôs termo a esta modalidade de esporte.



Blumenau, 2.12.1904

A mesa dos "sabem tudo" na *Sociedade dos Atiradores*. Da esq/dir: Hermann Hering – Bruno Hering – Hermann Brandes – Wilhelm Scheeffer – Emil Odebrecht – Bernhard Scheidemantel – Friedrich Blohm – Paul Schwarzer – Carl Jürges – Gustav Arthur Koehler – Alwin Schrader – Richard Paul – Gustav Salinger. Franz Lungershausen (de pé).

Der "Klugschnacker-Tisch" im Schützenhaus*.*
Von l.n.r.: H. Hering – B. Hering – H. Brandes – W. Scheeffer – E. Odebrecht – B. Scheidemantel – F. Blohm – P. Schwarzer – C. Jürges – G. A. Koehler – A. Schrader – R. Paul – G. Salinger. F. Lungershausen (Stehend).

ACERVO / SAMMLUNG TABAJARA T.C.



Schützenhaus.
Sonntag, 2. December,
zur Feier des Geburtstags Sr. Maj. des Kaisers von Brasilien
Großes Concert
Beginn 3 Uhr Nachmittags. — Abends
Ball.
Fr. Lungershausen.

Casa dos Airadores, domingo, 2.12.1904, em homenagem ao Aniversário de Sua Majestade - Grande Concerto às 3h da tarde. Em seguida, Baile. Franz Lungershausen.

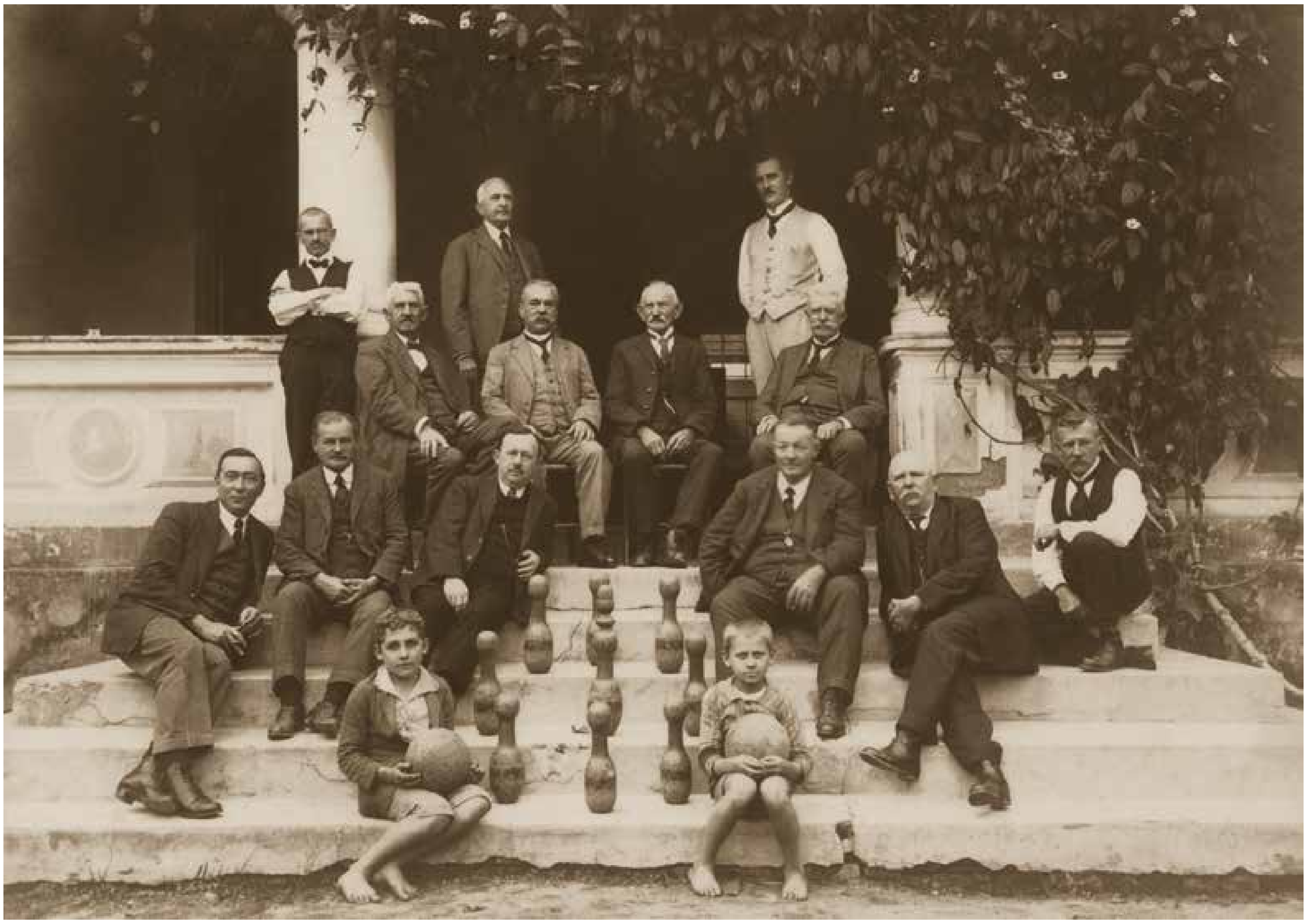
Pavilhão e campo passaram para outros domínios, com o abandono da finalidade original. O aspecto da sede de Blumenau, sob cuja denominação se compreendia o trecho da Rua *XV de Novembro*, desde o seu início até a ponte sobre o ribeirão *Garcia*, e a Alameda das *Palmeiras*, conservou-se, de um modo geral, até os anos de 1960, nos moldes de outrora. Construções antigas e belas como a antiga Igreja Católica, o Hotel *Holetz* e outras, infelizmente, não existem mais. Na extensão restante da nossa rua principal, as casas no estilo típico de outrora, com os seus jardins fronteiriços, também desapareceram. Em substituição às mesmas, apontam hoje os edifícios altos para o céu, mudando o caráter de nossa urbe. Tenho a impressão que os mesmos, deitando o olhar do cume de sua altivez se sintam, eles mesmos, desambientados no cenário paisagista.

Diante da segunda rua de comunicação, entre as faixas da Alameda das *Palmeiras*, ficava a casa do Dr. Blumenau, com o seu belo jardim. Este se conservava florido e perfumado, na época da minha infância, como nos tempos em que fora implantado pelo seu idealizador. Na casa morava, então, o dentista Riedel com a sua família, e eu gostava de permanecer aí, em companhia de uma das filhas, a minha amiga Alice. Sempre sentí-me enlevada ouvindo falar na família Blumenau, mesmo que, com eu contando 10 anos de idade, não pudesse avaliar ainda a obra do fundador de nossa comuna. Tive então a impressão de estar sentindo o sopro do passado.

No mesmo lado da rua, três casas mais para frente apenas, encontrava-se a nossa Escola. Ocupava esta um prédio antigo, de um só pavimento, com jardim fronteiriço, não muito bem cuidado.

Servira a casa, outrora, de moradia ao Pastor Hesse e família. Tendo sido este o avô da minha Alice, achei interessante também esta casinhola, bastante humilde.

As paredes internas de separação haviam sido afastadas e a ampla sala, assim conseguida, abrigava as primeiras classes da escola. Os alunos maiores estavam instalados no puxado da casa, muito incomodamente. O número, sempre crescente de alunos, não cabia mais neste ambiente.



Blumenau, c. 1915

Sociedade dos Atiradores, bolonistas do *Fidel Klub*. Em pé, esq/dir: Otto von Rohkohl - Felippe Doerck - Emil Doering. Sentados, na 1ª fila, ao alto, esq/dir: Leopold Hoeschl - Louis Altenburg - Hermann Rüdiger e August Zittlow. Fila abaixo, esq/dir: Otto Abry - Ernst Steinbach - August Sutter - Otto Berner - Karl Rischbieter e Reinhold Anton.

Schützenverein, *Kegelfreunde des* Fidel-Klubs. *Stehend, v.l.n.r.: O. v. Rohkohl - F. Doerck - E. Doering. Sitzend, in der ersten Reihe, oben, v.l.n.r.: L. Hoeschl - L. Altenburg - H. Rüdiger und A. Zittlow. Untere Reihe, v.l.n.r.: O. Abry - E. Steinbach - A. Sutter - O. Berner - K. Rischbieter und R. Anton.*

Acervo / Sammlung A. H. Blumenau

Tornou-se necessário a instalação de mais uma classe, aproveitou-se também a antiga cozinha desta casa. Tinha piso de cimento e constava de pequena construção suplementar, nos fundos da escola. Era uma área minúscula, deixando um vão estreitinho de um lado dos bancos, onde nós meninas nos arrastávamos rente à parede, para chegarmos à entrada dos respectivos bancos. Os rapazes resolveram o problema, entrando pelas janelas e pulando para os seus lugares.
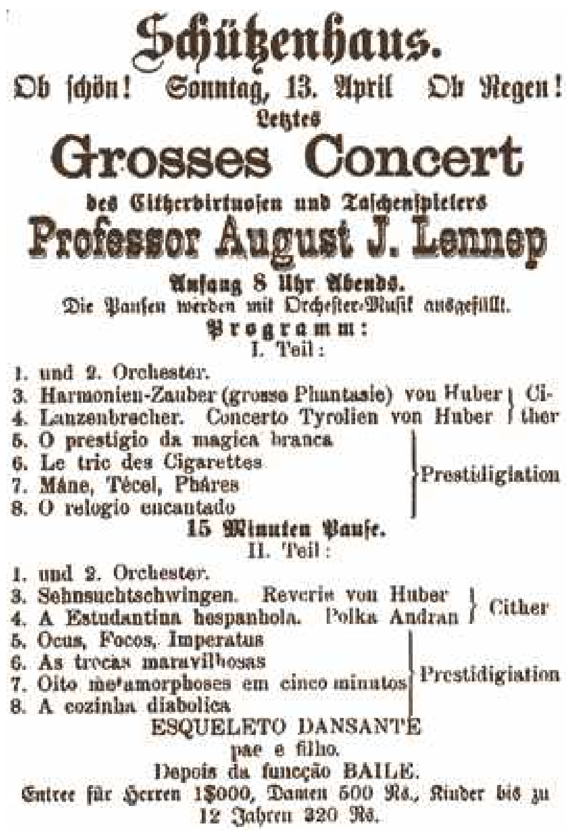
Mas, o que importava tais circunstâncias? Não éramos acostumados mesmo a muito conforto, e achávamos importante, apenas, que tivéssemos bons professores. Quanto a isso havia o comentário que a nossa escola podia, sem favor, ser igualada ao nível das escolas elementares da Alemanha.

Após alguns anos, a casinha precária não comportava mais, de maneira alguma, o número de alunos. Assim, decidiu a *Sociedade Escolar*, a construção de um prédio maior, mais adequado à finalidade. Surgiu, então, no mesmo terreno e ocupando-o até á beira da rua, um edifício de dois pavimentos que se denominou *Neue Schule* (Escola Nova), e que, durante a 1ª Guerra Mundial, ficou fechada durante um ano e meio, mais ou menos.

Anos depois, também este estabelecimento não tinha o espaço suficiente para as exigências, resolvendo a *Sociedade Escolar* a construir novamente.

No alto de uma colina, em terreno doado por meu irmão Max, foi levantada uma construção de três alas, em moldes já mais modernos, passando a ser denominada *Escola Alemã*. Novamente, em 1938, o movimento de Nacionalização pôs fim a este sistema. Os professores alemães voltaram à sua pátria e a escola passou a funcionar durante alguns anos, como educandário particular, com professores brasileiros, sob o nome de "Dom Pedro II". Mais tarde foi feita a doação de todo esse patrimônio ao Governo do Estado e passou-se a chamar "Colégio Estadual Pedro II". No local onde outrora estivera nossa velha escola, foi construído um pavilhão comprido, de linhas simples. Abriga a Biblioteca Pública Municipal "*Fritz* Müller", devendo-se a realização da mesma à organização deste excelente e conceituado historiador Sr. José Ferreira da Silva.





Schützenhaus.

Ob schön! Sonntag, 13. April Ob Regen!

Letztes

Grosses Concert

des Citherbirtuosen und Taschenspielers

Professor August J. Lennep

Anfang 8 Uhr Abends.

Die Pausen werden mit Orchester-Musik ausgefüllt.

Programm:

I. Teil:

1. und 2. Orchester.
3. Harmonien-Zauber (grosse Phantasie) von Huber } Cither
4. Lanzenbrecher. Concerto Tyrolien von Huber } Cither
5. O prestigio da magica branca } Prestidigiation
6. Le tric des Cigarettes } Prestidigiation
7. Máne, Técel, Phares } Prestidigiation
8. O relogio encantado } Prestidigiation

15 Minuten Pause.

II. Teil:

1. und 2. Orchester.
3. Sehnsuchtschwingen. Reverie von Huber } Cither
4. A Estudantina hespanhola. Polka Andran } Cither
5. Ocus, Focos, Imperatus } Prestidigiation
6. As trocas maravilhosas } Prestidigiation
7. Oito metamorphoses em cinco minutos } Prestidigiation
8. A cozinha diabolica } Prestidigiation

ESQUELETO DANSANTE

pae e filho.

Depois da funcção BAILE.

Entree für Herren 1$000, Damen 500 Rs., Kinder bis zu 12 Jahren 320 Rs.

Blumenau, c. 1915

Bolão *Fidel Klub*. De pé, à esquerda, Woldemar Odebrecht (sem chapéu), nono filho do casal Emil e Bertha Bichels Odebrecht.

Kegelbahn im Fidel Klub*. Stehend, links, W. Odebrecht (ohne Hut), neunter Sohn des Ehepaars Emil und Bertha B. Odebrecht.*

Acervo / *Sammlung* A. H. Blumenau

Casa dos Atiradores. Com sol ou com chuva! Domingo, 13.4.1890. Último Grande Concerto do virtuoso na Cítara e mágico Professor AUGUST J. LENNEP. Início às 8h. Os intervalos serão preenchidos com música de orquestra. Programa: 1a. Parte: 1. e 2. Orquestra - 3. Harmonia Mágica (grande Fantasia, com Cítara) de Huber - 4. A Dança das Lanças (concerto do Tirol, com Cítara) de Huber - 5. O prestígio da mágica branca (Prestidigitação) - 6. O truque das Cigarettes (idem) - 7. Máne, Técel, Phares (ib.) - 8. O relógio encantado (ib).

Pausa de 15 minutos. 2a. Parte: 1. e 2. Orquestra - 3. Vibrações de Saudade, Reverie de Huber com Cítara - 4. A Estudantina hespanhola, Polka Andran com Cítara - 5. Ocus, Focos, Imperatus (Prestidigitação) - 6. As trocas maravilhosas (idem) - 7. Oito metamorfoses em 5 minutos (ib.) - 8. A cozinha diabólica (ib.).

ESQUELETO DANSANTE - pai e filho. Depois da função, BAILE.

Entrada para Srs. 1$000, Damas 500 réis, Crianças até 12 anos 320 réis.





Blumenau, c. 1890

Emil Odebrecht e família. Emil (Jakobshagen, Prússia, 29.3.1835 - Blumenau, 5.1.1912) e esposa Bertha Bichels tiveram 15 filhos onde 7 homens e 6 mulheres chegaram a uma idade apreciável. Chegou a Blumenau com mais 2 amigos na véspera do Natal de 1856. Voltou à Alemanha onde se formou Engenheiro Agrimensor, Astronomia, Metereologia e Geodésia na Universidade de Greifswald. A partir de janeiro de 1861 começou a trabalhar para o Dr. Blumenau, encarregado da medição e discriminação de lotes coloniais no sertão do Alto Vale do Itajaí. Entre seus amigos agrimensores estavam Heinrich Kreplin, Rudolf Kleine e August Zittlow. Foto ao lado, residência de Emil e Bertha Odebrecht.

E. Odebrecht und Familie. Emil und Ehefrau Bertha Bichels hatten 15 Kinder, von denen 7 Männer und 6 Frauen ein beträchtliches Alter erreichten. In Deutschland ansgebildet als Landvermesser kam er mit zwei Freunden am Weihnachts-Vorabend 1856 nach Blumenau. Ab 1861 arbeitete er für Dr. Blumenau, als verantwortlicher Vermesser und designierter Verteiler von Landpartien an die Einwanderer des Hohen Itajaí-Tales. Zu seinen Freunden gehörten H. Kreplin, R. Kleine und A. Zittlow. Bild nebenan, Haus von Emil und Bertha Odebrecht.

Photo B. Scheidemantel
Acervo / *Sammlung* Rolf e Renate Odebrecht

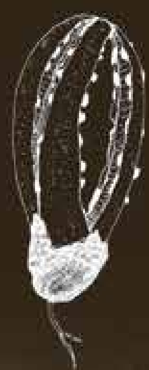
Alfred Möller

1893

Entre 1890-93 esteve em Blumenau o Naturalista e Professor Alfred Möller, conhecido no mundo científico pelos seus estudos e obras sobre o reino vegetal. Especializara-se nas observações e estudo dos cogumelos, ou da Micologia e desejava fazer em Blumenau investigação a respeito deste tão interessante ramo da Botânica. Facilitou sua vinda a Blumenau o fato de ser ele sobrinho do Dr. Fritz *Müller. Este, vivendo em Blumenau desde 1852 poderia orientá-lo nos seus trabalhos e observações dos cogumelos tropicais. Dr. Alfred Möller: "Encontrei no distrito da Colônia Blumenau nada menos que 10 diferentes formas de Faloídeos; possivelmente, não existe outra região do mundo, com igual área, que possa contar com igual número de espécies da citada família". Dr. Möller, em 1895, dedicou um fungo ali descoberto, dando-lhe o nome de* Blumenavia rhacodes *(desenho, ao lado, de Larissa Trierveiler Pereira).*

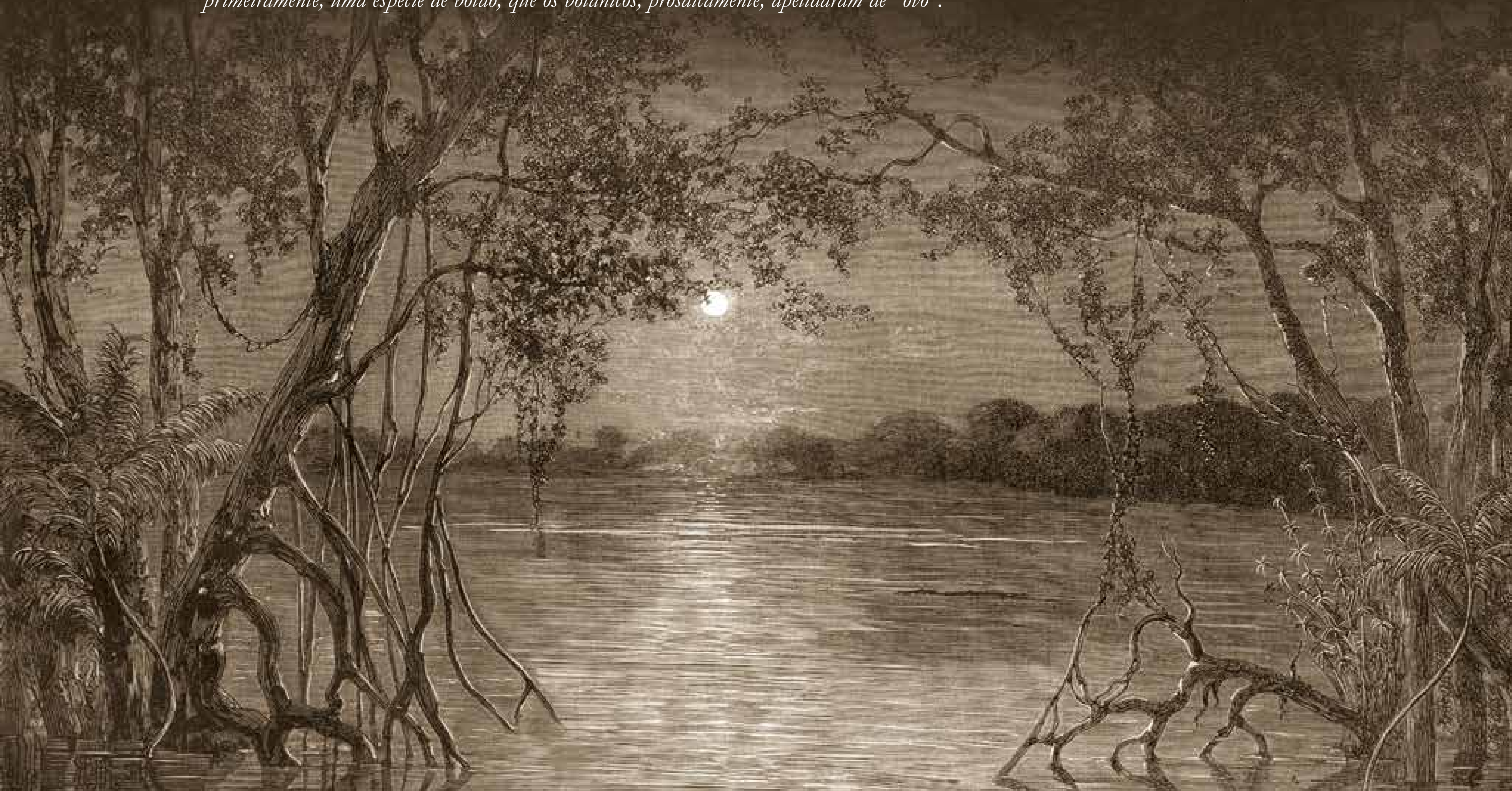


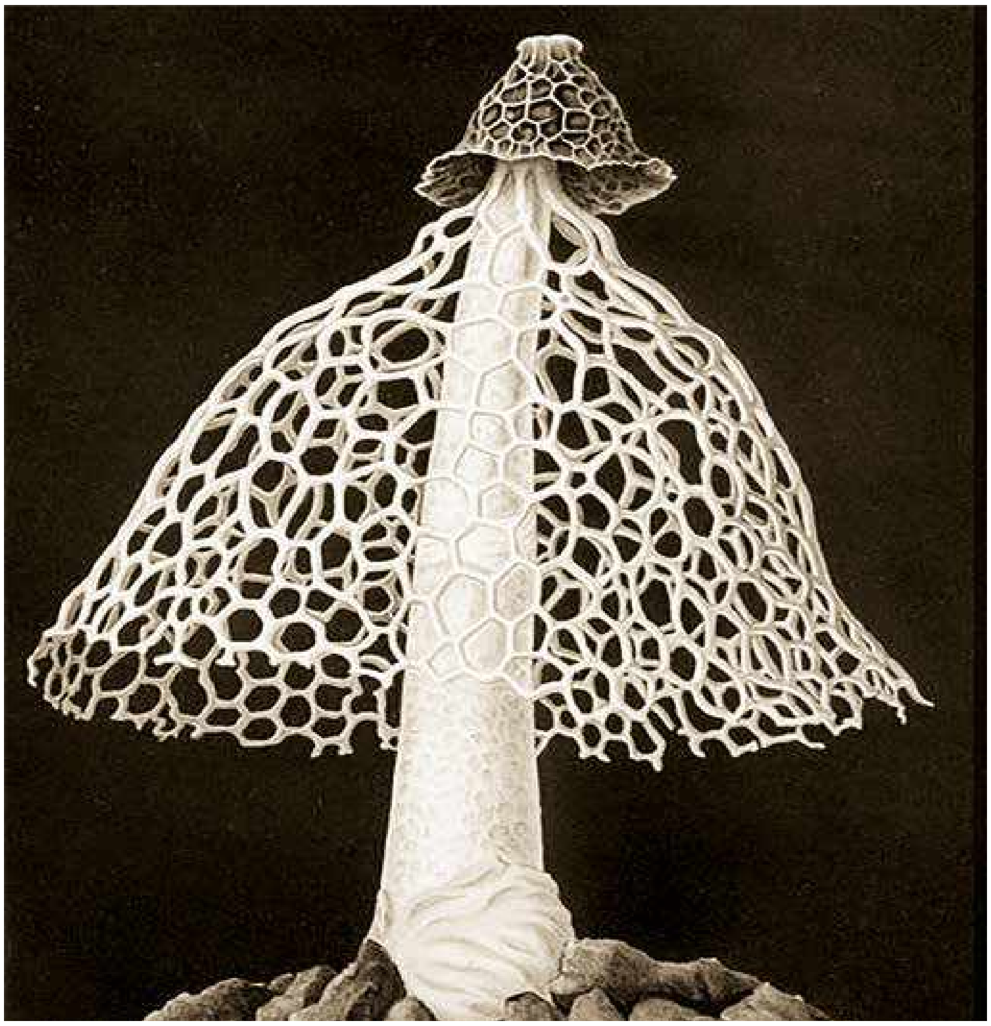
Como auxiliar e guia, Dr. Möller teve a participação de Erich Gärtner, que conhecia muito bem as florestas que então cercavam Blumenau. Erich Gärtner era filho de Victor e Röse Sametzki Gärtner, e, consequentemente, sobrinho-neto do Dr. Blumenau. Seu pai Victor já falecera e sua mãe Röse, a pioneira do Teatro em Blumenau viria a falecer em 1900. Erich era o irmão mais velho de Edith Gärtner, que atuaria como atriz na Alemanha.



Em seus livros, Dr. Alfred Möller viria a citar várias vezes os bons conhecimentos de Erich sobre a Botânica e sua singular paixão pelas Ciências Naturais: "O Sr. Erich Gärtner, meu fiel ajudante nos trabalhos, percorreu, semana após semana, os arredores de Blumenau, dispensando especial atenção à descoberta do Faloídeos. A ele eu devo agradecer uma grande parte do material recolhido".

O que eram os Faloídeos? A família da "Dama do Véu Branco" tem o nome científico de Dictyophora phalloidea Desvaux. *Esse cogumelo já fora, por diversas vezes, descrito por botânicos, pois, segundo o próprio Dr. Möller, "nenhum outro cogumelo atraiu tanto a atenção dos botânicos que visitaram os trópicos, como esse". E foi graças a seu trabalho que o mundo conheceu, pela primeira vez em excelentes reproduções, suas formas. Sobre o raizame, nos solos cobertos de folhas apodrecidas, aparece, primeiramente, uma espécie de botão, que os botânicos, prosaicamente, apelidaram de "ovo".*





A Dama do Véu Branco

Dictyophora phalloidea Desvaux – Renate Rohkohl Dietrich

O desenvolvimento da "Dama", a partir do "ovo" até o final do ciclo vegetativo, verifica-se em apenas duas horas. O ponto culminante do maravilhoso espetáculo verifica-se quando a alvíssima rede, semiaberta, sofre uma espécie de soco e desprende-se totalmente, imprimindo a todo o conjunto um tremor que dura segundos. Isso tudo se passa na madrugada, antes do sol nascer.

Dr. Möller conseguiu ver esse desabrochar por duas vezes em janeiro de 1890, seis vezes em 1892 e duas em 1893: "Tão logo os raios do sol da manhã refletem sobre a planta já meio murcha, esta se abate e dela pouco depois nada mais resta que um montículo de ruínas pegajosas". Como resultado dos três anos de permanência em Blumenau, ele deu à publicidade três grandes trabalhos científicos: *Die Pilzgaerten einiger suedamerikanischer Ameisen*/ Os Jardins em forma de Cogumelos de algumas Colônias Sul-Americanas de Formigas (1893); *Brasilianische Pilzblumen* / Flores de Cogumelos Brasileiros (1895); e *Phycomyceten und Ascomyceten* (1901).

Quando ainda bem criança, Erich Gärtner já sentia imenso prazer em participar das conversas sobre caçadas, em casa de seu avô Julius Sametzki, onde se reuniam amigos que gostavam do esporte venatório. Os caçadores gostam de trocar impressões sobre as suas aventuras, aumentando-as às vezes exageradamente, cercando-as de incríveis fantasias. É o que se chama "latim dos caçadores". E essas conversas eram-lhe mais deslumbrantes que as fábricas mais fantásticas.

Foi numa dessas reuniões que ele ouviu falar, pela primeira vez, na "Dama do Véu", a misteriosa "Dama do Véu Branco". Que é uma das mais curiosas variedades de cogumelos, comum no solo úmido das florestas blumenauenses.

Embora de observação bastante difícil, de vez que seu desabrochar se verifica ao anoitecer, completando o seu desenvolvimento durante a noite, não aparecendo, pela manhã, nada mais dele, senão uma pequena porção de restos gosmentos...

Quando um caçador se demorava no mato e o lusco-fusco já escurecia a vastidão das selvas, ele seria, subitamente, atraído por um raro perfume que se desprendia de uma espécie de pequenina rede, em forma de véu, branco de neve, que se escapava de um chapeusinho esverdeado. O seu aparecimento seria tão estranho e tão maravilhoso, que o caçador, embora ansioso por deixar a mata, para que a completa escuridão o não apanhasse ali, não podia desprender-se do encanto de visão tão extraordinária. E quem tivesse a sorte de ter essa visão, seria para sempre feliz.

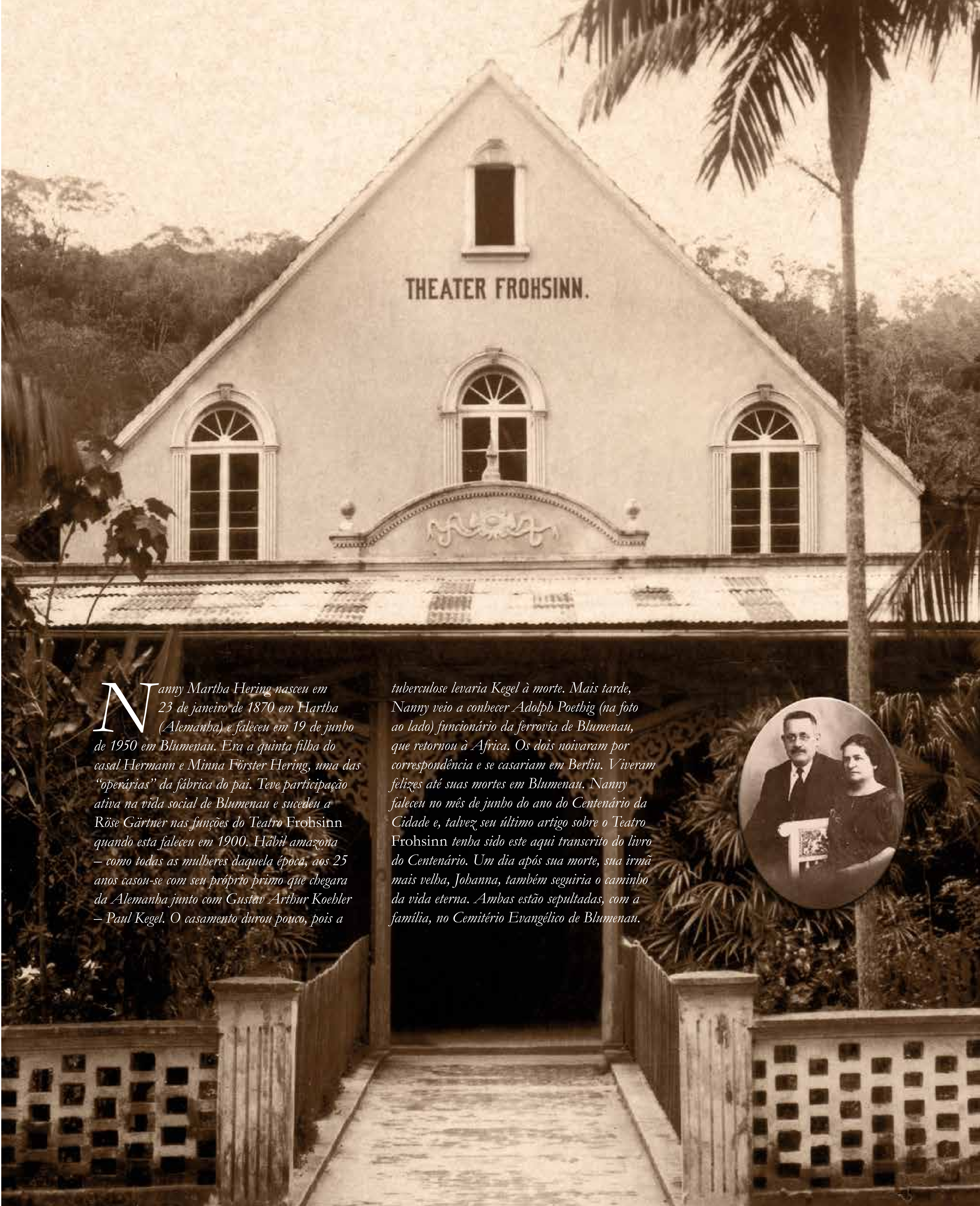
O menino Erich insistia com seu avô para que este o levasse ao mato, nas suas caçadas, pois não podia dominar a ansiedade de ver e sentir as perfumadas auras que se desprendiam da "Dama do Véu Branco". Na sua imaginação infantil, ele identificava esta "Dama" com a "Dama Branca", o fantasma do castelo dos Hohenzollen e com a boa "Fada da Floresta", que satisfazia os desejos de todos.

E, com os olhos chispando felicidade, ele confidenciava à sua mãe Röse: "Vovô me prometeu que, quando eu for maiorzinho, ele me dará uma espingarda e nós iremos juntos ao mato. E, então, eu hei de ver a "Dama do Véu Branco" e ela me trará felicidade"...

Röse certamente teria pensado que seu filho Erich precisaria mesmo de muita sorte na vida, pois ele era um menino bem inteligente, é verdade, mas também muito acanhado e taciturno. Esta imagem do cogumelo, postada num quadro, esteve no quarto de Erich Gärtner até sua morte e onde eu pela primeira vez o vi e por mais de uma vez ouvi a sua história dos próprios lábios de Erich.

Pela cooperação que dera ao sábio, pela valia que este emprestava, seguidamente, a essa ajuda, Erich Gärtner adquiriu confiança em si mesmo e no seu trabalho. Prontificou-se a ajudar sua mãe na direção da *Companhia Fluvial* e, mais tarde, substituiu-a na direção dessa mesma *Companhia*. Tempos depois foi nomeado Fiscal de Rendas Federais, cargo em que permaneceu até a sua aposentadoria.

Tornou-se um dos mais respeitados e estimados membros da Comunidade Blumenauense, conquistando inúmeros amigos.



Nanny Martha Hering nasceu em 23 de janeiro de 1870 em Hartha (Alemanha) e faleceu em 19 de junho de 1950 em Blumenau. Era a quinta filha do casal Hermann e Minna Förster Hering, uma das "operárias" da fábrica do pai. Teve participação ativa na vida social de Blumenau e sucedeu a Röse Gärtner nas funções do Teatro Frohsinn *quando esta faleceu em 1900. Hábil amazona – como todas as mulheres daquela época, aos 25 anos casou-se com seu próprio primo que chegara da Alemanha junto com Gustav Arthur Koehler – Paul Kegel. O casamento durou pouco, pois a tuberculose levaria Kegel à morte. Mais tarde, Nanny veio a conhecer Adolph Poethig (na foto ao lado) funcionário da ferrovia de Blumenau, que retornou à Africa. Os dois noivaram por correspondência e se casariam em Berlin. Viveram felizes até suas mortes em Blumenau. Nanny faleceu no mês de junho do ano do Centenário da Cidade e, talvez seu último artigo sobre o Teatro* Frohsinn *tenha sido este aqui transcrito do livro do Centenário. Um dia após sua morte, sua irmã mais velha, Johanna, também seguiria o caminho da vida eterna. Ambas estão sepultadas, com a família, no Cemitério Evangélico de Blumenau.*

Nos primeiros anos da colonização de Blumenau a atividade dos imigrantes cingia-se apenas aos trabalhos materiais de preparação e instalação do núcleo que iria abrigá-los. Alguns anos mais tarde, porém, quando o empreendimento já florescia, surgiu entre os elementos novos mais instruídos o anseio de uma vida cultural mais elevada, formando-se um circulo, cujo gosto pelo Canto e pelo Teatro lançou as bases da *Sociedade Teatral de Blumenau*, que se organizava mais tarde.

As primeiras reuniões e noitadas artísticas tiveram lugar na casa de Reinhardt, situada na atual Rua *XV de Novembro*, próximo a casa de negócio Buerger.

Pelo ano de 1870, quando a *Sociedade de Atiradores de Blumenau* construiu, numa rua lateral, sua primitiva sede, associou-se-lhe a novel sociedade teatral, acrescentando-se ao prédio um pequeno palco para o exercício de suas atividades.

Dois anos mais tarde, em 1872, tornou-se necessário um pequeno aumento para a instalação de um vestuário e execução de alguns pequenos melhoramentos.

Para conseguir os fundos necessários a essas obras, lançou a sociedade uma emissão de ações, cujo valor nominal era de 500 réis, isto é, 10 ações por 5 mil réis. Esta quantia, tão insignificante que pareça, representava naquela época muito dinheiro.

Foram tomadores das ações os que seguem: Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau, Wilhelm e Karl Friedenreich, Charlotte Kegel, Louis Altenburg, Franz Lungershausen, W. Brandes, Meister Richter, Hans Breithaupt, Franz Faust, W. Scheeffer, Marques, Vahl, Dr. W. Eberhardt, Kirchbach, "Tio" Brand, A.C. Ebel, Victor Gärtner e sua esposa Röse, H. Wendeburg, H. Gloeden, Ballehr, C. Rischbieter, Avé-Lallemant, C. Külps, Persuhn, Odebrecht, Gtahl, Roedel, Hindlmeyer, Rudolph Krause, Ferdinand Schrader, Bichels, Krohberger, Grewsmühl, Sametzki, Bernhard Scheidemantel, Dr. *Fritz* Müller, G. Beyer, H. Hosang, Peter Hartmann, Cardoso, Clasen, Hackradt, Kumlehn, Meyer e senhora, Spierling e senhora, Heinrich Probst e Alfred Beims.

A enchente de 1880, a maior catástrofe que viu a Colônia, não poupou a Sociedade, que teve sua biblioteca e seus bastidores danificados pelas águas.

Em 1885, decidiu-se dar um nome à associação, que, até então era conhecida pelo nome de *Sociedade Teatral de Blumenau*, e que, daqui por diante, passou a chamar-se *Sociedade Teatral Frohsinn*.

Dessa primeira etapa da Sociedade, de 1860 até 1885, era o seu corpo cênico constituído dos seguintes amadores: Sras. Röse Gärtner e Meyer; Jenny Friedenreich Gloeden, Clara e Marie Breithaupt, Meta Friedenreich, Sra. von Hartentahl, Clara Schreep, Ida Petters e Srta. Wendeburg. Entre os homens: Rudolph Krause, Hermann Rüdiger, Heinrich Froehner, Blomeyer, Christian Schmidt, Alfred Beims, Otto Freygang, Ernst Hertel, Leopold Hoeschl, Theodor Lüders, Schott, Paul Schwarzer e Sra. No periodo de 1895-96, adquiriu a *Sociedade* um terreno situado à Rua das *Palmeiras*, primitivamente de propriedade de Meyer e Spierling, mas à época da aquisição já pertencente a outrem, para ali construir sua sede própria.

Essa deliberação foi o resultado de uma campanha levada a efeito pela Sra. Röse Gärtner, viúva do Cônsul alemão Victor Gärtner, por longos anos secretária e tesoureira da Sociedade, que advogou a necessidade da separação da *Sociedade Teatral* da *Sociedade de Atiradores*, cuja diversidade de interesses muitas vezes colidia, principalmente em razão da grande variedade de classes que as compunham, resultante da admissão de novos sócios.

Fizeram-se coletas, lançou-se mão de empréstimos, que por muitos anos oneraram a *Sociedade*, mas a obra iniciada pelo construtor Roenicke foi terminada e em abril de 1896, os propugnadores da idéia tiveram a alegria de ver encenada a primeira peça – *Ein toller Einfall / Uma Idéia Maluca,* de K. Laufs.

Infelizmente, em 1900, sua fundadora, principal amadora e grande animadora da *Sociedade*, falecia de uma doença do estômago, abrindo um claro de difícil preenchimento. Por vários decênios fora ela a orientadora capaz e inteligente da *Sociedade*, a que serviu com inexcedível dedicação e espírito de sacrifício. Honra e reconhecimento sejam ao seu nome!

Com o desaparecimento da principal obreira da *Sociedade*, retraiu-se das atividades teatrais por algum tempo sua filha Else, assumindo a presidência da organização Gustav Salinger, que já em 1904 viajava para a Alemanha em tratamento de saúde. Em 1908 foi inaugurada a luz elétrica, que substituiu as lâmpadas à querosene.

Em 1910, a *Sociedade Teatral Froshinn* festejava seu primeiro jubileu – 25 anos, dedicados ao desenvolvimento cultural de Blumenau – a que já não puderam assistir o Sr. Schwarzer, membro da diretoria e a Sra. Minna Hering, integrante do corpo cênico, falecida de diabetes aos 67 anos, deixando grande descendência, pois ela é o tronco da família Hering.

Neste segundo período (1885-1910) figuravam como amadores, participando das representações: Hermann, Bruno, Paul e Max Hering; Gustav Salinger, Bruno Lungershausen, Luy Niemeyer, Ernst Colin, Alwin Schrader, Rudolf Kleine, Franke, Max Feddersen, Julius Probst, Doerck, Heinrich Krause. Do lado feminino: Minna, Elise (Steinbach), Johanna, Nanny (Poethig), Margarethe (Müller) e Gertrud Hering (Gross); Marie Gross, Marie Reiche (Lungershausen), Tekla Probst, Olga Salinger (Probst) e Elly Rischbieter (Maas).





Blumenau, c. 1920

Palco do Teatro *Frohsinn*.
"Ali, em 1898, presenciei a atuação do Sr. Cônsul Salinger no papel de um jovem colono, e o advogado Sr. Schwarzer, como protagonistas da peça *O Garimpeiro*, de Birch-Pfeiffer". (Franz Giesebrecht)

Bühne des Theaters Frohsinn.
"Hier sah ich Konsul Salinger in der Rolle eines jungen Bauern, sowie Anwalt Schwarzer als Laiendarsteller des Theaterstücks Der Goldgräber *von Birch-Pfeiffer". (F. Giesebrecht)*

PHOTO E. REUSSNER ACERVO / *SAMMLUNG* A. H. BLUMENAU

PÁGINA AO LADO / *SEITE GEGENÜBER*

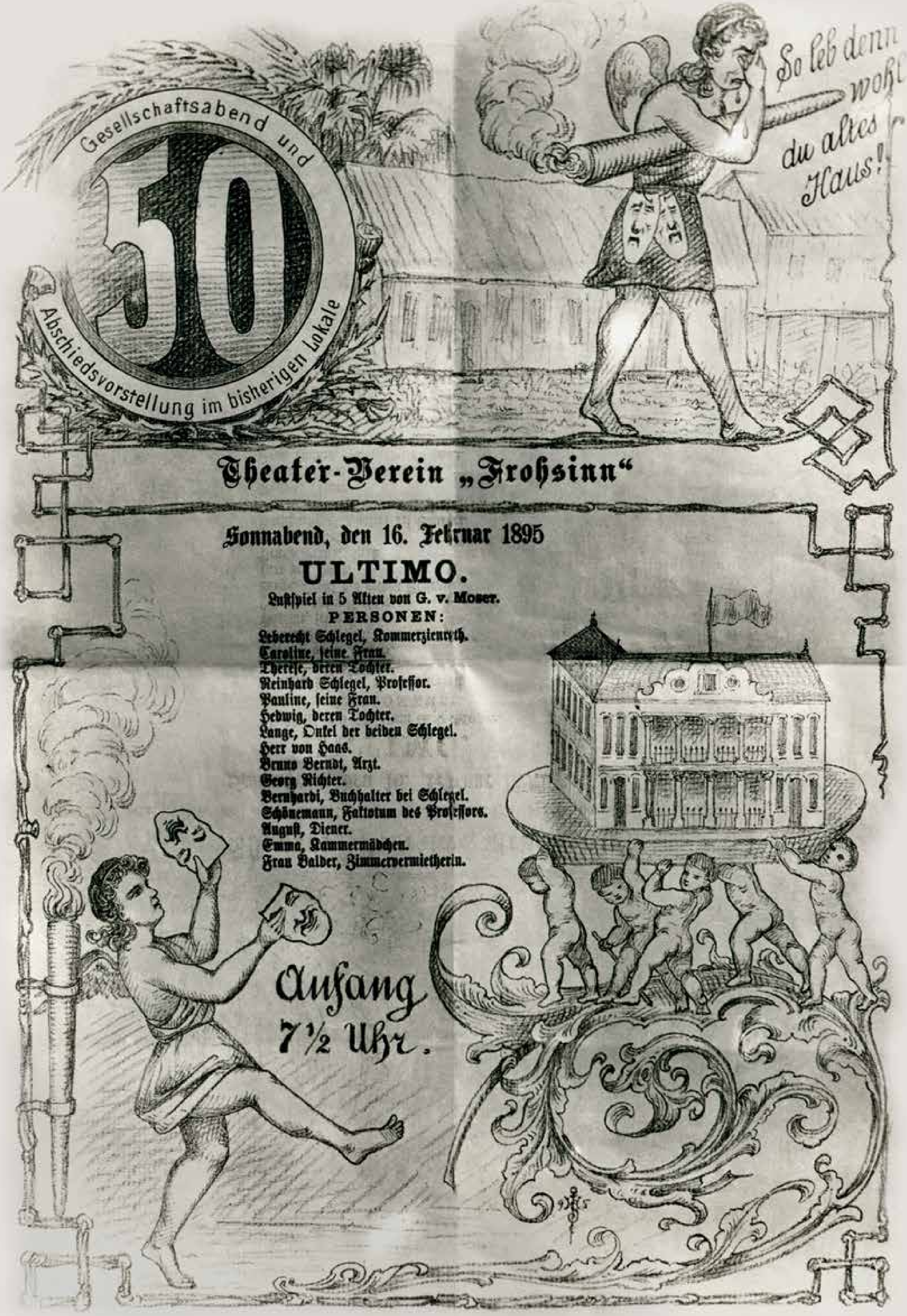
Martha Friedenreich Gloeden
e esposo Manoel da Cruz Lima.

ACERVO / *SAMMLUNG* CARMEN LUCIA CRUZ LIMA GERLACH

Grande passo foi dado à frente com a construção de um Teatro próprio, em 1896, no terreno que fora da firma *Meyer & Spierling*, na Rua das *Palmeiras*. À frente desta iniciativa estavam Röse Gärtner e Gustav Salinger. O velho Teatro *Frohsinn*, em cuja varanda, sempre, em certas tardes da semana, estavam sentados o velho Stutzer, o Zittlow, o Lungershausen e outros no *Skat*. Também a casa do farmacêutico Reinhold Anton e o casarão que foi um dos primeiros hotéis de Blumenau, o prédio do Schreep, tiveram que dar lugar a novas e modernas construções, mas a ferraria do Kielwagen e a casa da Dona Edith Gärtner ainda se mantêm no mesmo estado...

Ein großer Schritt für die Errichtung eines eigenen Theaters war der Kauf des Grundstücks von Meyer und Spierling *im Jahr 1896, in der* Palmenallee*. Diese Initiative war vor allem Röse Gärtner und Gustav Salinger zu verdanken. Hier das alte Theater Frohsinn, auf dessen Veranda an bestimmten Wochentagen stets die alten Herren Stutzer, Zittlow, Lungershausen und andere sich zum Skat trafen. Auch wurden das Wohnhaus des Apothekers R. Anton und das große Gebäude eines der ersten Hotels in Blumenau (Gebäude Schreep) durch neue und moderne Bauten ersetzt. Die Schmiedewerkstatt Kielwagen und das Wohnhaus Edith Gärtners befinden sich heute noch in unverändertem Zustand...*

FREDERICO KILIAN


50
Gesellschaftsabend und
Abschiedsvorstellung im bisherigen Lokale
So leb denn wohl du altes Haus!
Theater-Verein „Frohsinn“
Sonnabend, den 16. Februar 1895
ULTIMO.
Lustspiel in 5 Akten von G. v. Moser.
PERSONEN:
Leberecht Schlegel, Kommerzienrath.
Caroline, seine Frau.
Therese, deren Tochter.
Reinhard Schlegel, Professor.
Pauline, seine Frau.
Hedwig, deren Tochter.
Lange, Onkel der beiden Schlegel.
Herr von Haas.
Bruno Berndt, Arzt.
Georg Richter.
Bernhardi, Buchhalter bei Schlegel.
Schönemann, Faktotum des Professors.
August, Diener.
Emma, Kammermädchen.
Frau Balder, Zimmervermietherin.
Anfang 7½ Uhr.



Blumenau, c. 1880

Sociedade Teatral *Frohsinn*. Ao centro, Rudolph Krause (de cartola), Hermann Rüdiger (1) e Franke (2).

Theater-Verein Frohsinn*. In der Mitte, R. Krause (mit Zylinder), H. Rüdiger (1) und Franke (2).*

Acervo / *Sammlung* A. H. Blumenau

Página ao lado / *Seite gegenüber*

Cartaz anunciando a despedida (triste) da sede do Teatro na *Sociedade dos Atiradores* (acima), com a alegria de nova sede da Sociedade Teatral *Frohsinn*, 1895.

Plakat vom (traurigen) Auszug des Theaters aus dem Schützenverein *(oben), und Vorfreude auf den neuen Sitz des Theater-Vereins* Frohsinn*, 1895.*

Noite Social e Apresentação de despedida
da Sociedade Teatral
Pois viva em paz ó velha Casa!

Sociedade Teatral *Frohsinn*
Sábado, 16 de fevereiro de 1895

FIM DO MÊS

Comédia em 5 Atos de G. v. Moser
PERSONAGENS

Início às 7h 30’

B. Scheidemantel; versão colorizada de B. K. Kadletz / *kollorierte Version von B. K. Kadletz*
Acervo Livro 50 Anos Blumenau / *Sammlung des Buches 50 Jahre Blumenau*





Blumenau, c. 1920

Grupo teatral no palco do Teatro *Frohsinn.*

Theater-Gruppe auf der Bühne.

Página ao lado / *Seite gegenüber*

ASSOCIAÇÃO TEATRAL "ALEGRIA"

Sábado, 20 Maio 1905 - 100ma. noite teatral:

O SÍTIO DO SOLSTÍCIO

Peça popular em 5 atos de S. H. Mosenthal.

Personagens: Mônica, proprietária do Sítio, viúva - Valentin, Wolfgang, Dreszens, Franzt, Marie (seus empregados) - Mathias, aprendiz de ferreiro, seu cunhado - Anna - o Pastor de Achau - o Presbítero - um calcereiro - uma criança - servos, servas e mendigos.

Início pontual às 7 ½ horas.

Acervo / Sammlung A. H. Blumenau



Deutsch-Humoristisches Trio

„Lustige Brüder".

Am ersten Pfingstfeiertage:

Große

Abschieds-Vorstellung

im Saale des Theatervereins

„Frohsinn".

Näheres durch Plakate.

Anfang 8 Uhr.

Entree: 1. Platz 2$000,

2. Platz 1$000,

Kinder die Hälfte.

Briefmarken

aller Länder kauft

Oskar Rüdiger.

Trio Humorístico Alemão "Os Irmãos Divertidos".

No 1º feriado de Pentecostes: Grande apresentação de despedida no Salão do Teatro *Frohsinn*.

Maiores informações nos cartazes. Início às 8h.

Preços: Lugar 1 - 2$000.

Lugar 2 - 1$000.

Crianças, a metade.

Compro selos de todo tipo.

Oscar Rüdiger.

THEATER-VEREIN
„FROHSINN"
Sonnabend den 20. Mai 1905.

100. Theaterabend.

Der Sonnwendhof

Volksschauspiel in 5 Akten von **S. H. Mosenthal.**

Personen

Monica, Sonnwendbäuerin, Wittwe.

Valentin,
Wolfgang,
Creszenz, — in ihrem Dienste.
Franzl,
Marie,

Mathias, Schmiedgesell, ihr Schwager.
Anna.
Der Pfarrer in der Achau.
Der Meßner.
Ein Kesselflicker.
Ein Kind.
Knechte, Mägde, Bettler.

Anfang pünktlich 7½ Uhr.

B. SCHEIDEMANTEL.

Das Kränzchen

„Immerlustig“



giebt sich die Ehre Sie und Ihre werthe Familie zu seinem Stiftungsfeste ergebenst einzuladen.

Blumenau, Juli 1905

15. Juli

Theater „Frohsinn“

8 Uhr Abends.

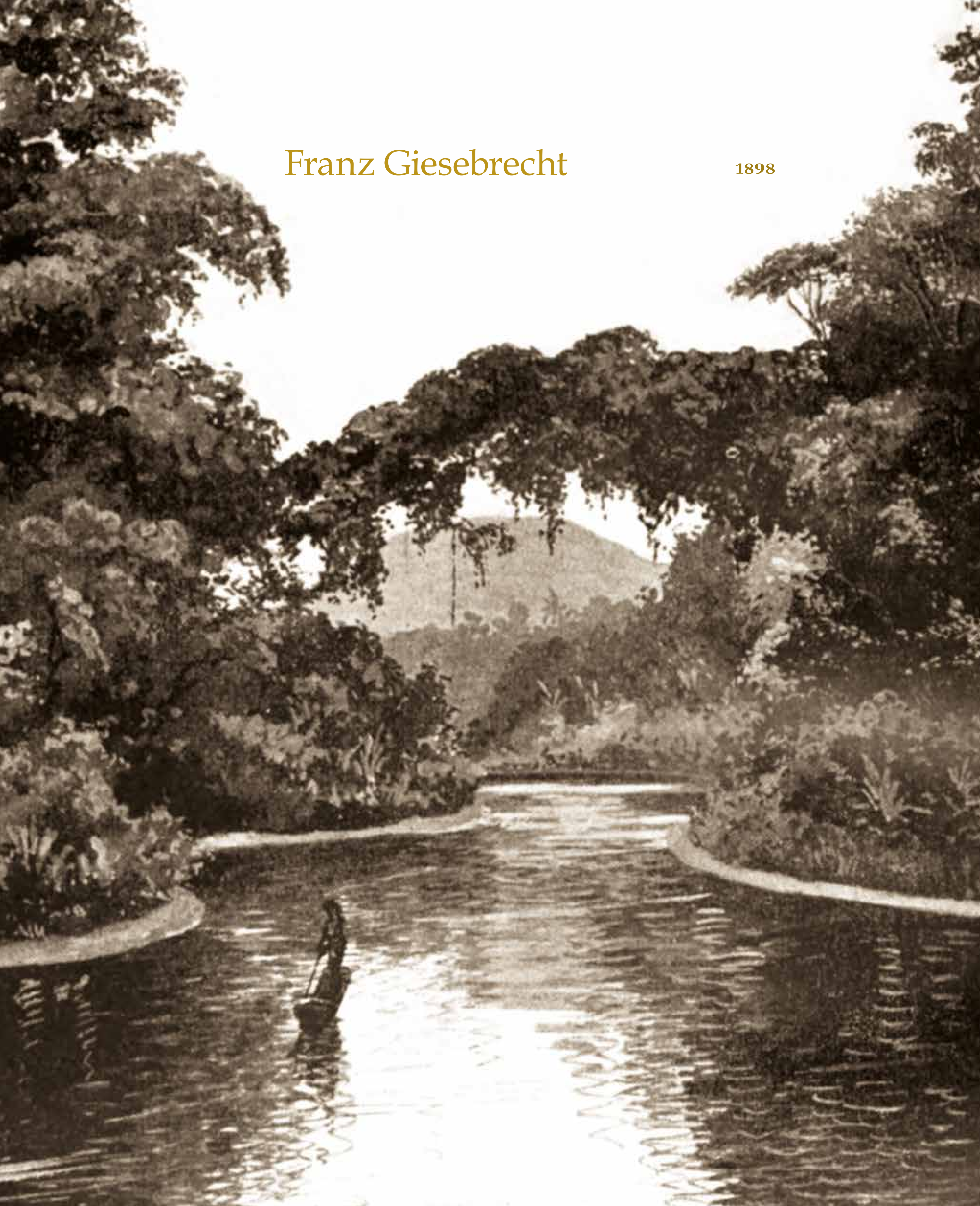
B. SCHEIDEMANTEL BLUMENAU.

O Circulo "Sempre Alegre" tem a honra de convidar o Senhor e sua distinta Família para uma festa beneficente. Blumenau, 15 Julho 1905. Teatro "Alegria"- às 8 horas da noite. Homenagem a Röse e Victor Gärtner.

Acervo / Sammlung A. H. Blumenau

Franz Giesebrecht

1898



A Sociedade Colonizadora Hanseática*, entre 1897-98, adquiriu terras em Santa Catarina num total de 650 mil hectares. Entre os enviados para analisarem esta região estava Franz Eduard Giesebrecht (1866-...). Chegou a Blumenau na última semana de março 1898, onde ficou por 8 dias, sendo 3 em viagem pelo interior do Município, acompanhado pelo Cônsul Gustav Salinger e pelo Engenheiro Emil Odebrecht. Giesebrecht faz menção ao casal Kutscha, que aportara com ele em Blumenau. Era Paul Kutscha (1872-1935), desenhista e pintor tcheco, que frequentou as Academias de* Belas Artes *de München e Paris. Giesebrecht estava com 31 anos; Kutscha, que ilustrou este livro com 26 desenhos (11 de Blumenau), tinha 25 anos; Bernhard Scheidemantel entrou com 9 fotografias.*


Die
Deutsche Kolonie Hansa
in Südbrasilien.
Franz Giesebrecht.
Berlin.
Hermann Paetel.
1899.

Viagem de Itajaí a Blumenau

No dia 26 de março de 1898 parti de Joinville para São Francisco do Sul. Depois de uma parada de dois dias nesta pequena cidade portuária, seguí com o navio do Lloyd Brasileiro *Desterro* para Itajaí. Entre os passageiros encontrava-se o jovem casal Kutscha e dois fabricantes de Joinville – os irmãos Uhlemann – antigos oficiais alemães, que eu já havia conhecido em Joinville. Eles estavam realizando uma viagem de negócios a Itajaí, Blumenau e Fpolis. Após uma curta e bela viagem, surgiu às nossas vistas a cidade portuária do município de Blumenau-Itajaí. A pitoresca estação de pilotos fica situada num promontório verdejante que adentra o mar. Ao longo de uma praia cercada de montanhas e florestas encontra-se a simpática pequena cidade. O acesso ao porto é estreitamente estreito e raso, de forma que tivemos que recorrer ao auxílio de um piloto, que nos conduziu de maneira segura até o ancoradouro. Dali fomos levados de barco até a terra firme, onde fiquei conhecendo o inspetor da *Companhia Colonizadora Hanseática* de Blumenau, o Sr. H. Doerck, que atualmente ocupa o cargo de Diretor da Companhia e que estava embarcando no *Desterro* a caminho de Florianópolis e da Europa. Da mesma forma, conheci o Presidente do Partido de Blumenau, Sr. Feddersen, que pretendia seguir com o *Desterro* para Fpolis., a fim de assumir seus deveres como deputado estadual. Tive com estes dois senhores uma infelizmente muito breve, mas interessante conversa.

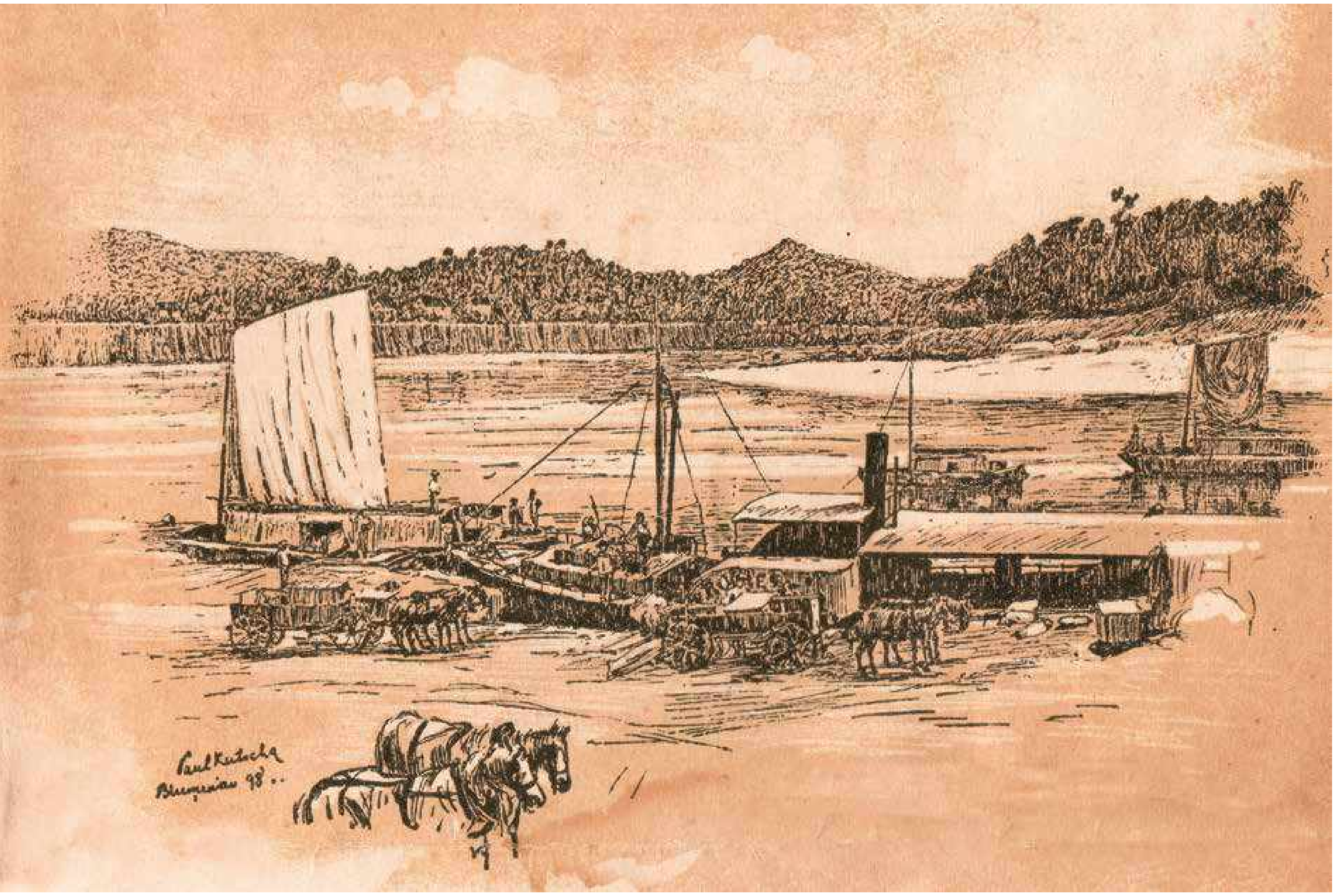
Do Cônsul Alemão em Itajaí, Sr. Asseburg, recebi algumas informações extremamente valiosas. Em Itajaí nos hospedamos no Hotel *Moldenhauer*, onde fomos servidos com um magnífico jantar. Este hotel é muito confortável e possui, além de uma sala de jantar esplendidamente decorada, uma ala de banhos com autênticos WC's (*Waterclosets*), o que nem sempre faz parte do costume brasileiro.

Jantamos em companhia de alguns comerciantes alemães residentes em Itajaí, onde quase todo o comércio encontra-se em mãos de cidadãos alemães. As empresas mais importantes são as de propriedade do Sr. Asseburg, de Marcos Konder (um simpatizante da cultura alemã, falecido em 1898), e a empresa Malburg. Apesar da sua forma de construção bem brasileira, Itajaí deixa uma impressão muito simpática, com amplas e bem cuidadas avenidas.

Na manhã seguinte, às 7 e meia, prosseguimos a nossa viagem para Blumenau a bordo do navio fluvial *Blumenau*. Eu estava bastante cansado, não tendo conseguido dormir na bela cama do Hotel *Moldenhauer* por causa dos mosquitos naturais desta cidade portuária, que me judiaram bastante e me expulsaram da cama em torno das 5 horas da manhã. Tanto a cidade de Itajaí como a praça principal de Blumenau encontram-se às margens do Rio Itajaí, sendo interligadas por um regular e intenso movimento naval, com 3 navios da *Companhia Fluvial* de Blumenau, nomeados *Blumenau*, *Progresso* e *Jahn*, em tráfego quase diário. Tanto o transporte de passageiros como o de carga tem grande importância. O nosso próprio navio puxava a reboque uma lancha carregada de tijolos, a exemplo das barcas do Rio *Oder* (Alemanha, N.T.). As margens do Itajaí inicialmente eram planas e de vegetação baixa, fazendo-me lembrar do Rio *Weichsel* na minha terra natal. Nos fundos, avistavam-se as montanhas, entre elas o *Morro do Baú,* de formação alta e estranha. O Rio Itajaí é formado por dois afluentes que desembocam perto de seu estuário: pelo Itajaí-açu (o "Grande" Itajaí), que contorna a cidade de Blumenau, e pelo Itajaí-mirim (o "Pequeno" Itajaí), que passa pela cidade de Brusque.

A caminho de Blumenau, aportamos em *Barra do Rio*, de onde se avista a grande fábrica de caixas de charutos de Rudolph Krause. As caixas são fabricadas com madeira de cedro. Em duas grandes áreas cercadas trabalham cerca de 100 operários, com 21 serras circulares e 13 plainas, produzindo aproximadamente 150 mil caixas por mês, cuja grande maioria segue para os estados da Bahia, do Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. O transporte das minúsculas tábuas é efetuado em grandes caixotes até os seus destinos finais, sendo somente lá montadas pelos fabricantes de charutos. A máquina principal da fábrica é de origem alemã e possui 120 cavalos-vapor.

À medida que damos sequencia à viagem, as margens vão se tornando cada vez mais altas, com matas ciliares mais densas, por onde avistamos os morros de calcário marítimo da antiga Colônia *Luiz Alves*. A viagem tornava-se mais e mais interessante, a paisagem cada vez mais bonita. Inúmeros povoados com população alemã vão surgindo em meio ao verde da paisagem ribeirinha. Uma das fazendolas faz lembrar um pequeno condado prussiano. Paramos em *Gaspar*, um pequeno povoado luso-brasileiro com uma igreja situada ao alto, onde já nos encontramos em terras blumenauenses. À medida que nos aproximamos da cidade, as povoações vão se tornando mais frequentes e bonitas, situadas em meio a rebanhos, verdes e abundantes pastagens ribeirinhas. Alguém me aponta a casa do conhecido naturólogo Dr. *Fritz* Müller, e logo a seguir avistamos a Praça Municipal de Blumenau. Com o encanto de uma estação termal de Thüringen (Alemanha, N.T.), a cidade se estende dentro de um vale e em meio a colinas florestais.





Excelentes Arenques Holandeses

Blumenau, 1898

Porto / *Hafen*

Desenho Paul Kutscha
(Tchecoslovaquia, 1872-1935)

Zeichnung P. Kutscha (1872-1935)

Acervo / Sammlung M. Marchetti

Desembarcamos no atracadouro central. Alguns senhores sobem a bordo. Entre eles, o Cônsul Alemão Sr. Salinger me dá as boas-vindas em solo blumenauense.

A Praça Municipal

A Colônia Blumenau foi fundada no ano de 1850 pelo Dr. Hermann Blumenau, com relativamente poucos recursos. Em 1860 foi "comprada" pelo Governo Brasileiro, sendo o Dr. Blumenau nomeado Diretor da Colônia, cargo que exerceu até o ano de 1884, quando o município obteve sua emancipação. Blumenau tem uma área de 60 mil hectares e um total de 45 mil habitantes, dos quais dois terços são de origem alemã. O restante é de origem italiana (do Tirol), da Polônia, Rússia, Hungria, assim como de aproximadamente 5 mil luso-brasileiros. Destes últimos, cerca de 4 mil residem em *Gaspar*.

A sede da Colônia estabeleceu-se no Centro Municipal (*Stadtplatz*), que conta com 300 casas e 1.200 habitantes. Outras localidades são: *Badenfurt*, *Indaial*, *Warnow*, *Ascurra*, *Aquidaban*, *Pomerode*, *Carijós* e *Timbó*. O número de alemães que imigraram no período de 1850 a 1897 conta com 9.883 almas.

O comércio em Blumenau é muito ativo e abrangente. Os principais produtos de exportação são manteiga, banha, tabaco, charutos, açúcar, carne e madeira.

As casas de comércio mais importantes são: *Gustav Salinger & Cia.*, cujo proprietário é o próprio Cônsul da Alemanha; Hermann Sachtleben; Heinrich Probst; Friedrich Blohm; Altenburg & Filho e Alwin Schrader. O contingente de empresas alemãs em Blumenau é de aproximadamente 120. As atividades industriais também são vivamente desenvolvidas. Ao todo, existem 29 olarias, 51 serrarias, 48 moinhos, 13 cervejarias, 3 fábricas de água mineral, 262 engenhos de açúcar, 1 tecelagem, 12 fábricas de charutos, 3 fábricas de vinagre e uma fábrica de conservas. Na praça principal encontramos 3 farmácias, 3 gráficas e 3 hoteis alemães. Os jornais alemães, publicados na cidade são: *Blumenauer Zeitung* (*Jornal de Blumenau*, N.T.) e *Der Urwaldsbote* (*Mensageiro da Selva*, N.T.). O Médico mais importante da cidade é o luso-brasileiro Dr. Bonifácio Cunha, detentor de diversos cargos políticos locais. Na sede do município encontramos, além disso, 30 casas de comércio alemãs. As cifras de exportação no ano de 1897 foram:

Manteiga 365.900 kg – Banha 261.000 kg – Carne 62.700 kg – Tabaco 35.000 kg – Açúcar 258.000 kg – Charutos 6.060.000 unidades – Galinhas vivas 19.700 unidades – Peles bovinas 2.712 unidades – Tábuas 9.995 dúzias – Ovos 35.120 dúzias – Cachaça 21.800 litros – Feijão preto 305 sacos.

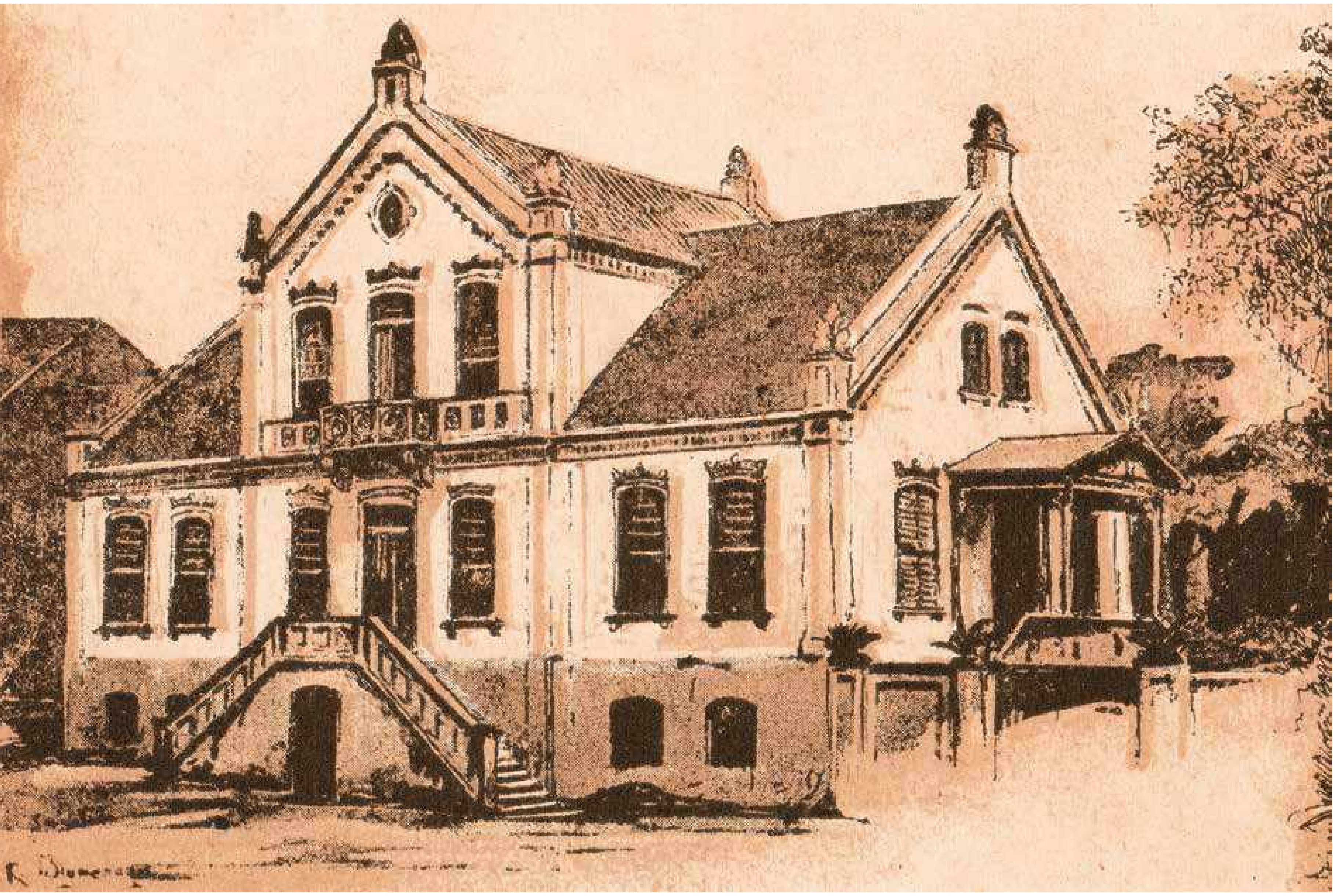
Estes dados não contemplam os produtos provenientes da região do Planalto, que também tem grande importância na balança comercial. Sobretudo a indústria do tabaco nos últimos tempos também vem ganhando peso. As empresas que mais se destacam neste segmento são a *Gustav Salinger & Cia.* e a *Carl Rothbarth*. Da mesma forma, a exportação de manteiga e banha em latas para as regiões do Centro e Norte do Brasil vem aumentando de importância gradativamente. Da mesma forma, a produção de carne suína salgada e defumada, comercializada em latas e tonéis, promete crescer como importante fonte de renda em Blumenau. A produção de milho limitou-se ao consumo próprio do Município, da mesma forma como o feijão preto, ambos cada vez menos comercializados para mercados externos. No futuro, certamente poderão crescer em volume de exportação produtos como o mel, a cera de abelhas, o vinho de laranja, assim como frutas em conserva. Por outro lado, a importação de produtos provenientes das cidades de Hamburg, Rio de Janeiro e Florianópolis também são relevantes.

A minha estadia em Blumenau infelizmente foi de curta duração, uma vez que a maior parte da minha viagem ainda estava à minha frente, e o meu retorno de Buenos Aires para a Europa já havia sido agendado para inicio de maio. Mesmo assim, foi possível mergulhar um pouco mais a fundo no conhecimento do município, já que desde o início da viagem a minha visão havia se habituado a reconhecer e avaliar melhor a realidade brasileira.

Resumindo o meu relato com observações sobre a Colônia, posso confirmar que tanto Blumenau como Joinville me agradaram imensamente em todos os sentidos. Tanto a praça central como as ruas da Colônia são de grande beleza. A praça principal tem o aspecto de uma cidade termal alemã de médio porte, habitada por moradores bem situados. A cidade se estende às margens do Itajaí como um imenso jardim. As ruas enfeitadas com maravilhosas plantas ornamentais são percebidas por qualquer visitante. Grande parte destes ornamentos data da época do fundador da Colônia, o Dr. Hermann Blumenau, realizador de grandes obras para o município que leva o seu nome. Até mesmo as construções da cidade foram edificadas com muito bom gosto e apresentam porte imponente.

Percorrendo a rua principal à beira do Rio Itajaí avista-se a maior parte do núcleo da cidade. Próximo à ponte do *Garcia*, em frente ao porto, situa-se a espaçosa Câmara Municipal, onde se encontra a administração de Blumenau. Seguindo à direita, situa-se a mansão em estilo moderno do comerciante alemão Friedrich Blohm. Mais adiante, encontramos várias casas de comércio em ambos os lados da rua, destacando-se a loja da empresa *Hermann Rüdiger* com sua construção em colunas, assim como a farmácia de H. Brandes. Próximos dalí situam-se o prédio do *Blumenauer Zeitung* e a agência dos Correios. A uma distância de 15 minutos a pé, ergue-se a magnífica Igreja Católica sobre uma pequena elevação, e logo atrás a construção colossal do *Convento Franciscano*, em poucos anos ampliada a partir de uma pequena construção inicial, dando lugar a um magnífico complexo de edifícios. A estrada se estende até desembocar gradativamente na avenida principal do Município. As fazendolas rurais passam a dar lugar a casas de comércio e mansões urbanas. Entre a grande quantidade de lindos sítios destacam-se as propriedades dos engenheiros Kleine e Krohberger, assim como a do proprietário de cervejaria, o Sr. Rischbieter. Partindo da avenida principal na altura do cais do porto, a grandiosa Alameda das *Palmeiras* traduz todo o orgulho do cidadão blumenauense. As majestosas e lindas palmeiras reais são como as "tílias" de Blumenau. Na Avenida das *Palmeiras* situam-se, de um lado, a *Villa Probst* e a *Nova Escola Alemã*; do outro, o Hotel *Lüders*, o prédio da Companhia de Teatro *Frohsinn* (Alegria) e o *Grande Hotel* de propriedade do Sr. Willy Bechert. No alto de uma elevação na Rua *Garcia*, em meio à exuberante vegetação, foi erguida a singularmente bela Igreja Evangélica, e ao seu lado encontra-se a casa pastoral cercada de um denso cenário verdejante. Um pouco mais adiante, passamos pela propriedade do engenheiro Odebrecht, rodeada por um maravilhoso jardim, repleto de grandiosos e raros espécimes de árvores. Em direção a *Gaspar* situam-se o Hospital, o Manicômio e a Loja (Maçônica, N.T.). Numa das ruas laterais da Avenida das *Palmeiras*, encontram-se a grande casa de comércio de *Gustav Salinger & Cia* e a farmácia de Reinhold Anton. Na rua paralela mais próxima à Avenida das *Palmeiras*, descobrimos a pequena Cadeia Municipal e a bela mansão do Cônsul da Alemanha, Sr. Salinger. Ao pé de uma colina, escondida em meio à densa vegetação, encontra-se a sede do *Clube de Atiradores*.

Em toda a cidade de Blumenau fui acolhido de maneira calorosa e simpática. Agradecimentos especiais devo ao Cônsul Sr. Salinger e ao engenheiro da *Empresa Hanseática de Colonização* responsável pelo distrito de Itajaí, o Sr. Emil Odebrecht. Da mesma forma, fui apoiado em meus estudos de maneira extremamente simpática pelo Superintendente (da Colônia), Sr. Stutzer e seu genro, Sr. Lüders, além do representante do Dr. Blumenau, Sr. Probst, assim como pelo Pastor Evangélico, Sr. Faulhaber, pelo Sr. F. Blohm, o farmacêutico Sr. Brandes, o redator Baumgarten, o professor Sr. Damm e o farmacêutico Sr. Säftel. A hospedagem no Hotel *Lüders* foi maravilhosa. Apesar da minha breve estadia na cidade, pude tomar bom conhecimento da vida social de Blumenau. No dia 1º de abril, fui convidado, juntamente com vários outros senhores, a um jantar na casa do Cônsul da Alemanha, Sr. Salinger. Foi um encontro aconchegante com inúmeros brindes ao velho Chanceler do Império Alemão, que naquela ocasião ainda não havia fechado os seus olhos para sempre.





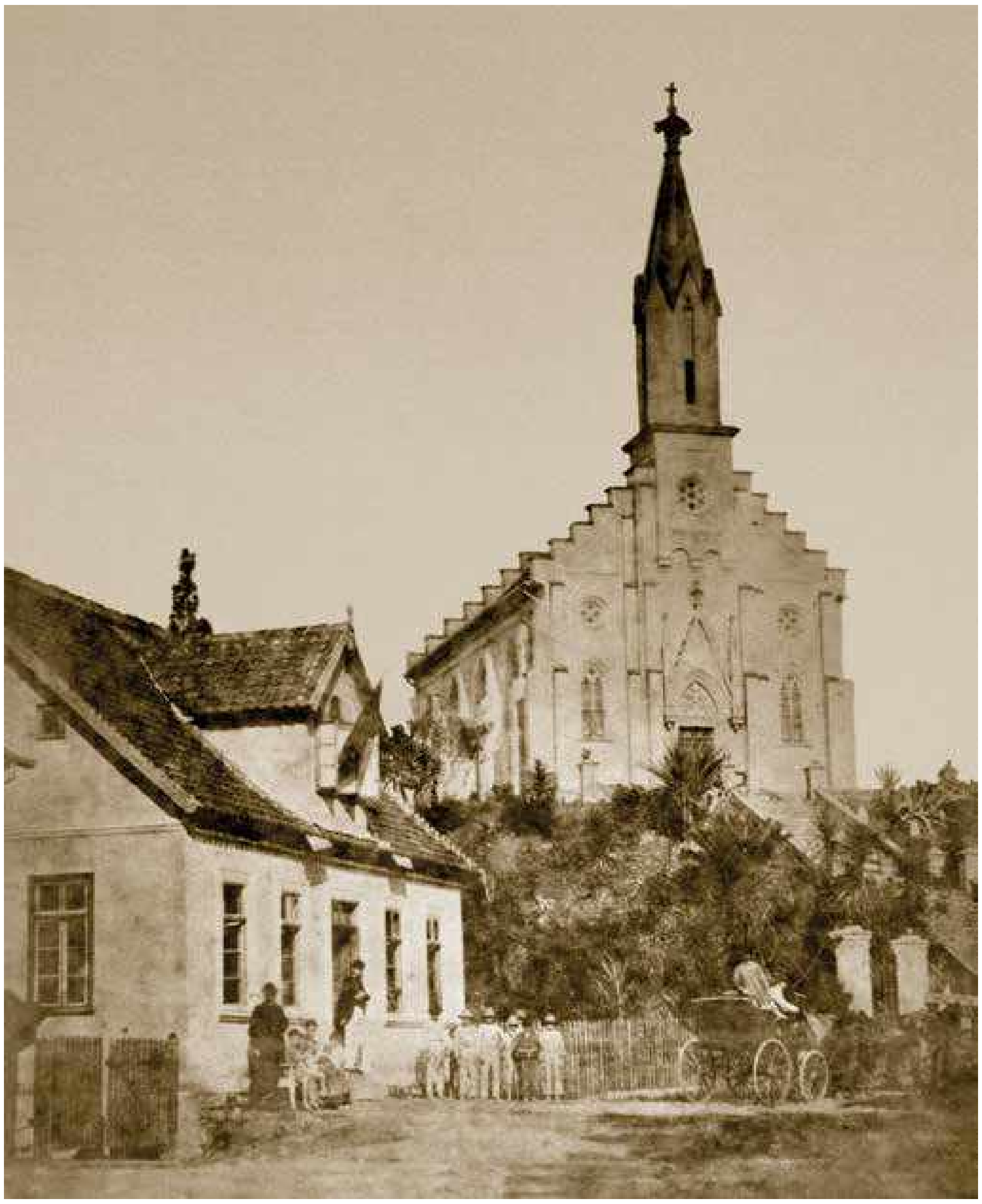
Blumenau, 1898

Câmara Municipal, inaugurada em 1875.

Munizipalkammer, erbaut 1875.

Desenho / *Zeichnung* Paul Kutscha
Acervo / *Sammlung* M. Marchetti

No dia seguinte, presenciei a uma apresentação da peça teatral *O Garimpeiro*, de autoria de Birch-Pfeiffer, na bela sede da Companhia Teatral *Frohsinn*. Fiquei surpreso com a qualidade da apresentação. Sobretudo o Sr. Cônsul Salinger no papel do jovem colono Toni e o advogado Sr. Schwarzer como protagonista principal foram extraordinários. A sala de espetáculos foi decorada com um retrato do nosso Imperador (alemão, N.T.), doado à Associação pelo antigo embaixador da Alemanha no Brasil, o Sr. Conselheiro Dr. Krauel. De todas as associações, vale destacar o *Clube dos Atiradores*, fundado pelo Dr. Blumenau, que atualmente conta com 120 membros, incluindo aproximadamente 80 atiradores ativos. Esta associação obteve mérito especial em Blumenau no ano de 1871, através de uma exposição com produtos coloniais. Mesmo tendo sido a minha estada em Blumenau somente de 8 dias, dos quais passei três viajando pelas estradas do interior, não deixei de visitar a *Escola Alemã* e o *Convento Franciscano*. A *Nova Escola Alemã* foi fundada em 1889 e está abrigada num prédio de grande porte, com amplas e claras salas de aula. Em companhia do Cônsul Salinger, e dos senhores Probst e Blohm, assim como do Pastor Faulhaber, pude presenciar a uma aula durante o período de mais de uma hora. O colégio dirigido pelo inspetor escolar, Pastor Faulhaber, tem 4 turmas e um total de 118 alunos, entre meninas e meninos, além de seus 4 professores.



Blumenau, 1897

Rua *XV de Novembro*. Igreja Católica.
No primeiro plano, Hotel *Freygang*.

XV-Novembro-*Straße. Katholische Kirche.*
Im Vg., Hotel Freygang.

Photo B. Scheidemantel Acervo / Sammlung A. H. Joinville

Página ao lado / *Seite gegenüber*

Desenho / *Zeichnung* Paul Kutscha
Acervo / *Sammlung* M. Marchetti

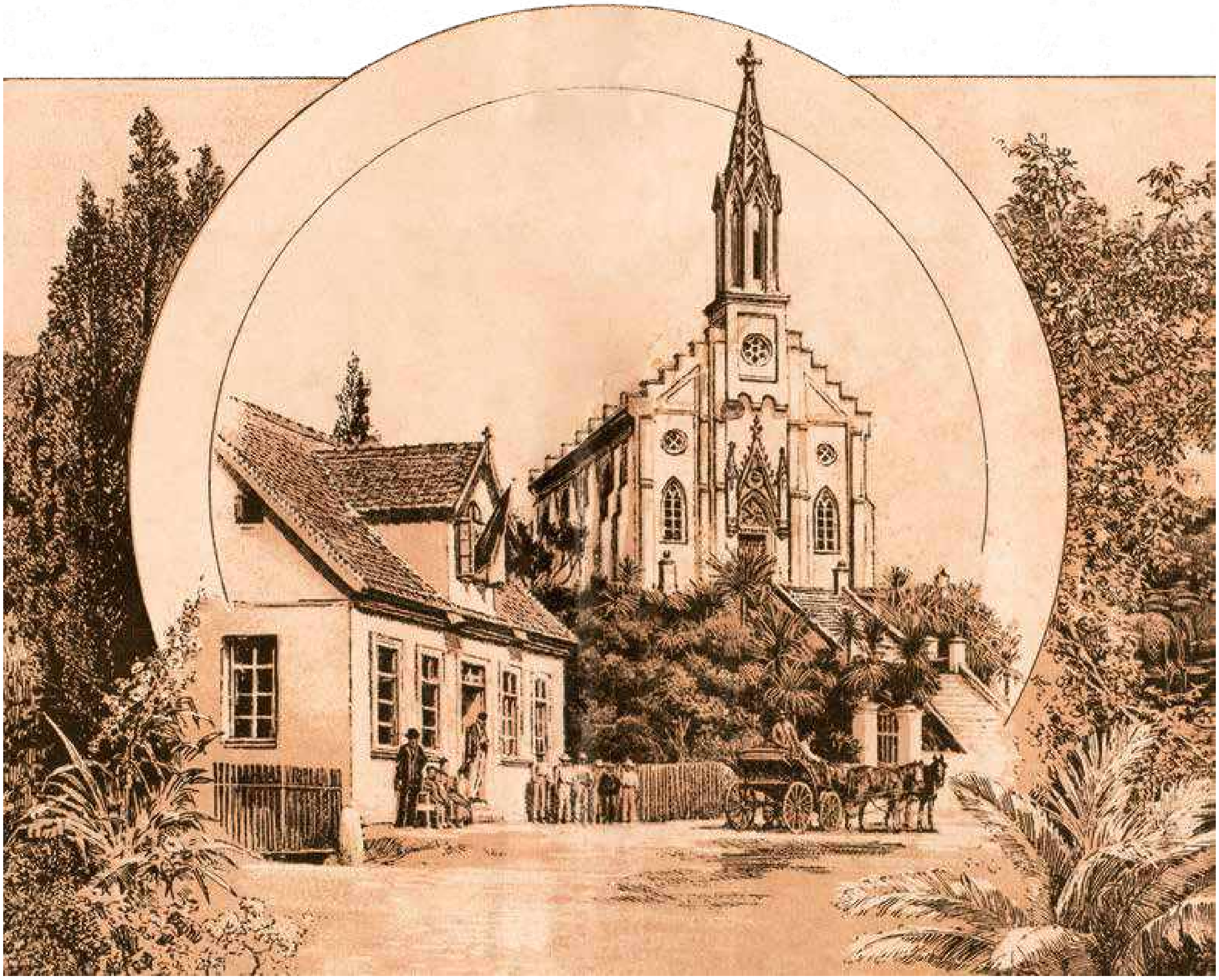
Recebe uma subversão anual do Império Alemão de 1.000 *marcos* alemães – subvenção esta que mereceria ser aumentada. A impressão que tive do desempenho dos alunos foi excepcional. Na aula de história, por exemplo, ministrada pelo próprio Diretor, as perguntas referentes a Boadbil (Emir ou Rei de Granada, N.T.) e ao combate de Xeres de la Frontera foram respondidas a contento. Um coral misto de alunos interpretou de maneira maravilhosa, entre outras, a canção "Noite Feliz". A Igreja Evangélica foi construída com recursos do Governo Brasileiro entre os anos de 1868 e 1877. O seu corte horizontal tem a forma de octógono perfeito; a cúpula é sustentada por 8 colunas num estilo próprio ao gótico, dando à igreja um aspecto estranho, mas nem por isso feio ou desagradável – quase o aspecto de um templo. Este estilo obedece a uma orientação do próprio Dr. Blumenau, seguindo boas razões: durante o Império Brasileiro, qualquer igreja que não fosse Católica não poderia ser identificada como Casa de Deus, assim que desta forma o Dr. Blumenau conseguiu contornar a proibição imperial de maneira contundente.

O *Convento Franciscano* foi edificado com fins educacionais. Trata-se de um prédio imponente, com grande número de salas espaçosas e instalações exemplares, abrigando 50 alunos internos orientados pelos monges. Seu atual Diretor é o Padre Herculano, que convive com 33 monges, em sua maioria de descendência alemã. Um jovem monge nos conduziu através das instalações, mostrando-nos também os setores produtivos do Convento, como a padaria, a ferraria e a mercearia, assim como o moinho e o engenho.

Um maravilhoso pedacinho de chão, esta pequena cidade tropical de Blumenau! Compreendi com muita clareza o amor com o qual seus habitantes tanto se apegam a esta nova pátria, que lhes oferece uma nova existência confortável e segura. Enche-nos de alegria e orgulho o fato de que estes pioneiros nem por isso se esqueceram de sua pátria mãe, de seus costumes e de seu idioma.

A Colônia Blumenau

No primeiro dia após a minha chegada fui convidado pelo Cônsul Alemão, Sr. Salinger, e o Engenheiro Odebrecht a uma viagem estimada de 2 dias por grande parte do interior da Colônia Blumenau. Uma confortável e sólida carruagem tracionada por 4 cavalos nos serviu de meio de transporte. Partimos às 7 horas da manhã do hotel pela Avenida Principal, passando pelas belas mansões dos comerciantes da cidade, pela imponente Igreja Católica construída no alto de um elevado e pelo *Convento Franciscano*, com sua ampla fachada e janelas em série. Rapidamente alcançamos a estrada rural, que dá continuação à avenida urbana e que atravessa toda a Colônia beirando o Rio Itajaí. Em ambos os lados do caminho avistei numerosas propriedades rurais, todas elas de aspecto aprazível. Rebanhos de gado bem nutrido pastavam sobre campos verdejantes. A uma distância de 5km do centro da cidade.





Theater Frohsinn.

Mittwoch, den 19. Juli, abends 9 Uhr

Großes Konzert

des berühmten Flöten-Virtuosen

WALTER SCHULZ.

PROGRAMM:

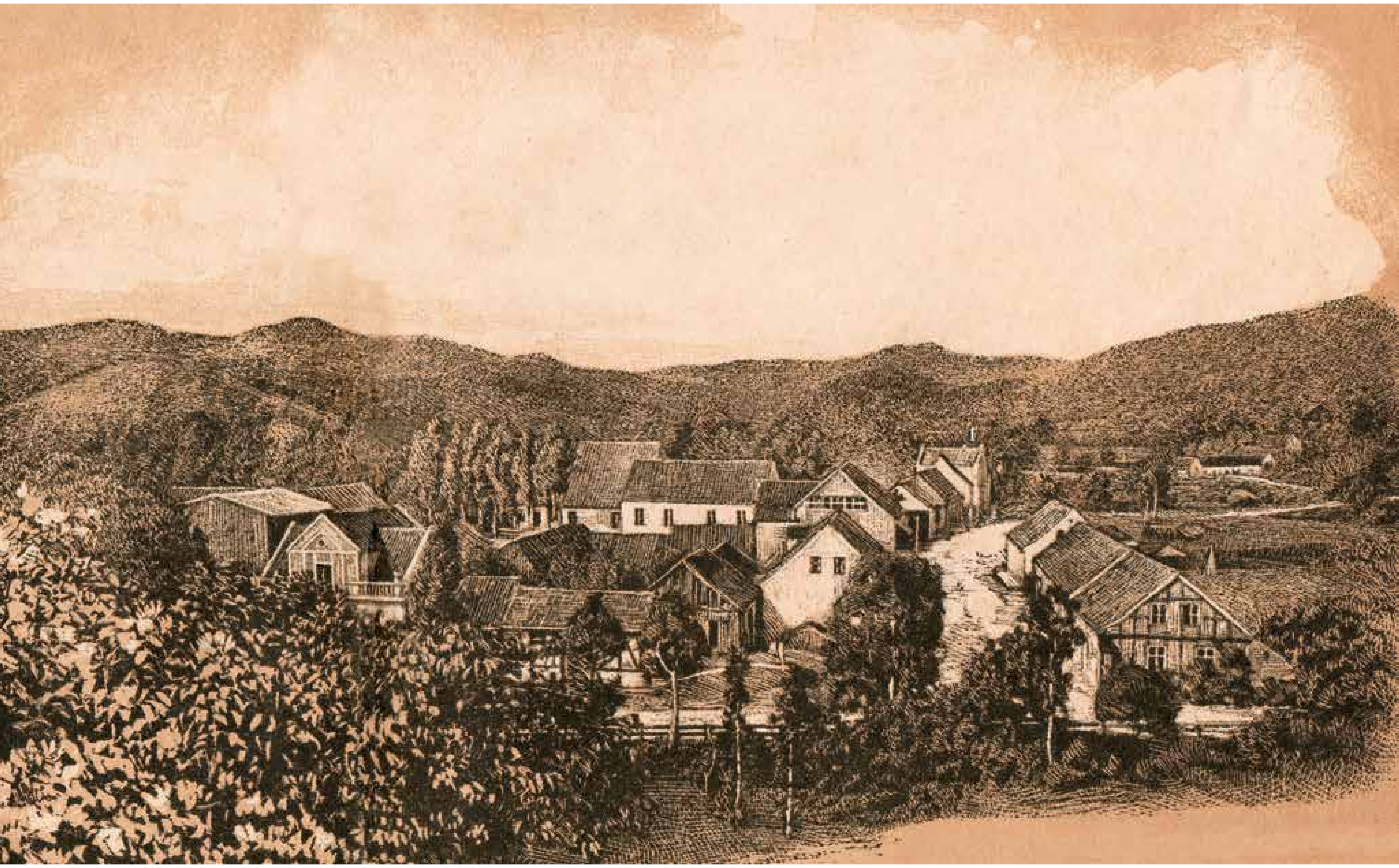
1. a) Mozart – Op. 314 Conzerto para flauta e piano no. 2 D-ur. — Allegro. — Andamte ma non troppo. – Rondo allegro. – b) J. Andersen tres cadencias.
2. a) Tschaikowsky – Andane cantabile. b) Mehul — Gavotte. c) Gosseck – Tamborin. d) Mozart — Menuett. e) Chopin – Valse Op. 65 N. 1.

— Intervallo. -

3. Dufau — Andate e Mazurka.
4. Demerssemann „Le Tremolo" Fantasia para flauta.

Eintritt 2$200.

Passamos pela filial da empresa *Gustav Salinger & Cia*, dirigida por um dos sócios, o Sr. Feddersen. Pouco depois, passamos pelo local de construção da imensa ponte de pedra sobre o Rio Itajaí – naquela ocasião ainda em obras. No quilômetro 13, em *Passo Manso*, fizemos uma parada na venda da viúva Paupitz, para apreciar uma primeira cachacinha. A partir dalí, a paisagem foi se modificando, dando lugar a propriedades mais esparsas e trajetos de mata intensa. Logo após, novamente pequenos aglomerados com casas simpáticas e jardins verdejantes. De um lado do caminho, avistavam-se colinas de floresta, entre as quais se escondiam belas propriedades rurais e ricas mansões. O Vale do Itajaí estendia-se ao nosso lado direito. Em quase toda a sua extensão, a estrada encontrava-se num bom estado. De *Passo Manso*, onde se encontra a magnífica propriedade do Dr. Engelke, alcançamos o vilarejo de *Encano*, onde o riacho homônimo desemboca no Itajaí. A vista sobre a margem oposta do Itajaí muitas vezes me impressionou por sua beleza. De maneira geral, Blumenau se destaca por sua riqueza de atrativos naturais e por muitos recantos, lembrando as paisagens mais belas da região de Thüringen (Alemanha, N.T.). Em certa ocasião, o Conselheiro Imperial Dr. Krauel também havia comparado o distrito de Blumenau com as paisagens montanhosas de Thüringen.



Blumenau, 1898

À esquerda, Rua das *Palmeiras*. À direita, Rua *XV de Novembro*; Câmara Municipal (1).

Links, Palmenallee. *Rechts,* XV-Novembro-*Straße; Munizipalkammer (1).*

Página ao lado / *Seite gegenüber*

Igreja Evangélica ao lado da Casa do Pastor.

Evangelische Kirche nebst Pfarrhaus.

Desenhos / Zeichnung Paul Kutscha
Acervo / Sammlung M. Marchetti

Pastor Oswald Rudolf August Hesse (1820-1879) e esposa Wanda Putke Hesse (1830-1905). Óleos de P. Hering (1879) e H. Walder (1890).

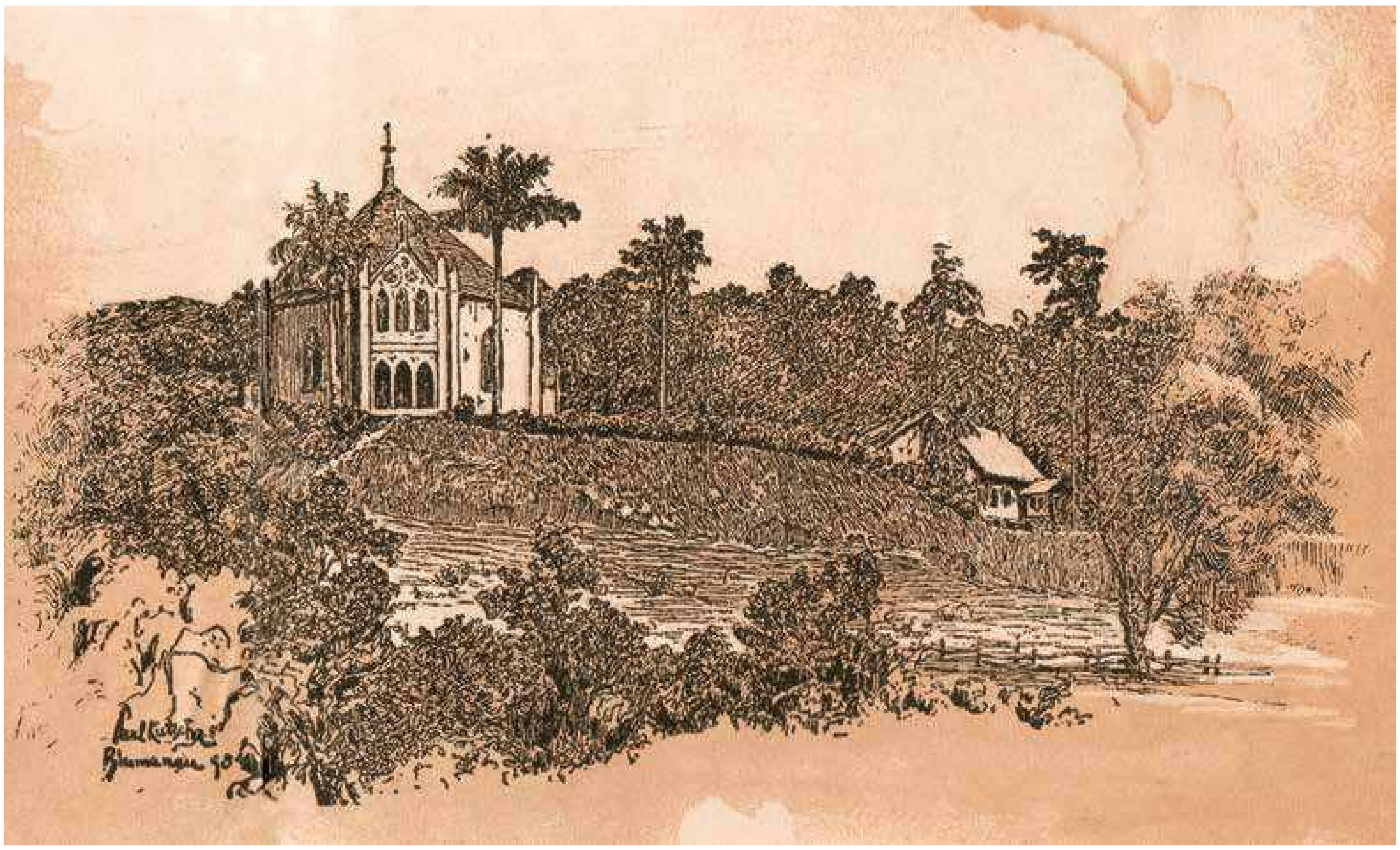
Pfarrer O. R. Hesse und Ehefrau W. P. Hesse. Ölbild von P. Hering (1879) und H. Walder (1890).

Acervo / Sammlung Comunidade Evangélica Blumenau

Durante a nossa viagem passamos por uma série de vales laterais formados por afluentes do Itajaí. Sobre todos estes riachos muitas vezes selvagens e caudalosos foram edificadas sólidas pontes, por vezes cobertas com telhados de madeira para a sua melhor conservação. Fizemos uma curta parada no vilarejo paroquial de *Indaial*, onde fica a sede do Juiz de Paz. O próximo intervalo foi feito em *Warnow*, no quilômetro 35, onde fomos calorosamente acolhidos pelo comerciante Leopold Hoeschl com um magnífico café da manhã. Após uma parada de 2 horas e meia, às 14h partimos para a próxima etapa, acompanhados pelo próprio Sr. Hoeschl. Passando pelos vales *Ilse* e *Bode*, avistamos o vilarejo de *Ascurra* nas margens opostas do rio. Na Vila de *Aquidaban*, onde o riacho *Neisse* (*Arroio do Bugre*) desemboca no Itajaí, encontramos uma segunda filial da empresa *Gustav Salinger & Cia*. Logo a seguir, passamos pela venda dos irmãos Odebrecht, onde deveríamos ter passado a noite, mas seguimos adiante, uma vez que eu pretendia atravessar toda a Colônia de Blumenau. No entanto, o trajeto até o final da *Subida* (da Serra, N.T.), onde começa o terreno da *Companhia Colonizadora Hanseática*, ficou demasiado distante. Até então, havíamos percorrido 60 quilômetros – um trajeto impressionante para um só dia – e ainda tínhamos mais 10 quilômetros pela frente para retornar até a venda dos irmãos Odebrecht.









Blumenau, 1895

Rua das *Palmeiras*. Ao fundo, à direita, Hotel *Schreep (Lüders)*. No lote anterior seria construído o Teatro *Frohsinn* (no lugar da antiga Casa *Meyer & Spierling)*. Ao fundo, à esquerda, *Nova Escola Alemã*.

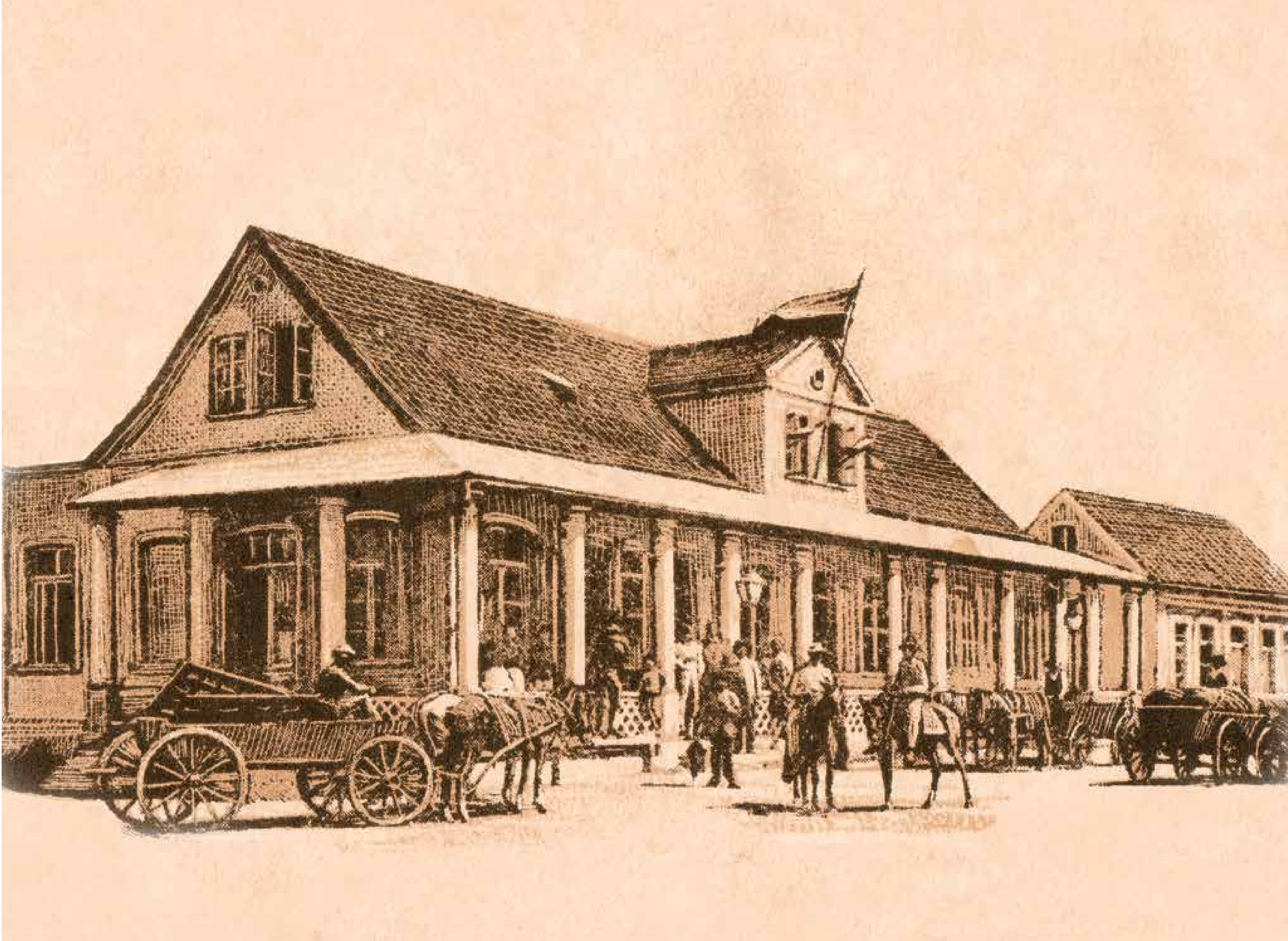
Palmenallee. *Im Hg., rechts, Hotel* Schreep (Lüders). *Auf dem Nachbargrundstück wurde später das Theater* Frohsinn *errichtet (an Stelle des füheren Geschäfts* Meyer & Spierling*). Im Hg., links,* Neue Deutsche Schule.

Desenho / *Zeichnung* Paul Kutscha
Acervo / *Sammlung* M. Marchetti

Mesmo assim, consegui ter uma boa impressão da exuberância e fertilidade do território pertencente à *Companhia Hanseática*. As terras entre *Aquidaban* e a *Subida* pertencem em sua grande maioria a comerciantes blumenauenses. "É o nosso retiro de idoso", brincou o Cônsul Salinger, "a futura vila de Blumenau será construída nestas terras". Quanto mais nos aproximávamos da *Subida*, mais montanhoso se tornava o terreno. Em alguns trajetos, a estrada teve que ser esculpida em paredões de pedra, por meio de detonações. Trata-se dos últimos resquícios da *Serra do Mar* que se prolongam até aqui, sobretudo o grande Morro *Pilado* (*Pelado*, N.T.) e o solitário morro *Cabeça de Bugre*, cujo nome se deduz de sua gigantesca semelhança com um crânio indígena. A partir de *Aquidaban* começa o território cultivado pelos luso-brasileiros. As diferenças entre a cultura brasileira e a germânica se manifestam principalmente na maneira de construção das choupanas e na forma de cultivar a terra. Durante a viagem, avistamos uma construção interessante, a antiga residência do conde alemão von Westarp, que manteve um intenso comércio de cavalos e de gado com as regiões do Planalto. Havia ficado tarde da noite, quando retornamos à venda dos irmãos Odebrecht. Neste dia, havíamos percorrido um trajeto de 70 quilômetros. Durante todo este percurso, houve somente uma troca de cavalos, na propriedade do Sr. Hoeschl.

Ao longo de todo o trajeto entre Blumenau e *Aquidaban*, nos deparamos com rostos de traços alemães. O tipo humano do habitante da Colônia Blumenau apresenta uma estrutura física forte, isenta de sinais típicos da degeneração tropical. As crianças que encontramos no caminho, carregando as suas pastas escolares, eram quase todas loiras e fortes, entre elas muitas meninas robustas e belas, que certamente seriam o orgulho em qualquer povoado da Alemanha. Muitas dessas meninas andavam a cavalo, sentadas à moda feminina sobre suas selas. Ao que parece, todavia, o ensino nas escolas da Colônia de Blumenau infelizmente não é de boa qualidade, apresentando uma média de ensino muito baixa. Um episódio muito interessante foi o encontro com duas tropas de cavalos e de gado, que estavam descendo da região do Planalto em direção à cidade de Blumenau. Curitibanos, uma cidade situada a 234 quilômetros de distância do centro de Blumenau e a 900 metros de altitude é conhecida pela próspera criação de gado. Entre os fazendeiros que habitam aquela região encontram-se muitos alemães, que ao longo dos tempos tornaram-se muito abastados.

O Itajaí é um rio largo e magnífico com muitas ilhas, infelizmente intransitável para acima do centro de Blumenau, devido a suas inúmeras corredeiras e saltos (cachoeiras). A alimentação em toda a Colônia de Blumenau é muito boa. Nos lugares em que passamos, fomos servidos com boa cachaça envelhecida, assim como com o verdadeiro *Boonekamp*. Em via de regra, os habitantes da Colônia se estabeleceram nos vales dos afluentes do Itajaí.





Blumenau, 1898

Final da Rua *XV de Novembro.*

Casa de negócio de Hermann Rüdiger.

Ende der XV-Novembro-*Straße.*
Geschäftshaus von H. Rüdiger.

DESENHO / *ZEICHNUNG* PAUL KUTSCHA
ACERVO / *SAMMLUNG* M. MARCHETTI

Em 1º de julho de 1883, Hermann Rüdiger (Sachsen, Alemanha, 1843 - Blumenau, 1926) instalou um negócio de Secos e Molhados, Relojoaria, Fábrica de Objetos de Ouro e Prata e venda de instrumentos musicais, no final da Rua *XV de Novembro*. Rüdiger viera para o Brasil em 1862 e dois anos depois casara-se com Frederike Mahnke e tiveram 14 filhos. Músico notável, tocava mais de 6 instrumentos. Fundou e dirigiu o 1º conjunto musical da Colônia Blumenau - o *Musikkapelle*.

Am 1. Juli 1883 gründete Hermann Rüdiger (Sachsen, 1843 - Blumenau 1926) am Ende der XV-Novembro-*Straße einen Gemischtwarenladen, in dem er ebenso einen Uhrenhandel, Gold- und Silberschmiederei sowie Musikinstrumentenhandel betrieb.*
Er war 1962 nach Brasilien gekommen und ehelichte zwei Jahre später Frederike Mahnke, mit der er 14 Kinder zeugte. Als begnadeter Musiker beherrschte er sechs Instrumente.
Er gründete und leitete das erste Musik-Ensemble Blumenaus - die Musikkapelle*.*



Blumenau, Itoupava Seca, c. 1890

Fundição e Oficina de Karl Ernst Auerbach.
Auerbach adquiriu esta propriedade da viúva Römer, então casada com Jakob Gräser. Depois ele vendeu para Gottlieb Reif e este para Luiz Probst, em 1899. À esquerda, construções que Auerbach vendeu para Christian Dittrich e Heinrich Probst e, em 1910, vendida para Luis Altenburg Jr.

Gießerei und Werkstatt des Karl E. Auerbach, der dieses Unternehmen von der Witwe Römer (zu jener Zeit mit Jakob Gräser verheiratet) erwarb. Später verkaufte er den Betrieb an Gottlieb Reif, und dieser wiederum an Luiz Probst, im Jahr 1899. Links die Gebäude, die Auerbach an Christian Dittrich und Heinrich Probst verkaufte, und die 1910 an Luis Altenburg Jr. weiterverkauft wurden.

ACERVO / SAMMLUNG B. K. KADLETZ



A Fundição de Metal e Ferro de Dittrich & Probst (Sucessores de Karl Ernst Auerbach). Recomenda-se para trabalhos de todo tipo desta categoria, como Máquinas Trituradoras, Máquinas de Malte, de Cortiça, e de Lavar. Descascadores e Cilindros de Açúcar.





Blumenau, 1898

Cabana de agrimessores na Colônia *Hansa.*

Landvermesser- Hütte in der Hansa-*Kolonie.*

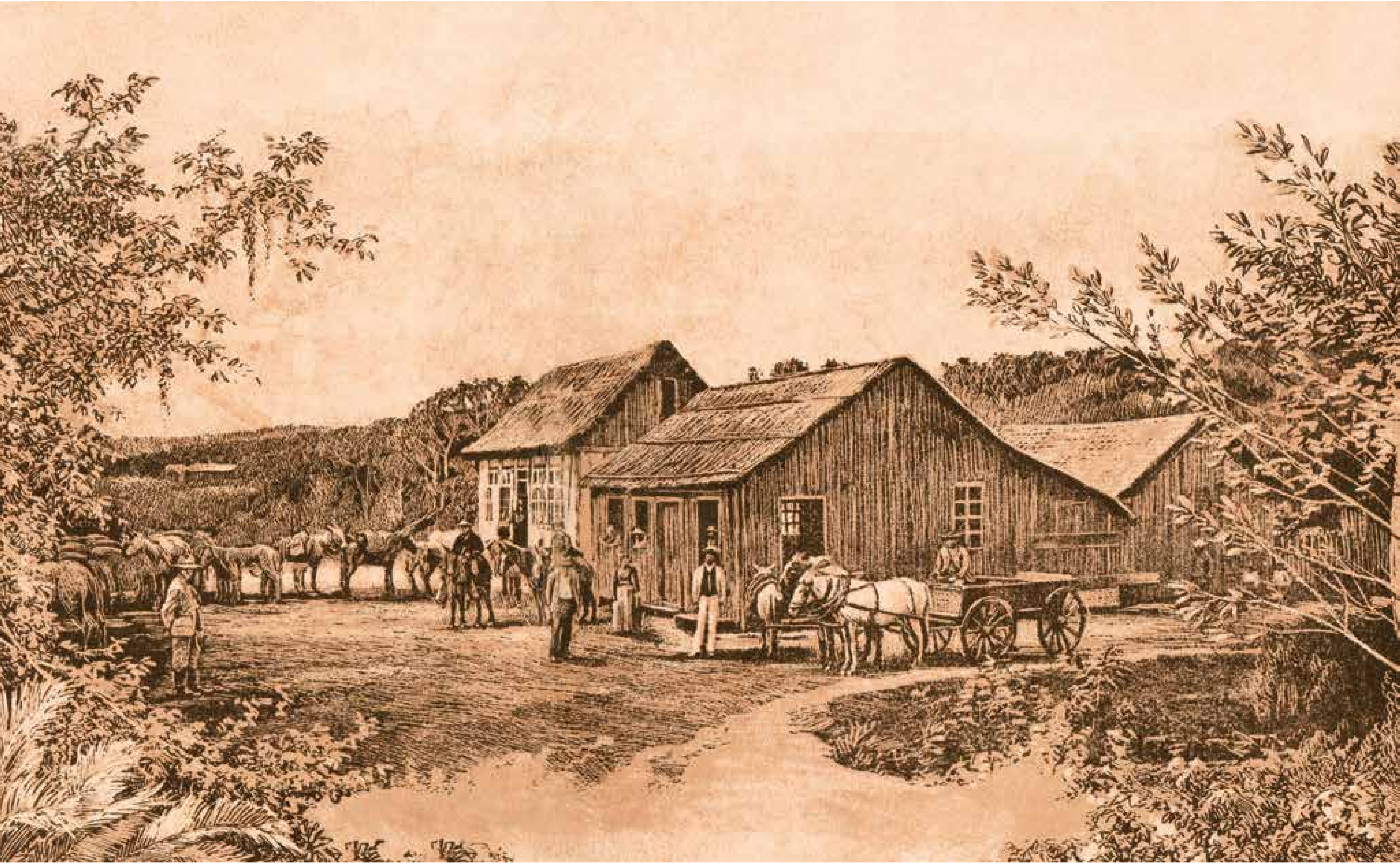
Desenho / *Zeichnung* P. Kutscha
Acervo / *Sammlung* M. Marchetti

Na manhã seguinte acordamos às 5 e meia; eu mesmo havia dormido confortavelmente em companhia do meu jumento. Tivemos um rápido lanche com rosca (pão trançado), servida com uma manteiga de excelente qualidade. Partimos às 6 e meia, passando a pé pelo rio *Neisse* (*Arroio do Bugre*). Na propriedade do Sr. Hoeschl, paramos para um café da manhã mais completo, onde fomos servidos com *fricassé* de frango acompanhado de aspargos e língua.

Logo após, visitamos a propriedade do Sr. Hoeschl e sua fábrica de manteiga, de onde o mesmo mantém uma exportação muito importante para o Rio de Janeiro. O próprio Sr. Hoeschl tem um grande rebanho de gado, mas também compra manteiga de colonos vizinhos. A sua própria produção é obtida por meio de centrífugas. A manteiga pronta é embalada em latas com fechamento de rolo, sem pontos de solda.

Partindo de *Warnow*, decidimos não retornar pela mesma estrada da ida, mas por um caminho de areia que conduz através de uma densa mata. Toda a região é muito linda. Alemães e poloneses convivem lado a lado e cultivam as suas terras muito bem arrumadas.

As crianças que encontramos pelo caminho nos olhavam espantadas; provavelmente eram raras as carruagens que passavam por aquela estrada solitária.



Blumenau, 1898

Acima e ao lado, comércio de Oswald Odebrecht em *Arroio do Bugre / Bugerbach (Aquidaban,* hoje *Apiúna)*.

Bilder oben und unten, Geschäftshaus des Oswald Odebrecht in Arroio do Bugre / Bugerbach (Aquidaban, *heute* Apiúna).

Desenho / *Zeichnung* P. Kutscha
Acervo / *Sammlung* M. Marchetti

Mesmo assim, a qualidade da estrada era boa, e vimos uma grande ponte de pedra sendo construída sobre um riacho secundário. Ao longo do trajeto falamos demoradamente sobre o projeto da via férrea, que certamente deverá trazer ao Estado de Santa Catarina um sistema viário de melhor qualidade.

O Sr. Odebrecht é da opinião de que este projeto deverá abrir novas perspectivas e possibilidades à colonização alemã no Estado. Na opinião de todos, a via férrea deveria partir do litoral até a região do Planalto, passando por Braço do Norte, pelo território da *Colônia Hanseática* até Rio Negro e Porto União, esta última cidade sendo o principal ponto de comércio da erva mate; linhas secundárias deveriam passar por Joinville, Curitibanos, Lages e Laguna. O engenheiro blumenauense Sr. von Ockel está projetando, nesta primeira fase, uma linha férrea de bitola menor, que deverá unir Itajaí ao pé da Serra; neste momento, ele se encontra na Europa para conseguir angariar os fundos para tal projeto.

No nosso percurso um pouco mais prolongado de volta para Blumenau, visitamos ainda a construção da ponte sobre o Rio Itajaí, da qual participa um grande número de trabalhadores alemães. Esta ponte está sendo construída 4 metros acima do nível mais alto até então registrado pelo rio.





Emil Odebrecht (1835-1912)

Depois disso, ainda paramos no comércio "salingeriano" de *Altona*, como o Sr Feddersen costuma chamar a sua propriedade, para conhecer a fabricação de charutos.

O tabaco produzido em Blumenau é de boa qualidade e tem bom preço. Principalmente as folhas externas dos charutos são de excelente qualidade. Por fim, concluímos a nossa viagem com a chegada em Blumenau às 6 e meia da tarde.

Nos próximos dias, ainda fiz várias excursões à Colônia de Blumenau. Numa delas, visitei a tecelagem e tinturaria do Sr. Gustav Roeder na Rua *Garcia*, assim como a serraria de Grewsmühl. O *Vale do Garcia* é muito fértil e habitado por colonos muito prósperos. O Sr. Roeder fundou a sua empresa em Blumenau no ano de 1887, e atualmente opera a sua produção com 6 teares. O foco principal de sua empresa está na cultura da urtiga, uma planta também chamada de "rami", da qual se extrai uma fibra similar a da planta do linho. Esta planta tem a grande vantagem de proliferar ao longo de muitos anos, sem a necessidade de qualquer cultivo ou manuseio.

O Sr. Roeder possui uma patente do Império Alemão para este processo, envolvendo 6 de suas máquinas destinadas ao desfibramento do "rami". Além disso, mantém contatos comerciais com a fábrica Gruson da empresa *Friedrich Krupp*, da cidade de Magdeburg-Buckau (Alemanha, N.T.).

O Sr. Grewsmühl, de sua parte, mantém um processo de secagem de suas madeiras num galpão aquecido, queixando-se bastante da falta de mão de obra: de 40 funcionários contratados, somente 10 estavam disponíveis para o trabalho. No Hotel *Lüders* tive uma conversa com o colono Peter Jark, morador do *Vale do Encano*. Procedente da região alemã de Schleswig, este senhor foi marinheiro profissional e se estabeleceu em Blumenau no ano de 1869. Segundo o Sr. Jark, cuja propriedade no começo media 50 *jeiras* (equivalente a 10 hectares, N.T.), o lote mínimo de colônia deveria ter 100 *jeiras* (20 hectares). Além da produção de milho e gado, ele se dedica ao cultivo da cana de açúcar e à produção de cachaça. Atualmente, o Sr. Jark possui 300 *jeiras* (60 hectares) e está muito satisfeito com a sua vida, afirmando que na Alemanha jamais teria alcançado tal prosperidade. Expressou sua opinião sobre a produção de cana de açúcar, afirmando que o aproveitamento da palha de cana para a fertilização dos campos é bem melhor do que a sua queima.

Outro passeio me levou ao rio *Testo*, em cujo trajeto houve uma parada próxima à ponte de pedra, de onde se avista o *Grande Salto* – uma cachoeira muito bonita de 6 metros de altura. Naquele local, um dos nossos acompanhantes foi abrindo uma trilha pela mata densa com o facão, até o ponto em que encontramos as ruínas de 2 moinhos, construídos por iniciativa do próprio Dr. Blumenau. De lá seguimos para *Badenfurt*, atravessando o Rio Itajaí com uma balsa, em meio a uma infinidade de tartarugas de água doce.

Na venda do colono Wilhelm Becker, onde tomamos o café da manhã, conversei demoradamente com o colono Gottlieb Junge, nascido em 1843 em Wartenberg, perto de Berlin, e que havia migrado para o Brasil no ano de 1858. O seu pai trabalhara como marceneiro no centro de Blumenau. O próprio Wilhelm casou-se em 1869 e assumiu a propriedade de sua sogra, com criação de gado e uma plantação de café numa área de 150 *jeiras* (30 hectares). Atualmente, produz manteiga e carne suína. A propriedade tem 15 *jeiras* (3 hectares) de pasto e 10 *jeiras* (2 hectares) com 2.000 pés de café. A cada 10 anos, o pasto é arado, e o adubo bovino é utilizado para fertilizar a plantação de café.

O Vale do rio *Testo* tem propriedades muito bonitas, principalmente lavouras de café. Os colonos, na maioria proveniente das regiões de Pommern, Holstein e Mecklenburg, são muito prósperos e residem em grandes e sólidas casas de pedra. Às margens do rio *Testo* encontramos a tecelagem de Johann Karsten, onde 12 teares produzem tecidos baratos e populares. O velho Sr. Karsten havia sido peão na região de Holstein; começou no Brasil como pequeno colono e hoje é um fabricante bem sucedido e muito próspero. Mesmo assim, continua sendo um homem simples que ainda trabalha até hoje com muita dedicação; todos os seus filhos ajudam na empresa familiar. Neste passeio, também passamos por vários vales laterais ao rio *Testo*, onde avistamos muitas propriedades exemplares em meio a lindas paisagens, que me fizeram lembrar os pastos verdejantes das montanhas da Suíça. Houve uma parada na propriedade de August Fiedler, na Estrada da *Cachaça*, onde atualmente moram os colonizadores mais antigos contratados pelo Dr. Blumenau, em sua maioria proveniente da região de Braunschweig. A seguir, entramos pela estrada de *Itoupava (Altona)*, que é uma das principais artérias viáveis da Colônia repleta de vendas. Em ambos os lados desta estrada encontram-se belíssimas propriedades. Na altura da venda dos Volkert atravessamos o Rio Itajaí.

A caminho de *Gaspar* fica a Vila de *Germersheim*, com uma olaria e uma cervejaria de propriedade de August Germer, que havia participado da *Exposição da América do Sul* em Berlin, 1886. Nesta parte da Colônia também encontramos muitas belas propriedades, entre as quais o sítio do velho colonizador Peter Wagner, nas proximidades do Rio Itajaí. Durante a minha estadia em Blumenau, aquele senhor já contava 80 anos, e recentemente havia batizado mais dois filhos próprios, juntamente com dois netos e um bisneto. Ao todo, contava com 132 netos.

No pequeno e estreito Vale do *Bom Retiro* situa-se, em meio a algumas propriedades menores, a grande fábrica de tricôs e de tecelagem *Irmãos Hering*. O estabelecimento iniciado modestamente no ano de 1880 veio crescendo até um porte considerável nos dias de hoje. Atualmente, a produção conta com 11 teares, 8 máquinas de tricô, uma roca, além de 20 máquinas de costura operadas pela força d'água. Aqui são fabricadas camisetas, ceroulas, tecidos tricotados para ternos de lã e de algodão, assim como pares de meias. As praças de venda são Blumenau, os Estados de Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Paraná e São Paulo. A produção conta com 40 funcionários masculinos e femininos, que trabalham em rodízio de turnos nas várias linhas de montagem. Um tecelão masculino recebe um salário médio semanal de 20 a 25 mil réis, uma tecelã e bordadora em torno de 15 a 20 mil réis. Os teares são provenientes da cidade alemã de Stuttgart, as máquinas de costura são importadas de Chemnitz e Stuttgart, e as máquinas bobinadoras de Chemnitz. Mensalmente, são fabricadas 300 dúzias de camisas e 100 dúzias de pares de meias. A empresa encontra-se em franca expansão.

A impressão geral que tive da Colônia de Blumenau, em todos os sentidos, foi primorosa. A cultura alemã nesta região encontra-se numa situação econômica muito próspera. Mesmo que não haja riqueza aparente, tampouco se encontra pobreza nas ruas e estradas da Colônia. O sucesso de Blumenau sem dúvida poderia ser citado como resultado de uma política social muito sensata.

Palavra Final

Muitas décadas ainda irão transcorrer até que a região da *Companhia Colonizadora Hanseática* seja completamente habitada. Onde hoje prevalece a mata virgem no futuro provavelmente haverão de surgir povoados florescentes habitados por colonizadores alemães. Uma aldeia será edificada vizinha à outra, e linhas de trem cruzarão esta terra. A *Colônia Alemã de Hansa*, cujos modestos primórdios eu descrevi neste livro, haverá de transformar-se num mercado consumidor muito importante para o Império Alemão. Certamente este prognóstico não é exagero, uma vez que os exemplos de Dona Francisca e de Blumenau justificam claramente esta avaliação. Nos dias de hoje, a *Colônia Hanseática* ainda é um empreendimento jovem, onde a mão de obra alemã, e a dedicação e o empenho de seu povo em breve haverão de abrir uma nova brecha no denso baluarte da floresta brasileira.



Radiante
Devoto
Contente
Livre

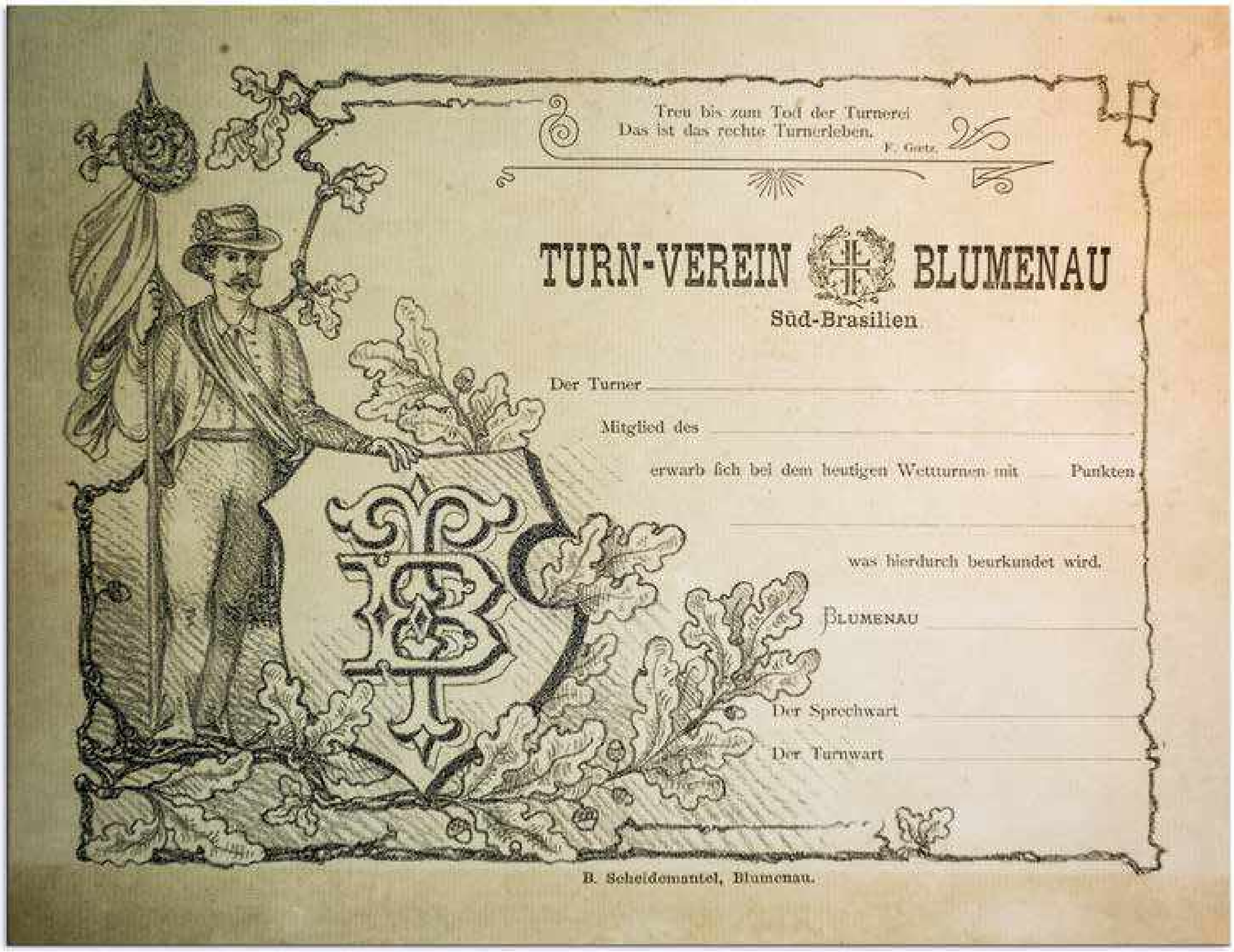
Diploma de Honra.

O Clube de Ginástica de Blumenau Nomeia o Senhor... como Membro de Honra deste Clube.

B. Scheidemantel.

Blumenau - Outubro 1888.

ACERVO / SAMMLUNG A. H. BLUMENAU


Treu bis zum Tod der Turnerei
Das ist das rechte Turnerleben.
F. Goetz.

TURN-VEREIN BLUMENAU
Süd-Brasilien

Der Turner ______

Mitglied des ______

erwarb sich bei dem heutigen Wettturnen mit ___ Punkten

______

was hierdurch beurkundet wird.

Blumenau ______

Der Sprechwart ______

Der Turnwart ______

B. Scheidemantel, Blumenau.

B. Scheidemantel, c. 1888

Fiel até a morte da Ginástica

Esta é a verdadeira vida do Ginasta. (F. Goetz)

CLUBE DE GINÁSTICA Sulbrasileiro BLUMENAU

O Ginasta... Membro do... conquistou no torneio de hoje... pontos, o que fica aqui atestado.

Blumenau, ...

O Coordenador representante

O Coordenador esportivo

ACERVO / SAMMLUNG A. H. BLUMENAU



Boa Aventurança!
Festa Ginástica Alemã.
Blumenau - Sul do Brasil
9 a 11 outubro 1915.

Editado por Hömke Irmãos.

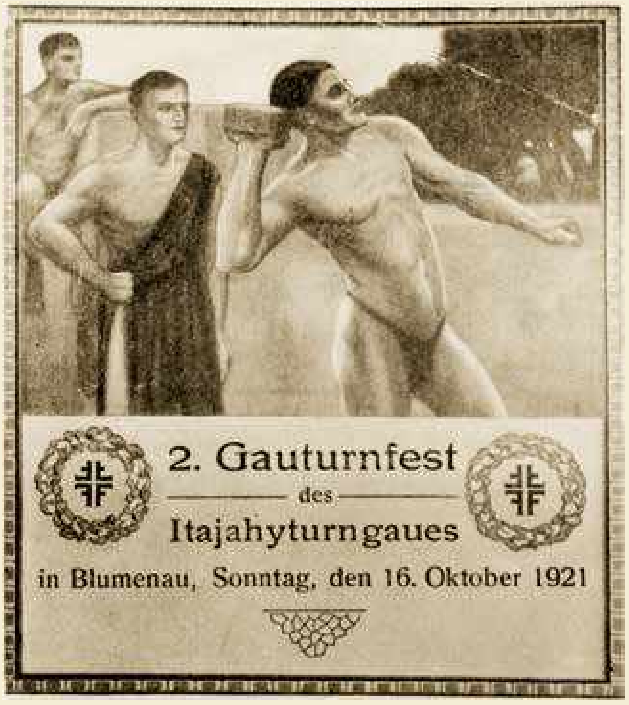


Blumenau, c. 1924

Associação Ginástica de Blumenau Deutscher Turnverein, fundada em 5.10.1873. Em 3.8.1924, inaugurou seu Salão de Ginástica, à Rua *Pandiá Calógeras.*

Blumenauer Turnverein*, (Deutscher Turnverein), gegründet 5.10.1873. Am 3. März 1924 entstand der Gymnastik-Raum in der* Pandiá-Calógeras-*Straße.*

Acervo / Sammlung B. K. Kadletz



2ª Festa Distrital de Ginastas da Comarca de Ginastas de Itajaí, em Blumenau, domingo, 16 outubro 1921.

Acervo / Sammlung A. H. Blumenau



Große Neuheit!
Französisch=Portugiesischer
Circus.

Equestrische und akrobatische Gesellschaft der berühmten Familie Lustre.

Diese berühmte Gesellschaft wird demnächst in dieser Villa eintreffen und zwei Vorstellunge geben, in denen die besten Arbeiten zur Ausführung gelangen werden.

Der Direktor
Carlos Lustre.

Alta novidade!
Circo
Franco Luzitano.

Companhia Equestre e Acrobata, da loureada Familia Lustre.

Brevemente chegará a esta Villa esta importante Companhia que pertende dar 2 espectaculos de seus maravilhozos trabalhos.

O Director
Carlos Lustre.





F. Louis Alwin Seeliger (1.3.1862 - 11.2.1907), *Itoupava* – Blumenau. Faleceu aos 44 anos, 11 meses e 10 dias, de ataque cardíaco. Um ano antes de Bernhard Scheidemantel, cujo filho, Franz, também atuou como fotógrafo na mesma época de Seeliger. Franz Scheidemantel faleceu com 43 anos, em 1911.

F. Louis Alwin Seeliger (1.3.1862 - 11.2.1907), Itoupava-Blumenau. An einem Herzinfarkt gestorben im Alter von 44 Jahren, 11 Monaten und 10 Tagen - ein Jahr vor B. Scheidemantel, dessen Sohn Franz als Fotograf zur gleichen Zeit wie Seeliger wirkte.

Recomendo-me a vocês, respeitosamente, para a reprodução de imagens de todo o tipo, com a garantia de um excelente e rápido atendimento com preços moderados. Retratos de pessoas, grupos ou paisagens em várias categorias de preços – de 10$000 a 120$000 à dúzia. Molduras para quadros e espelhos de todo o tipo de 2$000 a 100$000 por unidade. Fotografias sobre seda, tecido, vidro e madeira, etc. Gravuras e decorações em pedra, metal ou madeira, etc. Gravuras chinesas e pintura sobre vidro, placas empresariais, túmulos, etc. Todos os trabalhos são executados correta e rapidamente. Lateral esq.: Reproduções de pintura a óleo, fotografias, litografias, etc. Cópias de todo o tipo de desenhos, plantas de construções, partituras musicais, etc. Lateral dir.: Coloração de fotografias e reprodução de paisagens a cores. Confecção de quadros a óleo por método moderno a partir do original.

Der Urwaldsbote Kalender, 1900

Acervo / Sammlung Juerges e Mônica Maar



Blumenau, c. 1890

Anjos da Guarda da *Itoupava Seca*

Schutzengel-Verein Itoupava

PHOTO ALWIN SEELIGER
ACERVO / *SAMMLUNG* A. H. BLUMENAU



ACHTUNG!

ALWIN SEELIGER,

ITOUPAVA

Empfiehlt sich dem geehrten hiesigen Publikum, Freunden und Bekannten zur Anfertigung von Photographien jeder Art unter Zusicherung billiger, guter und schneller Bedienung.

Auf Verlangen:

Anfertigung von amerikan. Schnellphotographien.

Specialitaet:

Portraits, Gruppen-, Moment- und Landschafts-Bilder.

Reproduktionen jeder Art

vom 1. October ds. Jahres.

BUNTE PHOTOGRAPHIEN

werden vom 1. Januar 1890 correct und sauber nach neuester Methode für absolut haltbar angefertigt.

Hochachtungsvollst

Alwin Seeliger.

Atenção!

ALWIN SEELIGER, Itoupava.
Confecção rápida de Fotografias. Reproduções de todo tipo. Fotografias a cores!





Blumenau, 1900

Festa no Club *Teutonia* (atual Club *Ipiranga*).

Max Humpl em *Crônica de Altona* assim descreve na página 84:
"...Ferdinand Engicht é Diretor do Orfeão *Frohsinn*, que em 1900 festejou no *Teutonia* os seus 25 anos de existência, e ao mesmo tempo celebrou o jubileu de 25 anos de atuação do maestro Karl Lingner". Continuando Humpl: "A inauguração do Club *Teutonia* foi realizada num sábado, em 31.3.1895, ocasião em que August Franke, eleito ecônomo em 17.6.1894, atuou como o cauteloso primeiro taberneiro".

Fest im Teutonia *Club (heutiger Club* Ipiranga*). Max Humpls Beschreibung in der* Altonaer Khronik*, auf Seite 84: " F. Engicht ist Direktor des Theatervereins* Frohsinn*, welcher im Jahr 1900 seine 25-jährige Gründungsfeier im* Teutonia *veranstaltete, gemeinsam mit dem 25-jährigen Jubiläum des Dirigenten K. Lingner". Weiter Humpl: "Die Einweihung des* Teutonia-*Clubs fand am Samstag, dem 31.3.1895. statt, mit A. Franke (zum Clubwart am 17.6.1894 gewählt) als behutsamen ersten Gastwirt".*

PHOTO ALWIN SEELIGER ACERVO / *SAMMLUNG* B. K. KADLETZ



TEUTONIA

Domingo, 5 de Março

Grandiosa apresentação Cinematográfica.

Novidades!

Após a exibição, Baile.

Música:
Banda Bergnügung.

Entrada 1$000.

Tumulto no *Frohsinn*

Gertrud Gross-Hering / in *Blumenau em Cadernos*, abril 1967.



Foi no primeiro ano do século XX que aconteceu a 1ª sessão do *Cinematógrapho* em Blumenau, no Teatro *Frohsinn*. Dois empresários convidaram a população para assistir à função, colocando pequenos cartazes nas casas de negócios e em outros locais públicos. Três anos antes, no feriado de 1 de Maio 1897, Koehler e Kretzchmar apresentavam no *Frohsinn*, a invenção de Edison, o Fonógrafo. Peças de orquestra com 30 músicos de New York, canções e *couplets*. Reprisados depois no *Teutonia* e em *Indaial*. Como naquele tempo as diversões públicas eram raras em Blumenau, todos se alvoroçaram com a novidade. Infelizmente, fora publicada, pouco antes nos jornais, que um cinema de Paris havia pegado fogo, em virtude de um curto circuito durante uma função, tendo morrido várias pessoas. Até a então muito conhecida Duquesa de Alençon havia perecido nesse desastre. Os que haviam lido a notícia daquelas trágicas cenas, aqui muito divulgadas, ficaram temerosos de que o mesmo acontecesse em Blumenau e, por isso, aconselhavam a que os demais ficassem de sobreaviso. A novidade, entretanto, foi mais forte que a prudência e, na noite determinada, o salão do velho Teatro *Frohsinn*, na Alameda das *Palmeiras*, estava entupido de espectadores. Estes acompanhavam as projeções, feitas numa tela levantada acima do local da orquestra, com grande interesse e admiração. Sem qualquer interrupção, o filme começou a se desenrolar por vários minutos seguidos quando, de repente, dá-se um estalo e explode uma centelha na tribuna da orquestra, abrindo um clarão na escuridão da sala. Foi um deus-nos-acuda. Tumultos, gritos. Todos correram para fora aos gritos de fogo! Fogo! Alwin Schrader, o Superintendente, clamava por calma, mas ninguém atendia. Ainda me lembro bem que eu saltei para cima de um banco para não ser pisoteada. Um homem pulou pela janela, arrastando consigo os caixilhos com os vidros e tudo. Ele escapou, assim como todos nós, sem mais nada de mal que o grande susto. O estalo e a centelha nada mais haviam sido que coisa insignificante, natural em aparelhos daquela época. Mas lembrando-se do que haviam lido sobre o incêndio em Paris, os espectadores não quiseram saber de mais nada e a sessão se acabou.



Kinematograph

1900

Gilberto S.-Gerlach

O *Kinematograph* chegou a Blumenau em 9.8.1900, no Teatro *Frohsinn*, com Gustav Arthur Koehler apresentando o *Kinemarophon* (fotos móveis). Em 16 de setembro do mesmo ano, chegaria à capital Florianópolis, funcionando à Rua *Trajano* e depois no Teatro *Álvaro de Carvalho*. Vinha do Rio de Janeiro e em todos os portos era mostrada esta maravilha do *fin de siècle*.

Em 11 de agosto deste ano, um sábado, o programa do Teatro *Frohsinn* constava de 14 filmes curtos, vistas de Blumenau, Joinville e arredores. No domingo, outros 14, com vistas de Brusque, Itajaí e arredores. Nos dias 18 e 19, sábado e domingo, a reprise destes dois programas era levada a *Indaial*, no Salão *Lüders*. Estas projeções tinham um apresentador que se postava ao lado da tela, explicando as cenas, como acontecia em todas as partes do mundo. Em Blumenau, consta que Eduard von Schultz teria sido o apresentador destes primeiros 28 filmes curtos. A partir deste ano de 1900, vários programas foram levados no Teatro *Frohsinn*; Club *Germania* e *Teutonia*; Salões *Holetz*, *Katz* e *Hinkeldey*; Casa *São José*, etc. Após as sessões, uma banda animava a noitada, geralmente a Banda *Werner*. Os preços variavam de 1 mil réis (adultos, o equivalente a 4 cervejas) e 500 réis (crianças). A partir de então, a programação do *Kinematograph-und Kinemarophon* passou a ser constante. O sistema de iluminação era feito através de uma série de baterias, como nos tempos antigos da *Lanterna Mágica* (que deve ter passado pela Colônia). Em 1906, com a chegada da luz elétrica (antes de Florianópolis) através de F. G. Busch, estas projeções seriam facilitadas. Alguns destes primeiros títulos levados no Salão *Holetz*: "O Baú do Barmen"/ "Der Koffer aus Barmen"; "O Armário Misterioso"/ "Der Mysteriöse Schrank"; "A Maravilhosa Cesta de Abelhas"/ "Der Wunderbare Bienenkorb"; "Honra de um Pai" / "Ehre eines Vaters"; etc. Nos dias 11 e 12.7.1908, no *Frohsinn*, a exibição de várias comédias, trechos de óperas e operetas – tudo ao som de um gramofone: "O Carnaval de Veneza"; "Trovador"; "A Viúva Alegre"; etc. Em outubro deste ano, a Imprensa noticiava a concorrência entre F. G. Busch (de Blumenau) e Julio Moura (de Florianópolis) em Itajaí, no Club *Guarany* – ambos foram exibidores fixos e ambulantes. A nota dizia que Busch levava vantagem porque exibia os filmes, no início, gratuitamente... Traziam, ambos, as novidades da *Pathé* francesa.

Em 1.1.1909, um anúncio de jornal indicava que o *Kinematograph* seria apresentado pelos Srs. Nicolaus Jensen na *Itoupava*, Friedrich Weege no *Testo*, Stante em *Warnow*, Lüders em *Indaial*, Schulz em *Timbó* e Richard Holetz no *Stadplatz*. Com um *großem Ball* após... Em 24.2.1909, obteve muito sucesso o filme alemão – "O Teatro de Bonecos da Srta. Hold" / "Das Puppertheater des Fraulein Hold", trazido pela Empresa *Sylla*. Em 28.8.1909, Giuseppe Julianelli passava por Blumenau para apresentar na Casa *São José* (em frente à Igreja Católica), um programa formulado em português e alemão. Julianelli que, mais tarde, deixaria registrado em película 35mm, vários documentários sobre Blumenau e arredores, como em 11.12.1926, quando exibiu seu filme sobre a "Ponte de Arcos", registrando a inauguração desta ponte em *Indaial*.



No ano de 1911, dois filmes marcaram época: "A História de Dreyfus" e "A Destruição de Tróia".

Em junho de 1912, o cinema infantil era mostrado aos sábados e domingos à tarde: "Jupe-Culote ou Saia Calça", "A Vila dos Rosen", "Uma Caçada ao Marabuto", "O Evento do Ferro em Odessa", "Paisagens Russas", etc., ao preço de 300 e 500 réis. Em julho, no Teatro *Frohsinn*, Oskar Rüdiger apresentou o filme "O Preço do Álcool". Um cinema de bairro surgira neste ano no *Garcia*: o Salão *Hinkeldey*, mais tarde Cine *Garcia* (instalado em 1944 por Arthur Lohse e Carlos Zuege, depois Reynaldo Olegário, de 1958 a 1974). Em 1914, apareceram na região de Blumenau dois irmãos vindos da Argentina, Adolf e Gottlob Holzwarth, atuando com cinema ambulante até o ano de 1944. Longo tempo e nenhuma referência nos jornais sobre a atividade destes irmãos... No domingo 8 de março de 1914, o Salão *Holetz* apresentava o filme "Die Herzogin von Foliés", em 5 atos, que havia sido exibido no sábado no Club *Teutonia*. A guerra de 1914 na Europa era acompanhada pelos blumenauenses através do cinema, em filmes apresentados no Salão *Zuege*, no programa de 16.10.1915. Em 14.1.1916 o *Teutonia* exibiu "O Massacre Marítimo nas Ilhas Falkland". Em 24.11.1917, o Salão *Katz* inaugurava o Cine *Ideal* com o filme "A Noite na Montanha" e a série "O Vestido Branco". Em dezembro deste ano, o *Teutonia* apresentava "O Teatro e a Vida", reprisado em seguida no Salão *Holetz*, que estava com intensa programação de Natal – "Intrigas do Amor", "Na Companhia de Satã", "O Filho da Prisioneira", etc., e também os "Kino-Kriegsbilder". No *Holetz* e *Teutonia*, "Die Jungfrau von Orleans", baseado em Schiller. "Atlantis" (August Blom, 1913), da obra de Gerhard Hauptmann, fazia muito sucesso no *Holetz*, com Olaf Fonß e Ida Orloff nos papéis principais.

Em 30.1.1918, no Cine *Ideal* de S. Katz (em frente ao Hotel *Holetz*), era levada uma versão de "Napoleão", anterior a de Abel Gance de 1927. Em 31.7.1918, no *Holetz*, o norte-americano "Inspiração", com Andrey Munson apresentando um nu artístico.

Em 6.10.1918, da obra de Émile Zola, o Salão *Holetz* exibia "Naná, una Donna Funesta" (Camillo De Riso, 1937, em 3 séries, 24 partes, com a musa Tilde Kassay fazendo a "donna funesta"). O famoso filme em série – "Os Mistérios de New York" (D. Mackensie & L. Gasnier, 1915), era exibido em dezembro de 1918. Neste Natal foi mostrado o épico italiano – "Marco Antonio e Cleópatra", de Enrico Guazzoni, 1913. Em fevereiro de 1919, a cópia de "Os Mistérios de New York" descera o Rio Itajaí-açu e o Atlântico para chegar à capital Florianópolis, onde foi destruída por um incêndio ocorrido no Cine *Cassino*. Assinalamos alguns títulos que fizeram muito sucesso nesta época em Blumenau: "O Veneno do Ouro", "O Poder Soberano", "O Grito do Ipiranga", "O Simpático Jim", "A Filha da Estrada de Ferro", "Amor e Ódio", "Amor de Dançarina", "Rosa de Granada", "A Martelada do Leiloeiro" (com a 'genial' atriz dinamarquesa, Betty Nansen), "A Princeza" (com a bailarina e atriz tedesca Rita Sacchetto), "Será Homem ou Mulher?", "Nos Tempos de Trafalgar", etc. O filme em série – "O Enigma da Máscara" oferecia prêmios para quem acertasse o personagem do 'Máscara'...

O *Kinematograph* era a coqueluche do povo e também das classes mais ricas. Este crescendo nas exibições foi enorme, mesmo durante os anos de 1ª. Guerra Mundial. Blumenau, por ser uma cidade com descendência alemã, sofreu ainda mais que as outras cidades do Estado. Mas o espetáculo tinha que continuar...

No Natal de 1919, o Salão *Holetz* apresentava uma série de filmes da *Triangle-Film*: "O Imprevisto", "Vendeta de Amor", "Malditos Homens" e "The Mansman".

Ao lado do Hotel *Holetz*, na Alameda *Rio Branco*, passou a funcionar o Cine *Busch* / *Kino's Busch*, alugado para Frederico Guilherme Busch que chegara de Santo Amaro da Imperatriz, entrara no ramo de exibidor em 1905, tornara-se importante empresário de Blumenau, introduzira a luz elétrica na Cidade e tantas outras atividades.

"Os Vampiros", o famoso filme francês em série de 46 partes (Louis Feuillade, 1915), foi um dos primeiros programas do *Kino's Busch*, lançado em 19.3.1919, numa 4ª feira, com continuação no domingo seguinte. Outro seriado em 15 episódios que faria muito sucesso foi o norte-americano "O Homem de Aço", ou "Cavaleiro Fantasma", com exibição iniciada em 15.8.1920.

Em 26.6.1921 o *Kino's Busch* exibia o 1º filme colorizado – "A Maldição do Passado" / "Der Fluch der Vergangenheit". Em 23 de julho deste ano, o programa duplo chamado *Konzert-Kino*, onde um filme era exibido e depois se apresentava uma orquestra. Filme: "A Adversidade" / "Das Missgeschueck"; orquestra: "Não me Toques"/ "Nichtdranzutippen". Na década dos 20 os filmes eram acompanhados por um trio,



professores do Colégio *Santo Antônio*: Max Kreibich (violino), Mercelino Bona (piano) e Venancio Finger (flauta). "Madame Dubarry" (Ernst Lubitsch, 1919) com Paula Schwartz (outro nome de Pola Negri) tinha uma particularidade no ingresso: não era aceito dinheiro, somente 25 caixinhas vazias de fósforos da marca *Dominó* (tática promocional de F. G. Busch para sua fábrica de fósforos). Em 18.9.1921 o *Kino's Busch* levava o filme alemão "Darwin" (se *Fritz* Müller estivesse vivo certamente estaria na sala).

O filme que Giuseppe Julianelli fizera sobre o Jubileu de Blumenau, em 1925, foi exibido no *Kino's Busch*.

Ainda no final dos anos 20, "A Dançarina de Paris" (Alfred Santell, 1926) com Dorothy Mackaill e Conway Tearle; os clássicos alemães "Metrópolis" e "Spione" de *Fritz* Lang; "Fausto", "Tabu" e "Nosferatu" de Murnau; "A Crônica de Grieshuus" de von Gerlach; "Varieté" de Dupont; "O Anjo Azul" de von Sternberg, com Marlene Dietrich e Emil Jannings encantando a todos.

"Quando os filmes da UFA chegaram em Blumenau, no início dos anos 30, os filmes *Deutsch Gesprochen u. Deutsch Gesungen* (falados e cantados em alemão) levaram os mais idosos tirarem suas roupas do armário para irem ver estas sessões que passaram a chamar de "sessões naftalina..." (G. Baumgarten Medeiros). Em 30.9.1928, no Salão *Holetz* (*Buch's Kino*), a super-produção alemã – "Lucrezia Borgia" (Richard Oswald, 1922), com Paul Wegener, Liane Haid, Conrad Veidt.

"Na Ronda do Far-West" com George O'Brien e Sue Carol estava no *Kino's Busch* em 26.6.1932. "A Rainha Martir" (Paul Stein, 1932) com Pola Negri; "A Águia" (Clarence Brown, 1925), com a sensação Rodolfo Valentino, que falecera em 1926 aos 30 anos, estava no *Kino's Busch* em 13.11.1932.

Em 1940, em plena 2ª Guerra Mundial, F. G. Busch inaugurava uma nova sala, em novo prédio construído em frente a agência dos *Correios e Telégrafos*, com capacidade para cerca de 1.323 lugares (térreo e mezanino). A estreia se deu em 29.6.1940, sábado, às 8h, com a produção alemã – "Favorito da Rainha" / "Mädchenjahre einer Königin" (Erich Engel, 1936) com Jenny Jugo (a jovem Rainha Victoria), Olga Limburg (Duquesa de Kent), Otto Tressler (Lord Melbourne), etc. No dia seguinte, domingo, a comédia musical (Gershwin & Cole Porter) – "Rosalie" (W.S. Van Dyke, 1937), com Eleanor Powell (Princesa Rosalie Romanikov) e Nelson Eddy



Jenny Jugo em "Favorito da Rainha", estreia do novo Cine *Busch* - 29.6.1940

Jenny Jugo im Film "Mädchenjahre einer Königin" – Erstaufführung im Kino Busch *am 29.6.1940*

(Dick Thorpe) – os amores de um desportista por uma misteriosa princesa dos Balkans... A direção no Novo Cinema pedia escusas, pois a sala não estava ainda com as "proporções gigantescas que vai ter". Cine *Busch* funcionou até 20.10.1993. Marcou época neste espaço por cerca de 40 anos o amigo Herbert Holetz (1935-2013).

Também nesta década dos 40, Walter Mogk (África do Sul, 1912 – Blumenau, 2004), ex-mágico, começava como exibidor e técnico em setembro de 1941 com uma sala na *Itoupava Seca* – Cine *Mogk*, estendendo depois com seus filhos uma rede por *Indaial*, *Timbó* e *Pomerode*. Cine *Mogk* fechou em setembro de 1986.

Conheci Mogk em 1970 quando levei a ele um aparelho 16mm que apresentava problemas... resolvendo logo o defeito. Dez anos depois, ele montaria os cinemas do *CIC* (Florianópolis) e *Desterro* no Theatro *Adolpho Mello* (São José).

Além do Cine *Busch* no centro, em 28.7.1951 foi inaugurado no final da Rua *XV de Novembro* o Cine *Blumenau*, com o filme "As Aventuras de Dom Juan" (V. Scherman, 1948, com Errol Flynn), propriedade de Antônio Candido de Figueiredo. Em ambas as salas Herbert Holetz era o gerente. Fechou após a enchente de 1983. Frequentei as salas do *Busch* e *Blumenau* entre os anos 1955-58. Dois filmes me marcaram neste período, nestas salas: "O Homem que sabia Demais" (Hitchcock, 1956) no Busch; e, "Vidas Amargas" (E. Kazan, 1955), no *Blumenau*, com a novidade do *CinemaScope*. Assisti cerca de 100 filmes nestes dois cinemas.

Sucedendo Giuseppe Julianelli (1883-1972) e Alfred Baumgarten (1883-1967), outro cinegrafista que registrou Blumenau foi Willy Sievert (1903-1998), entre 1950-80.

Na área de *Cineclube*, creio que o primeiro a existir tenha sido o dos padres franciscanos – Freis Odo e Ervino, no internato do Colégio *Santo Antônio*. Com sessões às 4as e domingos, com filmes diferentes, devo ter assistido ali cerca de 250 filmes nestes 4 anos. Meu primeiro encontro com Roberto Rossellini na sua obra "Francisco, o Arauto de Deus" (1950); Orson Welles com "Os Magníficos Ambersons" (1942); Gary Cooper na trepidante aventura de "Tambores Distantes" (R. Walsh, 1951); "Os Três Segredos" (R. Wise, 1950); "A Tortura do Silêncio" (A. Hitchcock, 1952); "O Fiacre no. 13" (M. Mattoli, 1948); etc., etc., etc.

Em 20.4.1968, um grupo de cinéfilos fundava um *Cineclube*: Daniel Curtipassi, Herbert Holetz, Gervasio Luz, Braulio Schloegel e Vilson Nascimento. (No ano em que eu fundava em Florianópolis o Clube de Cinema *N. S. do Desterro*).

Em 1974, Carlos Braga Müller, Alvacyr Ávila dos Santos e Norberto Cremer fundaram o Cineclube *Carlitos* e *Carlos Gomes*, estendendo depois uma rede por outras duas cidades catarinenses.

F. G. Busch Jr. entre Jorge Daux (proprietário dos cinemas de Florianópolis) e Antônio Cândido de Figueiredo (Cine *Blumenau*). Na parede, retrato do pioneiro Busch Senior.

F. G. Busch zwischen Jorge Daux (Kinobesitzer in Florianópolis) und A.C. de Figueiredo (Kino Blumenau*). Dahinter ein Bildnis des Koloniepioniers Busch Senior.*

ACERVO / *SAMMLUNG* A. H. BLUMENAU





Interior do Cine *Busch*

Innenansicht des Kino Busch

Abaixo, Walter Mogk (1912-2004).
À direita, Herbert Holetz (1935-2013).

ACERVO / *SAMMLUNG* G. S.-GERLACH



Beim Einstieg in die Bände I und II des Werkes Die Kolonie Blumenau Im Süden Brasilien *macht sich die Weite und tiefgründige Quellenforschung der Autoren Gilberto Schmidt Gerlach, Bruno Killian Kadletz und Marcondes Marchetti sofort bemerkbar.*

Die Urheber bedienen sich bei der Gestaltung dieses umfangreichen Projektes einer großen Vielfalt von Texten, Artikeln, Übersetzungen, Reportagen sowie eines umfassenden Materials aus der Erbschaft dokumentarischer, ikonographischer und bibliographischer Quellen der Lokalgeschichte Blumenaus und ihrer Umgebung.

Dieses immense Material zu sortieren und zu Papier zu bringen war sicherlich keine leichte Aufgabe! Die Vielfalt der angesprochenen Themen betrachten historische, soziale, kulturelle und biographische Aspekte Blumenaus, die über die Geschichte der Stadt hinaus einen guten Einblick in die sozialökonomischen, politischen und kulturellen Äußerungen des auslaufenden 19. und beginnenden 20. Jahrhunderts bieten.

Diese Bände stellen ein ikonographisches Mosaik dar. Die Verbindung von Textinformationen, Bildern und Illustrationen offenbaren einen sozialhistorisch archäologischen Maßstab der die Erwartungen des Lesers weitaus übertrifft.

In diesem Gebilde treten Figuren in Erscheinung, die sich auf einzigartige, ursprüngliche und symbolhafte Weise in jedem einzelnen Kapitel offenbaren.

Die Veröffentlichung dieses Werkes kann zweifelslos als ein Meilenstein der Literatur gesehen werden, ohne Anspruch auf eine akademische oder enzyklopädische Darstellungsform.

Abschließend lässt sich sagen, dass die Autoren den Leser zu einem Tauchgang in die Dichte ihres Material entführen, um ihnen Anregung zu neuen Kenntnissen und Diskussionsansätzen zu liefern, sowie zu einem tieferen Verständnis der historischen Entwicklung des Großen Itajaí-Tales.

Sueli Maria Vanzuita Petry
Direktorin des Historischen Museologischen Erbes
Der Kulturstiftung Blumenau



Dr. HERMANN BLUMENAU



PATROCÍNIO

APOIO

9 788561 906030

